



**Darkover**

**04**

**Dois para  
Conquistar**

**Marion Zimmer Bradley**



# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Darkover

# A cronologia de Darkover

**Darkover** foi uma série de ficção científica de sucesso espetacular no mundo inteiro, a saga da humanidade criando uma nova civilização num mundo estranho, diferente de tudo o que jamais existiu na Terra. Cada livro constitui uma história completa e independente podendo ser lidos isoladamente, porém, seu conjunto relata o desenvolvimento de uma sociedade nova e fascinante.

Neste guia iremos separar os livros da série conforme as Eras Cronológicas a que pertencem, apesar das recomendações da autora que recomendou que a leitura fosse feita através das datas de publicação, em vez da ordem cronológica dos acontecimentos, dado que o seu estilo literário evoluiu consideravelmente ao longo da sua carreira

## A Fundação

Uma “nave perdida” originária da Terra, dos dias de colonização pré-império, aterriza em um planeta com uma turva estrela vermelha, mais tarde sendo chamado de Darkover.

### **Livros:**

A CHEGADA EM DARKOVER

## A Era do Caos

Mil anos após a colonização da chegada original, a sociedade retornou ao nível feudal. Os darkovanos, que se esqueceram ou renunciaram sua tecnologia terrestre, se voltaram a incontrollada, autônoma, tecnologia da matriz que concede poderes psíquicos, chamados de *laran*, aos descendentes dos colonizadores. Os habitantes vivem sob o domínio de Torres e um tirânico programa de procriação destinado a guarnecer as Torres com os poderosos dons de *laran*.

### **Livros:**

RAINHA DA TEMPESTADE

## DAMA DO FALCÃO

### **Os Cem Reinos**

Uma era de guerras e conflitos que retem muitos dos efeitos dizimadores e desastrosos da Era do Caos. As terras que mais tarde se tornariam os Sete Domínios, estão divididas por constantes disputas de fronteiras, são pequenos reinos independentes, cidades-estado, baronatos, condados e repúblicas independentes, chamados de "Os Cem Reinos" por conveniência. O encerramento desta era é guiado pela adoção de um pacto instituído por Varzil, o Bom. Este é um momento decisivo na história de Darkover, o pacto bani todas as armas à distância, tornando uma questão de honra que aquele que busca matar, deve ele próprio, encarar o mesmo risco de morrer.

#### **Livros:**

DOIS PARA CONQUISTAR  
OS HERDEIROS DE HAMMERFELL  
DOIS PARA CONQUISTAR  
A QUEDA DE NESKAYA  
A FORJA DE ZANDRU  
UMA CHAMA EM HALI

### **As Renunciantes (Amazonas Livres)**

Durante a Era do Caos e o tempo dos Cem Reinos, existiram duas ordens de mulheres que se distanciaram da natureza patriarcal da sociedade feudal de Darkover, as sacerdotisas de Avarra e as guerreiras da Irmandade da Espada. Eventualmente, estes dois grupos independentes se uniram para formar a poderosa e decretada por lei, Ordem das Renunciantes ou Amazonas Livres, uma guilda de mulheres unidas por juramento em uma irmandade de responsabilidade mútua. Sua lealdade primária é umas com as outras, ao invés de família, clã, casta ou qualquer homem. Solitárias dentre as mulheres de Darkover, elas são excluídas das usuais restrições e proteções legais. Sua razão de viver é prover as

mulheres de Darkover, uma alternativa as suas vidas socialmente limitadas.

**Livros:**

A CORRENTE PARTIDA  
A CASA DE THENDARA  
CIDADE DA MAGIA

## **Contra os Terráqueos, A Primeira Era (Recontato):**

Após as Guerras de Hastur, os Cem Reinos se consolidam em Sete Domínios, sendo governados por uma aristocracia hereditária e sete famílias, chamadas de Comyn, supostamente descendentes do legendário Hastur, Lorde da Luz. É durante esta era que o Império Terráqueo, na verdade uma forma de confederação, redescobre Darkover, que eles conhecem como o quarto planeta do sistema Cottman. O fato de Darkover ser uma colônia perdida do Império, não é assimilada facilmente ou de bom grado pelos darkovanos e seus senhores Comyn.

**Livros:**

REDESCOBERTA  
A ESPADA ENCANTADA  
A TORRE PROIBIDA  
ESTRELA DO PERIGO  
VENTOS DE DARKOVER

## **Contra os Terráqueos, A Segunda Era (Depois do Comyn):**

Com o choque inicial de recontato começando a enfraquecer, e com o espaço porto terráqueo se tornando uma instituição permanente na periferia da cidade de Thendara, os indivíduos mais jovens e menos tradicionais, da sociedade de Darkover, começaram a primeira troca real de conhecimento com os terráqueos - aprendendo a ciência e tecnologia terrestre e ensinando a tecnologia

da matriz de Darkover em troca. Eventualmente, Regis Hastur, um jovem lorde Comyn, mais ativo nestas trocas, se torna um Regente em um governo provisório, aliado aos terráqueos. Darkover é uma vez mais, reunida a seu Império fundador.

**Livros:**

O SOL VERMELHO

A HERANÇA DE HASTUR

OS SALVADORES DO PLANETA

O EXÍLIO DE SHARRA

OS DESTRUIDORES DE MUNDOS

CANÇÃO DO EXÍLIO

SHADOW MATRIX

TRAITOR'S SUN

Que forças poderiam agir caso houvesse dois objetos que fossem absolutamente idênticos quanto à forma e à substância? Este problema atraiu tanto aqueles que trabalham com a magia como os cientistas em física e psicologia. Este é o assunto fundamental do romance de Darkover, que Marion Zimmer Bradley ambientou durante o período final e ardente da Idade do Caos.

Esta é a história de uma época em que o planeta do Sol Sangrento encontrava-se dividido em uma centena de reinos rivais e a civilização oscilava à beira do descaso.

E a história de Bard di Asturien, um soldado proscrito e ambicioso, e de seu adversário, Varzil o Bom, que lutava para estabelecer o pacto. Também é a história de Paul Harrell, um homem da distante Terra, e que era sócia do inimigo de Varzil. Dois para conquistar é um romance de forças sociais em luta, do uso e mau uso da ciência, da guerra, de estupro e de feitiçaria.

Para Tanith Lee

Para comemorar uma antiga discussão que nenhuma de nós conseguiu vencer, ou perder, e jamais o conseguirá.

# **Agradecimentos**

A "Cinhil MacAran" da SCA pelo primeiro verso de Four and Twenty Leroni, para a melodia de The Ball of Kirriemuir.

A Patrícia Mathews pela fundação da Irmandade da Espada e por tê-la engalanado de vermelho.

**Marion Zimmer Bradley**



**Dois para  
Conquistar**

DOIS PARA CONQUISTAR  
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Bradley, Marion Zimmer  
B79d      Dois para conquistar / Marion Zimmer Bradley; tradução  
Wilma Freitas Ronald de Carvalho. — Rio de Janeiro: Imago Ed.,  
1988.

(Série Ficção e Experiência Interior)

1. Romance estadunidense. I. Carvalho, Wilma Freitas Ronald de. II.  
Título

88-0730  
CDD-813 CDU — 820(73)-3

Marion Zimmer Bradley  
DOIS PARA CONQUISTAR  
(Série Ficção e Experiência Interior)  
Direção de JAYME SALOMÃO  
IMAGO EDITORA

TÍTULO ORIGINAL  
TWO TO CONQUER

Copyright © 1980 by Marion Zimmer Bradley  
Proibida a exportação da presente obra para Portugal  
Produção editorial: Celso Fernandes  
Tradução: Wilma Freitas Ronald de Carvalho  
Copidesque: Cláudio Estrella  
Revisão: Paula Maria Rosas e Maira Parulla  
Capa: Myung Youn Lee

Direitos adquiridos por  
IMAGO EDITORA LTDA.

Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio  
CEP 20250 — Rio de Janeiro — RJ  
Tels.: 293-1092 — 293-1098

Todos os direitos de reprodução, divulgação e tradução são reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme ou outro processo fotomecânico.

Impresso no Brasil

## Nota da autora

Como todos os romances Darkover, este é uma história independente e não uma parte incompleta de uma série. No entanto, para aqueles que de fato gostam de estabelecer uma cronologia do Darkover, os acontecimentos em Dois para Conquistar têm lugar por volta do final da Idade do Caos, durante o período que posteriormente viria a ser conhecido como a Época dos Cem Reinos; uns dois séculos, mais ou menos, após o reinado de Allart Elhalyn em Hali e Thendara, como foi narrado em Rainha da Tempestade. As guerras e as devastações resultantes dos conflitos intestinos tinham dividido os antigos reinos em vários pequenos reinos independentes, em cidades-estado, em baronatos, condados e também repúblicas independentes, sendo que nenhum deles era muito extenso; em alguns deles, dizia-se que o rei poderia ficar de pé sobre uma colina e avistar todo o seu reino e também a terra de seus reis vizinhos.

Muitos homens desta época sonhavam unificar os Cem Reinos e constituir um reino onde imperasse a justiça para acabar com a anarquia daquela época. E um deles era Varzil, a quem a história cognominaria O Bom, Laranzu de Neskaya; o outro era Bard di Asturien, cognominado de O Lobo das Colinas de Kil-ghard. E esta é a história dos dois.

Marion Zimmer Bradley

# Prólogo

## O Alienígena

Paul Harrell despertou, emporcalhado e semi-consciente, com uma sensação de ter suportado pesadelos durante muito tempo. Cada músculo de seu corpo doía como uma dor de dente isolada e sua cabeça latejava como se ele estivesse com uma ressaca monumental. Recordações veladas, vagas, um homem com um rosto idêntico ao seu, a mesma voz, perguntando-lhe: Mas que inferno! Quem é você? Por acaso não será o demônio? Não acreditava no demônio, ou no inferno, nem em qualquer uma daquelas coisas inventadas para forçar as pessoas a fazerem o que na realidade não pretendiam fazer.

Movimentou a cabeça e a dor experimentada o fez encolher-se. Puxa! Devo ter entornado um bocado a noite passada!

Esticou-se, tentando virar-se e descobriu que estava deitado, as pernas livres e à vontade, confortavelmente esticadas. Isto o despertou por completo, deixando-o sobressaltado.

Podia se mexer, esticar-se; não se encontrava na caixa de estase!

Quer dizer então que tudo não passara de um pesadelo? A fuga da polícia Alpha, a rebelião que ele tinha comandado na colônia, o confronto final, com seus homens mortos ao seu redor, a captura e a prisão e, finalmente, o horror da caixa de estase fechando-se em torno dele para sempre.

Para sempre. Este fora seu último pensamento. Para sempre.

Indolor, é claro, até agradável, como quando adormecemos ao nos sentirmos totalmente exaustos. Porém, ele tinha lutado e se debatido por este último instante de consciência, sabendo que seria o último; jamais despertaria.

Os governos benevolentes tinham abolido a pena de morte há muito tempo. Uma prova nova, com muita freqüência, tinha demonstrado a inocência do prisioneiro apenas alguns anos após a sua execução. A morte tornava o erro irreparável e desconcertava

todo o sistema judiciário. A caixa de estase mantinha o prisioneiro em segurança, afastado da sociedade... mas ele sempre podia ser recuperado e trazido de volta à vida. E nada de cadeias, nada de lembranças traumáticas de associação com criminosos empedernidos, nada de tumultos na prisão, sem necessidade de conselhos, recreação, reabilitação. Bastava trancafiá-los na caixa de estase e deixar que envelhecessem ali, naturalmente, para no final morrerem, inconscientes, sem vida... a não ser que sua inocência fosse comprovada. Nesse caso, podiam ser retirados dali.

Contudo, pensou Paul Harrell, ninguém poderia provar sua inocência. Era culpado como o diabo e, ademais, tinha reconhecido isto, e tentara, de todas as formas possíveis, ser morto a tiros antes de ser preso. E, o pior de tudo, certificara-se de levar consigo uns dez policiais, para que não lhe pudessem conceder a opção da reabilitação.

O que restara de seus homens, aqueles que não tinham sido mortos a tiros, rumara submisso para a reabilitação como um rebanho de ovelhas, para serem transformados em conformistas, que é tudo o que querem neste mundo enfadonho. Gatinhos. Portentos sem entranhas. E já próximo ao fim, podia ver, o juiz e todos os seus conselheiros jurídicos estariam esperando que ele se ajoelhasse e implorasse a clemência executiva — uma oportunidade de reabilitação, de modo que pudessem procurar recuperar sua mente, com drogas, reeducação e lavagem cerebral, de modo que pudessem transformá-lo num nada, para caminhar aferrolhado como todo mundo através daquilo que denominavam vida. Mas eu não, muito obrigado. Não seria capaz de jogar seu jogo infernal. Quando terminei minha fuga, estava pronto para ir e fui.

E tinha sido uma boa vida enquanto durara, pensou ele. Ele tinha lido uma mixórdia de suas leis imbecis porque, durante anos, não lhes passava pela cabeça que alguém fosse capaz de transgredilas, a não ser por acaso ou ignorância! Tivera todas as mulheres desejadas e todas as boas coisas da vida.

Sobretudo mulheres. Não respeitara as regras que as mulheres procuravam fazer os homens seguirem. Ele era um homem, e se desejavam um homem ao invés de um carneiro, aprenderam logo

que Paul Harrell não se submetia às suas regras conformistas e sem objetivo.

Aquela mulher maldita que tinha levado a polícia até mim.

A mãe dela, com toda a probabilidade, ensinara-lhe que era preciso criar barulho quando se tratasse de estupro, a menos que o homem se pusesse de joelhos e fingisse ser um eunuco, um portento sem entranhas que permitia que uma mulher o levasse para onde bem entendesse e nunca a tocasse, a menos que ela dissesse que o queria! Que inferno, ele sabia das coisas. Era aquilo que as mulheres queriam e do que gostavam, quando o dava para elas, e não aceitava um não como resposta: Ora, ela descobriu aquilo; ele não fazia o que elas queriam, mesmo com a caixa de estase balançando sobre sua cabeça! Sem dúvida ela pensara que ele iria implorar por uma oportunidade na reabilitação e eles o transformariam num gatinho que ela pudesse levar para onde quisesse, puxando-o pelos testículos!

Ora! Ela que vá para o inferno! Haverá de acordar durante as noites por todo o resto de sua vida, lembrando-se de que, pelo menos por uma vez, encontrara um homem de verdade...

E Paul Harrell, quando alcançou este ponto de suas recordações, sentou-se e arregalou os olhos. Não estava na caixa de estase, mas não se encontrava em lugar algum de que pudesse se lembrar. Teria sido tudo aquilo um pesadelo? A garota, a revolta, o tiroteio com a polícia, o juiz, o julgamento, a caixa de estase...

Será que nunca estivera ali, será que nada daquilo tinha acontecido?

E se fosse assim, o que o tinha tirado de lá?

Estava acomodado num colchão macio, coberto com um lençol de linho muito limpo e, sobre ele, havia cobertores de lã, mantas e um cobertor de peles. Uma claridade muito fraca, fosca e avermelhada envolvia o ambiente. Estendeu o braço e descobriu que a claridade atravessava pesadas cortinas da cama; que se encontrava deitado numa cama muito alta, com cortinado, como já havia visto num museu em algum lugar; e que as cortinas ao redor da cama impediam a passagem da luz. Cortinas vermelhas.

Afastou-as. Encontrava-se num quarto que nunca tinha visto antes, assim como nunca tinha visto nada parecido com ele.

Uma coisa era mais do que certa. Não se achava dentro da caixa de estase, a menos que parte do castigo fosse uma série de sonhos estranhos. Também não se achava em nenhum setor do centro de reabilitação. Na realidade, pensou ele, olhando para fora, através da janela arqueada e alta, para um sol descomunal e vermelho que se encontrava mais além, não estava em Alpha, nem na Terra, nem em nenhum dos planetas dos Mundos Confederados que tinha visitado antes.

Talvez isto fosse Valhalla, ou algo parecido. Havia antigas lendas que se referiam a um local perfeito para os guerreiros que morriam como heróis. E, sem dúvida, ele tinha sucumbido lutando; no seu julgamento informaram que ele matara oito policiais e aleijara um outro para o resto da vida. Tinha partido como um homem, não como um conformista submetido a uma lavagem cerebral; não tinha se aviltado, implorado e se lamuriado para conseguir uma oportunidade de ficar se arrastando um pouco mais num mundo onde não havia o mínimo respeito por alguém que preferisse morrer de pé!

De qualquer forma, encontrava-se fora da caixa, isto já era um bom começo. Contudo, estava nu, exatamente como havia entrado na caixa. Seus cabelos continuavam cortados muito curtos, como quando havia entrado na caixa... não. Eles os tinham raspado então, portanto, já devia se achar ali há um mês ou dois, pois podia sentir a suavidade dos cabelos curtos de encontro à palma da mão. Passou os olhos pelo cômodo à sua volta. O quarto tinha o piso de pedra com alguns tapetes de peles e couro. Não havia mobília alguma, a não ser a cama e um baú pesado, primorosamente entalhado, numa madeira escura.

E agora, em meio à dor que ainda lhe atormentava a cabeça, recordou-se de outra coisa; dores intermitentes, relâmpagos azuis ao seu redor, um círculo de rostos, caindo como de uma elevada altura... dor e depois um homem. Um homem com o seu rosto e sua própria voz perguntando: Mas que inferno! Quem é você? Por acaso não será o demônio? Antigas lendas. Se você se encontrar com um

homem com seu rosto, sua cópia, seu doppelganger (\* *Doppelganger: sósia fantasmagórico de uma pessoa viva. (N. da T.)*), seu fantasma, ou era o demônio ou um aviso de morte. Mas ele tinha morrido, para qualquer objetivo prático, quando o haviam colocado na caixa de estase; portanto, o que mais poderia alguém fazer contra ele? Afinal de contas, aquilo fora um sonho. Não fora? Ou será que, ao entrar na caixa, eles não o teriam transformado num clone, submetendo-o a uma lavagem cerebral para fazer dele um bom cidadão, respeitável e conformista, que sempre tinham desejado que ele fosse?

Alguma coisa levava-o para ali, de alguma forma. Mas quem, quando e como? E acima de tudo, por quê?

E, então, a porta abriu-se e o homem com o seu rosto entrou no quarto.

Não se tratava de uma semelhança, como sucede com irmãos ou gêmeos. Ele próprio.

Assim como ele, o homem tinha os cabelos louros; mas no estranho homem eles eram espessos, longos e estavam trançados e amarrados com uma corda vermelha. Paul jamais conhecera alguém que usasse os cabelos daquela maneira.

Também nunca tinha visto um homem vestido como aquele ali a sua frente, com roupas feitas com lã pesada e couro; uma jaqueta de couro ajustada por um cordão, sobre uma túnica grossa em lã crua, calças de couro, botas de cano alto. Agora que Paul já estava meio fora das cobertas, percebeu que fazia bastante frio no quarto e que, portanto, aquelas roupas faziam sentido; e então viu, através das janelas, uma grossa camada de neve recobrendo o chão. Ora, já sabia que não estava em Alpha; se ainda tivesse alguma dúvida, as sombras esmaecidas de cor púrpura sobre a neve, e o grande sol vermelho, teriam esclarecido tudo.

Porém, além de tudo isto, o homem com seu rosto. Não se tratava apenas de uma semelhança muito grande. Não era uma similitude que desapareceria quando ficassem perto um do outro. Nem mesmo a imagem que teria visto num espelho, invertida, mas o rosto que tinha visto durante seu julgamento, olhando o videoteipe de si mesmo.

Um clone, se alguém, a não ser excêntricos ricos, pudesse conseguir tal feito. Uma réplica absoluta e idêntica dele mesmo, até mesmo com relação ao queixo fendido e o pequeno sinal de nascença no polegar esquerdo. Mas, afinal, que loucura eslava acontecendo ali?

— Com os diabos! Quem é você? — indagou.

— Vim até aqui para lhe formular a mesma pergunta — retrucou o homem da jaqueta de couro.

Paul ouviu a singularidade das sílabas. Soavam ligeiramente como espanhol arcaico — uma língua de que Paul só conhecia algumas poucas palavras. Porém, podia entender com clareza o que o estranho queria dizer e isto deixou-o ainda mais assustado do que qualquer outra coisa que já tinha acontecido até então. Os dois estavam lendo os próprios pensamentos.

— Com a breca! Você é eu! — explodiu ele.

— Não exatamente, mas quase isto. E foi por isto que o trouxemos para cá — replicou o outro homem.

— Aqui — disse Paul, fixando-se nisto. — Onde é aqui! Que mundo é este? Que sol é este? Como cheguei até aqui? E quem é você?

O homem balançou a cabeça e, novamente, Paul experimentou a estranha sensação de estar observando a si mesmo.

— O sol é o sol, e estamos naquilo que denominam de Cem Reinos; este é o Reino de Astúrias. Quanto a que mundo é este, chama-se

Darkover, e esta é a Cínica palavra que conheço. Quando eu era um garotinho narraram-me algumas fábulas sobre as outras estrelas que seriam sóis iguais ao nosso, com um milhão de outros mundos circundando-os como o nosso e, quem sabe, com seres semelhantes a nós como seus habitantes, porém sempre achei que se tratava de uma história para amedrontar as crianças! Contudo, na noite passada, vi coisas mais estranhas ainda e ouvi também coisas bem mais esquisitas do que isto. A bruxaria de meu pai trouxe-o para cá e se desejar saber o porquê, deve perguntar-lhe. No entanto, não lhe queremos fazer nenhum mal.

Paul quase não escutou a explicação. Permanecia com o olhar fixo no homem com seu rosto, seu corpo, suas próprias mãos e procurando entender o que sentia com relação a ele.

Seu irmão. Ele próprio. Ele me compreendeu. Estes pensamentos lampejavam na sua mente. E ao mesmo tempo, atravessando-os, uma súbita revolta veemente: Como é que ele ousa andar por aí usando o meu rosto? E depois, dominado por uma confusão geral, se ele é eu, com mil demônios, quem sou eu?

E o outro homem formulou a sua pergunta em voz alta:

— Se você é eu — disse e cerrou os punhos -, então quem sou eu? Paul respondeu, com uma risadinha um tanto apressada:

— Talvez você seja, no final das contas, o demônio. Como se chama?

— Bard, porém me chamam de Lobo. Bard di Asturien, o Lobo de Kilghard. E você?

— Sou Paul Harrell — disse ele e inclinou-se. Não seria tudo aquilo um sonho estranho da caixa de estase? Será que tinha morrido e acabara em Valhalla?

Nada daquilo fazia sentido para ele. Sentido algum.

Sete Anos Antes...

**Livro Um**  
**Os Irmãos de Criação**

## Capítulo Um

A claridade resplandecia através de cada janela e de cada vão de porta do Castelo das Astúrias; nesta noite, o Rei Ardrin das Astúrias oferecia uma festa monumental pela comemoração do noivado de sua filha, Carlina, com seu filho de criação e sobrinho, Bard di Asturien, filho de seu irmão, Dom Rafael de High Fens. A maioria dos nobres das Astúrias, e de alguns dos reinos vizinhos, tinham comparecido para comemorar o contrato de casamento e prestar homenagem à filha do rei; o pátio estava iluminado com esplendor; estranhos cavalos e animais de montaria esperavam ali para serem levados aos estábulos, nobres ricamente vestidos, as pessoas do povo amontoavam-se para espiar o que podiam ver do lado de fora dos portões e receber as migalhas de comida, vinho e doces distribuídos pelo pessoal encarregado da cozinha a todos que até ali chegavam, criados correndo de um lado para o outro cumprindo tarefas verdadeiras ou imaginárias.

No alto dos aposentos reservados às mulheres, Carlina di Asturien olhava com desagrado para os véus rebordados e o vestido em veludo azul, enfeitado com pérolas de Temora, que iria usar para a cerimônia de noivado. Estava com 14 anos; uma jovem esbelta, pálida, com compridas tranças enroladas ao redor das orelhas e imensos olhos cinzentos — as únicas coisas bonitas num rosto magro demais e pensativo para ser belo. Apresentava a face avermelhada em volta das pálpebras; estivera chorando por muito tempo.

— Vamos, já, vamos, ande — apressava-a sua babá, Ysabet. — Não deve chorar assim, chiya. Veja que vestido lindo, nunca mais terá outro tão bonito como este. E Bard é tão encantador e corajoso; imagine só, seu pai nomeou-o porta-estandarte no campo de batalha por sua bravura na batalha de Snow Glen. E, afinal de contas, minha criança querida, não vai se casar com um estranho; Bard é seu irmão de criação, educado aqui na casa do rei desde os dez anos. Ora, quando eram

crianças, estavam sempre brincando juntos, até pensava que você o amava muito!

— E o amo mesmo... como a um irmão — retrucou Carlina, sussurrando. — Mas não para me casar com Bard... não, ama, não quero me casar com ele. Não quero me casar de modo algum...

— Isto é uma tolice — disse a mulher mais velha, dando um muxoxo, e ergueu o vestido bordado com pérolas para ajudar a sua menina a vesti-lo.

— Está bem. — Carlina submeteu-se como uma boneca, sabendo que de nada adiantaria oferecer resistência.

— Então, por que não deseja se casar com Bard? Ele é encantador e corajoso... quantos jovens distinguiram-se antes de alcançar seu décimo sexto aniversário? — indagou Ysabet. — Um dia, disto tenho plena certeza, ele será o general de todos os exércitos de seu pai! Não está se opondo a ele por ser um nedestro, não é verdade? O pobre moço não escolheu nascer dos amores de seu pai com uma de suas aventuras e não de sua mulher legítima!

Carlina sorriu debilmente diante do pensamento de que alguém pudesse se referir a Bard como pobre moço. A ama beliscou suas faces. Falou:

— Muito bem! É assim a maneira correta de ir para seu noivado... com um sorriso! Deixe-me arrumar melhor estas rendas. — Trabalhou ajeitando as rendas, depois entregou-se aos laços. — Sente-se aqui, minha linda, enquanto arrumo suas sandálias. Veja só que elegância, sua mãe mandou fazê-las para combinar com o vestido, couro azul com pérolas! Como está linda, Carlie, parece uma flor azul! Deixe-me apertar os laços de fita nos seus cabelos. Acho que não há noiva mais bela em qualquer ponto de nove reinos esta noite! E Bard tão lindo, certamente, para ser digno de você, tão louro onde você é tão morena...

— Que lástima que ele não possa se casar com você, ama, de vez que gosta tanto dele — exclamou Carlina secamente.

— Ora, deixe disto, ele não haveria de me querer, velha e mirrada como estou — retrucou Ysabet, contendo-se. — Um guerreiro jovem e bonito como Bard deve ter uma noiva maravilhosa

e jovem, e foi isto que seu pai ordenou... Não entendo por que o casamento não é celebrado e consumado ainda hoje!

— Porque implorei a minha mãe e ela falou com meu pai e senhor em meu nome; então ele concordou que não deveria me casar até que eu completasse quinze anos. A cerimônia do casamento se realizará daqui a um ano, no Festival do Solstício do Verão.

— Como pode agüentar uma espera tão longa? Evanda abençoe-a, criança, se eu tivesse um amor tão lindo e jovem como o Bard, seria incapaz de esperar tanto tempo... — Percebeu que Carlina estava perturbada e falou com mais delicadeza: — Está com medo da cama matrimonial, minha criança? Jamais uma mulher morreu por causa dela, e não tenho dúvidas de que a achará bastante agradável; mas no seu caso será menos assustadora, pois ele é um companheiro e seu irmão de criação também.

Carlina sacudiu a cabeça:

— Não, não é isto, ama, embora, como já lhe falei, não penso em casamento; preferiria passar minha vida em castidade e fazendo boas obras entre as sacerdotisas de Avarra.

— Que os céus nos protejam! — A mulher fez um gesto como se se sentisse chocada. — Seu pai jamais permitiria uma coisa destas!

— Sei disto, ama. A deusa sabe, implorei a ele que me poupasse deste casamento, que me deixasse ir, porém ele me fez recordar que era uma princesa e que meu dever é casar, para trazer sólidas alianças para seu trono. Como acontecera com minha irmã Amalie, mandada para se casar com o Rei Lorill de Scathfell. Além de Kadarin, coitadinha, sozinha naquelas montanhas do norte, e minha irmã Marilla casou-se no sul com Dalereuth...

— Está aborrecida por elas terem se casado com príncipes e reis e você, apenas, com o filho bastardo do irmão de seu pai?

Carlina sacudiu a cabeça.

— Não, não — retrucou com impaciência. — Sei o que meu pai tem em mente; deseja prender Bard a ele com um forte laço, de forma que, algum dia, Bard venha a ser seu mais forte paladino e seu protetor. Não se preocupou comigo, nem com o Bard; não passa

de mais uma das manobras de meu pai visando proteger o trono e o reino!

— Ora, minha criança, a maioria dos casamentos são realizados por causas menos justas do que esta.

— Porém, não é necessário — retrucou Carlina, com impaciência. — Bard haveria de ficar satisfeito com qualquer mulher, e meu pai poderia ter descoberto alguma jovem de estirpe nobre que satisfaria a ambição de Bard! Por que devo ser obrigada a passar minha vida com um homem que pouco se importa se sou eu, Carlina, ou outra qualquer, desde que seja bastante bem-nascida para satisfazer a sua ambição, que tenha um rosto bonitinho e um corpo desejável? Avarra que se apiede de nós, acha que desconheço que todas as criadas jovens do castelo dividem a cama com ele? Depois elas andam por aí se vangloriando disto!

— Quanto a isto — observou Ysabet -, ele não é melhor nem pior do que qualquer um de seus irmãos ou irmãos de criação. Não pode culpar um rapaz por andar com prostitutas e, pelo menos, você sabe através de suas bazófilas que ele não é estropiado nem um amante de homens! Quando ele estiver casado com você, tudo que deve fazer é mantê-lo bastante ocupado na sua cama para afastá-lo das outras!

Carlina fez um gesto de desagrado diante daquela vulgaridade:

— Elas são recebidas de bom grado por Bard na sua cama, e não pretendo disputar meu lugar ali. Contudo, já ouvi coisas piores, soube que não aceita recusas; que se uma moça lhe responde que não, ou caso ele ache que haja razão para que ela lhe diga não, o orgulho dele é tão grande que lançará uma compulsão sobre ela, um encanto, de modo que ela não possa recusar, mas irá para a cama dele mesmo sem vontade, sem poder fazer nada em seu favor...

— Já ouvi comentários a respeito de homens que possuem este laran — explicou Ysabet, dando umas risadinhas. — Trata-se de algo útil, mesmo quando um rapaz é bonito e fogofo; porém não dou e nunca dei muito crédito a estas histórias de encantamentos. Qual é a moça que necessita ser enfeitada a fim de ir para a cama de um rapaz? Está claro que elas recorrem a esta velha lenda para se desculparem caso apareçam grávidas inoportunamente...

— Não, ama. Tenho certeza de que pelo menos por uma vez isto realmente aconteceu; e com a minha criada Lisarda, ela é uma boa moça e contou-me que não conseguiu se controlar...

— Toda sirigaita afirma, depois, não ter podido se controlar! — exclamou Ysabet com uma gargalhada vulgar.

— Não fale assim — interrompeu-a Carlina, aborrecida. — Lisarda mal acabou de completar doze anos; não tem mãe e praticamente não sabia o que ele queria com ela, apenas não teve escolha e foi forçada a se submeter à vontade dele. Pobre menina, mal acabara de entrar na puberdade e, depois, chorou em meus braços; foi muito difícil para mim explicar-lhe por que um homem podia desejar uma mulher desta maneira...

Ysabet revelou seu desagrado:

— Eu me perguntava o que tinha acontecido com Lisarda...

— Acho difícil perdoar o Bard, como pôde fazer isto com uma menina que nunca lhe tinha feito mal? — falou Carlina, ainda revoltada.

— Ora, ora — exclamou a ama, suspirando -, os homens agem sempre assim e as mulheres devem aceitar isto.

— Não vejo por quê!

— O mundo é assim — afirmou Ysabet. Em seguida estremeceu e olhou para o relógio preso à parede. — Vamos, Carlina, minha querida, não deve se atrasar para o seu noivado!

Carlina levantou-se, suspirando resignada, no momento em que sua mãe, a Rainha Ariel, entrou no seu aposento.

— Está pronta, minha filha? — a rainha examinou a jovem da cabeça aos pés, desde as tranças enroladas sobre as orelhas até as delicadas sandálias bordadas com pérolas azuis. — Não haverá noiva mais bonita, pelo menos nos Cem Reinos. Fez um bom trabalho, Ysabet.

A anciã inclinou-se numa reverência, agradecendo o elogio.

— Precisa apenas de um pouco de pó-de-arroz no rosto, Carlina, seus olhos estão vermelhos — observou a dama. — Ysabet, traga-me a esponja. Carlina, você esteve chorando?

Carlina baixou a cabeça sem responder. Sua mãe falou com firmeza:

— É impróprio para uma noiva derramar lágrimas, e isto nada mais é do que o seu noivado. — Com sua própria mão passou a esponja sobre as pálpebras da filha. — Assim. Agora um toque de lápis ali, nas sobrancelhas... — falou, orientando Ysabet para que retocasse a maquiagem. — Adorável. Venha, minha querida, minhas damas estão esperando...

Ouviu-se um pequeno coro de murmúrios e exclamações de admiração quando Carlina, encantadora, reuniu-se às mulheres. Ariel, Rainha das Astúrias, acompanhada por suas damas, estendeu a mão para Carlina.

— Esta noite ficará sentada entre as minhas damas, e quando seu pai chamá-la, deve adiantar-se e juntar-se a Bard diante do trono — começou ela a explicar.

Carlina olhou para o rosto tranqüilo da mãe e refletiu sobre se deveria ou não fazer um derradeiro apelo. Sabia que sua mãe não gostava de Bard, se bem que por motivos errados; ela apenas se opunha a sua condição de bastardo. Jamais gostara daquilo, que ele devesse ser o irmão de criação de Carlina e Beltran. Contudo, não fora sua mãe quem lhe arranjava aquele casamento, e sim o pai. E sabia que o Rei Ardrin não estava acostumado a dar muito ouvido ao que as mulheres desejavam. Sua mãe tinha conseguido aquela concessão, ou seja, que não deveria se casar até que tivesse completado 15 anos.

Quando eles me chamarem para entregar minha mão ao Bard, gritarei e me recusarei a falar, direi não em alto e bom som quando me pedirem para concordar sairei correndo do salão... Mas, no fundo de seu coração, Carlina sabia que não faria nenhuma destas coisas indignas, mas suportaria a cerimônia com o decoro adequado a uma Princesa das Astúrias.

Bard é um soldado, pensou no seu desespero, quem sabe não morrerá combatendo, antes do casamento? Em seguida, experimentou uma sensação de culpa, pois em uma determinada época ela o amara. Mais que depressa corrigiu seus pensamentos: talvez ele encontre alguma outra mulher com quem deseje se casar, talvez meu pai mude de idéia...

Avarra, deusa misericordiosa, Grande Mãe, livre-me deste casamento...

Agastada, desesperada, conteve as lágrimas que ameaçavam inundar seus olhos novamente. Sua mãe ficaria indignada caso ela os desonrasse desta forma.

Num aposento situado na parte inferior do castelo, Bard di Asturien, filho de criação do rei e seu porta-estandarte, estava sendo vestido para seu noivado por seus dois companheiros e irmãos de criação: Beltran, filho do rei, e Geremy Hastur, que, como Bard, fora educado na casa do rei, mas era um dos filhos mais moços de Lorde de Carcosa.

Os três jovens eram muito diferentes. Bard era alto e de constituição vigorosa, já com altura de um homem feito, com fartos cabelos louros trançados, como os de um guerreiro, junto à nuca, e seus braços fortes e musculatura vigorosa eram de um esgrimista e cavaleiro; erguia-se sobre os outros como um jovem gigante.

O Príncipe Beltran também era alto, embora não tanto quanto Bard; contudo, ainda era magricela e folgazão, ossudo, com a rotundidade de um menino, e suas faces ainda estavam cobertas com as penugens dos primeiros sinais do aparecimento da barba. Seus cabelos eram curtos e bem crespos, mas tão louros quanto os de Bard.

Geremy Hastur era o mais baixo dos três, com cabelos ruivos, rosto descarnado, penetrantes olhos cinzentos e com a rapidez de um falcão. Vestia roupas simples e escuras, vestimenta mais apropriada a um erudito do que a um guerreiro, e seus modos eram tranqüilos e simples.

Ele ergueu o olhar para Bard e pediu:

— Terá que se sentar, irmão de criação; nem Beltran nem eu alcançamos a altura de sua cabeça para que possamos amarrar o cadarço vermelho na sua trança! E não pode comparecer a uma cerimônia sem ele!

— Não pode mesmo — concluiu Beltran, forçando Bard a se sentar. — Venha, Geremy, você amarra o cadarço, suas mãos são mais jeitosas do que as minhas, ou as de Bard. Recordo-me ainda

quando, no outono passado, você suturou o ferimento do guarda do rei...

Bard riu por entre os dentes enquanto abaixava a cabeça para que seus amigos pudessem amarrar o cadarço vermelho, cujo significado era de um experiente guerreiro em combate e recomendado por bravura. Falou:

— Sempre o julguei um covarde, Geremy, que não combatia no campo de batalha, e suas mãos eram tão suaves quanto as de Carlina; ainda assim, quando vi aquilo, mudei meu pensamento e julguei que você tinha mais coragem do que eu, pois não teria feito aquilo. Lastimo que não haja um cadarço vermelho para você!

Geremy retrucou, naquele seu tom de voz abafado:

— Ora, deixe disto, caso contrário teríamos que dar um cadarço vermelho para cada mulher que desse à luz uma criança, ou a cada mensageiro que se esgueirasse, sem ser visto, através das linhas inimigas. A coragem assume vários aspectos. Posso me arranjar muito bem sem a trança de guerreiro ou o cadarço vermelho.

— Quem sabe, um dia — disse Beltran -, quando chegar o momento em que governarei estas terras... que o reinado de meu pai seja longo!... talvez possamos premiar a coragem sob outras formas além daquela que vemos nos campos de batalha. O que acha disto, Bard? Quando este tempo chegar, você será meu herói, Bard, caso vivamos todos por tanto tempo assim. — De repente, olhou muito sério para Geremy e indagou: — O que tem você?

Geremy Hastur sacudiu a cabeça ruiva. Respondeu:

— Sei lá... um arrepio repentino; talvez, como costumam dizer os habitantes das montanhas, algum animal selvagem urinou sobre o local onde serei enterrado.

Terminou de enrolar o cadarço vermelho em volta da trança de guerreiro de Bard, entregou-lhe a espada e o punhal e ajudou-o a colocá-los na cintura.

— Sou um soldado; sei muito pouco a respeito de outros tipos de coragem — com um movimento dos ombros ajeitou sua capa bordada para as ocasiões festivas, uma capa vermelho vivo para combinar com o cadarço vermelho enrolado em toda a extensão de

sua trança. — Vou revelar-lhes uma coisa, é preciso mais coragem para enfrentar esta tolice desta noite; prefiro me ver diante de meus inimigos com minha espada em riste!

— Que conversa é esta sobre inimigos, irmão de criação? — indagou Beltran, examinando seu amigo. — Certamente, não tem inimigos no salão de meu pai! Ora, quantos jovens da sua idade receberam o cadorço de guerreiro, foram feitos porta-estandartes do rei no campo de batalha, antes de terem completado dezesseis anos? E quando você matou Dom Ruyven de Serrais e seu mediador, salvando por duas vezes a vida do rei em Snow Glen...

— Lady Ariel não gosta de mim. Se pudesse, impediria meu casamento com Carlina. E está furiosa porque eu, e não você, fiquei famoso no campo de batalha, Beltran.

Beltran balançou a cabeça:

— Talvez isto não passe de uma atitude maternal — arriscou ele. — Para ela não basta que eu seja um príncipe, herdeiro do trono de meu pai, também quer que conquiste renome como guerreiro. Ou, quem sabe?... — tentou transformar tudo aquilo em pilhéria, porém Bard seria capaz de jurar que também havia um traço de amargura... — ela teme que sua coragem e fama farão meu pai julgá-lo melhor do que seu próprio filho.

— Essa não, Beltran, você recebeu o mesmo tipo de ensino que eu; você também poderia ter ganho condecorações como guerreiro. É o acaso da guerra, acho, ou a sorte no campo de batalha — comentou Bard.

— Não. Não sou um guerreiro nato e não possuo o seu talento para combater. E tudo o que posso fazer para me comportar com dignidade e salvar minha pele inteira é matar alguém que tente atingi-la — replicou Beltran.

Bard soltou uma gargalhada e falou:

— Muito bem, acredite-me Beltran, é exatamente isto o que faço.

— Alguns homens são guerreiros natos e outros são guerreiros elaborados; não me enquadro em nenhum dos casos — afirmou Beltran, sacudindo a cabeça com tristeza.

Jeremy intrometeu-se na conversa para diminuir a tensão:

— Mas você não precisa ser um grande guerreiro, Beltran; deve se preparar para governar as Astúrias algum dia. Quando isto acontecer, poderá ter quantos guerreiros desejar, e caso eles o sirvam bem, não será necessário saber qual a extremidade de uma espada que deva ser agarrada! Você será aquele que comandará todos os guerreiros e também todas as feiticeiras... Será que, nesse dia, gostará de me ter como seu laranzu? — ele usou a palavra arcaica para feiticeiro, mágico, e Beltran sorriu e deu-lhe umas palmadinhas no ombro.

— Quer dizer que terei um mágico e um guerreiro como irmãos de criação e nós três governaremos as Astúrias juntos contra todos os seus inimigos, tanto em combate como em feitiçaria! Geremy, mande o seu pajem novamente até o pátio para verificar se o pai de Bard compareceu para assistir ao noivado do filho.

Geremy já ia fazer um sinal para o jovem que ali se encontrava à sua disposição, porém Bard sacudiu a cabeça.

— Não dê este trabalho ao rapaz — suas mandíbulas contraíram-se. — Ele não há de vir e não vejo por que devemos fingir que o fará, Geremy.

— Nem mesmo para vê-lo casado com a própria filha de seu rei?

— Talvez ele apareça para o casamento, caso o rei deixe bastante claro que se sentirá ofendido se não comparecer — observou Bard -, mas não se dará tamanho trabalho apenas para assistir a um noivado.

— Mas o noivado é o verdadeiro compromisso — comentou Beltran. — A partir da concessão da mão de minha irmã, você é o marido legal de Carlina, e ela não poderá aceitar qualquer outro enquanto você viver! O único problema é que minha mãe a considera muito criança ainda para a consumação do casamento; portanto, esta parte da cerimônia fica adiada para o próximo ano. Mas Carlina é a sua mulher; e você, Bard, é meu irmão — pronunciou estas palavras com um sorriso tímido.

Bard, apesar da expressão calma estampada no rosto, sentia-se tocado. Falou:

— Esta, provavelmente, é a melhor parte de tudo.

— Porém, sinto-me atônito diante do fato de Dom Rafael não querer comparecer para assistir ao seu noivado! — comentou Jeremy. — Sem dúvida alguma, ele já soube que você foi condecorado no campo de batalha por bravura, foi feito porta-estandarte do rei, matou de um só golpe Dom Ruyven e seu mediador... se meu pai soubesse de feitos iguais a estes a meu respeito, haveria de se postar ao meu lado cheio de orgulho e satisfação!

— Oh, não duvido que ele se orgulhe de mim — disse Bard, e seu rosto contraiu-se numa amargura profunda, muito estranha em alguém tão jovem ainda. — Porém ele dá ouvidos a tudo e por tudo a Lady Jerana, sua mulher legítima; e ela jamais se esqueceu de que ele renunciou ao seu leito quando ela ficou sem lhe conceber filhos, durante doze anos de casamento; como também nunca perdoou minha mãe por lhe ter dado um filho. E ficou furiosa por meu pai ter me criado na sua casa, ter me acostumado e ensinado as proezas de guerra, e os costumes da corte, ao invés de ter me mandado para ser criado com objetivo de arar ou limpar os campos plantando cogumelos!

— Ela deveria é ter ficado agradecida por alguém ter dado um filho ao seu marido quando ela não o podia fazer — retrucou Beltran.

Bard encolheu os ombros:

— Esta não é a maneira de proceder de Lady Jerana! Muito pelo contrário, cercou-se de leroni e feiticeiras... a metade de suas damas de companhia tem cabelos vermelhos e são bruxas experientes... até que, mais cedo ou mais tarde, uma delas pudesse lhe dar um encanto para curá-la da esterilidade. Depois, teve meu irmão, Alaric. E, então, quando meu pai não lhe podia mais negar coisa alguma, pois ela tinha lhe dado um filho legítimo, um herdeiro, dedicou-se a se ver livre de mim. Oh, Jerana era incapaz de revelar qualquer tipo de gentileza para comigo, até ter seu próprio filho; ela fingia ser uma verdadeira mãe para mim, porém eu percebia a sua revolta contida em cada beijo que me dava! Acho que ela temia que eu pudesse tomar o lugar de seu filho, pois Alaric era pequenino e

não tinha boa saúde, enquanto eu era forte e saudável. Odiava-me mais ainda porque Alaric gostava de mim.

— Pois creio que ela deveria receber de bom grado um irmão forte e um guardião para seu filho, alguém que se preocuparia com ele... — tornou a falar Beltran.

— Adoro o meu irmão — esclareceu Bard. — Há vezes em que penso não existir mais ninguém no mundo que se importaria por eu estar vivo ou morto; mas, desde o momento em que Alaric passou a distinguir um rosto do outro, ele sorria para mim, levantava seus bracinhos para que o carregasse às costas e implorava para dar voltas no meu cavalo. No entanto, para Lady Jerana, não parecia adequado que um meio-irmão bastardo devesse ser o escolhido para ser o mediador e companheiro para seu pequeno príncipe; ela exigia para seu filho a companhia de príncipes e filhos de nobres! E assim chegou um tempo em que eu só o via recorrendo à astúcia; e certa vez, deixei-a furiosa quando ele estava doente, por ter me esgueirado sem autorização no seu precioso cômodo. Uma criança de quatro anos e ela estava zangada porque seu irmão conseguia adormecê-lo com suas canções enquanto que ela, com seus afagos, era incapaz. — Seu rosto estava duro, amargo, carrancudo, mergulhado nas recordações.

"E depois disto, não deixou mais meu pai em paz até que ele me mandasse embora. E ele, ao invés de a mandar ficar calada, mandar na sua própria casa, como um homem deve agir, preferiu manter a paz na sua cama e no lar afastando-me de lá e de meu irmão!"

Beltran e Geremy ficaram, momentaneamente, emudecidos diante da sua amargura. Geremy bateu então com delicadeza em seu ombro e falou, com ternura e meio sem jeito:

— Ora, você tem dois irmãos para ficarem ao seu lado esta noite, Bard, e dentro em breve terá parentesco aqui.

O sorriso esboçado por Bard foi gélido, implacável:

— A Rainha Ariel gosta tanto de mim quanto minha madrasta. Estou certo de que ela encontrará um jeito para colocar Carlina contra mim, e, quem sabe, vocês dois também. Não culpo meu pai,

a não ser por dar ouvidos às palavras de uma mulher. Que Zandru torça meus pés se eu jamais escutar o que uma mulher diz!

Beltran explodiu numa gargalhada e disse:

— Bard, ninguém poderia imaginar que você detestasse as mulheres. Pelo que as criadas dizem, acontece justo o oposto... no dia em que for se deitar ao lado de Carlina, haverá prantos por todos os cantos e recantos do reino das Astúrias!

— Oh, quanto a isto — disse Bard, fazendo um esforço deliberado para se engajar no estado de alegria -, só dou ouvidos às mulheres num lugar e vocês podem imaginar que lugar seja este...

— E tem mais — prosseguiu Beltran -, quando nós éramos todos apenas meninos e meninas, recordo-me que você sempre escutava o que Carlina dizia; era capaz de subir numa árvore, na qual ninguém se arriscaria a trepar, apenas para ir apanhar o gatinho dela, e quando ela e eu discutíamos, ficava logo sabendo que era melhor desistir, pois caso contrário você acabava me surrando para valer, tomando as dores dela!

— Ah... Carlina — resmungou Bard, e sua face distendeu-se num amplo sorriso. — Carlina não é igual às outras mulheres; não seria capaz de falar sobre ela no mesmo alento como o faria com relação à maioria das cadelas e vagabundas deste lugar! Quando estiver casado com ela, acreditem-me, não terei tempo para nenhum outro lazer! Asseguro-lhes, não precisará se cercar de encantos como fez Lady Jerana, para manter meu pai fiel a ela. Desde que vim para cá, ela sempre foi muito boa para comigo.

— Todos nós queríamos ser bons com você — protestou Beltran -, porém você não era capaz de dirigir a palavra a ninguém e ameaçava brigar com todos nós...

— Ainda assim, Carlina fez-me sentir, talvez pela primeira vez, que alguém se importava em saber se eu estava vivo ou morto — retrucou Bard -, e eu não tinha coragem de brigar com ela. Agora seu pai resolveu entregá-la a mim... logo ela que jamais pensei pudesse ganhar, por ser um bastardo. Lady Jerana pode ter me afastado de meu lar, de meu pai, de meu irmão, mas agora talvez eu tenha um lar aqui.

— Mesmo que tenha que levar Carlina junto? — zombou Beltran. — Ela não é bem o tipo que eu escolheria para minha mulher; esquelética, morena, sem graça... seria preferível, parece-me, levar para a cama o espantalho que armam nos campos para espantar os corvos!

— Eu não esperaria que o irmão dela se apercebesse de sua beleza e não é por isto que a desejo — comentou Bard, inteligentemente.

Jeremy Hastur, que tinha os cabelos ruivos e o dom de laran do pessoal de Hastur de Carcosa, o talento de ler os pensamentos até mesmo sem estar de posse das pedras das estrelas usadas pelos leroni e pelas feiticeiras, podia sentir os pensamentos de Bard à medida que se dirigiam para o grande salão para a cerimônia de noivado.

Existem muitas mulheres neste mundo para se levar para a cama, pensava Bard. Mas Carlina é diferente. Ela é a filha do rei; casando-me com ela, já não sou mais um bastardo, um João-ninguém, mas sim o porta-estandarte do rei e seu herói; terei um lar, uma família, irmãos, filhos algum dia... serei grato por toda a minha vida a esta mulher que tudo isto me proporcionou; juro que ela jamais terá motivos para reprovar seu pai por tê-la entregue a seu irmão bastardo...

Certamente. Pensou Jeremy, isto era motivação suficiente para um casamento. Talvez ele não deseje Carlina por ela mesma, mas como um símbolo de tudo aquilo que ela lhe pode oferecer. Ademais, casamentos são realizados diariamente em todos os reinos, com menos motivação do que este. E caso ele seja bom para Carlina, ela haverá de se sentir feliz, sem dúvida alguma.

Contudo, ele se sentia intranquilo, pois sabia que Carlina tinha medo de Bard. Ele presenciara quando o Rei Ardrin mencionara o casamento para a sua filha e tinha visto o choro nervoso dela, seus acessos de pranto.

Bem, isto não tem remédio, o rei faria as coisas a seu modo e, sem dúvida, era certo ele premiar seu porta-estandarte, que também era seu sobrinho, se bem que um bastardo, com honrarias e um rico casamento com alguém da sua família; isto haveria de

prender Bard ao trono do Rei Ardrin na qualidade de herói. Talvez fosse uma lástima para Carlina, porém todas as garotas eram dadas em casamento, mais cedo ou mais tarde, e ela poderia vir a se casar com algum devasso mais velho, ou com algum velho guerreiro encanecido, ou até mesmo com algum bandido bárbaro de um dos pequenos reinos localizados do outro lado de Kadarin, caso seu pai julgasse conveniente selar uma aliança com outro remo. Ao invés disto, ele a entregava a um parente próximo, alguém que tinha sido seu companheiro de brincadeiras, um irmão de criação que sempre a tinha defendido na infância. Carlina haveria de se conformar com o casamento e bem rápido.

Contudo, seus olhos perspicazes tinham vislumbrado as pálpebras avermelhadas, mesmo sob o cuidadoso toque de pó e a pintura. Ergueu o olhar e fitou Carlina com compaixão, desejando que ela conhecesse Bard tão bem quanto ele. Talvez, se compreendesse seu prometido marido, pudesse diminuir a sua amargura, fazê-lo sentir-se menos retraído, menos desamparado entre os outros. Geremy suspirou, refletindo sobre seu próprio exílio.

Isto porque Geremy Hastur não tinha ido de boa vontade para a corte do Rei Ardrin. Ele era o filho mais novo do Rei Istvan de Carcosa; e fora mandado, meio refém, meio diplomata, para ser criado na família do Rei Ardrin como um testemunho das relações amistosas entre a casa real das Astúrias e a casa dos Hasturs de Carcosa. Ele teria preferido ser um conselheiro, um feiticeiro, um laranzu de seu pai... ele sempre soubera que não possuía os dotes de um soldado, porém o pai julgara-o um filho não desejado e enviara-o como um refém, como poderia ter mandado uma das filhas para se casar. Geremy pensou, pelo menos Carlina não teria que abandonar a própria casa para se casar!

A corte levantou-se quando o Rei Ardrin entrou. Bard, de pé ao lado de Beltran, ouvindo os toques dos arautos, ainda passou os olhos pela multidão para verificar se seu pai não viera no último momento, desejando, talvez, fazer-lhe uma surpresa; desistiu e, zangado, virou o rosto para a frente. Por que haveria de se importar? O Rei Ardrin pensava mais nele do que o próprio pai, o rei condecorara-o em batalha, presenteara-lhe com terras e uma

propriedade maravilhosa, conferira-lhe o cadarço vermelho de guerreiro e dera-lhe a mão de sua filha mais nova em casamento. Com tudo isto, por que deveria se preocupar com seu pai, sentado em casa e escutando o veneno que a asquerosa megera Jerana vertia nos seus ouvidos?

Contudo, gostaria que meu irmão estivesse aqui. Quero que Alaric saiba que sou o paladino do rei e seu genro... ele deve estar com sete anos, agora...

No momento adequado ele se adiantou, induzido por Beltran e Jeremy. Carlina estava de pé ao lado direito do trono do pai. Os ouvidos de Bard zumbiam e ele quase não conseguiu escutar as palavras do rei.

— Bard mac Fianna, denominado di Asturien, a quem fiz meu porta-estandarte — começou Ardrin das Astúrias -, nós o convocamos aqui, esta noite, para lhe conceder a mão de minha filha mais moça, Lady Carlina. Responda, Bard, é de sua vontade entrar para a minha família?

A voz de Bard soou perfeitamente controlada; achava-se em dúvida quanto a isto porque, no íntimo, sentia-se tremer. Ele imaginou que aquilo era como cavalgar rumo à batalha. Havia algo que o deixava inabalável quando precisava se mostrar ajuizado.

— Meu rei e senhor, esta é a minha vontade.

— Pois bem — disse Ardrin, pegando a mão de Bard numa das suas, e a de Carlina na outra — peço-lhes para juntarem as mãos diante de toda esta gente e para trocarem suas promessas.

Bard sentiu a mão de Carlina na sua; muito macia, os dedos tão finos que pareciam não ter ossos. Ela estava tão gélida e não olhou para ele.

— Carlina, você aceita este homem para ser seu marido? — perguntou Ardrin.

Ela murmurou algo que Bard não conseguiu discernir. Imaginou que devia ser uma frase de concordância. Pelo menos ela não o tinha recusado.

Ele se inclinou para a frente, como o exigia o cerimonial, e beijou seus lábios trêmulos. Ela tremia da cabeça aos pés. Fogo do inferno! Será que a menina estava com medo dele? Ele sentiu o

perfume de flores que seus cabelos exalavam, de algum cosmético que tinham passado em seu rosto. Quando Bard voltou a se afastar, uma parte da gola bordada de seu vestido arranhou-lhe ligeiramente o rosto. Muito bem, pensou ele, já tinha possuído muitas mulheres; logo, logo, ela haveria de perder o medo em seus braços, era isto que sempre acontecia com todas; mesmo se agora estava toda arrumada como uma boneca. Carlina. Sua, para sempre, sua princesa, sua mulher. E, então, ninguém mais poderia chamá-lo novamente de bastardo ou rejeitado. Carlina, seu lar, sua amada... apenas dele. Sentiu a garganta áspera ao murmurar as palavras do ritual.

— Diante de nossos parentes reunidos prometo me casar com você, Carlina, e fazê-la feliz para sempre.

Ele escutou a voz dela, apenas um sussurro.

— Diante... parentes reunidos... prometo casar... — porém, por mais que tentasse, não conseguiu ouvi-la pronunciar o seu nome.

A Rainha Ariel e seus planos absurdos para livrar a filha dele que vão para o inferno! Deveriam ter se casado e consumado o casamento naquela mesma noite, pois assim Carlina perderia logo o medo que sentia dele! Bard tremia, ao pensar nisto. Jamais desejara tanto uma mulher assim. Aumentou a pressão de sua mão sobre os dedos dela tentando acalmá-la, porém sentiu apenas que ela se retraía devido à dor.

— Que vocês dois sejam para sempre uma só pessoa — concluiu o Rei Ardrin.

Bard afrouxou, com relutância, o aperto. Juntos, beberam de uma taça de vinho mantida próxima de seus lábios. Estava terminado; Carlina era sua noiva. Agora, era tarde demais para o Rei Ardrin mudar de idéia. Bard percebeu que, até este momento, pensara que algo poderia se interpor entre ele e sua boa sorte, mesmo quando estivessem de pé, um ao lado do outro, durante a cerimônia do noivado, que a maldade de sua madrasta, ou da Rainha Ariel, haveria de se inserir entre ele e Carlina, que representava para ele um lar, um lugar, honradas... que todas as mulheres vão para o inferno! Todas as mulheres, à exceção de Carlina, isto mesmo!

Beltran abraçou-o como a um parente chegado e comentou:  
— Agora você é realmente meu irmão!

Bard entendeu que, de alguma forma, Beltran sempre tinha sentido ciúmes de sua amizade com Geremy; agora, o laço que o unia a Beltran era tão forte, que Geremy não tinha nada que o pudesse igualar. Beltran e Geremy haviam trocado juramentos de fraternidade, trocando adagas, antes de saírem da infância. Ninguém, pensava Bard com um leve toque de ressentimento, jamais lhe pedira para prestar juramento de família; não a ele, um bastardo e sem casta... Pois muito bem, isto tinha terminado, acabado por toda a sua vida. Agora ele era genro do rei, o prometido marido de Carlina. Cunhado, ainda que não tivessem trocado juramentos de fraternidade, do Príncipe Beltran. Tinha a sensação de que ficara mais alto; dando uma olhadela para si mesmo num dos enormes espelhos que decoravam o Grande Salão, sentia-se bonito, pelo menos por uma vez, estava maior e, de algum modo, era um homem melhor do que todos os outros que já haviam se mirado naquele espelho antes.

Mais tarde, quando os menestrelis chegaram para o baile, ele conduziu Carlina para o meio do salão. A dança separava os casais, formava outros com seus passos e revolteios elaborados, tornava a juntá-los novamente; à medida que passavam e repassavam durante a dança, teve a impressão de que Carlina mostrava-se menos relutante para segurar-lhe a mão. Geremy dançava com uma das mais jovens damas da rainha, uma moça de cabelos ruivos chamada Ginevra; Bard desconhecia seu sobrenome; ela tinha brincado com Carlina quando eram garotinhas, depois passara a ser uma dama de honra. Bard ficou imaginando se Ginevra não dividia a cama de Geremy. Possivelmente; qual homem seria capaz de dedicar tanto tempo e se preocupar com uma mulher se isso não acontecesse? Ou, sabe-se lá, talvez Geremy ainda estivesse tentando persuadi-la a fazê-lo. Muito bem, se era assim, considerava Geremy um tolo. Bard jamais tinha se preocupado pessoalmente com as jovens de alta estirpe; em geral elas eram muito exigentes com relação às lisonjas e promessas de devotamento. Também nunca dera muita atenção às mais bonitinhas, prometiam mais, descobrira ele, do que realmente

tinham. Ginevra era uma jovem quase sem graça, feia, para se sentir agradecida quando contava com a atenção masculina. Mas o que estava fazendo, pensando em coisas deste tipo quando tinha Carlina?

Ou melhor, pensou deprimido, enquanto a levava até o bufê para tomarem uma taça de vinho depois da intensa dança, ele não possuía Carlina, ainda não! Um ano de espera! Droga! Por que a mãe dela fez isto?

Carlina balançou a cabeça ao ver que ele se dispunha a colocar mais vinho em sua taça:

— Não, muito obrigada, não gosto muito de vinho, Bard... e creio que você já bebeu o suficiente — falou ela com sobriedade.

— Gostaria muito mais de ser beijado por você do que tomar qualquer bebida jamais fabricada! — proferiu ele impulsivamente.

Carlina ergueu os olhos para ele, atônita; em seguida sua boca vermelha abriu-se num pequeno sorriso.

— Veja só, Bard, nunca o ouvi dizer palavras tão bonitas antes! Será que anda tomando aulas de galanteria com nosso primo Jeremy?

— Não conheço nem sei dizer frases bonitas. Sinto muito, Carlina, quer que eu aprenda a arte da lisonja por você? Nunca dispus de tempo para coisas deste tipo.

E a parte não enunciada, onde havia um quê de ressentimento, Jeremy nada mais tem a fazer além de ficar comodamente sentado em casa e aprender a dizer coisas bonitas para as mulheres, foi perfeitamente audível para Carlina.

Inesperadamente, ela se lembrou de como Bard era quando chegou para ser educado ali, três anos antes, e como lhe parecera então desajeitado, mal-humorado, afeito à vida do campo, recusando-se a adotar as boas maneiras que conhecia, birrento, declinando dos convites para participar das brincadeiras das crianças. Na época, já era o mais alto de todos, mais alto do que a maioria dos homens, e mais corpulento. Demonstrava pouco interesse por qualquer coisa a não ser as peças relativas às façanhas bélicas de suas lições e passara a maior parte de seus momentos de folga ouvindo as histórias de campanhas e guerra narradas pelos

guerreiros. Nenhuma das crianças gostava muito dele, porém Jeremy dizia que ele estava muito solitário e dera-se um trabalho enorme para convencê-lo a ir brincar com eles.

Ela sentiu, de repente, quase que pena dele, pena daquele jovem a quem fora prometida em casamento. Não desejava se casar com ele; mas ele também não fora sequer consultado a respeito, e nenhum homem seria capaz de se recusar a casar com uma filha de rei. Tinha passado grande parte de sua vida na guerra e preparando-se para combater; não era sua culpa se não se mostrava tão galante e nem um cortesão como Jeremy. Ela teria preferido se casar com Jeremy... embora, como tinha revelado a sua ama, sua vontade era de não se casar de modo algum. Isso não significava que ela sentisse algo mais profundo por

Jeremy; considerava-o apenas mais meigo e julgava entendê-lo melhor. Mas Bard parecia tão infeliz.

— Vamos nos sentar e conversar um pouco? Ou prefere continuar a dançar? — perguntou Carlina, bebendo as últimas e indesejadas gotas de sua taça.

— Prefiro conversar. Não sei dançar muito bem, nem entendo de nenhuma dessas artes da corte!

Carlina sorriu para ele mais uma vez, revelando suas covinhas. Comentou:

— Se é bastante leve com os pés a ponto de ser um espadachim... e Beltran me disse que você é inigualável... deveria ser também um maravilhoso bailarino. E lembre-se, costumávamos dançar juntos nas aulas quando éramos pequenos; quer me convencer de que se esqueceu de como se dança, depois dos doze anos?

— Para lhe dizer a verdade, Carlina — replicou Bard, hesitante -, alcancei todo meu crescimento ainda quando muito pequeno, quando todos vocês ainda eram muito baixinhos. E, sendo o meu corpo grande como era, sempre achei que meus pés eram ainda maiores e que eu era um bruto pesado! Depois comecei a cavalgar para guerrear, e para combater, então meu tamanho e peso foram-me proveitosos... porém, parece-me difícil pensar em mim mesmo como um cortesão.

Algo nesta confissão tocou-a de modo insuportável. Ela suspeitava que ele jamais tivesse dito antes, para alguém, algo daquele tipo, ou que sequer o tivesse pensado. Falou:

— Você não é desajeitado, Bard, considero-o um esplêndido dançarino. Contudo, se isto o deixa pouco à vontade, não precisa tornar a dançar, pelo menos não comigo. Ficaremos sentados aqui e conversaremos um pouco. — Virou-se para ele sorrindo: — Terá que aprender a me oferecer o braço quando atravessarmos um salão juntos. Com a ajuda da deusa, serei realmente capaz de civilizá-lo algum dia!

— Você tem nas mãos uma árdua tarefa, damisela — afirmou Bard, e deixou que as pontas dos dedos de Carlina tocassem de leve o seu braço.

Conseguiram um lugar para se sentarem juntos numa das extremidades do salão, fora do caminho dos dançarinos, próximo ao ponto em que alguns convidados mais idosos jogavam cartas e dados. Um dos homens da família real dirigiu-se para junto deles, sem dúvida alguma com a intenção de convidar Carlina para dançar, mas Bard lançou-lhe um olhar e ele logo descobriu que tinha algo mais urgente a fazer noutro lugar.

Bard estendeu a mão que achava desajeitada e tocou o canto de sua têmpora.

— Quando estávamos de pé diante de seu pai, achei que você estivera chorando. Carlie, alguém a maltratou?

— Não — retrucou ela, sacudindo a cabeça.

Mas Bard era suficientemente telepata... se bem que quando as leroni da família tinham-no testado, aos 12 anos, informaram-no que não dispunha de muito laran... para sentir que ela não lhe revelaria em voz alta o motivo de suas lágrimas; e procurou adivinhar qual seria a verdadeira razão.

— Não se sente feliz com este casamento — afirmou ele, com ar carrancudo e sentiu novamente a perturbação de Carlina como já acontecera antes ao sentir o aperto de sua mão.

Carlina abaixou a cabeça. Finalmente disse:

— Não tenho a menor vontade de me casar; e chorei porque ninguém pergunta a uma jovem se ela quer ser dada em casamento.

Bard franziu a sobancelha, mal podendo acreditar no que ouvia.

— Em nome de Avarra, o que faria uma mulher se não estiver casada? Você, certamente, não deseja ficar em casa o resto de sua vida até ficar velha, não?

— Gostaria de poder ter o direito de assim proceder, caso o desejasse — retrucou Carlina. — Ou, talvez, escolher pessoalmente com quem me casar. Porém, preferiria não me casar de modo algum. Gostaria de ir para uma torre como uma Ieronis, talvez manter minha virgindade para a Visão, como fizeram algumas das damas de minha mãe, ou ainda, quem sabe, viver entre as sacerdotisas de Avarra, lá na ilha sagrada, pertencendo apenas à deusa. Isto lhe parece estranho?

— Sim. Sempre ouvi dizer que o maior desejo de todas as mulheres é se casarem o mais cedo possível.

— E é assim mesmo, para a grande maioria delas, mas por que deveriam ser as mulheres mais parecidas entre si do que você e Jeremy? Você decidiu ser um soldado e ele um Iaranzu; acha que todo mundo deveria preferir ser um soldado?

— Com os homens é diferente. As mulheres não entendem destas coisas, Carlina. Você necessita de um lar, filhos e alguém que a ame. — Pegou a mão dela e levou os dedinhos macios até os lábios.

Carlina sentiu-se repentinamente zangada, e, ao mesmo tempo, quase teve pena dele.

Ela teve vontade de lhe dar uma resposta indignada, porém ele a mirava com tanta ternura, tão cheio de esperanças, que preferiu não fazer o que pretendia.

Ele não podia ser culpado daquilo; se havia um responsável, esse seria seu pai, que a tinha entregue a Bard como se fosse o cadarço vermelho que ele usava na sua trança de guerreiro, um prêmio por sua bravura em combate. Por que deveria ela culpá-lo pelo costume da terra, que transformava uma mulher em apenas uma serva, um brinquedo para as ambições políticas de seu pai?

Ele acompanhou uma parte destes pensamentos, as sobancelhas franzidas enquanto permanecia sentado, segurando a mão dela.

— Você não quer se casar comigo de forma alguma, Carlie?

— Ah, Bard... — respondeu ela e ele pôde perceber o sofrimento presente em sua voz... — Não é você. Sinceramente, falando apenas a verdade, meu irmão de criação e meu prometido marido, desde que tenho que me casar, não existe nenhum outro homem que pudesse estar no seu lugar. Quem sabe se algum dia... quando eu estiver mais velha, quando ambos estivermos mais amadurecidos... então, se os deuses forem bons conosco, talvez cheguemos a nos amar mutuamente como deve acontecer entre as pessoas casadas. — Segurou-lhe a mão imensa entre as suas tão pequeninas e falou: — Que os deuses permitam que assim seja.

E, então, apareceu alguém que veio tirar Carlina para dançar; e embora Bard parecesse novamente irritado, ela disse:

— Bard, devo dançar; um dos deveres de uma noiva é dançar com todo aquele que a convidar a fazê-lo, como você sabe muito bem, e cada jovem aqui presente, desejosa de se casar este ano ainda, acha que dá sorte dançar com o noivo. Poderemos conversar mais tarde, meu querido.

Bard concordou com relutância e, recordando-se de seu dever, deslocou-se pelo salão, dançando com três ou quatro damas da Rainha Ariel, como era conveniente para um homem ligado à família real, um porta-estandarte do rei. Mas seus olhos procuravam Carlina, sem cessar, e o seu vestido azul, todo bordado em pérolas, seus cabelos escuros trouxeram de volta a sua compreensão.

Carlina. Carlina era dele, e se deu conta de que detestava, com uma violenta onda de revolta, cada homem que a tocava. Como ousavam fazer aquilo? O que pretendia ela, flertando, erguendo os olhos para qualquer um que dançava com ela, como se fosse uma das mulheres sem-vergonhas que seguiam os acampamentos? Por que ela os encorajava? Por que não podia se manter tímida e modesta, recusando-se a dançar, a não ser com seu prometido marido? Ele sabia que isto era irracional, porém parecia-lhe que ela estava querendo conquistar o sorriso aprovador e apaixonado de cada homem que a tocava. Moderou sua cólera quando ela dançou com Beltran, com o pai e com o veterano encanecido, com sessenta anos, cuja neta tinha sido sua irmã de criação; porém, toda vez que

ela dançava com algum jovem soldado ou guarda do rei, tinha a impressão de que a Rainha Ariel o fitava de modo triunfal.

Evidentemente que aquilo que ela dissera a respeito de não desejar se casar de forma alguma... era uma tolice infantil, ele não acreditava numa só palavra de tudo aquilo. Não tinha dúvidas de que ela estava acalentando alguma paixão infantil por algum homem, alguém que, na verdade, não a merecia, não lhe era digno, a quem seus pais jamais a dariam em casamento. E, agora, que estava comprometida e com idade suficiente para dançar com homens sem qualquer ligação de parentesco, poderia procurá-lo. Bard sabia que se encontrasse Carlina com outro homem, haveria de rasgá-lo de membro a membro, e feriria até mesmo Carlina... será que teria coragem de machucá-la? Não. Simplesmente lhe perguntaria o que tinha dado ao outro homem, a faria tão sua que ela nunca mais pensaria em qualquer outro homem vivo. Ele examinou, com atenção, e cheio de ciúmes, as fileiras da guarda real, porém Carlina parecia não dedicar maior atenção a quem quer que fosse, dançando cortesmente com todos que a convidavam, mas jamais aceitando uma segunda dança com ninguém.

Mas não, ela estava dançando outra vez com Geremy Hastur, um pouquinho mais junto dele do que com os outros, ria para ele e a cabeça do rapaz estava inclinada sobre a dela. Estaria ela lhe fazendo confidências, será que lhe tinha dito que não desejava se casar com Bard? Não seria com Geremy, talvez, que gostaria de se casar? Afinal de contas, Geremy era da família de Hastur, descendente dos legendários filhos e filhas de Cassilda, filha de Robardin... parente de todos os deuses, pelo menos era isso que afirmavam. Que se dançassem todos os Hasturs, os di Asturiens também possuíam uma linhagem nobre e antiga, por que iria ela preferir Geremy? Revolta e ciúme dominando-o, atravessou o salão rumando para junto dos dois; ele ainda sabia como se comportar segundo a boa educação e tratou de se refrear para não interromper a dança, porém assim que a música cessou e eles se separaram, rindo, aproximou-se dos dois com tamanha decisão, que esbarrou em outro casal, sem se desculpar por isto.

— Já é hora de dançar novamente com seu prometido marido, minha senhora — disse ele.

Geremy riu baixinho:

— Como está impaciente, Bard, considerando-se que passarão todo o resto de suas vidas juntos — comentou, pousando a mão de modo carinhoso sobre o cotovelo de Bard. — Ora, Carlie, pelo menos sabe que seu prometido marido está ansioso!

Bard percebeu o toque de maldade naquelas palavras e retrucou aborrecido:

— Minha prometida mulher — disse, enfatizando bem estas palavras — é, Lady Carlina para você, não Carlie!

Geremy levantou os olhos para ele, sem poder acreditar que ele não estivesse pilheriando.

— Cabe a minha irmã de criação me dizer quando não a deverei mais chamar pelo nome que a chamava quando seus cabelos eram curtos demais para serem trançados — retrucou com perspicácia. — O que o domina, Bard?

— Lady Carlina é minha prometida mulher — retrucou Bard, com resolução. — Você se comportará com relação a ela da forma adequada a uma mulher casada.

Carlina abriu a boca assombrada e tornou a fechá-la.

— Bard — disse ela com uma paciência desvelada -, talvez, quando formos realmente marido e mulher, e não apenas um casal comprometido, lhe permitirei que me diga a forma como devo me comportar com relação aos meus irmãos de criação; e talvez não. No momento presente, continuarei a agir exatamente como bem me aprouver a este respeito! Peça desculpas a Geremy ou não pense sequer em me deixar ver seu rosto outra vez esta noite!

Bard fitou-a aflito e zangado. Estava ela querendo fazê-lo se arrastar diante deste usuário de sandálias, este mágico laranzu? Estava ela desejando insultar seu prometido marido em público por causa de Geremy Hastur? Seria por ele que ela se preocupava?

Geremy também fitou-a perplexo, quase não podendo acreditar no que estava ouvindo, porém o Rei Ardrin estava olhando na direção deles. Percebeu que já havia suficiente tumulto na corte aquela noite para que fosse uma atitude sábia estabelecer uma

discussão. Além disto, não desejava discutir com seu amigo e irmão de criação. Bard estava sozinho ali, sem o pai para ficar do seu lado e, sem dúvida, sentia-se irritado porque seu parente mais próximo não podia se dar o trabalho de cavalgar meio dia para vê-lo ser agraciado como o paladino do rei, casar-se com sua filha. Por isto, decidiu não levar o caso avante.

— Não necessito das desculpas de Bard, irmã de criação. Se o ofendi, pedirei seu perdão com a melhor das boas vontades. E lá está Ginevra a minha espera. Bard, meu bom amigo, seja o primeiro a nos desejar felicidades; pedi a ela permissão para escrever a meu pai a fim de que tome as providências necessárias para um noivado nesta dependência. E ela não me recusou, apenas declarou precisar pedir autorização ao seu pai para aceitar minha proposta. Portanto, se todos os velhos estiverem de acordo, talvez eu esteja de pé onde estão vocês dois hoje, daqui a um ano, mais ou menos! Ou até, se os deuses forem benevolentes, nas colinas de minha terra...

Carlina tocou no braço de Geremy.

— Está com saudades, Geremy? — indagou delicadamente.

— Se tenho saudades? Não, na realidade, não, penso. Enviaram-me de Carcosa antes que ali pudesse ser verdadeiramente o meu lar. Mas, às vezes, na hora do pôr-do-sol, meu coração anseia pelo lago, pelas torres de Carcosa, erguendo-se de encontro ao sol poente e pelos sapos que coaxam depois que o sol se põe, o som da minha primeira cantiga de ninar.

Carlina falou com suavidade:

— Nunca estive longe de casa; mas deve ser a coisa mais triste que possa existir. Sou uma mulher e fui criada sabendo que, acontecesse o que acontecesse, teria que abandonar o meu lar algum dia...

— E agora os deuses foram bons, pois seu pai entregou-a a um membro da família e você jamais precisará sair de sua casa — retrucou Geremy.

Ela sorriu para ele, esquecida de Bard, e falou:

— Se há alguma coisa que pode me fazer conformar com este casamento, creio que seja isto.

As suas palavras foram como sal numa ferida para Bard, enquanto a ouvia. E interrompeu-a com sutileza:

— Pois então vá e junte-se a Ginevra — e colocou a mão sobre a de Carlina, de um modo um tanto rude, afastando-a dali.

— Quer dizer... que você falou para Geremy que não desejava se casar comigo? Andou dando com a língua nos dentes, contando esta história para cada homem com quem dançou, tornando-me alvo de caçadas às minhas costas?

— Ora, não — replicou ela, fitando-o surpresa. — Por que haveria de fazer isto? Abri meu coração para Geremy por ser ele meu irmão de criação e irmão de Beltran por juramento; e o vejo, como não podia ser de outra forma, como tendo o mesmo sangue que eu, nascido de meu pai e minha mãe!

— E tem certeza que, da parte dele, a coisa é tão inocente assim? Ele é da região das montanhas, onde um irmão pode se deitar com sua irmã; e a maneira como a tocou...

— Bard, isto é ridículo demais — retrucou Carlina, impaciente. — Mesmo que já estivéssemos casados, e com o casamento consumado, um ciúme deste tipo seria inimaginável! Será que pretende desafiar todos os homens, com quem eu conversar educadamente quando estivermos casados? Terei que ter medo de dizer uma palavra agradável a meus irmãos de criação? Sentirá ciúmes de Beltran, ou de Dom Cor-mel?... — Este era um veterano, com cinquenta anos de serviços prestados ao seu pai e ao seu avô.

Bard abaixou os olhos diante de seu olhar enraivecido.

— Não posso me controlar, Carlina. Sinto muito medo de perdê-la. Seu pai foi cruel por não me ter dado você agora, já que se decidiu pelo nosso casamento. Não consigo deixar de pensar que está se divertindo às minhas custas e que, depois, antes de podermos consumir o casamento, ele a dará a outra pessoa de quem goste mais, ou que traga um dote maior, ou cuja posição poderia significar uma aliança mais forte para ele! Por que haveria de entregá-la ao filho bastardo de seu irmão?

Diante da aflição refletida em seu olhar, Carlina sentiu-se invadir por uma onda de pena. Por trás da presunção de suas

palavras, estaria ele inseguro? Ela estendeu o braço para segurar-lhe a mão.

— Não, Bard, não deve pensar uma coisa destas. Meu pai gosta muito de você, meu prometido marido, favoreceu-o bem mais do que a meu próprio irmão Beltran, tomou-o seu porta-estandarte e conferiu-lhe o cadarço vermelho; como pode lhe passar pela cabeça que ele pudesse ser assim tão falso com você? No entanto, ele teria motivos para se aborrecer caso estabelecesse uma discussão idiota com Jeremy Hastur no nosso festival! Agora, prometa-me que não será mais tão bobo e ciumento outra vez, Bard, ou eu também discutirei com você!

— Se estivéssemos realmente casados e coabitando, não teria razão para sentir ciúme, pois saberia que você me pertencia inexoravelmente. Carlina — implorou ele, segurando inesperadamente ambas as mãos da jovem e cobrindo-a de beijos -, a lei reconhece que somos marido e mulher; a lei nos permite consumir nosso casamento a qualquer momento que assim o desejarmos. Deixe-me possuí-la esta noite e saberei que é minha e disto estarei certo!

Ela não conseguiu se controlar; encolheu-se experimentando um terror mortal. Tinha conseguido um adiamento e agora ele lhe pedia isto, como o preço a ser pago para acabar com suas cenas de ciúmes. Sabia que a sua retração o estava magoando, contudo, baixou os olhos e disse:

— Não, Bard. Não tento... colher frutas numa árvore em flor, e você também deveria agir assim. Todas as coisas acontecem no momento oportuno. — Sentiu-se tola, ao pronunciar o velho dito popular. — É indecoroso me pedir uma coisa destas no dia de nosso noivado!

— Você disse que esperava vir a me amar...

— No momento oportuno — retrucou ela e notou que sua voz estava trêmula.

— Este é o momento oportuno e sabe disto! A menos que tenha conhecimento de algo que ignoro, algo planejado por seu pai para me trair e dá-la a alguém mais, prendendo-me a ele por enquanto!

Carlina engoliu em seco, sabendo que na verdade ele acreditava no que dizia, e sentiu muita pena de Bard.

Este percebeu sua hesitação, sua pena, envolveu-a com seus braços, porém Carlina recuou com tamanha aflição, que a soltou. Falou cheio de amargura:

— Então é verdade. Você não me ama realmente.

— Bard — suplicou ela -, dê-me um tempo. Prometo-lhe, quando chegar a hora, não me esquivarei. Porém não me disseram... não me falaram sobre isto, orientaram-me para aguardar um ano... talvez quando eu estiver mais velha...

— Será preciso todo um ano para que se entregue ao terrível destino de compartilhar sua cama comigo? — perguntou ele, com tanta amargura, que a jovem desejou não sentir uma relutância tão acentuada.

— Talvez, daqui a um ano, não me sentirei assim... minha mãe afirma que ainda sou muito nova para me casar, ou consumir um casamento, portanto, quando tiver idade suficiente, quem sabe...

— Isto é uma loucura — retrucou eíe com sarcasmo -; garotas mais moças do que você se casam todo dia e também vão para a cama com seus maridos. Tudo isto não passa de uma artimanha para que eu me conforme a esperar e depois também me resigne a perdê-la; contudo, se já tivéssemos deitado juntos, minha adorada, então ninguém poderia nos separar, nem seu pai, nem sua mãe... Carlina, dou-lhe minha palavra de que não é jovem demais para isto! Deixe que lhe prove! — e envolveu-a nos seus braços, beijando-a, comprimindo sua boca sob a dele; ela opôs-se sem nada falar, porém com tamanho desalento, que Bard a soltou.

E disse com amargura:

— E se eu o recusar, usará a força, como fez com Lisarda, que também ainda era muito garota para este tipo de coisas? Atirá algum encantamento sobre mim, de modo que eu não possa recusar a fazer o que quer, de forma que tenha que satisfazer a sua vontade, ainda que eu o queira ou não?

Bard inclinou a cabeça, os lábios comprimidos com amargura, transformados num traço de revolta:

— Então foi assim. Quer dizer que esta prostitutazinha foi chorar a seus pés e encheu sua cabeça com mentiras contra mim?

— Ela não mentiu, Bard, pois li os pensamentos dela.

— Não importa o que ela falou para você, ela bem que estava querendo — retrucou Bard.

— Não; e isto é que foi pior; você pressionou a vontade dela de tal forma que ela não lhe quis oferecer resistência! — retorquiu Carlina realmente aborrecida.

— Você experimentará tanto prazer nisto quanto ela — afirmou Bard muito excitado.

— E aceitaria uma coisa destas... que eu não fosse Carlina, mas apenas algum desejo seu forçado sobre o meu verdadeiro ego? Sem dúvida eu satisfaria a sua vontade e até o faria com prazer caso agisse sob coação, exatamente como Lisarda o fez! E do mesmo modo que ela, eu o odiaria em cada minuto de toda minha vida! — retrucou ela com a mesma dose de revolta.

— Acho que não — insistiu Bard. — Penso que talvez, quando se libertar desses seus receios, passaria a me amar e saberia que eu tinha feito aquilo que era melhor para nós dois!

— Não — repetiu ela, toda trêmula. — Não, Bard... eu lhe imploro... Bard, sou sua mulher. — Uma idéia repleta de perfídia dominou seus pensamentos; estava envergonhada de si mesma por tentar manipulá-lo deste jeito, porém estava apavorada e desesperada. — Teria coragem de me usar como se eu não fosse nem um pouquinho melhor do que qualquer uma de minhas criadas? Bard largou-a, chocado. Disse:

— Que todos os deuses não permitam que seja eu a lhe revelar qualquer tipo de desonra.

Carlina recuou, colocando-se rapidamente fora de seu alcance.

— Prometo-lhe, hei de lhe ser fiel. Não há razão para ter medo de me perder; contudo, todas as coisas acontecem no momento adequado. — Tocou de leve a mão de Bard e afastou-se.

O rapaz, observando-a afastar-se, pensou que ela o fizera de bobo. Não, ela estava certa; tratava-se de uma questão de honra, que ela, sua mulher, devesse se entregar a ele por sua livre vontade e sem qualquer tipo de coação. Mas, apesar disto, estava excitado, a

revolta contribuindo para o tumulto estabelecido na sua mente e no seu corpo.

Nenhuma mulher jamais se queixara de suas propostas amorosas! Como é que aquela criada infernal, Lisarda, tinha a coragem de se queixar dele? Ela não tinha se importado, a cadelinha, ele lhe dera apenas uma oportunidade para fazer o que desejava! Recordou-se dela; sim, no início ficara assustada, mas antes que ele tivesse terminado, ela tinha gemido de prazer; que direito tinha ela de mudar seu modo de pensar, e ir depois se lamentar junto a Carlina por sua virgindade perdida, como se aquilo representasse algum valor especial? Ela não era uma herdeira que devesse preservá-la por dignidade e dote!

E, agora, Carlina, deixara-o excitado e largara-o naquela situação! Revolta e ressentimento misturavam-se em seu íntimo; aquela garota pensava que ele iria aguardar a sua conveniência com toda a paciência como se ainda estivesse solteira?

Repentinamente, ele soube o que deveria fazer para se vingar de ambas de modo apropriado, daquelas duas mulheres infernais que o haviam feito de bobo! As mulheres eram todas iguais, a começar por sua mãe desconhecida que tanto tinha desejado dá-lo, desistindo da criança em favor da riqueza e posição de seu pai. E Lady Jerana, que tinha envenenado a cabeça de seu pai e conseguira que este o afastasse de casa. E esta cadelinha da Lisarda com suas lamúrias e suas histórias contadas para Carlina. E até mesmo a própria Carlina não estava livre da danação geral das mulheres!

Furioso, dirigiu-se para as galerias onde os criados mais considerados assistiam às festividades. Localizou Lisarda entre eles, uma garota esbelta com aspecto infantil, com macios cabelos castanhos, o corpo esbelto começando apenas a tomar as formas do corpo de uma mulher; Bard retesou-se com a excitação, recordando-se.

Ela havia se mostrado insensível, até inábil, e amedrontada, porém em pouco tempo abriu mão de sua relutância. Mas, ainda assim, havia tido a desfaçatez de ir se queixar com Carlina, como se tivesse se importado! Garota dos diabos, desta feita ela iria ver!

Esperou até que ela estivesse olhando na sua direção, então atraiu-lhe o olhar. Notou o estremecimento que atravessou o corpo dela e como tentou afastar o olhar, porém Bard entrou em contato com sua mente, como tinha aprendido a fazer, atingindo algo muito profundo dentro dela, sob a vontade consciente, a reação de corpo para corpo. O que lhe importava o que ela julgava desejar? Isto estava lá e também era verdadeiro, e todas as suas idéias altaneiras a respeito de sua inocência orgulhosamente mantida nada significavam diante desta realidade. Dominou-a até sentir que seus sentidos tinham sido estimulados, observou com prazer malicioso e imparcial a sua aproximação. Mantendo-se fora de vista, puxou-a para trás de uma pilastra, beijou-a com experiência, percebeu a reação dominando a ambos.

Longe, bem longe, num canto isolado da mente de Lisarda, ele pôde perceber, nos olhos dela, o pânico da sua mente consciente, agora temporariamente inativa, seu pavor e horror ao constatar que aquilo estava lhe acontecendo outra vez apesar do que ela de fato desejava, que seu corpo estava lhe correspondendo quando sua vontade era outra. Bard riu intimamente e sussurrou-lhe algo; ficou observando-a se afastar, como uma sonâmbula, esgueirando-se para cima rumo ao quarto dele, onde, ele sabia, estaria a sua espera, nua e ansiosa, quando se resolvesse a ir para lá.

Manteve-a aguardando-o por algum tempo. Isto serviria para provar a ela o que realmente queria, que o esperasse; suas lágrimas e gritos a fariam recordar que, na verdade, sempre desejara aquilo. Isto iria lhe servir como uma lição por ter ido se queixar a Carlina como se ele a tivesse maltratado, ou possuído contra a vontade!

E se, de algum modo, Carlina tomasse conhecimento daquilo, ora, a culpa também lhe cabia. Ela era a sua mulher, perante a lei e de fato, e se não reconhecera isto como uma responsabilidade, não tinha o direito de reclamar por ele procurar outra mulher.

## Capítulo Dois

O ano já ia bem adiantado, e a colheita inicial do feno mal tinha começado, quando Bard di Asturien foi procurar o Rei Ardrin na sua sala de recepção.

— Tio — disse ele, pois gozava deste privilégio, por ser o rei seu pai de criação -, iremos para a guerra antes da colheita das maçãs?

O Rei Ardrin ergueu as sobrancelhas. Ele era alto, um homem imponente, os cabelos louros claros como a maioria dos di Asturiens, e já fora vigoroso, porém, há alguns anos fora ferido no braço, tendo, em consequência, ficado com ele imobilizado. Também exibia outras cicatrizes, as marcas de um homem que fora forçado a manter seu reino às custas das armas, durante a maior parte de sua vida.

— Por que, filho de criação, esperava que isto não fosse necessário? Contudo, sabe melhor do que eu o que está acontecendo nas fronteiras, de vez que esteve por lá com os soldados, nos últimos quarenta dias; quais são as novidades?

— Não há nada de novo na fronteira, tudo por lá está tranqüilo; depois de Snow Glens não há problemas de revoltas naquela área. No entanto, ouvi este boato enquanto voltava para cá; o senhor está a par de que Dom Eiric Ridenow, o jovem, casou a irmã com o Duque de Hammerfell?

O Rei Ardrin pareceu-lhe pensativo, mas tudo que comentou foi:

— Prossiga.

— Um de meus soldados tem um cunhado que é um mercenário a serviço do duque. Ele matou um homem por infelicidade e foi mandado para o exílio por três anos; então, sentou praça em Hammerfell e já foi desobrigado do juramento feito. Meu soldado informou-me de que o cunhado, quando lá sentou praça, estabeleceu uma condição, ou seja, que nunca lutaria contra as Astúrias. Julgo interessante o fato dele ter sido desobrigado de seu

juramento agora, ao invés de sê-lo, como de hábito, em meados do inverno.

— Então acha...

— Quer me parecer que o duque de Hammerfell está consolidando seu novo parentesco com Ridenow de Serrais — respondeu Bard -, concentrando seu exército contra as Astúrias. Devíamos ter esperado por isto na primavera. Se nos atacar antes da neve do inverno, estará esperando nos encontrar despreparados. Beltran também conta com um laranzu entre seus homens, cujo dom é manter-se em contato com os pássaros-sentinela; afirmou ele, que embora não houvesse nenhum exército pela estrada, havia homens reunindo-se na cidade-mercado de Tarquil, situada não muito longe de Hammerfell. Na verdade, ali há o mercado de contratação de serviço; porém o laranzu disse que havia muito poucos homens com forcados e caçambas de leite e muitos montados a cavalo. Quer me parecer que os mercenários estão se reunindo por lá. E um comboio de bestas de carga partiu de Dalereuth Tower, e o senhor sabe tão bem quanto eu o que é feito em Dalereuth. O que pretende o Duque de Hammerfell com o clingfire, senão investir contra nós ao lado de Ridenow de Serrais?

O Rei Ardrin concordou com um lento movimento da cabeça. Perguntou:

— Tenho certeza de que tem razão. Muito bem, Bard, você que viu esta campanha sendo armada contra nós, o que faria caso o comando lhe coubesse?

Não era a primeira vez que Bard escutava esta pergunta. Nunca significara nada, exceto que seu pai de criação desejava ver se possuía um forte sentido da tática militar; gostaria de ter feito a mesma pergunta a Beltran e Geremy, caso estivessem presentes, e, então, iria procurar seus habituais conselheiros. Mas, apesar disto, Bard entregou-se o melhor que pôde ao problema.

— Avançaria contra eles já, antes que consigam reunir seus mercenários, antes mesmo de partirem de Hammerfell. Sitiaria Hammerfell, muito antes dele sequer imaginar que sabemos do que está acontecendo. Ele não espera que a guerra ocorra em seu país,

está apenas congregando mercenários para enviar como ajuda a Dom Eiric, de modo que quando Ridenow nos atacar neste verão, como estão certos que o farão, depararemos com seus exércitos desagradavelmente maiores. Porém, se atacarmos Hammerfell agora, se estabelecermos o cerco contra o duque até que ele deseje prestar juramento e enviar reféns para não se deslocar contra o senhor, poderá deixar Dom Eiric e seus conselheiros confusos. Se eu estivesse no comando, também mandaria algumas tropas para o Sul a fim de capturar e destruir o clingfire antes que possa ser usado contra nós. E como, sem dúvida alguma, ele deve estar vigiado por feiticeiras, enviaria um laranzu, ou dois, integrando esta comitiva.

— Quando estaremos em condição de nos deslocarmos contra Hammerfell? — perguntou o Rei Ardrin.

— Dentro de uns dez dias, senhor. O recrutamento dos cavalos estará então concluído e os homens estarão livres para atender à convocação para a guerra. Mas eu faria tudo de modo sigiloso, ao invés de convocar os homens através de sinais de radiofarol; talvez tenham mágicos espionando para ver os radiofaróis, de bem longe. Podemos então atacar Hammerfell dez dias depois dele tomar conhecimento que cruzamos a fronteira... se pudermos nos deslocar depressa, com um punhado de homens, poderemos destruir as pontes do Valeron e deter qualquer pessoa que avance contra nós, enviando um destacamento para sediar o castelo.

O rosto carrancudo do Rei Ardrin abriu-se num sorriso. Falou:

— Nem mesmo eu teria sido capaz de traçar melhores planos; na verdade, Bard, duvido que pudesse fazer um só que fosse tão bom quanto este. Agora tenho uma outra pergunta para lhe fazer: se eu comandar as tropas rumo ao Norte, para Hammerfell, você seria capaz de se dirigir para o Sul a fim de capturar o clingfire? Posso lhe dar alguns leroni e uns trinta e seis cavaleiros escolhidos... pode escolhê-los pessoalmente... mas não mais do que isto; será este número suficiente?

Bard não lhe respondeu logo. Depois indagou:

— Não poderia me ceder quatro dúzias deles, senhor?

— Não; precisarei destes doze cavaleiros extras para irmos até Hammerfell.

— Então terei que me arranjar com três dúzias, senhor. Pelo menos podem se deslocar com rapidez quando houver necessidade — seu coração pulsava. Jamais tinham-lhe entregue um comando independente antes.

— O Príncipe Beltran será seu superior... oficialmente — disse o Rei Ardrin -, porém os homens obedecerão a você. Compreende-me, Bard? Tenho que entregar este comando nas mãos de Beltran. Porém deixarei claro, para ele, que você é o conselheiro militar.

Bard concordou com um movimento de cabeça. Isto era simplesmente a realidade da questão; um membro da casa real deve estar no comando nominal. O Rei Ardrin era um líder bélico amadurecido; mas ele, Bard, tinha recebido uma missão difícil comandando uma força de ataque escolhida.

— Vou me retirar e escolher os meus homens, senhor.

— Um momento — exclamou o Rei Ardrin, e fez um gesto para que voltasse. — Chegará o momento em que você, como meu genro, receberá o comando. Sua coragem é bem recebida por mim, Bard; contudo, proíbo-o de se arriscar demais. Preciso de sua habilidade na estratégia bem mais do que de seu braço forte e sua coragem. Não se deixe matar, Bard. Tenho-o em mira; estou velho demais para ser meu próprio general além de alguns poucos anos mais. Você sabe o que estou tentando lhe dizer.

Bard fez uma inclinação profunda e afirmou:

— Estou a seu serviço, meu rei e senhor.

— E chegará o dia quando estarei a seu serviço, meu parente. Vá agora e escolha seus homens.

— Posso ir me despedir de Lady Carlina, meu senhor? Ardrin sorriu.

— Claro que pode.

Bard refletiu, exultante, sobre a sua boa sorte. Parecia que sua carreira estava assegurada e, talvez, se fosse bem-sucedido na sua missão, o Rei Ardrin se dispusesse a lhe conceder um outro favor, ou seja, que consumasse seu casamento com Carlina no Festival do Solstício de Inverno. Ou talvez pudesse convencê-la, pelo menos, a consumir seu casamento nesta noite tradicional de permissividade!

Evidentemente, quando ele fosse o comandante do rei e seu paladino, ela não haveria de recusá-lo!

Reconheceu para si mesmo, estava cansado de manter relações sexuais ocasionais. Era Carlina que desejava. De início, gostara dela apenas como um sinal de que o rei a tinha na mais alta consideração, como um acesso à posição e poder no reino, um poder que um neDESTRO não poderia ter dentro do âmbito do reino das Astúrias, se assim não fosse. Contudo, quando ela lhe falara com tanta delicadeza no solstício de verão, ficou logo certo de que ela era a única mulher que realmente desejava.

Sentia-se cansado das relações ocasionais. Estava cansado de Lisarda, cansado até mesmo do jogo que estabelecia com ela, fazendo o corpo dela reagir com o desejo, quando chorava e insistia que o detestava. Infeliz desmancha-prazeres, quando dera o melhor de si mesmo para dar-lhe prazer! Porém, agora, já não se importava mais. Não desejava mais ninguém a não ser Carlina.

Encontrou-a na sala de costura, supervisionando as mulheres que faziam almofadas em linho e com um aceno afastou-a dali. Mais uma vez admirou-se, sem saber por que desejava aquela garota sem graça quando havia tantas outras tão bonitas ao seu redor. Seria apenas porque ela era a filha do rei, porque fora sua companheira de brincadeiras quando ambos eram crianças? Os cabelos dela haviam sido trançados apressadamente e repuxados para trás a fim de deixar seu rosto livre, seu vestido azul avermelhado era um que ele já a havia visto usar, ao que parecia, diariamente desde que tinha dez anos; ou será que mandara fazer um igual quando o outro ficou pequeno ou surrado?

— Carlina, seus cabelos estão cheios de penas.

Ela passou a mão por eles, preocupada e deu uma gargalhada:

— Não podia deixar de ser assim, sem dúvida; algumas das mulheres estão enchendo edredons para o inverno que está para chegar e fazendo almofadas e travesseiros; tomo conta das penas enquanto as mulheres de minha mãe estão salgando e avinagrando a carne das aves para o inverno. — Ela olhou para os pedacinhos de penas presos em seus dedos. — Você se lembra, irmão de criação, daquele ano em que você, eu e Beltran nos metemos dentro das

tinhas com penas e elas saíram voando por todas as salas de costura? Experimentei um sentimento de culpa imenso, pois você e Beltran levaram uma surra enquanto fui apenas mandada para meu quarto sem jantar!

Bard riu:

— Pois nós levamos a melhor, já que eu preferia apanhar a ficar sem a refeição, e tenho certeza de que Beltran também é da mesma opinião! E durante todos estes anos achei que você é quem tinha levado a pior!

— Mas a travessura tinha sido minha; você, Beltran e Jeremy estavam sempre levando surras por diabruras que eu engendrava. Tivemos bons momentos, não acha, irmão de criação?

— É verdade, tivemos sim — retrucou Bard e segurou-lhe as mãos. — Porém eu não a chamaria mais de irmã de criação, Carlina *mea*. E vim para lhe revelar boas novas!

Ela sorriu para ele.

— Do que se trata, meu prometido marido? — indagou, usando aquelas palavras com timidez.

— O rei, seu pai, entregou-me o comando das tropas — explodiu exultante. — Deverei partir, acompanhado por trinta e seis cavaleiros escolhidos a dedo, para capturar uma caravana de clingfire... Nominalmente é Beltran quem está no comando, mas você sabe e eu também, que o comando, na realidade, me pertence... e deverei escolher meus próprios homens agora e levar leroni conosco...

— Oh, Bard, que maravilha! — exclamou ela, demonstrando um falso interesse pelas notícias que ele lhe transmitia. — Sinto-me tão contente por você! Isto significa, certamente, como você esperava, sei disto, que de porta-estandarte será elevado à condição de um de seus capitães e, talvez um dia, deva liderar todos os seus exércitos!

Bard respondeu, tentando não revelar orgulho em demasia:

— Sem dúvida alguma ainda faltam muitos anos para que isto aconteça. Porém isto demonstra que seu pai continua a pensar bem a meu respeito; e pensei, Carlina *mea*, caso esta missão seja

frutífera, que talvez ele antecipe nosso casamento em meio ano e com isto poderemos nos casar no solstício do verão...

Carlina procurou controlar a perturbação involuntária que a dominou. Ela e Bard deveriam se casar; era esta a vontade de seu pai, que era lei nas terras das Astúrias. Gostava de fato de Bard, desejava-lhe tudo de bom; não havia nenhuma razão para que fossem inimigos. Afinal de contas, não havia muita diferença entre o solstício do inverno e o do verão. Contudo, procurava se convencer disto, ainda continuava inutilmente relutante.

Porém, o prazer de Bard por aquela idéia era tão grande que ela não podia desapontá-lo. Temporizou:

— Isto deve acontecer segundo os desejos de meu pai e senhor, Bard.

Bard interpretou aquele comentário apenas como uma timidez feminina e adequada. Aumentou a pressão de seus dedos sobre a mão dela e disse:

— Poderá me dar um beijo de despedida, minha prometida mulher?

Como poderia lhe negar isto? Permitiu que ele a puxasse para mais perto de si, sentiu os lábios dele, decididos e insistentes sobre os seus, deixando-a sem ar. Ele nunca a havia beijado antes, a não ser aquele beijo fraternal e respeitoso que tinham trocado diante das testemunhas no dia do noivado. Este era diferente e, de algum modo, assustador, quando percebeu que ele tentava abrir os lábios dela com sua boca; ela não lutou, submetendo-se, amedrontada e passiva, àquele toque e, de alguma forma, isto era para Bard mais excitante do que poderia ter sido a mais violenta das paixões.

Quando se separaram, ele disse em voz baixa, um pouco receoso de sua própria emoção:

— Amo-a, Carlina.

A jovem, mais uma vez, ficou sensibilizada diante do tom da voz dele, experimentando uma ternura sem par. Tocou com os dedos a face dele e comentou com delicadeza:

— Sei disto, meu prometido marido.

Quando ele se retirou, ela ficou com os olhos presos à porta fechada, suas emoções num torvelinho. Todo o seu coração desejava

ardentemente o silêncio e a paz da Ilha do Silêncio; contudo, parecia que isto nunca iria acontecer, ela deve ir, deve anular seu próprio ego, ser a mulher de seu primo, de seu irmão de criação, seu prometido marido, Bard di Asturien. Talvez, ponderou, talvez não seja tão ruim assim, quando éramos pequeninos gostávamos muito um do outro.

— Ah, Carlina — chamou-a uma das mulheres -, o que devo fazer com este pedaço de tecido? Os fios estão todos repuxados na extremidade e há um pedaço com defeito aqui...

Carlina aproximou-se e inclinou-se sobre a fazenda.

— Terá que acertá-lo da melhor maneira possível; e se depois não tiver largura suficiente para fazer um lençol, deverá guardá-lo para ser aproveitado em forro de almofadas, que pode ser trabalhado em lã por cima, com desenhos bem coloridos e bordados para esconder o defeito do tear...

— Ora, lady — zombou uma das jovens -, como pode pensar nestas coisas, quando acaba de receber aqui a visita de seu amante...?

Ela adotou uma inflexão que transformava a palavra sutilmente de prometido marido para amante, e Carlina enrubesceu, sentindo o calor apoderar-se de suas maçãs do rosto. Porém, tudo o que disse, forçando a voz soar calma e indiferente, foi:

— Muito bem, Catriona, pensei que a tivessem mandado para cá a fim de aprender a tecer e bordar, além de todas as outras artes femininas que as damas da rainha devem conhecer, porém estou percebendo que também está precisando receber ensinamentos relacionados com a casta, para que saiba dizer com a delicadeza adequada prometido marido; se o disser desta maneira entre as outras damas da rainha, irão zombar de você por se revelar tão ignorante.

## Capítulo Três

Bard partiu a cavalo, antes do nascer do sol, no dia seguinte. Era tão cedo ainda, que o céu oriental nem tinha começado a resplandecer com a madrugada avermelhada; todas as quatro luas estavam no céu, se bem que apenas uma já perto da lua cheia; três pequenos crescentes e o claro disco de Mormallor flutuavam sobre as colinas distantes que se achavam por trás delas. A mente de Bard estava totalmente ocupada pela lembrança do tímido beijo de Carlina; talvez um dia ela o beijaria por sua livre e espontânea vontade, haveria de se sentir contente e orgulhosa por estar casada com o porta-estandarte do rei, o paladino do rei, talvez o general de todos os seus exércitos... Seus pensamentos eram agradáveis enquanto cavalgava à frente de seu primeiro comando, por menor que este fosse.

Por outro lado, Beltran, com uma aparência triste e enrolado numa capa enorme, estava deprimido e lento; Bard sentiu que ele estava aborrecido e se perguntava o porquê daquilo.

Beltran resmungou:

— Você me parece muito satisfeito e talvez este comando seja uma graça para você, porém para mim seria bem melhor cavalgar rumo ao Norte, para Hammerfell, ao lado de meu pai, onde ele poderia se certificar se me porto bem ou mal; e aqui estou eu, mandado para capturar uma caravana, enviado com o líder de uma quadrilha de bandidos!

Bard procurou explicar ao seu irmão de criação a importância de se certificar que o clingfire de Dalereuth jamais chegasse até Serrais, para ser usado contra os campos, as aldeias e as florestas das Astúrias; porém Beltran só percebia que não lhe fora dado o privilégio de cavalgar ao lado direito do pai, diante de seus exércitos.

— Meu único consolo é que você não ficará com o lugar que me pertence por direito — resmungou ele. — Este posto ele entregou a Jeremy... ele que vá para o inferno, que se danem todos os Hasturs!

Bard compartilhava do desagrado experimentado por Beltran, quanto a isto, e julgou tratar-se de uma boa política colocá-lo a par de seus sentimentos.

— É isto mesmo; ele me prometeu que poderia contar com Geremy à frente dos feiticeiros que nos acompanhariam, e, no último momento, informou-me não lhe ser possível deixar Geremy comigo e ofereceu-me três estranhos — e acrescentou sua revolta à de Beltran. Desviou o olhar para mais adiante, para o ponto a que se dirigiam, um pouco além dos homens que tinha escolhido; um laranzu alto, começando a encanecer, o bigode raivo escondendo a metade da parte inferior de seu rosto, e duas mulheres, uma delas atarracada demais para cavalgar, acomodada no lombo de um burro, e uma garota magricela, bem criança ainda, tão enrolada no seu manto de feiticeira, que Bard nem conseguia estabelecer se era bonita ou sem graça. Ele nada sabia sobre estas três pessoas e imaginava, muito preocupado, se elas estariam dispostas a aceitá-lo como líder da expedição. Sobretudo o laranzu; embora, como todos os de sua classe, cavalgasse desarmado, trazia apenas um punhal enfiado na cintura, uma faquinha como a que uma mulher talvez usasse; dava a impressão de que já participava de campanhas deste tipo muito antes de Bard ter nascido.

Bard perguntava com seus botões se essa também não seria a preocupação de Beltran, porém logo descobriu que o desgosto do príncipe tinha outra causa, totalmente diversa.

— Geremy e eu juramos um para o outro que, este ano, cavalgaríamos lado a lado rumo ao combate e, agora, preferiu ficar ao lado do rei...

— Irmão de criação, um soldado só ouve a voz de seu comandante, e seus desejos pessoais devem se subordinar a isto — falou Bard muito sério.

O tom da voz do Príncipe Beltran soava petulante:

— Tenho certeza, se ele tivesse revelado isto a meu pai, este teria honrado nossa promessa e permitido a Geremy participar desta expedição. Afinal, trata-se tão-somente de uma questão tola de perseguir caravanas, não tão mais importante do que partir para capturar bandidos que fazem incursões na fronteira.

Bard, carrancudo, entendeu subitamente por que o rei informara-lhe, com decisão, que era ele, e não o Príncipe Beltran, quem estava de fato no comando desta expedição; estava suficientemente claro que o príncipe não tinha a mínima noção da importância estratégica das caravanas de clingfire!

Se o Príncipe Beltran não tem um sentido militar, não é de causar espanto que meu senhor, o rei, esteja ansioso para, finalmente, me preparar para o comando; de modo que, se não pode deixar seus exércitos nas mãos do filho, poderá entregá-los ao seu genro... Se não conta com um filho com capacidade para ser o general de todos os seus exércitos, casará a filha com seu próprio general ao invés de casá-la com um rival de além-fronteiras...

Bard procurou fazer o Príncipe Beltran entender a importância de sua missão, mas ele estava mal-humorado e, finalmente, disse:

— Posso compreender que você deseje dar-lhe tanto mérito, Bard, porque o faz sentir-se mais importante.

Diante disto, Bard encolheu os ombros e desistiu.

No meio da tarde, já estavam bem próximos à fronteira sul das Astúrias; e durante a parada feita para descansar os cavalos, Bard cavalgou para onde se achavam os feiticeiros, que tinham parado um pouco mais distante dos outros. Isto era comum; a maioria dos soldados (e Bard não era uma exceção) desconfiava dos leroni.

Pensou que o Rei Ardrin devia ter considerado aquela missão muito importante, pois, caso contrário, muito dificilmente teria mandado um homem com tamanha experiência em campanha, mas teria lhes entregue o jovem e inexperiente Geremy, ao menos para satisfazer seu filho e o filho de criação. Contudo, Bard notou que ele mesmo compartilhava do desejo do príncipe, que teria preferido contar com a presença de Geremy ao lado deles, pois o conheciam muito bem, do que com aquele estranho. Não sabia como conversar com um laranzu. Geremy, ao completar 12 anos, tivera lições separadas dos outros, aulas não de combate com espada, luta desarmada, briga de punhal como todo o resto dos filhos de criação do rei, mas lições de profundos e secretos conhecimentos sobre as pedras da estrela, os cristais azuis dos magos que davam aos leroni seus poderes. Geremy tinha compartilhado de suas lições de táticas

militares e estratégia, de equitação e caçada, participara com eles das almenaras e cavalgara em perseguição aos bandidos, porém estava claro, mesmo naquele tempo, que ele não estava destinado a ser um soldado. Quando deixou de usar a espada, trocando-a pelo punhal de feiticeiro, afirmando que não precisava de nenhuma arma, a não ser da pedra da estrela ao redor do pescoço, um grande abismo se abriu entre eles.

E agora, enquanto fitava o laranzu que o rei tinha mandado acompanhá-los, ele experimentou algo semelhante ao mesmo abismo.

Todavia, o homem dava impressão de ser bastante calejado e de estar apto para participar de campanhas, cavalgava como um cavaleiro e tinha, até mesmo, um jeito marcial de manobrar seu cavalo. Suas feições eram descarnadas, parecidas com um falcão, os olhos vivos e descolóridos, com uma tonalidade cinzenta semelhante ao aço temperado.

— Sou Bard di Asturien — apresentou-se ele. — Não sei como se chama, senhor.

— Gareth MacAran, a ves ordras, vai dom... — disse o homem, fazendo uma rápida saudação.

— Mestre Gareth, o que lhe contaram a respeito desta expedição?

— Apenas que estava sob suas ordens, senhor.

Bard possuía suficiente laran para se aperceber da ênfase colocada discreta e quase que imperceptivelmente na palavra suas. Intimamente experimentou uma satisfação precisa. Isto significava, portanto, que ele não era o único a acreditar que Beltran não apresentava o mínimo jeito para as questões militares.

— O senhor tem um pássaro-sentinela?

Mestre Gareth esticou o dedo. Falou, com delicadeza, porém com um tom preciso de recriminação:

— Já participava de campanhas antes mesmo da sua concepção, senhor. Se me disser qual a informação que deseja...

Bard notou a mordacidade da reprovação. Disse com rigor:

— Sou jovem, senhor, porém com experiência de campanha. Passei a maior parte de minha vida com uma espada nas mãos e

não estou habituado com a cortesia adequada para se lidar com a feiticeira. Preciso saber se a caravana do clingfire ruma para o Sul, para que possamos pegá-los de surpresa, sem dar-lhes tempo para destruírem sua carga.

Mestre Gareth cerrou os lábios. Falou:

— Clingfire, foi o que disse? Ficaria muito feliz ao ver toda esta coisa atirada ao mar. Pelo menos não servirá para fazer o sítio contra as Astúrias este ano. Melora! — chamou e a mais velha das leroni aproximou-se dele. Bard julgara, por seu corpo volumoso, que ela fosse mais velha; agora reparava que era jovem, corpulenta, o rosto redondo como uma lua cheia, com olhos claros e de cor indefinida. Seus cabelos, lustrosos e vermelho-fogo, estavam enrolados num coque malfeito.

— Traga-me o pássaro...

Bard observava com assombro, um assombro que não era novo para ele, mas que nunca falhava, enquanto a mulher, habilmente, tirou o capuz do pássaro grande que cavalgava empoleirado num madeiro colocado sobre a sela do seu cavalo. Já tivera oportunidade de lidar com pássaros-sentinela antes; se comparados a eles, mesmo os falcões mais ferozes durante as caçadas eram tão mansos quanto um passarinho mantido numa gaiola. O pescoço comprido e parecido com uma serpente girou e o pássaro berrou na direção de Bard; soltou um grito desabrido e agudo, porém, quando Melora afagou-lhe as penas, ele se tranqüilizou, soltando um chilreio quase lamentoso, ansioso para ser acariciado. Gareth pegou o pássaro, enquanto Bard se encolhia intimamente diante da proximidade daquelas presas, violentas e imensas, de seus olhos; porém Mestre Gareth segurava-o como Carlina teria lidado com um de seus passarinhos canoros.

— Isto, meu lindo... — disse ele, afagando o pássaro com carinho. — Vá e veja o que eles estão fazendo...

Lançou o pássaro para o ar; este alçou vôo com suas asas imensas e fortes, revolteando mais à frente e desaparecendo em meio às nuvens. Melora inclinou-se sobre a sela, os olhos vagos e cerrados, e Gareth disse baixinho:

— Senhor, não há necessidade de que permaneça aqui. Ficarei em contato com ela e verei tudo aquilo que ela vir através dos olhos do pássaro. Quando recommençarmos a cavalgada, irei ter com o senhor e então farei um relatório.

— Quanto tempo levará isto?

— Como poderia saber, senhor?

Mais uma vez, Bard percebeu uma recriminação por parte do velho veterano de campanhas. Fora por isto, perguntou com seus botões, que o Rei Ardrin entregara-lhe aquele comando, para lhe revelar todas as pequenas coisas que ele deveria saber, além de combater... inclusive a cortesia que se deveria ter para com um laranzu experiente? Muito bem, ele aprenderia.

Mestre Gareth avisou:

— Quando o pássaro tiver visto tudo quanto precisa ver e estiver de volta para junto de nós, então poderemos reiniciar a cavalgada. Ele nos encontrará onde quer que nos encontremos; no entanto, é impossível para Melora cavalgar e se manter em contato com seu pássaro. Haveria de cair do burro, e nem mesmo em seus melhores tempos foi uma exímia amazona.

Bard franziu as sobrancelhas, imaginando por que tinham mandado uma mulher acompanhar as tropas, uma pessoa que mal sabia se manter na sela de um burro, isto para não falar na de um cavalo!

Mestre Gareth falou:

— Porque, senhor, ela é a melhor que existe para manter contato com um pássaro-sentinela, a melhor de todas as leroni das Astúrias; esta é uma arte feminina, e nem mesmo eu sou tão experiente. Sou capaz de manter contato com os pássaros, apenas o suficiente para manuseá-los sem que me biquem até morrer, porém Melora é capaz de voar com eles, ver tudo quanto eles vêem e interpretar para mim. E agora, senhor, se me permite, não devo mais falar, tenho que acompanhar Melora.

O rosto do laranzu concentrou-se, os olhos viraram-se para dentro de sua cabeça, e Bard, olhando para os brancos de seus olhos, experimentou um tremor de susto. O homem não estava ali;

alguma parte essencial dele estava longe, com Melora e o pássaro-sentinela...

Inesperadamente, ficou satisfeito por Jeremy não tê-los acompanhado. Já era bastante ruim ver aquele estranho partir para algum reino sobrenatural onde não era capaz de o seguir; se aquilo tivesse acontecido com seu amigo e irmão de criação, teria considerado insuportável.

A terceira leronis tinha tirado seu manto cinzento para cavalgar, atirando para trás o capuz; agora podia ver que se tratava de uma jovem esbelta, com um rosto bonito e antigo, cujos cabelos flamejantes contornavam com seus cachos as maçãs do rosto; era bonita e séria. Quando percebeu os olhos de Bard concentrados nela, enrubesceu e virou-se, e algo naquela atitude tímida o fez se lembrar de Carlina, frágil, bem parecia um fantasma de sua prometida mulher.

Ela estava conduzindo o cavalo para uma fonte, lançando um olhar rápido para seus dois colegas, hipnotizados nas suas montarias. Bard desmontou e dirigiu-se para segurar a rédea do cavalo dela.

— Damisela, posso ajudá-la?

— Obrigada — entregou-lhe as rédeas. Não o fitou nos olhos; ele tentou captar-lhe o olhar, porém apenas viu a cor aumentando na face dela. Como era bonita! Ele conduziu o cavalo até o olho-d'água, ficando de pé com uma das mãos nas rédeas.

— Quando Mestre Gareth e dama Melora voltarem a si, mandarei dois de meus homens cuidarem de seus cavalos.

— Muito obrigada, senhor; eles ficarão agradecidos, pois ficam sempre extenuados depois de uma comunicação demorada com os pássaros. Não sou capaz de fazer isto de modo algum — comentou ela, num tom de voz baixo, quase um sussurro.

— Mas você é uma leronis experiente?

— Não, vai dom, apenas uma iniciante, uma aprendiz. Talvez, algum dia, venha a sê-lo. Meu dom, por enquanto, é saber para onde eles não podem mandar um pássaro — tornou a baixar os olhos e enrubesceu.

— Como se chama, damisela?

— Mirella Lindir, senhor.

O animal tinha acabado de beber água. Bard falou:

— Você tem um embornal para seu cavalo?

— Se me permite, agora não, senhor. O cavalo de uma leronis é treinado para ficar imóvel durante muito tempo... — fez um gesto na direção das duas pessoas imobilizadas, Mestre Gareth e Melora.  
— No entanto, se alimentar o meu, os outros irão se perturbar.

— Entendo. Muito bem, que seja assim — retrucou Bard, recordando-se de que deveria ir para junto de seus homens a fim de verificar o que estariam fazendo. O Príncipe Beltran poderia cuidar disto, contudo ele já havia começado a pôr em dúvida a habilidade do irmão de criação, ou até mesmo o interesse dele naquela campanha. Ora, tanto melhor; se tudo desse certo, o crédito de Bard seria muito maior.

— Não permita que eu o afaste de seus deveres, senhor — falou Mirella, muito tímida.

Bard inclinou-se para ela e afastou-se; os olhos dela, pensou ele, eram lindos, e a sua timidez era idêntica à de Carlina. Ficou imaginando se ainda seria virgem. Estava certo de que ela o olhara com interesse. Tinha prometido a si mesmo que abriria mão de suas farras, permaneceria fiel a Carlina, porém, quando em campanha, um soldado devia se aproveitar do que se lhe oferecia. Quando se reuniu aos seus homens, assoviava.

Ficou contente quando, algum tempo depois, a bonita Mirella, novamente embuçada no seu manto cinzento, modestamente, diante dos olhos dos soldados, cavalgou na sua direção e falou com timidez:

— Com sua permissão, senhor, Mestre Gareth comunicou que o pássaro já está voltando e poderemos reiniciar a cavalgada.

— Muito obrigado, damisela — agradeceu Bard e, escrupulosamente, virou-se para o Príncipe Beltran à espera de suas ordens.

— Dê a ordem de partida — ordenou Beltran com indiferença, montando a seguir. Quando todos os homens já estavam novamente a caminho, Bard, que os tinha observado passar por ele, os olhos alertas para qualquer coisa errada por parte deles, uma peça de equipamento enferrujada, um cavalo que estivesse apresentando os

primeiros sinais de estar com uma pedra presa ao casco ou ter perdido uma ferradura, cavalgou para o lado dos três leroni.

— Quais as notícias trazidas por seu pássaro-sentinela, Mestre Gareth?

O rosto marcante do velho laranzu parecia tenso e deprimido. Mastigava uma tira de carne-seca enquanto se deslocava. Melora, ao lado dele, parecia praticamente tão extenuada quanto ele, os olhos vermelhos como se tivesse estado chorando. Também estava comendo, enfiando punhados de frutas secas com mel entre os lábios lambuzados.

— A caravana encontra-se aproximadamente a dois dias de distância daqui — esclareceu Mestre Gareth, fazendo um gesto com a mão. — São quatro carroções; contei vinte e quatro homens, excluídos os condutores dos veículos. E notei, por suas roupas e cavalos, pelo tipo de suas espadas, que são mercenários de Dry-town.

Bard apertou os lábios. Pois os mercenários de Dry-town eram os soldados mais aguerridos que jamais se conhecera, e ficou imaginando quantos de seus homens já teriam combatido contra as suas estranhas espadas curvas e os punhais que eles usavam no lugar de escudos.

— Avisarei meus homens — disse ele.

Entre os homens escolhidos encontravam-se vários veteranos das guerras contra Ardcaran. Tinha sido uma boa intuição, pensou ele, ter-se inclinado a escolher homens que já haviam guerreado contra as Dry-towns. Talvez tivessem condições de aconselhar os outros a respeito de como lidar com aquele tipo de ataque e defesa.

E outra coisa. Fitou Mestre Gareth e falou ligeiramente preocupado:

— Senhor, sei que é um veterano de muitas guerras. Não espero que as mulheres saibam disto, porém ensinaram-me que não era adequado aos soldados comerem quando estão montados, a não ser nas emergências mais graves.

Percebeu o sorriso por trás dos bigodes avermelhados do velho.

— Está claro que o senhor sabe muito pouco sobre o laran, meu senhor; como ele esgota todas as forças do corpo. Consulte os seus intendentess; irão lhe dizer que receberam rações triplas para nós, e por boa razão. Alimente-me sobre a sela para ter forças e não cair ao chão, senhor, que seria muito mais deprimente do que comer enquanto cavalgo.

Por mais que Bard detestasse ser recriminado, aproveitou aquela lição, como fazia com todos os assuntos militares. Porém, fechou o rosto para Mestre Gareth e afastou-se, despedindo-se dele com o mínimo de gentileza que lhe foi possível.

Cavalgando entre seus homens, explicou a cada um deles que iriam combater, quando chegasse o momento de capturar a caravana, contra mercenários de Dry-town; e, durante algum tempo, ouviu as reminiscências de um veterano mais velho que tinha participado de guerras ao lado de seu pai, Dom Rafael, anos antes do nascimento dele.

— Existe um processo para se combater os homens de Dry-town; não se pode deixar de observar ambas as mãos, pois eles são tão experientes com aqueles punhaizinhos infernais que usam, quanto o somos com uma espada reta, e quando imobilizam a sua espada, aproximam-se da gente com a outra mão e enfiam o punhal nas nossas costelas; são treinados para combaterem com as duas mãos.

— Certifique-se de aconselhar os homens quanto a isto, Larion — disse e afastou-se, mergulhado em seus pensamentos. Que honra não haveria de ser para ele, se conseguisse capturar o clingfire intacto e levá-lo de volta para o Rei Ardrin! Como a maioria dos soldados, detestava o clingfire, julgando-o uma arma de covardes, embora conhecesse a importância estratégica que deveria ter ao incendiar um objetivo inimigo. Pelo menos, podia ter certeza de que não seria arremessado contra as torres das Astúrias! Ou usado para incendiar seus bosques!

Montaram seu acampamento, naquela noite, junto à fronteira das Astúrias, numa pequena aldeia situada nas proximidades das planícies de Valeron, uma terra de ninguém que não mantinha aliança com nenhum rei, e os aldeões reuniram-se, carrancudos, em

volta dos homens de Bard como se pretendessem lhes negar que acampassem ali. Então, olhando para os três leroni com seus mantos cinzentos, assumiram um aspecto ameaçador e retiraram-se.

— Estas terras — comentou Bard com Beltran, enquanto desmontavam — deveriam estar sujeitas a algum senhor; é perigoso tê-los aqui, prontos a darem abrigo a proscritos, bandidos e, quem sabe, oferecerem-se para algum descontente que poderia aqui se estabelecer como um rei ou barão.

Beltran passeou o olhar com desdém por aqueles campos improdutivos onde só se viam grãos de baixa qualidade, os pomares com árvores esparsas de castanhas de má qualidade, algumas com tão poucas folhas, que os fazendeiros restringiram-se a cultivar cogumelos nelas.

— Quem se importaria com isto aqui? Não podem pagar imposto algum. Na verdade, quem se desse ao trabalho de conquistar pessoas como estas deveria ser um senhor muito pobre! Que honra poderia uma águia conquistar combatendo um exército de coelhos?

— A questão não é esta — retrucou Bard. — O problema é que algum inimigo das Astúrias poderia vir até aqui e colocar os aldeões contra nós, de modo que teríamos inimigos na nossa própria fronteira. Conversarei com meu senhor, o rei, a respeito disto, e talvez me envie até aqui na próxima primavera, para me certificar de que se não pagam nenhum imposto para as Astúrias, pelo menos não pagarão nada, também, para Ridenow ou Serrais! Deseja falar com os homens e certificar-se de que tudo está correndo como deve, ou deverei fazê-lo pessoalmente?

— Ah, deixe que eu mesmo o farei — murmurou Beltran bocejando. — Acho que eles devem saber que seu príncipe se preocupa com seu bem-estar. Não sei grande coisa a respeito da arte militar, porém há suficientes veteranos conosco que podem me dizer se está faltando alguma coisa.

Bard sorriu com desagrado enquanto Beltran se afastava. Talvez Beltran conhecesse muito pouca coisa de tática militar; mas sabia o bastante sobre a ciência de governar, portanto desejava conquistar o agrado e a aliança de seus homens. Um rei governava

segundo a lealdade de seus soldados. Beltran era bastante inteligente para reconhecer que era Bard quem detinha o comando militar desta campanha; dificilmente poderia ser de outro jeito. Porém não estava inclinado a dar a oportunidade para que os homens pudessem pensar que seu príncipe fosse capaz de se manter indiferente com relação ao seu bem-estar! Bard observava o Príncipe Beltran indo de homem a homem, formulando perguntas a respeito de suas montarias, suas roupas de cama e uniformes, suas cotas de ração. Os cozinheiros da tropa estavam armando fogueiras e alguma coisa estava cozinhando numa caçarola. Dela exalava um perfume maravilhoso, após um interminável dia de cavalgada, cuja refeição do meio-dia tinha sido nada mais além de um naco de pão duro e um punhado de nozes!

Vendo-se por um instante sem ocupação, dirigiu-se para o lugar, um pouco afastado, onde os leroni tinham acampado. A recordação dos olhos da linda Mirella agia como um ímã; não devia ter muito mais que quinze anos.

Encontrou-a fazendo uma fogueira. Uma tenda fora erguida e, através do tecido, podia ver as formas corpulentas da leronis Melora deslocando-se lá dentro. Ajoelhou-se ao lado de Mirella e perguntou:

— Permite que lhe empreste o meu fogo, damisela? — estendeu o isqueiro alimentado com óleo, que era bem mais simples de ser usado do que a caixa com rastilho comumente usada.

Ela não desviou os olhos para ele. Bard notou seu enrubescimento, que achava tão adorável, inundando todo o seu pescoço pálido.

— Agradeço-lhe, meu senhor, porém não preciso dele. — E, realmente, quando ela olhou para a pilha de toras, a mão pousada sobre o saquinho de seda em volta do pescoço onde, imaginava ele, ela guardava a pedra da estrela, a madeira de repente incendiou-se, formando labaredas imensas.

Ele pousou a mão de leve no seu pulso e sussurrou:

— Se se dignasse apenas a olhar em meus olhos, damisela, também eu irromperia em chamas.

Ela se virou um pouco para ele e, embora não tivesse erguido os olhos, ele viu a curva de um pequeno sorriso nos cantos de sua

boca. De repente, uma sombra projetou-se sobre eles.

— Mirella — disse Mestre Gareth com decisão -, entre na tenda e ajude Melora a fazer a sua cama.

Enrubescendo, Mirella ergueu-se rápida e correu para dentro da tenda. Bard também se levantou, furioso, encarando o feiticeiro mais velho.

— Com todo o respeito que lhe é devido, aconselho-o, vai dom, faça as suas farras noutra lugar. Aquela ali não é para o senhor.

— O que há com você, velho? Ela é sua filha? Ou, talvez, seu antigo amor, ou prometida noiva? — indagou Bard, revoltado. — Ou terá conquistado a lealdade dela com seus encantos?

Mestre Gareth sacudiu a cabeça, sorrindo:

— Não é nada disto, porém, em campanha, sou responsável pelas mulheres que me acompanham, e elas não devem ser tocadas.

— A não ser, talvez, pelo senhor?

Novamente, um sacudir silencioso de cabeça e um sorriso:

— O senhor nada sabe a respeito do mundo em que vive uma leronis, meu senhor. Melora é minha filha; não permitirei que seja tocada por amores eventuais, a não ser que ela assim o deseje. Quanto a Mirella, deve se manter virgem para a Visão, e há uma maldição contra qualquer um que viesse a possuí-la, a menos que ela se entregue voluntariamente. Estou aconselhando-o, evite-a.

Ofendido, com o rosto em brasa, sentindo-se como um garoto de escola que levou um pito, Bard baixou a cabeça e murmurou:

— Não sabia.

— Não, e é por isto que estou lhe dizendo — retrucou o ancião, com inteligência. — Mirella sentia-se muito intimidada para que pudesse lhe contar pessoalmente. Não está acostumada a lidar com homens que não podem ler seus pensamentos.

Bard lançou um olhar ressentido na direção da tenda. Pensou que deveria ter sido a gorda e feia Melora, a filha do velho, quem deveria ter se mantido virgem para a Visão, pois qual o homem que seria capaz de desejá-la, a menos que pudesse antes esconder o rosto dela dentro de um embornal? Por que a bonita Mirella? Mestre Gareth continuava a sorrir amistosamente, porém Bard

experimentou a sensação repentina e misteriosa de que o ancião estava, na verdade, lendo a sua mente.

— Vamos, vamos, senhor — falou Mestre Gareth com um amplo e bem-humorado sorriso -, está prometido em casamento para a Princesa Carlina. Não vale a pena para o senhor olhar para uma simples leronis. Vá para a cama sozinho esta noite, e quem sabe... sonhará com a bem-nascida mulher que o espera em casa. Afinal de contas, não pode ter todas as mulheres sobre as quais pousam seus olhos inquietos. Não mostre um temperamento tão feio assim!

Bard soltou uma maldição e virou-se para se afastar. Sabia muito bem que não devia enfurecer um laranzu, sobre o qual talvez repousasse o destino da campanha, porém a voz do ancião, como se falasse com o mais imaturo dos garotos, deixara-o furioso. O que tinha Mestre Gareth a ver com aquilo?

O criado que fazia parte da comitiva, e cuja tarefa era servir os oficiais, tinha montado um terceiro acampamento, bem pequeno, para eles, afastado dos outros. Bard foi provar a comida que fora servida aos seus homens — tinha aprendido a não comer nunca até que os cavalos e seus homens estivessem acomodados em segurança para passar a noite — e para inspecionar as estacas alinhadas para prender os animais, em seguida retornou e encontrou Beltran a sua espera.

— Você parece estar de mau humor, Bard. O que o aflige?

— O infernal velho pássaro de presa — resmungou Bard. — Receoso de que eu fosse tocar a sua preciosa e jovem leronis, quando nada mais fiz além de lhe oferecer um pouco de isca para o lume!

Beltran reprimiu o riso:

— Muito bem, isto é um elogio, Bard. Ele sabe que você tem um jeitinho todo especial com as mulheres! Sua reputação, afinal de contas, simplesmente precedeu-o, apenas isto, e ele está com medo que nenhuma jovem solteira seja capaz de resistir aos seus encantos, nem conservar a virgindade na sua presença!

A coisa analisada sob este prisma fez com que Bard recuperasse um pouco de seu amor-próprio e começasse a se sentir

menos como um garotinho de escola que fora repreendido.

— Na minha opinião — observou Beltran -, acho errado trazer mulheres em campanha, mulheres bonitas, quero dizer. Acho que todo o exército deveria contar com seguidoras de acampamento, se bem que, pessoalmente, não me agradem. Se devo ter mulheres a minha volta, prefiro o tipo que parece ter se banhado com mais frequência do que quando são surpreendidas do lado de fora no decorrer das chuvas fortes! No entanto, mulheres bonitas numa campanha são uma tentação para os lascivos e um aborrecimento para os castos cujas mentes estão presas nos combates!

Bard concordou com um movimento de cabeça, reconhecendo a integridade daquilo que Beltran dizia.

— E o que é mais, se estiverem disponíveis, os homens brigarão entre si por causa delas; e se não estiverem à mão, eles perderão a cabeça por causa delas — comentou Bard.

Beltran falou:

— Quando chegar o dia em que comandarei os exércitos de meu pai, terei de proibir que qualquer leronis acompanhe o exército; existem suficientes laranzus e, pessoalmente, considero os homens mais experientes neste tipo de habilidade; as mulheres são por demais exigentes e não têm um lugar, junto a um exército, não mais do que Carlina ou um de nossos irmãos menores! Quantos anos tem seu irmãozinho agora?

— Deve estar com uns oito anos — retrucou Bard. — Fará nove no solstício do inverno, fico imaginando se terá me esquecido. Desde que meu pai mandou-me para cá, para ser criado aqui, nunca mais voltei à sua casa.

Beltran deu umas palmadinhas amistosas no ombro de Bard. Falou:

— Ora, muito bem, sem dúvida poderá ter uma licença para ir até sua casa antes do solstício de inverno.

— Caso o combate em Hammerfell termine antes que a neve obstrua as estradas, farei isto mesmo. Minha mãe de criação não me ama, porém não me pode manter afastado de casa. Seria bom ver se Alaric ainda nutre afeição por mim. — Pensou, em seu íntimo, que talvez devesse pedir ao pai para comparecer ao seu casamento.

Não era todo aquele que gozava da proteção do rei que seria unido em casamento pessoalmente pelo Rei Ardrin!

Ficaram conversando até bem tarde e quando finalmente adormeceram, Bard sentia-se muito satisfeito. Pensou rapidamente e com pena na bonita Mirella, mas afinal de contas, o que Mestre Gareth dissera era verdade: ele tinha Carlina e, logo, logo, estariam casados. Afinal de contas, Beltran estava com a vazão. Mulheres virtuosas não tinham um lugar junto aos exércitos do rei.

Na manhã seguinte, após uma rápida conferência com Mestre Gareth e Beltran, eles rumaram na direção da passagem do Moray's Mills. Ninguém que estivesse vivo agora sabia quem poderia ter sido Moray, se bem que as histórias que corriam pelos campos faziam dele desde um gigante até um guardião do dragão; mas ainda existia um moinho em ruínas perto da vau e um pouco mais acima havia um outro moinho ainda em atividade. Um portão de portagem fechava a estrada, e quando os homens de Bard se aproximaram dele, um guarda, gordo e grisalho, apareceu e informou:

— Por ordem de Lorde de Dalereuth, esta estrada está fechada, meus senhores. Jurei que não a abriria para ninguém que não lhe pagasse impostos, ou tivesse seu salvo-conduto válido nas suas fronteiras.

— Esta agora, por todos os infernos de Zandru... — começou Bard, porém o Príncipe Beltran adiantou-se, agigantando-se sobre o homenzinho com seu avental de moleiro.

— Estou com uma vontade incontrolável de pagar uma taxa de cabeça para o Lorde de Dalereuth — exclamou ele. — Tenho certeza de que ele apreciaria a cabeça de um camarada tão insolente quanto você, Rannvil... — fez um gesto, e um dos cavaleiros desembainhou a espada. — Abra os portões, homem; não seja tolo!

O guarda-portagem, batendo os dentes, rumou para junto do mecanismo que escancarou o enorme portão. Beltran atirou algumas moedas para o homem, cheio de desdém.

— Aí está o seu imposto. Contudo, se este portão estiver fechado para nós quando de nosso retorno, acredite-me, mandarei meus homens derrubá-lo e colocar sua cabeça em cima dele para espantar os corvos!

Enquanto atravessavam, Bard ouviu os resmungos do homem, abaixou-se em seu cavalo, agarrando-o pelo ombro.

— O que quer que tenha dito, diga-o em voz alta diante de nossos rostos, seu...!

O homem levantou os olhos, as mandíbulas contraídas, furioso. Falou:

— Nada tenho a ver com as disputas de meus superiores, vai dom. Por que deveria eu sofrer porque vocês, os nobres, não conseguem manter suas fronteiras? Tudo que me importa é administrar meu moinho. No entanto, não retornarão por aqui, ou melhor, de modo algum. Nada tenho a ver com o que os espera lá na vau. Agora, se o desejarem, conquistem honra matando um homem desarmado!

Bard largou-o e endireitou o corpo. Disse:

— Matar você? Por quê? Obrigado pelo seu aviso; foi bem pago. — Ficou observando o homem dirigir-se para seu moinho, e embora tivesse sido um soldado desde os 14 anos, franziu as sobrancelhas e, de repente, ficou imaginando por que tinha que ser daquele jeito. Por que deveria cada nobre decidir criar caso para poder se sentir soberano em suas próprias terras? Isto só gerava mais trabalho para os mercenários.

Talvez, pensou ele, toda esta terra devesse se achar sob um governo único, com paz nas fronteiras, desde as Hellers até o mar... e homenzinhos insignificantes como este poderiam cultivar suas safras e fazer seus moinhos girarem em paz... e eu poderia viver nas propriedades que o rei me deu, com Carlina...

Contudo, não sentiu nenhum prazer ao pensar naquilo, agora. Convocou Mestre Gareth com urgência, levantando a mão para deter seus homens.

— Avisaram-me — disse ele — que algo nos aguarda nesta vau; porém, não estou vendo nada. Seu pássaro deu-lhe algum aviso, ou as suas mulheres viram alguma coisa com seus encantos?

Mestre Gareth chamou Mirella com um aceno, ela que estava toda enrolada no seu manto, e falou com ela, bem baixinho. A jovem retirou a pedra da estrela da garganta e olhou para dentro dela.

Após um momento, ela falou numa voz baixa e neutra:

— Não há nenhum homem, ou animal, na vau à nossa espera; mas há escuridão por lá e um obstáculo que talvez não tenhamos condição de vencer. Devemos avançar com muito cuidado, parente.

Mestre Gareth levantou os olhos e encontrou os de Bard. Explicou:

— Ela tem a Visão; se há uma escuridão na qual ela não consegue penetrar, devemos, realmente, avançar com o maior cuidado, senhor.

Contudo, a vau parecia calma e tranqüila sob o sol, rumorejos superficiais revolteando com laivos avermelhados. Bard ficou carrancudo, tentando descobrir o que se achava diante deles. Não conseguia ver nada, nenhum sinal de emboscada, nenhum rebento ou galho rodopiando na extremidade oposta do vau, onde uma trilha subia em meio a árvores crescidas. Na verdade, aquele seria um ótimo lugar para se armar uma emboscada.

— Se não podemos enxergar além do vau por feitiçaria ou pela Visão — disse ele -, não pode o pássaro-sentinela passar e ver se há alguma emboscada por lá?

Mestre Gareth anuiu:

— Para se certificar. O pássaro nada mais é além de um animal e nada tem a ver com feitiçaria ou a mágica de uma mente treinada para tanto. A única mágica com relação ao pássaro é a habilidade de Melora e minha para nos mantermos em contato com a criatura. Melora — chamou ele -, filha, deixe o pássaro-sentinela partir.

Bard ficou olhando enquanto o aterrador pássaro ergueu-se bem acima do vau, fazendo círculos. Depois de algum tempo, Mestre Gareth sacudiu-se, desperto, fez um sinal para Melora, que estendeu a mão e segurou o pássaro enquanto ele retornava fazendo círculos, aflagando suas penas e dando-lhe alguns grãos antes de enfiar-lhe o capuz de volta na cabeça. Mestre Gareth informou:

— Não há ninguém, homem ou animal, escondido além da vau; não há nenhum ser vivo por muitos quilômetros, a não ser uma menina cuidando de seu rebanho. O que quer que esteja nos aguardando aqui no vau, vai dom, não é uma emboscada com homens armados.

Bard e Beltran trocaram olhares. Finalmente, o último falou:

— Não podemos ficar o dia todo esperando por algo terrível que ninguém pode ver. Creio que devemos cavalgar rumo à vau; porém Mestre Gareth, fique aqui mesmo, pois devemos mantê-lo à espera e à mão, caso sua ajuda se faça necessária. Conheci feiticeiras capazes de incendiar florestas ou um campo que se achava no caminho de exércitos em marcha; e suponho que talvez haja algo assim além da vau. Precisamos estar atentos a isto. Bard, faça o favor de ordenar aos homens para iniciarem a cavalgada.

A pele de Bard começou a formigar. Ele já tivera este tipo de reação antes, uma ou duas vezes, na presença de um laran; ele não era dado a premonições, mas, de alguma forma, podia pressentir algo. Havia, ele sabia, um dom capaz de perceber o uso de um laran; talvez, se fosse treinado com relação ao seu uso, houvesse tido isto. Afinal de contas, talvez Ihe tivesse sido de alguma utilidade. Sempre havia pensado que Geremy, ao ser treinado como um laranzu, era menos homem, menos soldado, do que Beltran e ele mesmo. Naquele momento, observando Mestre Gareth, começou a se dar conta de que este trabalho podia ter seus próprios perigos e medos, muito embora um laranzu cavalgasse desarmado rumo ao combate. Isto, em si, deve ser bastante aterrador, pensou Bard, colocando a mão sobre a sua espada para se tranquilizar.

Virou-se para os homens e ordenou:

— Chamada por quatro! — Não podia ordenar a nenhum dos homens para que fosse o primeiro a cavalgar rumo a um terror desconhecido. Quando os soldados tinham se enfileirado, falou: — Grupo de dois, avançar! — e tomou a liderança.

Sua pele voltou a formigar à medida que avançava e seu cavalo sacudiu a cabeça em protesto quando colocou uma pata dentro da vau; porém a água estava calma, e ele ordenou:

— Cavalguem devagar, mantenham-se juntos!

Acima deles, exatamente na extremidade de sua visão, percebeu um pouco de movimento. Achou que Mestre Gareth tinha voltado a lançar mão do pássaro-sentinela... Uma rápida olhada revelou-lhe que o pássaro de Melora estava acomodado, encapuzado e tranquilo, na sela da mulher. Portanto, eles estavam sendo observados a distância. Haveria algum tipo de defesa contra isto?

Naquele instante, encontravam-se bem no meio da vau, a água revolteava ao redor dos jarretes dos cavalos; sua profundidade alcançava os quadris de um homem alto. Um dos soldados disse:

— Não há nada aqui, senhor. Podemos chamar os outros para se juntarem a nós.

Bard sacudiu a cabeça. Intimamente, sentia aquele formigamento, que o advertia contra o perigo, crescente, de modo que cerrou os dentes, imaginando se não iria vomitar seu café como uma mulher grávida...

Ouviu Mestre Gareth gritando, e virou seu cavalo no meio da torrente.

— Recuem — gritou. — Recuem...

A água aumentava de volume, alcançando a cernelha de seu cavalo, e, inesperadamente, a tranqüila vau passara a ser uma torrente enfurecida e espumante, um recuo de ondas rápidas, puxando. Sentiu o cavalo tropeçar sob ele como se estivesse cavalgando num rio de montanha repentinamente com as águas avolumadas por degelo transformando-se em corredeiras violentas. Águas enfeitiçadas! Puxando as rédeas com força, tentou acalmar o cavalo, que relinchava e afundava nas águas, conseguiu mantê-lo parado, correndo a ameaça de ser arrastado correnteza abaixo. Ao seu redor cada um dos homens do grupo lutava com os cavalos enlouquecidos pelo medo das águas calmas que subitamente tinham se enfurecido. Praguejando, lutando com o cavalo apavorado, Bard conseguiu dominá-lo, forçou-o a recuar até a beira da água. Viu um de seus homens escorregar para fora da sela, cair dentro da torrente. Um outro cavalo tropeçou, Bard esticou-se e agarrou as rédeas, tentando controlar sua montaria com apenas uma das mãos.

— Dominem-nos! Em nome de todos os deuses, dominem-nos! Voltem para a margem! Mantenham-se juntos!

A surpresa foi o pior; seu cavalo estava habituado às corretezas e vaus das montanhas. Se tivesse sabido daquilo antes, talvez tivesse conseguido controlá-lo contra isso. Firmando-se com os joelhos, estimulando-o a atravessar as águas que agora lhe chegavam ao pescoço, conseguiu conduzi-lo de volta a terra seca, ficou agarrando as rédeas dos outros à medida que safam da

torrente. Um dos cavalos estava caído com uma das patas fraturada; ele jazia no solo, esperneando, gritando como uma mulher ao sabor da correnteza, até que se afogou. O pobre animal nunca fizera mal a nenhum ser vivo e tivera uma morte horrível. Não havia qualquer sinal do cavaleiro. Um outro cavalo também caíra, porém seu cavaleiro, pulando da sela para dentro da água, conseguira levantá-lo, mancando, e arrastara-o para a margem; ele mesmo despencou e debatia-se, meio afogado, até que um dos homens, deslizando pela margem, agarrou-o e puxou-o para fora.

Bard viu o último homem sair da água; depois gritou de pasmo e assombro. Novamente, as águas deslizavam tranqüilas e rasas diante deles, a pacífica e normal vau de Moray's Mill.

Então fora isto que o homenzinho quisera revelar...

Fizeram, com tristeza, o balanço de suas perdas. O cavalo que tinha quebrado a perna jazia imóvel agora, morto; e não havia qualquer sinal de seu cavaleiro em nenhum lugar. Ou ele estava submerso sob as águas da vau ou tinha sido arrastado pela correnteza e seu corpo só ia aparecer mais adiante, rio abaixo. Outro homem conseguira se salvar, porém seu cavalo estava manco e inutilizado; um terceiro cavalo atirara seu cavaleiro no chão e conseguira alcançar a margem, porém o homem jazia sem sentidos, o corpo boiando de um lado para o outro na beira d'água. Bard mandou que um de seus homens o puxasse para a terra firme; passou os dedos rapidamente pelo ferimento de seu crânio. Pelo visto nunca mais despertaria.

Bard agradeceu aquele aviso premonitório que o tinha feito mandar apenas a quarta parte dos homens para dentro do rio. Nesta proporção teriam perdido uns seis homens, em vez de dois homens e cavalos, e talvez houvesse mais cavalos coxos ou feridos. Contudo, fez um sinal chamando Mestre Gareth e sua voz soou triste.

— Então é isto que se encontra na escuridão que a sua filha não soube interpretar!

O homem balançou a cabeça, suspirando:

— Sinto muito, vai dom... Somos sensíveis às forças supranormais, não somos feiticeiros, e nossos poderes não são

infinitos. Posso me aventurar a dizer em nossa defesa que sem nós seus homens teriam entrado na vau completamente desavisados?

— É verdade — reconheceu Bard -, mas o que devemos fazer agora? Se a vau está com algum encanto contra nós... será que desarmamos a armadilha, ou será que as águas tornarão a se avolumar tão logo coloquemos os pés dentro delas?

— Não posso esclarecer nada com relação a isto, meu senhor. Porém, talvez a Visão de Mirella possa nos revelar algo — falou, fazendo um sinal para que a jovem se aproximasse. Conversou com ela em voz baixa e, mais uma vez, a jovem olhou para dentro da sua pedra da estrela, dizendo afinal na sua voz vaga, neutra, em transe:

— Não consigo ver nada... há muita escuridão nas águas...

Bard praguejou, lentamente. Então, o encanto continuava ali, contra eles. Falou para Beltran:

— Acredita que poderemos atravessar a vau agora que já estamos avisados?

— Talvez — retrucou Beltran -, se os homens sabem o que devem enfrentar, são soldados escolhidos e bons cavaleiros, todos eles. No entanto, Mestre Gareth e as Ieroni não conseguirão atravessar e, com toda a certeza, aquela que monta um burro não cruzará mesmo...

— Somos Ieroni experientes, senhor — disse Mestre Gareth; enfrentamos quaisquer riscos que se ofereçam aos exércitos. E minha filha e a filha de criação vão aonde eu for. Elas não têm medo.

— Não estou duvidando da coragem delas — retrucou Bard, muito impaciente. — Estou colocando em dúvida a habilidade delas como Amazonas. Ademais, este burrico haveria de se afogar na primeira onda que surgisse. Não desejo ver nenhuma mulher morta antes da hora, porém precisaremos de vocês quando chegar o momento do combate. E antes que façamos qualquer coisa, será capaz de impedir que sejamos espionados? — e fez um gesto na direção do pássaro-sentinela que fazia círculos acima de suas cabeças.

— Faria o que posso, senhor, porém creio que nossos encantamentos são mais necessários contra as águas enfeitiçadas da

vau — retrucou Mestre Gareth.

Bard concordou, refletindo sobre o problema. Assim como um comandante aproveita ao máximo seus soldados, da mesma maneira, começava ele a saber, deve proteger a força dos leroni de seu exército e usá-los da melhor forma possível.

Será que o Rei Ardrin entregou-me este comando para que eu tivesse uma oportunidade para comandar não apenas soldados, mas feiticeiros também? Mesmo diante da premência de decisões, pensou muito excitado que isto era muito bom para seu futuro. Se... pensou ele, moderando-se rapidamente, pudesse levar esta aparentemente simples incumbência a cabo sem perder todos os seus homens na vau enfeitçada!

— Mestre Gareth, isto se encontra no âmbito de seu conhecimento especial. O que me aconselha fazer?

— Podemos tentar lançar um encanto que anule o que está nas águas, senhor. Não posso garantir... não sei o que estamos enfrentando ou quais são os poderes deles... porém, faremos o máximo que pudermos para acalmar as águas. Temos algo em nosso favor; para se intervir desta forma na natureza é necessário um poder terrível, e não poderão mantê-lo por muito tempo. A natureza sempre retoma o caminho para a normalidade; as águas buscam seu fluxo normal, e então contamos com a força natural das águas trabalhando para nós, enquanto eles devem lutar contra as forças da natureza. Portanto, o nosso encanto para anular o deles não deve ser muito difícil.

— Que todos os deuses permitam que esteja certo — disse Bard -, mas, ainda assim, advertirei meus homens para estarem preparados para se depararem com as corredeiras.

Bard cavalgou por entre seus homens, falando primeiro com um, depois com outro, avisando ao homem cujo cavalo tinha ficado manco para usar o do cavaleiro que morrera. Depois deslocou-se para perto de Beltran, dizendo:

— Cavalgue ao meu lado, irmão de criação; não desejo enfrentar meu senhor e rei se o deixar morrer nas corredeiras! Se você morresse em combate, suponho que ele suportaria a sua

perda; porém, não assumo nenhuma responsabilidade se assim não for!

Beltran soltou uma gargalhada:

— Acha que monta tão melhor assim do que eu, Bard? Pois eu não! Parece-me que está extrapolando a sua autoridade... sou eu, não você, quem comanda esta expedição! — porém falou isto sorrindo e Bard encolheu os ombros.

— Como queira, Beltran; mas em nome de Deus, cuidado com o que irá enfrentar. Meu cavalo é maior e mais pesado do que o seu, pois é preciso um cavalo bem grande para suportar um peso igual ao meu e tive que me desdobrar para não cair da sela!

Deu a volta e dirigiu-se para o lado de Mestre Gareth.

— Mestra Melora não pode atravessar a vau nesse burrico, de forma alguma; certamente que não, caso seus encantos não dêem certo. Ela é capaz de montar a cavalo?

— Sou o pai dela, não seu mentor ou senhor do destino que a aguarda; por que não pergunta diretamente à senhora? — retrucou Mestre Gareth.

Bard contraiu a mandíbula.

— Não estou acostumado a formular perguntas às mulheres quando há um homem que as dirige. Porém, se o senhor insiste... muito bem, damisela, sabe montar a cavalo? Caso saiba, seu pai levará a Mestra Mirella junto com ele no seu cavalo, de vez que ela é mais leve do que a senhora, e a senhora montará o cavalo dela, que me parece suficientemente resistente.

— Prefiro confiar nos encantos de meu pai e nos meus — retrucou Melora, decidida. — Acha que abandonarei meu pobre burrico e permitirei que se afogue?

— Oh, que inferno, que danação, mulher — explodiu Bard. — Se souber montar a cavalo, um de meus homens conduzirá o seu burro. Acredito que o animal saiba nadar!

— Melora, deve se empenhar ao máximo para montar a cavalo — pediu Mestre Gareth. — E Whitefur deve nadar por ele mesmo. Tenho certeza de que ele pode atravessar a vau melhor do que você. Mirella, minha jovem, empreste seu cavalo para Melora e suba na garupa da minha sela.

Ela se acomodou com bastante agilidade, embora os homens que estavam parados observando-a tivessem vislumbrado suas pernas compridas e bem torneadas, cobertas com meias listadas de vermelho e azul, enquanto se ajeitava por trás do velho laranzu, arrumando o corpo, passando as mãos para abaixar as saias e agarrando-se à cintura dele. Bard foi pessoalmente ajudar a gorducha e desgraciosa Melora a se içar para a sela do cavalo da outra jovem. Ela se sentava num cavalo, pensou com seus botões severamente, como um saco de ração atirado sobre uma sela.

— Sente-se um pouco mais ereta, peço-lhe, vai leronis, e segure as rédeas com mais cuidado — avisou ele, deixando escapar um suspiro. — Creio que talvez seja melhor eu cavalgar ao seu lado e guiar seu cavalo.

— Seria muita gentileza de sua parte — disse Mestre Gareth — pois todos nós precisaremos nos concentrar para podermos lançar o nosso encantamento; e também consideraria uma delicadeza se um de seus homens puder guiar o burro de Melora, pois ela ficará preocupada com ele.

Um dos veteranos explodiu na gargalhada:

— Mestra Melora, se conseguir lançar um encantamento que acalme estas águas, carregarei pessoalmente seu burrico atravessado sobre a minha sela como se fosse um bebê!

Ela riu. Gorda e sem graça como era, tinha uma voz doce e um riso adorável.

— Temo que o senhor o assustaria mais ainda do que as corredeiras, senhor. Acho que se o senhor o guiar, ele dará um jeito para nadar, acompanhando a cauda de seu cavalo.

O veterano arranjou uma corda, amarrou-a na rédea do burro, prendendo-a à sua. Bard pegou as rédeas de Melora, pensando com pesar não ser as de Mirella, tão linda; e o doce sorriso de Melora entristeceu-se. Ficou pensando, pouco à vontade, se ela poderia ler os seus pensamentos, e afastou-os de si. Aquele não era o momento apropriado para se pensar em mulheres, não com uma vau enfeitada para se atravessar e uma batalha pela frente!

— Pelo amor de todos os deuses, Mestre Gareth, lance seu encantamento para anular o que aqui está!

O corpo pesado de Melora mantinha-se imóvel sobre a sela. O aspecto de alheamento, de concentração, tomava conta do rosto de Mestre Gareth. O capuz de Mirella escorregou sobre sua face, de modo que apenas se via seu pequenino queixo. Bard observava os três leroni, sentindo o formigamento pela sua coluna, o que significava que o laran era forte ali por perto... Como poderia saber o que era?

Silenciosamente, sentindo uma relutância estranha para romper a quietude com uma palavra ou um grito, Bard fez um sinal para que os homens se deslocassem para diante. Ainda oprimido pela sensação de formigamento intenso que pairava no ar, torceu as rédeas e insistiu para que o animal marchasse. A égua remexeu a cabeça e relinchou desassossegada, recordando-se do que lhe acontecera ao pôr as patas na vau antes.

— Calma. Calma, menina — pediu ele em voz baixa, pensando. Não a culpo de forma alguma, estou me sentindo assim também... Porém ele era um ser racional, não um animal, e não cederia a medos desarrazoados e insensatos. Instada pela voz e pelas mãos, a égua entrou na vau e Bard fez sinal para que seus homens o seguissem.

Nada aconteceu... mas antes, nada tinha acontecido, até alcançarem o meio da torrente. Bard continuava a instar para que sua montaria avançasse, segurando as rédeas de Melora, um pouco de lado na sela. Atrás dele vinha Mestre Gareth, Mirella agarrada à sua cintura, e atrás dele, os homens do destacamento, com o Príncipe Beltran fechando a retaguarda.

Todos se encontravam dentro d'água agora, e Bard notou que a pele de seu rosto se retesava. Se o encanto estivesse agindo ainda, haveria de pegá-los agora, cairia em cima deles como uma torrente. Retesou-se sobre a sela, sentindo o formigamento, o formigamento, formigamento que era sua percepção pessoal de um laran em atividade, aumentando de força como se ele quase pudesse ver a explosão e o efeito recíproco entre o encantamento lançado sobre a vau e o lançado por Mestre Gareth; seu cavalo parecia ter se metido no meio de um forte emaranhado de ervas daninhas embora nada houvesse de tangível ali...

Então, inesperadamente, desapareceu; sumiu, evaporou-se, a vau deslizava silenciosa e inocente, apenas água outra vez. Bard respirou aliviado e meteu os calcanhares na barriga do animal. Os primeiros cavaleiros estavam espalhados pela margem oposta agora, e ele manteve a sua montaria lá no meio das águas, observando-os passarem e galgar o outro lado da vau.

Por enquanto, pelo menos, seus leroni tinham conseguido anular os encantos dos mágicos que trabalhavam contra eles.

O tempo se mantivera ótimo até ali, nessa campanha. Porém agora quando o dia começava a declinar, o céu ia ficando cada vez mais escuro com pesadas nuvens e, próximo ao anoitecer, a neve começou a cair, suavemente, mas com persistência; no início, eram flocos espessos, amontoados, molhados de uma vez, depois espessos, diáfanos e sólidos, caindo, caindo, caindo com uma tola insistência. Melora, de volta sobre seu burro, envolveu-se no seu manto e enrolou um cobertor na cabeça. Os soldados, um a um, pegaram echarpes, luvas de lã e pesados capuzes e cavalgavam casmurros e irritados. Bard sabia o que estavam pensando. Por tradição, a guerra era um assunto para o verão, e durante o inverno todos, a não ser um louco, ou um desesperado, ficavam acomodados junto às suas lareiras. Havia certos perigos numa campanha de inverno. Os homens poderiam dizer, e com razão, que embora tivessem jurado servir ao Rei Ardrin, isto ia além do que era habitual e direito, e cavalgar daquela maneira sob uma tempestade de neve, que poderia, com toda a facilidade, transformar-se numa nevasca em intensidade, não era costumeiro e, portanto, o rei não tinha o mínimo direito de lhes pedir tal coisa. Como poderia ele comandar a sua lealdade? Pela primeira vez, desejou não estar no comando ali, mas sim rumando para o Norte, para Hammerfell, à direita do Rei Ardrin, o porta-estandarte de seu soberano. O rei podia exigir lealdade de suas tropas, usar influência pessoal para requisitar uma lealdade além do normal. Ele podia fazer promessas aos homens e transformá-las em realidade. Bard estava dolorosamente consciente de ter apenas 17 anos; que nada mais era do que o sobrinho bastardo do rei e seu filho de criação; que havia sido promovido passando por cima de vários oficiais experientes.

Provavelmente havia homens nas fileiras, mesmo entre aqueles escolhidos que selecionara para participarem desta campanha, que deveriam estar esperando para vê-lo cair em desgraça; vê-lo cometer algum erro terrível que jamais pudesse reparar. Ter-lhe-ia o rei entregue aquele comando apenas para que extrapolasse seus poderes, para que se visse que soldado imaturo e despreparado ele era?

Apesar de seu triunfo e promoção no campo de Snow Glen, ele nada mais era além de um garoto. Seria ele capaz de levar esta missão até o fim? Não estaria o rei desejando ver o seu fracasso para poder, assim, lhe negar a mão de Carlina? O que estaria lhe esperando caso fracassasse? Seria ele destituído de seu cargo, mandado para casa desonrado?

Adiantou-se para se juntar a Mestre Gareth, que havia envolvido a parte inferior do rosto num cachênê pesado, vermelho e tricotado a mão, sob seu manto cinzento de feiticeiro. Disse com aspereza:

— Não pode fazer nada com relação a este tempo? Uma nevasca está vindo por aí, ou se trata apenas de uma pancada de neve?

— O senhor exige demais de meus poderes, senhor — retrucou o ancião. — Sou um laranzu, não um deus; não compete a mim gerir o tempo. — Um toque de humor enrugou um canto de sua face num sorriso de lado. — Acredite-me, Mestre Bard, se tivesse poderes sobre o clima, trataria de usá-los em meu favor. Estou tão enregelado, tão ofuscado pela neve quanto o senhor; meus ossos estão velhos e se ressentem muito mais sob o frio do que os seus.

Bard comentou, detestando ser forçado a confessar sua própria falta de adaptação:

— Os homens estão resmungando e estou com um pouco de receio que possa haver um motim. Uma campanha de inverno... enquanto o tempo se manteve bom, eles não se importaram. Mas agora...

Mestre Gareth anuiu em silêncio, fazendo apenas um movimento com a cabeça:

— Posso ver isto. Muito bem, tentarei ver até quando esta tempestade vai perdurar, e se sairemos dela em breve; muito embora a mágica do tempo não seja meu talento especial. Apenas um dos laranzus de sua majestade possui este dom, e Mestre Robyl rumou para o Norte, para Hammerfell, com o rei; julgou que seria mais necessário na fronteira norte com as Hellers, onde as nevascas são mais violentas. Porém, farei o melhor que me for possível — e acrescentou enquanto Bard se afastava: — Anime-se, senhor. A neve pode tornar difícil a nossa cavalgada, porém não tão dura quanto para a caravana com o clingfire; eles têm todos aqueles carros e carroças para empurrar através da neve e se ela ficar alta demais não conseguirão se deslocar de modo algum.

Bard se deu conta de que deveria ter imaginado aquilo. A neve imobilizaria os carros e as carroças da caravana, enquanto os cavaleiros leves do grupo selecionado ainda se sentiam suficientemente em forma para cavalgarem e combaterem. Além disto, se era verdade que os mercenários de Dry-town tinham sido contratados para escoltar a caravana, estavam habituados com um clima mais quente, e a neve haveria de perturbá-los. Bard deslocou-se por entre os homens, ouvindo suas reclamações e protestos e recordou-os de tudo isso. Muito embora a neve continuasse a cair, e até se tornasse mais pesada, este pensamento parecia animá-los um pouco.

Contudo, as nuvens e a neve que caía ficavam cada vez mais espessas, e depois de ter trocado uma palavra com Beltran, decidiram parar mais cedo do que pretendiam. Nada lucrariam forçando os homens descontentes a continuarem se deslocando através da mesma neve que imobilizaria a sua presa. Cavalgando através da neve, os homens sentiam-se extenuados e desalentados, e alguns deles teriam preferido comer alguma coisa fria e se embuçado imediatamente em seus cobertores, porém Bard insistiu que as fogueiras deveriam ser acesas e servida comida quente, sabendo que isto haveria de levantar o moral dos homens muito mais do que qualquer outra coisa. Com as fogueiras acesas sobre lâminas de pedra e ardendo, alimentadas com os galhos caídos das árvores de um pomar abandonado — atingido pela praga que

atacara as castanheiras alguns meses antes -, o acampamento parecia animado, e um dos homens apareceu com uma pequenina gaita de foles e começou a tocar antigas elegias tristes, mais velhas do que o mundo. As mulheres dormiram na tenda que compartilhavam, porém Mestre Gareth reuniu-se aos homens que se achavam ao redor da fogueira, e após algum tempo, embora declarasse não ser um menestrel ou poeta, concordou em lhes narrar a lenda do último dragão. Bard sentou nas sombras ao lado de Beltran, mastigando frutas secas e ouvindo a história de como o último dragão tinha sido morto por um membro da família Hastur, e como, sentindo com o laran próprio aos animais que este último companheiro estava morto, cada animal e pássaro dentro dos limites dos Cem Reinos tinha começado a gemer, a prantear a morte dele, e até as banshees (*\* Banshees: espíritos femininos cujos lamentos, segundo uma crença irlandesa, anunciam às famílias a morte de um de seus membros. (N. da T.)*) juntaram-se às lamentações pela última das serpentes sábias... e o filho do próprio Hastur, colocando-se de pé ao lado do cadáver do último dragão sobre Darkover, tinha prometido nunca mais caçar qualquer coisa viva por esporte. Quando Mestre Gareth terminou esta lenda, os homens aplaudiram e rogaram-lhe para que contasse outras, porém ele balançou a cabeça, dizendo que era um homem velho, estivera cavalgando o dia inteiro e que ia se afastar para se acomodar entre os cobertores.

Pouco depois o acampamento estava às escuras e mergulhado no silêncio: apenas o olhinho vermelho da fogueira, coberta com ramos verdes devido à necessidade do preparo do mingau escaldante de manhã, chiava e vigiava sob a sua cobertura. Ao redor de toda a fogueira, triângulos escuros marcavam o local onde os homens jaziam deitados em suas cobertas, sob os lençóis à prova d'água, esticados num ângulo tal para protegê-los da neve que ainda continuava a cair; meias tendas em miniatura armadas cada uma sobre forquilhas, com dois, três ou quatro homens sob elas, todos encolhidos uns junto aos outros dividiam os cobertores e o calor de seus corpos. Beltran estava acomodado ao lado de Bard parecendo estranhamente pequeno e infantil, porém Bard continuava acordado, os olhos presos ao fogo e nas faixas brancas e prateadas de neve

que formavam flechas claras através da luz. Em algum lugar, não muito distante dali, o inimigo jazia imobilizado, carros pesados atolados na neve, mulas de carga patinando.

Beltran, ao seu lado, falou bem baixinho:

— Gostaria que Geremy estivesse aqui conosco, irmão de criação. Bard riu quase sem fazer qualquer ruído.

— No começo, também desejei isto. Agora, já não estou tão certo assim. Talvez dois jovens imaturos no comando sejam o suficiente, e estamos muitíssimo bem por podermos contar com a experiência e a sabedoria de Mestre Gareth, enquanto Geremy, como um laranzu ainda inexperiente, cavalga ao lado de seu pai, que é habilíssimo no comando... Talvez ele tenha pensado que se nós três ficássemos juntos seria muito parecido com as caçadas que costumávamos fazer, nós três, quando ainda éramos uns meninotes...

— Lembro-me — disse Beltran — quando éramos mais jovens e saíamos cavalgando assim. Deitando-nos juntos, mirando o fogo e conversando sobre os dias quando seríamos homens, em campanha juntos, no comando, numa guerra de verdade e não nas nossas falsas batalhas contra rebanhos de chervine... Lembra-se, Bard?

Bard sorriu na escuridão:

— Recordo-me sim. Que campanhas e guerras violentas planejávamos, como subjugaríamos toda esta região rural, desde as Hellers até a costa de Carthon, e além-mar... Muito bem, daquilo que planejamos isto se tornou realidade, estamos todos três em campanha, e na guerra, exatamente como falávamos quando éramos uns garotinhos que mal sabiam qual a extremidade da espada devia ser segura...

— E agora Geremy é um laranzu viajando com o rei, e só pensa em Ginevra, e você é o porta-estandarte do rei, promovido em batalha, prometido à Carlina, e eu... — o Príncipe Beltran suspirou na escuridão. — Bem, sem dúvida, um dia saberei o que desejo de minha vida, ou se não o souber, meu pai e rei haverá de me dizer o que serei.

— Oh, você — exclamou Bard, rindo -, algum dia o trono das Astúrias será seu.

— Isto não é motivo para riso — protestou Beltran e parecia triste. — Saber que apenas assumirei o poder sobre a sepultura de meu pai e por sua morte. Amo o meu pai, Bard, e ainda assim, às vezes, penso que enlouquecerei se tiver que ficar de pé sobre o seu escabelo e esperar por alguma coisa verdadeira para fazer... Nem ao menos posso abandonar o reino e procurar aventura, como qualquer outro homem tem liberdade para fazer. Estou sentindo tanto frio, irmão de criação.

Por um momento Beltran pareceu, para Bard, não ser mais velho do que o irmãozinho que se atirou ao seu pescoço e chorou quando ele se foi para a casa do rei. Sem jeito, deu umas palmadinhas no ombro de Beltran em meio à escuridão reinante.

— Tome, puxe mais o cobertor para cima de você, não sinto tanto frio quanto você, nunca senti. Procure dormir. Talvez amanhã tenhamos um combate em nossas mãos, um combate de verdade, não uma das falsas batalhas com as quais costumávamos nos divertir tanto, e precisamos estar preparados para isto.

— Estou com medo, Bard. Estou sempre com medo. Por que você e Jeremy nunca sentem medo?

Bard soltou uma pequena gargalhada:

— O que o faz pensar que não temos medo? Não sei o que acontece com o Jeremy, porém senti tamanho medo, que estive a ponto de molhar as minhas calças como um bebê, e sem dúvida tornarei a me sentir assim novamente. O que ocorre é que não tenho tempo para falar sobre ele quando me assoma e não sinto vontade de fazê-lo quando estou livre dele. Não se preocupe, irmão de criação. Você se saiu muito bem em Snow Glen, lembro-me.

— Então, por que meu pai promoveu-o no campo de batalha, e não a mim?

Bard reclinou-se na escuridão e fixou os olhos nele. Falou:

— Esta bobagem ainda o incomoda? Beltran, meu amigo, seu pai sabe que você já tem tudo de que precisa. Você é filho dele e seu herdeiro legítimo, você viaja ao lado dele, encontra-se apenas a um passo do trono. Ele me favoreceu porque eu era seu parente, e um bastardo. Antes não podia me colocar acima de seus homens, não podia entregar-me um comando, precisava me transformar em

alguém que pudesse favorecer naturalmente, o que não lhe era possível fazer sem me revelar o quanto era grato sobretudo a mim. Promover-me nada mais foi além de afiar uma ferramenta que desejava usar, nada mais do que isto, não se tratou de uma prova de seu amor ou de uma consideração especial! Pelo gélido redemoinho do terceiro inferno de Zandru, sei disto se você o ignora! É tão tolo a este ponto, Beltran, de sentir ciúmes de mim?

— Não — replicou Beltran na escuridão. — Não, creio que não, irmão de criação.

E depois de algum tempo escutando a respiração silenciosa de Beltran em meio à escuridão, Bard adormeceu.

## Capítulo Quatro

De manhã ainda nevava, e o céu estava tão negro que o coração de Bard baqueou enquanto observava os homens indo cuidar de seus cavalos com tamanha tristeza, cozinhando um caldeirão imenso de mingau, preparando-se e arreando os animais para montarem. Ouviu protestos por parte dos homens de que o Rei Ardrin não tinha o direito de mandá-los viajar no inverno, que esta campanha era obra de seu filho de criação, que não sabia o que era conveniente e certo; quem jamais tinha escutado falar sobre uma campanha como esta com o inverno às portas?

— Vamos, rapazes — instou-os Bard. — Se os mercenários de Dry-town podem viajar num clima destes, vamos ficar de braços cruzados e deixá-los levar o clingfire para usá-lo contra nossas aldeias e famílias?

— O pessoal de Dry-town está disposto a fazer qualquer coisa — resmungou um dos homens. — Outra coisa, eles arrendarão terras para a colheita na primavera! Guerra é um negócio para o verão!

— E por acreditarem que ficaremos confortavelmente em casa, acreditam que seja seguro atacar-nos — argumentou Bard. — Querem ficar em casa e permitir que nos ataquem?

— É isto mesmo, por que não ficamos em casa e esperamos que invistam contra nós? Defender nossos lares dos ataques é outra coisa, protestou um veterano corpulento, mas sair por aí à procura de problemas é muito diferente!

Contudo, embora houvesse resmungos e protestos, não havia qualquer comportamento que levasse a se pensar em motim ou rebelião. Beltran estava pálido e calado, e Bard, recordando-se da conversa da noite anterior, se deu conta de que o jovem estava apavorado. Era fácil pensar em Beltran como mais moço do que ele mesmo, muito embora, na realidade, a diferença fosse apenas de seis meses; Bard sempre tinha sido o maior e o mais forte dos irmãos de criação, sempre o melhor no manejo da espada, no combate e na caça, sempre fora o líder inquestionável.

Portanto, arranjou um momento propício para falar com Beltran sobre seu receio de que os homens pudessem se amotinar e pediu-lhe para se misturar a eles e tentar sentir quais eram realmente suas tendências enquanto cavalgavam.

— Você é o príncipe deles e representa a vontade de seu rei. Talvez surja um momento quando se recusarão a me obedecer, no entanto não gostariam, assim me parece, de desafiar o próprio filho do rei — insinuou arditosamente, e Beltran, olhando para ele com uma zanga muda... afinal, deveria ele acatar as ordens de Bard?... concordou, finalmente, e afastou-se para cavalgar primeiro ao lado de um dos homens, depois, de um outro, fazendo perguntas, conversando com um depois do outro. Bard observava, pensando que talvez Beltran tivesse posto de lado seus temores ao executar aquela tarefa... e talvez aquele toque de preocupação pessoal por parte do príncipe tivesse aquietado a revolta dos homens.

E a neve continuou a cair. Agora, ela já chegava à altura da junta da quartela dos cavalos, e Bard começou a se preocupar seriamente sem saber se os animais suportariam aquilo, se conseguiriam prosseguir. Pediu a Mestre Gareth para enviar os pássaros-sentinela, porém recebeu a resposta já esperada de que eles não voariam com um tempo daqueles.

— Pássaros sensíveis! — murmurou Bard. — Quem me dera não precisasse deles! Ora, há alguma forma de descobrir a que distância de nós se encontra a caravana, e se a alcançaremos ainda hoje?

Mestre Gareth respondeu:

— Perguntarei a Mirella; é por isto que está conosco, para que possa usar a Visão.

Bard ficou olhando Mirella, sentada sobre seu cavalo, em meio à neve que caía, os cabelos revelando uma tonalidade cobre viva através dos grossos flocos presos às suas tranças, sentada com os olhos imóveis sobre seu cristal. A luz refletia-se, ligeiramente azul, sobre o seu rosto; a única luminosidade que se vislumbrava em qualquer ponto daquele dia sombrio, ao que parecia, era a luz azul e o escarlate de seus cabelos avermelhados. Estava toda embuçada no manto e em xales, contudo eles não conseguiam esconder a graça

de seu corpo esguio, e Bard surpreendeu-se, mais uma vez, por permitir que sua mente se deixasse levar pela beleza dela. Indubitavelmente, era a jovem mais bonita que jamais tinha visto; comparada a ela, Carlina não passava de uma garota desenxabida e pálida. Contudo, Mirella estava inteiramente fora de seu alcance, sacrossanta, uma leronis, uma virgem prometida à Visão e havia muitas lendas fantásticas que advertiam sobre o que aconteceria à virilidade de qualquer um que violasse a virgindade de uma leronis contra a sua vontade. Pensou que poderia, com seu poder, assegurar-se de que não seria contra a vontade dela, que poderia forçá-la a ir para a sua cama voluntariamente...

Mas isto transformaria Mestre Gareth num inimigo. Que inferno! Já havia bastantes mulheres solícitas no mundo, ele estava comprometido com uma princesa e, de qualquer forma, aquele não era o momento adequado para se pensar em mulheres!

Mirella suspirou e abriu os olhos, a luz azul desaparecendo de seu rosto; seu olhar fixou-se nele, tímido, sério, tão direto que Bard ficou imaginando, um pouco desconcertado, se ela não poderia ler o que estivera pensando.

Porém ela se limitou a falar, com sua voz neutra e mansa: — Não estão muito distante de nós, vai dom. Três horas de cavalgada depois daquela serra ali adiante. — Ela estendeu a mão para indicar o local da serra, porém esta estava invisível sob a neve que caía. — Eles acamparam porque a neve caiu mais forte por lá, e mais pesada, e seus carros não podem se deslocar. Estão atolados até os cubos das rodas e os animais de tração não os conseguem mover. Se continuarmos a nos deslocar no ritmo habitual, nos veremos diante deles pouco após o meio-dia.

Bard voltou para junto dos homens a fim de lhes transmitir estas notícias e encontrou-os carrancudos, e nem se mostraram contentes com as novidades.

— Isto significa que teremos que combater sobre uma grossa camada de neve acumulada no chão. E o que faremos com a caravana após a termos capturado, se seus animais de carga não estão servindo para nada? — perguntou um veterano, com amargura. — Sugiro que acampemos aqui e esperemos por um

degelo, quando nos será mais fácil rendê-los. Se estão impossibilitados de se locomover, esperarão por nós!

— Acabaríamos ficando sem provisão e forragem para os cavalos — retrucou Bard -, e ainda temos a vantagem de combater quando quisermos. Vamos, vamos para lá assim que pudermos!

Prosseguiram viagem, a neve não parando de cair. Bard viu o leronis, com seu manto cinza, franzir as sobrancelhas. Finalmente adiantou-se e perguntou a Mestre Gareth:

— Como haveremos de proteger as mulheres durante a batalha, senhor? Não podemos abrir mão de um só homem para protegê-las.

— Já lhe disse antes — replicou Mestre Gareth. Estas mulheres são leroni experientes; são capazes de cuidar de si mesmas. Melora já esteve presente durante um combate e, muito embora Mirella não tenha experiência a respeito, nada receio com relação a ela.

— Mas estes homens que combateremos estão acompanhados por mercenários de Dry-town — insistiu Bard. — E se a sua filha e filha de criação forem feitas prisioneiras... leroni ou não... serão arrastadas, acorrentadas, para serem vendidas a um bordel de Dailon.

Melora, que se encontrava perto deles sobre seu burrico, disse com toda a suavidade:

— Não receie por nós, vai dom. — Pousou a mão sobre o pequeno punhal que levava à cintura, sob o manto. — Minha irmã e eu não cairemos nas mãos do pessoal de Dry-town vivas.

O modo calmo e inquestionável com que falou fez com que um arrepio percorresse a coluna de Bard. Curiosamente, aquela observação lhe era familiar. Ele também tinha sabido que enfrentava a morte, ou coisa pior, numa batalha e tomara conhecimento disto bem cedo, e o modo tranquilo com que Melora falou o fez recordar de suas primeiras batalhas. Viu-se sorrindo para ela, um riso espontâneo, firme.

— A deusa não permitirá que se chegue a isto, damisela. Porém, ignorava que houvesse mulheres capazes de tomar decisões deste tipo, ou serem corajosas na guerra.

— Não se trata de coragem — retrucou Melora, com sua voz suave. — É apenas porque tenho muito mais medo das correntes e dos bordéis de Dry-town do que da morte. A morte, assim me ensinaram, é um portão para uma outra vida melhor do que esta; e a vida não teria encantos para mim se fosse uma prostituta acorrentada em Daillon. E meu punhal é muito afiado, de modo que poderia acabar com a minha vida com muita rapidez e sem grande sofrimento... creio que tenho mais medo da dor do que da morte.

— Ora essa! — exclamou ele, controlando sua montaria para poder acompanhar o passo do burro dela. — Creio que deveria usá-la para encorajar meus homens, Mestre Melora. Ignorava que as mulheres pudessem ter tamanha coragem. E se viu imaginando se Carlina seria capaz de falar daquela forma se se visse numa batalha. Não o sabia. Nunca tinha pensado em lhe perguntar aquilo.

Ocorreu a Bard que tinha conhecido muitas mulheres intimamente, desde que completara seus 15 anos. Mas assim mesmo, inesperadamente, parecia-lhe que, na verdade, muito pouco sabia a respeito de como eram as mulheres. Tinha conhecido seus corpos, sim, porém ignorava tudo o mais que lhes dizia respeito; nunca tinha lhe passado pela cabeça que qualquer mulher poderia ser considerada uma pessoa interessante para ele, a não ser para lhes fazer amor.

Contudo, e apesar disto, recordou-se que quando todos eles eram crianças, conversara livremente com Carlina, como o fizera com seus irmãos de criação, tinha passado muito tempo com ela; soubera quais eram suas comidas preferidas, as cores de fitas e os vestidos que mais gostava de usar, seus medos pelas corujas e pássaros noturnos, como detestava mingau de castanhas e bolo com sementes aromáticas, como detestava vestidos cor-de-rosa e sapatos com saltos muito altos, como se aborrecia por ter que ficar sentada, durante horas a fio, debruçada sobre a costura; ele a havia consolado por causa das calosidades em seus dedos quando aprendera a tocar rryl e a harpa e a ajudara com seus deveres escolares.

E, apesar disto, quando se tornara um homem, e começara a pensar nas mulheres em termos de sensualidade, tinha se afastado

de Carlina cada vez mais; não sabia em que tipo de mulher a criança tinha se transformado. Na realidade, não se importara em saber, o que agora lhe parecia bem pior, tinha pensado nela, sobretudo como sua mulher prometida. Ultimamente, tinha pensado demais em levá-la para a cama; mas não entendia o porquê, nunca lhe ocorrera conversar com ela, conversar apenas com ela, como estava fazendo com esta mulher estranha, feia e de fala macia, a Ieronis.

Isto era inquietante; não sentira nenhum interesse especial em levar esta mulher para a cama. Na verdade, só de pensar naquilo arrepiava-se, ela era tão gorda, sem graça, deselegante; ela era uma das pouquíssimas mulheres que tinha conhecido que não mexera nada, nada mesmo, com a sua virilidade. Contudo, desejava continuar conversando com ela; sentia-se mais próximo a ela, de uma forma estranha, do que se sentira em muitos anos com qualquer outra pessoa, a não ser seus irmãos de criação. Desviou o olhar para mais adiante de onde se achavam, para onde estava Mirella, silenciosa e distante, e encantadoramente linda, e, como antes, sentiu uma inesperada onda de desejo. Então, tornou a mirar a corpulenta e desgraciosa Melora, largada sobre seu burro, mais uma vez a comparação grosseira, como um saco de grãos. Por que, ficou se perguntando, a bonita Mirella não podia ter aquela voz suave, quente e amigável como esta, por que não podia cavalgar ao seu lado, olhar dentro de seus olhos com um interesse tão indulgente? Os cabelos de Melora eram quase da mesma tonalidade avermelhada dos de Mirella; e por trás de suas maçãs do rosto rechonchudas havia um ligeiro toque da mesma delicada estrutura óssea. Falou:

— A Mestra Mirella... você e ela são muito parecidas; Mirella é sua irmã ou meia-irmã?

— Não somos irmãs — explicou ela -, mas somos parentes; a mãe dela é minha irmã mais velha. Mas também tenho outra irmã que é uma Ieronis como nós... todas nós somos dotadas com laran. Você não é filho de Dom Rafael di Asturien? Pois então, minha irmã mais nova, Melisendra, é uma das damas de sua madrastra; foi servir Domna Jerana há três estações. Nunca a viu lá?

— Há muitos anos que não vou à minha casa — respondeu Bard, sem maiores explicações.

— Ah, isto é muito triste — disse ela com uma simpatia sincera, mas Bard não queria continuar a falar sobre aquele assunto.

— Está tão calma e sem revelar o menor medo, já esteve em combate alguma vez?

— Ora, já estive, encontrava-me ao lado de meu pai na batalha de Snow Glen, com os pássaros-sentinela. Vi quando entregaram a você o estandarte real.

— Não sabia que havia mulheres lá — comentou ele -, nem mesmo entre os leroni.

— Mas eu o vi — retrucou ela. — Como também eu não era a única mulher por lá. Havia um destacamento de abnegadas, a Fraternidade da Espada, e elas também lutaram com galhardia; se fossem homens, teriam conquistado as honrarias e os elogios reais, da mesma forma que aconteceu com você. Quando os homens conseguiram penetrar pelo flanco sul brandindo seus machados, elas mantiveram sua linha de defesa contra eles até que os cavaleiros, sob o comando do Capitão Syrtis, conseguiram chegar até lá para ajudá-las. Duas delas foram mortas e outra perdeu uma das mãos; contudo, mantiveram aquele flanco onde se achavam postadas.

Bard fez uma careta:

— Já ouvi falar sobre as abnegadas; não sabia que o Rei Ardrin haveria de se dignar a usá-las em combate! Já me parece suficientemente ruim que elas dividam a guarda do fogo com homens. Não me parece que o lugar de uma mulher seja no campo de batalha!

— Também sou da mesma opinião — concordou Melora. — Contudo, não creio que o lugar dos homens seja no campo de batalha, também; nem o meu pai. Ele preferiria ficar em casa, tocando alaúde e rryl e usando nossas pedras de estrela para curar as doenças e extrair os metais do subsolo. Porém, enquanto houver guerra, temos que lutar segundo os desejos de nosso senhor e rei, Mestre Bard.

Bard sorriu jovialmente e disse:

— As mulheres não compreendem estas coisas. A guerra é um assunto masculino e acho que os homens nunca se sentem mais felizes do que quando estão combatendo; porém as mulheres poderiam permanecer em casa, compor músicas e tratar de nossos ferimentos.

— Pensa realmente que a luta é um assunto para homens? — indagou Melora. — Pois bem, não penso assim e espero que surja um dia quando os homens estarão tão livres da guerra como você gostaria que acontecesse com todas as mulheres.

— Sou um soldado, damisela — retrucou Bard. — Num mundo de paz feminina não haveria nem lugar nem trabalho para mim. Porém, se ama a paz tanto assim, por que não deixa a guerra para os homens, que dela gostam?

— Porque não conheço muitos homens que realmente a apreciem — retrucou ela com ardor.

— Pois eu sim, damisela.

— Gosta de verdade? Ou será apenas porque nunca teve grandes oportunidades para qualquer outra coisa? — perguntou Melora. — Houve um tempo em que todas estas terras estavam em paz, sob os Reis Hasturs; mas agora temos uma centena de reinos insignificantes, todos lutando entre si, entra ano, sai ano, por não conseguirem concordar! Acha realmente que o mundo devia ser assim?

Bard sorriu e falou:

— O mundo será como bem entender, Mestra Melora, e não como eu ou a senhora gostaríamos que ele fosse.

— Contudo — replicou Melora -, o mundo é como os homens o fazem ser; e os homens são livres para modificá-lo, se tiverem coragem para tanto!

Ele sorriu para ela. Naquele instante ela lhe parecia realmente bonita, os olhos animados, seu rosto redondo de lua cheia ondulado como creme fresco. Percebeu que a seu próprio modo, sua presença era sensual e arrebatadora, que seu corpo pesado podia ser provocante, agradável; sem dúvida alguma ela não choramingaria como aquela boneca tola Lisarda, mas falaria com ele cheia de animação.

— Talvez o mundo fosse melhor se a senhora tivesse o mando sobre ele, Mestra Melora. Talvez seja uma lástima que as mulheres não participem das decisões que fazem o nosso mundo.

Beltran aproximou-se a cavalo. Com um pedido de desculpas, Bard afastou-se e dirigiu-se para a frente com o príncipe.

— Mestre Gareth afirma que eles estão acampados logo depois deste bosque — disse ele. — Devíamos nos deter aqui, deixar que os homens dêem descanso às suas montarias e se alimentem bem. Em seguida, como uma das moças tem a Visão, podemos estar certos da melhor maneira para atacá-los.

— Certo — concordou Bard, dando algumas ordens que fizeram os homens se reunirem num círculo junto dele, alertas para um possível ataque, o que não era impossível, de vez que os homens de Dry-town, conscientes de que se encontravam imobilizados num ponto adequado a um assalto, talvez se adiantassem e tomassem a iniciativa.

— É possível — observou Beltran -, mas não é provável. Se é possível, eles gostam ainda menos da neve do que nós. E têm que defender a caravana — desmontou, remexeu nos seus alforjes à procura de um embornal para seu cavalo. — Percebi que estava cativando uma de nossas leroni. Você realmente deve ser um mulherengo incorrigível, se consegue encontrar em seu íntimo um ponto de ânimo para dizer uma palavra a esta vaca gorda! Como ela me parece idiota!

Bard sacudiu a cabeça:

— Oh, ela é bastante atraente, ao seu próprio modo, e a voz dela é tão suave. E não importa o que se pode dizer sobre ela, nada tem de idiota, muito ao contrário!

Beltran retrucou, com uma gargalhada sardônica:

— Observando-o, começo a achar que o antigo provérbio é verdadeiro, que todas as mulheres são iguais quando a luz está apagada, pois, certamente, você bancará o galante com qualquer coisa que use uma saia! Está tão desesperado por uma companhia feminina, a ponto de ansiar por uma leronis gorda e feia?

Bard retrucou desesperado:

— Dou-lhe minha palavra de que não anseio por ela. Nada mais existe na minha mente, neste presente momento, que não seja a batalha que temos que enfrentar além desta colina e se teremos ou não que nos haver com o clingfire ou feitiçaria! Sou gentil com ela por ser a filha de Mestre Gareth, nada mais do que isto! Em nome de Deus, irmão de criação, dedique toda a sua atenção à nossa missão, e não ao meu desempenho como um mulherengo!

Seu capacete estava dependurado no arção dianteiro da sua sela. Soltou-o, apertando-o sobre a cabeça com a tira de couro, prendendo, com todo o cuidado, a trança de guerreiro para não o atrapalhar. Beltran seguiu seu exemplo com movimentos lentos. O rosto dele estava esquelético e Beltran sentiu uma simpatia momentânea, recordando-se da conversa que tiveram na véspera à noite; porém não contava com tempo para isto agora.

Cavalgou rumo à retaguarda ao longo das fileiras, verificando o equipamento de cada um dos homens, dizendo uma palavra para cada um. Seu estômago estava retesado e sentiu-se cercado, como sempre, pelo perigo.

— Aproximar-nos-emos o máximo possível do topo da colina, sem nos deixarmos ver — disse ele -, e aguardaremos até que Mestre Gareth nos dê seu sinal. Então, trataremos de investir contra eles, o mais rápido possível, e procuraremos dominá-los de surpresa.

Um dos homens resmungou:

— Se os laranzus deles estiverem todos dormindo! Bard disse:

— Caso eles disponham de pássaros-sentinela ou feitiçaria, observando-nos, talvez não os possamos pegar inteiramente de surpresa. Contudo, não poderão saber, por antecipação, quantos somos de fato, ou com que empenho combateremos! Lembrem-se, homens, eles são mercenários de Dry-town, esta guerra nada representa para eles e a neve é nossa melhor aliada contra eles, pois não estão habituados com ela.

— Nós também não estamos — protestou um homem nas fileiras. — Homens sensatos não combatem na neve!

— Preferem deixar que este clingfire atravesse a fronteira? Se eles podem transportar um clingfire no inverno, nós o podemos capturar — afirmou Bard, asperamente. — Muito bem, rapazes,

cessem já todas as conversas, podem nos ouvir e quero surpreendê-los por completo — adiantou-se na direção de Mestre Gareth, falando: — Tente descobrir quantos homens estão protegendo as carroças.

Mestre Gareth apontou para Mirella:

— Já fiz isto, senhor. Não consigo contar mais do que cinqüenta; isto sem incluir os condutores, que talvez estejam armados, mas que podem estar com as mãos ocupadas com seus animais.

Bard concordou com um movimento de cabeça. Chamou dois homens experientes, os melhores cavaleiros do grupo, e disse:

— Vocês dois, imediatamente antes de atacarmos, tomem seus escudos para se proteger e desçam a encosta rumo à cabeceira da caravana; soltem os animais e procurem debandá-los de volta na direção do séquito. Isto criará mais confusão ainda. Cavalguem com precaução; talvez os alvejem com flechas.

Eles concordaram. Homens experientes, veteranos de várias campanhas, cada qual usava o cadarço vermelho enrolado em volta da sua trança de guerreiro. Um colocou o capacete na cabeça e arreganhou os dentes, soltando o punhal que levava preso à cintura:

— Isto é melhor do que uma espada para este tipo de trabalho.

— Mestre Gareth — falou Bard -, sua parte está feita e muito bem-feita, por sinal. Pode ficar aqui com as mulheres. De qualquer forma não precisa nos acompanhar quando descermos para atacar. Se jogarem feitiços contra nós, o senhor se fará necessário para lançar os seus encantamentos contra as bruxarias deles, o que será muito ruim numa batalha, e pouco útil.

— Senhor — retrucou o laranzu -, sei qual o meu papel num combate. E o mesmo acontece com minha filha e minha filha de criação. Com todo o respeito que lhe é devido, senhor, cuide de seus guerreiros, e deixe que de minha gente trato eu.

Bard encolheu os ombros:

— Então, que seja assim, senhor. Não disporemos de tempo para cuidar de vocês quando o combate começar.

Seus olhos encontraram-se com os de Melora e sentiu-se, inesperadamente, perturbado ao pensar que ela iria desarmada,

apenas com o punhal, montada no seu burrico, envolver-se no combate pesado. Porém, o que podia ele fazer? Ela deixara bem claro que não precisaria de sua proteção, de modo algum.

Todavia, olhou para ela, perturbado, sentindo o temor crescer. Ele pulsava através dele como uma coisa viva, completa, um terror irracional. Viu a carne sendo arrancada viva de seus ossos, viu-a sendo arrastada para longe, acorrentada, bandidos de Dry-town disputando seu corpo mutilado, viu seu irmão de criação Beltran ferido e caído ao chão... Viu-se chorando de terror. Um dos homens nas fileiras berrou, um som agudo, pungente de puro pânico.

— Ah, não... vejam como sobe, o demônio...

Bard ergueu a cabeça rápido, vendo a escuridão pairando sobre eles, fechada e terrível, investindo contra eles, descendo, descendo; ouviu Mirella gritar alto... labaredas crepitavam sobre eles e ele se encolheu, afastando-se dali, sentindo o bafo destruidor do fogo...

De repente, a realidade apoderou-se dele; nada cheirava a queimado ou a chamuscado.

— Mantenham as fileiras, soldados — gritou. — É uma ilusão, um espetáculo para aterrorizar criancinhas... não é pior do que os fogos num dia de solstício de verão! Vamos, homens, isto é o melhor que podem fazer? Se pudessem incendiariam uma floresta de verdade, mas esta coisa não pode queimar ninguém; nada se incendiará na neve... vamos! — gritava, sabendo que a ação era a melhor coisa para fazer desaparecer a ilusão. — Atacar! Desçam a colina, vocês aí! — esporeou sua montaria, sentiu-a deslanchar-se num galope, alcançar o cume da colina e olhou para baixo, finalmente, para as carroças. Havia quatro delas, e viu seus homens em disparada, precipitando-se rápidos para baixo, cortar as rédeas dos animais de carga, açoita-los com seus longos chicotes. Berrando, os animais desembestaram num galope desabrido; uma das carroças desequilibrou-se e virou de rodas para cima, fazendo um barulhão. Bard berrou e prosseguiu no galope. Um homem de Dry-town, alto e esquelético, com cabelos louros e soltos, ergueu-se com uma lança muito comprida, fazendo pontaria contra seu cavalo. Bard inclinou-se e atirou-o ao chão. Com o canto dos olhos viu

Beltran alcançar no galope um dos homens de Dry-town, que tropeçou, rolou e gritou sob as patas de seu cavalo. Depois perdeu de vista o irmão de criação quando três inimigos investiram, juntos, contra ele.

Mais tarde, nunca mais conseguiu se recordar de nada com relação àquela batalha; apenas o barulho, o sangue espalhado sobre a neve, um frio sufocante, e que através de tudo isto a neve continuava a cair. Em algum momento, seu cavalo tropeçou, ele caiu e se viu combatendo a pé. Não fazia idéia de contra quantos lutara, ou se os tinha matado ou apenas colocado-os em debandada. Num determinado momento viu Beltran caído, enfrentando dois mercenários imensos e disparou através da neve, sentindo suas botas encharcando-se, desembainhando o punhal e aniquilando um dos homens; depois a batalha tornou a separá-los. Em seguida, estava de pé numa das carroças, gritando para seus homens se reagruparem ali, para defenderem as carroças. Ao redor deles havia o barulho do combate, as batidas de espadas e punhais, os gritos dos feridos e dos cavalos que morriam.

Então tudo ficou em silêncio, e Bard viu seus homens rumando com dificuldade para junto das carroças, através da neve, reunindo-se em volta delas. Viu, aliviado, que Beltran, apesar de seu rosto estar sangrando sob o capacete, permanecia de pé. Mandou um de seus homens fazer um levantamento dos mortos e feridos e foi, acompanhado por Mestre Gareth, inspecionar as carroças. Pensava como haveria de se sentir um idiota completo se aqueles barris contivessem frutas secas para a intendência do exército, em vez do clingfire que lhes tinha prometido.

Colocou os pés numa das carroças e, com cautela, destampou um dos barris. Sentiu o cheiro amargo e acre, balançando a cabeça com tristeza. Sim, era clingfire, a substância terrível que, uma vez acesa, não parava de queimar o que quer que tocasse, queimando através das roupas, carne e ossos... Não era uma substância presente normalmente na natureza; era fabricada por feitiçaria. Ele e seus homens haviam tido sorte, pois os mercenários de Dry-town tinham pensado, provavelmente, que ele não se inflamaria sobre a neve. Ou talvez não lhes tivessem comunicado o que estavam

protegendo; algumas vezes, eram usadas flechas com as pontas cobertas com o clingfire para atingir os cavalos dos soldados num campo, um recurso cruel e nada militar, pois os animais, enlouquecidos pela queimadura, ficavam furiosos e investiam às cegas contra tudo e contra todos, causando maiores prejuízos do que os incêndios.

Destacou doze homens em condições ou ligeiramente feridos, para montarem guarda às carroças, colocando-os sob as ordens de Mestre Gareth. Constatou, aliviado, que Melora estava bem, apesar de seu rosto estar todo salpicado de sangue.

— Um homem investiu contra mim — disse ela com toda a tranqüilidade -, e apunhalei-o. O sangue é dele, não meu.

Ele mandou que outros três homens arrebanhassem os cavalos desaparecidos. Dos mercenários que não haviam fugido, os mais feridos, em piores condições, eram mortos para acabar com seus padecimentos. Aqueles que permaneciam em condições de montar, ou até mesmo correr, tinham sumido.

Estava voltando para fazer um levantamento final, a fim de verificar quantos animais de carga podiam ser encontrados, pois não poderiam deslocar as carroças sem eles, quando ouviu um berro inesperado às suas costas e deparou com um mercenário alto, disparando na sua direção, portando a espada e o punhal. O homem, é claro, estivera escondido por trás das carroças. Sangrava de um ferimento grande na perna, porém aparou o golpe da espada de Bard, atacando-o sob a sua guarda com um punhal. Bard conseguiu afastá-lo, atirou a espada ao solo, agarrou seu punhal preso ao cinto. Em seguida os dois estavam envoltos num duelo mortal, lutando, inclinando-se, os punhais erguidos, tesourando a garganta de Bard. Este, com a mão livre da espada, atirou para o ar os dois punhais, agarrou o seu na queda e enfiou-o, com violência, nas costelas do homem. Ele berrou, ainda lutando, e morreu.

Tremendo todo, ainda ressentido com o choque do ataque de surpresa, Bard apanhou sua espada e colocou-a na bainha; inclinou-se para retirar seu punhal enfiado no corpo do inimigo, porém ele estava preso numa das vértebras e resistiu a todas as tentativas feitas para tirá-lo dali. Finalmente, riu desconsolado e disse:

— Enterrem-no com o punhal. Que ele o leve para os infernos de Zandru. No entanto, ficarei com o dele em troca.

Apanhou o punhal do mercenário, uma arma finamente enfeitada, com uma lâmina de metal escuro e o cabo trabalhado em cobre e pedras verdes. Olhou para a arma de modo apreciativo.

— Era um homem corajoso — comentou, e enfiou o punhal na sua bainha.

Foi necessário todo o resto do dia para arrebanhar os animais de carga, reunir as carroças e enterrar os três homens que tinham perdido. Mais sete deles estavam feridos com alguma gravidade; um destes, Bard sabia, não sobreviveria de modo algum à longa viagem de retorno às Astúrias, fato que o deixou triste. Mestre Gareth apresentava um ferimento na coxa, porém declarou que, possivelmente, estaria em condições de montar no dia seguinte.

Através de tudo isto, com um inclemente silêncio e justiça, a neve continuou a cair. O curto dia outonal transformava-se logo em noite. Os homens de Bard vasculharam as carroças em busca de melhores provisões e prepararam um banquete. Um dos animais de carga estava com a perna fraturada; um dos homens que tinha experiência como açougueiro, desossou-o de forma correta, e colocou sua carcaça para assar. Os mercenários de Dry-town também levavam uma grande quantidade de vinho, a bebida traiçoeira, profundamente doce, de Ardcaran, e Bard autorizou seus homens a beberem o quanto desejassem, pois o pássaro-sentinela e a Visão de Mirella confirmaram que não havia inimigos nas proximidades. Sentaram-se, cantaram músicas barulhentas e jactaram-se do que tinha sido feito em combate. Bard sentou-se e ficou observando-os.

Melora, de pé atrás dele e envolta no seu manto, falou:

— Fico me perguntando como eles podem ficar sentados assim, rindo e cantando, depois de um dia de sangue e morticínio, com tantos de seus amigos, e até seus inimigos, mortos por aí.

Bard respondeu:

— Ora, damisela, está com medo dos fantasmas dos mortos? Acha que os mortos perambulam por aí, ciumentos do divertimento dos vivos?

Ela balançou a cabeça sem nada comentar. Depois disse:

— Não. Porém, para mim este deveria ser um momento de luto.

— A senhora não é um soldado. Para um guerreiro, cada batalha à qual consegue sobreviver é uma ocasião para se alegrar por ainda continuar vivo. E, portanto, festejam, cantam, bebem, banqueteam-se. E se estivéssemos em marcha com um exército regular, não com uma pilhagem isolada como esta, eles haveriam de se divertir com as seguidoras do acampamento, também, ou rumariam para a cidade mais próxima à procura de mulheres.

— Pelo menos não há cidades nas proximidades para eles pilharem e violentarem as mulheres... — retrucou ela, dando de ombros.

— Por que, damisela, se os homens arriscam a vida, é o destino da guerra; por que deveriam ficar as mulheres imunes a este destino? A maioria das mulheres aceita isto com bastante tranqüilidade — afirmou ele rindo e notou que ela não afastou o olhar, nem sorriu com afetação, ou com risinhos reprimidos, como teria feito a maior parte das mulheres que conhecia, chocadas, ou fingindo estarem chocadas.

Ela se limitou a falar com toda a serenidade:

— Acho que é assim mesmo; o excitamento, o alívio de estar vivo, em vez de morto, o choque geral da batalha... não tinha pensado nisto. Contudo, não teria aceito isto com tranqüilidade se os mercenários tivessem saído vencedores. Estou muito contente por não ter sido assim; contente por ainda estar viva. — Ela já se achava bastante próxima dele, de modo que podia sentir um perfume suave que se desprendia de seus cabelos e do manto. — Estava apavorada, com medo, caso a batalha não corresse bem para nós, de que não tivesse coragem para me suicidar, mas aceitaria... a devastação, o cativeiro, o estupro... ao invés da morte... ela me pareceu horrenda enquanto estava aqui e via os homens morrendo...

Ele se virou e segurou sua mão entre as dele; ela não protestou. Falou numa voz bem baixa:

— Estou contente por ainda estar viva, Melora.

— Eu também — falou ela, baixinho.

Bard puxou-a para junto e beijou-a, sentindo, assombrado, como era suave a sensação de sentir seu corpo pesado e os seios volumosos de encontro a ele, como eram mornos seus lábios sob os dele. Pôde sentir que ela se entregava toda àquele beijo; porém ela recuou um pouco e disse com doçura:

— Não, Bard, eu lhe imploro. Aqui não, não desta maneira, não com todos estes homens a nossa volta... Não o repeliria, dou-lhe minha palavra, mas assim não; disseram-me... não é direito...

Bard largou-a com relutância. Poderia amá-la com tamanha facilidade, pensou. Não é bonita, mas é tão sensível, tão doce... e toda a excitação refreada naquele dia explodiu em seu íntimo. E, mesmo assim, ele sabia que ela estava com a razão. Onde não havia mulheres à mão para os outros homens, seria inteiramente contrário à decência e aos bons costumes se o comandante tivesse uma; Bard era um soldado e sabia que não devia contar com nenhum privilégio que não pudesse dividir com seus subordinados. A espontaneidade demonstrada por ela só servia para tornar as coisas ainda piores. Nunca tinha se sentido assim, tão próximo a qualquer mulher.

Contudo... inspirou profundamente com resignação. Disse:

— O destino da guerra, Melora. Talvez... um dia...

— Talvez — retrucou ela suavemente, estendendo-lhe a mão e fitando-o dentro dos olhos. Parecia a Bard que nunca tinha desejado outra mulher com tamanha intensidade. Perto dela, todas as mulheres que conhecera eram como que crianças, Lisarda nada mais significava do que uma menininha brincando com suas bonecas, até mesmo Carlina, infantil e imatura. E, no entanto, para sua surpresa, não tinha o menor desejo de insistir na questão. Sabia, muitíssimo bem, que poderia lhe lançar uma compulsão, de modo que iria, sem ser vista por nenhum dos homens, para a sua cama depois que todo o acampamento estivesse dormindo; e, no entanto, só o fato de pensar nisto deixou-o repleto de asco. Desejava-a exatamente como era, todo o seu eu, de livre e espontânea vontade, desejando-o. Sabia que se possuísse apenas o corpo dela, tudo aquilo que a fazia ser Melora desapareceria. Afinal de contas, o corpo dela nada mais era além daquele de uma mulher gorda e deselegante; jovem,

porém já barriguda e largada. Era algo mais que a tornava muito mais desejável para ele e, por um momento, ficou imaginando; então levantou o olhar para ela, formulando-lhe uma pergunta à queima-roupa:

— Você colocou um encanto em mim, Melora?

Ela ergueu as mãos, colocando-as em suas faces, os dedos roliços fechados em torno de suas maçãs do rosto com uma profunda ternura e olhou-o bem dentro dos olhos. Além da fogueira os homens cantavam uma canção barulhenta:

*Quatro-e-vinte leroni foram para Ardcarran,  
Quando retornaram, não puderam  
usar seu laran...*

— Oh, não, Bard — respondeu Melora, com muita delicadeza. - Apenas temos afinidades, você e eu; fomos muito sinceros um com o outro, e isto é muito raro entre um homem e uma mulher. Amo-o muito; gostaria que as coisas fossem diferentes, que estivéssemos em algum outro lugar esta noite, e não aqui. — Inclinou-se e tocou os lábios dele com os seus com muita delicadeza, não com desejo, mas com uma ternura intensa que lhe causou um prazer maior do que a mais louca das paixões. — Boa noite, meu querido amigo.

Ele apertou os dedos dela e deixou que se fosse, observando-a afastar-se, com pesar e tristeza que lhe eram desconhecidos.

*Todos os rastreadores vieram, o local  
botava gente pelo ladrão;  
Nós os observamos fazendo-o, balançando-se  
sob os raios de luz.  
Quatro-e-vinte fazendeiros, carregando sacos  
de castanhas;  
Não conseguiam desfazer os nós...*

Beltran falou às costas dele:

— Parecem estar se divertindo. Sabem alguns versos novos que jamais ouvi — riu. — Lembro-me quando nossos preceptores

nos bateram por termos copiado os versos mais indecentes, dentre os que havia no livro de Carlina.

Bard retrucou, contente por ter algo mais em que pensar:

— Recordo-me de você lhe dizendo que isto comprovava que as meninas não deviam aprender a ler.

— Porém, pouco depois, abandonei a leitura em favor das mulheres, que não têm nada mais importante para fazer — disse Beltran -, embora eu suponha que terei que assinar os documentos de estado e coisas assim. — Inclinou-se sobre Bard; seu hálito estava adocicado e exalava o cheiro de vinho. Bard percebeu que o rapaz andara bebendo, talvez um pouco além da conta. — É uma boa noite para se ficar bêbado.

— Como está o seu ferimento? Beltran soltou um risinho e disse:

— Ferido, que inferno! Meu cavalo disparou comigo colina abaixo, escorreguei da sela, bati com o rosto de encontro ao arçãõ dianteiro e consegui um sangramento nasal; por isto combati com o sangue escorrendo por meu rosto! Acho que devo ter ficado com um aspecto muito assustador! — meteu-se sob o encerado de Bard, montado com a abertura virada para a fogueira e sentou-se ali. O encerado sobre suas cabeças mantinha-os protegidos contra a neve. — Até que enfim! Parece que o tempo está começando a clarear.

— Precisamos descobrir se há alguns homens que saibam, ou tenham capacidade para conduzir carroças e animais de carga.

Beltran bocejou, um bocejo imenso:

— Agora que tudo já terminou, acho que seria capaz de dormir dez dias seguidos. Olhe, ainda é cedo, porém a maioria dos homens está tão embriagada quanto os macacos no solstício de inverno.

— O que mais você espera que eles façam, sem nenhuma mulher por aí?

Beltran deu de ombros:

— Não invejo a embriaguez deles. Entre nós dois, Bard, sinto-me tão satisfeito... Recordo-me que depois da batalha de Snow Glen, uma turma de jovens arrastou-me com eles até um prostíbulo na cidade... — fez uma careta de nojo. — Não tenho inclinação para este tipo de coisas.

— Pessoalmente, prefiro companhias voluntárias, não aprecio muito as mulheres pagas — concordou Bard -, se bem que, após uma batalha como esta, duvido muito que percebesse a diferença. — Contudo, em seu íntimo, sabia que não estava dizendo a verdade. Aquela noite ele desejava Melora, e mesmo se tivesse contado com as habilidades de todas as cortesãs de Thendara ou Carcosa, ainda assim a teria escolhido. Será que a preferiria a Carlina? Descobriu que não desejava pensar sobre isto. Carlina era a sua mulher prometida e isto era diferente.

— Não bebeu o suficiente, irmão de criação — disse-lhe e entregou a Bard uma garrafa. Bard levou-a à boca e bebeu um grande e demorado gole, satisfeito por sentir o vinho forte esboroando a dor de saber que Melora o desejava, tanto quanto ele a desejava, e que ele, surpreendendo-se a si mesmo, concordara com que ela se fosse. Será que ela tinha escarnecido dele, considerando-o como um rapaz imaturo, fácil e meigo que receava impor sua vontade a uma mulher? Estava ela se divertindo com ele? Não, ele seria capaz de apostar sua virilidade na honestidade dela...

Um dos homens estava tocando um rryl. Chamaram Mestre Gareth aos gritos para ir se juntar a eles e cantar, porém Melora saiu em silêncio de sua tenda.

— Meu pai pede que o desculpem. Está sentindo dores muito fortes no ferimento e não tem condições de cantar.

— A senhora não gostaria de ficar conosco e cantar? — Mas o tom do convite era muito respeitoso e Melora sacudiu a cabeça. — Se me permitem, levarei um copo de vinho para meu pai. Talvez isto o ajude a conciliar o sono; porém minha irmã e eu devemos cuidar dele e, portanto, não beberemos. Assim mesmo, muito obrigada de qualquer modo.

Os olhos dela procuraram por Bard no local onde ele se achava sentado no escuro, do outro lado da fogueira e ele pensou que havia uma nova tristeza neles.

— Não pensei que os ferimentos fossem sérios — comentou Bard.

— Também pensei isto — anuiu Beltran -, muito embora já tenha ouvido dizer que os mercenários de Dry-town, às vezes,

colocam venenos de um tipo ou outro nas lâminas de suas armas. Contudo, nunca ouvi comentários a respeito de que alguém tivesse morrido por isto — e tornou a escancarar a boca num bocejo enorme.

Os homens reunidos em volta da fogueira cantaram uma balada depois da outra. Finalmente, o fogo extinguiu-se e foi coberto, e os homens, em grupos de dois, três ou quatro, devido ao frio, acomodaram-se debaixo dos cobertores. Bard dirigiu-se em silêncio para a tenda dividida pelas mulheres e, agora, pelo laranza ferido.

— Como está, Mestre Gareth? — perguntou, parando junto à entrada.

— O ferimento está muito inflamado, mas ele está dormindo — sussurrou Mirella, ajoelhando-se na entrada. — Agradeço o seu interesse.

— Melora está aí?

Mirella olhou para ele, seus olhos estavam arregalados e sérios e, de repente, ficou sabendo que Melora tinha feito confidências a ela, ou teria a moça mais jovem lido a mente e os pensamentos de Melora?

— Ela está dormindo, senhor — hesitou Mirella, depois deixou que as palavras saíssem de sua boca como uma enxurrada. — Chorou até adormecer, Bard — seus olhos se encontraram, cheios de simpatia e calor. Ela tocou, de leve, na mão dele. Ele descobriu que estava falando com um nó na garganta.

— Boa noite, Mirella.

— Boa noite, meu amigo — respondeu ela mansamente, e ele se deu conta de que ela não usara aquela palavra de modo impensado. Dominado por uma estranha mistura de amargura e zelo, afastou-se, voltando para junto da fogueira que se apagava e para a escuridão da meia tenda que dividia com Beltran. Em silêncio, tirou as botas, o cinturão da espada, desamarrou a tira que prendia o punhal à sua cintura.

— Você é um bredin (\* *Bredin: irmão. (N. da T.)*.) para um bandido de Dry-town, Bard — Beltran soltou uma gargalhada na escuridão. — Isto porque vocês trocaram os punhais, um com o outro...

— Duvido muito que algum dia venha usar esta arma, pois ela é leve demais para a minha mão, porém é maravilhosamente trabalhada em cobre e pedras preciosas, e é uma verdadeira presa de guerra; portanto, pretendo usá-la em grandes ocasiões e despertar a inveja de todos — e enfiou a arma embaixo de uma dobra do encerado. — Pobre diabo, está sofrendo mais frio esta noite do que nós.

Deitaram-se, lado a lado. Os pensamentos de Bard estavam junto da mulher que tinha chorado até adormecer, do outro lado do acampamento. Ele havia bebido o suficiente apenas para amortecer a dor, mas não para fazê-la desaparecer por completo.

Beltran falou na escuridão:

— Não senti tanto medo quanto imaginei que iria sentir. Agora que tudo acabou, não me parece mais tão assustador...

— E nunca o é — disse Bard. — Depois é simples, até hilariante, e tudo que se quer é um drinque, ou uma mulher, ou ambos...

— Eu não — retrucou Beltran. — Acho que uma mulher me deixaria com asco a esta altura; preferiria beber com meus companheiros. O que têm as mulheres a ver com a guerra?

— Ora, escute, você ainda é jovem demais — disse Bard com carinho e apertou a mão do irmão de criação entre as dele. Sem saber se era seu o pensamento ou de Beltran, uma idéia vaga atravessou sua mente: Gostaria que Jeremy estivesse conosco... Já quase dormindo, recordou-se de noites quando todos os três tinham dormido juntos assim, durante viagens de caça, vigiando o fogo; experiências confusas, infantis na escuridão; lembranças agradáveis, suavizando as ferroadas de seu sofrimento por causa de Melora; tinha amigos e companheiros leais, irmãos de criação que o amavam bastante.

Praticamente dormindo, meio sonhando, sentiu o corpo de Beltran comprimido forte contra o dele e o menino sussurrou:

— Eu... eu também seria capaz de me comprometer com você, irmão de criação; vamos trocar facas, também?

Bard, desperto pela indignação, arregalou os olhos e explodiu numa gargalhada:

— Pela deusa! — exclamou rudemente. — Você é mais criança ainda do que eu pensava, Beltran! Ainda pensa que sou um garotinho para me divertir com garotos? Ou imagina que por ser o irmão de Carlina seria capaz de possuí-lo pensando que fosse ela? — não conseguia parar de rir. — Ora, ora, quem teria pensado numa coisa assim... que Geremy Hastur é ainda tão infantil a ponto de se divertir com seus companheiros! — usara uma palavra grosseira, uma gíria de soldados, e ouviu o choro estrangulado de Beltran na escuridão, devido à vergonha e ao choque que sentiu. — Ora, não me importa o que Geremy prefere fazer, Beltran, não aprecio brincadeiras infantis deste tipo. Não pode se comportar como um homem?

Mesmo na escuridão pôde ver que o rosto de Beltran se obscurecia de tanta raiva. O garoto ficou sem ar, querendo chorar e sentou-se. Disse, por entre um soluço de revolta:

— Que vá para o inferno, você, filho bastardo de uma prostituta! Juro, eu o matarei por isto, Bard...

— O quê, do amor para o ódio, tão depressa? — zombou Bard. — Você ainda está bêbado, bredillu. Vamos, irmãozinho, é apenas uma brincadeira, algum dia não ligará mais para isto. Deite-se, torne a dormir e não seja bobo. — Agora, falava com delicadeza, pois o choque inicial tinha passado. — Está tudo bem.

Porém Beltran estava sentado, ereto, na escuridão, o corpo todo tenso devido à raiva. Disse por entre os dentes:

— Você escarneceu de mim, você...! Bard mac Fianna, eu juro, rosas brotarão no nono inferno de Zandru antes que você leve Carlina para a cama!

Ergueu-se e caminhou a passos largos, agarrando suas botas e enfiando os pés dentro delas; e Bard, chocado, deixou-se ficar sentado olhando estatelado para ele.

Sabia repentinamente sóbrio como que por um punhado da neve que ainda caía, que havia cometido um grave erro. Devia ter-se lembrado do quanto Beltran era realmente jovem, e devia tê-lo recusado com mais delicadeza. O que o garoto desejava, sem dúvida, era apenas carinho e proximidade; como o próprio Bard desejara. Não devia ter zombado da virilidade do garoto. Sentiu um

impulso repentino de sair correndo atrás de seu irmão de criação, pedir-lhe desculpas por ter escarnecido dele, acabar com a discussão.

Porém a lembrança da revolta de Beltran deixou-o estarecido. Chamou-me de filho de uma prostituta, Bard mac Fianna, não di Asturien como tenho direito agora. Se bem que bem dentro de seu íntimo soubesse que Beltran tinha apenas deixado escapar o primeiro insulto que lhe tinha chegado à cabeça, a verdade daquilo o magoava demais. Zangado, rangendo os dentes, tornou a se deitar. Pouco lhe importava que o Príncipe Beltran fosse dormir entre as carroças, ou em meio aos cavalos!

## Capítulo Cinco

Na noite do solstício de inverno, Ardrin das Astúrias comemorou sua vitória sobre o Duque de Hammerfell.

O inverno estava estranhamente suave, e o povo vinha de todas as direções. O filho do duque encontrava-se lá; Lorde Hammerfell tinha-o mandado para ser educado na Corte das Astúrias — pelo menos era o que se comentava. Todos eles sabiam, bem como o garoto, que ele era um refém para a paz entre Hammerfell e Astúrias. Não obstante, o Rei Ardrin, que era um homem bom, apresentou-o como seu parente, e era claro que ele estava sendo muito bem tratado e recebendo o melhor de tudo, desde preceptores e governantas, às aulas de manejo da espada e de línguas, uma educação adequada a um príncipe. A mesma educação, pensava Bard, olhando para a criança envergando suas roupas complicadas para o festival, que ele próprio tinha recebido, ao lado de Jeremy Hastur e do Príncipe Beltran.

— Apesar de tudo — disse Carlina -, sinto pena do menino, mandado para longe de seu lar tão pequeno ainda. Você era mais velho, Bard. Já completara seus doze anos e já era tão alto quanto um homem feito. Que idade tem o pequeno Garris... oito, ou já fez nove?

— Creio que oito — respondeu Bard, pensando que seu pai poderia ter comparecido, ou poderia, se quisesse, ter mandado o filho mais moço e legítimo, Alaric. Não podia considerar o mau tempo como uma desculpa e Alaric já possuía idade suficiente para ser enviado para ali a fim de ser educado.

— Carlina, gostaria de dançar novamente?

— Ainda não, acho — respondeu, abanando-se. Usava um vestido verde, apenas um pouquinho menos trabalhado do que o que tinha usado no solstício de verão, para a festa de noivado; ele achou que aquela cor não lhe ficava bem, pois a deixava muito pálida e descorada.

Jeremy aproximou-se deles e disse:

— Carlie, você ainda não dançou comigo. Deixe de bobagens,

Bard, você já teve a sua vez e Ginevra não se encontra aqui. Ela partiu para passar as férias com a mãe e não tenho certeza se voltará. A mãe discutiu com a Rainha Ariel...

— Geremy, que vergonha, bancando o bisbilhoteiro! — exclamou Carlina, batendo nele de brincadeira com seu leque. — Tenho certeza de que minha mãe e Lady Marguerida logo, logo, farão as pazes e, então, teremos Ginevra de volta ao nosso lado. Bard, vá dançar com uma das damas de minha mãe. Não pode ficar a noite toda de pé ao meu lado! Há muitas damas ansiosas para dançarem com o próprio porta-estandarte do rei!

— A maioria delas não quer dançar comigo, sou tão sem jeito! — retrucou Bard com mau humor.

— Ainda assim, não podemos passar a noite toda aqui! Vá e dance com Lady Dara. Ela pessoalmente é tão desajeitada, que você, ao lado dela, ficará gracioso como um chieri; além disto, ela jamais perceberá se pisar no pé dela, pois é tão gorda que não está, por assim dizer, sentindo os próprios pés há vinte anos...

— E você me reprova por estar fazendo fofoca, Carlie? — riu Geremy e pegou o braço da irmã de criação. — Vamos dançar, brenda. Quer dizer que já está dando ordens ao Bard como se ele já fosse seu marido?

— Ora, ele é qualquer coisa menos isto — retrucou Carlina, soltando uma gargalhada. — Creio que temos direito de já nos darmos ordens um ao outro! — sorriu com alegria para Bard e afastou-se apoiada no braço de Geremy.

Vendo-se só, Bard não fez o que ela lhe aconselhara, ou seja, se oferecer à desgraciosa Lady Dara para ser seu parceiro. Rumou para o bufê e serviu-se de um copo de vinho. O Rei Ardrin e um grupo de seus conselheiros encontravam-se de pé ali e, amistosamente, afastou-se para deixar que Bard se juntasse a eles.

— Um bom festival para você, filho de criação.

— E para o senhor, parente — respondeu Bard; ele só se dirigia ao rei como pai de criação quando se achavam a sós.

— Estava narrando para Lorde Edelweiss o que me relatou sobre aquele tipo que vive próximo a Moray's Mill — disse o rei. — Trata-se de um caos e uma anarquia que tanta gente viva sem ter

um senhor adequado. Quando chegar o degelo da primavera, creio que devemos ir até lá e colocar as coisas em seus devidos lugares. Se cada aldeiazinha desejar ser independente e fazer suas próprias leis, haverá fronteiras por todos os lados, e um homem não poderá cavalgar a metade de um dia sem ter que lidar com um novo conjunto de leis.

— O rapaz sabe onde tem a cabeça — comentou Lorde Edelweiss, um homem grisalho vestido como um estróina empertigado, e, por trás de Bard, ele ouviu o velho dizer: — É uma lástima que seu filho mais velho não revele um talento como este em estratégia e artes marciais. Esperemos que tenha algum jeito para governar, ou aquele rapaz ali estará com o reino em suas mãos antes de completar os vinte e cinco anos!

O Rei Ardrin disse resolutamente:

— Bard é um dedicado irmão de criação de Beltran: são bredin. Nada devo temer se Beltran estiver nas mãos de Bard.

Bard mordeu os lábios, perturbado. Ele e Beltran praticamente quase nem se falavam mais desde aquela batalha e seus resultados; Beltran, hoje à noite, não tinha lhe dado nenhum presente de solstício de inverno, embora tivesse enviado para o príncipe um ovo de seu melhor falcão caçador, para que fosse chocado por uma galinha do palácio; um presente atencioso e que, normalmente, teria provocado os mais calorosos agradecimentos por parte de seu irmão de criação. Na verdade, parecia que Beltran o estava evitando.

Mais uma vez, Bard amaldiçoou-se por sua loucura em discutir com Beltran. Magoado devido à própria frustração, à separação forçada de Melora — pois sabia que ela o desejara tanto quanto ele a ela -, ele tinha descontado em Beltran porque o garoto era o objeto mais conveniente e à mão contra o qual atirar a sua fúria. Deveria, ao contrário, ter se aproveitado da oportunidade a fim de estreitar os laços que o prendiam ao jovem príncipe. Que inferno! Tinha perdido a antiga proximidade! Ora, pelo menos Beltran ainda não havia envenenado Jeremy contra ele... esperava. Era difícil dizer o que se passava por trás do rosto sombrio de Jeremy, e embora fosse apenas por ele estar com saudades de Ginevra, Bard achou aquilo muito difícil de aceitar. Eles não estavam comprometidos e

Ginevra não era suficientemente bem-nascida para ser a mulher adequada ao herdeiro de Hastur de Carcosa.

Talvez aquela noite devesse procurar Beltran, apresentar-lhe suas desculpas e explicar ao irmão de criação por que fora tão duro com ele... Seu orgulho exacerbado aviltou-se diante deste pensamento. Contudo, uma disputa séria e irreparável com o príncipe podia causar danos à sua carreira, e se alguns dos conselheiros do rei já estavam se perguntando se Bard não se encontrava perigosamente junto ao trono — ele era, afinal de contas, o filho mais velho do próprio irmão do rei -, então era melhor se certificar de que Beltran não o considerasse como uma ameaça!

No entanto, antes de poder colocar sua resolução em ação, uma voz disse jovialmente junto ao seu ombro:

— Um bom festival para o senhor, Dom Bard.

Bard virou-se e deparou com o laranzu mais velho.

— E para o senhor também, Mestre Gareth. Senhoras — agradeceu ele, inclinando-se para Mirella, adorável nos seus drapeados em gaze azul-clara, e para Melona que usava um vestido verde decotado com uma gargantilha larga; o vestido, tão amplo quanto o de uma mulher grávida, fazia com que seu pesado corpo parecesse realmente com o de uma mulher naquele estado, porém a tonalidade exaltava a coloração maravilhosa de sua pele e fazia seus cabelos ruivos resplandecerem.

— O senhor não está dançando, Mestre Gareth?

O velho sacudiu a cabeça com um sorriso pesaroso. E falou:

— Não o posso fazer — e Bard viu que ele se apoiava numa bengala resistente. — Uma recordação, senhor, daquele combate com os mercenários de Dry-town.

— Mas um ferimento desses já devia estar curado há muito tempo — observou Bard, preocupado, e ele deu de ombros.

— Creio que talvez houvesse veneno naquele punhal; caso não tivesse se diluído antes em outros ferimentos, teria perdido a perna — explicou Mestre Gareth. — Nunca cicatrizou por completo e, agora, começo a pensar que jamais ficarei curado. Nem mesmo

laran adiantou. Contudo, não é o bastante para me manter afastado do festival — disse, encerrando o assunto com educação.

O jovem filho do Duque de Hammerfell apareceu e indagou muito tímido:

— Quer dançar comigo, Lady Mirella?

Ela olhou para seu guardião em busca de sua autorização... Mirella era jovem demais para dançar em bailes públicos, a não ser com seus parentes... mas, evidentemente, Mestre Gareth considerou o garoto jovem demais para que pudesse representar qualquer tipo de ameaça; eles eram apenas duas crianças juntas. Fez um sinal de aprovação, e os dois afastaram-se juntos. O menino era bem mais baixo do que Mirella, de modo que formavam um par um tanto esquisito.

Bard perguntou a Melora:

— Quer me dar a honra, Melora?

Mestre Gareth ergueu ligeiramente as sobrancelhas diante do uso informal do nome dela, porém ela respondeu:

— Claro que sim — e estendeu a mão. Ela era, pensou Bard, provavelmente vários anos mais velha do que ele e ficou surpreso por ela ainda não estar comprometida ou casada.

Após um momento, enquanto dançavam, ele formulou a pergunta e ela lhe respondeu:

— Estou prometida para Neskaya Tower. Morei em Dalereuth por algum tempo; porém eles nos puseram a preparar clingfire, me parece realmente... que leroni devem ser neutras nas guerras. Portanto estou presa a Neskaya, onde o guardião jurou neutralidade em todas as guerras entre os Domains.

— Isto me parece uma péssima escolha — falou Bard. — Se nós devemos combater, por que deveriam as leroni ficar livres das batalhas? Já não usam armas, mesmo em combate. Devem elas viver em paz enquanto todo o resto deve lutar por nossas vidas?

— Alguém deve iniciar a luta pela paz — disse Melora. — Conversei com Varzil e considero-o um grande homem.

Bard encolheu os ombros com desprezo:

— Um idealista enganado, nada mais — retrucou ele. — Eles incendiarão a torre de Neskaya sobre suas cabeças e continuarão

guerreando como sempre. Desejo apenas, lady, que a senhora não compartilhe de sua queda.

— Também o espero — anuiu ela, e ficaram dançando em silêncio. Ela era estranhamente leve, deslocando-se como uma aragem.

— Dançando, você fica muito bonita, Melora. Que coisa estranha, quando a vi pela primeira vez, não a achei bonita de forma alguma.

— E agora, que olho para você, vejo que é um homem bonito — disse ela. Não sei o quanto ouviu falar sobre Ieroni... sou uma telepata e não olho muito para as pessoas, para saber qual seja seu aspecto exterior. Nem tinha a mínima idéia se você era louro ou moreno, quando conversava com você durante a campanha. E agora, você é o porta-estandarte do rei, um homem muito bonito e todas as senhoras me invejam porque você quase nunca as tira para dançar.

Bard pensou que se aquelas palavras tivessem partido de qualquer outra mulher, teriam soado intoleravelmente perigosas e conquistadoras. Melora o fazia de modo muito simples, como qualquer outra coisa.

Dançaram, em silêncio, a amiga simpatia começando a crescer novamente entre eles. Num canto isolado do salão, puxou-a para junto de si e beijou-a. Ela suspirou e deixou-se beijar, porém depois afastou-se dele arrependida.

— Não, meu querido — disse, com toda a delicadeza. — Não permitamos que isto vá tão longe a ponto de não podermos nos separar como amigos, e apenas isto.

— Mas por quê, Melora? Sei que sente a mesma coisa que eu sinto e agora não estamos embaraçados como aconteceu depois da batalha...

Ela o fitou sem rodeios. Disse:

— Aquilo que poderíamos ter feito, se tivesse surgido oportunidade, com o sangue quente e após a excitação e o perigo da batalha, é uma coisa à parte; agora, com o sangue frio, você sabe, e eu também, que não seria conveniente. Você se encontra aqui com a sua mulher prometida; e a Princesa Carlina foi muito

complacente para comigo. Seria incapaz de pisar na orla do manto dela diante de seus próprios olhos. Bard, sabe que tenho razão.

Ele o sabia, porém, em seu orgulho ferido, não seria capaz de reconhecê-lo. Despejou sua revolta contra ela de modo violento:

— Qual o homem, a não ser algum pobre coitado, deseja apenas ser amigo de uma mulher?

— Oh, Bard — disse ela, sacudindo a cabeça -, acho que você é dois homens! Um é impiedoso e cruel, sobretudo com as mulheres, e pouco se importa como as fere! O outro é o homem que tive oportunidade de ver, o homem que amo de todo o coração — muito embora não dividirei sua cama com você esta noite, ou em qualquer outra — acrescentou com firmeza. — Porém, desejo de todo o coração, para o bem de Carlina, que seja sempre este outro homem que conheço que se revele para ela. Pois este homem eu trataria com carinho a vida inteira — apertou a mão dele com delicadeza, deu-lhe as costas, afastando-se e, rapidamente, desapareceu na multidão que dançava.

Bard, abandonado, o rosto esfogueado pelo ultraje, tentou seguir sua figura vestida de verde através da multidão; porém ela havia se escondido totalmente dele como se tivesse se evaporado do salão de baile. Ele sentiu o formigamento leve do laran em uso e ficou imaginando se ela não tinha jogado um manto de invisibilidade sobre si mesma, como ele sabia que algumas leroni podiam fazer. Sua raiva e mágoa não tinham limites.

Mulher gorda e idiota! Provavelmente tinha lançado um encanto em cima dele de modo que a desejasse, porque nenhum homem antes jamais o fizera... Ora, Varzil de Neskaya era aceito de bom grado por ela, que ele se dane, e desejou que a torre se incendiasse sobre as cabeças dos dois! Voltou para o bufê e, indignado, bebeu um copo de vinho, e mais outro, sabendo que estava ficando bêbado, sabendo que o Rei Ardrin era um abstêmio e não aprovaria a sua atitude.

Carlina também não; quando ela tornou a se encontrar com ele, havia uma delicada reprovação na sua voz.

— Bard, você andou bebendo mais do que seria conveniente.

— Vai fazer de mim um marido dominado pela mulher antes mesmo do casamento? — explodiu contra ela.

— Oh, meu querido, não fale assim — pediu ela, enrubescendo toda. — Mas meu pai também ficará aborrecido com você. Você não ignora que ele detesta quando qualquer um de seus oficiais mais jovens bebe muito a ponto de não poder se comportar de modo conveniente.

— Fiz algo inconveniente? — indagou ele.

— Não — reconheceu Carlina, sorrindo -, porém, prometa-me, Bard, que não beberá mais.

— A ves ordras, domna — concordou ele -, mas somente se dançar comigo de novo.

Era uma música para se dançar junto novamente, e, com a permissão de que gozava um casal de noivos, ele podia apertá-la com força, não precisava mantê-la a uma distância decorosa como era exigido para a maior parte dos casais. Geremy, observou ele, havia tido o privilégio de dançar com a Rainha Ariel mantendo, na verdade, uma distância respeitosa. Beltran tinha (possivelmente satisfazendo a um pedido de Carlina) tirado a deselegante Lady Dara para dançar. Ela também era graciosa ao dançar, tanto quanto Melora. Seria tão comum para as senhoras um tanto gordas dançarem de um modo tão gracioso? Que inferno! Não ia pensar em Melora agora! Ela podia dançar com seus amigos dos infernos de Zandru, pouco se lhe dava! Puxou Carlina para bem junto dele, sentindo seu corpo delgado, ossudo, em seus braços. Um homem podia se machucar naqueles ossos!

— Bard, não me aperte assim, está me machucando... E não é adequado...

Ele afrouxou os braços, tocado de remorso. Falou:

— Seria incapaz de machucá-la, Carlie, não o faria por nada neste mundo. Machucaria qualquer pessoa ou todas as pessoas, porém nunca você.

A dança terminou. O rei e a rainha, acompanhados pelos nobres mais velhos e honrados da corte, estavam se retirando, para que a sua presença não inibisse os mais jovens nos seus arroubos. Viu que o garoto, filho de Hammerfell, estava sendo retirado do

salão pela governanta e que a linda Mirella estava sendo agasalhada com seu manto por Mestre Gareth. O Rei Ardrin pronunciou um rápido discurso, desejando um feliz festival aos mais jovens e autorizando-os a continuarem dançando até o romper do dia, se o desejarem.

Carlina permaneceu ao lado de Bard, sorrindo enquanto seus pais se retiravam. Disse:

— No ano passado eu também fui embora à meia-noite, quando os mais velhos e as crianças foram mandados para a cama. Este ano, acho, eles julgam que como sou noiva não corro nenhum perigo com meu prometido marido para me proteger — seu sorriso era alegre.

E, na verdade, Bard sabia que as comemorações do solstício de inverno, algumas vezes, extrapolavam. Sem dúvida alguma, os mais jovens tornaram-se mais barulhentos depois que os mais velhos e as crianças saíram; bebia-se mais, houve muitas brincadeiras envolvendo beijos ousados e as danças tornaram-se mais estonteantes e menos decorosas. À medida que a noite avançava pela madrugada, mais e mais casais fugiam para a galeria e passagens laterais do castelo, e certa vez Bard e Carlina, ao passarem dançando por um corredor muito longo, depararam com um casal abraçadinho, de modo tão íntimo, que Carlina, mais do que depressa, desviou o olhar. Porém Bard levou-a para uma das galerias.

— Carlina, você já me está prometida. Acho que a maioria dos casais que aqui se encontra e que está comprometido já se afastou — puxou-a para seus braços, apertando-a de encontro ao corpo. — Sabe o que desejo de você, minha prometida esposa. Estamos no solstício de inverno, estamos comprometidos, por que não concluímos tudo agora, uma vez que a lei nos permite isto? — Sua boca comprimiu a dela; quando ela se virou para respirar, ele murmurou numa voz gutural: — Até mesmo seu pai não haveria de protestar!

— Não, Bard, não e não — retrucou baixinho.

Ele pôde perceber o pânico crescendo no íntimo da moça, mas ela falava a meia voz, procurando, desesperadamente, manter-se

calma.

— Conformei-me com este casamento, Bard. Honrarei a vontade de meu pai, prometo-lhe. Mas não... não agora. — Ele percebeu, e isto o magoou profundamente, que ela lutava arduamente para não deixar transparecer seu desalento, sua reação violenta. — Dê-me tempo. Não... agora não, esta noite não.

Ele tinha a impressão de estar ouvindo novamente as palavras ameaçadoras de Beltran: rosas crescerão no nono inferno de Zandru antes de você levar Carlina para a cama!

— Quer dizer que Beltran conseguiu transformar a ameaça que me fez em realidade? — falou ele num tom de voz ríspido.

Melora, também, o tinha recusado, muito embora há quarenta dias o tivesse desejado. Melora era uma telepata; devia ter consciência da discussão mantida com Beltran, sabia que Beltran podia envenenar o rei contra ele; um relacionamento com um cortesão que não gozava dos favores reais não seria nada bom para Melora... Também fora Beltran quem colocara Melora contra ele e, agora, Carlina...

Carlina falou com voz trêmula:

— Não sei sobre o que está falando, Bard. Você andou discutindo com meu irmão?

— E se discuti, isto mudaria o seu modo de pensar a meu respeito? — indagou com amargura. — Será que você também, como todas as mulheres, pretende me provocar como se eu não tivesse virilidade? Você é a minha prometida mulher, por que foge de mim como se eu pretendesse violentá-la?

— Acabou de me dizer, agorinha mesmo, que jamais desejaria me ferir — replicou Carlina, erguendo o olhar para ele, tão amargurada quanto ele. — Isto só é válido quando concordo com tudo aquilo que pretende de mim? Pensa que não seria uma violação apenas por ser eu a sua prometida mulher? Amo-o como irmão de criação e amigo, e se a deusa for benevolente conosco, ainda chegará o dia em que o amarei como o marido que me foi dado por meu pai. Contudo, este momento ainda não chegou; prometeram-me que eu poderia esperar até o solstício do verão. Bard, eu lhe imploro, deixe-me ir!

— Para que seu pai disponha de tempo suficiente para mudar de idéia a meu respeito? Para que Beltran possa envenenar a mente dele contra mim, e entregue-a ao favorito de seu irmão?

— Como ousa dizer uma coisa destas de Geremy? — perguntou, furibunda, e, seja como for, aquele nome ativou as últimas reservas da cólera de Bard.

— Veja só, como se preocupa com a dignidade dele, daquele ombredin, aquele meio-homem...

— Não se refira desta maneira ao meu irmão de criação! — exclamou ela, revoltada.

— Falarei como bem entender e não será uma mulher quem me proibirá de fazê-lo — replicou, indignado.

— Bard, você continua bêbado; quem fala é o vinho e não você — disse ela, mais revoltada ainda, os últimos vestígios de autocontrole desaparecendo.

Tinha deixado que Melora lhe escapasse devido ao respeito que nutria por Carlina! Como ousava ela recusá-lo agora, como se nada representasse para ela? Não seria rejeitado duas vezes na noite do solstício de inverno pelos caprichos malditos de uma mulher! Arrastou-a para a galeria, segurando-a com tanta força, que ela gritou e comprimiu seus lábios contra os dela, ignorando sua luta. Uma mistura de raiva e desejo dominava-o; pela segunda vez, uma mulher que desejava e julgava ter o direito de possuir rejeitava-o, mas, desta feita, não pretendia submeter-se a ela como um cordeirinho, pelo contrário, impor a sua vontade à dela! Que inferno! Ela era sua mulher e naquela noite haveria de possuí-la, voluntariamente se ela preferisse, mas de qualquer jeito faria amor com ela! Ela se debatia em seus braços, num pânico crescente, excitando-o de um modo intolerável.

— Bard, não, não — implorou ela, soluçando. — Assim não, assim não... oh, por favor, por favor...

Bard manteve-a presa, de modo aterrador, sabendo que a estava machucando com a violência de sua posse.

— Então, vamos para o meu quarto! Não me obrigue a forçá-la a ir, Carlina!

Como podia ela se manter indiferente à violenta torrente de desejo que o dominava? Tinha que a fazer sentir aquilo, de qualquer forma! Queria apenas que ela o desejasse tão ardentemente quanto ele a desejava, e ali estava ela, brigando e debatendo-se, como se fosse uma criança mal-amada que ignorasse o que ele queria dela!

Uma mão pousou sobre seu ombro, afastou-se:

— Bard, você está embriagado, ou então está completamente fora de si? — perguntou Jeremy, fitando-os consternado. Carlina cobriu o rosto com as mãos, soluçando de alívio e vergonha.

— Vá para o inferno! Como ousa interferir, seu meio-homem...

— Carlina é minha irmã de criação — falou Jeremy. — Não permitirei que seja violentada numa festa, nem mesmo por seu prometido marido! Bard, em nome de todos os deuses, vá embora, lave o rosto com água fria, peça desculpas a Carlina e não falaremos mais sobre isto; e, da próxima vez, pare de beber enquanto ainda puder se dominar!

— Vá para o inferno... — protestou Bard, atirando-se com violência contra Jeremy, os punhos fechados; Beltran agarrou-o por trás. Disse:

— Não, você não fará isto, Bard. Carlina, você não queria isto, queria?

— Não, não queria — respondeu ela entre soluços.

— Ela é a minha prometida esposa! Não tinha o direito de me rejeitar desta forma... vocês não a ouviram gritando, não é verdade? Com que direito você resolve que ela quer se livrar de mim? Bem que ela estava gostando, até vocês aparecerem para interferir... — exclamou Bard revoltado.

— Agora está mentindo — explodiu Beltran com raiva. — Pois todos aqueles que se encontram neste salão e contem com um pouquinho só de laran devem tê-la ouvido protestando contra você! Vou me certificar de que meu pai venha a saber disto! Seu bastardo desgraçado, tentando conseguir através da força aquilo que jamais haveria de obter voluntariamente...

Bard arrancou o punhal da bainha. As pedras verdes cintilaram sob a luz. Disse entre dentes, bem baixinho:

— Você, seu sodomita intrometido, não se atreva a interferir naquilo que, antes de mais nada, desconhece por completo! Saia do meu caminho...

— Não! — Geremy agarrou o pulso de Bard. — Bard, você está ficando louco? Sacando aço no solstício de inverno, diante de seu príncipe? Beltran, ele está bêbado, não dê ouvidos ao que diz! Bard, vá e cure esta bebedeira; dou-lhe minha palavra de que o rei nunca saberá de nada disto...

— Quer dizer que também está metido nisto e contra mim, você, seu nojento amante de garoto, você e o seu amado — gritou Bard e saltou na direção dele. Geremy afastou-se para o lado, procurando escapar do golpe do punhal, porém Bard, fora de si, atirou-se contra Geremy e os dois despencaram no chão, lutando. Geremy virou o corpo, agarrando seu punhal. Ainda implorava:

— Bard, não... irmão de criação, não faça isto...

Porém Bard não o ouvia, e Geremy viu que tinha que brigar de verdade, ou Bard o mataria. Já tinham brigado antes, quando garotinhos, porém nunca antes com armas de verdade nas mãos. Bard era mais forte do que ele. Deu um golpe, procurando jogar o punhal para o lado, tentando meter seu joelho entre ele mesmo e a lâmina da arma de Bard que já descia. Sentiu sua arma penetrando no braço de Bard, rasgar o couro e arranhar a carne; e, no instante seguinte, o punhal de Bard penetrou fundo na sua coxa, bem próximo à virilha. Ele gritou, de modo estridente, aflito, sentindo a perna amortecida.

Em seguida, uns doze guardas do rei estavam separando os dois e Bard, repentinamente sóbrio devido à descarga de adrenalina, como se fora um balde de água gelada atirada em cima dele, ficou olhando estarrecido para Geremy, rolando pelo chão numa agonia convulsiva.

— Pelos infernos de Zandru! Bredu... — suplicava ele, caindo de joelhos ao lado do irmão de criação; porém, ele sabia que Geremy não o escutava. Carlina estava aos prantos, soluçando nos braços de Beltran.

— Escolte minha irmã até seus aposentos e procure suas criadas; depois vá acordar o meu pai. Assumo esta responsabilidade

— ordenou Beltran a um dos soldados.

Ajoelhou-se ao lado de Geremy e empurrou Bard para o lado com rancor.

— Não toque nele, seu...! Já fez o bastante! Geremy, bredu, meu querido irmão... fale comigo, suplico-lhe, fale comigo... — soluçou, e Bard percebeu a agonia, a angústia que o dominava. Porém Geremy não podia mesmo ouvir.

Um dos soldados agarrou Bard, sem qualquer consideração e tirou-lhe o punhal.

— Envenenado — disse ele. — Um punhal de Dry-town.

E, pela primeira vez naquela noite, Bard, horrorizado, recordou-se que aquela era a arma que tinha conseguido na batalha. Um ferimento, ainda que superficial, com um punhal de Dry-town, envenenado como aquele, tinha significado que Mestre Gareth, provavelmente, ficaria manco para o resto da vida. E ele tinha golpeado Geremy, na sua fúria, com toda a força no tendão do jarrete. Chocado, por demais horrorizado para poder falar, deixou-se levar pelos soldados que o prenderam.

Passou quarenta dias sob prisão domiciliar e ninguém se aproximou dele. Leve muito tempo para se arrepender de sua impetuosidade, sua fúria desencadeada pela embriaguez; mas houve momentos, também, que lançava a culpa de tudo aquilo em cima de Carlina. As refeições eram levadas ao seu quarto por soldados, que o informaram que, durante uma semana, Geremy tinha delirado e ficado entre a vida e a morte; porém tinham mandado vir um laranzu de Neskaya que lhe tinha salvo a própria vida e até mesmo a perna. No entanto, a perna, tinham ouvido falar, devido ao veneno, tinha atrofiado e encolhido e, provavelmente, nunca mais poderia caminhar sem um ponto de apoio.

Mergulhado numa onda de terror, Bard se perguntava o que fariam com ele. Sacar de uma arma forjada em aço durante o Festival do Solstício de Inverno já era um crime considerável; ferir um irmão de criação, mesmo por brincadeira, era uma injúria grave. Beltran tinha machucado, certa vez, o nariz de Bard durante uma de suas brincadeiras e fora surrado em regra pelos seus preceptores, que não se importaram de ser ele um príncipe, tinha sido obrigado a

se desculpar, à hora do jantar e diante de todas as pessoas do palácio, e havia recebido ordens do rei para dar a Bard, como uma compensação, seu melhor falcão e melhor manto. O manto ele ainda o conservava.

Tentou subornar o guarda que o vigiava para levar um recado para Carlina. Se ela intercedesse por ele... era a sua única esperança. O mínimo que podia esperar seria um ano de exílio e a perda dos favores do rei. Não podiam invalidar seu casamento com Carlina, mas podiam colocar alguns obstáculos em seu caminho. Se Jeremy morresse, enfrentaria, no mínimo, três anos de exílio e o pagamento de uma indenização à família de Jeremy; porém ele não tinha morrido. Contudo, o soldado recusou-se a satisfazê-lo, declarando que o rei proibira terminantemente que qualquer recado de sua parte fosse aceito e transmitido.

Absolutamente só, atirado à própria sorte, a amargura de Bard fez desaparecer o remorso. A culpa fora de Melora; caso não o tivesse rejeitado, não teria despejado sua raiva e frustração sobre Carlina, podia ter concedido a Carlina os outros seis meses por ela desejados, até que chegasse o momento ajustado. Melora dera-lhe corda, depois rejeitara-o, mulher infernal e provocante!

E depois Carlina! Dissera que o amaria como marido e, apesar disto, tirara-o de seu caminho! E como tinham ousado Jeremy e Beltran, desgraçados ombredin-y, se intrometerem naquele assunto? Beltran estava com ciúmes, que inferno, porque Bard o havia repelido, e tinha convocado seu amante para brigar em seu lugar... A culpa era deles! Ele não tinha feito nada de errado!

A revolta tinha robustecido o seu remorso, até o dia, quando a suave chuva primaveril inundava os telhados do castelo e o degelo da primavera já se iniciara, dois soldados entraram em seus aposentos e lhe informaram:

— Dom Bard, vista sua melhor roupa; o rei convoca-o para uma audiência.

Bard colocou seu melhor traje, barbeou-se com o maior cuidado, trançou os cabelos e enrolou o cadarço vermelho ao redor da trança. Talvez, quando o rei visse aquilo, se recordasse como o tinha servido bem e durante muito tempo. Se tivesse matado ou

aleijado o filho do rei, nada poderia salvá-lo, sabia disto; haveria de se considerar feliz se o condenassem a uma morte rápida e não a ser esfaqueado em ganchos. Mas Geremy era um refém, filho de inimigos do rei...

Geremy era filho de criação do rei, seu próprio irmão de criação. Isto não o salvaria.

Entrou na sala de audiências do rei com um andar empertigado e desafiante, encarando a todos que se achavam presentes. Carlina estava lá, entre as damas da rainha, pálida e encolhida, os cabelos afastados do rosto formando um choque, seus olhos imensos e assustados. Beltran parecia furioso, provocante, e seria incapaz de permitir que seus olhos se encontrassem. Bard procurou Geremy. Ele estava lá, apoiado em muletas, e Bard reparou que a perna ferida exibia um chinelo em vez da bota e que ele não conseguia tocá-la ao chão.

Sentiu um aperto na garganta. Não teria feito nenhum mal a Geremy. Com os diabos, por que Geremy não se mantivera longe deles, por que havia insistido em interferir naquilo que só dizia respeito a ele próprio e a sua prometida mulher?

— Muito bem, Bard mac Fianna, o que tem a dizer em sua defesa? — perguntou o Rei Ardrin.

O nome de um bastardo... o nome de sua desconhecida mãe, não di Asturien como o chamavam por cortesia, aquilo pressagiava algo de ruim.

Bard dobrou o joelho diante de seu pai de criação.

— Apenas isto, meu parente: não fui eu quem procurou a briga; forçaram-me a isto. Servi-o durante cinco anos, e quer me parecer que o fiz muito bem. Com suas próprias mãos o senhor promoveu-me em Snow Glen, concedeu-me um cadarço vermelho e capturei o clingfire para seus exércitos. Gosto demais de meu irmão de criação e jamais o teria ferido voluntariamente. Juro ao senhor, ignorava que o punhal estivesse envenenado.

— Está mentindo — interrompeu Beltran, de modo insensível -, pois pilheríamos com ele a respeito de ter se tornado um bredin de um mercenário de Dry-town e tinha ouvido a senhora Melora, a Ieronis, dizer que o ferimento de seu pai estava envenenado.

— Havia me esquecido que aquele não era o meu punhal — protestou Bard revoltado. — Reconheço, meu parente, não devia ter sacado uma arma em aço durante o festival. Disto, reconheço, sou culpado; porém Jeremy obrigou-me a lutar! O Príncipe Beltran lhe contou que ele só estava com ciúmes?

— Foi o Jeremy quem sacou seu punhal primeiro? — indagou o Rei Ardrin.

— Não, meu parente — respondeu Bard, abaixando a cabeça -, mas juro, não sabia que o punhal estava envenenado; tinha me esquecido. Estava bêbado; se forem justos, também lhe confirmarão isto, e obrigaram-me a discutir quando me agarraram com violência. Saquei meu punhal para me defender. Não queria ser espancado por eles como se fosse um laçao e eles eram dois!

— Jeremy — perguntou o rei -, você e Beltran foram os primeiros a pôr as mãos sobre Bard? Desejo saber a verdade a este respeito, toda a verdade.

— Fomos, tio — retrucou Jeremy -, porém ele tinha agarrado Carlina de uma forma que não a agradou, e Beltran e eu não a queríamos ver maltratada ou mesmo violentada.

— Isto é verdade, Bard? — o rei fitou-o surpreso e desgostoso. — Eles me pouparam e nada me relataram a este respeito! Perdeu tanto assim o domínio de si mesmo a ponto de maltratar Carlina quando estava embriagado?

— Quanto a isto — replicou Bard, sentindo toda a cautela desaparecer diante da recordação de sua revolta -, Carlina é minha prometida mulher, e eles não tinham o direito de interferir! Beltran agigantou tudo isto por estar com ciúmes, quer entregar Carlina ao seu bredu que ali está, para uni-los ainda mais! Sente ciúmes porque me revelei melhor do que ele mesmo na esgrima e na guerra e com as mulheres também... não que ele desconheça o que fazer com uma mulher quando se vê sozinho com ela! Onde estava Beltran, tio, quando eu o defendi lá em Snow Glen? — ele tinha consciência que com aquilo tinha atingido o rei em seu íntimo; pois Ardrin das Astúrias perturbou-se e olhou zangado para seu filho e para cada um de seus filhos de criação.

— Pai — indagou Beltran -, não está claro para o senhor que ele planejou arrancar o reino de suas mãos, possuir Carlina quer ela queira ou não, ganhar a aliança de seus exércitos às suas costas? Se ainda fosse um súdito leal e obediente, teria sacado uma arma em aço no Festival do Solstício de Inverno? O Rei Ardrin respondeu:

— Seja lá como for, está claro que criei um filhote de lobo para morder a minha mão. Bard, não era o bastante para você saber que Carlina lhe estava prometida e seria sua no momento adequado?

— Por todas as leis deste reino, Carlina me pertence — protestou Bard, porém o rei ergueu a mão impedindo-o de continuar.

— Basta! Você pressupõe demais. Um noivado não é um casamento e nem mesmo o filho de criação do rei pode colocar uma mão indesejada sobre a filha do rei. Bard, você transgrediu muitas das leis desta corte; você é um desordeiro. Não mantereis um transgressor da lei e um violador de parente nesta casa. Ordeno que se vá daqui. Vou lhe dar um cavalo, uma espada, um arco de caça, uma armadura e uma bolsa com quatrocentos réis de prata; e, assim, estou lhe recompensando por seus serviços passados. Porém, declaro-o banido das Astúrias. Dou-lhe três dias para abandonar este reino; e, depois disto, se for visto dentro dos limites das Astúrias durante sete anos a partir do solstício de inverno, não há lei que o possa proteger. Qualquer homem pode matá-lo como a um animal, sem que seja acusado de homicídio, sem dar início a uma vendeta entre famílias, nem será obrigado a pagar qualquer ressarcimento à sua família, por ferimento ou morte.

Bard sentiu-se profundamente ultrajado diante da sentença. Tinha esperado perder seu lugar na corte... o rei não poderia deixar por menos. Poderia ter aceito, com resignação, a habitual sentença de exílio por um ano; tinha até mesmo se preparado, caso o rei estivesse inclinado a se revelar severo, para reconhecer que deveria ficar no exílio durante três anos. Também tivera a certeza que da próxima vez que o Rei Ardrin precisasse ir para a guerra e sentisse a necessidade dele, seria perdoado e convocado para a corte. Mas sete anos de exílio!

— Isto é injusto, vai dom — protestou ele, ajoelhando-se diante do rei. — Servi-o com toda a lealdade e bem e ainda não

amadureci inteiramente. Como posso merecer um tratamento tão rígido quanto este?

— Se você já tem idade suficiente para se comportar como um homem, e um homem depravado — disse, e seu rosto parecia talhado em pedra -, é suficientemente adulto para suportar a sentença que eu imporia a um homem deste tipo. Alguns de meus conselheiros consideraram-me muito transigente por não o ter condenado à morte. Afeiçoei-me a um cachorrinho e me deparo com um lobo mordendo meus calcanhares!

Dou-lhe a alcunha de lobo e declaro-o um exilado. Ordeno que parta desta corte antes do pôr-do-sol e deste reino dentro de três dias, antes que eu reconsidere a questão e resolva não aceitar um homem como você vivendo dentro de meus domínios. Gosto muito de seu pai e não gostaria de ter o sangue do filho dele em minhas mãos; porém não se fie nisto, Bard, porque se vir o seu rosto dentro das fronteiras das Astúrias durante sete anos, não tenha dúvidas, haverei de matá-lo como o lobo que é!

— Não daqui a sete anos, nem daqui a sete vezes sete, tirano — gritou Bard, pondo-se de pé e atirando aos pés do rei o cadarço vermelho que este lhe dera em batalha. — Que os deuses permitam que nos deparemos, frente a frente, em batalha quando estiver protegido apenas por aquele seu filho ali e pelo seu sodomita de confiança! O senhor fala a respeito de transgressão de lei? Qual a lei que é mais forte do que aquela que une um homem à sua mulher, e o senhor a está desrespeitando! — deu as costas ao rei, afastou-se e dirigiu-se para onde se achava Carlina e as outras mulheres da corte. — O que me diz, minha mulher? Ao menos você, não está disposta a se manter obediente à lei e acompanhar-me no exílio como deveria fazer uma mulher?

Ela ergueu os olhos frios e sem lágrimas para ele:

— Não, Bard. Não o acompanharei. Um proscrito nada pode pretender, nem requerer a proteção da lei. Teria feito a vontade de meu pai e me casaria com você; mas, uma vez, supliquei-lhe que me poupasse deste casamento e agora alegre-me o fato dele ter mudado de idéia; e você sabe a razão.

— Já houve um tempo em que me declarou que me amaria...

— Não — interrompeu-o ela. — Convoco Avarra para minha testemunha; pensei que, talvez, quando eu estivesse mais velha e você talvez mais experiente, caso a deusa fosse complacente para conosco, quem sabe não chegássemos a nos amar mutuamente algum dia como é conveniente para as pessoas casadas! Seria bem mais verdadeira ao dizer que desejava isto, não que eu acreditava que tal iria acontecer. Já houve um tempo quando o amei muito como um irmão de criação e um amigo. Mas você mesmo se privou disto.

O rosto do jovem contraiu-se num gesto de desprezo:

— Então você é como todas as outras mulheres, cadela! E eu a julgava um pouco diferente e superior a elas!

Carlina disse:

— Não, Bard, eu...

O Rei Ardrin fez-lhe um gesto ordenando-lhe que se calasse:

— Não diga mais nada, menina. Não precisa mais se dirigir a ele. De hoje em diante ele não representa mais nada para você. Bard mac Fianna — disse ele -, concedo-lhe três dias para que saia de meu reino. Depois deste tempo decreto que seja considerado um proscrito; nenhum homem, mulher ou criança neste reino pode lhe oferecer um teto ou abrigo, alimento ou bebida, fogo ou combustível, ajuda ou conselho. E durante sete anos, se for descoberto dentro dos limites deste reino, será morto como um lobo por qualquer homem que o localize e seu corpo será atirado aos animais selvagens sem qualquer luto ou enterro público. Agora, vá.

A tradição exigia que o proscrito devia dobrar o joelho para o seu rei em sinal de que aceitara a sua sentença. Talvez, se o Rei Ardrin lhe tivesse dado a sentença habitual, Bard tivesse agido assim; mas ele era jovem e orgulhoso, sentia-se revoltado e cheio de frustrações.

— Partirei, uma vez que não me resta nenhuma outra escolha — falou com veemência. — O senhor me pôs a alcunha de lobo; então serei lobo a partir deste dia! Deixo-o entregue à mercê destes dois que o senhor preferiu a mim; e voltarei quando o senhor não o puder mais proibir. E quanto a você, Carlina... — seus olhos procuraram os dela, e a jovem estremeceu. — Juro que a terei,

algum dia, quer você o queira ou não; e isto eu lhe juro, eu, Bard mac Fianna, eu, o lobo! — girou sobre os calcanhares, abandonou o salão e as portas fecharam-se atrás dele.

## Capítulo Seis

— Mas para onde irá? — perguntou Dom Rafael das Astúrias a seu filho.

— Quais são os seus planos, Bard? Você é ainda moço demais para se aventurar para fora destes domínios, de seu próprio reino, sozinho e prescrito! — O pai de Bard estava realmente preocupado. — Senhor da Luz, que loucura e que falta de sorte!

Bard sacudiu a cabeça impaciente:

— O que está feito está feito, pai, e ficar se lamuriando não adianta nada. Foi uma maldade; o rei, seu irmão, não demonstrou a mínima justiça para comigo e nem mesmo qualquer complacência, por uma briga que jamais desejei! Tudo que me resta a fazer é virar as costas à Corte das Astúrias e procurar algo melhor em qualquer outro lugar.

Encontravam-se de pé no aposento que tinha pertencido a Bard desde o momento em que seu pai o tinha trazido para casa, para educá-lo ao lado de seu filho legítimo; por gentileza ou sentimento, Dom Rafael tinha mantido o quarto de Bard pronto para ser usado por ele, muito embora não tivesse posto os pés ali desde os doze anos. Era um quarto de garoto, não de um homem, e não havia muita coisa ali que Bard fizesse questão de levar consigo para o exílio.

— Deixe disto, pai — falou, quase com afeição, pousando a mão sobre o ombro do ancião -, não adianta nada se lamentar. Ainda que o rei tivesse se mostrado clemente e só me tivesse mandado embora da corte por causa daquela loucura infernal do solstício de inverno, dificilmente poderia permanecer aqui; Lady Jerana gosta cada vez menos de mim. E agora praticamente nem consegue esconder a sua alegria por me ver fora de seu caminho, para sempre — seu sorriso revelava o orgulho. — Fico imaginando se ela pensa que eu tentaria me apoderar da herança de Alaric, como o rei pensou que eu faria com a de Beltran. Afinal de contas, ultimamente, ele revelava uma preferência por mim sobre seu filho legítimo. Ora, pai, nunca lhe passou pela cabeça que, talvez, não me

sentisse contente ao constatar que o preferido era Alaric e tentasse me apossar daquilo que legalmente é dele?

Dom Rafaei di Asturien ergueu os olhos para seu filho, com toda a seriedade. Ele era um homem já de meia-idade, de ombros largos, com o aspecto de um homem musculoso e ativo, que se deixou ficar inerte sem muita relutância. Perguntou:

— Seria capaz de assumir uma atitude destas, Bard?

— Não — respondeu Bard e colocou sobre os dedos um capuz de falcão que tinha feito aos oito anos. — Não, pai, será que me considera totalmente sem honra devido a esta briga que tive com meus irmãos de criação? Aquilo foi uma loucura, uma loucura de bêbado, algo semelhante à demência, e se me fosse dado corrigi-la... porém nem o Senhor da Luz pode fazer o tempo voltar atrás, ou desfazer o que está feito. E quanto a Alaric e sua herança... Pai, há muitos bastardos que crescem como párias, sem qualquer nome, a não ser o de sua desonrada mãe, sem uma mão de homem para orientá-los, e que nada possuem a não ser aquilo que podem arrancar do mundo com as mãos, ou com banditismo. Mas você me criou na sua própria casa e desde pequeno tive bons companheiros, recebi bons ensinamentos, e fui criado no palácio real quando chegou a hora de aprender as artes masculinas. — Com uma timidez surpreendente para aquele jovem guerreiro pretensioso, puxou o pai para junto de si e beijou-o. — O senhor poderia ter tido paz na sua cama e no seio de sua família, se tivesse preferido me afastar daqui e tivesse me mandado aprender a profissão de ferreiro, fazendeiro ou comerciante. Porém, ao contrário, tive cavalos e falcões, fui educado como o filho de um nobre, e o senhor foi obrigado a suportar as brigas com sua mulher por causa disto. Acha que posso me esquecer de tudo isto, ou tentar obter algo melhor do que esta porção generosa, do irmão que sempre me chamou de irmão, e nunca de bastardo? Alaric é meu irmão e amo-o; seria eu mais do que ingrato, não teria qualquer resquício de honradez, se pusesse as mãos sobre aquilo que é dele por direito. E se sinto qualquer remorso da minha briga com aquele infeliz do Beltran, é apenas por ter talvez e de alguma forma prejudicado o senhor ou Alaric.

— Meu filho, você não me prejudicou, se bem que acharei difícil perdoar Ardrin pelo que fez a você. Ele, ao menosprezar a sua lealdade, está agindo de modo igual para comigo, levando-me a me perguntar aquilo que nunca questionei antes, se ele é o rei legítimo desta terra. Quanto a ter prejudicado Alaric... — interrompeu-se, soltou uma gargalhada e disse: — Pode lhe perguntar isto você mesmo. Creio que ele está contente, tão feliz de vê-lo novamente em casa, que bendiz qualquer coisa que o fez retornar aqui.

Enquanto assim falava, a porta abriu-se e um garoto pequenino, com uns oito anos, entrou no quarto. Bard afastou-se dos alforjes que estava arrumando.

— Veja só, Alaric, você era apenas uma criancinha quando fui para a corte real e agora já tem quase que a idade necessária para ter fama e glória! — agarrou a criança e ergueu-a nos braços.

— Deixe-me ir com você para o exílio, meu irmão — pediu o menino impetuosamente. — O pai quer que eu vá para a casa daquele rei velho para ali ser educado! Não desejo servir a um rei que teve a coragem de mandar meu irmão para o exílio! — viu Bard rir, sacudir a cabeça e insistiu: — Sei montar a cavalo; posso lhe servir como pajem, até mesmo como seu escudeiro, cuidar de seu cavalo, carregar suas armas...

— Não, agora não, meu garoto — disse Bard, pondo o menino ao chão. — Não terei necessidade de contar com um pajem ou escudeiro nas estradas que deverei trilhar a partir de agora; deve ficar aqui e ser um bom filho para seu pai enquanto me encontro em banimento, e isto significa aprender a ser um bom homem. Quanto ao rei, se for bem comportado, razoável e falar baixinho, ele gostará mais disto do que se se revelar corajoso e expuser seus pensamentos; ele é um tolo, mas é o rei e deve ser obedecido, embora seja tão idiota quanto o burro de Durraman.

— Mas, para onde você irá, Bard? — insistiu o menino. — Escutei os homens lendo a sentença de banimento que lhe foi dada, nos cruzamentos das estradas, e eles diziam que ninguém podia lhe oferecer comida, fogo ou ajuda...

Bard riu:

— Levarei provisões para três dias, e antes que eles se passem já estarei bem longe das Astúrias, em terras onde ninguém dá ouvidos às sentenças e justiças do Rei Ardrin. Tenho dinheiro e um bom cavalo.

— Vai embora e se tornar um bandido, Bard? — indagou o menino, os olhos arregalados de surpresa.

— Não; serei apenas um soldado. Há muitos senhores de terras que podem aproveitar um homem experiente.

— Mas onde? Saberemos onde? — perguntou o menino.

Bard riu baixinho e respondeu-lhe através de um trecho de uma balada antiga:

O sol poente meu rumo será. Lá, onde mergulha, além do mar;  
Meu destino o de um prescrito será E todos os homens hão de me evitar.

— Quem me dera estivesse partindo com você — disse o menino. Porém Bard sacudiu a cabeça:

— Cada qual viaja com seu próprio destino, irmão, e o seu caminho é rumo ao palácio real. O filho dele já está grande, porém ele tem um novo filho de criação, Garris de Hammerfell, que é da sua idade, e não tenho dúvida de que serão irmãos de criação e bredin; razão pela qual, estou certo, ele o mandou chamar.

— Por isto — disse Dom Rafael com um toque de sarcasmo nos lábios -, e para se certificar de que eu compreendia que a briga dele era com você e não comigo. Muito bem, se ele quer pensar que me esqueço das coisas com esta rapidez, que seja assim. E quanto a você, Bard, poderia se dirigir para a fronteira e prestar serviço para The MacAran. Ele detém a posse de El Haleine e defende-a dos ataques que vêm de todos os lados; e é lá das colinas Venza que surgem os bandidos malfeitores; ficará muito contente em poder contar com um ótimo espadachim.

— Já tinha pensado nisto — falou Bard -, se bem que fique perto de Thendara, e é lá que estão os Hasturs. Algum parente de Geremy poderia declarar uma vendeta contra mim e eu teria que estar alerta noite e dia. Preferiria me manter afastado das terras dos Hasturs por alguns anos — mordeu o lábio e ficou com os olhos fixos no chão. Um retrato de Geremy encontrava-se diante de seus olhos,

descorado e consumido pela doença, claudicando sobre a perna ferida. Maldito Beltran, que tinha arrastado Geremy para a briga! Se devia estropiar um irmão de criação, por que não fora aquele com quem tinha realmente uma diferença? Uma desavença boba, mas ainda assim uma desavença; ele e Geremy raramente tinham trocado uma palavra áspera; e este tinha ficado manco para toda a vida por sua causa. Cerrou os dentes e, mentalmente, virou as costas à recordação. O que estava feito estava feito. Era tarde demais para remorsos. Contudo, reconhecia que seria capaz de abrir mão dos dez melhores anos de sua vida para ver Geremy perfeito outra vez e sentir a mão de seu irmão de criação na sua. Engoliu em seco e cerrou a mandíbula.

Tinha pensado em rumar para o Leste e servir a Edric de Serrais. Minha alma transbordaria de alegria ao fazer guerra contra o Rei Ardrin! Talvez isto servisse para lhe ensinar que sou melhor amigo que inimigo.

— Não o posso aconselhar, meu filho — disse Dom Rafael. — Muito menos poderia mandar em você. Já é maior de idade e dentro em breve estará bem longe do alcance de minha voz; e tem seu próprio modo de conquistar o mundo durante sete anos. Porém, suplico-lhe, passe os anos de exílio bem longe das Astúrias e não participe de guerras contra nosso parente.

— Não tinha tomado isto em consideração — falou Bard. — Se me juntar aos inimigos do Rei Ardrin, ele haverá de o considerar seu inimigo também. Em certo sentido, Alaric é um refém para que eu me comporte bem. Não posso enfrentá-lo em combate enquanto for o pai de criação do irmão que amo.

— Não se trata apenas disto — continuou Dom Rafael. — Sete anos, na sua idade, farão com que alcance toda a sua maturidade. Quando voltar... e depois de escoados os sete anos estará livre para fazê-lo... poderá celebrar a paz com Ardrin e fazer uma carreira honrada na terra onde nasceu.

Bard riu alto, divertido:

— Ardrin das Astúrias fará as pazes comigo quando a loba de Alar deixar de rosar para o coração de sua vítima e quando o kyorebni no inverno levar alimento para os coelhos esfaimados! Pai,

enquanto Beltran e Geremy estiverem vivos, jamais encontrarei paz por aqui, mesmo se Ardrin já estiver morto.

— Não pode ter tanta certeza a este respeito, filho. Algum dia, Geremy voltará para seu país; e o Príncipe Beltran pode morrer em combate. E Ardrin não tem outro filho. Se Beltran morrer sem deixar filhos, Alaric é o herdeiro do rei, e creio que ele tem consciência disto; é por isto que Alaric será educado na sua corte, para que receba a educação adequada a um possível príncipe.

— A Rainha Ariel ainda não entrou na menopausa — retrucou Bard. — Ainda é capaz de dar um outro filho ao rei.

— Ainda assim, se isto ocorresse, o novo rei não poderia ter um desentendimento com você, e ficaria bastante satisfeito de poder contar com um parente, mesmo nedestro, com a sua habilidade nas artes marciais.

Bard encolheu os ombros:

— Que assim seja — exclamou ele. — Pelo seu bem, o de meu irmão e pela possibilidade dessa reivindicação ao trono, não participarei de nenhuma guerra contra o Rei Ardrin; muito embora fosse me fazer bem ao coração lutar contra ele na guerra, ou atacar as Astúrias e possuir Carlina à força.

— A Princesa Carlina é tão linda assim? — indagou Alaric com os olhos arregalados.

— Bem, quanto a isto — disse Bard -, acho que todas as mulheres são iguais quando a luz está apagada. Mas Carlina é a filha do rei, foi educada como minha irmã de criação e eu a amava muito; ela estava prometida para mim, e perante todas as leis ela é a minha prometida mulher. É contra todas as leis e contra toda a justiça que qualquer homem outro leve a minha prometida mulher para a cama! E, mais uma vez, a amargura irrompeu em seu íntimo, a revolta contra Carlina, por ela ter se recusado a acompanhá-lo no exílio como uma prometida mulher deveria fazer, a revolta contra Beltran e Geremy, que tinham se intrometido entre eles dois, a revolta contra Melora, que o fizera voltar para o lado de Carlina com tamanha frustração, que tinha perdido o autocontrole e bebido em excesso, a ponto de tentar forçá-la a fazer algo que não desejava...

— Quem sabe — argumentou o pequeno Alaric -, se não prestará um grande serviço a algum rei estrangeiro e ele lhe dará a filha em casamento...

— E a metade de seu reino, como dizem as antigas lendas? — disse Bard rindo. — Coisas estranhas aconteceram, creio, meu irmãozinho.

— Tem tudo de que necessita? — indagou o pai.

— O Rei Ardrin, maldito seja, pagou-me muito bem. Afastei-me furioso, revoltado demais para exigir o que me tinha dado e eis que um laçao, espalhafatoso, vem atrás de mim com tudo aquilo que o rei me havia prometido, um eunuco louro das planícies de Valeron, uma espada e um punhal que bem poderiam ser bens móveis de herança entre a família dos Hasturs, a armadura em couro que eu usava nos campos de batalha em Snow Glen e uma bolsa com quatrocentos réis de prata; quando fui contá-los descobri que ele tinha acrescentado mais cinqüenta réis em cobre, também. Portanto, não posso dizer que fui mal pago pelos anos que o servi; dificilmente poderia ele ter sido mais generoso para com um de seus capitães com vinte anos de serviço, quando resolvesse se aposentar! Ele me desligou do serviço militar através de pagamento, que Zandru o açoite com chicotes de escorpião! Gostaria de estar em condições de lhe devolver tudo isto, mandando lhe dizer que uma vez que ele me privou de minha prometida mulher, eu não passaria de um alcoviteiro caso aceitasse dinheiro e mercadorias por ela; mas apesar disto... — deu de ombros. — Devo ser prático. Um gesto deste tipo não traria Carlina para mim, e precisarei de cavalo, espada e armadura quando me for das Astúrias... — interrompeu-se quando a porta abriu-se e uma jovem, robusta, os cabelos caindo-lhe sobre os ombros em duas compridas tranças ruivas, entrou no quarto. Num instante de surpresa julgou estar vendo Melora. Mas não, esta mulher era mais magra e muito mais jovem do que ela. Tinha o mesmo rosto redondo e os mesmos olhos imensos, cinzentos e nebulosos. Ela falou com timidez:

— Meu senhor, Lady Jerana mandou-me perguntar se precisará preparar alguma coisa antes que seu filho parta. Disse que se Bard mac Fianna necessitar de qualquer coisa, deve pedi-las de imediato,

para mim ou para ela, para que assim possamos ir apanhar tudo na despensa e preparar.

— Precisarei de provisões para três dias de viagem; e agradeceria muitíssimo se pudesse dispor de duas ou três garrafas de vinho. Não incomodarei mais a senhora. — Seus olhos pousaram nas feições e corpo familiares, e ainda assim ligeiramente estranhos. A jovem de cabelos ruivos era mais bonita que Melora, mais esbelta, mais jovem, porém despertava em Bard a mesma mescla sutil de ressentimento e desejo que tinha sentido por Melora.

— Está vendo? — comentou Dom Rafael. — Minha mulher não lhe deseja nenhum mal, Bard; está preocupada e quer se certificar de que não passará nenhuma necessidade no exílio. Tem uma boa reserva de cobertores e não gostaria de levar uma ou duas panelas?

Bard explodiu numa gargalhada:

— Meu pai, deseja me convencer de que Lady Jerana me quer bem? Qual o quê! Assim como o rei, está ansiosa para me pagar e me ver de partida logo! Porém, aproveitarei a generosidade dela; um ou dois cobertores não seriam inúteis e, talvez, uma coberta a prova d'água para minha carga. A senhorita arranjará tudo isto, damisela? Você é nova entre as damas da senhora minha mãe?

— Melisendra não é uma dama, mas uma filha de criação para a minha mulher — esclareceu Dom Rafael -, e sua parente, também; ela é uma MacAran e a sua mãe era dessa família.

— É mesmo? Ora veja, damisela, conheço seu pai — disse Bard -, pois Mestre Gareth era o laranzu quando viajei rumo à batalha pelo Rei Ardrin e, do mesmo modo, sua irmã Melora e sua parente Mirella...

Seu rosto iluminou-se com um rápido sorriso:

— É verdade? Melora tem muito mais experiência do que eu como uma leronis; mandou-me avisar que estava prestes a se dirigir para Neskaya. Como está meu pai, senhor?

— Da última vez que o vi, no solstício de inverno, estava bem — informou-lhe Bard -, embora, suponho, deva saber que foi ferido na batalha perto de Moray's Mill, com um punhal envenenado de um dos mercenários de Dry-town; e ele ainda andava com a ajuda de uma bengala.

— Ele me enviou uma carta — disse ela. — Foi Melora quem a escreveu; e teceu comentários sobre a sua bravura... — inesperadamente baixou os olhos e enrubesceu.

— Estou contente ao ver que Melora faz bom julgamento de mim — falou Bard com uma gentileza tranqüila. Mas, em seu íntimo, estava agitado devido ao conflito ali estabelecido. Melora, que o havia rejeitado, apesar de todas as boas palavras de amizade!

Se sua parente nutre consideração por mim, damisela, estou contente; pois resolvi ir para El Haleine e passar a servir ao The MacAran.

— Mas The MacAran não necessita de soldados mercenários, senhor; assinou um armistício com os Hasturs e Neskaya e juraram manter a paz apenas dentro de suas fronteiras, assim como não combater fora delas. Pode se poupar o trabalho de viajar até lá, senhor, pois eles não contratarão mercenários de fora de suas fronteiras.

Bard ergueu as sobrancelhas. Então os Hasturs e Hali estavam estendendo seu campo de influência até El Haleine?

— Agradeço-lhe pela informação, damisela. Talvez a paz seja bem recebida pelos fazendeiros, mas é sempre uma notícia indesejável para um soldado.

— Porém — disse Melisendra, com seu sorriso ingênuo -, se houver paz durante bastante tempo, talvez chegue um dia em que os homens poderão aproveitar melhor as suas vidas do que sendo soldados, e homens como o meu pai poderão fazer melhor uso de seus talentos do que arriscar suas vidas, desarmados, em combate!

Dom Rafael interrompeu o diálogo, e dava a impressão de estar um pouco aborrecido:

— Vá para o lado de sua senhora, minha menina, e informe-a sobre as necessidades de meu filho; e avise-a que ele partirá ao pôr-do-sol.

— Pai, por que o senhor se revela tão ansioso para se livrar de mim? — perguntou Bard. — Pretendo passar esta noite na casa de meu pai; não tornarei a vê-la, nem ao senhor, durante sete longos anos!

— Ansioso para me livrar de você? Deus me livre, mas você só dispõe de três dias para abandonar as Astúrias.

— Se eu rumar para o Norte, para Kadarin, só precisarei de um dia de viagem para alcançar a fronteira — esclareceu Bard -, uma vez que El Haleine está nas mãos dos Hasturs, está fechada para mim; rumarei para as Hellers, e verei se o Lorde Ardais necessita de um espadachim pago que também é um líder de homens. Ou pensa que seu honrado parente mandará assassinos para me atacar de surpresa enquanto rumo para fora do reino, senhor?

Dom Rafael parou e refletiu. Falou:

— Sinceramente, espero que não. Mas, ainda assim, você teve uma briga com Jeremy e com o príncipe... um dos dois poderá procurar se certificar de que você não tente retornar e fazer as pazes com Ardrin, depois dos sete anos de exílio. Eu viajaria com o maior cuidado, meu filho, e não deixaria para fazer isto no último momento.

— Serei cauteloso, pai, porém não me precipitarei rumo ao exílio como um cão chicoteado, nem com o rabo entre as pernas! E dormirei esta última noite na casa de meu pai. Seus olhos encontraram-se com os de Melisendra num olhar demorado. A menina corou e procurou afastar os olhos dele, porém Bard não permitiu que o fizesse, mantendo-a nessa coação próxima. Mestre Gareth tinha advertido-o para que se mantivesse afastado de Mirella, como se ele fosse um garotinho desregrado, e Melora provocara-o, atormentara-o, e no fim o rejeitara. Ele dominou o olhar de Melisendra até vê-la estremecer, seu rosto ficar vermelho e finalmente ela conseguiu romper o domínio do olhar de Bard, saiu apressada do quarto, de cabeça baixa. Bard riu e inclinou-se para Alaric. Falou:

— Venha, vou lhe dar todos os meus arcos, flechas e todos os brinquedos. Sou um homem e não precisarei deles, e quem deveria ficar com tudo isto, depois que eu me for, a não ser o meu próprio ir-mão? Fique aqui, examine todas estas coisas e lhe direi o que fará no palácio real como filho de criação.

Mais tarde, depois do menino ter ido embora, as mãos repletas de bolas, petecas, arcos de caça e coisas deste tipo, Bard deixou-se

ficar junto à janela, sorrindo em agradável antecipação. A menina Melisendra viria. Seria incapaz de romper a coação que tinha atirado contra ela. Malditas todas as mulheres, que pensaram que o podiam provocar, rejeitá-lo e menosprezá-lo com seus caprichos! E, portanto, ele sorriu, não de surpresa, mas satisfeito, quando escutou os passos leves na escada.

Ela entrou devagar, com um andar arrastado, no cômodo.

— Ora, senhora Melisendra — disse ele, com um sorriso que deixou à mostra seus dentes muito claros -, o que está fazendo por aqui?

Ela olhou para ele, os imensos olhos cinzentos arregalados, indistintos e um tanto assustados.

— Bem... não sei — falou ela, tremendo. — Pensei... achei que não podia deixar de vir, tinha que fazer isto...

Ele estendeu a mão com um sorriso indolente nos lábios, puxou-a para junto e beijou-a, apertando-a com violência. Sob seu braço, sentiu o coração dela pulsando, percebeu que estava apavorada e confusa.

Ele devia ter tentado isto com Carlina, assim não teria havido qualquer problema; ele a teria magoado, ela não teria protestado. Tinha sido um tolo. Julgara que Carlina devia compartilhar do tormento que o afligia, devia desejá-lo tanto quanto ele a desejava. Ainda a queria, como uma coceira violenta em seu sangue, uma sede que nenhuma outra mulher seria capaz de saciar; ela era dele, sua mulher, a filha do rei, sinal e símbolo de tudo aquilo que ele tinha feito, de sua honra, de sua conquista, e o Rei Ardrin tinha ousado se intrometer entre eles!

Suas mãos procuraram as rendas sob a sua túnica, mergulhando sob elas, e ela lhe permitiu fazer o que desejava, num silêncio aterrorizado, como um coelho nas garras de uma banshee. Chorou um pouco quando a mão dele se fechou sobre o bico do seio. Estes eram grandes e não como os de Carlina tão pequeninos, que mais pareciam um botão; esta jovem era um porco gordo e fêmea igual a Melora, como Melora que o tinha provocado e se divertido com as emoções dele! Muito bem, esta aqui não faria isto! Arrastou-a para a cama, mantendo a pressão implacável sobre a

mente e o corpo dela. Ela não se debateu, mesmo quando a colocou sobre a cama, puxando suas saias. Ela continuou soluçando de modo irracional, mas ele não deu ouvidos àquilo, atirando-se sobre ela. A jovem gritou, uma vez. Depois ficou deitada em silêncio, tremendo, mas sem chorar. Ora, ela não era boba. O terror demonstrado por ela o excitara, como Carlina também o fizera. Esta mulher não iria resistir-lhe, esta não era tola!

Bard rolou pela cama distanciando-se dela e deixou-se ficar exânime, exausto e triunfante. Por que ela se lamuriava? Tinha querido aquilo tanto quanto ele; e ele lhe tinha dado aquilo que todas as mulheres desejavam, tão logo termina o período tolo das falas bonitas e da lisonja. Julgou que deveria ter agido assim com uma mulher casada. Recordou-se, com um repentino aperto no coração, como ele e Melora tinham se sentado ao lado da fogueira do acampamento, conversando. Não desejara exercer sua força sobre ela; e, por isto, ela o tinha transformado num idiota! As mulheres eram todas umas vagabundas de qualquer forma; já havia suportado muita coisa delas. Elas não faziam nenhum espalhafato; por que uma garota bem-nascida ia ser diferente? Todas tinham a mesma coisa por baixo das saias, não tinham?

A única coisa que diferia entre elas era o preço cobrado, as prostitutas exigiam dinheiro, as nobres não abriam mão de uma boa conversa, das lisonjas e de um sacrifício da própria masculinidade!

E, então, inesperadamente, sentia-se mortalmente doente e exausto. Indo para o exílio, abandonando o lar por vários anos e ainda era forçado a perder tempo e atenção com as mulheres, que todas vão para o inferno! Melisendra continuava deitada de costas para ele, soluçando novamente. Amaldiçoada! Com Carlina não teria sido assim. Ela o amava, teria aprendido a amá-lo, tinham sido amigos desde a infância, tudo que devia ter feito era lhe mostrar que não iria machucá-la... Devia ter sido Carlina. O que estava ele fazendo com aquela vigaristazinha infernal na sua cama? Não seria algum tipo de vingança contra Melora? Os cabelos ruivos, espalhados sobre o travesseiro, enchiam-no de desalento. Mestre Gareth teria ficado aborrecido. Mestre Gareth saberia que Bard mac Fianna não era um jovem ao qual se aconselhasse a se manter longe

da mulher que desejava. No entanto, seus soluços baixinhos deixaram-no intranquilo. Estendeu-lhe a mão, hesitante:

— Melora, não chore.

Ela se virou e encarou-o. Seus olhos, os cílios molhados e embaraçados, pareciam imensos no seu rosto pálido.

— Não sou Melora. Se tivesse feito isto com Melora, ela o teria matado com seu laran.

Não, pensou ele. Melora tinha-o desejado, porém por razões próprias e quixotescas preterira frustrar a ambos. Esta aqui... como era mesmo o nome dela... Mirella... Melisendra, sim era assim que se chamava. Ela era virgem. Não tinha previsto isto; sabia que a maioria das leroni tinha o privilégio de escolher os seus amantes. Gostaria que tivesse sido Melora. Ela teria correspondido à sua fome. Melisendra nada mais fora do que um corpo sem energia, de má vontade em seus braços. E ainda assim... e assim mesmo, também isto era excitante, pois sabia que lhe havia imposto seu desejo e impedira-a de o fazer de idiota como ocorrera com Melora.

— Não importa. Está feito. Droga, pare de chorar!

Ela fez força para controlar os soluços.

— Por que está zangado comigo, agora que já satisfez seu desejo?

Por que ela se referia àquilo como se não o tivesse querido também? Tinha-a visto olhando para ele; simplesmente, dera-lhe a chance de fazer o que queria, sem a necessidade de sentir escrúpulos idiotas como aqueles que tinham afastado Melora de seus braços!

— Minha senhora ficará zangada comigo. E o que farei, primo, se me engravidou?

Empurrou as roupas dela para o lado:

— Nada tenho a ver com isto. Estou indo para o exílio; a menos que você tenha ficado tão alucinadamente apaixonada por mim a ponto de desejar me acompanhar vestida de homem, como uma moça solteira de alguma balada antiga, seguindo seu amado como um pajem, com roupas masculinas... não? Muito bem, damisela, não há de ser a primeira nem a última a dar um bastardo para os di Asturien; julga-se melhor do que minha mãe? Caso isto

aconteça, tenho certeza de que meu pai não haveria de permitir que você, ou seu filho, morressem de fome pelos campos.

Ela olhou para ele estatelada, os olhos arregalados, enxugando as lágrimas que ainda inundavam-lhe o rosto.

— Ora essa! — exclamou num sussurro. — Você não é um homem, não passa de um fanático!

— Não — disse ele, soltando uma gargalhada amarga. — Ainda não sabe? Sou um proscrito e um lobo. Assim determinou o rei. Você realmente espera que me comporte como um homem?

Ela agarrou suas roupas e fugiu. Bard escutou seus soluços diminuírem enquanto suas pisadas leves extinguíam-se na escada.

Atirou-se na cama. Os lençóis ainda recendiam com o perfume dos cabelos de Melisendra. Que droga!, pensou, angustiado, devia ter sido Carlina...

Sem Carlina sou um proscrito, um bastardo... um lobo... e se senti dominado pela revolta, orgulho e saudades.

Com você teria sido tão diferente... Carlina, Carlina!

Ele partiu no meio da manhã, despedindo-se do pai e de Alaric com beijos e prantos; porém era jovem e sabia que estava indo para o mundo em busca de aventuras. Não podia ficar deprimido por muito tempo. Podiam chamar aquilo de exílio, porém para um rapaz com experiência de guerra, havia a esperança de conseguir algum lucro e poderia voltar decorridos sete anos.

À medida que se afastava as brumas desapareceram e o tempo ficou ótimo. Talvez pudesse ir até Dry-town verificar se Lorde Ard carran não estaria precisando de um espadachim, um guarda-costas, que falasse a língua das Astúrias e dos reinos localizados no Ocidente, para dar instrução aos seus guardas e defendê-lo de seus inimigos. Certamente, devia ter muita gente assim. Não sabia o porquê mas isto o fez pensar na canção barulhenta do soldado:

*Quatro-e-vinte leroni foram para Ard carran  
Ao retornarem, não puderam usar o seu laran*

Elas deviam ser, pensou ele, como Mirella, leroni que deviam permanecer virgens para a Visão. Por que, ficou imaginando, devia

ser assim, por que somente uma moça solteira pode exercer esta forma especial de laran? Sabia tão pouco a respeito de laran, a não ser que devia temê-lo, e ainda assim poderia ter sido diferente, poderia ter sido escolhido, como Jeremy, para se tornar um laranzu, para carregar uma pedra da estrela ao invés de uma espada numa batalha... Assobiou mais alguns versos da balada indecente, porém sua voz desaparecia sozinha nos espaços imensos. Teve vontade de que algum amigo ou parente, até mesmo um criado, estivesse viajando ao seu lado. Ou uma mulher; Melora cavalgando junto dele, no seu burrico esperto, para conversar com ele sobre guerra, ética, ambições como jamais tinha falado com nenhuma mulher viva, nem mesmo com um homem... não. Não ia pensar em Melora. Quando pensava nela imaginava seus brilhantes cabelos ruivos e isto o fazia recordar Melisendra, sem energia, debatendo-se em seus braços...

Carlina. Carlina, se ela tivesse concordado em acompanhá-lo no exílio, como o devia fazer uma esposa. Ela estaria viajando ao lado dele, rindo e conversando como faziam quando crianças. E quando desmontassem à noite para acampar, ele a envolveria com toda a delicadeza em seus braços, colocaria seus cobertores sobre ela com tanto carinho... pensando assim, sentiu-se desfalecer. E depois ficou tonto de tanta raiva, ao imaginar que o Rei Ardrin não perderia tempo em entregá-la para outro homem qualquer, talvez para Jeremy Hastur. Irracionalmente, desejou que Carlina se divertisse às custas de Jeremy, aleijado, com a sua perna mirrada... porém este pensamento atormentou-o. Carlina entregando-se a Jeremy como não faria com ele! Que todos eles fossem para o inferno, de qualquer modo, o que desejaria ele com as mulheres?

Parou ao meio-dia para descansar sua montaria, amarrando-a numa árvore, pegando pão e pasta de carne nos seus alforjes e mastigando-os enquanto o cavalo comia a relva nova e primaveril. Tinha alimento para vários dias — Lady Jerana tora generosa com ele -, e não teria que se arriscar tentando comprar comida, ou alfafa para seu cavalo, até que tivesse atravessado as fronteiras das Astúrias. E encheria suas garrafas com a água das fontes, ao invés de o fazer nos poços das cidades; estava condenado ao exílio e eles tinham todo o direito de o impedir de se servir neles. Na verdade,

não temia ser morto; o Rei Ardrin não tinha colocado um prêmio sobre sua cabeça e desde que se mantivesse fora do alcance dos parentes de Jeremy, que poderiam muito bem declarar-lhe uma vendeta, tinha bem pouco a recear.

Porém ele se sentia terrivelmente só e não estava habituado àquilo. Teria apreciado muito a companhia de alguém, até mesmo a de um criado. Recordou-se que, certa vez, ele e Beltran tinham cavalgado por este caminho, numa viagem de caça. Deviam estar com uns 13 anos, mais ou menos, não eram ainda homens feitos, e algum problema em casa tinha-os feito falar em fugir, ir para as Drytown juntos para conseguirem um emprego como mercenários. Apesar de saberem que se tratava de uma brincadeira, tinha-lhes parecido real. Eram bons amigos naquele tempo. Uma inesperada tempestade de neve fizera-os procurar abrigo num dos celeiros em ruínas e tinham dividido os cobertores, conversado até altas horas e antes de adormecerem tinham se virado um para o outro, trocado juras de bredin, como costumam fazer os garotos... por que, em nome de todos os deuses, tinha discutido com Beltran por algo como isto? Fora aquela maldita garota, Melora, tinha ficado fora de si por causa de sua recusa e acabara descontando tudo em seu irmão de criação. Por que uma mulher devia se interferir nos laços que uniam os homens? E por Melora o ter rejeitado, tinha discutido com Beltran, dito coisas imperdoáveis, e isto resultara nisto... mesmo que tivesse abandonado estas brincadeiras infantis, devia ter-se lembrado dos longos anos de amizade com Beltran, seu irmão e príncipe. Bard cobriu o rosto com as mãos e pela primeira e última vez desde a infância, chorou, recordando-se dos anos de intimidade entre eles, que Beltran tinha se tornado seu inimigo e que Jeremy estava coxo para o resto da vida. O fogo extinguiu-se, mas ele se deixou ficar deitado, exausto, a cabeça metida nos braços, angustiado de tanta tristeza, desesperado. O que tinha se passado com ele, para abrir mão de ambições, das amizades, da vida que havia feito para ele mesmo, por causa de uma mulher? E agora também perdera Carlina. O sol se pôs, mas ele não conseguia se levantar, lavar o rosto, montar novamente no cavalo. Lastimou-se

por não ter morrido na batalha de Moray's Mill, que o punhal de Jeremy não o tivesse atingido, em vez dele o ter ferido.

Estou sozinho. Estarei sempre só. Sou o lobo como meu pai de criação me apelidou. A mão de todos os homens está contra mim e a minha contra todos eles. Nunca antes se sentira tão consciente do significado da palavra proscrito, mesmo quando se encontrava diante do rei e ouviu-o pronunciar a sua sentença.

Finalmente, extenuado, adormeceu.

Quando acordou, saindo do sono de imediato como um animal selvagem, sentindo o rosto áspero devido ao sal das lágrimas que tinham secado sobre ele, as lágrimas do fim de sua meninice, percebeu, de repente, que tinha dormido demais; havia alguém junto dele. Agarrou a espada antes mesmo que seus olhos estivessem inteiramente abertos e pôs-se de pé de um salto.

A madrugada estava cinzenta; e Beltran, embuçado numa capa e num capuz azul, uma espada desembainhada na mão, estava ali, diante dele.

— Com que então — disse Bard -, não está satisfeito por me saber exilado; pressentiu que sete anos não iriam deixá-lo a salvo, Beltran? — ele estava dominado pelo ódio e franqueza; tinha chorado até cair no sono na noite passada, pensando na discussão mantida com seu irmão de criação, que o teria morto enquanto dormia?

"Como é corajoso, meu príncipe — exclamou ele -, a ponto de matar um homem adormecido! Será que se deu conta de que sete anos não seriam o bastante para deixá-lo livre de mim?"

— Não pretendo trocar palavras com você, lobo — disse Beltran. — Preferiu andar bem devagarinho no seu caminho para fora deste reino ao invés de o fazer a toda brida; agora, a sentença já vigora sobre você de modo que qualquer um pode matá-lo sem correr o risco de ser condenado por isto. Meu pai quis ser complacente com você; mas não o quero em meu reino. Sua vida a mim pertence.

Bard esbravejou:

— Venha e tome-a — e investiu contra Beltran com sua espada. Eram adversários dignos um do outro. Tinham tido aulas

juntos, ministradas pelos melhores mestres em armas do reino, e sempre tinham treinado juntos; conheciam, na perfeição, as deficiências mútuas. Bard era mais alto e seu alcance mais distante; contudo, antes disto, nunca tinham lutado com armas de verdade, mas apenas com espadas para treinamento, cujas extremidades estavam sempre com protetores. E sempre, diante dos olhos de Bard, encontrava-se a lembrança daquela maldita noite do solstício de inverno quando tinha lutado contra Jeremy e o aleijara para toda a vida... Não desejava matar Beltran; julgava impossível que Beltran, a despeito de sua discussão, tivesse a coragem de tentar matá-lo. Por quê, em nome de Zandru, por quê?

Apenas para que pudesse entregar Carlina legalmente para Jeremy, para que ela ficasse viúva antes mesmo de se tornar uma esposa? Aquele pensamento deixou-o furioso; abriu uma brecha na defesa de Beltran, e, lutando como se fora um alucinado, conseguiu arrancar a espada de suas mãos. Ela foi cair a alguma distância de onde estavam.

— Não quero matá-lo, irmão de criação. Deixe que me vá em paz de seu reino. Se depois de sete anos ainda estiver disposto a me matar, desafio-o para um duelo e lutaremos limpo então.

— Não ouse me machucar enquanto estiver caído e desarmado — advertiu-o Beltran -, e sua vida não valerá nada em qualquer ponto dos Cem Reinos!

Bard protestou enfurecido:

— Pois então vá e pegue a sua espada, pois vou-lhe mostrar, mais uma vez, que não é adversário a minha altura! Pensa, menininho, que se tornará igual a mim se me matar?

Beltran foi apanhar a espada bem devagar. Tão logo inclinou-se para pegá-la, ouviu-se o barulho de cascos numa corrida desabrida e um cavalo rumou para eles a todo galope. Quando ele parou entre os dois, empinando-se, Bard viu, recuando assombrado, que o cavaleiro era Jeremy Hastur, branco como a morte. Saltou rápido da sela e ficou agarrado às correias, incapaz de se manter de pé sem apoio.

— Suplico-lhes... Bard, Beltran — disse sem fôlego. — Será que não há nada que ponha um ponto final nesta desavença entre vocês

a não ser a morte? Não façam isso, bredin-y. Nunca mais poderei andar; Bard tem que ir prescrito rumo ao exílio por um tempo enorme. Beltran, suplico-lhe... se gosta de mim... basta!

— Não interfira, Geremy — pediu Beltran, os lábios repuxados e num tom de voz ríspido.

— Desta feita, Geremy — protestou Bard -, juro pela honra de meu pai e pelo meu amor por Carlina, não fui eu quem começou a discussão; Beltran teria me matado enquanto dormia; quando o desarme, desisti de matá-lo. Se conseguir enfiar algum juízo na cabeça deste tolo, em nome de Deus, faça-o, e deixe-me partir em paz.

Geremy sorriu para ele e falou:

— Não o odeio, irmão de criação. Você estava bêbado, fora de si, e acredito, embora o rei não seja da mesma opinião, que se esqueceu que não estava mais com aquele punhal antigo com o qual cortava a carne desde que éramos meninos. Beltran, seu idiota, coloque a espada na bainha. Vim para lhe dizer adeus, Bard, e fazer as pazes. Aproxime-se e abrace-me, meu parente.

Estendeu os braços, e Bard, os olhos embaçados pelas lágrimas, foi abraçar o irmão de criação, beijando-o dos dois lados do rosto. Percebeu que ia irromper no pranto outra vez. E, em seguida, mergulhou em revolta e ódio quando viu, por cima do ombro de Geremy, que Beltran corria rumo a ele com a espada em riste.

— Traidor! Seu maldito traidor! — gritou; desvencilhou-se do abraço de Geremy e rodopiou, a espada na mão. Dois golpes atiraram a espada de Beltran ao chão, e apesar de ter ouvido Geremy gritando, horrorizado e consternado, atravessou o coração de Beltran; viu o outro dobrar-se sobre sua espada e cair.

Geremy tinha caído, batendo com a perna aleijada com força e ficou no chão gemendo. Bard ficou olhando para baixo na direção dele, com amargura.

— Os cristoforos contam uma lenda de seu Bearer of Burdens, de que ele também foi traído pelo seu irmão de criação enquanto este lhe dava um abraço fraterno. Não sabia, Geremy, que você era um cristoforo, ou que seria capaz de fazer uma coisa dessas contra

mim. Acreditei em você — sentiu sua boca retorcer-se numa careta de choro, porém mordeu a própria língua com força e não deixou transparecer nada. Geremy apertou os dentes, lutou para se levantar e falou:

— Não o traí, Bard, juro-lhe. Ajude-me, irmão de criação. Bard balançou a cabeça:

— Duas vezes, não — murmurou amargurado. — Planejou tudo com Beltran para tirar a sua forra?

— Não — replicou Geremy. Agarrando-se ao estribo conseguiu, com muita dificuldade, pôr-se de pé. — Acredite ou não, Bard, vim para tentar fazer as pazes — ele chorava. — Beltran está morto?

— Não sei — respondeu Bard, e inclinou-se para auscultar-lhe o coração. Não havia qualquer sinal de vida; então ergueu o olhar para Beltran desesperado e também para Geremy. — Não tive escolha.

— Sei disto — respondeu Geremy, e sua voz partiu-se. — Ele o teria matado. Misericordiosa Avarra, como chegamos a isto?

Bard cerrou os dentes, esforçando-se para arrancar a espada do corpo de Beltran. Limpou a lâmina num punhado de relva e recolocou-a na bainha.

Geremy ficou em prantos, sem procurar mais esconder as lágrimas. Finalmente disse:

— Não sei o que falar para o Rei Ardin. Ele estava sob minha proteção. Sempre foi tão mais infantil do que nós... — e não teve condições de prosseguir.

— Sei disto — observou Bard. — Muito depois de termos nos tornado homens, ele continuava sendo um garotinho. Devia ter sabido... — e emudeceu.

Finalmente Geremy disse:

— Cada homem deve trilhar a estrada de seu próprio destino. Bard, detesto ter que lhe pedir isto; mas não tenho condições de andar sozinho. Quer, por favor, colocar o corpo de Beltran sobre o cavalo dele, para que eu possa levá-lo de volta ao castelo? Se contasse com um guarda ou um soldado comigo...

— Porém não queria nenhuma testemunha da sua traição — concluiu Bard.

— Ainda acredita nisto? — Geremy balançou a cabeça. — Não, vim para apaziguar, pois estava pronto a implorar junto a Beltran para fazer as pazes com você. Não sou seu inimigo, Bard. Já houve mortes em demasia. Também quer me tirar a vida?

Bard sabia que seria muito fácil para ele fazê-lo. Geremy, como um laranzu decente, estava desarmado. Sacudiu a cabeça, dirigiu-se para junto do cavalo de Beltran e conduziu-o para onde lhe seria possível levantar o corpo do irmão de criação e prendê-lo com cordas sobre a sela.

— Geremy, precisa de ajuda para montar?

Geremy abaixou a cabeça por não desejar que seu olhar se encontrasse com o de Bard. Aceitou, com relutância, a mão de Bard para montar e se acomodou em cima da sela, onde ficou desequilibrado e tremendo da cabeça aos pés. Seus olhos se encontraram e ambos sabiam que nada mais podia ser dito entre eles. Até uma despedida formal teria sido demais. Geremy segurou as rédeas, agarrou as do outro cavalo, que transportava o corpo inerte de Beltran, e, lentamente, fez a volta na trilha e encaminhou-se rumo às Astúrias. Bard o ficou observando enquanto se afastava, a fisionomia tensa, até perdê-lo de vista. Depois, suspirou, encilhou seu cavalo e afastou-se sem olhar para trás, saindo do reino das Astúrias, rumo ao exílio.

**Livro Dois**  
**O Lobo de Kilghard**

## Capítulo Um

Seis meses antes de completar os sete anos de exílio, Bard mac Fianna, cognominado O Lobo, recebeu as notícias da morte do Rei Ardrin e soube que estava livre para retornar às Astúrias.

Naquela ocasião, encontrava-se bem longe, nos Hellers, no pequeno Reino de Scaravel, ajudando a manter Sain Scarp livre dos ataques dos bandidos que vinham do outro lado do Alardyn; pouco tempo depois do cerco ter acabado, Dom Rafael mandou uma mensagem ao filho com notícias do reino.

Três anos após a morte de Beltran, a Rainha Ariel tinha dado ao rei outro filho. Quando Ardrin faleceu, e o infante Príncipe Valentine sucedeu o pai no trono, a rainha tinha, com prudência, escapado para sua terra nas planícies de Valeron, deixando as Astúrias para qualquer pessoa que pudesse se apossar dela e mantê-la em suas mãos. A principal reivindicação estava sendo feita por Geremy Hastur, cuja mãe era prima do Rei Ardrin, e que declarava que, em tempos passados, todas estas terras tinham estado sob o domínio do velho Hasturs e que ainda deveria estar sob sua tutela.

Dom Rafael tinha escrito: Nunca mais dobrarei meu joelho diante da família Hastur e a minha reivindicação é melhor do que a de Geremy; Alaric é meu herdeiro legítimo e herdeiro de Ardrin, depois de Valentine na linha de sucessão. Venha, meu filho, e me ajude a tirar Alaric da tutela de Geremy e a deter em minhas mãos este reino para seu irmão.

Bard refletiu sobre a mensagem, encontrando-se ainda armado na sala da guarda de Scaravel, onde a havia recebido. Durante sete anos tinha servido como mercenário, e depois como capitão de mercenários, em vários pequenos reinos. Não tinha dúvidas de que a fama do Lobo de Kilghard tinha ultrapassado as Hellers, se espalhado pelas terras planas, até mesmo em Valeron. Nesses anos presenciara muitas lutas, e leu na mensagem as notícias insidiosas de que haveria mais brigas pela frente; contudo, no final desta

disputa ele haveria de conquistar a paz, a honra e um lugar junto ao trono das Astúrias. Olhou, intrigado, para o mensageiro.

— E meu pai não lhe passou nenhuma outra mensagem além desta, um recado particular, que só deve ser ouvido por mim?

— Não, vai dom.

Nenhuma notícia a respeito de minha mulher, se perguntava Bard. Será que Geremy tivera a audácia de desposar Carlina? O que mais poderia lhe dar a presunção de reclamar o trono de Ardrin, a não ser o fato de ser o marido de sua filha? Toda esta conversa sobre a antiga família Hastur não passava de uma desculpa, e Geremy deve saber muito bem disto, tanto quanto eu!

— Porém trago um recado da parte de Lady Jerana — acrescentou o mensageiro. — Mandou-me lhe comunicar que Domna Melisendra lhe envia saudações e as de seu filho Erlend.

Bard assumiu um aspecto sombrio e o mensageiro recuou um pouco.

Não se esquecera de Meisendra, de forma alguma. Houvera muitas mulheres nesse meio-tempo, e era provável que ele tivesse um filho, ou dois, espalhados pelos reinos. Na verdade, ele tinha dado dinheiro a uma das mulheres que acompanhavam o acampamento porque o filho dela se parecia muito com ele quando criança, porque ela lavava as suas roupas e aparava seus cabelos quando necessitavam de um corte, e a comida que fazia era muito superior à que era servida na sala da guarda. Agora, pensava em Meisendra com desagrado. Rapariga manhosa, atrevida, chorona! Aquele encontro deixara um travo amargo na sua garganta. Fora a última vez que tinha lançado mão de seu dom para atirar a coerção em qualquer mulher que ia para a sua cama. Ora, ela era virgem, sem dúvida, e era bem provável que a idiota não tivesse descoberto nada melhor a fazer do que ir contar tudo o que tinha acontecido para a sua senhora. Desde que era um menino, Lady Jerana sempre tentara derrotá-lo traiçoeiramente e seu irmão Alaric tinha sempre preferido a sua companhia do que a de qualquer outra pessoa. Agora, Jerana contaria com mais uma ameaça terrível, ou pelo menos assim pensaria, para manter contra ele.

A presença de Meisendra seria uma boa razão para continuar longe das Astúrias. No entanto, não era inteiramente desagradável imaginar que poderia ter um filho com uma moça de boa família, um filho educado como um filho nedestro de um nobre. O garoto devia estar

com uns seis anos, mais ou menos. Com idade já suficiente para aprender alguma coisa das artes essenciais; e sem dúvida Meisendra faria tudo para transformá-lo num homem sem energia a fim de se vingar da revolta sentida contra o pai dele. Não queria ver um filho seu ser educado por aquela moça chorona e esquelética, nem pela sua senhora. Portanto, se Lady Jerana achava que o estava pressionando para ficar longe, mandando-lhe dizer que seu comportamento para com Meisendra era do conhecimento geral, ora, ela deveria pensar melhor.

— Diga ao meu pai — falou, dirigindo-se ao mensageiro — que partirei para as Astúrias daqui a três dias. Meu trabalho aqui está concluído.

Antes de partir, foi procurar Lilla entre as mulheres que seguiam os acampamentos militares e deu-lhe a maior parte do dinheiro ganho em Scaravel.

— Você deveria, quem sabe, comprar uma fazendola em algum ponto destas colinas, e talvez arranjar um marido para ajudá-la a cuidar da propriedade e a criar seu filho.

— Com isto, devo concluir que não pretende mais retornar quando tiver concluído seus negócios lá na sua pátria. É assim? — perguntou Lilla.

Bard sacudiu a cabeça:

— Acho que não volto.

Percebeu que ela engolia em seco e estremeceu imaginando a cena que poderia ocorrer. Mas Lilla era sensível demais para isto. Pôs-se nas pontas dos pés, beijou-o com amor e abraçou-o:

— Que Deus o proteja, Lobo, e que tenha sorte nos Kilghards. Bard retribuiu o beijo e sorriu para ela:

— Isto é que é uma mulher de soldado! Gostaria de dizer adeus ao menino — falou e ela chamou o garoto rechonchudo, que se aproximou e ficou com os olhos presos em Bard, com seu

capacete reluzente, pronto para pegar a estrada rumo ao Sul. Bard segurou-o no colo e deu-lhe um piparote embaixo do queixo.

— Não o posso reconhecer como filho, Lilla, não sei se terei um lar para onde levá-lo. E de qualquer modo, houve muitos homens antes e depois de mim.

— Não espero que o faça, Lobo. Qualquer homem com quem me casar poderá educar meu filho como se dele fosse, ou então pode ir procurar outra mulher.

— Ainda assim — prosseguiu Bard, sorrindo diante dos olhos brilhantes do menino -, caso ele venha a revelar algum talento para as armas, daqui a uns doze anos mais ou menos, e você tiver outros filhos, de modo que não necessite do trabalho dele na fazenda para sustentá-la na velhice, mande-o para o meu lado, nas Astúrias, e cuidarei para que possa ganhar seu pão com a espada, ou fazer ainda mais por ele caso isto me seja possível.

— É muito generoso — disse Lilla, e ele riu.

— É fácil ser generoso com algo que talvez nunca venha a acontecer. Tudo isto parte do pressuposto de que eu ainda esteja vivo dentro deste espaço de tempo, e esta é uma coisa que um soldado jamais pode assegurar. Caso tome conhecimento de minha morte... bem, então, seu filho deve conquistar seu espaço no mundo como o fez o pai dele, com a sua inteligência e braços fortes, e que todos os demônios sejam bons para ele como têm sido para comigo.

— Que maneira estranha para abençoar seu filho, Lobo — observou Lilla.

— A bênção de um lobo? — falou Bard tornando a rir. — Sabe-se lá... talvez ele nem seja meu filho. E a bênção de um parente de nada lhe adiantaria, da mesma forma como a minha maldição não lhe faria nenhum mal. Lilla, não acredito nestas coisas. Maldições e bênçãos são tudo uma coisa só. Desejo a ele tudo de bom, e a você também.

Deu um grande beijo no rosto do menino, colocou-o novamente no chão e deu outro beijo em Lilla. Depois montou em seu cavalo, afastou-se, e se Lilla chorou, teve bastante juízo para só o fazer quando Bard já estava longe de sua vista.

No entanto, Bard estava eufórico enquanto rumava para o sul. Tinha se libertado do único vínculo que estabelecera em todos aqueles anos e o fizera livrando-se tão-somente do dinheiro de que não ia precisar mais. Provavelmente, o garoto não era filho dele, pois, de qualquer maneira, todas as crianças louras se pareciam muito sem precisarem obrigatoriamente terem laços de parentesco; e possivelmente, cresceria com os pés bem firmes e enfiados no esterco do laticínio da mãe, e ele nunca mais precisaria se preocupar com nenhum dos dois.

Rumou para o Sul sozinho, na direção de Kadarin. Atravessou uma região rural devastada pelas guerras, pois os Aldarans que haviam, no tempo de seu pai, mantido a paz por toda aquela zona tinham se desentendido e, agora, havia quatro pequenos reinos e as florestas estavam arrasadas nos locais onde os quatro irmãos, todos eles insaciáveis e ansiosos por possuírem terras, tinham brigado entre si lançando mão do clingfire e da feitiçaria. Bard tinha prestado serviços a um deles durante um ano; e quando eles haviam se desentendido — Dom Anndra de Scathfell ficara com uma garota que Bard desejava, uma coisinha de 14 anos, com longos cabelos e olhos negros que o faziam se lembrar de Carlina -, partiu e foi servir ao irmão do sujeito e levou Dom Lerrys direto para a praça forte através de um caminho secreto que aprendera ao servir a Scathfell. Mas, então, os dois irmãos tinham resolvido suas diferenças e unido suas forças, jurando várias coisas contra o terceiro irmão; e a moça advertira Bard de que uma das cláusulas do acordo estabelecia um preço sobre a cabeça de Bard, pois os dois achavam que ele seria capaz de traí-los. Então ela o tinha deixado escapar pela mesma porta secreta, e Bard fugiu rumo a Scaravel, prometendo a si mesmo nunca mais se envolver numa disputa familiar.

E agora estava retornando para casa, apenas para fazer isto. Porém, pelo menos, estes eram sua própria família.

Atravessou Kadarin e passou através das colinas de Kilghard, vendo a zona rural e os sinais de guerra. Quando cruzou as fronteiras das Astúrias, notou os indícios de luta pelos campos; e ficou imaginando se deveria se apressar e rumar para a fortaleza real. Mas, não; Jeremy reivindicava o trono e encontrava-se na

praça forte do Rei Ardrin, e se Dom Rafael já havia sitiado aquele local, sua mensagem teria sido no sentido de Bard se unir a ele ali; e, portanto, rumou para a velha casa familiar.

Não tinha se dado conta do quanto o campo se modificaria em sete anos; nem, paradoxalmente, o quanto haveria de permanecer o mesmo. Era o início da primavera; durante a noite tinha nevado forte e as paineiras já estavam com suas vagens brotadas. Quando ele e Carlina eram crianças tinham brincado juntos embaixo de uma paineira no pátio. Ele já não se interessava mais pelas diabruras infantis; contudo tinha subido na árvore a fim de colher as vagens para Carlina, para que ela pudesse fazer as camas para as suas bonecas com as vagens cheias de plumas e a lã que continham. Certa vez acharam uma vagem tão grande, que Carlina havia posto um filhotinho de gato para dormir dentro dela, aninhado no material frágil, e cantara cantigas de ninar para o bichaninho. Lembrou-se de Carlina, os cabelos em ondas irregulares indo até a cintura, de pé com a vagem aberta nas mãos, chupando um dedo que o gatinho tinha arranhado, os olhos enchendo-se de lágrimas. Ele tinha apanhado o gato e ameaçado torcer-lhe o pescoço, mas Carlina o retirara das mãos dele, abrigara-o de encontro ao peito, mantendo-o afastado com seus dedinhos delicados.

Carlina. Ele estava voltando para Carlina, que era sua mulher segundo a antiga lei, e ele ia pedir ao pai que exigisse o seu cumprimento. Se tivessem entregue Carlina a outro homem, primeiro haveria de matar o outro e, depois, haveria de se casar com ela. E se o outro fosse Geremy, haveria de cortar os cuyones de Geremy e iria assá-los diante dele mesmo!

Quando avistou, a distância, as torres do Grande Salão de Dom Rafael, já estava totalmente dominado por um frenesi contra Geremy e contra Carlina; se ela tivesse ficado ao lado dele, nem mesmo Ardrin poderia tê-los separado legalmente!

O sol já havia se posto, mas a noite estava límpida e havia três luas no céu. Considerou aquilo como um bom augúrio, porém, ao se aproximar dos portões do Grande Salão, estes estavam trancafiados e quando desmontou e neles bateu, a voz do velho coridom de seu pai, Gwynn, soou soturna:

— Desapareça daqui! Quem se aproxima daqui quando as pessoas honestas já estão na cama? Se tem algum assunto a tratar com Dom Rafael, volte com a luz do dia quando os canalhas voltam para seus covis!

— Abra este portão, Gwynn — retrucou Bard em voz alta e rindo -, pois quem está aqui é o Lobo de Kilghard e se não o fizer saltarei o muro, e o farei me pagar uma indenização caso os ladrões levem meu cavalo embora! O quê? Você me impediria de ficar ao lado de meu pai?

— Jovem Mestre Bard! É o senhor mesmo? Brynat, Haldran, venham cá e retirem a tranca destes portões! Soubemos que se achava a caminho daqui, jovem senhor, porém quem haveria de imaginar que chegaria numa hora destas?

O portão escancarou-se. Bard apeou-se, levou o animal para dentro, o velho Gwynn aproximou-se dele e estendeu o braço, meio sem jeito, para abraçá-lo. Ele estava velho, com os cabelos grisalhos e aleijado; caminhava mancando, e tinha perdido um dos braços, à altura do cotovelo, quando defendera as torres do Grande Salão com apenas uma das mãos antes do nascimento de Bard, e escondera a senhora, a primeira mulher de Dom Rafael, no sótão. Por este serviço, Dom Rafael tinha jurado que ninguém mais, a não ser Gwynn, haveria de ser o coridom enquanto ele vivesse e, embora o velho já tivesse ultrapassado há muito a idade de se aposentar, mantinha-se ciumentamente no seu posto, recusando-se a deixar que qualquer outro mais jovem o substituísse. Quando Bard ainda não completara os sete anos, fora ele quem lhe mostrara os primeiros movimentos da esgrima. Agora, abraçava-o e beijava-o, dizendo:

— Pai de criação, por que os portões estão com as trancas numa região rural tão tranqüila?

— Não existe paz em lugar algum nestes tempos, Mestre Bard — disse o velho solenemente. — Não com os Hasturs jurando que todas estas terras por aqui lhes pertencem de há muito, terra que ficou de posse, todos estes anos, dos di Asturien... ora, o próprio nome Astúrias significa terra de di Asturiens; como podem todos esses canalhas dos Hasturs tentar reivindicá-la? E agora o povo em

Hali promete colocar toda esta terra sob o jugo de seus tiranos e tentam tirar as armas das pessoas honestas, e assim todos ficaremos à mercê de assassinos e bandidos! Oh, Mestre Bard, desde que partiu só tivemos dias ruins nesta terra!

— Soube da morte do Rei Ardrin — falou Bard.

— Realmente, senhor, e o jovem Príncipe Beltran foi assassinado por bandidos, mais ou menos na mesma época em que nos deixou, senhor, embora cá entre nós dois, nunca tive certeza se esse Hastur que está tentando agora se apoderar do trono não tivesse dado a sua ajudinha. Ele e o jovem príncipe saíram juntos a cavalo, assim se diz, e apenas um deles retornou, e, evidentemente, foi o Hastur, um laranzu sórdido e um pobre coitado. Portanto, com a morte de Beltran e a fuga da Rainha Ariel para fora do país... disse Dom Rafael, quando o antigo rei faleceu: "Esta terra onde o rei não passa de uma criancinha não vai nada bem", e sem dúvida, há lutas por todos os lados, e as pessoas honestas não podem fazer suas colheitas devido a presença de bandidos nos campos, quando não são os próprios soldados! E agora fiquei sabendo que se os Hasturs vencerem esta guerra, confiscarão todas as nossas armas, até mesmo os arcos de caça, só contaremos com punhais e forcados, e se fizerem o que querem mesmo, ousou dizer que um pastor não terá permissão de levar seu cajado para manter os lobos afastados do rebanho! — prosseguiu, segurando as rédeas do cavalo de Bard com o braço normal: — Mas vamos entrar, senhor, Dom Rafael ficará contente quando souber que chegou!

Chamou dois palafreiros para cuidarem do cavalo, ajudarem Bard a apear-se e carregar seus pertences para dentro do Grande Salão, e também para trazerem luz e criados; num piscar de olhos, havia uma porção de gente azafamada no pátio, cachorros latindo, barulho e confusão.

— Será que meu pai já foi para a cama? — perguntou Bard.

— Não, senhor — respondeu uma voz infantil quase embaixo de seus pés -, pois o avisei que o senhor chegaria esta noite; vi isto na minha pedra da estrela. E por isto o avô esperou pelo senhor no Salão.

O velho Gwynn estremeceu assustado:

— Jovem Mestre Erlend! Já lhe proibiram de vir aos estábulos, seu garoto perigoso, podia ter sido pisoteado pelos cavalos! Sua mãe vai ficar zangada comigo! — ralhou ele.

— Os cavalos me conhecem, e à minha voz também — retorquiu a criança, adiantando-se para um local onde havia luz. — Eles não me pisotearão. — Parecia ter cerca de seis anos, pequeno para a idade e com uma carapuça de cabelos encaracolados e ruivos, que mais pareciam ser lasquinhas de cobre recém-cortadas à luz da tocha. Bard percebeu logo quem devia ser ele, e mesmo antes do menino dobrar o joelho num cumprimento estranho e fora de moda, disse: — Seja bem-vindo ao lar, senhor meu pai, queria ser o primeiro a vê-lo. Gwynn, não tenha medo, direi ao avô para não brigar com você.

Bard olhou-o zangado e falou:

— Com que então você é o Erlend.

Estranho ele não ter pensado nisto; Melisendra tinha os cabelos ruivos dos antigos parentes, assimilados há muitas gerações, o sangue da família Hastur, de Hastur e Cassilda; porém ele não havia imaginado que o menino pudesse ter o dom do laran.

— E sabe quem sou eu? — como, perguntava-se, teria Melisendra falado a seu respeito?

— Sim, eu o vi na mente e na memória de minha mãe, se bem que isto foi quando era menor do que agora. Atualmente, está muito ocupada, segundo me diz, com a educação de um garoto importante como eu, para lembrar dos tempos passados. E também o vi na minha pedra da estrela. O avô me contou que você é um grande guerreiro, e que é chamado Lobo. Creio que, talvez, gostasse de ser um grande guerreiro também, embora minha mãe tenha dito que o mais provável é que seja uma laranzu, um mágico, como o pai dela. Pai, posso ver a sua espada?

— Claro que sim — retrucou Bard, sorrindo para o garotinho sério; ajoelhou-se ao seu lado, tirando a espada da bainha. Erlend colocou sua mãozinha, com todo o respeito, na empunhadura da arma. Bard começou a adverti-lo para não tocar na lâmina, depois se deu conta de que o menino era esperto e já sabia disto. Embainhou a espada e colocou o garoto no seu ombro.

— Muito bem, meu filho, é o primeiro a me desejar boas-vindas ao lar após todos estes anos de exílio e isto é bem apropriado. Acompanhe-me quando eu for cumprimentar o meu pai.

O Grande Salão pareceu-lhe menor do que quando o vira pela última vez, e mais modesto. Um cômodo comprido e baixo, com o chão revestido com pedras, os escudos e estandartes de gerações de di Asturien pendurados nas paredes e também estavam em exposição armas já muito antigas para serem usadas: piques e as antigas lanças, muito desajeitadas para as lutas atuais, e tapeçarias tecidas centenas de anos antes, reproduzindo velhos deuses e deusas, a deusa da colheita afastando uma banshee dos campos, Hastur adormecido nas praias de Hali e Cassilda no seu tear. O chão de pedras era irregular sob os pés, e uma lareira estava acesa em cada uma das extremidades do comprido salão. Na extremidade mais afastada, as mulheres estavam todas juntas, e Bard ouviu o som de um rryl; junto à lareira mais próxima, Dom Rafael levantou-se de sua cadeira de braços quando viu Bard entrar com o filho no colo.

Ele vestia uma roupa de casa, longa, em lã verde-escura e tecida a mão, com bordados nas mangas e decote. Os homens di Asturien eram louros, todos eles, e os cabelos de Dom Rafael eram tão claros, que era impossível se saber se já estavam ficando grisalhos ou não; mas sua barba era tão branca quanto a neve. Sua aparência continuava a mesma de quando Bard o avistara pela última vez, apenas um pouco mais magro, os olhos um tanto fundos como que por preocupação.

Estendeu os braços, porém Bard pôs Erlend no chão e ajoelhou-se diante do seu pai. Nunca tivera uma atitude como aquela com nenhum dos senhores aos quais servira nos sete anos de exílio.

— Voltei, meu pai — falou, sentindo em algum ponto de sua mente a surpresa de seu filho, ao ver o pai, o famoso guerreiro e proscrito, ajoelhar-se diante do seu avô exatamente como agiam seus vassalos. Bard sentiu a mão do pai tocar em seus cabelos.

— Receba as minhas bênçãos, filho. E não importa os deuses que existem, se é que há algum, sejam eles benditos por o terem

trazido de volta a mim são e salvo. Mas, também, nunca duvidei disto. Levante-se, querido filho, e abrace-me — pediu Dom Rafael, e Bard, ao obedecê-lo, percebeu as rugas no rosto do pai e sentiu a fragilidade de seus ossos. Pensou, chocado e consternado: Deus, ele já está velho. O gigante da minha juventude já é um homem velho! Sentiu-se perturbado ao constatar que estava mais alto do que o pai, e muito mais forte; se quisesse podia levantá-lo nos braços como tinha feito com Erlend!

Como tinham passado rápido aqueles anos, enquanto ele combatia estranhas guerras em terras estrangeiras! O tempo também deixou em mim as suas pesadas marcas, pensou Bard e soltou um suspiro.

— Estou vendo que Erlend foi dar-lhe as boas-vindas — observou Dom Rafael, enquanto Bard se acomodava ao lado dele junto à lareira. — Mas agora deve ir para a cama, neto; onde estava a cabeça de sua ama para permitir que fosse lá para fora tão tarde assim?

— Acho que ela pensava que eu já estava na cama, pois foi ali que me deixou — replicou Erlend -, mas achei mais conveniente sair e cumprimentar meu pai. Boa noite, avô, boa noite, senhor — acrescentou, fazendo aquela sua pequena reverência, engraçada e precoce. E Dom Rafael riu ao vê-lo saindo do salão.

— Que feiticeirozinho ele é! A metade da criadagem já morre de medo dele, mas ele é inteligente e muito amadurecido para sua idade. Orgulho-me dele. Contudo, gostaria que me tivesse contado que tinha deixado Melisendra grávida. Isto a teria poupado, e a mim também, de ouvir algumas palavras revoltadas de minha lady; ou ignorava que Melisendra estava sendo mantida virgem para a Visão. E por isto todos sofremos, pois Jerana estava furiosa por ter perdido a sua leronis tão jovem.

— Não lhe contei porque não o sabia — esclareceu Bard -, e a atitude tomada por Melisendra não poderia ter sido melhor no final das contas, caso a sua premonição a tivesse mantido fora de meus aposentos quando me achava sozinho e desejando uma mulher. — Depois de ter dito isto, sentiu-se um pouco envergonhado, recordando-se que ele, afinal, não lhe tinha dado a mínima opção

com referência ao assunto. Porém, pensou, se Melisendra tivesse a metade do laran que seus cabelos ruivos prometiam, nunca teria sido vítima daquela coerção, de modo algum! Ele não conseguiria, por exemplo, fazer uma coisa como aquela com Melora.

— Muito bem, pelo menos ele é bonito e inteligente, e vejo que o educou nesta casa em vez de mandá-lo para ser educado por um estranho qualquer!

Seu pai disse, os olhos presos na lareira:

— Você estava partindo para o exílio e para a proscricção. Receava que ele pudesse ser tudo aquilo que me restava de você. De qualquer forma — acrescentou, defendendo-se, como se se envergonhasse de sua fraqueza -, Jerana não teve a coragem para separar Melisendra de seu bebê.

Bard pensou que nunca imaginara que Lady Jerana não pudesse ter um coração, e isto não o surpreendia. Não queria expressar este pensamento para o pai, por isto falou:

— Notei que a mãe dele já lhe ensinou um pouco de sua arte, também; ele já leva uma pedra da estrela presa ao pescoço, mesmo sendo pequeno. E agora, pai, chega de mulheres e crianças. Pensava que o senhor já teria feito alguma coisa contra o amaldiçoado Hastur que tentou se assenhorear desta terra.

— Não me é possível atacar Jeremy de imediato — explicou Dom Rafael -, pois ainda detém a guarda de Alaric. Mandei-lhe chamar para ver se você consegue algum meio para trazer seu irmão de volta, para que eu possa ter a liberdade de atacar estes Hasturs.

— Jeremy é uma serpente cujas espirais encontram-se por todos os cantos! Tive-o uma vez em minhas mãos, e evitei matá-lo. Será que não previ isto? — questionou Bard revoltado.

— Ah, não desejo nada de mal ao rapaz — explicou Dom Rafael. -Se estivesse no lugar deles, esteja certo, teria procedido da mesma forma. Ele era um refém da Corte de Ardrin através da boa vontade do Rei Carolin de Thendara! Estou certo de que Jeremy alcançou a maturidade sabendo que se alguma desavença surgisse entre Ardrin e Carolin, a sua cabeça haveria de ser a primeira a rolar, não importava o fato de ser ele irmão de criação do filho de Ardrin.

E falando sobre os filhos de meu irmão... você sabia, não?, que Beltran estava morto?

Bard cerrou os dentes e concordou com um movimento de cabeça. Algum dia haveria de relatar ao pai de que modo Beltran morrera; mas não já. E formulou uma pergunta ao pai, uma pergunta que nunca lhe tinha ocorrido fazer:

— Era eu um refém na Corte de Ardrin para assegurar a ele um bom comportamento de sua parte?

— Pensei que sempre tivesse sabido disto — retrucou Dom Rafael. — Ardrin nunca confiou inteiramente em mim. Contudo, não tenha dúvidas, Ardrin reconheceu o seu valor pessoal, pois caso contrário, jamais o teria promovido a seu porta-estandarte, nem ao posto acima de seu próprio filho. Meu jovem, você pôs tudo isto a perder com sua loucura, porém me parece que prosperou nestes anos de exílio, portanto não falaremos mais sobre isto. Todavia, enquanto você, e depois Alaric, estavam lá na corte dele, Ardrin sabia que eu seria incapaz de lhe causar qualquer transtorno, ou de disputar o trono com ele, se bem que o meu direito de me sentar ali fosse tão evidente quanto o dele, e melhor do que o de seu filho caçula. Agora, contudo, estando mortos tanto Ardrin como Beltran, seria catastrófico, em tempos como estes, para uma criança reinar... os ratos podem se divertir na cozinha quando o gato é um filhotinho! Se ficar do meu lado...

— Como pode duvidar disto, pai? — indagou Bard, porém antes que pudesse continuar, uma mulher surgiu dentre as mulheres agrupadas ao redor da outra lareira, esbelta, com cabelos grisalhos, envergando um manto ricamente bordado e cheio de alamares.

— Filho de criação, com que então está de volta? Sete anos de proscricção não parecem ter lhe causado muitos danos, no final das contas. É verdade — acrescentou, examinando suas vestes enfeitadas com pele, o punhal cheio de pedras preciosas e a espada dependurada na cintura, a trança de guerreiro salpicada de jóias. — Deve ter se saído muito bem nas guerras estrangeiras! Esta não é pele de lobo?

Bard inclinou-se diante de Lady Jerana. Pensou, ainda não deixou de ser a mesma cadela de feições agressivas, a língua

viperina; seriam precisos três vezes sete anos para que houvesse qualquer melhora nela e a melhor de todas seria uma mortalha, porém naqueles anos tinha aprendido a não revelar tudo aquilo que lhe vinha à cabeça.

— Realmente, mãe de criação, os sete anos praticamente não se fizeram sentir em você — disse ele, e o sorriso dela revelou-se amargo.

— Seus modos, pelo menos, melhoraram bastante.

— No entanto, Domna, vivi durante sete anos de expedientes e da minha espada; naquelas terras e circunstâncias, senhora, ou se aprende rápido, ou se morre, e como está vendo, ainda me encontro entre os vivos.

— Mas seu pai não está se mostrando muito hospitaleiro — observou Lady Jerana. — Não lhe ofereceu sequer um refresco. Como pôde você cavalgar por aí em horas tão tardias em tempos como estes? -acrescentou, ao fazer um sinal aos criados para que servissem comida e vinho.

— E, realmente, tão inseguro assim, Domna? O velho Gwynn disse algo assim, porém pensei que, na idade dele, talvez já estivesse um pouco caduco.

— Ele continua com o juízo perfeito — disse Dom Rafael. — Fui eu que dei ordens para que os portões fossem fechados com trancas todas as noites ao pôr-do-sol, e que cada animal, homem, mulher e criança ficassem dentro destes muros. E criei uma tropa montada para montar guarda nas fronteiras, com sinais de fogo para nos avisarem se mais de três cavaleiros forem vistos juntos numa comitiva... razão pela qual não lhe demos as boas-vindas como merece. Nunca me passou pela cabeça que você viajaria sozinho, sem um guarda-costas ou intermediário, ou nem mesmo um escudeiro!

— Não é à toa que me chamam de Lobo — disse Bard — Lobo solitário, e errante, são os nomes mais delicados que me dão.

— No entanto, apesar de todas estas precauções — falou Dom Rafael -, assaltantes, bandidos é o que eles dizem, mas acho que podem ser homens de Geremy, penetraram nas aldeias e levaram alguns cavalos. Construimos paliçadas aqui no castelo, onde podem

deixar seus animais se o desejarem, porém começaram a manter os animais em casa novamente. Os assaltantes também levaram sacos de trigo, nozes e metade da safra de maçãs. Não haverá muita fome, mas os mercados disporão de pouca mercadoria, o povo terá poucas moedas, e alguns habitantes das aldeias armaram-se. Chegou-se mesmo a falar sobre a contratação de um leronis, para manter os assaltantes afastados com feitiçarias, porém não deu em nada, coisa que não me desagradou; não gosto deste tipo de guerra.

— Nem eu — concordou Bard -, mas o pequeno Erlend referiu-se a ser treinado como um laranzu.

Lady Jerana anuiu em silêncio:

— O menino tem donas, e seu preceptor acha que provavelmente não terá a musculatura adequada para ser um espadachim.

Os criados tinham trazido vinho e passavam bandejas com saborosas guloseimas. De repente, Bard ficou paralisado ao deparar com os olhos de uma mulher baixinha e roliça, cujos cabelos pareciam línguas de fogo ao redor do rosto, e apesar das tranças estarem presas à nuca, pequeninos anéis ruivos escapavam delas.

— Melisendra?

— Meu senhor — disse ela, inclinando a cabeça à guisa de saudação. — Erlend falou, quando foi me pedir para pô-lo de volta na cama, que o tinha visto.

— Ele é um excelente menino e de ótima aparência. Fiquei sabendo da existência dele, pouco antes de retornar. Isto nunca me passara pela cabeça. Qualquer homem ficaria orgulhoso de ter um filho assim.

Um sorrisinho surgiu no rosto dela:

— E por um elogio igual a este, sem dúvida, qualquer mulher se sente recompensada, seja qual for o preço que tenha pago. Agora, acho que ele talvez tenha sido um ótimo preço por aquilo que perdi; porém foram necessários muitos anos para que eu passasse a pensar assim.

Bard observou a mãe de seu filho em silêncio. Seu rosto ainda continuava redondo e o queixo curto. Ela usava um sóbrio vestido cinza, sobre uma túnica azul, bordada com borboletas no decote e

mangas. Ela possuía um porte e dignidade que, de repente, o fizeram recordar o modo solene de falar de seu filho. Ele não tinha se lembrado dela assim.

— Lady Jerana foi muito boa conosco; e seu pai também — explicou ela.

— Eu já devia esperar por isto. Fui criado na casa de meu pai e não há razão para que meu filho também não fosse tratado da mesma forma — comentou Bard.

Os olhos dela cintilaram junto com um sorriso irônico:

— Sim, meu senhor, esta foi a última coisa que me disse, que tinha certeza de que seu pai não haveria de permitir que eu e meu filhinho morrêssemos de fome pelos campos.

— Um neto é um neto. Embora o nascimento dele fosse abençoado sem muita bobagem — disse Bard.

— Nenhum nascimento é amaldiçoado, Bard — falou Melisendra com muita tranqüilidade. — As festas são para confortar o coração dos ignorantes; aquele que é sábio sabe que é a deusa quem dá a bênção. Porém, como é possível uma coisa que conforta ser uma bobagem?

— Então, quer dizer que não se encontra entre os ignorantes que necessitam de cerimônias deste tipo?

— Quando necessitei delas, meu senhor, era mais ignorante do que possa imaginar, pois era muito jovem. Agora sei que a deusa sozinha pode confortar mais do que qualquer cerimônia preparada por um homem ou uma mulher.

Bard riu:

— Que deusa é ela, entre tantas que confortam os ignorantes nesta região rural?

— A deusa é uma só, não importa o nome que ela própria possa adotar, ou qualquer nome que o ignorante lhe dê.

— Muito bem, acho que devo encontrar algum nome, através do qual lhe agradecerei — disse Bard — por ter me dado um filho tão bom. Contudo, preferia pensar que devo agradecer é a você, Melisendra.

Ela sacudiu a cabeça:

— Não me deve nada, Bard — protestou ela e virou-se para se afastar. Ele a teria seguido, porém os menestréis começaram a tocar junto à lareira. Bard voltou para se sentar ao lado do pai novamente. Na outra extremidade do salão, algumas mulheres dançavam, porém ele percebeu logo que Melisendra não se achava entre elas.

— Como é que Jeremy está tentando reivindicar o trono? O próprio nome Astúrias significa terra dos Asturiens, o que tem um Hastur a ver com isto? — perguntou Bard.

— Ele declara — esclareceu Dom Rafael — que houve um tempo em que todas estas terras eram detidas pela família Hastur, e que as Astúrias foram doadas para os di Asturiens apenas por um testamento; que Astúrias significa, na velha língua, terra dos Hasturs.

— Ele está louco.

— Se for assim, é uma loucura que lhe é conveniente, de vez que reclama esta terra ao Rei Carolin de Carcosa.

— Que reivindicação fantasmagórica... — começou Bard, em seguida corrigiu-se. — Deixando de lado a reivindicação do Príncipe Valentine, e dentro em breve farei isto, pois esta terra não irá nada bem se seu rei for uma criança, que reivindicação fantasmagórica ele tem, a não ser do antigo mito dos filhos de Hastur e Cassilda? Não me submeterei a um rei cuja reivindicação ao trono vem da lenda e do mito.

— Nem eu — concordou Dom Rafael. — Seria mais fácil eu acreditar que os Hasturs foram um dia deuses, segundo reza o mito, e que os Hasturs eram verdadeiros filhos do Senhor da Luz! Porém, ainda que o primeiro Hastur fosse filho do próprio Aldones, não iria desistir tão pacificamente da reivindicação da posse das terras que os di Asturiens detiveram durante todos estes anos! Não posso agir contra ele enquanto estiver com Alaric ao seu lado; mas acho que ele sabe que o povo protestará contra o fato de um Hastur subir ao trono. Talvez ele queira ficar com Alaric para colocá-lo no trono como seu fantoche, porém deve estar tremendo nas suas sandálias, o patife!

— Quando souber que voltei, terá razão para se preocupar. Mas pensei que, talvez, ele tivesse preferido se casar com a filha do Rei

Ardrin e garantir o trono para seus filhos.

— Carlina? — perguntou Dom Rafael, e sacudiu a cabeça. — Não sei nada sobre ela e, certamente, não se casou com Jeremy; disto eu teria ouvido falar.

Logo depois, os menestréis foram dispensados; Lady Jerana ordenou que suas damas se fossem, e Dom Rafael desejou ao filho uma boa-noite. Lady Jerana tinha mandado um camareiro para seus velhos aposentos, para tirar suas botas e roupas e ajudá-lo a tomar banho; contudo, quando voltou para a cama, o criado omitiu-se da antiga gentileza de lhe perguntar se desejava a companhia de uma mulher. Bard já ia chamá-lo de volta, mas encolheu os ombros; tinha cavalgado demais naquele dia e não avistara nenhuma mulher entre as damas de Lady Jerana que o tivesse interessado. Apagou a luz e meteu-se na cama. E sentou-se atônito, pois já havia alguém ali.

— Pelos infernos de Zandru!

— Sou eu, Bard. — Melisendra sentou-se ao lado dele. Ela estava usando uma camisola comprida e diáfana em algum tom claro, os cabelos eram uma nuvem luminosa. Bard riu.

— Você voltou, embora tivesse chorado e se lamuriado quando impus minha vontade sobre você, antes.

— Não se trata da minha vontade, mas da vontade de Lady Jerana — esclareceu Melisendra. — Talvez não queira perder outra de suas leroni virgens; quanto a mim, o que eu tinha a perder só pode ser perdido uma vez — encolheu os ombros com cinismo. — Ela me autorizou a usar estes aposentos, dizendo que tinha direito a eles, e o pequeno Erlend e sua ama dormem mais além. Você não é pior do que qualquer outro; e a deusa sabe, fui obrigada a reclamar com bastante freqüência para que me deixassem em paz por aqui. Lady Jerana quer pensar em mim como uma barragana de seu filho de criação e lhe dei um filho. Contudo, caso não me queira aqui, me sentirei mais do que feliz indo dormir em outro lugar qualquer, mesmo se tiver que dividir o berço de meu filho.

Bard estava revoltado com a sua aceitação tranqüila e indiferente, porém assim mesmo se deu conta de que se ela tivesse se revelado contrária àquilo tudo, também teria ficado revoltado. Estava pronto a expulsá-la da sua cama com uma praga, uma

bofetada e uma ordem para sair dali. Porém percebeu que fizesse o que fizesse, ela haveria de aceitar com o mesmo ar de indiferença, para enfurecê-lo ainda mais. Mulheres infernais! Podia-se pensar que ele lhe tinha feito algum mal, ao invés de lhe ter dado um filho de sangue nobre e um lugar seguro como barragana nesta grande família!

E, como não podia ter Carlina na sua cama, uma mulher era muito parecida com qualquer outra quando a luz estava apagada.

— Pois então, venha aqui — falou com brutalidade — e fique quieta. Não gosto das mulheres que fazem muito barulho e não quero ouvir mais nada de sua tagarelice insolente.

Ela o encarou, sorridente, assim que ele a segurou.

— Por que se mostra tão imparcial, my lord? Os deuses obrigaram-no a aturar qualquer coisa que o desagrade.

Melisendra não disse mais nada. Se tivesse agido de outra forma, Bard pensou numa raiva surda, ele teria batido nela para ver se conseguia arrancar aquele sorriso infernal do rosto dela.

## Capítulo Dois

Bard despertou com uma barulheira imensa e sentou-se, instantaneamente acordado. Tinha dormido em muitos postos de batalha para não saber que barulho era aquele. Melisendra sentou-se ao lado dele.

— Estamos sendo atacados?

— É o que me parece. Com mil diabos, como poderia eu saber? Bard já estava fora da cama, enfiando-se nas suas roupas. Ela colocou um robe comprido sobre a camisola e disse:

— Devo ir para junto da minha senhora e cuidar para que as mulheres e crianças estejam a salvo. Deixe-me ajudá-lo a calçar as botas — acrescentou, e Bard ficou imaginando como ela sabia que ele remancheava para não chamar o camareiro. — E aqui estão sua espada e manto.

— Certifique-se de que o menino está a salvo! — ordenou ele, enquanto corria na direção da escada.

Bard estava ligeiramente surpreso com ele mesmo. Com um castelo sob ataque, não era o momento para se ter preocupações a respeito de mulheres e crianças.

Encontrou o pai no Grande Salão, vestido às pressas.

— Estamos sob ataque?

— Não; foi uma investida rápida, eles entraram e saíram das aldeias, carregando cavalos, que mal podíamos dispensar, e alguns sacos de trigo. O barulho foi provocado pelos aldeões, vindo até aqui para nos relatar o acontecido, e meus guardas preparando-se para saírem em sua perseguição, quem sabe para conseguir recuperar os cavalos...

— Foram homens de Jeremy?

— Não, se fossem, teriam investido contra a Casa Grande, não contra as aldeias. Homens de Serrais, creio, reunindo-se nas nossas fronteiras, aproveitando-se da anarquia para abrir caminho para a escória de Dryland contra nós... A terra está infestada por eles. Gostaria que fossem e saqueassem Jeremy no Castelo das Astúrias!

Gwynn entrou no salão, e Dom Rafael virou-se, irritado, para o velho coridom.

— O que aconteceu agora?

— Um mensageiro do rei, meu senhor.

Dom Rafael zangou-se e perguntou textualmente:

— Onde há um rei nesta terra para enviar um mensageiro?

— Perdoe-me, senhor. Deveria ter dito um mensageiro da parte de Dom Jeremy Hastur. Ele chegou em meio a toda esta confusão, no momento em que seus homens encilhavam os animais para irem em perseguição dos bandidos...

— Devia ter ido com eles — disse Bard.

— Sem dúvida, é isto que eles querem, que desperdice suas forças contra bandidos e ataques fortuitos! — falou seu pai. Virou-se para Gwynn e disse: — Receberei o homem de Jeremy. Diga a Lady Jerana para mandar uma leronis para lançar o encanto da verdade no salão. Não receberei nenhum laçao de Hastur sem isto. Bard, você me auxiliará?

Quando o enviado de Jeremy entrou no Grande Salão, trazendo a bandeira da paz e o estandarte dos Hasturs de Carcosa, um abeto prateado em campo azul, distinguido com as velas ardentes, Bard já havia tomado seu café rapidamente, uma tigela de mingau de nozes, engolido com cerveja amarga, já estava de rosto lavado e vestido com as cores de seu pai, azul e prateado dos di Asturiens. Dom Rafael encontrava-se sentado numa cadeira entalhada a mão e colocada sobre um estrado, dois passos atrás dele, no lugar do mediador. Bard ficou de pé com a mão pousada sobre a empunhadura de sua espada. Melisendra, também envergando o prateado e o azul dos di Asturiens — e como, ficou imaginando Bard, tinham os Hasturs e os di Asturiens as mesmas cores de família? — achava-se sentada num banquinho baixo, inclinada sobre sua pedra da estrela que emitia a claridade azulada do encanto da verdade pelo salão. O enviado estancou na soleira da porta, aborrecido.

— Meu senhor, isto não se faz necessário.

— No meu salão — retrucou Dom Rafael — julgo o que seja necessário, a não ser que saúde meu próprio senhor; e não

reconheço nenhum filho de Hastur como meu senhor, ou seu mensageiro como a voz de meu rei legítimo. Cumpra sua tarefa sob o encanto da verdade, ou desista de falar e retire-se do meu salão.

O enviado era realmente muito bem treinado para o desempenho de seu trabalho para dar de ombros, porém, de algum modo, deu a impressão de o ter feito.

— Que assim seja, vai dom. Como não falo nenhuma inverdade, o encanto da verdade revela mais os costumes de seu salão do que a mensagem de meu mestre. Escutem, então, a palavra do grande senhor Jeremy Hastur, guardião dos di Asturiens e regente das Astúrias, mantendo estas terras para o senhor de direito, Rei Carolin de Carcosa...

Dom Rafael interrompeu-o, suave mas de modo audível:

— Para que se encontra a Ieronis aqui? Pensei que o encanto da verdade tivesse sido lançado neste salão de modo que nenhuma inverdade pudesse ser dita aqui, e ainda assim ouço uma asserção...

Bard sabia que Dom Rafael dissera aquilo apenas para aborrecer; o encanto da verdade lidava apenas com fatos e intenções, não com reivindicações e disputas, e, naturalmente, o mensageiro também o sabia e não levou em consideração a interrupção. Sua atitude modificou-se, e Bard sabia que estava olhando uma Voz, ou um mensageiro-mímico profissional, cuja tarefa era transmitir uma mensagem com as mesmas palavras e inflexão exatas de como a tinha ouvido. Qualquer mensageiro podia repetir sua mensagem textualmente, porém a arte de repeti-la com a mesma voz de quem a enviara, e levar de volta qualquer mensagem no mesmo tom, de modo que quem a recebesse pudesse ter condições de julgar por si mesmo cada sutileza, ironia ou insinuação, era uma habilidade rara e especial.

"- Para meu parente e velho amigo de meu pai, Dom Rafael das Astúrias" — começou a Voz, e Bard estremeceu; era fantástico. A Voz era um homenzinho gorducho com suíças amarelo-avermelhadas e libré indefinível, contudo, através de um recurso de voz ou feitiço, parecia que Jeremy Hastur em pessoa estivesse de pé diante deles, um homem encurvado, um ombro mais alto do que o outro, uma das pernas colocada de forma a suportar menos peso,

apoiado em algum tipo de suporte. E Bard sentiu um calafrio percorrer sua espinha quando constatou o que uma discussão infantil tinha provocado no homem amargo que se achava diante dele...

Não. Isto era um truque, uma Voz treinada, um mímico, um tipo especial de criado; o verdadeiro Geremy Hastur encontrava-se muito longe.

"- Parente, a nossa reivindicação ao trono das Astúrias pode ser disputada mais tarde; no atual momento todo o reino das Astúrias encontra-se sob o ataque da gente de Serrais, que vê o trono das Astúrias em disputa e considera esta terra como um pássaro de caça voando livre para que qualquer falcão o agarre. Não importam os méritos da sua ou da minha reivindicação, peço uma trégua, para expulsarmos estes forasteiros de Serrais de nossas fronteiras; e, depois disto, podemos nos sentar como parentes e discutirmos quem governará esta terra e como. Rogo-lhe para abraçarmos esta causa comum a nós dois por enquanto, como o mais eficiente dentre todos os generais que serviram sob o comando de meu primo Ardrin em épocas passadas. Empenho a palavra de um Hastur que enquanto durar o armistício, o seu filho Alaric, que vive como um parente em minha casa, será protegido contra a guerra; e quando os invasores tiverem sido expulsos, peço-lhe para me encontrar pessoalmente com o senhor, desarmados nós dois e com não mais de quatro mediadores, para discutirmos o destino desta terra e a volta de Alaric aos cuidados de seu pai."

E, após alguns segundos, a Voz acrescentou, agora com sua própria voz:

— Esta é toda a mensagem que Lorde Geremy Hastur lhe enviou nesta oportunidade; exceto seu pedido para que o senhor vá o mais rápido possível.

Dom Rafael continuou sentado, os olhos fixos no chão. Bard então perguntou:

— Quantos foram os invasores que atravessaram as fronteiras das Astúrias?

— Senhor, eles são um exército.

— Parece-me que não temos escolha — disse Dom Rafael. — Caso contrário, estes Serrais cairão sobre nós um a um e nos abaterão como bem entenderem. Diga a meu parente que me unirei a ele, com todos os homens disponíveis que puder reunir, e com tantas leroni quantas puder levar, tão logo estabeleça a defesa de minha própria casa, de minha senhora e de meu neto; e pode informar-lhe que declarei isto sob o encanto da verdade.

A Voz curvou-se e trocaram-se mais algumas palavras formais. Em seguida, a Voz retirou-se, e Dom Rafael virou-se para Bard.

— O que acha, meu filho? Soube de sua fama na guerra e veja, aqui há uma a sua espera, mal voltou para casa, para as Astúrias!

— Preferiria combater Geremy pessoalmente — falou Bard -, porém o trono das Astúrias deve se tornar seguro antes que qualquer pessoa nele se sente! Se Geremy julga que nosso auxílio reforçará sua reivindicação ao trono, ficará em nossas mãos lhe mostrar, quando chegar a hora, que está muito enganado. Quando partiremos?

Durante todo o decorrer do dia sinais de fogo foram enviados, convocando todos os homens em condições de servir às Astúrias para lutarem contra a invasão. A medida que avançavam, mais e mais homens uniam-se a eles, nobres usando armaduras de metal reforçadas com couro, levando espada, escudo e montados; arqueiros a pé, com arcos, flechas ígneas e compridas lanças, fazendeiros e camponeses montados em lombo de burro e animais de carga, carregando antigas lanças, maçãs repletas de cravos mortais, até mesmo cacetes e forcados.

Bard cavalgava com os mediadores de seu pai, e perto deles ia um pequeno grupo de homens e mulheres, desarmados, usando longos mantos cinzentos e capuzes que escondiam seus rostos; eram os leroni que iam combater ao lado dos guerreiros. Bard se deu conta de que durante toda a sua ausência o pai devia ter recrutado e treinado estes homens e, de repente, arrepiou-se um pouco. Há quanto tempo seu pai vinha maquinando esta rebelião, como algum ovo monstruoso escondido na sua mente? Será que desejava, há tanto tempo assim, a coroa para Alaric?

Pois ele, Bard, sentia-se melhor adequado à guerra do que à governança; preferia ser o homem de confiança do rei a ser o próprio rei, e se este fosse, algum dia, seu querido irmão, havia uma boa vida à sua espera. Começou a assobiar e prosseguiu seu caminho com alegria.

Contudo, cerca de uma hora após, teve um choque, pois entre os leroni tinha reconhecido, mesmo sob o capuz, a silhueta e o rosto de Melisendra.

— Pai, por que a mãe de meu filho acompanha os exércitos? Ela não é uma seguidora de acampamento!

— Não, ela é a leronis mais hábil que temos.

— Seja como for, pelo que me disse, pensei que Lady Jerana me culpava por tê-la incapacitado para este tipo de serviço...

— Oh, ela é inútil para a Visão — esclareceu Dom Rafael. — Contamos com uma jovem solteira para isto, nem tem ainda doze anos. Porém, para todo o resto, Melisendra está altamente capacitada. Houve um tempo em que cheguei a pensar em tomá-la como minha própria barragana, pois Jerana gosta dela, e como ficará sabendo quando estiver casado, é inútil escolher uma concubina que é detestada por sua mulher. Porém... — ele encolheu os ombros — Jerana desejava mantê-la virgem para a Visão, e acabei satisfazendo a vontade dela; e você sabe o que aconteceu. De qualquer maneira, desejava mesmo ter um neto. E, uma vez que Melisendra revelou-se fértil para você, talvez devesse tomá-la como esposa.

Bard amarrou o rosto, revoltado. Falou:

— Recordo-lhe, senhor, que já tenho uma esposa; enquanto Carlina viver, não me casarei com ninguém mais.

— É claro que você poderá se casar com Carlina caso descubra onde se acha — observou Dom Rafael. — Contudo, ela não tem estado na corte desde a morte do pai dela. Fugiu do castelo antes mesmo da Rainha Ariel levar Valentine para junto de seus parentes em Valeron.

Bard ficou se perguntando se ela não teria abandonado a corte para evitar o casamento com Geremy. Sem dúvida alguma, ele devia ter considerado tal casamento como o melhor caminho para

reclamar o trono de Ardrin. Será que ela o estava esperando, em algum lugar, para que a fosse reclamar para si mesmo?

— Então, onde está Carlina?

— Sei tanto quanto você, meu filho. Pelo que me consta, encontra-se dentro de uma torre em algum lugar, aprendendo o ofício de uma leronis, ou até mesmo... — Dom Rafael ergueu os olhos para um último grupo de combatentes que tinha se unido ao seu exército na estrada — talvez tenha tosado os cabelos e feito votos ingressando assim na Irmandade da Espada.

— Nunca! — exclamou Bard, com um gesto de desalento, olhando para as mulheres com seus mantos vermelhos. Mulheres com os cabelos cortados mais curtos do que os de um monge, mulheres sem graça ou beleza, mulheres que usavam o punhal da Abnegada, não nas botas como os portavam os homens, mas amarrados através de seus seios, de uma forma tal que um homem que colocasse uma das mãos sobre eles morreria, e a própria mulher morreria antes de se render como uma presa de guerra. Sob os mantos usavam o estranho traje de sua irmandade, calções e uma jaqueta comprida e espartilhada até os joelhos, botas baixas amarradas em torno dos tornozelos; suas orelhas eram furadas como as dos bandidos, e do lóbulo esquerdo pendiam longas argolas balouçantes.

— Fico me perguntando, meu pai, por que faz estas... estas cadelas nos acompanharem.

— No entanto — disse Dom Rafael -, elas são lutadoras exímias, que se comprometem a morrer para não cair nas mãos dos inimigos; nenhuma delas foi, jamais, levada prisioneira, nem quebrou o juramento feito.

— E pretende me fazer acreditar que vivem sem homens? Não acredito nisto — falou Bard com sarcasmo. — E o que pensam os homens, cavalgando com mulheres que não são seguidoras de acampamento?

— Eles as tratam com o mesmo respeito que dedicam às leroni — observou Dom Rafael.

— Respeito? Para com mulheres que usam calções, cujas orelhas são furadas? Eu as trataria, todas elas, como o merecem

aquelas que abriram mão das conveniências relativas ao próprio sexo!

— Não aconselharia isto — disse Dom Rafael -, pois ouvi dizer que caso uma delas seja violentada, e não se matar e ao seu sedutor, suas irmãs sairão atrás dela e matarão os dois. Pelo que sabe, são tão castas quanto as sacerdotisas de Avarra; porém, ninguém sabe ao certo o que acontece entre elas. Talvez sejam adeptas, simplesmente, da arte da prostituição secreta. E são, como digo, lutadoras experientes.

Bard não podia imaginar Carlina no meio delas. Prosseguiu viagem, silencioso e carrancudo, até que o chamaram, no meio da tarde, para examinar as armas de um grupo de jovens fazendeiros que tinha se unido a eles. Um deles trazia uma espada herdada, mas os outros levavam machados, piques, forcados e cacetes, que pareciam ter sido manuseados por gerações e gerações.

— Sabe montar? — perguntou ao homem que tinha a espada.  
— Em caso positivo, pode se juntar aos meus cavaleiros.

O jovem camponês sacudiu a cabeça.

— Nay, vai dom, nem mesmo um animal de arado — confessou ele no seu dialeto rústico. — A espada pertenceu ao meu bisavô, que a usou há cem anos em Firetop. Posso lutar com ela, um bocadinho, só isto, portanto é melhor que eu fique com meus companheiros.

Bard concordou com um movimento de cabeça. Armas não faziam um soldado.

— Como quiser, rapaz, e boa sorte para você. Pode ir com seus companheiros, se unir àqueles homens lá. Falam a sua língua.

— Aye, são vizinhos, vai dom — disse, e perguntou com timidez: -O senhor não é o filho do lorde, aquele que chamam de Lobo, dom?

— Assim me apelidaram — confirmou Bard.

— O que está fazendo aqui, dom? Soube que estava banido, em terras estranhas...

Bard riu divertido:

— Aquele que me baniou foi explicar isto no inferno. Vai tentar me matar para receber o prêmio pela minha cabeça, rapaz?

— Nay, nada disso! — respondeu o camponês, os olhos arregalados de assombro. — Não posso matar o filho do lorde. Só o senhor nos liderando podemos vencer, dom Lobo.

— Que todas as raposas e selvagens de Serrais pensem assim — falou Bard, e ficou observando o camponês se juntar ao seu grupo. Seus olhos estavam pensativos enquanto se encaminhava para se juntar ao pai. Aqui e ali escutava pedaços de conversa: o Lobo, o Lobo de Kilghard veio nos liderar. Bem, talvez aquilo lhes fizesse bem.

Quando chegou perto do pai, Dom Rafael fez um sinal para o mais moço dos leroni, um garoto com um semblante puro, cheio de sardas, os cabelos flamejantes sob o capuz cinzento; tinha apenas uns doze anos.

— Rory viu alguma coisa, Bard. Conte ao meu filho o que viu, meu jovem.

— Além do bosque, dom Lobo... Dom Bard — corrigiu-se rapidamente -, há uma comitiva de homens se aproximando para nos preparar uma emboscada.

— Você viu isto. Com a Visão? — indagou Bard com os olhos semi-cerrados.

O laranzu retrucou:

— Não pude ver muito bem, cavalgando, como num cristal, ou numa poça de água límpida. Mas estão lá.

— Quantos? Onde? Como estão armados? — Ele atirava as perguntas sobre o garoto. Rory desmontou do seu pônei e, apanhando um galinho, começou a desenhar algo na terra.

— Quatro, talvez cinco dúzias. Uns dez a cavalo, assim... — traçou uma linha formando um ângulo com o resto. — Alguns dos outros têm arcos...

Melisendra inclinou-se sobre o menino e perguntou:

— Há leroni com eles?

— Acho que não, domna. É difícil de se ver...

Bard olhou rapidamente ao seu redor para a grande quantidade de homens caminhando dispersos atrás deles. Que inferno! Não tinha julgado necessário, ainda, mandá-los formar fileiras; porém, se fossem atacados pelo flanco do jeito em que se

encontravam, mesmo alguns poucos homens poderiam causar danos terríveis! Antes mesmo de pensar seriamente na emboscada, ele disse de supetão:

— Rory, veja isto! Há homens nos seguindo? O garoto apertou os olhos e falou:

— Não, dom Lobo, a estrada está livre atrás de nós, até a fortaleza de Dom Rafael e há muita distância até a fronteira com Marenji.

Isto significava que o exército invasor de Serrais encontrava-se em algum ponto entre eles e o Castelo das Astúrias. Será que teriam que lutar para conseguirem passar e depois depararem com o Castelo das Astúrias sob cerco? Talvez os invasores pudessem solapar a resistência de Jeremy Hastur mesmo antes deles chegarem lá. Não, esta não era a maneira conveniente de se referir a um aliado com o qual se celebrou um armistício. E nesse meio tempo havia uma emboscada aguardando seu exército. Uma emboscada insignificante, cuja finalidade -disto ele tinha certeza — era apenas retardá-los um pouco, pois teriam que parar para socorrer os feridos, e, assim, não chegarem ao castelo antes do anoitecer, ou talvez no dia seguinte. O que significaria um ataque planejado para aquela noite. Um exército deste tamanho não podia escapar da observação; se dispusessem de pássaros-sentinela ou leroni com a Visão, o exército de Serrais deveria sem dúvida saber que eles estavam a caminho, e teria algum interesse especial para mantê-los afastados por mais um dia.

Bard conversou com o pai sobre isto e este concordou com o seu raciocínio.

— Mas o que faremos? — indagou.

— É uma lástima, pai, não termos condições de contorná-los em algum lugar, e deixar os homens da emboscada observando ali como um gato diante de uma toca de camundongos já abandonada. No entanto, não podemos conduzir um exército deste tamanho, através do bosque, sem que seja visto. Rory afirma que não há nenhum leroni com eles, porém isto não significa que não haja nenhum leroni em comunicação com um de seus líderes, vendo através de seus olhos. Portanto, não podemos atacá-los sem que

alertemos também o exército principal de Serrais. — Deixou-se ficar refletindo por algum tempo. — E se agirmos assim, mesmo que os aniquilemos rapidamente... quarenta e oito homens não têm condições de enfrentar nosso exército... lhes daríamos tempo para que os leroni ou um pássaro-sentinela nos espionasse e, desta forma, ficariam cientes de quantos somos, onde nos encontramos e como estamos armados. Contudo, uma leronis não consegue relatar aquilo que não testemunha. Acho que o grosso do exército deve atravessar o bosque num ponto onde os homens em emboscada não o possam ver. Pai, entregue a um dos homens o seu manto e deixe-o montar o seu cavalo, e mande-o continuar comigo, portando seu estandarte, enquanto o senhor conduz o exército principal contornando o bosque. Enquanto isto, dê-me... — fez uma pausa para refletir — dez ou doze cavaleiros com piques e uns doze espadachins com escudos grandes; e alguns arqueiros. Seguiremos pela trilha principal; e se tivermos sorte, os observadores ligados com a emboscada pensarão que é apenas isto com que contamos para terminar com o cerco do Castelo das Astúrias. Leve todas as leroni com o senhor, e quando tiver saído deste bosque, sente-se com elas e seus pássaros-sentinela e deixe-as nos dizer que tipo de exército Serrais mandou nos atacar desta vez. Tudo isto foi resolvido com rapidez.

— Leve os arqueiros de Guild — disse-lhe o pai -, os cavaleiros de Lorde Lanzell... são quinze homens, acostumados a combaterem juntos e a seguir a liderança de um homem. Quanto aos outros, escolha-os à vontade.

— Pai, ainda não conheço os homens suficientemente bem para ter condições de escolher os melhores tão depressa quanto se faz necessário.

— Jerrall conhece-os — retrucou Dom Rafael, apontando para o seu porta-estandarte. — Já me serve há vinte anos. Jerrall, acompanhe meu filho e obedeça-o como se ele fosse eu.

Bard sentiu um estranho aperto na garganta enquanto seus homens selecionados punham-se em forma e observava o exército principal enfileirar-se de modo cerrado para seguir pelo outro caminho. Desde seus 13 anos que combatia, porém esta era a

primeira vez que guerreava sob o estandarte do pai; e a primeira vez também, desde que fora mandado para o exílio, que combatia por uma terra cujo sucesso lhe interessava diretamente.

Precipitaram-se contra a emboscada vindos por trás dela, pegando os homens montados de surpresa e matando metade de seus cavalos antes que os soldados a pé pudessem cair sobre eles. Os homens de Bard formaram uma parede protetora e lançaram flechas em brasa contra eles. A batalha demorou menos de meia hora, após o que os homens de Bard já estavam com o estandarte de Serrais em suas mãos, e os feridos fugiam em todas as direções. Bard só perdera uns três homens, Porém tinham capturado ou matado todos os cavalos do inimigo. Ordenou que fossem cortadas as gargantas dos que estivessem gravemente feridos — não sobreviveriam caso fossem removidos dali e isto era uma atitude mais complacente do que os deixar ali para serem devorados pelos kyorebni ou lobos — e para recolherem armas e armaduras.

Retornando para o exército principal, os prisioneiros foram interrogados por um laranzu que podia esquadrihar suas mentes. A partir daí, ficaram sabendo que, na verdade, teriam que lutar para abrir caminho através do exército de Serrais antes de conseguirem chegar ao Castelo das Astúrias. O exército, disposto do lado de fora dos muros do castelo, estava se preparando para atacar, porém se encontrava pronto para mantê-lo sitiado caso não fosse possível capturá-lo com um ataque surpresa.

Bard concordou com o semblante sombrio:

— Precisamos forçar nossa passagem durante a noite. Não nos será possível conduzir todas as carroças de provisões de modo tão rápido, porém nossos melhores homens devem chegar lá a tempo de impedir este ataque surpresa que os homens de Serrais estão planejando!

A chuva que caía todas as noites naquela estação já se fazia presente, porém eles prosseguiram o mais rápido que lhes era possível, mesmo depois que a chuva se transformou em neve fina, e houve alguns protestos entre os homens devido a isto.

— Está tentando nos dizer que eles atacariam o Castelo das Astúrias com este tempo? Não conseguiriam divisar os muros para

dispararem contra eles!

Isto fez com que Bard se recordasse daquela campanha de há muito tempo, seu primeiro comando independente. Melisendra, os cabelos brilhantes cobertos pelo capuz cinzento, o fez lembrar, inesperadamente e com um toque de remorso profundo, de Melora. Onde estava ela agora? Até a voz de Melisendra era igual à dela, quando disse baixinho:

— Pode estar certo de uma coisa, o tempo vai melhorar antes do clarear do dia. E tenha certeza de que os feiticeiros deles também sabem disto. Talvez lá dentro do castelo imaginem que estão a salvo por causa da tempestade. No entanto, quando o céu limpar, haverá luar.

O homem olhou-a com uma admiração respeitosa, e disse:

— Domna, sabe disto através de sua feitiçaria?

— Sei disto porque conheço os ciclos da lua — falou Melisendra rindo. — Qualquer fazendeiro poderia lhe dar a mesma informação. Esta noite temos quatro luas no céu, e Liriel e Kyrrdis estão na fase da cheia. Ficarão suficientemente límpido para os falcões voarem! Portanto, devemos chegar lá em tempo para combater; mas — acrescentou pensativa — haverá claridade suficiente para que os feiticeiros deles possam lidar, também, com a feitiçaria e devemos estar preparados para isto.

Bard estava contente com a notícia; contudo, não era adepto do emprego de feitiçaria em combate. Preferia as espadas e as lanças verdadeiras!

A tempestade aumentou de uma forma fora do comum, e os leroni cavalgavam à frente, levando tochas acesas, e o jovem Rory explorava os caminhos com a Visão. Homens e cavalos arrastavam-se atrás deles, seguindo as tochas, lutando contra a neve e as rajadas de vento, praguejando. Bard perguntava-se se aquela nevasca não seria obra dos leroni inimigos. Parecia-lhe violenta demais para ser uma coisa natural. Não tinha como se certificar e resolveu, cheio de despeito, que não iria perguntar aquilo a Melisendra!

E então, de repente, tudo terminou; deixaram a tempestade para trás e penetraram numa noite límpida, o vento parou e, mais à

frente, as luas enormes e tranqüilas flutuavam cheias, a diáfana Liriel, e Kyrrdis lançando reflexos azulados na noite. Bard ouviu as exclamações de espanto dos homens. Do topo de uma colina, eles olharam para o vale que cercava o castelo.

Tudo estava calmo e soturno. Ele sabia, pelo que as feiticeiras lhe tinham contado, que todo o exército de Serrais ali se encontrava, acampado fora dos muros do castelo, preparado para atacar ao amanhecer; contudo, nem uma fogueira brilhava, nem se ouvia o ruído de um Cínico passo lá embaixo.

— Porém, estão lá — afirmou Melisendra ao seu lado e, através da mente dela, ele viu a imagem do vale, não mais escura como a tinha visto, mas iluminada com estranhos clarões que, ele sabia, eram homens, cavalos e engenhos bélicos.

— Melisendra, como pode ver isto?

— Não sei. Talvez a minha pedra da estrela absorva o calor dos corpos deles e o traduza num quadro que minha mente tem a capacidade de ver... todos enxergam de uma forma diferente do outro. Rory disse-me que era capaz de ouvi-los; talvez ele sinta o movimento de sua respiração, ou perceba o grito da relva quando os pés deles as esmagam.

Bard estremeceu, desejando não ter perguntado nada. Ele havia Possuído esta mulher, ela lhe dera um filho, mas ainda assim nada sabia sobre ela e tinha medo dela. Ouvira comentários a respeito de um laran que era capaz de matar com um pensamento. Será que ela o possuía? Não, pois caso contrário o teria abatido, sem dúvida, para defender a sua castidade...

— Os leroni deles sabem que estamos nos aproximando?

— Tenho certeza de que sabem que estamos por perto. A presença de todos estes homens e animais não pode ser escondida de ninguém dotado com um laran. Contudo, Rory e eu bloqueamos nossos Dons o máximo que nos foi possível, e, felizmente, eles julgam que nos achamos bem mais longe do que estamos. Deixamos o velho Mestre Ricot, e a dama Arbella, junto às carroças de provisões, e instruímos os dois no sentido de enviarem imagens falsas, como se o exército ainda estivesse ao lado deles... Só nos resta esperar e ver.

Esperaram. Kyrrdis baixava rumo à linha do horizonte, e o céu, a Leste, estava começando apenas a ficar avermelhado, quando Melisendra tocou no braço de Bard e falou:

— Lá embaixo, foi dada a ordem para atacar. Bard retrucou carrancudo:

— Pois bem, então nós os atacaremos antes — fez um sinal para o pajem e deu a ordem. Não se sentia cansado, embora há três noites dormisse muito pouco. Tirou um naco de um pedaço de pão assado com um pouco de carne cozida dentro. Parecia couro, porém ele sabia, por experiência, que se fosse enfrentar a batalha de estômago vazio, haveria de sofrer tonturas ou enjôos. Com outros homens, ele o sabia, acontecia o oposto; Beltran sempre declarara que se tocasse num pedacinho de qualquer alimento, haveria de vomitar tudo como uma mulher grávida... por que estava agora pensando em Beltran? Por que aquele fantasma se sentava no seu ombro?

Logo, estariam investindo contra o exército invasor de Serrais para salvar o Castelo das Astúrias e a vida inútil de Geremy Hastur. E quando atacariam eles novamente? Com o exército de Dom Rafael ali, será que Geremy pensava que poderia tornar válida a sua reivindicação ao trono? Será que Geremy achava que a trégua duraria mais tempo do que aquele que Dom Rafael julgasse ser conveniente? Contudo, ele tinha solicitado a Dom Rafael que conduzisse seu exército até ali.

Quantos homens haveriam de ficar a favor de Dom Rafael? Provavelmente, a maioria deles não devia querer ver um Hastur no trono, como acontecia com seu líder.

Abaixo dele cintilou algo e ele deu um comando rápido:

— Luzes!

De todos os lados, tochas acesas surgiram por trás dos escudos. Uma flecha em brasa desenhou uma comprida e sibilante cauda de cometa no meio do exército de Serrais.

— Atacar! — berrou Bard.

O exército, lançando o antigo brado de guerra dos di Asturiens, lançou-se colina abaixo investindo contra o exército de Serrais,

atacando-o pela retaguarda enquanto ele se lançava contra os muros das Astúrias.

Quando o sol se erguia lentamente por cima das colinas orientais, o exército de Serrais jazia despedaçado, os remanescentes debandando em meio à confusão generalizada; a coragem abandonara-os quando do primeiro ataque ordenado por Bard, que tinha matado e ferido a metade da retaguarda. Não haviam conseguido sequer usar uma única catapulta ou engenho bélico, nem acender o clingfire; Bard conseguira capturar tudo aquilo. Em seguida, algumas cápsulas de seu clingfire tinham sido acesas entre eles, frágeis, explodindo por todos os cantos e irrompendo entre os cavalos que haviam restado, fazendo-os partir num estouro desenfreado; e então tudo estava terminado, menos a carnificina e a rendição final. Homens armados lá dentro do castelo tinham-lhes dado cobertura com arqueiros colocados sobre os muros e, no fim, os leroni tinham se unido para disseminar o terror entre os homens do exército de Serrais, de modo que o que ainda restava fugiu soltando gritos estridentes, como se todos os demônios de todos os nove infernos de Zandru estivessem atrás deles. Bard pensou, tendo combatido contra o terror do laran por si mesmo, que os demônios estavam provavelmente soltos — ou pelo menos assim julgavam os homens de Serrais, o que vinha a dar no mesmo.

Dom Eiric Ridenow de Serrais tinha sido preso, e no momento em que Bard cavalgou rumo ao castelo junto com seus porta-estandartes, eles já discutiam se era melhor mantê-lo como refém para assegurar o bom comportamento por parte dos outros senhores de Serrais, ou libertá-lo em troca de um resgate e mandá-lo de volta à casa depois de ter feito um juramento de neutralidade, ou enforcá-lo e dependurá-lo nos muros do castelo como um exemplo para outros que pudessem tentar cruzar armados as fronteiras das Astúrias.

— Façam o pior que puderem — disse o velho, cerrando os dentes com tanta fúria, que sua barba loura remexeu-se. — Vocês acham que meus filhos não marcharão contra as Astúrias com todas as forças, agora que já sabem o que aconteceu com seu exército avançado?

— Ele está mentindo — avisou um jovem laranzu. — Este exército não era uma força avançada; foi formado com todos os homens que conseguiu reunir. Seus filhos não estão em idade de combater. Eles arriscaram tudo numa única cartada.

— E teriam sido bem-sucedidos, se não fossem os seus esforços, meu parente — falou Geremy Hastur para Dom Rafael. Ele usava um manto longo, um manto de pessoa ilustrada, de cor púrpura, mas numa tonalidade tão escura, que era quase negro. Estava desarmado, usava apenas um pequeno punhal. O manto comprido escondia o terrível aleijão, porém não dissimulava o passo trôpego ou sua parada brusca, apoiado numa muleta como um homem que tivesse quatro vezes a sua idade. Seus cabelos ruivos já começavam a encanecer junto às têmporas, e tinha começado a usar, como um ancião, uma barba rala em volta da mandíbula. Bard pensou, com desdém, que seu irmão de criação parecia menos um guerreiro do que aquelas Abnegadas que tinham lutado no seu exército!

Dom Rafael e Geremy abraçaram-se como parentes, mas depois separaram-se; os olhos de Geremy depararam com Bard onde se encontrava, a dois passos atrás do pai.

— Você!

— Está surpreso em me ver, parente?

— Você foi proscrito deste reino por sete anos, Bard; e agora tem as mãos sujas de sangue real. Sua vida está duplamente perdida aqui. Dê-me apenas uma boa razão para que não chame meus homens a fim de retirá-lo daqui e enforcarem-no nos muros!

— Você bem sabe por que traição este sangue parou em minhas mãos... — falou Bard irado.

Dom Rafael o fez calar-se com um gesto:

— Primo Geremy, isto é gratidão? Bard comandou o assalto que salvou o Castelo das Astúrias de cair nas mãos de Serrais. Se ele não tivesse vindo, sua cabeça estaria agora enforcada como a de um papagaio, para que os homens de Dom Eiric a usassem como alvo de treinamento!

Geremy cerrou a boca:

— Jamais pus em dúvida a coragem de meu primo, e assim sendo, acredito que deva lhe conceder anistia, vida por vida. Que assim seja, Bard; vá e venha neste reino como lhe permitem seus direitos legais.

Mas não diante de mim. Quando o exército se retirar, vá com ele, e não torne a pôr os pés na minha corte pelo bem de sua vida, pois no dia em que pousar meus olhos em você outra vez, sem dúvida alguma mandarei matá-lo!

— Quanto a isto — começou a falar Bard, mas foi interrompido por Dom Rafael.

— Basta! Antes que comece a decretar sentença de morte ou de banimento, Hastur, seria melhor que contasse com um trono de onde pudesse falar. Baseado em que, reivindica reinar aqui?

— Na qualidade de regente de Valentine, filho de Ardrin, por solicitação da Rainha Ariel; e como guardião destas terras, que já foram, desde tempos imemoriais, parte dos domínios dos Hasturs e que voltarão a sê-lo, quando tiverem terminado estes anos de anarquia. Os Hasturs de Carcosa são pessoas pacíficas e permitirão que os di Asturiens reinem aqui, desde que jurem aliança ao domínio dos Hasturs, e Valentine já fez isto.

— Oh, bravos! — retrucou Dom Rafael. — Grande glória e dívidas galantes são as suas, Geremy Hastur, para arrancar um juramento de uma criancinha de cinco anos! O que prometeu a ele? Um brinquedo, uma espada de mentira ou um pônei novo, ou será que foi mais fácil que isto? Não teria sido um bolo açucarado e um punhado de doces?

Geremy perturbou-se com o sarcasmo:

— Ele acatou as palavras da Rainha Ariel, a mãe dele. Ela sabia muito bem que eu defenderia os direitos do menino até que ele estivesse crescido; momento em que, falou-me ele, faria o juramento como um homem, para aqui reinar como um guardião dos Hasturs.

— Não queremos nenhum Hastur nesta terra que se encontra em poder dos di Asturiens desde que a conquistaram, há séculos, dos homens-gatos! — disse Dom Rafael com ardor.

— Os homens desta terra seguirão Valentine, seu senhor de direito, aliado com o legítimo Rei de Hastur — avisou Jeremy.

— Será mesmo? Se acredita realmente nisto, é melhor que lhes pergunte, meu senhor.

— Julgava — disse Jeremy, controlando seu gênio com um esforço evidente — que estávamos sob armistício, Dom Rafael.

— Celebramos uma trégua enquanto os exércitos de Serrais o mantivessem aqui; mas, veja bem, este exército está em ruínas, e duvido que Dom Eiric possa reunir suficientes homens para pôr um exército em campo durante dez anos ou até mesmo mais! Mesmo se o deixarmos vivo! Quanto a isto — acrescentou, fazendo um sinal para um de seus guarda-costas -, leve Dom Eiric daqui e mantenha-o seguro.

— Numa masmorra, meu senhor?

— Não — disse Dom Rafael observando Eiric da cabeça aos pés. — Não. Isto seria duro demais para seus velhos ossos. Se ele estiver disposto a prestar um juramento, sob o encantamento da verdade, que não tentará escapar até termos deliberado a respeito de que destino lhe dar, nós o acolheremos com o conforto de sua classe e de seus cabelos grisalhos.

— Para cada cabelo branco na minha cabeça — retrucou Dom Eiric com veracidade — há dez na sua, Dom Rafael di Asturien!

— Ainda assim, vou abrigá-lo com conforto até que seus filhos possam pagar seu resgate, pois precisarão do senhor em casa até estarem adultos. Garotinhos são impetuosos e poderiam tentar algo muito perigoso para eles.

Dom Eiric deixou escapar um olhar fulminante, mas finalmente disse:

— Tragam nossos leroni. Jurarei pelos muros de Serrais que não deixarei este lugar até que o senhor, pessoalmente, me ponha em liberdade, vivo ou morto.

Bard soltou uma gargalhada sarcástica.

— Pai, trate de tirar dele um juramento mais forte do que este envolvendo as muralhas de Serrais, pois posso ir até lá e arrebená-las quando bem entender.

Dom Eiric olhou-o furioso, porém nada comentou, pois o que Bard falara era verdade, e ele o sabia.

Dom Rafael ordenou para seu guarda:

— Leve-o para algum aposento confortável e mantenha-o ali, bem vigiado, até que eu possa vê-lo prestar o juramento. É a sua vida que está em risco, caso ele fuja antes que um leronis receba o juramento.

Jeremy Hastur protestou enquanto o velho senhor era levado dali.

— Não se fie tanto assim na minha gratidão, primo. Está sendo liberal demais, me parece, ao dispor de meus prisioneiros.

— Seus prisioneiros? Quando irá enfrentar a verdade, primo? - indagou Dom Rafael. — Seu período de mando aqui terminou e lhe provarei isto — fez um sinal para Bard, que se dirigiu para o balcão. No pátio embaixo, onde o exército se achava aquartelado, ele ouviu uma explosão entusiasta de aplausos.

— O Lobo! O Lobo de Kilghard!

— Nosso general! Conduziu-nos à vitória!

— O filho de Dom Rafael! Viva a casa dos di Asturiens! Dom Rafael rumou para o balcão e exclamou:

— Escutem-me, homens! Vocês se libertaram de Serrais. Vão entregar as Astúrias de volta aos Hasturs? Reclamo este trono da casa das Astúrias; não para mim mesmo, mas para meu filho Alaric!

Vivas entusiasmados abafaram suas palavras. Quando tudo ficou em silêncio outra vez, Dom Rafael disse:

— Sua vez, Lorde Jeremy. Pergunte se há algum homem lá embaixo que deseje viver doze anos, ou mais, sob o mando de Hastur, enquanto Valentine, o filho de Ardrin, se desenvolve rumo à maturidade.

Bard percebeu que podia sentir o gosto do ódio e da fúria de Jeremy, pois estes sentimentos envolviam-no de maneira muito forte; mas ele nada falou, limitou-se a aparecer no balcão. Houve um ou dois gritos de "Hastur, não!" "Abaixo os tiranos de Hastur!", porém, após um instante, todos emudeceram.

— Homens de di Asturien — falou Jeremy bem alto. Sua voz era forte, ressonante, vibrante, o que desmentia o frágil corpo que a

continha. — Em épocas passadas, Hastur, filho da Luz, conquistou este reino e colocou o di Asturien nele, em tutela! Estou aqui representando o Rei Valentine, filho de Ardrin. São vocês, homens, traidores para se rebelarem contra seu rei de direito?

— E onde se encontra este rei então? — gritou um homem no meio da multidão. — Se ele é nosso rei de direito, por que não se encontra aqui, sendo educado entre seus súditos fiéis?

— Nada de rei fantoche de Hastur aqui! — gritou um outro. — Volte para Hali que é o seu lugar, Hastur!

— Teremos um verdadeiro di Asturien no trono, não um Hastur adulator!

— Nas Astúrias não beijaremos nenhum traseiro de Hastur!

Bard escutava, com satisfação crescente, à medida que os brados cresciam. Alguém atirou uma pedra. Geremy não recuou; ergueu a mão e a pedra explodiu num fogacho de luz azul.

— Não queremos reis feiticeiros nas Astúrias!

— Queremos um soldado, não um laranzu diabólico!

— Dom Rafael! Dom Rafael! Quem toma o partido do rei Alaric? — gritavam eles, e houve até mesmo alguns gritos de "Bard! Bard di Asturien! Ficaremos com o Lobo de Kilghard!"

Alguém atirou outra pedra, que passou a menos de um palmo de Geremy. Ele não se deu o trabalho de se afastar dela. Em seguida, alguém jogou um punhado de esterco de cavalo que se esborroou sobre o manto púrpura. O mediador de Geremy segurou-o pelo cotovelo e arrastou-o do balcão.

— Ainda acha que pode reivindicar o trono das Astúrias, Dom Geremy? — perguntou Dom Rafael. — Talvez devesse mandar a sua cabeça de volta para a Rainha Ariel e para a gente de Carcosa, como uma advertência para que a senhora escolha seus empregados com mais cuidado.

O sorriso de Geremy era quase tão sombrio quanto o do ancião.

— Não o aconselharia a fazê-lo. O Rei Valentine adora seu companheiro de brincadeira Alaric; contudo, duvido muito que a Rainha Ariel não o conseguisse persuadir a lhe retribuir presente com presente.

Bard adiantou-se, os punhos cerrados, porém Dom Rafael sacudiu a cabeça.

— Não, meu filho. Nada de derramamento de sangue por aqui. Não desejamos nenhum mal aos Hasturs enquanto governarem suas terras e não se intrometerem nas nossas. Mas ficará aqui como meu convidado até que meu filho Alaric volte a morar sob este teto.

— Acha que Carolin de Carcosa negociará com um usurpador?

— Então, me sentirei muito feliz em tê-lo como hóspede até quando o deseje, meu senhor. Caso eu não viva o bastante para vê-lo retornar a Carcosa, tenho um neto que reinará como guardião das Astúrias no lugar de meu filho Alaric. — E depois, Dom Rafael dirigiu-se a Bard: — Conduza nosso hóspede real para seus aposentos... ele é membro da família real de Carcosa, embora jamais o venha a ser nas Astúrias. E deve contar com criados que cuidem para que nada lhe falte, e que não saia por aí fazendo explorações pelos bosques e sabe-se lá podendo cair e machucar sua perna coxa. Devemos cuidar do filho do Rei de Carcosa com toda a deferência.

— Cuidarei para que se mantenha dentro dos seus aposentos estudando e meditando e não corra qualquer risco de se machucar com exercícios — disse Bard, e pousou uma das mãos no ombro de Jeremy:

— Vamos, primo.

Jeremy tirou a mão de Bard de seu ombro como se aquilo o estivesse queimando.

— Você, seu maldito bastardo, não ouse pôr as mãos em mim!

— Não sinto o mínimo prazer ao tocá-lo — retrucou Bard. — Não gosto, nem sou amante de homens. Não quer atender ao meu delicado convite? Então... — fez sinal para dois soldados: — Meu senhor Hastur está tendo alguma dificuldade para andar; ele é manco, como vêem. Por favor, ajudem-no a ir para seus aposentos.

Jeremy berrou e gritou quando os robustos homens de armas levantaram-no e carregaram-no; depois, lembrando-se de sua dignidade acalmou-se e permitiu que o levassem. Contudo, o olhar que lançou na direção de Bard deixou bem claro que se ele voltasse

a se ver frente a frente com ele, armado e pronto, podia estar certo de que haveriam de lutar até que um dos dois morresse.

Devia tê-lo matado quando tive oportunidade para isto, pensou Bard com amargura. Mas o tinha aleijado por falta de sorte. Não o podia matar desarmado.

Gostaria bem mais de ter Geremy como irmão de criação e amigo, não como inimigo. Qual o deus que me odeia, a ponto de eu ter que suportar isto?

A mudança do poder no Castelo das Astúrias foi feita alguns dias depois, sem muito alarde. Tiveram que enforcar alguns homens de Geremy, que haviam organizado uma revolta palaciana, porém um dos laranzu descobriu o complô antes dele se tornar realidade. Logo depois, tudo estava calmo. Bard ficou sabendo por Melisendra que uma das damas da rainha exilada estava grávida de Geremy Hastur e tinha suplicado para se juntar a ele na prisão.

— Não sabia que Geremy tinha uma namorada. Sabe como se chama?

— Ginevra — respondeu Melisendra. Bard ergueu as sobrancelhas. Ele se lembrava de Ginevra Harryl.

— Você é uma leronis. Não pode fazê-la abortar? Manter um Hastur prisioneiro já é muito ruim, sem dar início a uma dinastia.

Os olhos de Melisendra estavam claros devido à raiva contida.

— Nenhuma leronis seria capaz de malbaratar seus poderes assim!

— Pensa que sou algum idiota, mulher? Não me venha com contos de fadas virtuosos! Toda a seguidora de acampamento que engravida contra sua vontade conhece uma feiticeira que a aliviará desta carga inconveniente!

Muito excitada, Melisendra retorquiu:

— Se uma mulher não quiser dar à luz uma criança na miséria, ou em campanha, ou sem pai, ou quando sabe que não terá leite... aí, sem dúvida, alguma leronis ficará com pena dela! Mas daí matar um bebê muito esperado, simplesmente porque algum homem acha-o inconveniente para o seu trono? — seus olhos pareciam soltar chispas contra ele. — Você acha que eu queria seu filho, Bard di Asturien? Porém estava feito, era irrevogável, e desse no que desse,

tinha perdido a Visão... portanto, evitei causar danos a uma vida inocente, mesmo não a tendo desejado. E se tive condições de me abster de assim agir, você pensa que faria algum mal ao bebê de Ginevra, nem que fosse em pensamento? Ginevra ama o filho e o pai dele! Se quer que seu serviço imundo seja feito, mande um homem com uma espada para cortar a garganta dela, e acabe logo com tudo!

Bard não pôde dizer nada. Aquele era um pensamento terrível — pensar que Melisendra pudesse ter se livrado, tão facilmente, daquela criança que era Erlend? Por que tinha controlado a sua mão?

E havia o problema de Ginevra. Mulheres infernais e seus escrúpulos idiotas! Melisendra tinha matado em combate, ele sabia disto. Contudo, ali estava um inimigo em potencial dos di Asturiens, mais perigoso do que alguém que usasse espada ou pique, e este inimigo estava vivo, ia continuar vivendo! Não ia se rebaixar discutindo com ela, mas a faria entender o quanto estava furioso com ela novamente! Disse-lhe isto e saiu do quarto batendo a porta.

Sendo obrigado a pensar na mulher que tinha e não queria, recordou-se, por força, daquela que desejava e não possuía. E após algum tempo pensou numa maneira de usar Ginevra e o filho que ela esperava.

Quando a zona rural ficou calma, e os exércitos já tinham voltado para casa, a não ser o que Bard estava treinando para a defesa e talvez conquista (pois sabia muito bem que os Hasturs haveriam algum dia de investir contra eles, tivessem eles reféns ou não). Lady Jerana não tinha perdido tempo em se mudar para a corte. Bard foi procurá-la nos aposentos que tinham sido da Rainha Ariel.

— Lady Ginevra Harryl, que está grávida de Hastur... encontra-se saudável e bem? Quando deverá dar à luz?

— Talvez daqui a três luas — respondeu Lady Jerana.

— Faça-me uma gentileza, mãe de criação. Providencie para que seja cercada de todo o conforto, com damas à altura para cuidarem dela e providencie uma parteira boa e de confiança para assisti-la.

Lady Jerana franziu a testa:

— Ora, tudo isto já foi posto à disposição dela; conta com três damas que, se sabe, simpatizam com Hastur, e a parteira que assistiu ao nascimento de seu filho está à espera dela; contudo, conheço-o bem demais para pensar que está fazendo tudo isto apenas por uma questão de delicadeza para com Lady Ginevra.

— Não? — exclamou Bard. — Já se esqueceu de que Geremy é meu irmão de criação?

Jerana parecia cética, mas Bard nada mais comentou. No entanto, mais tarde, naquele mesmo dia, quando verificou pessoalmente que tudo quanto a mulher de Dom Rafael tinha dito era verdade, rumou para os aposentos de Geremy.

Geremy estava jogando um jogo chamado Castles com um dos pajens colocados à sua disposição. Quando Bard entrou, largou os dados e pôs-se de pé com dificuldade.

— Não precisava se levantar por cortesia, Geremy. De fato, não precisa se levantar de forma alguma.

— É habitual que um prisioneiro se levante na presença de seu carcereiro — retrucou Geremy.

— Como queira. Vim até aqui para lhe trazer notícias de Lady Ginevra Harryl. Tenho certeza de que é orgulhoso demais para pedir notícias dela, por isto vim para lhe assegurar que está alojada numa suíte junto à da mulher de meu pai, e que as suas damas, Camilla e Rafaella Delleray e Felizia MacAnndra, estão às ordens dela; e que uma parteira experiente, que costuma assistir aos partos na nossa família, está cuidando dela.

Os punhos de Geremy fecharam-se:

— Conhecendo você, estou certo de que esta é a sua maneira de me dizer que está se vingando de algum suposto insulto, colocando-a e as suas damas, em alguma masmorra imunda, com uma mulher maldita para ajudá-la a ter seu filho.

— Está me julgando mal, primo. Ela se encontra alojada com muito mais conforto do que você, e repetirei isto sob o encantamento da verdade, se assim o desejar.

— Por que haveria de fazer isto? — indagou Geremy, cheio de suspeitas.

— Porque sabendo como um homem fica perturbado com os pensamentos a respeito de sua mulher, julguei que devesse estar tão ansioso para ter notícias de sua lady quanto eu da minha. Se quiser, pode-se dar um jeito para que Ginevra venha ficar com você...

Geremy despencou sobre a cadeira e cobriu o rosto com as mãos.

— Sente prazer em me atormentar, Bard? Você nunca teve nenhum problema com Ginevra, mas se sente prazer em me ver humilhado, rastejarei para você sobre meus joelhos, se for necessário; não faça nada de mal contra Ginevra ou com o filho dela.

Bard abriu a porta para que uma leronis do palácio entrasse — não era Melisendra. Quando a luz azul do encantamento da verdade iluminou o cômodo, ele disse:

— Ouça-me, Geremy. Lady Ginevra está acomodada luxuosamente, dispõe de alimentação farta para uma mulher grávida e tudo aquilo de que ela mais gosta, por ordem minha. Está com as suas damas ao seu lado, dormindo com ela para que ninguém possa incomodá-la, e a parteira de minha mãe encontra-se a sua inteira disposição.

Geremy observou a luz do encantamento da verdade e esta não tremeu nenhuma vez. Continuava com suspeitas, porém conhecia o bastante sobre laran, tendo ele sido treinado naquela arte, para saber que não houvera nenhuma mistificação quando o encantamento fora lançado. Perguntou:

— Por que diz isto tudo para mim?

— Porque também tenho uma mulher, que não vejo há sete longos anos de proscricção e exílio. Se estiver disposto a me dizer, sob o encantamento da verdade, onde posso encontrar Carlina, estou pronto a permitir que Ginevra venha para aqui, ou mudar você, sob guarda, para sua suíte, até o nascimento de seu filho.

Geremy atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada, uma demorada gargalhada de desespero:

— Isto posso lhe dizer! Tinha me esquecido como levou a sério o compromisso de vocês... naquele momento, todos nós o consideramos muito seriamente, antes de sua briga com Ardrin.

— Carlina é minha mulher — contestou Bard. — E como há encantamento de verdade aqui, diga-me com sinceridade, também: Ardrin não se arrependeu da promessa feita e não tentou entregá-la para você, cria de Hastur?

— Arrependeu-se cedo e tarde — respondeu Geremy -, e com a morte de Beltran, você sob proscricção, ele considerou o laço entre vocês dois desfeito. E, na verdade, ofereceu-a a mim. Mas não cerre seus dentes assim e não se enraiveça desta forma, Lobo; Carlina seria incapaz de manter qualquer relacionamento comigo e declarou isto, muito embora o velho rei tenha feito um estardalhaço a respeito e jurado que não ia ser desafiado daquele jeito por nenhuma mulher viva!

A luz do encantamento da verdade que iluminava o rosto de Geremy continuava estável; Bard sabia que ele dizia a verdade. Experimentou uma onda de alegria. Carlina tinha se lembrado de seu compromisso para com ele, tinha se recusado a se casar até mesmo com Geremy!

— E onde está ela, Geremy? Fale, e Ginevra estará livre para ficar ao seu lado.

A gargalhada de Geremy tinha a amargura do desespero.

— Onde está agora? Vou lhe contar, primo, com toda a boa vontade! Ela fez os votos de uma sacerdotisa de Avarra, que nem mesmo o pai dela ousava impugnar, e abandonou o castelo e o reino, rumando para a Ilha do Silêncio, onde jurou viver o resto da vida em castidade e oração. E se a quer, primo, terá que ir até lá e apoderar-se dela.

## Capítulo Três

Depois da conquista das Astúrias, o pai de Bard nomeara-o comandante de todos os exércitos. Como Serrais estava subjugado, por enquanto, e ele ainda não se achava preparado para atacar os Hasturs, foi procurar Dom Rafael e pediu-lhe uma licença de alguns dias.

— Mas claro, meu filho, você bem o merece. Onde deseja ir?

— Convenci Jeremy a me contar onde se encontra Carlina, e desejo ir buscá-la com uma guarda de honra e trazê-la de volta para mim.

— Porém se ela estiver casada com outro homem não faça isto -aconselhou seu pai, aflito. — Conheço seus sentimentos, porém não posso, em sã consciência, conceder-lhe uma licença para tirar a mulher de qualquer um de meus súditos! Governo esta terra segundo a lei!

— Qual é a lei mais forte do que aquela que une um homem a uma mulher com a qual se comprometeu? Mas, acalme-se, meu pai, Carlina não está casada com ninguém; foi se refugiar onde não a podem obrigar a se casar com homem algum.

— Neste caso, leve os homens que desejar, e quando retornar com ela, celebraremos a cerimônia aqui com toda a pompa. — Teve um instante de hesitação. — A senhora Melisendra não se sentirá nada satisfeita de assumir seu papel como barragana quando sua mulher estiver aqui. Quer que a mande de volta para o nosso castelo? Poderá cuidar do filho lá e viver muito bem.

— Não — respondeu ele, revoltado. — Eu a darei a Carlina como uma criada!

Algo em seu íntimo regozijou-se ao pensar em Melisendra humilde, esperando por Carlina, penteando seus cabelos e indo apanhar os sapatos e fitas dela.

— Deve fazer como lhe parecer melhor, porém ela é a mãe de seu filho mais velho, e humilhando-a estará depreciando seu filho. E, acredito, Carlina não haveria de gostar de ser forçada a ver, dia e

noite, o rosto de sua rival. Acho que não entende as mulheres muito bem.

— Talvez não, e o senhor pode estar certo de que se Carlina desejar que eu mande Melisendra embora, não perderei tempo em atendê-la. Na qualidade de minha mulher legítima, Carlina tem a obrigação de educar todos os meus filhos, e deixarei Erlend entregue a ela. — Isto, pensou ele, seria melhor do que permitir que Melisendra envenenasse a mente do menino contra ele. Gostava do pequenino Erlend e não pretendia se separar dele.

Escolheu uma guarda de honra com doze homens; isto seria o bastante para mostrar às mulheres da Ilha do Silêncio que pretendia recuperar sua mulher e que não deviam perder tempo e entregá-la logo a ele. Não havia necessidade de muita força para lutar contra um punhado de mulheres reclusas.

Além da guarda de honra, levou consigo dois feiticeiros: o garoto Rory e a própria Melisendra. Desde a infância ouvia lendas sobre a magia das sacerdotisas de Avarra e queria contar com feitiçarias dele mesmo para se haver com elas. E não ia fazer nenhum mal a Melisendra ficar sabendo que ele tinha uma mulher legítima e que não devia esperar mais nada da parte dele!

A Ilha do Silêncio localiza-se fora do Reino das Astúrias, no condado independente de Marenji. Bard pouco sabia a respeito de Marenji, a não ser que seus governantes eram escolhidos, após um determinado número de anos, por aclamação entre os integrantes da plebe; não tinham um exército regular e abstinham-se de fazer alianças com reis e governadores mais próximos. Certa vez o pai de Bard tinha recebido o xerife de Marenji no Grande Salão, negociando com ele alguns barris de vinho de frutas e fazendo um acordo para proteger suas fronteiras.

Ele atravessou a tranqüila zona rural de Marenji, com seus arvoredos de macieiras e pereiras, ameixeiras e rainhas-cláudias, seus pomares com nogueiras e paineiras. Numa ravina íngreme deparou com um rio represado para gerar força para um moinho, onde as fibras das paineiras eram transformadas em tecidos para o fabrico de mantas. Havia uma aldeia de tecelões; ele se lembrou de

que eles faziam maravilhosos panos em xadrez para saias e xales. Não havia qualquer sinal de defesa em lugar algum.

Se este lugar fosse armado, pensou Bard, e houvesse soldados aquartelados nas aldeias, seria um esplêndido estado-tampão para deter os exércitos de Serrais quando eles rumassem novamente para as Astúrias e, em contrapartida, os homens das Astúrias poderiam protegê-los.

Tinha certeza de que seria fácil convencer o xerife de Marenji sobre isto. E se ele não concordasse, ora, não contava com um exército para opor resistência. Ele aconselharia seu pai, tão logo retornasse, a não perder tempo e basear alguns de seus exércitos em Marenji.

À medida que avançavam, a terra ia ficando mais escura. Cavalgaram à sombra de altas montanhas, passaram por lagos e laguinhos brumosos. O número de fazendas ia se tornando cada vez menor, apenas uma quinta aqui e acolá. Melisendra e o garoto cavalgavam bem próximos um do outro e não pareciam nada à vontade.

Bard reviu na sua mente tudo que sabia a respeito das sacerdotisas de Avarra. Elas habitavam, há tanto tempo quanto qualquer homem vivo podia se recordar, na ilha situada no meio do Lago do Silêncio; e sempre a lei rezara que qualquer homem que pusesse os pés naquela ilha deveria morrer. Comentava-se que as sacerdotisas faziam votos perpétuos de castidade e oração; porém, além delas, havia várias mulheres, casadas, solteiras ou viúvas, que iam para a ilha por tristeza, ou pena, ou penitência para ali morarem sob o manto de Avarra, a Mãe Enigmática; e fossem elas quem fossem, desde que cultuassem Avarra, usassem os trajes da irmandade durante sua estada ali, não falassem com nenhum homem e observassem a castidade, podiam ali ficar por quanto tempo quisessem. Na verdade, nenhum homem sabia o que acontecia entre elas, e as mulheres que para ali iam eram solicitadas a jamais nada revelarem.

Contudo, mulheres de luto e desesperadas com a perda de um filho ou marido, mulheres estéreis e ansiosas para terem filhos, mulheres cansadas de muitas gravidezes que desejavam pedir à

deusa saúde ou esterilidade, mulheres padecendo de qualquer tristeza, estas iam para o santuário de Avarra para implorar a ajuda das sacerdotisas, ou a da mãe.

Certa vez, uma senhora de idade que servia a Lady Jerana — Bard era ainda tão pequenino nesta época, que as mulheres nem se preocupavam em mandá-lo embora quando conversavam entre elas — tinha dito e ele ouvira: "Segredo da Ilha do Silêncio? O segredo reside no fato de não haver nenhum segredo! Passei uma temporada lá, certa vez. As mulheres moram nas suas casas, em silêncio, castas e sozinhas, só falam quando imprescindível, ou para rezar, para se tratarem ou para fazerem caridade. Rezam ao amanhecer e quando o sol se põe, ou quando surgem as luas. São solicitadas a prestarem ajuda a qualquer mulher quando isto lhes é pedido em nome da deusa, não importa quais sejam suas mágoas ou responsabilidades. Conhecem uma quantidade imensa de ervas medicinais e plantas, e enquanto morei lá me ensinaram como usá-las. São mulheres boas e santas."

Bard ficou imaginando como aquelas mulheres podiam ser boas, se assassinavam qualquer homem que pusesse os pés na ilha. Se bem que, reconheceu ele (pilheriando intimamente, para diminuir a própria ansiedade), devem ser, no mínimo, diferentes das outras mulheres, já que nada falavam! Isto era sempre uma virtude nas mulheres!

Contudo, parecia errado que as mulheres morassem sozinhas, desprotegidas; se ele fosse o xerife de Marenji, haveria de mandar alguns soldados para lá a fim de protegê-las.

Encontravam-se, agora, à beira de um vale, olhando para as águas do Lago do Silêncio.

O local era tranqüilo e sobrenatural. Não havia qualquer som, enquanto desciam rumo ao lago, a não ser o barulho dos cascos de suas montarias; e o pipilar de um pássaro aquático, devido à perturbação causada ao seu ninho, voando para cima e soltando um pio inesperado. Árvores escuras inclinavam galhos flexíveis sobre as águas soturnas, negras contra a claridade baixa do pôr-do-sol no céu; e quando chegaram mais próximo, ouviram os lamentos dos sapos. Abriram caminho através do pantanal ao longo da costa, e

Bard escutava ruídos como que de ventosas quando os cascos de seu cavalo patinhavam na lama.

Ufa, que lugar lúgubre! Carlina deveria ficar contente por ele ter vindo tirá-la dali! Talvez tivesse revelado bom senso ao se refugiar ali, para que não a pudessem obrigar a aceitar um outro casamento por motivos políticos, porém, sem dúvida alguma, sete anos eram suficientes para serem passados em oração e devoção, longe de todos os homens! A vida dela como a Princesa Carlina, mulher do comandante dos exércitos do rei, seria muito diferente!

E agora havia neblina, elevando-se em redemoinhos da superfície do lago, em espessos rolos, rodopiando, correndo rumo a eles, até que Bard mal podia distinguir a trilha a sua frente. Os homens resmungavam; o próprio ar parecia espesso e opressivo! O pequeno Rory, acomodado sobre o seu pônei ao lado de Bard, ergueu o rosto pálido e amedrontado.

— Por favor, vai dom, devíamos voltar. Ficaremos perdidos em meio à neblina. E não nos querem aqui, posso senti-lo!

— Use a Visão! — ordenou Bard. — O que vê?

A criança pegou a pedra da visão e, obedientemente, olhou para dentro dela, porém seu semblante contorcia-se, como se estivesse tentando não chorar.

— Nada. Não consigo ver nada, apenas a neblina. Elas estão tentando se esconder de mim, dizem que é profano a presença de um homem por aqui.

— Você se denomina um homem? — perguntou Bard com sarcasmo.

— Não, mas elas assim me chamam e dizem que não devo ficar aqui. Por favor, meu Lorde Lobo, vamos voltar! A Mãe Enigmática virou o rosto para mim, porém ela está com um véu, está zangada... oh, por favor, meu senhor, somos proibidos de vir aqui, precisamos dar a volta e ir embora, ou algo terrível há de nos acontecer!

Furioso, frustrado, Bard ficou imaginando se aquelas feiticeiras na ilha pensavam que poderiam assustá-lo lançando mão de seus truques mágicos contra um inocente garotinho com uma pedra de visão?

— Cale a boca e procure agir como um homem — ordenou ao menino, com severidade, e ele fungou, enxugou as lágrimas do rosto e continuou cavalgando em silêncio, todo trêmulo. A neblina aumentou e ficou mais escura ainda. Seria um prenúncio de tempestade? Estranhou, pois na colina que encimava o lago, o tempo apresentara-se bom e claro. Provavelmente, devia ser a umidade do pantanal insalubre.

Como eram supersticiosos os seus homens, resmungando deste jeito por causa de um pouco de neblina!

De repente a neblina redemoinhou, flutuou e começou a se juntar formando um desenho; percebeu que seu cavalo, nervoso, deu um passo para o lado, como se a neblina viesse se colocar diante dele; ela pairou, remexeu-se em si mesma e transformou-se numa mulher. Não era uma visão provocada pela neblina, mas sim uma mulher, sólida e real como ele mesmo. Ele podia ver cada fio de seus cabelos brancos, trançados em duas tranças que lhe desciam pelas laterais da face, coberta inteiramente, exceto em alguns poucos centímetros, por um véu pesado e negro. Usava uma saia preta e um pesado xale tricotado em negro igual ao usado pelas camponesas, simples e sem adornos, atirado sobre algum tipo de blusa feita em linho cru. Em volta da cintura havia um cinto comprido, tecido em várias cores que formavam desenhos, do qual pendia uma faca com o formato de uma pequena foice e cujo cabo era negro.

Ela ergueu a mão num gesto resolutivo:

— Vá embora. Sabe que homem algum pode pôr os pés aqui; este solo é sagrado, consagrado à Mãe Enigmática. Vire seus cavalos e voltem por onde vieram. Aqui há areias movediças e outros perigos sobre os quais nada sabe. Volte.

Bard abriu a boca e teve um pouco de dificuldade para conseguir articular as palavras. Finalmente, conseguiu dizer:

— Não pretendo causar nenhum mal, nem desrespeitá-la, mãe, nem a senhora ou qualquer uma de suas devotadas servas de Avarra. Encontro-me aqui para levar para casa minha prometida mulher, Carlina di Asturien, filha do falecido Rei Ardrin.

— Por aqui não existem prometidas mulheres, apenas as irmãs que prestaram juramento a Avarra, que aqui vivem em oração e devoção; e algumas poucas penitentes e peregrinas que vieram conviver conosco por algum tempo para se curarem de suas aflições e mágoas.

— A senhora está se esquivando, velha mãe. Lady Carlina encontra-se entre elas?

— Ninguém por aqui usa o nome Carlina. Não perguntamos que nome nossas irmãs usavam quando viviam no mundo; quando uma mulher vem para cá para fazer os votos conosco, o nome que ela usava fica perdido para sempre, apenas a deusa o conhece. Não há nenhuma mulher aqui que o senhor possa declarar que seja sua mulher, seja lá quem o senhor for. Advirto-o com a maior sinceridade: não cometa esta blasfêmia, ou atrairá sobre si mesmo a ira da Mãe Enigmática.

Bard inclinou-se para diante na sela:

— Não me ameace, velha senhora! Sei que minha mulher se encontra aqui e se não a entregar a mim, virei e a pegarei e não serei responsável por aquilo que meus homens possam fazer.

— Contudo, o senhor será o culpado, quer assuma ou não a responsabilidade — retrucou a anciã.

— Não discuta comigo! Será melhor a senhora ir dizer a minha mulher que seu marido veio buscá-la para levá-la de volta; e se assim agir, não cometerei nenhuma blasfêmia, mas aguardarei por ela aqui, fora de sua área sagrada.

— Porém, não tenho medo de suas ameaças. Nem a Grande Mãe -afirmou a velha sacerdotisa...

E a neblina redemoinhou ao redor de seu rosto e, inopinadamente, não havia, mas ninguém no local onde ela estivera de pé, apenas espirais vazias de bruma erguendo-se dos juncos à beira d'água.

Bard respirou convulsivamente. Como tinha ela desaparecido? Teria ela estado realmente ali em algum momento ou se tratava apenas de uma ilusão? Obstinadamente, tinha mais certeza do que nunca de que Carlina se encontrava ali e que a estavam escondendo dele. Por que a velha senhora não tinha tido a sensibilidade de fazer

o que lhe pedira, indo procurar Carlina, informando-a que ele viera em paz, sem querer causar nenhum dano nem blasfemar, para levá-la de volta ao lar para compartilhar da cama dele? Seria ele então obrigado a cometer uma blasfêmia?

Ele deu a volta e guiou o cavalo para o lado de Melisendra:

— Agora chegou o momento de usar a sua feitiçaria, a não ser que devamos ser todos dominados pela areia movediça. Há areia movediça por aqui?

Ela pegou a sua pedra da estrela e olhou para o seu interior, o rosto assumindo aquela aparência distante, abstrata, que tinha visto tantas vezes na face de Melora.

— Há uma areia movediça perto, se bem que não tão perigosamente perto, creio. Bard, está mesmo decidido a prosseguir nesta loucura? Sinceramente, não é aconselhável provocar a ira de Avarra. Se Carlina desejasse acompanhá-lo, teria vindo; ela não é mantida prisioneira neste lugar.

— Não tenho como saber. Estas mulheres são loucas, querem viver sozinhas, substituindo o que é conveniente às mulheres por castidade e oração...

— Você considera a castidade e a oração impróprias para as mulheres? — perguntou ela com sarcasmo.

— Absolutamente; mas, sem dúvida, uma mulher pode fazer orações, tantas quantas queira, no seu lar, e nenhuma mulher casada tem o direito de se entregar à castidade contra a vontade de seu marido legítimo! De que servem essas sacerdotisas, qual o bem que podem fazer a alguém se desrespeitam as leis da natureza e dos homens desta maneira?

Ele abordara a questão de forma retórica, mas Melisendra interpretou-a literalmente.

— Disseram-me que elas realizam muitas obras boas. Conhecem a fundo as ervas e os remédios e são capazes de tornar férteis mulheres estéreis; e a oração é sempre uma boa coisa.

Bard ignorou-a. Através da neblina tinham alcançado uma pequena praia arenosa, livre dos juncos que delimitavam as margens do lago por todos os lados; e ali havia uma cabana e um barco amarrado.

Bard desmontou e gritou:

— Hei! Barqueiro!

Uma figura minúscula, encurvada, enrolada em xales, saiu da cabana. Bard ficou fora de si ao descobrir que não era um barqueiro mais sim uma velhinha, aleijada, encanecida e curvada.

— Onde está o barqueiro?

— Sou eu quem cuida deste barco, vai dom, para as boas senhoras.

— Leve-me através do lago até a ilha, rápido!

— Não posso fazer isto, senhor. É proibido. Mas aquela senhora lá, se ela quiser ir, eu a levarei. Porém, homem não, é proibido, a deusa o proíbe.

— Tolice! — exclamou Bard. — Como ousa afirmar que sabe o que os imortais desejam, mesmo reconhecendo que existam deuses, ou deusas? E se as sacerdotisas não gostarem, ora, nada poderão fazer a respeito.

— Não serei a responsável por sua morte, vai dom.

— Não seja idiota, velha senhora! Entre nesse barco e leve-me até lá, já!

— Não diga palavras como idiota, senhor; não sabe sobre o que está falando. Este barco não o conduzirá até a outra praia. Eu, sim; a senhora, sim; porém não o levará, de modo algum.

Bard resolveu achar que a mulher era uma mentecapta. Provavelmente, as sacerdotisas tinham-lhe entregue a tarefa de cuidar da travessia de barco, além de ser uma caridade para com ela, mas sua principal obrigação era assustar as pessoas que até ali chegassem. Muito bem, ele não se apavorava. Sacou o punhal.

— Está vendo isto? Entre no barco! Já!

— Não posso — choramingou ela. — Na verdade, não posso! As águas não são seguras, a não ser quando a sacerdotisa assim o quer! Nunca vou até lá, a não ser que me chamem do outro lado!

Com o semblante irado, Bard recordou-se da vau encantada perto de Moray's Mill, onde uma corrente calma e rasa, subitamente, se transformara num rio caudaloso. Porém, fez um gesto ameaçador com o punhal.

— O barco!

Ela deu um passo, depois outro, tremendo, em seguida caiu ao chão, uma trouxa de farrapos balofos.

— Não posso — lamuriava-se -, não posso!

Bard sentiu vontade de chutá-la. Mas ao invés disto, passou por cima dela, daquele corpo encolhido, e entrou no barco, pegando o remo e conduzindo-o, com algumas remadas longas e fortes, para dentro d'água.

As águas do lago estavam agitadas, com um violento recuo de ondas como Bard nunca tinha visto antes, atirando o barco de um lado para o outro como se fosse uma rolha; mas Bard era muito forte e tinha aprendido a lidar com barcos nas águas revoltas do lago Mirion. Ele conduziu o barco através das águas com remadas firmes...

...e descobriu, para seu assombro, que ele tinha sido desviado, de algum jeito, e ao invés de estar indo para a praia da Ilha do Silêncio, o barco rumava direto para a praia arenosa onde se localizava a cabana da velha!

Impotente, Bard praguejou ao sentir que o barco estava sendo carregado pela corrente violenta, diretamente de volta para a praia de onde acabara de partir. Introduziu o remo na água, colocando mais uma vez o barco na corrente. Teve que usar toda a sua força para mantê-lo no canal, porém, por mais que tentasse, não conseguia levá-lo na direção da ilha. Lenta, inexoravelmente, o barco descrevia círculos, derivava, por mais vigor que pusesse nas remadas. A velha se colocara sobre os joelhos e o observava, estourando de tanto rir. O barco rumava para a praia, apesar do seu esforço, escapulia para cima, arranhava a areia no fundo e sua última remada levou-o direto para a areia.

A velha sacudia-se de tanto rir.

— Eu o avisei, senhor. Ainda que o senhor o tentasse durante todo um dia e toda uma noite, este barco aí não vai até a ilha, a não ser que as sacerdotisas o chamem até lá.

Bard teve a impressão de ter surpreendido alguns de seus homens sorrindo. Olhou a sua volta com tanta raiva, que eles logo se mostraram impassíveis. Deu um passo ameaçador na direção da

velha senhora. Sentia-se disposto e pronto a lhe torcer o pescoço. Porém ela, no final das contas, não passava de uma velha simplória.

Começou a refletir, de pé ao lado dela. A vau em Moray's Mill tinha sido enfeitiçada. Evidentemente, o barco, aqui, também tinha sido colocado sob magia. De qualquer modo, se as sacerdotisas pretendiam de fato manter Carlina afastada dele, e estava bastante claro que a intenção delas era esta, um homem sozinho só iria se deparar cada vez mais com encantamentos e bruxarias.

Talvez uma leronis pudesse acalmar as águas, como Melora tinha feito em Moray's Mill; e seus homens puderam fazer seus cavalos atravessarem a nado.

— Melisendra!

Ela se aproximou calma. Ele ficou se perguntando se ela não teria se divertido às suas custas enquanto ele lutava com o barco.

— Se as sacerdotisas puseram algum encanto nas águas, você pode acalmá-las e anulá-lo!

Ela o fitou dentro dos olhos e sacudiu a cabeça:

— Não, meu senhor. Não ouse provocar a ira de Avarra.

— É ela a deusa com quem tagarela? — perguntou ele.

— Ela é a deusa de todas as mulheres, e não vou enfurecê-la.

— Melisendra, advirto-a... — ergueu a mão pronto para golpeá-la. Ela o olhou com total indiferença:

— Não pode me fazer nada pior do que aquilo que já me fez. Depois do que me aconteceu, acha que algumas pancadas me farão obedecer à sua vontade?

— Se realmente me detesta tanto assim, creio que deveria ficar contente em me ajudar a recuperar minha mulher! Então ficará livre de mim, já que lhe sou tão detestável!

— Às custas de trair uma outra mulher e atirá-la em suas mãos?

— Está com ciúmes, e não deseja me ver com outra mulher em meus braços!

Ela não desviou o olhar dele:

— Se sua mulher estivesse sendo mantida prisioneira naquela ilha e quisesse voltar para seu lado, eu correria o risco de despertar a fúria de Avarra a fim de ajudá-la a voltar para seus braços. No

entanto, ela não parece estar muito ansiosa para abandonar seu refúgio e vir para o seu lado. E se tiver juízo, Bard, abandonará este lugar imediatamente, antes que algo pior aconteça.

— É esta a Visão? — A frustração tornava suas palavras sarcásticas.

Ela inclinou a cabeça. Falou, e Bard viu que ela chorava em silêncio:

— Não, meu senhor. Isto... já não tenho mais este poder e nunca mais o terei. Contudo, sei que a deusa não pode ser desafiada impunemente. É melhor você desistir, Bard.

— Ficaria triste se algum destino terrível me aguardasse? — perguntou, revoltado, porém ela não lhe deu resposta, limitou-se a virar o seu cavalo e, lentamente afastou-se do lago.

— Amaldiçoada mulher! Malditas sejam todas as mulheres e a deusa delas também!

— Vamos, homens — ordenou ele. — Façam os cavalos nadar; o encanto é apenas para o barco!

Obrigou seu cavalo a aproximar-se da beira d'água embora ele relutasse, mostrando-se nervoso e recuando, ao sentir a água sob os cascos. Virou seu animal e viu que não estava sendo seguido.

— Ora, vamos! O que há com vocês? Acompanhem-me, homens! Naquela ilha há mulheres e elas me desafiaram, logo deixo-os livres para todas elas! Vamos, homens, despojos e mulheres... não estão com medo da tagarelice de uma velha bruxa, estão? Vamos!

Metade dos homens deixou-se ficar onde estava, resmungando amedrontados.

— Nay, dom Lobo, é perigoso, é proibido!

— A deusa o proíbe, senhor! Não, não faça isto!

— Blasfêmia!

Porém um ou dois deles forçaram seus cavalos a se adiantarem, ansiosos, puxando as rédeas, obrigando os animais relutantes a entrarem na água.

A neblina começou a se levantar outra vez, mais espessa, cada vez mais espessa; e desta feita tinha uma tonalidade esverdeada, estranha e fantasmagórica. Parecia haver rostos dentro dela, faces

que faziam caretas, olhavam de soslaio e ameaçavam-no, e lentamente, muito lentamente, os rostos estavam chegando à praia. Um dos homens que ficara para trás, recusando-se a se aproximar da água, inesperadamente soltou um berro desvairado e gritou:

— Não, não! Mãe Avarra, tenha piedade! Piedade de nós! — Ele deu um puxão nas rédeas com violência, e Bard ouviu os cascos de seu cavalo afundando e saindo da lama quando deu meia-volta e voltou a toda brida por onde tinha vindo. Um depois do outro, embora Bard se erguesse sobre os estribos e gritasse xingando todos eles, seus homens deram-lhe as costas e incitaram os animais de volta trilha acima, até Bard se ver sozinho na beira d'água. Para o inferno todos eles! Apavorados como uns sapinhos! Covardes, haveria de dominá-los, rebaixá-los de posto, se não os enforcasse, um a um, por covardia!

Sentou-se desafiando a neblina:

— Venha! — disse em voz alta, estalou a língua para o cavalo, porém este não se moveu, tremendo sob ele como se estivesse exposto ao frio de um geadá. Ficou imaginando se o animal podia ver aqueles rostos horrendos, aproximando-se cada vez mais da praia.

E de repente, um terror cego enregelou Bard também, até os ossos. Ele sabia, com cada uma de suas fibras, que se uma daquelas faces o tocasse através da neblina, toda a coragem e vida que havia nele desapareceriam, frias, e ele morreria, a neblina se assenhorearia de todo o seu ser e haveria de cair da sela, sem forças e berrando, e nunca mais se ergueria. Deu um puxão nas rédeas e procurou galopar atrás de Melisendra e de seus homens em fuga, porém estava imobilizado e a água tremia sob ele e não se movia. Certa vez ouvira falar que a Grande Mãe podia assumir a forma de uma égua... Teria ela enfeitado a sua montaria?

Os rostos flutuavam aproximando-se mais e mais, horrendos e desfigurados, semblantes de homens mortos, mulheres estupradas, cadáveres com a carne pendente dos ossos, e Bard, de algum modo, sabia que todos eles eram homens que ele tinha conduzido à batalha e à morte, todos homens que ele tinha matado, todas as mulheres que violentara, destroçara ou queimara e afastara de suas casas, o

semblante de uma mulher berrando durante o saque a Scaravel, quando ele tinha arrancado o filho de seus braços e atirado-o de encontro à parede para se espatifar de junto às pedras do chão... uma mulher que tinha possuído durante a pilhagem de Scathfell, o marido jazendo morto ao lado dela... uma criança, machucada e sangrando, por causa de 12 homens que dela tinham se aproveitado... Lisarda, chorando em seus braços... Beltran, com toda a carne arrancada dos ossos... os rostos estavam agora tão próximos que não tinham formas, saltavam aos seus pés, sobre seus joelhos, rodopiando para cima, cada vez mais para cima. Eles se enrolaram em torno de suas virilhas, chupando, mordendo e sentiu, sob suas roupas seus órgãos genitais encolherem-se e desaparecerem, deixando-o sem sua masculinidade, sentiu a gélida ascensão na sua barriga; quando se levantaram para morder sua garganta, sua respiração iria falhar e ele cairia, sufocando-se, morrendo...

Bard berrou, e o som deu-lhe de algum jeito vida suficiente para agarrar-se às rédeas, esporear freneticamente seu cavalo. Este empinou e pulou. Ele se agarrou à vida, deixando-o correr, deixando-o levar para onde quisesse, para qualquer lugar longe dali. Perdeu os estribos, soltou as rédeas quando a montaria saltou, porém o pânico deu-lhe forças para se agarrar ao pescoço do animal; finalmente, sentiu que o cavalo começava a se acalmar, a caminhar, e voltou a si, tonto, descobrindo que estava cavalgando atrás de seus homens, ao lado de Melisendra.

Se ela pronunciasse uma única palavra, se falasse uma sílaba avisando que o tinha advertido, ou que deveria ter aceito o seu conselho, ele a espancaria! Seja como for, aquela mulher infernal parecia se sair sempre melhor quando discordavam! Sentia-se muito mal por sabê-la ao seu lado para zombar dele! Se ela dissesse uma palavra sobre como ele lhe parecera uma figura gozada, fugindo, agarrado ao seu cavalo...

— Se você se julga tão tocada pela devoção e castidade — disse enfurecido para ela — e sente-se tão contente com a minha derrota, por que não volta e fica por lá?

Mas ela não escarnecia dele. Nem sequer olhava para ele. Estava com o rosto coberto pelo véu e chorava baixinho por trás daquela proteção.

— Bem que eu iria — disse ela, num sussurro. — Iria mesmo, com muito prazer! Porém, elas não me receberiam — e baixou a cabeça sem tornar a erguer os olhos para ele.

Bard continuou a cavalgar, sentindo-se mal de tanta raiva. Mais uma vez, Carlina conseguira escapar dele! Tinha-o feito de bobo novamente, quando tinha se sentido tão seguro a respeito dela! E ele ainda estava ligado a Melisendra, a quem começava a odiar! Enquanto subiam a trilha íngreme ele se virou para trás e brandiu o punho fechado, revoltado, contra o lago que jazia silencioso, diáfano no lusco-fusco atrás deles.

Ele haveria de voltar. As mulheres da ilha tinham-no derrotado uma vez, porém ele arranjará algum meio de voltar, e dessa feita não seria afastado de lá por suas bruxarias! Elas que se cuidassem!

E se Carlina estava se escondendo ali, ela que se cuidasse também!

## Capítulo Quatro

O verão tinha chegado nas colinas de Kilghard, trazendo junto a época dos incêndios, quando as árvores resinosas explodiam em chamas e cada homem disponível era convocado para prevenir possíveis incêndios. Num dia do final do verão, Bard di Asturien cavalgava lentamente rumo ao Sul, com um pequeno grupo de homens escolhidos e uma guarda pessoal, e cruzou, finalmente, a fronteira de Marenji com as Astúrias.

Não é mais, pensou ele, uma verdadeira fronteira. O condado de Marenji, apesar dos protestos do xerife, está armado, protegido por soldados aquartelados em cada casa e aldeia de Marenji. Um sistema de sinais com fogo e retransmissão telepática foi estabelecido para avisar o povo das Astúrias sobre qualquer ataque procedente do Norte ou do Leste, por parte dos bandidos de terras distantes de Kadarin, ou incursões por parte de Serrais.

O povo de Marenji havia protestado. Quando foi que o povo, pensou ele, soube o que era bom para ele? Desejava ficar desarmado entre Serrais e Astúrias, sendo atravessado por exércitos a cada espaço de alguns anos? Se não queria os soldados das Astúrias por lá, devia formar seu próprio exército para mantê-los longe.

Passou uma noite na sua antiga casa, porém ninguém estava lá, a não ser o velho coridom; Erlend tinha sido mandado para a corte, para o lado da mãe. Dentro em breve, pensava Bard, teria que se preocupar com a escolha da casa de algum nobre onde seu filho pudesse receber uma educação apropriada. Mesmo que Erlend fosse destinado a ser um laranzu, devia saber alguma coisa a respeito de guerra e armamentos. Bard lembrou-se que até Jeremy, que sabia que jamais entraria armado numa batalha, nunca tinha ficado atrás de seus irmãos de criação no manuseio de uma espada... afastou este pensamento, de modo direto, contraindo as mandíbulas, recusando-se a refletir sobre ele.

Erlend deveria ser um laranzu, se seus dons continuassem como eram no momento; ele era apenas um filho nedestro. Quando

conseguisse descobrir o modo correto de reclamar Carlina, ela lhe poderia dar muitos filhos legítimos. Contudo, Erlend devia ser educado de acordo com a sua posição, e supôs que Melisendra haveria de fazer alguma cena quanto a isto. Maldita mulher, todas as desvantagens de ter uma mulher, e nenhuma das suas vantagens! Se ela não fosse uma das melhores leroni de seu pai, ele a mandaria embora logo. Talvez um dos homens de Dom Rafael estivesse querendo desposá-la, seu pai certamente haveria de lhe conceder algum tipo de dote.

Chegou ao Castelo das Astúrias ao anoitecer, encontrando o pátio repleto de cavalos estranhos, estandartes dos Hasturs, embaixadas de todos os Cem Reinos. O que havia acontecido? Teria o Rei Carolin, finalmente, resolvido pagar o resgate por Jeremy?

Isto, ficou sabendo, era apenas uma parte de tudo aquilo. Quarenta dias antes, Lady Ginevra Harryl concebera um filho a Jeremy Hastur; este tinha resolvido, em primeiro lugar, legitimar o menino e, ao mesmo tempo, se casar com a mulher di catenas. Como um modo de provar que Jeremy Hastur não era um prisioneiro mas sim um digno hóspede (a mentira convencional legal, pensou Bard, sobre todos os reféns), Dom Rafael resolvera realizar o casamento pessoalmente e fazê-lo com grande pompa, com Hasturs vindo de todas as partes para assistir ao casamento. E como Dom Carolin não se arriscaria, pessoalmente, a penetrar nas Astúrias, enviara um de seus ministros, o laranzu Varzil de Neskaya, para comemorar a cerimônia.

Bard não se importava muito com este tipo de coisas, e os preparativos fizeram-no recordar, dolorosamente, do fato de que ele tivera a esperança de ter um casamento deste tipo em algum momento daquele verão, antes da sua derrota no Lago do Silêncio. Todavia, o comandante dos exércitos do rei tem que estar presente; remoendo estes pensamentos, ele envergou a túnica bordada e o manto de cerimônia, em azul, ricamente enfeitado com fios de cobre e delicados bordados. Melisendra também apresentava um aspecto majestoso e altivo, os cabelos arrumados em altas tranças dispostas em arcos, num vestido verde e uma capa de pele. Antes deles

saírem da suíte, o pequeno Erlend entrou, parando com os olhos arregalados para admirá-los.

— Oh, mãe, você está linda! Você também, pai, você também está lindo!

Bard riu e abaixou-se para levantar o filho. Erlend falou tristemente:

— Quem me dera poder ir lá para baixo e assistir ao casamento e ver todas as roupas lindas, os nobres e as ladies...

— Não é lugar para crianças. . . — começou a dizer Bard. Mas Melisendra interrompeu:

— A sua ama poderá levá-lo até a galeria para que dê uma espiadinha, Erlend, e se se comportar bem, se for um bom menino, ela irá apanhar alguns doces na cozinha para o seu jantar.

Bard colocou-o no chão e Melisendra ajoelhou-se para beijá-lo. Bard, ciumento, ao ver como o garoto era apegado à mãe, disse:

— E, amanhã, irá cavalgar comigo.

Erlend afastou-se aos pulos com sua ama, quase aturdido ao pensar nas coisas prometidas.

No entanto, Bard estava preocupado quando desceu, ao lado de Melisendra, a escadaria imponente.

— Por que, em nome de todos os deuses, meu pai resolveu celebrar o casamento de Geremy com toda esta pompa?

— Acredito que ele tem um plano, porém não sei qual seja; tenho certeza de que não se trata de algo de bom para com Geremy; nem, suponho, para com Ginevra; embora Dom Regis Harryl pertença a um dos ramos mais nobres das Astúrias e seja parente dos Hasturs há algumas gerações.

Bard refletiu a respeito. Naturalmente, Dom Rafael procurava deter o trono para Alaric, e deve fazê-lo em parte mantendo a boa vontade de todos os nobres que tinham jurado lealdade aos di Asturiens. Um casamento na corte, para a filha de um valoroso partidário, era apenas uma jogada diplomática, que valia o que custava. Se bem que, pessoalmente, Bard teria hesitado em conceder um privilégio como aquele a um de seus próprios aliados, que contratava casamento com a família Hastur, quando seus membros poderiam, dentro de bem pouco tempo, ser seus inimigos.

— Você acha, realmente, que teremos que entrar em guerra com os Hasturs, Bard?

Bard protestou, aborrecido com o hábito de Melisendra de ler a sua mente, porém respondeu:

— Não vejo como isto possa ser evitado. Melisendra estremeceu ligeiramente.

— Mas, você se sente feliz...

— Sou um soldado, Melisendra. A guerra é o meu trabalho, o trabalho de todo aquele que é leal às Astúrias, de modo que devemos manter este reino pela força das armas.

— Achava que seria fácil celebrar a paz com os Hasturs. Não desejam a guerra mais do que nós a desejamos.

Bard deu de ombros:

— Pois muito bem, deixemos então que se rendam a nós. — Desejou que Melisendra parasse de conversar sobre aquelas coisas que, na verdade, não lhe diziam respeito.

— Mas elas me preocupam sim, Bard. Sou uma leronis, e sei combater. E mesmo que não o fosse, se fosse uma mulher que nada tivesse de melhor para fazer além de cuidar de sua casa, ainda assim seria obrigada a lidar com ferimentos, pilhagem, e dar à luz filhos para irem à guerra... a guerra é uma preocupação para as mulheres, e não apenas para os homens!

Apesar de ver o rosto dela vermelho de indignação, Bard limitou-se a dizer, rudemente:

— Tolice. E se tornar a ler meus pensamentos outra vez, Melisendra, sem permissão, vai se arrepende muito!

Ela encolheu os ombros e disse com educação:

— Sinto muito por qualquer coisa que eu tenha que ver com o senhor, meu Lorde. E se não deseja que eu leia seus pensamentos, devia parar de enviá-los de um modo que ninguém pudesse deixar de ouvi-los; às vezes não tenho certeza se falou em voz alta ou não.

Bard ficou pensando sobre aquilo. Jamais imaginara que contasse com um laran tão desenvolvido. Por que Melisendra achava tão fácil ler seu pensamento?

O Grande Salão estava repleto. Havia também o choro de dois ou três recém-nascidos; não fazia muito tempo, as nobres tinham

adquirido o tolo costume de amamentar seus filhos ao invés de entregá-los, como convinha, às amas-de-leite; e Ginevra tinha dado à luz muito recentemente, de modo que outras jovens mães julgaram normal levar seus bebês para o salão. Bard esperava que fossem levados dali antes do início da cerimônia! Decidiu que quando Carlina viesse para a corte, insistiria para que ela se comportasse de uma maneira mais digna; com todo aquele berreiro em volta, o lugar se parecia com uma pastagem de éguas dando cria!

Contudo, Lady Jerana tinha, é claro, insistido para que todos os bebês fossem levados dali antes de se iniciar a cerimônia. As pulseiras do casamento foram trancadas, com grande pompa, nos pulsos de Geremy e de Ginevra, enquanto o regente das Astúrias dizia:

— Que sejam apenas um para sempre.

Muito bem, Geremy tinha uma mulher, e, pelo menos, ela já havia comprovado ser fértil. Encolheu os ombros e foi cumprimentar seu parente.

Ginevra e Melisendra estavam se abraçando e dizendo as bobagens que as jovens costumam falar nos casamentos. Bard inclinou-se numa reverência.

— Dou-lhe meus parabéns, primo — falou ele, gentilmente. Se Geremy fosse um pouco inteligente, pensou ele, acertaria as diferenças entre os dois para não haver uma guerra e tudo estaria acabado. Não desejava nenhum mal a Geremy; imaginou que se se encontrasse na mesma situação dele, agiria da mesma forma. — Vejo que seus parentes vieram de todas as partes para homenageá-lo, irmão de criação.

— Sobretudo, eu acho, a minha mulher — retrucou Geremy e apresentou Ginevra a Bard. Era uma mulher baixa, morena, que quase parecia ter nascido na casa de algum ferreiro das montanhas; embora Geremy não se mantivesse ereto, ela mal lhe chegava aos ombros. Também quase não tinha seios e adotara a moda idiota de usar um vestido fechado na frente, de modo que pudesse aleitar seu bebê em público; quanta falta de dignidade!

Contudo, dirigiu-se a ela com educação, inclinando-se:

— Desejo que seu filho seja forte e sadio como deve ser um filho homem.

Ela falou uma ou duas palavras delicadas; e Geremy, evidentemente, compartilhava da opinião de Bard de que era aconselhável que fossem vistos numa conversa civilizada por alguns momentos.

— Oh, sim, as mulheres dizem que é um ótimo menino. Não sei julgar estas coisas. Para mim é igual a qualquer recém-nascido; empapado em ambas as extremidades e berrando sem parar; contudo, Ginevra acha-o lindo, mesmo depois de todos os problemas que lhe causou.

— Tive sorte, pois só fui conhecer meu filho quando já sabia andar e falar como uma pessoa sensata, e não um filhote mal-educado — comentou Bard.

— Vi o pequeno Erlend — retrucou Geremy -, e achei-o bonito e inteligente. E a mãe dele, ouvi dizer, é uma leronis; o menino também é dotado de laran?

— A mãe dele diz que sim.

— Já esperava por isto, com aqueles cabelos ruivos da família Hastur — observou Geremy. — Já pensou em mandá-lo para uma das torres, Hali ou Neskaya para ser criado lá? Tenho certeza de que ficariam contentes em tê-lo por lá. Meu parente Varzil de Neskaya encontra-se aqui e poderia cuidar disto.

— Acredito que sim. Porém, quer me parecer que Erlend ainda é muito pequeno para ser enviado para fora de seu reino em época de guerra e não tenho a mínima vontade de vê-lo mantido como refém.

Geremy parecia chocado.

— Está me interpretando mal, parente. As torres juraram neutralidade, razão pela qual um Ridenow passou a ser o protetor de Hali. E após o incêndio de Neskaya, quando a torre foi reconstruída, Varzil foi até lá com o circulo e jurou que observariam o Pacto dos Hasturs e não combateriam mais nas guerras com armamentos com laran.

— A não ser pela causa dos Hasturs, está querendo dizer — falou Bard, sorrindo com cinismo. — Muito inteligente por parte de

Carolin, assegurar a lealdade deles desta forma!

— Não, primo, nem mesmo assim. Juraram não lutar nem mesmo pelos Hasturs, mas para usar suas pedras da estrela apenas em favor da paz.

— E Carolin permite que suas torres permaneçam intactas no reino dele?

— Meu pai deseja que assim seja — afirmou Jeremy. — Esta terra é devastada anualmente por guerras fratricidas e tolas, de modo que os camponeses não podem cuidar de suas lavouras. O clingfire é horrível, porém, atualmente, armas piores são fabricadas através da magia. A Lady de Valeron usou carros aéreos para espalhar bonewater em pó na região ao norte de Thendara, e acho que, talvez, nenhuma lavoura conseguirá se desenvolver naquela região outra vez, e qualquer pessoa que viajar por lá morre, mais tarde, com o sangue transformado em água, e os ossos ficam quebradiços... e coisas ainda piores, coisas que não teria coragem de falar numa festa. E, por isto, todos juramos que não usaremos mais o laran contra qualquer inimigo destas torres, e todas as terras próximas aos reinos dos Hasturs comprometeram-se a respeitar este pacto.

— Nada sei sobre este pacto. O que significa ele? — perguntou Bard.

— Bem, onde o pacto está em vigor, nenhum homem pode atacar um outro com nenhuma arma, a não ser uma que possa colocar quem a usa ao alcance da morte...

— Não tinha ouvido nenhuma referência a isto — disse Bard -, eu também preferiria combater com uma espada ou pique reais do que com bruxaria. Não gosto de adotar e lançar mão de leroni em batalha, e penso que todo soldado tem esta mesma opinião. No entanto, não teria leroni dentro de meu reino, a menos que jurassem combater comigo, e proteger meus exércitos contra o ataque da magia. Conte-me mais.

— Bem, não convivi no reino de meu pai desde criança, e não sei muito sobre o assunto, a não ser aquilo que meu parente Varzil me relatou.

— Você tem um Ridenow de Serrais como parente?

— Somos todos da família Hastur — explicou Jeremy -, e todos temos o sangue de Hastur e Cassilda. Por que deveríamos estar em conflito?

Isto fez com que Bard ficasse sério e chocado. Se Hastur e Serrais tivessem uma causa em comum, o que aconteceria então ao reino das Astúrias? Teve vontade de ir logo procurar seu pai para lhe comunicar esta notícia, porém os menestréis já haviam começado a tocar, e os dançarinos enchiam o salão.

— Gostaria de dançar, Ginevra? Não precisa ficar do meu lado por eu estar aleijado; tenho certeza de que um de meus parentes gostaria de tirá-la para dançar.

Ela sorriu, comprimindo-lhe a mão:

— No meu casamento, não dançarei com nenhum homem, já que meu marido não pode se juntar a mim. Esperarei por uma dança feminina do anel e dançarei com as minhas damas.

— Tem uma mulher leal — observou Bard. Jeremy encolheu os ombros:

— Oh, Ginevra sempre soube que eu jamais seria aclamado no campo de batalha, nem dançando num salão.

Um dos homens da família Hastur, com seu traje azul e prata, aproximou-se para convidar a noiva para dançar. Bard, observando o modo gracioso como Ginevra recusou-se a acompanhar o cavalheiro, começou a compreender por que o seu parente tinha escolhido aquela coisinha deselegante, morena e magricela. Ela possuía o encanto e a graciosidade de uma rainha; ela haveria, apesar de suas feições comuns, de abrilhantar qualquer corte.

— Mas não deve agir assim — protestou o homem. — Ora, dançar com uma noiva é um encanto poderoso para qualquer homem que deseje se casar dentro de um ano! Como pode ter a coragem de nos privar disto, domna?

Ginevra replicou com alegria:

— Pois bem, só dançarei com minhas damas solteiras; isto as ajudará a se casarem e como terão que encontrar alguns homens para participarem da cerimônia, isto também ajudará os solteiros a encontrarem noivas!

Fez um sinal para os músicos, que começaram a tocar uma música apropriada à dança do anel. Segurando a mão de Melisendra, Ginevra carregou-a para a pista de dança, e várias mulheres e moças, jovens demais para dançarem com estranhos, ou mulheres cujos maridos ou irmãos estavam ocupados em outro lugar, seguiram-nas. Bard observava Melisendra vestida de verde, entrando e saindo segundo o modo que se dançava a dança do anel. Onde, se perguntou ele, estava Melora agora? Por que aquela lembrança o assediava tanto? O pensamento cruzou-lhe a mente e ele sabia que se tratava de uma loucura, que se estivesse unido a Melora desta forma, conversariam, poderiam ser muito amigos, amigos íntimos, como o eram Geremy e Ginevra. Recordou-se de como Ginevra tinha pressionado a mão de Geremy de encontro a sua face. Jamais uma mulher demonstrara para com ele uma atitude como aquela, mas, ainda assim, podia imaginar Melora fazendo-o.

Tolice; não poderia se casar com Melora, não era bem-nascida, e, de qualquer forma, estava comprometida com uma torre. Este não era o modo como se celebravam os casamentos. Criticara Geremy intimamente por ter se casado com Ginevra, que se achava visivelmente abaixo dele quanto à classe, apesar dela pertencer a uma tradicional família e as suas maneiras serem graciosas. Só um tolo haveria de desposar uma mulher que não lhe trouxesse uma forte e poderosa aliança, ou um rico dote. Por exemplo, ele não podia se conformar em se casar com Melisendra; filha de um humilde laranzu... se bem que... o que Geremy tinha falado a respeito da família Hastur e cabelos ruivos? Afinal de contas, Melisendra não podia ser tão mal-nascida assim...

— Eu pensei — disse Geremy — que teríamos em breve a honra de dançarmos no seu casamento, Bard. Não conseguiu convencer Carlina a abandonar a hospitalidade da Irmandade de Avarra?

— Não tive a mínima oportunidade de conversar com ela. As praias da Ilha do Silêncio são protegidas com bruxaria. Será necessário todo um batalhão de leroni para anular aqueles encantamentos! No entanto, tome nota do que lhe digo, ele será celebrado!

Jeremy fez um gesto que imitava um horror devoto.

— E você não teme a ira de Avarra?

— Não temo nenhum grupo de mulheres idiotas que fingem ser o seu desejo a vontade de uma deusa ou de outra! — retrucou Bard revoltado.

— Mas quem sabe? Talvez a sua noiva dê preferência à castidade e às boas obras aos prazeres que a aguardam quando estiver casada com você, não? Ora, como pode ela ser tão tola?

Os olhos cinzentos de Jeremy faiscaram, e Bard, dando meia-volta, afastou-se. Não desejava criar problemas para o seu pai discutindo numa grande festa como esta. Nem mesmo para si mesmo admitia que não queria mais discutir com Jeremy.

Mais tarde, enquanto os jovens estavam dançando, ele conversou um pouco com o pai a respeito do que tinha feito nas fronteiras setentrionais.

— É bem provável que não sejamos atacados pelos Serrais enquanto mantivemos Dom Eiric como refém, porém, se nos virem sitiados pelos Hasturs, talvez venham contra nós também. Ouvi alguns comentários a respeito de uma trégua estabelecida entre Aldaran e Scathfell; se nos atacarem em conjunto, encontraríamos dificuldades em mantê-los afastados, com tantas das nossas legiões ocupadas em revidar qualquer ameaça por parte de Serrais. E há alguns que ficariam muito satisfeitos em aliarem-se aos Hasturs. Se Varzil de Serrais fez uma aliança com Hastur, penso que devemos procurar convencer MacAran, em El Haleine, a proteger nossas fronteiras meridionais, da mesma forma como Marenji se encontra entre nós e o Norte.

— Não acredito que nem MacAran, nem o povo de Syrtis, quisessem aborrecer os Hasturs — observou Dom Rafael. — Dizem que o Lorde Colyrn de Syrtis pode ficar de pé na parte superior de seu castelo e observar todo o seu minúsculo país, e conquanto o camundongo nas muralhas pode ver de longe um gato, ele é bastante esperto para não o ir provocar; e Dom Colyrn não deseja bancar o camundongo para o Rei Carolin! O rei poderia engoli-lo de uma só vez sem nem ao menos sujar com sangue os seus bigodes! — enfureceu-se. — E se não mandarmos Dom Eiric de volta para

Serrais, todos aqueles que celebraram aliança com Serrais cairão sobre nós antes que o inverno chegue. Talvez devamos fazer Dom Eiric declarar uma trégua e ganhar tempo. Precisamos é de tempo! — bateu com a palma da mão sobre o joelho. — Talvez sejamos forçados a declarar uma trégua com os Hasturs também!

— Iniciarei uma campanha contra os Hasturs. Não tenho medo deles! Defendi e mantive Scaravel com um punhado de homens e posso fazer o mesmo pelas Astúrias! — exclamou Bard cheio de desdém.

— Mas você é apenas um homem — retrucou Dom Rafael -, e só pode ir à frente de uma legião. Com Serrais a Leste e os Hasturs a Oeste, e talvez todos os outros que se encontram do outro lado de Kadarin prontos a nos atacarem pelo Norte, Astúrias não tem como resistir!

— Contamos com um pouco de proteção em Marenji — afirmou Bard — de forma que qualquer um que pretenda nos atacar vindo de lá terá que lutar ali; e creio que talvez pudéssemos contratar mercenários no Norte, e nas Dry-town... eles conhecem a minha reputação e combaterão sob meu comando. E talvez consigamos manter Dom Eiric preso a uma trégua; os filhos dele ainda são muito jovens e devem ficar um pouco afastados da guerra por algum tempo. Se o mantivemos preso a uma trégua durante seis meses... e um refém liberado deve esperar por isto, no mínimo... — ele não pode colocar um exército contra nós em campo até o degelo da primavera. E, talvez, na primavera já possamos contar com mercenários, até mesmo com aliados, suficientes para que possamos atacar Serrais e torná-los nossos vassalos. Pense nisto, pai! Já imaginou podermos manter todas aquelas terras a Leste em paz, sem uma luta constante? Parece que temos estado em guerra com Serrais desde que eu era uma criancinha de colo!

— Estamos, e há muito mais tempo do que isto — disse Dom Rafael. — Contudo, mesmo se conquistarmos Serrais, ainda teremos que enfrentar os Hasturs, pois o Rei Carolin declara que todas estas terras já pertenceram aos Hasturs...

— Geremy disse algo assim. Mas não prestei muita atenção ao que falou. Mas se Carolin está declarando isto, teremos apenas de

Ihe dar uma boa lição.

— No entanto, serei forçado a prestar juramentos e celebrar tréguas — explicou Dom Rafael, aborrecido. — Trata-se de uma questão de tempo; pois já passou, já se esgotou o tempo para mantermos Geremy como refém. Carolin já se apercebeu de nosso blefe e mandou Varzil de Neskaya para escoltar Geremy até em casa. Ele trouxe seu irmão Alaric de volta para nós.

— Não ficarei triste em ver Geremy longe desta corte — disse Bard, porém tinha consciência de que isto representava uma perda diplomática para Dom Rafael. Com um Hastur como refém, ele contava com alguma influência para manter um compromisso diplomático com os Hasturs. Apesar disto, a volta de Alaric era uma conquista para compensar esta perda.

— Como está meu irmão? — indagou Bard, ansioso. — Está bem e feliz? Carolin educou-o bem? Pois quando a Rainha Ariel fugiu para lá, não tenho a mínima dúvida de que ele ficou nas mãos de Carolin e não nas dela.

— Ainda não o vi — falou Dom Rafael, tranqüilo. — Ainda continua sob os cuidados de Varzil. A troca formal acontecerá mais tarde, pois Varzil, me parece, está de posse de uma mensagem de Carolin e solicitou-me uma audiência formal durante a qual definirá a sua missão.

Bard ergueu as sobrancelhas. Então o protetor de Neskaya transformara-se num laçao de um Hastur? Talvez as coisas estivessem pior do que imaginara, talvez todas as terras desde Kilghard até Thendara estivessem sob o domínio dos Hasturs! Será que nos anos vindouros Astúrias se encontraria entre elas? Só sobre meu cadáver!

E então sentiu um leve tremor premonitório. Se, de fato, as coisas devessem acontecer assim, ora, certamente seria sobre o seu cadáver. Porém, de qualquer forma, esta era a sina de um soldado! E acontecesse o que acontecesse, não era provável que ele escapasse.

Se Alaric havia sido devolvido, isto pelo menos proporcionaria a Dom Rafael uma desculpa para realizar uma coroação; pois ele continuava insistindo que não era rei, apenas o regente para Alaric. Bard ficou imaginando qual era a diferença entre um rei criança e

outro. Mas, de qualquer forma, Alaric estava aqui, não tinha fugido, como Valentine, para pedir proteção em outro reino. Bard percebeu então que estivera pensando em Alaric como ele havia sido há sete anos; uma criança, satisfeita ao pensar nos brinquedos que seu irmão mais velho lhe passara. Agora, Alaric devia estar com uns 14 ou 15 anos, perto da maioridade legal. Seu próprio filho, Erlend, não era tão mais moço do que Alaric era quando se viram pela última vez!

O tempo. O tempo era o inimigo de todo homem. Ele mesmo tinha vivido mais tempo do que a maioria dos homens que ganhavam seu pão como soldados mercenários. Pelo menos, ele não perderia tempo algum casando-se e tendo alguns filhos legítimos. Precisava assegurar o reino para seu irmão, e, depois, tinha que descobrir algum meio de atacar a Ilha do Silêncio, mesmo se fosse necessário contar com toda uma legião de mágicos, e reconquistar Carlina.

Enquanto ela viver, não me casarei com nenhuma outra mulher! Ocorreu-lhe, pela primeira vez, que talvez houvesse cometido um grande erro. Se Carlina, realmente, não o desejava, talvez existissem outras mulheres que o quisessem. Novamente, pensou em Melora... mas não. Carlina era a filha do Rei Ardrin, era a sua prometida mulher e se não o queria, dentro em breve haveria de lhe ensinar qual era a sua obrigação. Nenhuma mulher, jamais, quis rejeitá-lo uma segunda vez!

Rafael das Astúrias liberou Dom Eiric de Serrais na manhã seguinte.

— Mas, pai, por que agora? — indagou Bard. Poderia, sem dúvida, tê-lo mantido aqui por mais uns dez dias!

— Trata-se de uma questão de protocolo — explicou Dom Rafael, com pesar. — Varzil de Neskaya, que é um Ridenow, deseja manter uma entrevista com ele, porém não pode, por uma questão de cortesia, fazer isto enquanto não tiver levado a cabo seu principal negócio por aqui, a troca de reféns; e não pode conversar com meu prisioneiro sem a minha permissão. Portanto, exigirei que Dom Eiric preste um juramento e em seguida o liberarei para seguir seu

caminho, antes que Varzil esteja livre para falar com ele. Não desejo ver mais senhores Ridenow celebrando aliança com os Hasturs!

Bard anuiu com um movimento de cabeça, compreendendo os motivos paternos. Pois uma vez que Dom Eiric jurara não trabalhar contra Dom Rafael das Astúrias durante seis meses, também não poderia, legalmente, aliar-se a nenhum inimigo das Astúrias. Bard tinha toda a sorte de conhecimento de tática militar e de estratégia, mas a diplomacia ainda era-lhe nova. Porém, com o conhecimento de seu pai a respeito de estadística, e sua habilidade pessoal na guerra, talvez, algum dia, conseguissem dominar toda aquela região.

Sentiu curiosidade para conhecer este tal de Varzil, que se aliara aos Harturs. Neskaya se encontrava em poder dos Ridenow — embora se situasse fora das terras de Serrais propriamente ditas — há mais de dois séculos. Naquela época, os Hasturs e os Ridenows tinham mantido uma guerra prolongada e a paz fora alcançada no reino de Allart de Thendara. Será que os Hasturs ainda nutriam sonhos de reclamar para si todas as terras de Serrais?

Bard foi convocado para o conselho, como alto comandante de seu pai; e Melisendra, também, para lançar o encantamento da verdade. Enquanto Bard a observava entrar na sala de audiências, no seu vestido simples, sem adornos, de tonalidade cinza, assim como a capa, a marca da presença de uma leronis para executar suas funções oficiais, ele se deu conta de que Melisendra, como a preferida de seu pai entre as feiticeiras da corte, tinha, agora, uma posição e um poder todos seus, poder que nada tinha a ver com o fato de ser ela a mãe do neto do regente. Aquele pensamento deixou-o um tanto aborrecido. Havia vários laranzu'in; por que seu pai, por uma questão de decência, não havia escolhido um deles? Não estaria o seu pai procurando colocar Melisendra numa posição em que poderia desrespeitar seu legítimo senhor e pai de seu filho?

Desejou que Alaric tivesse alguma habilidade com as armas. Como filho de criação de Ardrin, devia ter aprendido alguma coisa. Bard em si era apenas um só homem; porém, se contasse com um líder, com conhecimento militar, apoiando-o no trono — e certamente um rei deveria estar capacitado, como Ardrin, a liderar

seus guerreiros rumo à batalha -, isto era uma boa previsão para as Astúrias para os anos vindouros.

Varzil de Neskaya era um homem pequeno e esbelto. No traje de cerimônia suntuoso que usara para a celebração do casamento, ele se apresentara imponente, mas agora, nas cores verde e ouro de sua casa, parecia menor e estreito de ombros; suas feições eram descarnadas, eruditas, e suas mãos, Bard notou com desdém, eram tão minúsculas e bem tratadas quanto as de uma mulher, sem as calosidades resultantes do manuseio da espada ou do punhal e seus cabelos não estavam ralos nas têmporas devido ao uso do capacete. Portanto, não era um homem afeito à guerra, mas um infeliz, um grã-fino. E era esta a embaixada selecionada de Hastur? Bard pensou, com desdém: seria capaz de parti-lo em dois com as minhas mãos!

Até Geremy, manco como era, arrastando a perna, era mais alto do que Varzil. Geremy envergava sua habitual roupa sóbria, estava desarmado, usava apenas o pequeno e ornamental punhal, cuja empunhadura era toda cravejada com piritas. Bard ficou observando, de pé atrás do trono do pai, no lugar do mediador, enquanto as formalidades e o estabelecimento do encantamento da verdade tinham lugar.

— Geremy Hastur — começou Dom Rafael -, uma vez que meu filho será trazido de volta para mim a salvo, declaro-o livre para retornar ao reino de seu pai, ou onde quer que prefira ir, com sua mulher, que é minha súdita, seu filho, seus vassalos e tudo que lhe pertence. Ademais, como um sinal da estima que minha mulher nutre pela sua, se as damas de companhia de sua mulher desejarem acompanhá-la até sua nova casa, têm liberdade para fazê-lo, caso tenham a autorização de seus respectivos pais.

Geremy inclinou-se, fez um pequeno e cortês discurso, agradecendo a Dom Rafael e reafirmando sua gratidão por sua gentil hospitalidade. A ironia era tão patente, que a luz do encantamento da verdade falhou sobre o rosto dele, porém não valia a pena ser levada em consideração. De qualquer forma, pensou Bard injustamente, a cortesia não passava mesmo, na maioria das vezes, de uma falsidade.

— Geremy, você está livre, se quiser pode deixar o seu filho para ser educado em minha casa. O pai da mãe dele é meu súdito leal e dou-lhe minha palavra pessoal de que será educado, sob todos os aspectos, como se meu filho fosse, e como um companheiro para meu neto.

Geremy agradeceu-lhe cortesmente e declinou do convite dizendo que seu filho era ainda muito pequeno para ser separado da mãe, pois ainda não fora desmamado, e que Ginevra queria cuidar dele pessoalmente.

Varzil deu um passo à frente.

— E eu vim até aqui, em nome de Carolin, rei em Thendara, tutor de Valentine di Asturien, Rei das Astúrias de direito e soberano de todas estas terras, para devolver Alaric di Asturien, filho do regente e guardião das Astúrias, para seu pai. Alaric...?

Bard prendeu o fôlego, sob o impacto sofrido. Um garoto franzino adiantou-se claudicante, surgindo por trás de Varzil; seu passo irregular e os ombros tortos pareciam uma paródia medonha do próprio Geremy; Bard não conseguiu se controlar.

— Pai! — gritou desesperado, dando um passo adiante. — Vai permitir que zombem de nós em nosso salão? Veja o que fizeram ao meu irmão, em represália aos ferimentos de Geremy! Jurarei sob o encantamento da verdade que Geremy foi ferido por um infeliz acaso, não foi nada intencional, e Alaric não merecia isto por parte de Carolin! — sacou o punhal. — Agora, por todos os deuses, filho de Hastur, defenda-se, pois, desta feita, sua vida está perdida e não será por nenhum acidente! Farei aquilo que deveria ter feito há sete anos... — Agarrou o ombro de Geremy e obrigou-o a girar. — Saque o punhal ou acabarei com você aí mesmo onde se encontra!

— Pare! Ordeno-o!

A voz de Varzil não era alta, porém fez Bard afrouxar a mão e afastar-se de Geremy, pálido e suando. Há muitos anos ele não ouvia a voz de comando dos lábios de um laranzu experiente. A esbelta figura de Varzil pareceu agigantar-se sobre ele, ameaçadora, enquanto o punhal que empunhava caiu de seus dedos impotentes.

— Bard di Asturien — disse Varzil -, não cometo atrocidades contra crianças, nem Carolin; sua acusação é monstruosa, e deixo-

me ficar sob o encantamento da verdade para lhe revelar que a mentira está em seu rosto. Nada lhes contamos a respeito da enfermidade de Alaric por recearmos que chegassem exatamente a esta conclusão. Não nos cabe a culpa no defeito de Alaric. Há cinco anos ele adoeceu com a febre muscular que dizima tantas crianças no distrito do lago, e embora todos os curandeiros de Ardrin tivessem se desdobrado em cuidados para com ele e o tivessem enviado para Neskaya a fim de se tratar, tão logo ficou em condições de viajar... razão pela qual não ficou aqui quando a Rainha Ariel fugiu do país, de vez que se encontrava sob meus cuidados pessoais em Neskaya... — apesar de todos os nossos esforços, sua perna definhou, e suas costas estão enfraquecidas. Atualmente, só consegue caminhar com uma escora presa à perna, mas recuperou a fala; portanto, podem perguntar diretamente a Alaric se tem alguma coisa a se queixar a respeito do tratamento que lhe dispensamos.

Bard estava assombrado, assustado, consternado. Então aquele pobre aleijado era o irmão maravilhoso, forte e másculo que o iria ajudar a liderar suas legiões? Tinha a impressão de que os deuses divertiam-se às suas custas.

Dom Rafael estendeu os braços e Alaric adiantou-se claudicando, na direção do abraço paterno.

— Meu adorado filho! exclamou ele aflito e consternado, e o menino afastou os olhos do pai e dirigiu-os para Varzil, sentindo-se angustiado.

— Querido pai. Na verdade, o que me aconteceu não foi por culpa de meu parente Ardrin, e muito menos ainda de Lorde Varzil. Quando adoeci, e durante vários anos depois, ele e suas Ieroni cuidaram de mim noite e dia. Foram todos muito dedicados e bons para mim, nem você nem minha mãe poderiam ter feito mais do que eles fizeram.

— Deuses do céu! — explodiu Dom Rafael. — E Ardrin não me mandou dizer nada? Nem Ariel, quando fugiu para o exílio?

— Eu havia sido mandado para Neskaya anos antes — replicou Alaric -, e uma vez que o senhor jamais veio à corte, não pensei que se importasse muito com o que me acontecesse! Evidentemente —

acrescentou, num tom irônico, desapaixonado, que convenceu Bard de que, se o corpo de seu irmão estava aleijado, sem dúvida não havia nada de errado com a mente dele -, não estava muito ansioso para me ter de volta a ponto de discutir demoradamente com Carolin em meu favor. Sabia que defenderia o trono para mim, pelo menos até me ver. Depois disto, nem tinha certeza se se importaria em negociar o meu resgate.

Dom Rafael falou com toda a sinceridade:

— Você é meu filho querido, e dou-lhe as boas-vindas ao trono que reivindiquei para você — porém Bard ouviu as outras palavras que não foram pronunciadas, se tiver condições de mantê-lo, e teve a certeza de que Alaric também as ouviu.

O rosto de Varzil apresentava-se calmo e compassivo; seus olhos estavam fixos em Alaric e Dom Rafael, como se não pensasse noutra coisa além da criança e seu pai abatido. Contudo, Bard sabia que Varzil, apesar de sua genuína preocupação para com o jovem Alaric, tinha, ainda assim, mantido-o escondido para apresentá-lo no momento em que fosse possível despertar a maior confusão e consternação. Pretendera mostrar a todos eles, e do modo mais público possível, que o jovem candidato ao trono das Astúrias não passava de um pequeno aleijado digno de pena.

Bard sentiu desespero e revolta — era este o guerreiro forte e jovem que cavalgaria rumo ao combate ao seu lado? Mas, ainda assim, seu coração doía pelo irmãozinho que tinha amado. Fosse qual fosse a decepção de seu pai e a dele mesmo, Alaric devia senti-la bem mais do que eles! Era indesculpável usar o garoto assim, para demonstrar a fraqueza do trono das Astúrias! Neste momento, não fosse o conhecimento que tinha a respeito das imunidades diplomáticas, teria, de boa vontade, estrangulado Varzil onde se encontrava... sim, e Jeremy também!

Contudo — pensou, cedendo lentamente a este seu novo conhecimento -, podia ter sido pior. Alaric estava aleijado, mas fora isto parecia saudável e forte, e certamente nada havia de errado com a mente dele! Jeremy tinha um filho sadio; não havia razão para que Alaric não tivesse uma dúzia deles. Afinal de contas, ele

não seria o primeiro rei aleijado a deter um trono; e, afinal de contas, contava com um irmão leal para comandar suas legiões.

Não ambiciono o trono dele, pensou Bard. Não tenho bom senso, nem mesmo habilidade, para governar; prefiro ser o comandante do rei a ser o rei! Os olhos dos dois se encontraram e Bard sorriu para o irmão.

Dom Rafael também já havia recuperado seu equilíbrio. Levantou-se do trono e falou:

— Como testemunho de que reinei aqui apenas como regente, meu filho, entrego-lhe este lugar como o legítimo Rei das Astúrias. Meu filho e meu senhor, suplico-lhe que se acomode no trono.

As faces do menino ficaram coradas, porém tinha recebido esplêndidas lições sobre protocolo. Quando o pai ajoelhou-se a seus pés, oferecendo-lhe sua espada, ele disse:

— Suplico-lhe que se levante, pai, e aceite sua espada de volta, como regente e guardião deste reino, até que eu tenha alcançado a maioridade.

Dom Rafael levantou-se, indo se colocar no seu lugar, três passos atrás do trono.

— Meu irmão — disse Alaric, olhando para Bard -, informaram-me que você é o comandante das legiões das Astúrias.

Bard dobrou o joelho diante do garoto e falou:

— Aqui estou para servi-lo, meu irmão e senhor.

Alaric sorriu pela primeira vez desde que havia surgido saindo detrás de Varzil, e o sorriso era como o sol nascente aquecendo o coração de Bard.

— Não lhe peço para me entregar a sua espada, querido irmão. Suplico-lhe para detê-la em defesa deste reino; que ela somente seja desembainhada contra meus inimigos. Nomeio-o primeiro homem neste reino depois de nosso pai, o lorde regente e, em breve, pensarei em alguma forma de premiá-lo.

Bard declarou em rápidas palavras que a estima de seu irmão já era um prêmio. Sempre detestara este tipo de cerimônia, desde que era um garoto no palácio real; deu um passo atrás, satisfeito por não ter bancado o tolo fazendo algo errado.

— E agora, parente Varzil, sei que lhe foi confiada uma missão diplomática que, acertadamente, não revelou a uma criança. Quer fazer o favor de revelá-la agora ao trono das Astúrias e ao meu pai e regente? — pediu Alaric.

Dom Rafael reforçou o pedido:

— Recebo com prazer a embaixada de Carolin; contudo, não seria possível mantermos as conversações num salão mais apropriado a esta conferência do que esta sala do trono onde todos devemos nos manter em posições cerimoniais, segundo as formalidades?

— Sentir-me-ei muito honrado — retrucou Varzil -, e estou desejando dispensar o encantamento da verdade, se concordarem comigo; as questões a serem debatidas não são fatos, mas atitudes, reivindicações, opiniões e considerações éticas. O encantamento da verdade não tem validade sobre divergências de opiniões sinceras, onde cada uma das partes acredita que esteja certa.

Dom Rafael falou cerimoniosamente:

— Isto é verdade. Então, com a sua permissão, dispensaremos a Ieronis e seu trabalho e voltaremos a nos encontrar, dentro de uma hora, na minha sala de visitas particular, caso isto não lhe pareça, primo, por demais informal. Estou lhe oferecendo um maior conforto, não interprete isto como um menosprezo à importância de sua missão.

— Receberei de bom grado a informalidade e a privacidade — disse Varzil.

Quando a embaixada de Hastur havia se retirado temporariamente, Dom Rafael e os filhos deixaram-se ficar um pouco mais no salão de audiências antes de se afastarem.

— Alaric, meu filho, não é necessário que esteja presente à conferência caso isto o possa deixar cansado!

— Pai, com sua permissão, ficarei — avisou Alaric. — O senhor é meu regente e guardião e acatarei suas decisões até atingir a maioridade, e depois, também, sem dúvida, por muitos anos mais. Contudo, já tenho idade suficiente para entender destes assuntos e se tenho que governar algum dia, é melhor que tome conhecimento do tipo de estatística que o senhor adota.

Bard e Dom Rafael trocaram olhares de aprovação.

— Fique, por favor, Sua Alteza. — Dom Rafael usou a frase muito formal *va'Altezu*, usada apenas para um superior e alguém muito chegado ao trono. Bard sabia que seu pai estava reconhecendo o garoto como um adulto, embora não tivesse... ainda... atingido a idade legal para declará-lo maior. Talvez Alaric parecesse uma criança doente, porém nem o pai nem o irmão tinham qualquer dúvida de que ele apresentava a maturidade suficiente para ocupar seu lugar como um homem.

Voltaram a se reunir na sala particular de Dom Rafael, em volta de uma mesa, e ele ordenou que um criado servisse vinho para todos os presentes. Quando o criado já havia se retirado, Varzil disse:

— Com sua permissão, Dom Rafael, e a sua Alteza — acrescentou formalmente para Alaric, seu tom de voz contrastando inteiramente com a informalidade afetuosa que demonstrara antes com relação ao garoto -, Carolin de Thendara confiou-me uma missão. Pensara em trazer uma Voz, para que pudessem ouvir as próprias palavras de Carolin. Contudo, com sua permissão, não o farei. Sou aliado e amigo de Carolin; sou o protetor da torre de Neskaya. E assinei com ele, em nome de Neskaya, o pacto ao qual, agora, lhe pedimos para aderir. Como sabem, Neskaya foi destruída por bombas incendiárias, há uma geração; e quando Carolin Hastur a reconstruiu, celebramos o pacto. Ele não me pediu que o fizesse na qualidade de um senhor soberano, mas solicitou-o a mim como um homem de bom senso, e fiquei satisfeito em atendê-lo.

— Que pacto é este, ao qual se refere? — indagou Dom Rafael. Varzil não quis abordar o assunto de modo direto. Então disse:

— Os Cem Reinos são devastados, todos os anos, por guerras idiotas e fratricidas; sua disputa com a Rainha Ariel envolvendo o trono das Astúrias é apenas uma. Carolin de Thendara está querendo reconhecer a casa de Rafael di Asturien como guardiã legítima deste reino, e a Rainha Ariel está disposta a retirar, em seu nome e no nome de seu filho, qualquer reivindicação a este trono, caso o senhor assine este pacto.

— Reconheço a generosidade do privilégio — falou Dom Rafael -, no entanto, não me sinto inclinado a agir como Durraman ao barganhar quando comprou seu burro. Tenho que conhecer a natureza exata deste pacto, primo, antes de concordar com ele.

— O pacto estabelece que não usaremos nenhum tipo de armamento enfeitiçado na guerra — esclareceu Varzil. — Talvez a guerra seja inevitável entre os homens; confesso que não sei. Carolin e eu estamos trabalhando no sentido de que um dia todas estas terras possam se unir em paz. Entretanto, pedimos-lhe para se unir a nós num juramento sagrado de que as lutas serão feitas de modo conveniente, por soldados que vão para a batalha e arriscam as próprias vidas, e não através de armas covardes que lançam a feitiçaria e o caos sobre mulheres e crianças, que queimam as florestas e devastam cidades e fazendas. Solicitamos que decrete ilegais, dentro de seu reino, todas as armas que vão além do alcance do braço do homem que as manuseia, para que a luta possa ser honrada e equilibrada e não represente um perigo para os inocentes com armamentos diabólicos que atacam a distância. Dom Rafael replicou:

— Não pode estar falando sério! — seus olhos estavam fixos, incrédulos, sobre Varzil. — Que insanidade é esta? Devemos marchar rumo à guerra apenas com espadachins, enquanto nossos inimigos caem sobre nós com flechas e clingfire, bombas e feitiçaria? Dom Varzil, não quero pensar que seja um louco, mas realmente acredita que a guerra é um jogo de castles, disputado com dados por mulheres e crianças, e cujo prêmio são bolos e centavos? Realmente pensa que qualquer homem lúcido acataria, por um momento que fosse, uma idéia desta?

O bonito e calmo semblante de Varzil estava inteiramente sério.

— Empenho minha palavra, com toda a sinceridade. Confirmando o que falei, e há vários pequenos reinos que já assinaram o pacto com o rei Carolin e os Hasturs. Armas de covardes e operações militares com laran deverão ser declaradas inteiramente ilegais. Não podemos impedir a guerra, não nas atuais condições em que se acha o nosso mundo. Porém, podemos mantê-la dentro de determinados limites, temos condições de evitar que destruam

colheitas e florestas, de impedir o uso de armas como o mal que devastou Hali há nove anos, onde crianças ficaram inchadas e caíram doentes, vitimadas por uma moléstia que transformava seu sangue em água, apenas porque brincaram nas florestas onde as folhas tinham sido destruídas com bonewater em pó... Aquelas terras ainda continuam áridas, Dom Rafael, e talvez ainda o estejam na época dos netos do jovem Alaric. A guerra é uma competição, Dom Rafael. Na realidade, poderia ser solucionada com um lance de dados, ou um jogo de castles. As regras bélicas não foram instituídas pelos deuses, para que devamos descobrir e criar armas cada vez mais poderosas que, um dia, nos irão destruir a todos, vitoriosos ou derrotados, da mesma forma. Antes que chegue este dia, por que não nos limitarmos às armas que possam ser usadas por todos de uma forma honesta?

— Meu povo jamais concordaria com isto — retrucou Dom Rafael. — Não sou um tirano, para lhes tirar todas as armas e deixar minha gente indefesa contra aqueles povos inescrupulosos que haviam de se recusar a abrir mão de suas armas. Talvez, quando tomar conhecimento de que todos os nossos inimigos já o fizeram... mas não creio nisto.

— Bard di Asturien — disse Varzil, dirigindo-se a ele surpreendentemente -, você é um soldado; a maioria dos soldados é gente de bom senso. Você é o comandante dos exércitos de seu pai. Não gostaria de ver estas armas atrozadas serem consideradas ilegais? Não viu uma aldeia incendiada com clingfire, ou criancinhas morrendo vitimadas pela moléstia gerada pelo bonewater?

Bard sentiu um aperto no coração, ao se recordar de uma aldeia daquelas perto de Scaravel; o grito e o choro interminável das crianças queimadas com clingfire. Aquilo parecia durar dias a fio, até que, uma a uma, todas haviam morrido e, então, o silêncio parecia mais terrível, como se ele ainda pudesse ouvir seus berros em algum lugar remoto de sua mente... Ele, pessoalmente, jamais usaria o clingfire; mas por que Varzil formulava a ele esta pergunta? Ele era apenas um soldado, o homem de confiança de seu pai que não podia deixar de obedecer às ordens recebidas.

— Dom Varzil, eu lutaria, de muito bom grado, com espadas e escudos apenas, caso os outros se convencessem a fazer o mesmo. Porém sou um soldado, e meu dever é vencer batalhas. Não me é possível vencer batalhas quando comando homens armados com espadas contra um exército que adota o clingfire, ou recorre a demônios e bruxarias para amedrontarem meus homens, para fazer surgir vento, água, tempestades e terremotos contra mim.

— Esta pergunta não lhe deveria ser formulada — continuou Varzil. — No entanto, você concordaria que, no caso de não ser usado laran contra você, não haveria de ser o primeiro a usá-lo e, sobretudo, seria incapaz de adotá-lo contra civis indefesos?

Bard começou a dizer que aquilo lhe parecia razoável, mas Dom Rafael interrompeu-o, revoltado:

— Não! A guerra não é uma brincadeira!

— Se não é uma brincadeira, o que é? Sem dúvida alguma, cabe àqueles que fazem a guerra estabelecer as regras que bem entendam! — exclamou Varzil com desprezo.

Dom Rafael falou com um sorriso de sarcasmo nos lábios:

— Então por que não leva a sua política até o fim? Por que não sugere que no futuro todas as nossas guerras sejam resolvidas com um jogo de futebol... ou quem sabe com um concurso de carniça? Mande seus velhos capatazes solucionarem a guerra com um jogo de xadrez num tabuleiro quadrado, ou quer que nossas meninhas as decidam pulando corda, para resolver nossas disputas?

Varzil retrucou:

— A causa da maioria das guerras é uma questão que seria melhor resolvida através de um debate racional entre homens sensatos. Quando o bom senso não consegue encontrar uma solução, isto poderia ser alcançado através de um jogo de bola entre crianças, do mesmo modo que uma destas intermináveis campanhas, que só servem para comprovar que os deuses parecem gostar daqueles que têm os soldados mais experientes! — Ele dava a impressão de se sentir profundamente amargurado.

— Você fala como um covarde — disse Dom Rafael. — A guerra talvez seja inquietante para os excessivamente escrupulosos, contudo não se pode discutir com os fatos, e uma vez que os

homens não são sensatos... e por que deveriam se decidir pela razão ao invés daquilo que desejam?... toda a argumentação, a longo prazo, será resolvida em favor daquele que pode dar força à instituição com a mão mais forte. E impossível modificar a natureza da humanidade e isto é, simplesmente, o conhecimento de que dispomos em todos os anos da existência do homem. Se um homem não se satisfaz com a resposta obtida, não importa o quanto ela possa parecer sensata e justa para os outros, ele partirá e lutará por aquilo que deseja. Se assim não fosse, nasceríamos todos sem mãos, braços, ou cérebros para usar as armas. Ninguém, a não ser um covarde, pensaria de outra forma; se bem que eu já esperava uma coisa assim por parte de um infeliz, de um laranzu.

— Palavras duras não quebram ossos, senhor — redargüiu Varzil. — Não tenho tanto medo assim de ser qualificado como covarde, a ponto de provocar uma guerra para evitá-lo, como garotinhos de escola socando-se uns aos outros ao escutarem "filho da puta" ou "filho de seis pais"! Está me dizendo que se soldados o atacarem armados apenas com espadas, o senhor os queimará com o clingfire?

— Estou, é claro, se dispuser do clingfire. Não fabrico esta droga maligna, porém se for usado contra mim, tenho que me apossar dele e usá-lo antes que possa ser utilizado sobre mim. Acredita, realmente, que alguém cumprirá este pacto, a menos que esteja certo de sua vitória?

— E combaterá desta forma, mesmo sabendo que isto significa que suas terras ficarão envenenadas pelo pó de bonewater, ou o novo veneno que provoca o aparecimento de feridas negras em todo homem, mulher e criança que o respirar, a ponto de ser agora designado como a moléstia da máscara? Eu o julgava um homem tolerante e sensato!

— Ora, claro que sou — protestou Dom Rafael -, porém não tão sensato a ponto de ficar de braços cruzados, conformar-me em capitular, entregar meu país e meu povo, para viver sob escravidão para alguma outra nação! Na minha mente, qualquer coisa que ofereça uma vitória rápida e decisiva é uma arma generosa e razoável. Uma guerra onde se combate com espadas, como num

torneio, pode se arrastar durante anos... temos combatido os Serrais a maior parte de minha vida... enquanto homens sensíveis pensarão duas vezes antes de entrarem numa guerra contra armas deste tipo, sabendo que as posso usar contra eles. Não, Dom Varzil, suas palavras parecem sensatas superficialmente, porém sob elas esconde-se a insanidade; os homens gostariam demais do seu tipo de guerra e a prolongariam como se fosse um jogo, sabendo que poderiam brincar de guerra sem serem feridos com seriedade. Pode voltar para junto de Carolin e dizer-lhe que desprezo este pacto e nunca farei parte dele. Se me atacar, haverá de me encontrar preparado com todas as armas que meus leroni sejam capazes de imaginar e que deixo entregue a ele a decisão de escolher se armará seus homens apenas com espadas e escudos. Quanto a mim, pode armar seus homens só com bolas de tênis e tornar meu trabalho mais fácil; ou ordenar-lhes que se rendam logo. Foi para me falar sobre toda esta baboseira do pacto que todos vocês foram mandados até aqui, Dom Varzil?

— Não — retrucou Dom Varzil.

— O que mais existe? Não desejo guerrear contra os Hasturs. Preferiria celebrar uma trégua.

— Também penso assim — disse Dom Varzil -, e o Rei Carolin pensa do mesmo modo. Fui enviado e recebi a delegação de aceitar o seu juramento no sentido de que não nos declarará guerra. O senhor é um homem sensato, assim o diz; então, por que deve esta terra ser dividida devido às lutas?

— Não tenho a mínima vontade de lutar — explicou Dom Rafael -, contudo não me renderei aos Hasturs onde os di Asturiens têm reinado desde tempos imemoriais.

— Isto não é verdade — discordou Dom Varzil. — Registros escritos em Nervasin e Hali... que são, talvez, mais dignos de crédito do que as lendas patrióticas e as histórias folclóricas usadas pelo senhor para arregimentar seus homens... convenceriam-no de que há menos de duzentos anos esta terra era governada pelos Hasturs; contudo, após uma invasão dos homens-gato, Lorde Hastur entregou aos di Asturiens a tarefa de defendê-la, nada mais além disto. E, agora, todas estas terras dividiram-se em pequenos reinos,

cada qual reivindicando um direito antiqüíssimo de ser independente e soberano sobre sua própria gente. Isto representa o caos. Por que não podemos ter paz novamente?

— Paz? Está querendo dizer tirania — observou Dom Rafael. — Por que o povo livre das Astúrias deveria baixar sua cabeça para os Hasturs?

— E então por que deveria ele baixá-la para os di Asturiens? A paz é conseguida abrindo-se mão de alguma autonomia local. Suponha que cada um de seus fazendeiros insistisse que era um homem livre e com o direito a estabelecer suas próprias leis, proibindo qualquer outro homem de atravessar suas terras sem lhe pagar um imposto e sem dever lealdade a mais nada a não ser a seu próprio desejo.

— Isto seria tolice — disse Dom Rafael.

— Então por que não é uma tolice afirmar que El Haleine, Astúrias e Marenji são todos reinos, cada qual com um rei e um governo autônomo e cada um isolado do outro? Por que não celebrar a paz sob os filhos de Hastur e ter liberdade para se deslocarem e negociarem sem que se vejam homens armados por todos os lados? Vocês serão livres em seus próprios domínios, apenas e simplesmente jurarão não se imiscuir, nem se intrometer em nenhum outro domínio livre e independente, mas sim cooperar com seus companheiros lordes como amigos e iguais...

Rafael di Asturiens sacudiu a cabeça:

— Meus antepassados conquistaram esta terra. Valentine, filho de Ardrin, abriu mão de seu direito ao fugir para o lado do Rei Carolin com sua mãe traidora. Mas mantereí este reino para meus filhos, e se os Hasturs o quiserem, terão que vir e tomá-lo à força se puderem. — Ele falava corajosamente, porém Bard sabia que o pai estava se recordando da conversa que haviam mantido na noite do casamento de Jeremy.

Serrais a Leste. Aldaran e Scathfell ao Norte, Hasturs a Oeste e todos os seus aliados, e sem dúvida, algum dia, o povo das planícies de Valeron, ao Sul.

— Quer dizer então que não jurará aliança Hastur, muito embora só lhe peça uma promessa de que não pegará em armas

contra Hali, ou Carcosa, ou Castelo dos Hasturs, ou Neskaya, que se encontram sob sua proteção? — perguntou Dom Varzil.

— O trono das Astúrias — disse Dom Rafael — não está sujeito a Hastur. E esta é minha última palavra sobre o assunto. Não tenho a mínima intenção de atacar os Hasturs, contudo não têm o direito de tentar mandar aqui.

— Alaric, você é o Lorde das Astúrias. Ainda não se encontra em idade de assinar pactos, porém, ainda assim, peço-lhe, sem pensar na afeição que o une ao seu parente, para pedir ao seu pai para entender esta questão — falou Dom Varzil.

— Dom Varzil, meu filho não é mais seu prisioneiro agora — avisou Dom Rafael, mostrando-se revoltado. — Ignoro quanto o ensinou no sentido de ser desleal para com o povo dele, mas agora...

— Pai, está sendo injusto — protestou Alaric. — Peço-lhe para não discutir com meu parente Dom Varzil!

— Pelo seu bem, meu filho, mantenho minha paz. Contudo, imploro-lhe, Dom Varzil, para que abandone esta conversa tola sobre entregar o trono das Astúrias para os Hasturs!

— Ainda agora você está pensando em guerrear seus vizinhos pacíficos... não invasores! Estou a par do que fez em Marenji. Informaram-me que pretende combater Serrais na primavera; e também tem intenções de fortificar as terras ao longo de Kadarin... — comentou Dom Varzil.

— E o que representa isto para o senhor? — perguntou Bard com uma fria hostilidade. — As terras ao longo de Kadarin não são terras dos Hasturs!

— Também não são terras das Astúrias — retrucou Dom Varzil -, e Carolin prestou um juramento de garantir-lhes segurança contra possíveis ataques dos pequenos reinos! Façam o que bem entenderem dentro dos limites de seu reino; contudo, advirto-os, a menos que estejam preparados para guerrear contra todos aqueles que se aliaram aos Hasturs e assinaram o pacto, não ultrapassem suas fronteiras!

— Está me ameaçando?

— Estou sim, muito embora preferisse não o fazer — replicou Dom Varzil. Rogo-lhe, na qualidade de enviado de Hastur, que o senhor e seus filhos prometam não se moverem contra as terras integrantes do pacto, que celebraram o acordo e se consideram em pé de igualdade, ou colocaremos um exército em campo daqui a quarenta dias. Tomaremos o reino das Astúrias e o colocaremos sob a proteção de alguém que o manterá em paz entre aqueles que se encontram sob o domínio dos Hasturs.

Bard ouviu esta ameaça sob uma prostração terrível. Eles não estavam, de fato, preparados para guerrear os Hasturs; não com os homens surgindo além de Kadarin, não com Serrais a Leste! E se os Hasturs marchassem contra eles agora, Astúrias não teria condições de resistir.

Dom Rafael cerrou os punhos enraivecido:

— Qual a promessa que exigem de nós?

— Peço-lhe para jurar — disse Dom Varzil -, não para mim, mas para Jeremy Hastur, representando seu parente Carolin, uma promessa de parente, que não deve ser rompida sem um aviso prévio de seis meses para ambas as partes; o que o impede de se deslocar contra qualquer terra que se encontra sob a proteção de Hastur; e em troca vocês participarão desta paz que reina sob a aliança. Jurará?

Fez-se um longo e prolongado silêncio; mas os di Asturiens encontravam-se numa posição desvantajosa e sabiam disso. Não lhes restou outra escolha senão jurar. Sentiram-se gratos quando Alaric tomou a palavra, pois assim nenhum dos dois teve que se dobrar ao enviado de Carolin.

— Dom Varzil, farei o juramento de parentes, embora não o faça com relação a sua aliança. Será isto o bastante? Prometo solenemente que não declararei guerra a Carolin de Thendara, a não ser mediante um aviso prévio, feito seis meses antes. Mas — acrescentou ele, e Bard notou que o rosto do garoto se contraía — este juramento só terá validade enquanto meu parente Carolin de Thendara me deixar na posse do trono das Astúrias; e no dia em que ele fizer um só movimento contra este trono, neste mesmo dia retiro meu juramento e o considerarei meu inimigo!

— Aceito seu juramento, primo — avisou Geremy. — Juro-lhe que cuidarei para que Carolin o honre. Porém, como conseguirá manter seu pai e seu irmão presos a este juramento? Você ainda não atingiu a idade legal para assumir o trono, e eles são o poder que o mantém neste trono.

— Pelos deuses e pela honra de minha família; Bard, meu irmão, você se submeterá ao meu juramento?

— Da maneira como o juramento foi feito, meu irmão, me submeterei — retrucou Bard. Agarrou sua espada. — Zandru que se apodere desta espada e deste coração se eu não cumprir esta declaração.

— E eu — disse Dom Rafael, os lábios cerrados, os dedos apertando seu punhal -, pela honra de di Asturien, que ninguém pode contradizer.

Enquanto Geremy e Dom Varzil com um sem-fim de formalidades pediam licença para se retirarem, Bard pensava, não tinha escolha, não com uma criança aleijada ocupando o trono, ao invés do guerreiro jovem e forte que haviam esperado. Precisavam de tempo, e este juramento era a única maneira para disporem de tempo. Seu pai manteve as aparências de uma calma total até que a embaixada de Hastur tinha ido embora e Alaric, terrivelmente pálido devido ao esforço que lhe fora exigido pelo interminável cerimonial, fora levado para seus aposentos. Então, Dom Rafael revelou-se arrasado.

— Meu filho! Ele é meu filho, amo-o, honro-o, mas em nome do inferno, Bard, está ele adequado a reinar em tempos iguais a estes? Quem me dera que sua mãe tivesse sido minha mulher legítima!

— Pai — intercedeu Bard -, são apenas as pernas dele que são aleijadas; a mente e a vontade estão perfeitas. Sou um soldado, não um estadista; Alaric será um rei muito melhor do que eu!

— Mas eles o veneram, chamam-no Lobo e Comandante, será que algum dia respeitarão desta forma o meu pobre aleijadinho?

— Se eu ficar por trás do trono, eles o respeitarão — falou Bard.

— Então Alaric está abençoado por seu irmão! Verdadeiro é o velho ditado que diz desprotegido está aquele que não tem um irmão. .. Mas você é um só e está jurado pelos Hasturs, que o querem ver incapacitado. Se tivéssemos tempo, ou se Alaric fosse forte e capaz...

— Se a Rainha Lorimel tivesse usado calças em vez de saias, teria sido o rei e Thendara jamais teria caído — comentou Bard, laconicamente. — Não há razão para se falar em se, e se todos os deuses quisessem, e tolices deste tipo. Precisamos viver como podemos! Os deuses sabem que amo meu irmão, teria sido capaz de chorar, como o bebê de Geremy, ao vê-lo de pé diante de nós, tão encurvado e contorcido, mas o que tinha que acontecer, aconteceu; o mundo não vai parar de girar por causa disto! Sou apenas um irmão.

— A sorte dos Hasturs é vocês não terem nascido gêmeos — disse Dom Rafael, soltando uma gargalhada desesperada -, pois com dois iguais a você, meu filho, poderia conquistar os Cem Reinos.

E, então, ele parou. A gargalhada transformou-se numa respiração convulsa. Ele fixou o olhar em Bard com tamanha intensidade, que ele ficou se perguntando se o choque sofrido devido à enfermidade de Alaric não teria deixado o velho maluco.

— Dois de você, com dois iguais a você, filho, eu poderia conquistar toda esta terra, desde Dalereuth até as HELLERES. Bard, suponha que houvesse dois de você — disse num sussurro -, que eu tivesse outro filho, exatamente igual a você, com sua habilidade nos assuntos bélicos, sua genialidade com relação à estratégia e a sua lealdade ilimitada... dois de você! E sei como arranjar um outro. Não um outro igualzinho a você... um outro você!

## Capítulo Cinco

Bard olhou fixamente para o pai consternado. Permitam os deuses, pensou ele, que Alaric esteja bastante amadurecido para governar, pois nosso pai perdeu a razão de uma hora para a outra!

No entanto, Dom Rafael não parecia louco, sua voz e atitude estavam tão normais, que uma outra explicação, mais racional, veio à mente de Bard.

— Não me confidenciou nada, senhor; mas está querendo me dizer que tem outro filho bastardo, bastante parecido comigo a ponto de se fazer passar por mim quando isto se fizer necessário?

Dom Rafael sacudiu a cabeça:

— Não. E tenho consciência de que o que acabo de dizer parece coisa de gente em delírio, querido filho, portanto, não necessita se dar o trabalho de concordar com tudo que eu disser; não começarei a tresvariar como uma mulher grávida no Ghost Wind, nem a caçar borboletas na neve. Contudo, o que devo lhe sugerir agora é muito estranho, e... — passeou os olhos pela sala do trono vazia — de qualquer forma não podemos conversar aqui.

Nos aposentos particulares do pai, Bard aguardou enquanto o pai dispensava a presença dos criados e serviu vinho para os dois.

— Só um pouquinho — falou secamente. — Não quero que pense que estou bêbado, como julgou que eu estivesse maluco. Falei, Bard, que com dois como você, com dois gerais com seu sentido de guerra e estratégia... e isto deve ter nascido com você, de vez que aqueles que foram criados com você não revelam nenhuma inclinação deste tipo, e, certamente, não é um resultado de ensinamentos por mim ministrados... com dois de você, Bard, poderia conquistar todo este reino. Se os Cem Reinos devem ser unidos num único reino... e reconheço que isto me parece uma idéia, pois por que deveriam ser estas terras devastadas pela guerra na primavera e no outono... por que deveriam ser os Hasturs seus senhores supremos? Muito antes do Lorde de Carthon ter entregue a filha à família Hastur, já viviam, nestas colinas, homens que usavam o nome di Asturien. Há um laran na nossa linha, também, porém

trata-se de um laran de tipo humano, de homens de verdade, não das pessoas chieri; os Hasturs são chieri, ou do tipo chieri, como pode constatar se se der o trabalho de contar os dedos deles, e muitos deles ainda nascem emmasca, não são nem homem nem mulher; Felix de Thendara nasceu assim, há algumas centenas de anos, e por isto aquela dinastia terminou.

— Pai, não existe ninguém nestas colinas em cujas veias não corra um pouco de sangue chieri.

— Contudo, apenas a família Hastur procurou preservar este sangue na sua linhagem com seus programas de procriação — observou Dom Rafael -, e muitas das antigas famílias: Hasturs, Aillard, Ardais, até mesmo os Aldarans e os Serrais, possuem em seu sangue e podem transmitir tantas coisas estranhas que os verdadeiros homens deles desconfiam! Pode nascer uma criança com a capacidade de matar com um pensamento, ou ver o futuro como se o tempo se escoasse em ambas as direções, ou fazer surgir o fogo, ou fazer os rios aumentarem de volume... Existem dois tipos de laran; o tipo que todos os homens têm e podem usar, ajudados por uma pedra da estrela, e o tipo calamitoso próprio da família Hastur. Nossa linhagem não está totalmente livre dele, e quando você teve aquele filho ruivo com a leronis de sua mãe, trouxe o laran da família Hastur de volta para a nossa gente. Mas o que está feito, está feito, e Erlend talvez possa nos ser útil algum dia. Já engravidou a moça outra vez? Por que não? — Contudo, não esperou pela resposta de Bard.

— Entretanto, tenho certeza de que entende por que não tenho a menor vontade de ser governado pelos Hasturs; eles vão ficando cada vez com mais sangue chieri e seus dons não são diluídos pelo tipo humano normal, mas acentuado na sua linhagem através do programa de procriação. Acho que quem deveria governar é o gênero humano, não pessoas mágicas!

— Mas por que deve me dizer tudo isto agora? — indagou Bard. — Ou está tentando me dizer que quando Erlend estiver crescido estará tão próximo da família deles que poderá reivindicar aquela linhagem? — Falou de modo tão sarcástico, que seu pai nem se deu o trabalho de replicar.

— O que você não sabe — comentou ele — é que estudei a arte do laran quando era um garotinho. Não fui, como sabe, educado para assumir uma posição real, pois Ardrin era o mais velho, mas também não tive o pulso forte dos di Asturiens, pois havia três irmãos entre nós e eu dispunha de tempo para estudar e aprender. Fui um laranzu e morei, durante algum tempo, na torre de Dalereuth, e aprendi alguma coisa de sua arte.

Bard sabia que o pai usava uma pedra da estrela, mas isto não era fora do comum de forma alguma, e nem todos que usavam uma pedra da estrela conheciam a doutrina do laran. Ele ignorava que o pai tivesse vivido numa torre.

— Muito bem, existe uma lei para o uso da pedra da estrela — prosseguiu Dom Rafael. — Não sei quem a redigiu, ou por que deveria ser desse modo, mas assim é; para tudo aquilo que existe, exceto quanto a uma pedra da estrela, existe uma, e apenas uma, cópia exata. Nada é ímpar, a não ser uma pedra da estrela, que não tem nenhuma cópia. No entanto, tudo mais... tudo, cada coelho nos bosques, cada árvore e flor, cada pedra nos campos... possui uma cópia perfeita, mais parecida com elas do que seu próprio gêmeo. E isto me diz que em algum lugar, Bard, existe um ser que é exatamente idêntico a você. Talvez viva nas Dry-town, pode ser o filho de um camponês, ou more além do inavergável golfo do mar de Dalereuth, que leva ao mar Desconhecido. E ele seria mais parecido com você do que seu próprio gêmeo, muito embora viva muito além dos Cem Reinos. Espero que não seja assim, desejo que more nas colinas de Kilghard; pois se assim não for, será muito difícil ensinar-lhe nossa língua e os costumes de nossa gente. Contudo, seja lá quem for, tem laran, mesmo se jamais lhe tenham ensinado como usá-lo; e terá a sua genialidade militar, mais uma vez, embora ainda ignore como usá-la; e será tão idêntico a você, que nem a sua própria mãe, se ainda estivesse viva, seria capaz de identificar qual dos dois é você apenas olhando-os. Está entendendo agora, querido filho, por que seria bom contar com ele?

Bard estava pensativo:

— Estou começando a compreender...

— E outra coisa. Seu sócia não estaria na mira dos Hasturs, nem ligado a eles por nenhum compromisso. Está me entendendo?

Bard entendia. Compreendia mesmo.

— Porém, onde encontraremos este meu sócia?

— Disse-lhe que estudei a arte do laran — prosseguiu Dom Rafael -, e sei onde se encontra uma tela, um conjunto de pedras da estrela construída para reunir estas cópias. Quando eu era jovem, conseguíamos, embora fosse muito difícil, trazer homens e mulheres, outros leroni, de um conjunto de pedras da estrela para um outro. Se tivermos um conjunto de cópias na tela, podemos trazer seu sócia para aqui, não importa onde esteja vivendo.

— Mas, quando o conseguirmos trazer, como iremos saber se ele deseja nos ajudar? — indagou Bard.

— Ele não pode ajudar sendo o que é — explicou Dom Rafael. -Se já fosse um grande general, teríamos ouvido comentários sobre ele. Na verdade, talvez seja um de meus filhos bastardos, ou de Ardrin, vivendo na miséria sem nenhum conhecimento bélico. Todavia, tão logo lhe dermos a oportunidade de lidar com o poder e a força... isto sem mencionar a chance de exercitar sua genialidade bélica que por ser seu sócia, ele possuirá, embora apenas em potencial... então ele se revelará grato a nós e desejará nos servir como aliado. Porque, Bard, se ele é seu sócia... então ele também será ambicioso!

Três dias mais tarde, Alaric-Rafael, herdeiro das Astúrias, era solenemente coroado na regência de seu pai. Bard repetiu, em público, a promessa feita ao irmão, e Alaric presenteou-o com uma espada de herança, maravilhosamente trabalhada — Bard sabia se tratar de uma espada guardada por seu pai, durante muitos anos, esperando que o filho legítimo ainda haveria de usá-la em combate. No entanto, estava mais que patente que o Rei Alaric, não importava que tipo de governante viesse a ser, não seria um grande guerreiro; portanto, Bard aceitou a espada das mãos do irmão, e, com ela, o comando de todas as legiões das Astúrias e de todos os reinos a ela sujeitos.

Neste momento, sou general das Astúrias e Marenji, nada mais. Mas isto é apenas o começo.

Chegará o dia quando serei general de todos os Cem Reinos, e todos conhecerão e temerão o Lobo das Astúrias!

E na qualidade de general de Marenji, pensou ele, estava legalmente autorizado a ir àquele país e negociar com aquelas malditas mulheres da Ilha do Silêncio!

Poderia declará-las uma congregação traidora e intimá-las a deixar a ilha! Estava certo de que o povo de Marenji, no momento, consideraria isto uma blasfêmia. Porém ele pediu a Alaric para lançar uma proclamação que o povo de Marenji estaria escondendo a prometida mulher de Bard di Asturien; e que qualquer pessoa que escondesse, ou não revelasse o paradeiro de Carlina di Asturien, seria considerada traidora e estaria sujeita às penalidades máximas da lei.

Alaric atendeu o pedido do irmão, porém, em particular, expressou sua tristeza a Bard.

— Por que deseja uma mulher que não o quer? Acho que devia se casar com Melisendra. Ela é muito boa e mãe de seu filho. E Erlend devia ser legitimado, é um ótimo garoto e dotado de laran. Case-se com ela e faremos uma cerimônia maravilhosa.

Bard disse decidido que seu irmão e senhor não devia falar a respeito de assuntos que não poderia entender até estar mais crescido.

— Ora, se eu tivesse mais dez anos, me casaria com Melisendra, veja só, gosto dela. É boa para mim, nunca me fez sentir como um aleijado — confessou Alaric.

— É o melhor que ela tem a fazer — protestou Bard. — Se tivesse a ousadia de ser rude com você, eu lhe quebraria o pescoço, e ela sabe disto!

— Contudo, sou um aleijado e preciso aprender a conviver com isto, e Lady Hastur, a leronis que tratou de mim em Neskaya, que me ajudou a tornar a falar, ensinou-me que não tem importância eu ter o corpo defeituoso. E Geremy... apesar de aleijado, é um ótimo homem, forte e honrado... será muito difícil para mim pensar nos Hasturs como inimigos — acrescentou ele com um suspiro. — Bard, parece-me muito difícil entender a política. Gostaria que fosse possível haver paz entre todos os povos e, assim, poderíamos ser

amigos de Dom Varzil, que foi como que um pai de criação para mim. Mas estou acostumado a ser tratado como um aleijado, porque o sou e preciso de ajuda para me vestir, andar... contudo, uma pessoa como Melisendra ajuda-me a não dar grande importância a este fato, porque me ajuda a sentir, mesmo ao me auxiliar a prender a tala à minha perna, que não sou pior do que qualquer outra pessoa.

— Você é o rei — avisou Bard. Alaric suspirou resignado:

— Bard, você não sabe mesmo o que estou querendo dizer, de modo algum, não é verdade? É tão forte e jamais esteve realmente doente, ou amedrontado, logo, como poderia saber? Tem uma ligeira idéia do que seja se sentir de fato apavorado, Bard? Quando a febre apareceu, logo no início da doença e eu quase nem podia respirar... Jeremy e três das curandeiras do Rei Ardrin ficaram sentados ao meu lado a noite inteira com suas pedras da estrela, isto durante sete noites, apenas me ajudando a respirar quando não o conseguia.

Bard pensou, contra a sua vontade, no terror que o dominara nas praias do Lago do Silêncio quando os semblantes fantasmagóricos na neblina tinham flutuado ao seu redor, fazendo seus intestinos virarem água... mas, nem mesmo ao seu irmão confessaria aquilo.

— Senti medo quando enfrentei uma batalha pela primeira vez — disse ele. Não se importou em revelar isto.

Alaric suspirou com inveja.

— Você tinha a minha atual idade então e foi nomeado porta-estandarte do Rei Ardrin! Mas é diferente, Bard; você contava com uma espada, podia fazer algo contra seu medo e eu... eu só podia ficar deitado, imaginando se morreria, consciente de que nada podia fazer àquele respeito, fosse lá como fosse, sentia-me totalmente inútil. E depois disto... a gente fica sabendo que pode tornar a acontecer, que se pode morrer, ou ser destruído. Não importa o quanto eu seja corajoso, sei, agora, que sempre haverá alguma coisa contra a qual não posso lutar. E com algumas pessoas, sinto-me assim o tempo todo, como este pobre, doente e paralisado covarde. E algumas, como Dom Varzil e Melisendra, fazem-me lembrar que não preciso ser assim, que a vida não é realmente tão

terrível... entende o que estou querendo dizer, Bard? Nem que seja um pouquinho só?

Bard fitou o menino e suspirou, reconhecendo que o irmão solicitava compreensão, e sem saber de que forma poderia satisfazê-lo. Ele tinha visto soldados assim, gravemente feridos, correndo perigo de vida, e quando se recuperavam, afinal, algo se passara dentro deles que ele não conseguia entender. Isto havia ocorrido com Alaric, contudo acontecera antes que tivesse idade suficiente para enfrentá-lo.

Acho que fica sozinho demais, Alaric, e isto o faz fantasiar. Mas estou contente em saber que Melisendra é gentil com você.

Alaric suspirou, estendeu a mão, pequena e pálida, para Bard, que a segurou com a sua mão imensa e morena. Bard, pensou ele, não o tinha entendido de jeito algum, mas amava-o e isto também era muito bom.

— Desejo que consiga sua mulher de volta, Bard. Mantê-la afastada de você é muita maldade que esta gente está lhe fazendo.

— Alaric, papai, eu e algumas de suas leroni devemos ficar longe da corte durante alguns dias. Dom Jerral ficará aqui para aconselhá-lo, caso necessite dele.

— Para onde vão?

— Papai sabe de alguém que nos ajudaria muito no comando das legiões e vamos procurá-lo.

— Por que não ordenar apenas que venha à corte? O regente pode exigir que qualquer um venha até aqui.

— Não sabemos onde mora, Alaric. Temos que localizá-lo com laran — isto, pensou ele, já era uma explicação suficiente.

— Muito bem, se precisam ir, eu compreendo. Mas, por favor, Melisendra pode ficar comigo?

Apesar de Bard saber que Melisendra era uma das mais experientes leroni, julgou melhor não deixar de atender o pedido do irmão.

— Se quer a companhia de Melisendra, é claro que ela ficará ao seu lado.

Ele se envolvera numa questão que poderia desencadear uma discussão com o pai, porém, para seu espanto, Dom Rafael

concordou.

— De qualquer forma, não pretendia mesmo levar Melisendra; ela é a mãe de seu filho.

Bard ficou se perguntando que diferença aquilo fazia, mas nem se deu o trabalho de perguntar. Para ele era suficiente seu irmão desejar a companhia de Melisendra.

Partiram do castelo naquela mesma noite e rumaram para a antiga casa de Bard. Três leroni, duas mulheres e um homem, acompanhavam-nos e Dom Rafael conduziu-os até um cômodo que Bard nunca vira antes, para um cômodo numa torre antiga, no final de uma escada quebrada.

— Já faz muitas décadas que não uso nada disto — explicou Dom Rafael -, porém a arte do laran, uma vez aprendida, jamais é esquecida — virou-se para os mágicos e indagou: — Sabem o que é isto?

O homem olhou para o aparelho, em seguida para as duas companheiras, e para Dom Rafael, assustado:

— Eu sei, meu senhor. Mas pensei que o uso destas coisas fosse proibido longe da segurança de uma torre.

— Nas Astúrias não existem leis, a não ser as minhas! Sabe usar isto?

O laranzu tornou a fitar as mulheres apreensivo. Falou:

— Uma cópia sob a Lei de Cherillys? Creio que sim. Mas de que ou de quem?

— De meu filho aqui presente; o comandante das legiões do Rei Alaric.

Uma das mulheres olhou para Bard e ele captou o lampejo irônico de seu pensamento. Um outro Lobo de Kilghard? Na minha opinião apenas um já é mais do que suficiente! Bard imaginou que ela fosse amiga de Melisendra. No entanto, encolheram os ombros rapidamente protegidos outra vez, e falaram:

— Sim, meu senhor, se este é o seu desejo.

Ele sentia a surpresa, o desagrado, o espanto deles; contudo, não formularam qualquer protesto audível, iniciando os preparativos, colocando símbolos no cômodo de modo a impedir a entrada de

presenças alienígenas e para que nenhum outro leronis pudesse espioná-los de qualquer distância.

Quando tudo já estava preparado, Dom Rafael fez um sinal para que Bard se colocasse diante da tela, e mandou que ficasse calado e imóvel. Ele obedeceu, ajoelhando-se em silêncio. Encontrava-se numa posição tal que não podia ver o pai, nem qualquer um dos outros tele-patas, porém sentia-os perto de si. Bard não julgava que tivesse muito laran, e aquele que possuía jamais tinha sido treinado com propriedade. Ele sempre nutrira um certo desprezo pela arte da feitiçaria, julgando-a uma habilidade ou arte para mulheres; sentiu-se um pouco assustado quando o emaranhado quase tangível dos pensamentos deles tornou-se tenso ao seu redor. Percebeu que estavam estendendo seus pensamentos até o seu íntimo, mergulhando nas profundezas de seu cérebro e corpo, buscando o próprio delineamento de seu ser; pensou, fantasiosamente, que estavam à procura de sua alma, dominando-a e prendendo-a naquela tela de vidro.

Não conseguia mover sequer um pé, ou um dedo. Experimentou um instante de pânico paralisador... não. Isto se tratava de um aspecto perfeitamente comum de feitiçaria de laran, nada havia a temer; seu pai seria incapaz de permitir que qualquer coisa lhe fizesse mal.

Continuou imóvel, olhando para seu reflexo na superfície de vidro. De qualquer modo, ele sabia que não se tratava apenas da sombra refletida num vidro, mas dele próprio ali, naquela tela de inúmeras camadas, reforçada em todos os níveis com cristais de pedra da estrela que ressoavam nas pedras da estrela dos leroni ao seu redor. Sentiu o emaranhado conjunto de seus pensamentos superpostos girando sobre imensos redemoinhos de espaço vazio, estendendo-se, procurando, buscando encontrar algo que se encaixasse naquele desenho, que se enquadrasse exatamente... algo aproximou-se, quase foi tocado... foi praticamente capturado... não. Não era uma cópia, era uma semelhança, quase total, mas não a cópia exata que a tela podia prender dentro dela mesma. Sentiu o outro escorregar, desaparecer, enquanto a busca recomeçava.

(Bem longe dali, nas colinas Kilghard, um homem chamado Gwynn, um proscrito sem pai — embora sua mãe lhe explicasse que fora concebido durante o saque de Scathfell por Ansel, filho de Ardrin I das Astúrias, há trinta anos -, despertou de um pesadelo no qual tinha visto rostos flutuando ao seu redor, fazendo círculos, precipitando-se sobre ele como falcões sobre suas presas, e um dos rostos era igual ao seu, parecia gêmeo...)

Mais uma vez o emaranhado oscilou, desta feita sobre vazios maiores, noite sem estrelas, um tremendo vácuo além do tempo e do espaço, em redemoinhos de um terrível nada, rodopiando, num vazio total e apavorante. Novamente surgiu uma sombra atrás de Bard na tela, estremeceu, flutuou, contorceu-se, debateu-se como alguém adormecido se debate ao tentar despertar de um pesadelo; em algum ponto do cérebro de Bard cintilou uma centelha; eu mesmo, ou o outro? Ele não sabia, não conseguia adivinhar. Ele lutava tentando libertar-se mas eles o mantinham ali, aprisionado na sua teia, deslocando-se de ponto para ponto do padrão encerrado na tela... procurando ver, tentando certificar-se de que cada átomo, cada detalhe ínfimo, era congruente, idêntico...

Agora!

Bard viu na sua mente, antes que seus olhos vissem, o clarão de raios no cômodo, um choque extenuante como se o outro tivesse sido solto, aos arrancos, da nebulosa em sua mente, o padrão copiado, partindo-se, separando-se... um pavor irrompeu dentro dele; seria aquilo seu próprio medo, ou o terror do outro, arremessado de modo inimaginável através do grande vazio do espaço... Viu de relance um imenso sol amarelo, mundos lançados com violência, estrelas cintilando através do vácuo negro, galáxias rodopiando e deixando-se entrechocarem-se... Um relâmpago explodiu em seu cérebro e ele perdeu a consciência.

Ele se remexeu, agora consciente, sofrendo indescritíveis dores de cabeça, muita dor e confusão. Dom Rafael o estava erguendo, Tateando seu pulso. Depois largou-o e afastou-se, e Bard, enjoado e aturdido com o relâmpago, seguiu-o com os olhos; e o leroni, que se achava atrás dele, observando-o, também parecia tonto. Ele captou

um fragmento de pensamento de um deles, Não acredito. Consegui-o, tomei parte nisto, mas mesmo assim não acredito...

Deitado no chão, no extremo oposto da imensa tela, jazia, nu, o corpo de um homem. E Bard, embora tivesse sido preparado intelectualmente para isto, experimentou uma onda de terror remexendo suas entranhas.

Pois o homem deitado no chão era ele mesmo.

Não era alguém muito parecido com ele. Não se tratava de uma semelhança familiar ou acidental. Ele mesmo.

Espadaúdo, e bem entre os dois ombros a marca escura de nascença que ele só havia visto num espelho. Os músculos saltados no braço que manejava a espada, a mesma mancha de cabelos ruivos escuros nos rins, o mesmo dedão torto no pé esquerdo.

Então ele começou a perceber as diferenças. O cabelo estava cortado um pouco mais curto, se bem que no cucuruto da cabeça tivesse o mesmo redemoinho. Não tinha a cicatriz atravessada no joelho; o sócia não participara da batalha de Raven's Glen e não fora atingido pelo golpe de espada que tinha sofrido. O outro não tinha a calosidade espessa na parte interna do cotovelo, onde a tira do escudo roçava. E estas pequenas diferenças tornavam as coisas, de algum modo, piores. O homem não era apenas uma cópia mágica criada, de algum jeito, pelo laran da tela; era um ser humano de verdade, de algum outro lugar, que era, não obstante, precisa e exatamente idêntico a Bard di Asturien.

Ele não gostou daquilo. Gostava menos ainda da confusão e do medo que outro estava sentindo. Bard, sem muito laran, ainda podia, de algum modo, sentir toda aquela emoção.

Não conseguiu se dominar. Levantou-se e atravessou o cômodo dirigindo-se para o homem nu que estava deitado ali. Ajoelhou-se ao lado dele e passou o braço sob a cabeça dele.

— Como está se sentindo?

Só após ter falado parou para se perguntar se o outro alienígena podia entender a sua língua. Isto seria sorte demais, embora imaginasse que talvez seu parente em algum ponto das colinas Kilghard tivesse concebido sua duplicata. Seria possível qualquer homem ser tão semelhante a outro sem qualquer laço de

parentesco unindo um ao outro? A pele do estranho parecia mais morena, como se tivesse sido queimado por um sol mais violento... Não, isto é loucura, o sol era o sol... mas ainda assim, o quadro continuava na sua mente, as galáxias em redemoinhos, um mundo com uma única e gélida lua branca e a coisa assustadora era que, de qualquer modo, todas estas imagens pareciam partes integrantes da mente de Bard!

O estranho falou. Não estava falando a língua de Bard; contudo Bard sabia que ninguém mais naquele cômodo podia entendê-lo. Porém Bard sabia o que ele tinha dito, como se estivessem ligados pelos mais fortes laços de laran.

— Sinto-me como se estivesse no inferno. Como esperava que me sentisse? O que aconteceu... um tornado? Droga... você sou eu! E isto não é possível! Por acaso você não é o diabo?

Bard sacudiu a cabeça.

— Não sou nenhum dos demônios, nem estou perto de sê-lo — retrucou.

— Quem é você? O que é isto? O que aconteceu?

— Descobrirá isto mais tarde — avisou Bard, em seguida; sentindo-o remexer-se, manteve-o imóvel.

— Não, não tente se mexer por enquanto. Como se chama?

— Paul — respondeu o homem, baixinho. — Paul Harrell — e depois tornou a cair para trás, inconsciente. Bard movimentou-se, espontaneamente, para erguê-lo, ampará-lo. Gritou por ajuda. O laranzu aproximou-se e examinou o homem inconsciente.

— Ele está bem, no entanto a energia despendida nesta viagem foi terrível — explicou.

— Chame o velho Gwynn para que o ajude a carregá-lo — ordenou Dom Rafael -, seria capaz de confiar-lhe toda a minha vida e muito mais.

Bard ajudou o velho coridom a carregar o estranho para seus antigos aposentos, deitou-o na sua cama, trancou a porta da suíte... não que isto fosse necessário; o laranzu assegurou-lhes que ele não despertaria por um dia e uma noite, ou talvez mais.

Ele voltou, constatou que Dom Rafael tinha levado os leroni para uma câmara adjacente, onde o velho coridom já tinha servido

uma ceia quente, com bastante vinho. Bard, profundamente curioso a respeito do estranho, procurou manter contato com seu pai; no entanto, por alguma razão estranha, seu pai se mostrava totalmente protegido contra ele.

Por que seu pai tinha isolado sua mente de modo tão violento?

— Comida e bebida estão preparadas para vocês, meus amigos. Já fui um laranzu, conheço a fome e a sede terríveis que este tipo de trabalho provoca. Venham, comam e bebam, restaurem suas forças. Mandei preparar cômodos para que depois possam descansar e dormir por tanto tempo quanto o desejarem.

Os três leroni dirigiram-se rápidos para a mesa e começaram a erguer seus copos de vinho. Bard também sentia-se sedento; ia pegar um copo, mas o pai segurou-lhe o braço com um forte aperto, não permitindo que o fizesse. Naquele momento, uma das mulheres gritou, era um grito apavorante e gutural, e despencou inerte no chão. O laranzu sentiu-se sufocar, balbuciou algo em choque, mas já era tarde demais.

Envenenado, pensou Bard com um calafrio de medo, ao pensar como estivera próximo a beber daquele mesmo vinho. A outra leronis ergueu o rosto num apelo mudo, e Bard percebeu o seu terror, o pavor da morte certa; ela não tinha praticamente engolido nem uma gota do vinho e viu-a olhar à sua volta, procurando, sem a mínima esperança, uma via de fuga.

Bard hesitou, pois a mulher era jovem e tinha seus atrativos.

Percebendo a sua confusão, ela se aproximou dele e se jogou aos seus pés:

— Oh, não! Oh, meu senhor, não me mate, juro que jamais direi uma única palavra...

— Beba — ordenou Dom Rafael, e sua fisionomia parecia ser de pedra. — Bard, obrigue-a a beber.

A perplexidade de Bard tinha passado. Seu pai estava certo; nenhum dos dois podia permitir que a leronis vivesse para contar o trabalho feito naquela noite. O velho Gwynn seria capaz de sacrificar a própria vida por eles; mas, uma leronis cuja mente podia ser lida com a pedra da estrela de uma outra... não, era impossível. A certeza de que ninguém viria a saber da existência de seu sócia era

fundamental para seus planos. A mulher continuava ajoelhada, balbuciando, aterrorizada. Relutante, ele se inclinou para fazer seu trabalho, porém antes que pudesse tocar a mulher, esta se inclinou, pôs-se de pé num segundo e fugiu. Bard suspirou, prevendo uma caçada realmente sórdida e a necessidade de abatê-la no final das contas; mas ela correu ao redor da mesa, pegou o copo e sorveu seu conteúdo até a última gota. Antes mesmo de ingerir o terceiro gole tossiu, um espasmo ínfimo e estranho, e despencou sem vida sobre a mesa, virando uma bandeja de pão, que se espatifou no chão.

Então fora por isto que seu pai não tinha trazido Melisendra!

Dom Rafael virou o resto do vinho envenenado sobre o chão de pedra.

— Há uma garrafa intacta aqui — afirmou. — Sabia que você iria necessitar dela. Coma, Bard, a comida está perfeita e temos trabalho a nossa espera. Mesmo com a ajuda de Gwynn, levaremos a noite toda para sepultarmos os três.

**Livro Três**  
**O Sósia Secreto**

# Capítulo Um

Se ele sou eu, então, que inferno, quem sou eu?

Paul Harrel não tinha certeza se o pensamento tão forte na parte anterior de sua mente era seu próprio pensamento, ou o daquele homem que se achava diante dele. Aquilo era muito perturbador. Ao mesmo tempo, duas emoções antagônicas o dominavam: este homem devia me compreender, e eu o odeio; como ousa ele ser tanto aquilo que sou? Aquela não era a sua primeira experiência com a ambivalência, contudo tratava-se da percepção mais desnorteante que jamais sentira.

O homem que se apresentara a ele como Lobo tornou a repetir o nome dele:

— Paul Harrell. Não, este não é um de nossos nomes, se bem que os Harryls estão entre os homens mais leais a meu pai. Teria sido demais pedir que você fosse um deles.

Paul apalpou a própria cabeça outra vez, descobrindo, muito surpreso, que ela estava inteirinha. Então, imaginou um modo perfeito para testar se, afinal de contas, aquilo não seria uma estranho pesadelo da caixa de estase.

— Onde fica o sanitário?

Ele percebeu que o outro tinha compreendido até mesmo o seu palavreado — que inferno, como é que ele conseguia fazer este truque da leitura de pensamento? — quando ele apontou:

— Do outro lado do corredor — avisou Bard.

Paul levantou-se, nu, e atravessou a porta indicada pelo outro. Não havia trancas. Ele não era um prisioneiro, não importava o que desejassem dele, portanto não podia deixar de ser uma melhoria. O corredor era de pedra, atravessado por uma corrente de ar gélido, e seus pés pareciam enregelados. A peça era um banheiro razoavelmente montado. Os acessórios se mostravam estranhos na aparência, e ele sequer podia imaginar de que eram feitos, se bem que não eram de porcelana, disto não tinha dúvidas, mas era bastante fácil conceber o encanamento; ele imaginou que só existiam alguns projetos entre os humanos. Havia água quente — na

verdade, havia uma descomunal banheira um pouco parecida com as usadas nas casas de banho japonesas, cheia com água quente, e pelo leve cheiro de remédio que exalava, supôs que devia vir diretamente de alguma fonte vulcânica. Enquanto urinava, Paul julgou que aquele era o último teste de realidade. Apanhou um tapete, ou uma manta forrada de pele, que se achava em cima de um banco e enrolou-se nela.

Voltando para o quarto, o outro olhou para Paul na sua cobertura improvisada e falou:

— Devia ter pensado nisto. Há uma camisola sobre a cadeira.

A peça se parecia com um roupão de banho antiquado, porém mais amplo, forrado com algum tecido sedoso, que parecia pele ao toque da mão, e amarrado bem justo, junto ao pescoço, para evitar que se arrastasse. Era muito quente; no seu mundo seria bom para servir como sobretudo quando se pretendesse viajar pela Sibéria. Sentou-se na cama, enfiando os pés descalços sob o robe quente.

— Isto servirá para início de conversa. Agora, onde estou, que lugar é este, e o que estou fazendo aqui? E, por acaso, quem é você?

Bard repetiu seu nome, e Paul tentou repeti-lo na sua língua. "Bard di Asturien." Afinal de contas, não era tão extraterreno. Procurava gravar o que Bard lhe informara a respeito dos Cem Reinos. Ficou imaginando qual seria o nome do sol — se eles eram uma cultura pré-espacial, provavelmente deviam chamá-lo o Sol -, e ele não conhecia, nem tinha notícia, de qualquer mundo dentro da confederação que tivesse um sol tão grande como este, ou tão vermelho. Os sóis realmente imensos e vermelhos não contavam com planetas habitados.

— Existem de fato Cem Reinos?

Estava imaginando um tipo de confederação unida onde os reis se reunissem todos, como no Congresso dos Mundos Confederados que tinha lugar quatro vezes por ano. Apenas não existiam cem planetas habitados. Cem reis juntos formariam uma respeitável assembléia, sobretudo se se dessem da mesma maneira que ocorria com as embaixadas da confederação que, geralmente, não se entendiam! E só eram 42 ao todo!

Bard levou a pergunta muito a sério.

— Sou melhor em estratégia do que em geografia — explicou ele -, e, recentemente, não consultei um cartógrafo; talvez tenha havido algumas novas alianças, e os Hasturs, há pouco tempo, apoderaram-se de um ou dois tronos vazios. Acho que talvez sejam setenta e cinco ou oitenta, não mais do que isto. Contudo, Cem Reinos é um bom número redondo e soa bem melhor além de suas fronteiras.

— E como conseguiu me trazer até aqui? — perguntou Paul. — A última transferência de que soube, mesmo com a hiperdireção, e que foi além da colônia de Alpha, levou uma quantidade de tempo descomunal, e reparei que meus cabelos e unhas não cresceram tanto assim.

Bard fechou o rosto e disse:

— Não tenho a mínima idéia do que está falando.

Será que a magia dele é mais forte do que a nossa? Paul ouviu o pensamento, não formulado, perfeitamente bem.

— Então, suponho que nos encontremos fora da confederação dos mundos.

— Seja lá o que for, estamos — afirmou Bard.

— E a polícia de Terran não exerce autoridade aqui?

— Certamente que não. A única lei dentro deste reino é a de meu pai, na qualidade de regente de meu irmão Alaric. Por que pergunta? É um fugitivo da justiça, ou um criminoso condenado à morte?

— Passei bastante tempo como fugitivo — respondeu Paul. — Antes dos dezoito anos fui enviado duas vezes para a reabilitação. Desta feita devia me encontrar sob custódia, e sob sentença... — Não fazia qualquer sentido falar sobre a caixa de estase. Evidentemente eles não a tinham aqui e não valia a pena dar-lhes idéias.

— Na sua terra eles prendem mais do que expedem sentenças de morte ou exílio?

Paul anuiu com um movimento de cabeça.

— E você estava... preso? Logo, como o tirei da prisão, você me deve um favor.

— Isto é algo discutível — replicou Paul -, e debateremos o assunto mais tarde. Como me trouxe para cá?

Contudo a explicação... pedra da estrela, um grupo de feiticeiros... não fazia mais sentido para ele do que, imaginava, a caixa de estase teria feito para Lobo. Pensando melhor a respeito, era parecido com qualquer outra coisa que o pudesse tirar da caixa de estase. Fora tentado, claro, porém nunca fora conseguido antes; ou, se alcançara o resultado almejado, o governo não deixara vaziar a notícia.

— O que me diz das pessoas que me trouxeram para cá? O rosto de Bard estava sério:

— Não estão em condição de dar com a língua nos dentes a respeito do que aconteceu. — Paul entendeu perfeitamente o que ele quisera dizer. — No seu idioma, estão enterrados, exceto meu pai. Você se encontrará com ele mais tarde; ainda está dormindo. O trabalho que teve durante a noite foi... extenuante, para um homem tão idoso.

Paul teve uma visão fragmentada: três sepulturas, cavadas, às pressas, ao luar e, de repente, ficou frio. Este não era um lugar para conformistas assustados. Ora, este era o lugar que sempre tinha desejado conhecer durante toda a vida. As pessoas deste lugar seguiam regulamentos que podia compreender. Sabia que Bard estava ansioso para amedrontá-lo e resolveu que já era tempo de deixar que este pretense Lobo soubesse que não se apavorava com facilidade. Quem tem medo do lobo mau? Eu não.

Devia ter sido ilegal o modo como o tinham trazido para ali; ou então não teriam matado todas as testemunhas; portanto, já contava com alguma coisa contra Bard e seu pai.

— Não creio que me tenham trazido para cá por simples dedicação ao conhecimento, pois, se assim fosse, estariam propalando o fato aos quatro ventos, ao invés de me esconderem aqui e assassinar todo aquele que participou da experiência.

Bard parecia desconcertado:

— Pode ler a minha mente?

— Posso, em parte. — Não tanto quanto desejava fazer crer a Lobo. Porém desejava mantê-lo um pouco enganado. Sabia que este

era um homem que jogava duro, que jogava de verdade, e ele precisava de cada vantagem de que pudesse dispor!

Mas Bard não teria feito tudo aquilo em troca de nada. Provavelmente, ele ficaria a salvo até tomar conhecimento daquilo que Bard desejava dele, e a não ser que fosse para personificar o convidado de honra numa execução pública, não poderia ser pior do que a caixa de estase.

— O que quer comigo? Não recebi nenhuma medalha por bom comportamento... da mesma forma que você — disse ele, arriscando.

Bard riu:

— Certo. Fui proscrito aos dezessete anos e a partir daí fui um soldado mercenário. Este ano retornei e ajudei meu pai na sua reivindicação do trono das Astúrias para meu irmão.

— Não para você mesmo?

— Com mil demônios, não! Tenho coisas melhores para fazer do que me sentar em conselho com todos os anciãos do reino, fazendo leis sobre como manter o gado nos pastos, restaurando estradas, construindo abrigos para viajantes e discutindo se as Irmandades da Espada deveriam compartilhar da vigília com os homens!

Paul considerou que os negócios reais, colocados assim, pareciam um pouco tolos, afinal.

— Você é um irmão mais jovem e seu irmão mais velho é o rei?

— Não, é exatamente ao contrário. Meu irmão mais moço é o filho legítimo. Sou um nedestro... mais do que um bastardo, mas fora da linha de sucessão.

— Nasceu do lado do avesso do cobertor, não?

Bard parecia ligeiramente intrigado, depois riu ao compreender a imagem.

— Pode-se dizer que sim. Não tenho queixas do velho; ele me educou na sua casa e apoiou-me quando da minha desavença com o velho rei. E, agora, meu irmão nomeou-me comandante de seus exércitos.

— Então para que precisa de mim? E o que tem para me oferecer? — indagou Paul.

— No mínimo, liberdade — retrucou Bard. — Se é tão igual a mim intimamente como é exteriormente, isto significa muito para você. Além disto? Não sei. Mulheres, se as deseja, e mais uma vez se se parece um pouco comigo, você gosta delas e consegue-as, também. Fortuna, se não for ambicioso demais. Aventura. Talvez haja a oportunidade de uma regência num reino. De qualquer forma, uma vida melhor do que a que tinha na prisão. Não lhe parece um bom começo?

Realmente parecia que sim. Ele teria que ficar atento com relação a Bard, mas, pelo menos, não tinha sido trazido até aqui por nenhuma das complicações de algum prisioneiro de Zenda que ficou apodrecendo na prisão para que seu sócia pudesse sair e fazer coisas.

Tinha captado imagens na mente de Bard que já o haviam deixado excitado. Este talvez fosse um mundo no qual valesse a pena viver, não um mundo descorçoado que se contentava em manter todo mundo esmagado num nível de conformismo brando, e cortando a cabeça de quem a erguesse acima do todo!

Muitas eram as personalidades importantes, gerais, legisladores que tinham sócias; mas achava que seria mais do que isto. Poderiam, provavelmente, ter encontrado alguém que se parecesse muito com Bard, um parente, sem terem que ir tão longe, e as diferenças insignificantes podiam ser esquecidas pela conveniência de contarem com alguém que conhecesse sua língua e costumes. Alguém como Paul, que nem ao menos podia se vestir nesta sociedade sem ser orientado em como o fazer, e que tinha de se comunicar, até então, através de leitura de pensamento — e apenas com uma pessoa -, isto seria uma grande inconveniência; portanto, não podia deixar de haver uma boa razão, uma razão superpoderosa para que tivesse de ser ele. Eles necessitavam de alguém que fosse igual a Bard, porém não apenas em aparência, mas também em seu íntimo.

Logo, este mundo talvez fosse real. Não se tratava apenas de uma existência circunscrita dentro de limites, um mundo real onde podia ser um homem de verdade, entre homens reais, não entre andróides sem sangue e clérigos!

Bard levantou-se:

— Está com fome? Mandarei que lhe tragam algo para comer. Segundo meu pai, se serve para mim, tem que servir para você. E também lhe mandarei algumas roupas. Você tem quase o meu tamanho... — recordou-se e explodiu numa gargalhada: — Não, que diabos, você é do meu tamanho! Nada podemos fazer até que seus cabelos tenham crescido... não posso ser visto sem a trança de guerreiro. Isto nos dá algum tempo para lhe ensinarmos os rudimentos da vida civilizada daqui. Acredito que saiba algo sobre o manejo da espada... não? Seu mundo deve ser um lugar ainda mais estranho do que o imagino! Não sou um duelista, portanto não precisará conhecer os floreios, mas precisa conhecer alguma coisa sobre autodefesa. E tem que aprender o idioma. Não me encontrarei sempre por perto de você, e é uma tolice termos que ler a mente um do outro o tempo inteiro. Até mais tarde.

Bard tinha se erguido sem qualquer cerimônia e saiu deixando Paul esfregando a mão e, mais uma vez, se perguntando se isto não era apenas algum sonho estranho dentro da caixa de estase. Ora, se era, talvez devesse se divertir com ele.

## Capítulo Dois

Contudo, apenas dez dias mais tarde eles rumaram para o Castelo das Astúrias. Dom Rafael não se mostrava disposto a deixar, por mais tempo, o governo nas mãos inexperientes de Alaric. E, assim, o projeto inicial de aguardar até que Paul se achasse em condições de se fazer passar por Bard também fora abandonado. Pelo contrário, decidiram eles, seria bom que fossem vistos juntos, e que a ligeira semelhança entre os dois fosse notada; desta forma, quando mais tarde Paul estivesse realmente personificando-o, ninguém acreditaria que o parente que se parecia um pouco com ele, mas nem tanto assim, pudesse ser tão igual a ele a ponto de substituí-lo. Não queria que se pudesse cogitar que houvesse, de fato, alguém cuidadosamente escondido longe dali que fosse bem parecido com ele a ponto de tomar o seu lugar. As pessoas, Bard observou para o pai, em geral viam o que se esperava que vissem, e se fosse visto com frequência com um suposto parente que se parecia um pouco com ele, aqueles que gostavam de fofocar a respeito de coisas com as quais nada tinham a ver estariam logo comentando que a semelhança, na verdade, não era tão grande assim.

Portanto, e por enquanto, os cabelos curtos de Paul, mais descolorados do que os de Bard pela ação de um sol mais luminoso, foram escurecidos com camadas de uma tintura que os deixaram vermelho-amarelados, e ele deixou crescer um pequeno bigode ralo. As diferenças nos modos e porte, achavam eles, fariam o resto. Por enquanto, ficou combinado dizer-se que ele era um neto nedestro de um dos irmãos de Ardrin e de Dom Rafael, que tinha morrido antes da ascensão de Ardrin ao trono, e, portanto, primo de Bard, descoberto por ele durante seus anos de exílio. Diriam que ele morava ao norte de Kadarin, perto da região dos rastreadores. Esta região ficava tão distante, que não haveria a mínima possibilidade de que alguém que falasse o idioma de lá, ou observasse os hábitos deste alienígena, fosse até a corte; portanto, desta maneira,

qualquer engano cometido por Paul seria atribuído a sua precária educação.

E era bom que Paul pudesse ficar na corte às claras por algum tempo e aprendesse por si mesmo os costumes e assimilasse a situação política. Bard ficou aliviado ao constatar que Paul cavalgava bem, embora não com tanto desembaraço quanto ele. A leitura de pensamentos tinha sido de grande valia. Paul já falava um pouco de casta e seu sotaque estranho podia ser atribuído a sua suposta criação rural nas Hellers. A primeira providência, pensou Bard, seria acabar com os últimos vestígios daquele sotaque.

Pois o plano audacioso era nada menos do que este: dividir as legiões que conseguissem organizar e mandá-las para duas campanhas isoladas; uma contra Serrais, a Oeste, a outra para enfrentar as legiões de Carolin, a Leste; deixando que cada legião pensasse estar sendo comandada por Bard em pessoa; e finalmente, unificar todo o reino, e no fim, todos os Cem Reinos, sob o domínio de Alaric das Astúrias. Então, com os Hasturs subjugados, os domínios poderiam ser unificados, e haveria paz, sem o regulamento tirânico do infame pacto de Dom Varzil! Paz sem a pressão das insignificantes guerras fratricidas alcançando seu ápice em todo o período, desde o degelo da primavera até a colheita, ou um novo reino surgindo cada vez que um pequeno grupo de homens não gostava de seu senhor e decidia estabelecer um novo reino, independente dele!

E então, pensava Bard, uma Idade do Ouro poderia reaparecer como não sucedia desde que Lorde de Carthon fez o pacto com os habitantes das florestas!

Contudo, o essencial para este plano era a genialidade militar de Bard di Asturien e o carisma especial do Lobo de Kilghard. Paul, cavalgando devagar logo atrás de Bard e de Dom Rafael — segundo exigia sua condição de parente pobre -, podia captar um pouquinho de seus pensamentos, mesmo agora. Quer dizer que serei o Cão para o seu Lobo? Deixe estar que cuidaremos disto!

Paul pensava sobre a teoria que o tinha trazido para esse lugar; que ele e Bard eram, em essência, o mesmo homem. Sentia-se inclinado a acreditar nisto. Sempre soubera que era maior do que

seus companheiros, não em corpulência apenas — embora isto ajudasse -, mas projetado, mentalmente, para ser alguém num tempo mais importante e mais heróico do que aquele em que tinha nascido.

O modo como considerava aquilo era que a maioria dos homens tinha cérebro, mas não tinha coragem, ou talvez fosse ao contrário. E daqueles raríssimos que tinham cérebro e coragem, a maioria não contava com a mínima imaginação. Paul sabia que possuía todos três; porém eram desperdiçados no mundo em que vivia. Um de seus primeiros psiquiatras, quando ainda o tentavam salvar para a instituição, dissera-lhe com toda a franqueza que ele pertencia a uma fronteira, que numa sociedade primitiva teria sido proeminente. Fato que não o tinha auxiliado em nada. O psiquiatra havia confessado, com a mesma franqueza, que na própria sociedade de Paul, a menos que se resignasse a se conformar, suas qualidades sempre representariam um risco.

Agora ele estava colocando tanto o cérebro como a imaginação para trabalharem no mundo de Bard. As quatro luas coloridas já lhe haviam revelado que esta não era nenhuma das colônias dos Mundos Confederados. Contudo, os habitantes eram perfeitamente humanos, até ali, fato que teria oferecido dificuldades à credibilidade além do suportável, caso não fossem de origem de Terran; e embora não fosse um filólogo, sabia que a casta, com suas misturas de palavras espanholas, não poderia deixar de ser originária de alguma cultura de Terran. Só podia levantar a hipótese de que aquela gente descendia de uma das naves perdidas — enviadas nos tempos antigos que precederam à hiper-direção, para colonizar um universo que já sabiam ser povoado. Uma destas naves tinha fundado a colônia Alpha, outras as iniciais, mas a maioria delas havia desaparecido sem deixar vestígios e eram consideradas perdidas, com toda a sua tripulação. Paul sabia que os Mundos Confederados estavam preparados para descobrir uma ou duas destas colônias sobreviventes e isoladas, algum dia. Esperava que não encontrassem esta enquanto ele vivesse. Seria uma tragédia vê-la decair e alcançar a mesma mediocridade da Terra, ou de Alpha, ou qualquer um dos outros mundos conhecidos!

Enquanto cavalgavam rumo ao Castelo das Astúrias, Paul se deu conta, um pouco antes do meio-dia, que se tratava de uma espécie de construção fortificada que já não era mais erguida na Terra há alguns milhares de anos. Não se parecia com as fotografias dos castelos históricos que ele tinha visto. Os materiais de construção eram diferentes, assim como o estilo de vida que dominava a arquitetura. No entanto, nos últimos poucos dias, ele tinha sido esclarecido sobre a teoria das fortificações e estratégias, e focalizou sua mente para o problema de imaginar como iria tomar este castelo. Não seria fácil, pensou. Mas podia ser feito e estava absolutamente seguro de que quando chegasse o momento, ele seria capaz de resolver o problema.

Contudo, refletiu, seria bem mais fácil se contasse com um cúmplice lá dentro...

Dom Rafael dirigiu-se como o exigia o protocolo, com seus servidores para comunicar a Alaric e seus conselheiros a sua volta. Bard cedeu dois criados para Paul, um cômodo ou dois na sua suíte pessoal, e retirou-se para tratar de algum assunto que lhe dizia respeito. Paul, vendo-se a sós, começou a examinar as peças que lhe tinham sido cedidas.

Descobriu uma escadinha que levava para baixo, para um pequeno pátio interno, repleto de flores de final de verão — se bem que, para Paul, o clima parecesse excessivamente frio para qualquer tipo de flores. Havia paredes repletas de bandeiras por todos os lados, a fragrância das ervas e um velho poço. Sentou-se para aproveitar o raro sol do final da tarde e refletir sobre a situação curiosa na qual se encontrava.

Escutou um ruído às suas costas e virou-se — fora um fugitivo por tanto tempo, que era impossível não perceber a presença de alguém ou de alguma coisa atrás dele -, depois relaxou os nervos, sob uma sensação de alívio, ao ver que se tratava apenas de um garotinho, bem pequenininho, jogando uma bola de encontro às paredes.

— Pai! — exclamou o menino. — Ninguém me contou que tinha voltado... — então interrompeu sua corrida alucinada na direção de Paul, piscou e disse com uma encantadora dignidade: —

Aceite minhas desculpas, senhor. Agora estou vendo que não é meu pai, se bem que seja muito parecido com ele. Peço-lhe perdão por tê-lo molestado, senhor... suponho que devesse dizer parente.

— Não faz mal — disse ele, decidido. Não foi preciso pensar muito para imaginar... este deve ser o filho de Bard. Que engraçado... não tinha pensado que Bard fosse do tipo de ter uma mulher e filhos, de se amarrar, da mesma forma que ocorria com ele. Refletindo melhor, Bard tinha dito alguma coisa a respeito de casamentos de conveniência, talvez o tivessem casado com alguém sem nem lhe perguntarem a sua opinião, embora não conseguisse imaginar Bard se sujeitando docilmente a isto. Bem, supôs que ficaria sabendo de tudo.

— Já me disseram que há uma semelhança entre mim e o seu pai. O menino reprovou-o muito sério:

— O senhor devia dizer "o Lorde General" quando se referir ao meu pai, ainda que seja seu parente. Até mesmo eu devo dizer "o Lorde General", exceto no seio da família, pois a ama diz que, daqui a pouco tempo, serei mandado para algum reino como filho de criação, e que tenho de aprender a falar sobre ele com a cortesia adequada. Logo, diz ela, sempre deveria chamá-lo assim, exceto quando estivermos a sós. No entanto, o Rei Alaric fala "meu pai" ao falar sobre o meu avô Dom Rafael, e não chama meu pai "Lorde General", mesmo quando estão na sala do trono. Não acho isto certo, e o senhor?

Paul, dissimulando um sorriso, explicou que a realeza tinha seus privilégios. Ora muito bem, ele tinha desejado uma sociedade onde as pessoas não eram todas colocadas numa igualdade enfadonha e, agora, encontrara-a. Quanto a isto, ele conseguira uma posição mais destacada do que merecia de início!

— Suponho, parente, que você seja de além das Hellers. Percebo isto pelo seu modo de se expressar. Como se chama?

— Paolo.

— Ora, afinal de contas, seu nome não é tão esquisito assim! Os nomes usados nas terras além das Hellers são parecidos com o seu?

— Este é o meu nome em casta, ou pelo menos é o que me diz seu pai. Meu nome mesmo soaria estranho para você, com toda a certeza.

— A ama diz que é grosseiro perguntar o nome de um desconhecido sem lhe revelar o nosso. Meu nome é Erlend Bardson, parente.

Bem, Paul já havia adivinhado aquilo.

— Erlend, quantos anos você tem?

— Farei sete anos no solstício do inverno.

Paul ergueu as sobrancelhas. Ele pensara que o garoto tinha nove ou dez anos, no mínimo. Ora, talvez o ano deles tivesse uma contagem diferente.

— Erlend — chamou uma voz feminina. — Não deve incomodar os hóspedes de seu pai, nem seus seguidores!

— Estou importunando-o, senhor? — indagou Erlend.

Paul, divertido com os modos majestosos da criança, respondeu:

— Não, de forma alguma.

— Tudo bem, mylady — falou Erlend, enquanto uma mulher aproximava-se. — Ele disse que não o estou incomodando.

A mulher riu. Sua gargalhada era doce, muito baixa e jovial. Era jovem, o rosto redondo e sardento, os cabelos quase lhe chegavam à cintura em duas longas tranças tão vermelhas quanto os cabelos do menino. Não estava andrajosa, porém vestia-se com simplicidade, sem ostentação e sem qualquer jóia, apenas um pequeno e gasto medalhão com uma pedra azul preso em torno do pescoço. Provavelmente, pensou ele, era a ama do garoto. Alguma parenta pobre ou agregada à corte. Pelo que sabia de Bard, o Lobo vestiria sua amante ou concubina com algo mais trabalhado, e sua mulher deveria se vestir de acordo com a sua categoria.

No entanto, como é que Bard não a tinha notado? Pois para Paul aquele corpo feminino, roliço, o riso baixo e as mãos graciosas, o sorriso alegre, eram a personificação da mulher — sim, e do sexo. Inesperadamente, desejou-a, com tamanha intensidade, que tudo que conseguiu fazer foi manter suas mãos longe dela! Se a criança não estivesse ali...

Mas não. Não queria pôr em risco a sua posição, não de imediato, criando problemas por causa de uma mulher. Isto, ele o tinha aprendido de modo severo, fora o que arrasara com o plano secreto e a argumentação que havia elaborado na caixa de estase. Não tivera a presença de espírito e o critério para se manter distante da mulher errada. Ele tinha imaginado, através das conversas esporádicas entre os guardas e escudeiros, que o Lobo de Kilghard era muito macho com as mulheres — já esperava por isto, se Bard era sua própria cópia — e não ia discutir com ele por coisas triviais como esta. Havia muitas mulheres.

Mas esta... Observava-a fascinado, as mãos delicadas, o movimento do corpo rechonchudo e bem feminino sob seu vestido simples e modesto. As maçãs do rosto apresentavam covinhas que se transformavam num sorriso ao chamar a atenção do garoto.

— Porém, tenho que saber os nomes de todos, domna — disse Erlend. — Quando tiver idade para ser o escudeiro de meu pai, terei que conhecer todos os seus homens pelo nome!

Ela estava usando um vestido cor de ferrugem. Que coisa estranha, ele nunca tinha notado como esta tonalidade favorecia as ruivas. O traje tinha a mesma cor de sua sardas.

— Mas Erlend, você não será um soldado ou escudeiro, e sim um laranzu — explicou ela -, e, de qualquer modo, isto é desobediência, pois foi advertido para brincar no outro pátio. Terei que recomendar à ama que o vigie com mais cuidado.

— Estou crescido demais para ter uma ama — reclamou ele, contudo acompanhou a mulher obedientemente. Paul ficou observando até perdê-la de vista. Puxa, como desejava aquela mulher! Ficou imaginando se, por acaso, ela não lhe seria alguém acessível. Bem, a governanta de uma criança não devia ocupar uma posição de destaque, mesmo se fosse uma parenta — como ele suspeitara devido a semelhança que tinha com o garoto. Ficou pensando onde andaria a mulher de Bard. Morta, talvez. Nos mundos primitivos, o parto era um grande risco e, ele o sabia, as taxas de mortalidade eram elevadíssimas.

Pensou, com um sorriso cínico, que estava reagindo normalmente. Salvo da morte, retirado da caixa de estase, haveria

melhor maneira de passar algumas horas do que na companhia de uma mulher? Mas, por segurança, isso era real, não iria cometer o mesmo erro que o tinha levado para a caixa. Se, por uma estranha coincidência, aquela fosse uma das mulheres de Bard, tinha adotado a política de se manter afastado! Havia mulheres de sobra...

Mas, que inferno!, desejava aquela mulher! Que lástima a criança ter estado presente; ele não era tão canalha a ponto de agarrar uma mulher diante de uma criança. Tinha a sensação de que ela não devia ser arisca. A rigidez daqueles bicos de seio e a boca vermelha que parecia perfeita para ser beijada revelavam-lhe que não se tratava de nenhuma virgem inocente! Por uma questão de justiça para com ela, não podia dizer que lhe tivesse dado nenhum sinal evidente; fora bastante modesta, mas apostava a própria vida como ela não criaria nenhum problema assim que pusesse as mãos em cima dela!

Bard mandou chamá-lo mais tarde naquela noite e sentaram-se diante da lareira com uma pilha de mapas de campanha que Bard insistiu que ele devia entender em profundidade. Não era cedo demais para começar. Conversaram durante muito tempo sobre táticas e campanhas, e embora se tratasse de um assunto estritamente profissional, Paul percebera que Bard gostava de sua companhia, divertia-se em ensinar-lhe; muito raramente tinha encontrado alguém com quem dividir seus interesses.

Ele é igual a mim, um homem que não encontra com facilidade alguém com quem possa conversar no mesmo nível. Chamam-no de Lobo, porém tenho a sensação de que Lobo Solitário soaria melhor. Aposto como sempre foi, a vida inteira, um solitário. Como eu.

Na realidade, o problema é que não havia muitas pessoas que conseguissem acompanhar seus pensamentos. Não deixava de ser uma bênção... ser muito mais inteligente do que as pessoas que se conhecia. Isto fazia os homens se sentirem uns tolos, as mulheres mais tolas ainda, e a maior parte das pessoas não tinha a menor idéia a respeito do que ele estava falando ou pensando.

Mesmo quando Paul tinha chefiado a rebelião que o conduzira à desgraça, ele já sabia que ela não daria em nada. Não porque a rebelião fosse impossível — poderia ter sido bem-sucedida, se

tivesse contado com alguns aliados inteligentes que entendessem o que ele pretendia fazer na realidade -, mas sim e basicamente porque os homens que comandava não se dedicavam a ela com a mesma intensidade que ele. Fora o único que realmente se importara, profundamente, com aquilo pelo que lutavam. Os outros não nutriam, em seus íntimos, aquela revolta; mais cedo ou mais tarde, suspeitara ele, a maioria dos homens pularia fora — como, de fato, tinha feito — e rastejaria aos pés dos poderosos suplicando por uma nova oportunidade; ainda que esta oportunidade significasse terem seus egos anulados, até que nada mais restasse deles. Bem, não eram mesmo grande coisa, a perda era pequena! Mas isto significava que sempre estivera sozinho.

Posso me tornar necessário para Lobo.

Isto por que sou seu sócia, sua cópia, o mais próximo a um sócia que ele jamais terá. Olhou para Bard por um minuto com algo muito próximo ao amor, pensando. Ele entenderia. Se eu tivesse contado com apenas um seguidor como ele, teríamos conseguido injetar alguma coragem nos homens que me acompanharam. Juntos, poderíamos ter feito isto. Nós dois poderíamos ter mudado o mundo!

As rebeliões, Paul sabia, em geral fracassavam porque cérebros, coragem e imaginação para liderá-las só surgiam aproximadamente uma vez em cada século. Mas, desta feita, havia dois deles.

Não poderia mudar meu mundo sozinho! Porém nós dois podemos mudar o dele, juntos!

Bard ergueu os olhos rapidamente, e Paul sentiu-se de repente intranquilo. Será que ele estava, mais uma vez, lançando mão daquele truque da leitura de pensamento? Mas Lobo limitou-se a espreguiçar-se, bocejou e avisou que já era tarde.

— Vou me deitar. Por falar nisto, esqueci-me de lhe perguntar, quer que peça ao camareiro para lhe mandar uma mulher? Há muitas mulheres sozinhas e a maioria delas ansiosa para ter um homem em sua cama. Por acaso, viu alguma que tenha despertado seu interesse?

— Apenas uma — retrucou Paul. — A governanta de seu filho, creio eu; tranças compridas, cabelos ruivos, sardenta... corpo cheio de curvas, não muito alta. Gostaria de possuí-la... a menos que seja casada, ou algo assim. Não quero criar problemas.

Bard jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— Melisendra! Não aconselharia... tem uma língua que mais parece um chicote!

— Tudo que pude fazer foi manter minhas mãos longe dela.

— Devia ter esperado por isto — disse Bard, sem parar de rir.  
— Se somos o mesmo homem! Foi assim que reagi quando estava com dezessete anos e ela, acho, não tinha feito catorze ainda! Ela fez uma baru-lheira infernal, e minha mãe de criação jamais me perdoou por isto, mas, que se dane, valeu a pena! Erlend é filho dela. E meu.

— Ah, tudo bem, se é sua... Bard tornou a rir:

— Não, que inferno! Estou enjoado dela, porém minha mãe de criação empurrou-a para cima de mim e ela está ficando convencida demais! Gostaria de lhe ensinar uma lição, provar-lhe que não é melhor do que nenhuma das outras mulheres que se encontram por aqui e que é apenas devido a minha boa índole, não por direito, que pode ser minha mulher e ficar aqui para educar meu filho! Deixe-me pensar... se eu a mandasse ir para o seu lado, sairia correndo para junto de Lady Jerana, chorando, lamuriando-se e não me sinto com a mínima disposição de discutir com a mulher de meu pai. Contudo, ainda assim... — ele sorriu com malícia. — Ora, ao que parece, você é o meu sócia! Será que ela notaria alguma diferença? O quarto dela fica ali. Ela pensará que sou eu e não criará nenhum caso!

Algo no modo de falar de Bard incomodou-o, quando ele acrescentou com um risinho sarcástico:

— Afinal, você sou eu; não pode se queixar de eu tê-la entregue a outra pessoa!

Mas que droga! Quem Bard pensava que ele era, para atirá-lo nos braços de Melisendra desta maneira? Porém, pensou no maravilhoso corpo daquela ruiva e esqueceu-se de tudo mais. Jamais uma mulher despertara sua sexualidade daquela maneira e à primeira vista!

Quando, mais tarde, dirigia-se no escuro para o quarto que Bard lhe indicara, seu coração batia forte. E por trás da excitação, pensar naquela mulher, havia um quê de precaução cínica.

Bard acharia muito divertido, imaginava ele, guiá-lo, não para o quarto de Melisendra, mas para o de alguma megera velha, alguma velha ainda virgem que despertaria a casa inteira com seus gritos.

Porém, ainda que Bard tentasse pregar-lhe esta peça, ele haveria de descobrir onde ela se encontrava; considerava Bard preso à promessa feita.

Ele é do meu tamanho e tem combatido a vida inteira. E exatamente agora, depois de tanto tempo, só Deus sabe quanto, na caixa de estase, provavelmente ele deve estar mais preparado para isto do que eu; contudo, não é mais forte de que eu, de modo algum. Aposto que poderia dominá-lo. Duvido, por exemplo, que saiba caratê.

Contudo, ao entrar no quarto, esqueceu-se da idéia de sua confrontação inevitável com Bard. O luar, penetrando no cômodo através de uma janela aberta, banhava a cama e ele pôde ver as ondas soltas e ruivas, aqueles cabelos fartos e espessos, o rosto sardento que tinha visto antes. Os olhos estavam fechados e ela dormia. Usava uma camisola comprida, bordada junto ao decote e nas mangas, porém não era o bastante para esconder as adoráveis curvas de seu corpo. Com cuidado, fechou a porta. Como poderia ela saber que ele não era Bard, na escuridão? Queria que ela soubesse daquilo de algum jeito, que também o desejasse! Porém, se aquela era a única maneira de possuí-la... por que estava se demorando tanto? Se ela era o tipo de mulher que podia passar das mãos de um homem para as de outro, o que importava? Mas, evidentemente, ela não era uma mulher deste tipo, ou Bard a teria simplesmente entregue a ele, sem fazer toda esta confusão...

Ou talvez não. Descobriu que pensando no corpo de Bard, seu próprio corpo, enlaçado com esta mulher, era estranhamente excitante. De algum modo aquilo o fez refletir a respeito. Será que Bard sentia a mesma coisa, será que sentia algum prazer imaginando que sua cópia estava fazendo amor com a mulher dele?

Sentou-se na beira da cama para se despir. Estava muito escuro, porém ele não se arriscaria a acender uma luz. Ela, talvez, notasse a diferença devido ao fato dele ainda não usar a trança de guerreiro... Descobriu, com uma careta divertida, que, na verdade, estava vibrando em antecipação, como um garoto prestes a possuir a primeira mulher da sua vida.

Mas que inferno!

E Bard tinha lhe dado Melisendra, não para agradar Paul, mas ele o sentia, para humilhar a jovem. De repente, já não tinha mais certeza de que desejava colaborar com Bard para humilhar esta mulher.

Contudo, era bastante provável que ela nem se desse conta da diferença; e se este era o único modo como ele a podia ter, não ia abrir mão da oportunidade! Enfiou-se na cama ao lado dela e colocou a mão sobre ela por baixo das cobertas.

Ela se virou para ele com um pequeno suspiro, não de aceitação ou bom grado, mas de resignação. Será que Bard era um amante tão inábil, ou será que ela simplesmente não gostava dele? Certamente não existia amor perdido entre eles agora! Bem, talvez ele pudesse modificá-la; não havia uma única mulher que não o recebesse de bom grado como amante.

Ela permaneceu passiva sob suas carícias, sem recusá-las nem aceitá-las, apenas agindo como se ele não se encontrasse ali de modo algum. Que mulher infernal! Não a queria desta maneira, teria preferido que ela gritasse e lutasse contra ele, a recebê-lo como se estivesse cumprindo um dever tedioso! Porém enquanto pensava assim, ela tornou a suspirar, passou os braços em torno do pescoço dele e, então, Paul puxou-a para junto de si. Percebeu que ela estava ficando cada vez mais excitada, sentiu-a tremer de encontro a ele enquanto sua própria excitação aumentava cada vez mais.

Deixou-se cair, cansado e ofegante, sobre ela. Paul ficou deitado ali, as mãos ainda a acariciando, cobrindo-a de beijos, sem querer que ela se afastasse dele, nem mesmo por um instante. Ela perguntou baixinho na escuridão: — Quem é você?

Atônito, ele prendeu a respiração. E, então se deu conta de que devia ter esperado por isto. Ele e Bard eram sócias fisicamente,

sim, sócias, talvez, até mesmo quanto à personalidade. Porém o sexo, dentre todas as atividades, era a que estava mais sujeita ao mais completo condicionamento cultural. Estava claro que não podia esperar fazer amor da mesma maneira que o fazia um Darkovan. Os mecanismos do ato eram os mesmos, porém todo o ambiente psicológico era completamente diverso; talvez ele a tivesse decepcionado com um rosto e um corpo familiar enquanto ficou parado; contudo, cada carícia, cada movimento, revelara todo um mundo de condicionamento profundo demais para ser modificado. Não teria sido capaz de fazer amor com ela ao modo de Bard — mesmo se seu sócia tivesse lhe revelado seu método habitual -, como também seria incapaz de realizar o ato sexual à maneira do homem de Cro-Magnon!

— Por favor, Melisendra, não chore. Ele me mandou vir até aqui; não pude resistir, desejava-a tanto! — falou Paul com doçura.

— Ele armou uma armadilha cruel contra nós dois; e esta não é a primeira vez que age assim. Não, não chorarei. Você se importa se eu acender uma luz? — perguntou ela com voz baixa e agitada.

Paul continuou deitado enquanto ela acendia uma lâmpada fraca e segurava-a num lugar de onde podia vê-lo.

— Sim — comentou ela -, a semelhança é... é demoníaca. Notei isto quando o vi com Erlend. Contudo, é mais do que uma semelhança, não? Posso perceber uma ligação entre vocês. Ainda assim vocês são... são muito diferentes — disse ela e sua respiração ficou entrecortada.

Paul tirou-lhe a lâmpada da mão e colocou-a sobre a mesa-de-cabeceira.

— Não me odeie, Melisendra — suplicou.

A boca da jovem tremia, e ele descobriu que desejava beijá-la até fazê-la se esquecer daquilo que a perturbava. Esta não era, de forma alguma, a sua reação habitual para com as mulheres! Que inferno! Geralmente quando já havia obtido o que desejava delas, não conseguia se afastar tão depressa quanto gostaria! Mas esta mulher fez algo muito estranho com ele.

Ela o fitou, perturbada:

— Pensei... por um momento, pensei que, talvez, algo tivesse se modificado nele. Eu... eu... eu sempre quis que ele fosse assim comigo. — Engoliu em seco, com dificuldade, sentindo-se sufocar, e Paul percebeu que ela se esforçava muito para conter as lágrimas. — Contudo, só deparei com decepções, pois ele é mau, é ruim até o fundo de sua alma, e o desprezo. No entanto, desprezo muito mais a mim mesma, por... por desejar que ele fosse um homem que eu pudesse... pudesse chegar a amar. Pois, uma vez que devo pertencer a ele, de vez que lhe fui dada, não consigo deixar de querer que ele fosse... fosse um homem que eu pudesse amar...

Paul puxou-a para junto de si, beijando aquela boca trêmula, as lágrimas que brilhavam sob os cílios claros.

— Não posso me lamentar de nada. Nem quando vim para seu lado, Melisendra. Sinto muito por sua tristeza, sinto saber que se sentia assustada; não seria capaz de magoá-la ou assustá-la por querer... mas estou contente por tê-la possuído, ao menos por uma vez, quando não podia protestar...

Ela o fitou séria, os olhos ainda molhados:

— Também não estou arrependida. Acredite em mim. Muito embora eu suponha que ele estivesse tentando me humilhar. Sempre recusei quando Lady Jerana procurou me dar a outro, mesmo quando disse que me casaria com um dos escudeiros de Dom Rafael. Receei que fosse pior ainda. Bard me tratou da pior maneira possível, nada mais tenho a temer da parte dele, e pensei, é melhor a crueldade que eu já conhecia do que suportar uma crueldade diferente partindo de um estranho... Mas você me fez ver que as coisas não são bem assim, muito pelo contrário.

Ela sorriu para ele inesperadamente à luz do abajur, um sorriso muito pequeno, mas sabia que nunca se sentiria totalmente satisfeito até que ela lhe sorrisse como o tinha feito, hoje, para a criança, um sorriso alegre e repleto de amor.

— Creio que lhe estou agradecida. E nem ao menos sei o seu nome. Com uma das mãos ele apagou a lâmpada e com a outra puxou-a para junto de si.

— Então, está querendo me demonstrar a sua gratidão?

Paul escutou seu suspiro surpreso e grato no instante em que se virou e beijou-o, com um prazer surpreendente que o abalou até o mais fundo de sua alma.

— Nunca tinha odiado Bard antes — confessou, tremendo, agarrando-se a ele com toda força. — Agora, por sua causa, aprendi como odiá-lo e jamais deixarei de lhe ser grata por isto.

— Mas quero mais do que gratidão — escutou-se dizendo, para sua surpresa. — Quero o seu amor, Melisendra.

Ela falou na escuridão, com uma intensidade assustadora:

— Não estou certa de que eu saiba amar. Porém, penso que se pudesse aprender a amar alguém, Paul, seria a você que amaria.

Ele nada mais disse, puxando-a com violência para junto de sua boca. Porém, mesmo em meio a sua surpresa e gozo, um pensamento perturbador o dominou:

Agora não posso retornar, estou preso a este mundo, agora há alguém aqui que significa mais para mim do que qualquer pessoa e qualquer coisa que deixei no mundo de onde vim. O que acontecerá agora que já não posso mais considerar tudo isto como um sonho louco?

## Capítulo Três

Dez dias mais tarde, Paul rumava para a guerra pela primeira vez, ao lado de Bard di Asturien.

— Os homens de Serrais quebraram sua promessa — esclareceu Bard enquanto os dois faziam os preparativos. — Talvez não tenhamos que lutar. Contudo, temos de lembrá-los do juramento que fizeram e a melhor forma de fazer isto é através de uma demonstração de força e uma visão de nossas legiões. Acho melhor estar pronto para partir dentro de uma hora.

O primeiro pensamento de Paul foi o triunfo, com que então, haveria uma chance de lutar pelo poder! O outro, que chegou a desbancar o primeiro, foi de consternação: Melisendra! Não queria ficar afastado dela tão depressa. Tinha começado a suspeitar, e pela primeira vez em sua vida, que não queria se separar dela de forma alguma. No entanto, um momento de reflexão sensata fê-lo ver que esta separação era a melhor coisa que poderia lhe acontecer.

Mais cedo ou mais tarde, sabia-o, haveria de discutir com Bard por causa de Melisendra. Continuava desejando-a, como jamais desejara nenhuma outra mulher. Normalmente, um contato de dez dias o teria saciado e estaria mais do que pronto a fazer qualquer coisa que o afastasse das garras de qualquer mulher. Contudo, ainda desejava Melisendra. Esta separação o deixava apreensivo, desejava-a — e não conseguia explicar isto — de uma maneira diferente. Queria-a para a vida toda e com o consentimento dela; estava pasmo ao ver que a felicidade dela tinha se tornado mais importante para ele do que a sua própria.

Sempre pensara que as mulheres estavam ali para serem possuídas, e mais nada. Por que, se perguntava, devia sentir-se diferente com relação a Melisendra?

Sempre jurei que nunca permitiria que uma mulher me dominasse como se fosse um cordeirinho... Sabia-o, no fundo do coração, que as mulheres queriam ser dominadas, contarem com um homem que não pudessem manobrar... Por que esta é tão diferente?

Tinha consciência de que continuava querendo Melisendra; e desejava-a para o resto de suas vidas. Porém, também sabia que Bard, criado numa sociedade menos sofisticada, considerava Melisendra como propriedade dele, seu prêmio, sua posse. Talvez a entregasse a Paul por algum tempo, para humilhá-la, porém era bastante improvável que abrisse mão dela inteiramente. Ela era, afinal de contas, a mãe de seu único filho.

E, por enquanto, não havia nada que ele pudesse fazer com relação a tudo isso. Chegaria um momento em que discutiriam sobre Melisendra, e quando isto acontecesse, Paul sabia que precisava estar preparado.

Pois quando este momento chegar, pensou implacavelmente, ou ele me matará ou terei que o matar. E não pretendo ser assassinado.

Portanto, reuniu as coisas que devia levar e disse para Bard:

— Gostaria de me despedir de Melisendra.

— Ora, quanto a isto não é necessário — comentou Bard -, pois ela viaja junto com o exército.

Paul concordou, de início sem pensar muito sobre aquilo; estava acostumado com as mulheres soldados, até mesmo mulheres generais. Em seguida foi dominado pelo choque. Sim, num conflito que envolvesse apenas revólveres e botões a serem comprimidos, as mulheres costumavam ser tão competentes quanto os homens — mas neste mundo, onde a guerra significava combate corpo a corpo, com espadas e facas?

— Ah, também contamos com algumas deste tipo — disse Bard, lendo a sua mente. — As mulheres da Ordem das Abnegadas, a Irmandade da Espada, dirigem-se a cavalo para a batalha junto com os homens e brigam como loucas. No entanto Melisendra é uma verdadeira mulher, não uma dessas aí; é uma leronis, uma lançadora de encanto que cavalga com as legiões para combater a bruxaria.

Paul pensou que isto pudesse ser até mais perigoso ainda, mas nada comentou. Quando partiram uma hora mais tarde, Bard explicou que aquilo nada tinha de mais.

— Há alguns que reconheceriam meu modo de combater — disse ele -, e enquanto estivermos nesta campanha... de vez que ao

que se supõe você é um meu parente nedestro... ninguém vai ficar impressionado, ou julgará significativo, se eu mandar meu mestre-de-armas lhe ministrar aulas.

Paul, cavalgando sem chamar atenção com um pequeno grupo de ajudantes de Bard, observou como as legiões saudavam seu general: gritos de "O Lobo de Kilghard! O Lobo!", vivas e gritos de aclamação. Sua simples presença parecia incentivar e inspirar os soldados com coragem e entusiasmo nesta guerra contra os Serrais.

Entretanto, algum dia, Bard lhe confiaria este poder — e pensaria que ele o devolveria tranqüilamente quando o outro o desejasse? Não era provável. Só havia uma única explicação, e Paul sabia qual era, sentindo um calafrio perpassar por sua coluna. Bard haveria de usá-lo na sua ascensão para a conquista — e depois, ao invés de premiá-lo e mandá-lo embora como lhe havia pedido, seria devolvido para a caixa de estase, através da mesma magia que o trouxera para cá. Ou talvez, seria ainda mais simples, uma faca enfiada nas costelas numa noite escura, e um cadáver para os kyorebni que perambulavam ao redor dos penhascos. Paul não permitiu que a expressão de seu rosto o traísse, permaneceu impassível, unindo-se aos homens que aclamavam Bard aos gritos. Não ia ser nada fácil. Por enquanto, Bard tinha outras coisas em que pensar do que providenciar para que sua cópia fosse treinada para ser seu sócia e seu juguete; porém, em outros momentos, eles podiam ler os pensamentos um do outro, e Paul não aprenderia a bloquear os seus. Talvez Melisendra pudesse ajudá-lo, caso fosse de fato uma feiticeira; mas Melisendra também não estaria tão ansiosa assim para matar o pai de seu filho. Talvez afirmasse odiar Bard, porém Paul não se sentia inteiramente certo da extensão deste ódio.

Contudo, deparando-se com um fato consumado, talvez pudesse confiar nela para que se mantivesse calada sobre a substituição.

Por enquanto só havia uma coisa a fazer; e isto era exatamente aquilo que Bard desejava que ele fizesse — preparar-se, não apenas para personificar, mas para se tornar Bard di Asturien, o Lobo de Kilghard, general de todas as legiões das Astúrias. E talvez, um dia, mais do que isto.

Para sua surpresa — de vez que nada sabia a respeito do estilo do manuseio da espada e guerra em Darkover e jamais tinha empunhado uma espada -, ele a manejou como se tivesse nascido para aquilo. Um rápido pensamento fê-lo compreender o porquê. Tinha nascido com reflexos idênticos e a soberba organização física que tornavam Bard um espadachim incomparável; e ele tinha treinado este mecanismo físico ao máximo com as artes marciais e as habilidades de combate desarmado durante a rebelião. Agora era apenas o caso de adicionar outro conjunto de habilidades aos músculos treinados e ao cérebro, da mesma forma como um dançarino experiente é capaz de assimilar as variantes dos passos de dança.

Descobriu que gostava da campanha, cavalgando atento com os ajudantes, preparando o acampamento todas as noites e dormindo sob as quatro luas que cresciam e tornavam a minguar. Pensava, com frequência, que se tivesse sido preparado para esta vida teria sido mais feliz. Aqui havia poucas expectativas de conformismo e as que existiam pareciam-lhe naturais; havia muita válvula de escape para agressão. Na sua primeira batalha corpo a corpo descobriu que não tinha medo e seria capaz de matar, se devesse, sem temor e sem premeditação, e, melhor ainda, sem muitos escrúpulos. Um cadáver retalhado por espadas e lanças não estava mais nem menos morto, do que um crivado de balas ou destruído pelo fogo.

Bard mantinha-o ao seu alcance e conversava muito com ele. Paul sabia que não agia assim de má vontade; o Lobo simplesmente tinha que saber se Paul era, ou não, tão dotado quanto ele para a estratégia também. Parecia que sim; revelava um talento para lidar com homens, um sentido para a estratégia de combate ou ataque, à medida que uma após a outra as cidades caíam, quase que indefensáveis, nas mãos das legiões das Astúrias e os homens de Serrais fugiam, ou buscavam antes deles as fronteiras das terras de Serrais. Em quarenta dias tinham conquistado a metade das cidades, e a estrada abria-se diante deles para irem até as velhas terras do povo de Serrais. E Paul descobriu que sabia, instintivamente, qual

seria a melhor estratégia para dominar cada cidade, para arrasar cada força de combate que se opunha a eles.

— Certa vez, meu pai disse que com dois como eu poderíamos conquistar os Cem Reinos — revelou-lhe Bard. — E com a breca, tinha razão! Agora sei que não se trata apenas de uma semelhança física profunda; você e eu somos o mesmo homem, e quando pudermos liderar dois exércitos ao mesmo tempo, toda esta terra ficará aberta para nós como uma prostituta na muralha da cidade! — soltou uma gargalhada e bateu no ombro de Paul. — Teremos que fazer isto... não haveria lugar para nós dois num mesmo reino, mas com uma centena de reinos, deverá haver espaço suficiente para nós dois!

Paul ficou se perguntando se Bard, realmente, pensava que ele era tão ingênuo assim. Sem dúvida, Bard haveria de tentar matá-lo. Contudo, não por enquanto, por algum tempo, talvez durante alguns anos, pois precisaria dele até que todos os Cem Reinos, ou tantos quanto ele desejasse, estivessem subordinados a ele.

Entretanto, paradoxalmente, ele gostava da companhia de Bard. Tratava-se de uma nova experiência para Paul ter alguém com quem conversar, alguém que era capaz de acompanhar o que ele dizia e compreendê-lo de um modo inteligente. E notava que Bard também apreciava estar ao seu lado.

Tudo teria sido perfeito se pudesse ter Melisendra realmente consigo nesta campanha; porém ela cavalgava com os outros leroni, homens e mulheres envoltos em mantos cinzentos rigorosamente vigiados por um homem mais velho e de cabeça grisalha, com uma perna aleijada, tão defeituosa, que montava com um aparelho especial preso à sua sela, para ampará-lo, e um outro que era desmontável e ajudava-o quando precisava desmontar. No primeiro mês da campanha não teve oportunidade de trocar mais do que seis palavras com Melisendra e ainda assim eram coisas que podiam ser ditas diante da metade do exército.

As muralhas de Serrais já se encontravam à vista quando Paul, cavalgando com os ajudantes de Bard, notou que este tinha abandonado seu habitual posto de liderança para acompanhar os leroni. Após um momento, percebendo que Paul os observava, fez-

Ihe um sinal e Paul dirigiu-se para trás, rumo ao grupo de homens e mulheres com mantos cinzentos. Melisendra ergueu o olhar à guisa de cumprimento, com um sorriso secreto sob seu capuz cinza, que era de algum modo tão íntimo quanto um beijo.

— Quem é Mestre Gareth? — indagou Paul.

— Ele é o chefe dos Iaranzu'in das Astúrias; também é meu pai — disse Melisendra. — Gostaria de Ihe poder contar... — interrompeu-se, mas Paul sabia o que ela insinuara.

— Sinto a sua falta — disse num sussurro, e pôde vê-la tornar a sorrir.

Bard fez um gesto imperativo para Paul e disse:

— Mestre Gareth MacAran, capitão Paolo Harrell.

O feiticeiro de cabeleira prateada inclinou-se formalmente para Paul.

— Mestre Gareth ficou aleijado na minha primeira campanha, contudo não parece me desejar nenhum mal, por tudo isto — explicou Bard.

O velho bruxo disse com inteligência:

— A culpa não Ihe cabia, Mestre Bard... ou devo Ihe tratar de Lorde General como o fazem, agora, seus jovens soldados? Ninguém poderia ter comandado melhor uma campanha daquelas. Se fui ferido na perna por um punhal envenenado, foi por má sorte, os destinos da guerra, nada mais do que isto. Aqueles de nós que vão para a guerra têm que aceitar coisas como esta.

— Parece que se passou muito tempo desde aquela campanha — disse Bard, e Paul, que sempre estava captando algum fragmento de sua mente e sentimentos, se deu conta de que seu tom era de profundo remorso.

E, na verdade, Bard estava sentindo a ferroadada pungente do remorso, uma saudade dos dias há muito idos, dos quais a presença de Mestre Gareth era um lembrete nítido, e o brilho dos cabelos ruivos de Melisendra sob o manto cinzento de feiticeira era ainda mais intenso. Beltran estivera, então, ao seu lado e ainda era seu amigo. E Melora. Percebeu que não conseguiria resistir à tentação de perguntar:

— E a sua filha mais velha, senhor, como vai? Para onde foi?

— Está em Neskaya — respondeu Mestre Gareth. — No círculo de Dom Varzil, protetor lá.

Bard ficou carrancudo, aborrecido e comentou:

— Quer dizer que está servindo aos inimigos das Astúrias? - contudo julgou que seria melhor pensar em Melora como uma inimiga, de vez que estava além de seu alcance. Ela era a única mulher viva que quase o compreendera, ainda assim nunca a tinha tocado.

— Não, por quê? — exclamou Mestre Gareth. — Os Ieroni em Neskaya prometeram trabalhar apenas com pedras da estrela e viver apenas para o bem de toda a espécie humana, sem se aliar a nenhum rei ou legislador, mas apenas aos deuses, e a auxiliar ou curar. Logo, eles não são o inimigo, meu Lorde Lobo.

— Acredita nisto realmente? — a voz de Bard soava insolente.

— Senhor, eu sei disto; Melora não mente, nem teria motivo para mentir para mim, nem um Iaranzu pode mentir para outro. Dom Varzil é exatamente como declara ser, está comprometido com o pacto, no sentido de não usar nenhuma arma, não fabricar nenhuma arma, não permitir o uso de nenhuma arma através do Iaran. É um homem honrado e admiro a coragem dele. Não pode ser nada fácil renunciar às próprias armas sabendo que os outros continuam armados e que podem se recusar a crer que ele esteja realmente desarmado.

— Então, se o admira tanto assim — disse Bard com impertinência -, devo esperar que o senhor também abandone minhas legiões e vá se reunir ao padrão deste extraordinário e grande homem Varzil? Ele é um Ridenow de Serrais.

— De nascimento, na verdade — observou Gareth -, mas agora ele é Varzil de Neskaya, sem qualquer laço de lealdade, a não ser este. E a sua pergunta, Mestre Bard, é desnecessária. Prestei um juramento ao Rei Ardrin, e enquanto vida tiver não renunciarei em favor de Dom Varzil, nem por qualquer outro. Teria permanecido fiel ao filho de Ardrin, se Lady Ariel não houvesse abandonado o país com ele. Sigo o estandarte de seu pai porque acredito sinceramente que isto é o melhor para as Astúrias. Contudo, não sou o guardião da consciência de Melora. E, na realidade, ela abandonou a corte do

Rei Ardrin naquela mesma noite em que foi decretado o seu exílio, senhor, muito antes de se ter que escolher entre a causa de Valentine e a de Alaric... na verdade, Valentine nem havia nascido ainda. E ela partiu com a permissão do rei.

— Contudo, se ela escolheu não lutar contra os inimigos das Astúrias, não posso colocá-la entre eles? — perguntou Bard.

— Isto é como o senhor interpreta. No entanto, também poderia dizer que ela preferiu não lutar ao lado dos inimigos das Astúrias. Ela poderia ter feito isto com toda a facilidade; nem todos os integrantes do círculo de Dom Varzil se comprometeram com o pacto, mas o deixaram e foram para o lado dos patrocinadores de Hastur. Ela permaneceu em Neskaya, ao lado de Dom Varzil e isto significa que ela quis ficar neutra, senhor. E minha neta, Mirella, foi para Hali Tower, e também jurou ficar neutra ao lado de Neskaya. Sou um homem velho e leal ao meu rei enquanto ele precisar de mim; contudo, rezo para que os jovens descubram algum meio de pôr um fim a estas guerras infernais, que se sucedem ano após ano, enquanto nossos campos são desperdiçados!

Bard não comentou nada a este respeito. Falou:

— Não gostaria de pensar em Melora como minha inimiga. Se não é minha amiga, acho bom que seja neutra.

Paul, cavalgando entre Bard e Melisendra, ficou imaginando por que Melora podia trazer ao rosto de Bard aquele toque de revolta, tristeza e infelicidade.

— Na verdade, ela jamais foi sua inimiga, senhor. Sempre falou bem a seu respeito — retrucou Mestre Gareth.

Bard, percebendo que tanto Melisendra como Paul podiam ler suas emoções, fez um esforço descomunal para controlá-las. De qualquer jeito, o que representava Melora para ele? Aquela parte de sua vida estava acabada. No final desta campanha, ele colocaria todos os seus leroni na busca de um meio de atacar a Ilha do Silêncio e trazer Carlina para casa junto dele e, então, nunca mais precisaria pensar outra vez em Melora. Ou... pensou ele, interceptando uma troca de olhares entre Paul e Melisendra... em Melisendra. Paul podia ficar com ela, pouco se lhe dava. Pelo menos, aquilo haveria de manter Paul ocupado por algum tempo.

Por algum tempo. Até que eu esteja estabelecido, a salvo, com Alaric como o Rei de todas estas terras. Então ele será perigoso demais para mim; um homem ambicioso, acostumado a deter todo este poder...

E, então, ele sentiu surgir uma inesperada angústia. Será que nunca poderia ter um amigo, um irmão, um igual, em quem pudesse confiar? Estaria ele fadado a perder cada amigo e parceiro como tinha perdido Beltran e Jeremy? Quem sabe, no final, não pudesse imaginar uma outra maneira; talvez Paul não precisasse morrer.

Não o quero perder como perdi Melora... Furioso, controlou-se afastando o pensamento. Não tornaria a pensar em Melora!

Inesperadamente, Melisendra obrigou seu cavalo a parar com violência; seu rosto contorceu-se e, ao mesmo tempo, Mestre Gareth ergueu as mãos para cima como se para afastar algum mal invisível. Um dos outros leroni berrou; outro engasgou alto, apavorado, inclinando-se sobre a sela de sua montaria e agarrando-se a ela por instinto, quase que incapacitado para se sentar. Bard olhou para eles assombrado e perplexo. Paul apressou-se em ajudar Melisendra, que oscilava na sela, mais pálida que a neve nas beiras da trilha.

Ela não lhe prestou atenção:

— Ah... a morte, o incêndio! — gritou, e sua voz revelava um terror indescritível. — Ah, a agonia... morte, morte despencando do céu... o fogo... os gritos...

A voz morreu na sua garganta, e ela se sentou com os olhos virados para o alto, como se estivessem vendo algum horror em seu íntimo.

— Mirella! Caros deuses, Mirella... ela está lá... — exclamou Mestre Gareth controlando a emoção.

Isto trouxe Melisendra de volta, mas só por um instante.

— Não podemos ter certeza, querido pai, de que ela já esteja lá, ela... não a escutei gritar, tenho certeza de que saberia se se encontrasse entre os outros... mas oh, o incêndio, o incêndio... — tornou a berrar, e Paul tentou ajudá-la. Ela deixou a cabeça pender de encontro a ele, soluçando.

— O que foi, Melisendra, o que foi... — sussurrou Paul, porém ela não se achava em condições de lhe responder. Só conseguia

agarrar-se a ele, chorando desesperada.

Mestre Gareth, também, parecia estar prestes a despencar de sua sela. Bard estendeu a mão para amparar o velho Iaranzu, e quando o tocou as imagens tomaram conta dele.

Clareza deslumbrante. Dor de queimadura, agonia insuportável, enquanto as chamas elevavam-se e atingiam a alma, consumindo, despedaçando... o incêndio aumentando, paredes ruindo e despencando... vozes altas, dando gritos estridentes de agonia, terror, lamentação ardente... carros aéreos retumbando e fogo, morte caindo do céu...

Paul ficara imune, porém à medida que a mente de Bard se abria às imagens, ele as viu e também sentiu, e percebeu que empalidecia horrorizado.

— Bombas incendiárias — murmurou. Tinha acreditado que este mundo fosse civilizado, civilizado demais para este tipo de operação militar e que a guerra era quase que um jogo, um importante teste de coragem, de dominação, de desafio. Mas isto...

Um corpo de mulher ardendo como uma tocha, o cheiro de cabelo queimado, carne queimando, agonia da carbonização...

Bard amparou o ancião, como teria feito com seu próprio pai. Sentia o estômago revoltado diante do horror das imagens que passavam na sua mente. Contudo, Mestre Gareth conseguiu de algum modo libertar-se dos horrores que desfilavam em seu íntimo.

— Basta! — disse sério, bem alto. — Não podemos ajudá-los compartilhando de suas agonias de morte! Protejam-se, todos vocês! Já!

Falou num tom de comando e, de repente, o ar à volta deles estava livre da fumaça, do cheiro da morte e do incêndio, os insuportáveis berros de agonia tinham sumido. Paul olhou ao seu redor, tonto, mirou a trilha tranqüila e as suaves silenciosas nuvens mais à frente, os pequenos ruídos de um exército em marcha. Um cavalo relinhou em algum lugar, carroças de provisões estalaram e rangeram, um condutor em algum ponto xingou de bom humor as suas mulas. Paul fechou os olhos diante do inesperado acordo de paz que os envolvia.

— O que foi? O que foi isto, Melisendra? — os braços dele ainda a envolviam; ela endireitou o corpo, um pouco embaraçada.

— Hali — murmurou ela -, a grande torre às margens do lago; Lorde Hastur tinha jurado que as torres deviam ser neutras, pelo menos Hali e Neskaya... não sei quem a atacou — seu semblante ainda continuava com a expressão de assombro diante do horror do qual compartilhara. — Todos os leroni nos Cem Reinos devem ter sentido esta morte... É por isto que Lorde Varzil jurou neutralidade. Se isto continuar, dentro em breve não existirá mais terras para serem conquistadas...

Todos pareciam sérios; muitos dos leroni estavam soluçando. Melisendra disse:

— Todos nós, que aqui estamos, temos uma irmã, um irmão, uma amiga ou alguém querido em Hali. Ela é a maior de todas as torres; há ao todo, por lá, trinta e seis homens e mulheres, três círculos completos, com leroni de cada um dos reinos e de famílias com laran... — a voz dela tornou a sumir.

— Tanto pelo pacto — disse Mestre Gareth ameaçadoramente. -Devem eles ficar sentados tranqüilamente em Elhalyn e limitar suas operações militares a espadas e bestas quando o fogo é lançado contra eles do alto do céu? Mas quem teria a audácia de atacá-los? Sem dúvida, não se trata das forças das Astúrias?

Bard sacudiu a cabeça, aterrorizado.

— Serrais não conta, atualmente, com uma força destas, e porque haveria o Lorde Hastur de bombardear sua própria torre que lhe era leal e tinha jurado se manter neutra? Será possível que Ailard ou Aldaran tenha entrado nesta guerra e que todos os Cem Reinos estejam em chamas?

Paul escutava, abalado. Este mundo, na sua superfície, era tão simples, tão lindo, e apesar disto, esta pavorosa guerra telepática jazia escondida...

— Ela pode ser pior do que bombas incendiárias — avisou Melisendra, captando os pensamentos dele como costumava fazer quase sempre. — Pelo menos elas eram lançadas por aeronaves e a torre, defendendo-se, poderia tê-las derrubado dos céus. Uma vez atingi um carro aéreo que realizava um desses ataques. Mas ouvi

falar sobre um círculo de leroni que colocou um encanto no solo por debaixo de um castelo sitiado... — e apontou para uma ruína no topo de uma colina distante — e o solo abriu-se, tremeu... e o castelo caiu em ruínas, e todos morreram.

— E não existe nenhum tipo de defesa contra armas deste tipo?

— Oh, sim — retrucou Melisendra com indiferença -, caso o senhor do castelo contasse com seu próprio círculo de mágicos e eles fossem mais fortes do que os invasores. Durante gerações, todos os da nossa família, e de todas as grandes famílias de Darkover, tinham um laran cada vez mais forte desenvolvido em seu seio; isto aconteceu enquanto todas estas terras encontravam-se sob o domínio da família Hastur, os descendentes de Hastur e Cassilda. Contudo, há um limite com relação àquilo que pode ser feito com a procriação; mais cedo ou mais tarde ocorre o excesso de casamento entre parentes e os recessivos letais passam a predominar. Meu pai... — apontou para Mestre Gareth, que ainda parecia pálido e exausto — era casado com sua meia-irmã, e de catorze filhos, só três sobreviveram, só mulheres. Atualmente não há mais MacAran nestas colinas, apenas alguns poucos no Norte que jamais participaram do programa de procriação... e alguns Dellerays e a antiga linhagem de Serrais foi exterminada; os Ridenow assumiram o nome quando se casaram nesta família. E minha irmã Kyria morreu ao dar à luz uma filha, por isto eu e Melora criamos a filha dela... Mirella também é uma leronis, uma daquelas mantidas virgens para a Visão, e rezo para que ela fique assim, pois sei que tem medo de morrer com a mãe.

Paul não estava, na verdade, mantendo relações com Melisendra agora, mas podia sentir as ondas do antigo e contido medo; lembrou-se de que ela tivera um filho e, de repente, sentiu simpatia pelos pavores que ela devia ter suportado. Antes disto, ele nunca se preocupara com os problemas das mulheres; agora sentia-se tocado pelo remorso. No seu mundo, uma mulher saberia como se certificar de que não corria nenhum risco de engravidar, porém, não se dera ao trabalho, aqui, de perguntar sobre isto e ocorreu-lhe,

sentindo-se confuso, que Melisendra não deixara de sentir o peso das relações sexuais deles dois.

— Começou a ser mortal na nossa família — continuou ela, quase que murmurando. Paul ficou se perguntando se ela estaria falando com ele ou procurando diminuir suas tensões e medos. — Erlend é sadio, que a deusa seja louvada, mas já tem laran e é pequeno para isto... Bard é parente nosso, porém muito distante, é claro, e Kyria casou com um primo, logo, pode ser que tenha sido por isto... Melora e eu precisamos ter cuidado com quem concebemos filhos; ainda que sobrevivamos, as crianças podem ser natimortas... Não acho que Mirella devesse ter filhos, de modo algum. E existem alguns dons de laran que poderiam combinar com o meu de modo que eu não sobreviveria aos quarenta dias de uma gravidez deste tipo. Felizmente, estes são raros agora, porém não acredito que a sua virulência esteja totalmente perdida na linha e de vez que, hoje em dia, não se guardam mais registros, e como a antiga arte de monitorar a célula em profundidade não é mais conhecida, a última daquelas que sabia tudo sobre o assunto morreu antes de poder transmitir seus conhecimentos... Nenhuma de nós sabe, quando concebemos um filho, o que poderá resultar daí. E algumas destas novas armas... — ela encolheu os ombros e, decidida, tornou a mudar de assunto, mas não muito. — Tive sorte de Bard não ter nada dessa hereditariedade. Talvez isto tenha sido a única coisa acertada em todo este caso.

Antes de encontrarem as legiões de Serrais, tiveram que caminhar mais um dia inteiro, e isto significou outra noite acampados na estrada. Sob condições normais, Paul nem avistava Melisendra quando estavam engajados no exército; porém, próximo ao acampamento havia um pequeno arvoredor com um poço, e quando ele perambulava por ali, enquanto a garoa noturna começava a cair (Bard explicara-lhe que aquilo era normal naquela estação, a não ser quando se achavam no auge do verão... mas que clima!), Melisendra, enrolada no seu manto cinzento de leronis, fez-lhe um sinal. Deixaram-se ficar abraçados por alguns minutos, porém quando murmurou algo para ela mexendo com a cabeça

sugestivamente na direção das árvores protetoras, ela recusou com a cabeça.

— Não seria conveniente. Desta forma não, com o exército. Não acha que também quero, meu adorado? Mas nossa hora chegará.

Ele já estava prestes a protestar — como sabia ele se ainda teriam algum tempo, depois desta campanha? -, mas a expressão no olhar dela impediu-o de o fazer. Não podia tratar Melisendra como uma seguidora de acampamento. Logo depois, ela voltava para junto dos outros leroni. Ela explicou que o pai ficaria zangado até mesmo por este abraço às escondidas, teria pensado que ela estava agindo mal; não que se importasse com quem ela amasse, mas por fazê-lo furtivamente, assim, em campanha, quando todos os outros devem deixar as pessoas amadas para trás, isto era vergonhoso. Depois que ela se foi, Paul ficou observando-a pensativamente, refletindo que esta era a primeira vez que ele atendia a uma recusa por parte de uma mulher. Se outra mulher qualquer lhe tivesse feito isto, ele a teria considerado uma vagabunda barata e manipuladora, procurando dominá-lo... O que estava lhe acontecendo? Por que Melisendra era diferente?

Um pensamento indesejável passou por sua cabeça, seria possível que sua própria atitude, naqueles dias, tinha deixado algo a desejar? Paul não era uma pessoa inclinada a questionar a retidão de seus próprios motivos e ações, e esta era uma idéia nova para ele, algo para ser afastado de imediato. Melisendra era diferente, só isso, e o amor era a arte de se fazer exceções.

Contudo, aquela parecia ser a noite dos pensamentos indesejáveis. Ficou deitado, desperto, incapaz de conciliar o sono e pensando no que aconteceria quando Bard descobrisse que aquilo não se tratava de um caso accidental com Melisendra, mas que a desejava para toda a vida. E se ele e Bard eram o mesmo homem, com os mesmos gostos e desejos sexuais, por que não tinha se cansado de Melisendra logo, como acontecera com Bard?

Não tenho nenhum sentimento de culpa com relação a ela e portanto Melisendra não me deixa constrangido... e Paul quase riu; Bard sente-se culpado por alguma coisa? Bard estava tão livre do

padrão de culpa neurótico quanto qualquer outro homem que Paul jamais conhecera, tão livre dele quanto o próprio Paul. A culpa era uma coisa engendrada pelas mulheres e padres para impedir que os homens fizessem o que desejavam e tinham força para fazer, um instrumento dos fracos para conseguirem seu próprio caminho... Ainda assim, passou-se muito tempo antes que Paul pudesse adormecer. Ficou imaginando com tristeza o que estava acontecendo com ele neste mundo.

Pelo menos ele era melhor do que a caixa de estase. E com este pensamento conseguiu, finalmente, conciliar o sono.

O dia seguinte amanheceu cinzento e triste, com a chuva caindo forte, e Paul ficou surpreso por tentarem avançar; embora um rápido pensamento o tenha feito ver que, num clima daqueles, se permitissem que a chuva os detivesse, nunca fariam nada. E, na verdade, viu pastores, montados em estranhos animais chifrudos, tomando conta de rebanhos nos campos, rebanhos que eram, explicou-lhe Bard, de coelhos com chifres; e fazendeiros, muitos deles mulheres, enrolados em pesados mantos de lã xadrez, arando seus campos. Pelo menos, pensou ele mal-humorado, não precisavam se dar o trabalho de regar suas colheitas. Estava contente por não ser um fazendeiro. Pelo pouco que sabia sobre eles, ou estavam encharcados ou secos demais. Cavalgaram pelas margens de um lago e viram barquinhos ao largo sob a chuva, arrastando redes. Ele imaginou que uma criação de peixes era um bom negócio para ser realizado sob esta chuva.

Por volta do meio-dia — os dias eram mais longos aqui e Paul nunca tinha certeza das horas, a menos que pudesse ver o sol — pararam para comer as rações frias servidas pelos intendentess: pão comum, com passas, ou algum tipo de fruta seca, e nozes assadas dentro dele, um tipo de queijo suave, um punhado de nozes com cascas e o vinho claro e amargo que, no entanto, era bastante encorpado, revigorante e esquentava. Era, ele sabia, a mais comum das refeições da região rural, e ele achava que poderia se acostumar a ela.

No meio da refeição, o ajudante de Bard apareceu para chamá-lo. Ao se erguer para obedecer à convocação, Paul percebeu os

olhares e comentários; talvez fosse conveniente avisar Bard de que este seu suposto favoritismo por alguém que era, no final das contas, um recém-chegado nas suas legiões, poderia lhe criar problemas. Contudo, ao se referir a isso, Bard limitou-se a dar de ombros.

— Jamais faço o que se espera; eis uma das razões por que mereci o apelido de Lobo — explicou: — Minhas atitudes deixam as pessoas confusas.

Comunicou a Paul que um dos batedores acabara de chegar, trazendo notícias de que o exército de Serrais não se achava muito distante. Assim que o tempo clareasse, iria mandar pássaros-sentinela para localizarem sua posição exata assim como a sua formação.

— Porém, disponho de um jovem Iaranzu com a Visão — esclareceu -, e talvez possamos pegá-los de surpresa sob a chuva. Ruyven — ordenou a um de seus ajudantes -, vá rápido procurar Rory Lanart e diga-lhe para vir falar comigo logo que terminar sua refeição.

Quando Rory chegou, Paul notou com assombro que o jovem Iaranzu não devia ter mais do que 12 anos. Será que neste mundo as crianças combatiam em batalhas de feitiçaria e iniquidade? Sentiu-se mais aflito ainda quando se lembrou do pequeno Erlend e na pedra da estrela que pendia de seu pescoço. Erlend ia crescer num mundo igual a este? Observou a criança olhando para dentro da pedra, transmitindo a informação desejada num tom de voz tranqüilo e indiferente, e ficou imaginando o que pensaria Melisendra em ter o filho criado assim.

Bard, afinal, não passa de um chefe bárbaro num mundo bárbaro. Ele e eu não somos o mesmo homem. Ele é o homem que talvez eu tivesse sido nesta sociedade bárbara.

Levantou a cabeça e deparou com Bard a observá-lo; mas seu sócia não lhe deu nenhum sinal ou pista a respeito de se teria ou não lido seus pensamentos. Falou apenas:

— Já acabou de comer? Leve com você o que quiser... sempre coloco algumas nozes no meu bolso para ir mastigando enquanto cavalgo... e diga aos ajudantes para prepararem os homens, pois

retomaremos nosso caminho. Rory, vá à frente do exército comigo, precisarei de você e alguém deveria conduzir seu cavalo se for necessário consultar a Visão.

Ainda não fazia uma hora que tinham reiniciado a marcha, segundo os cálculos de Paul, quando chegaram ao topo de uma colina. Bard estendeu o braço sem nada dizer. Espalhado pelo vale achava-se um exército, em forma e aguardando, e Paul identificou, mesmo àquela distância, o verde e ouro de Serrais no estandarte. Entre eles e o exército de Serrais, lá embaixo, havia um pequeno bosque, alguns grupos de árvores esparsas e vegetação rasteira. Uma inesperada revoada de pássaros rumou para o céu, perturbados enquanto se alimentavam nas moitas. Paul podia ouvir o pensamento de Bard: Está feito, isto é o fim de qualquer idéia de que nos seria possível atacá-los de surpresa. Mas seus leroni deviam ter um melhor sentido do que este. E, sem dúvida alguma, têm leroni com eles.

Os ajudantes estavam passando ao longo das filas de homens, colocando-os segundo o plano de combate que Bard tinha debatido, rapidamente, com Paul — uma das coisas que os outros ajudantes não gostavam, ele o sabia, era o fato de seu líder conversar com Paul, um forasteiro e recém-chegado, como se fosse seu semelhante. Eles ignoravam totalmente, é claro, o quanto Paul era idêntico a Bard. Contudo, pressentiam algo e isto os deixava aborrecidos. Algum dia, Paul o sabia, quando dispusessem de tempo, ele teria que enfrentar aquilo. E pensou, com um toque de divertimento, que quando ele e Bard estivessem liderando exércitos separados, cada qual acreditando estar sendo comandado pelo Lobo de Kilghard em pessoa, pelo menos o ponto de atrito teria desaparecido; não haveria nenhum forasteiro intruso para se intrometer entre Lobo e seus leais seguidores.

O sinal era, como sempre, o desembainhar da espada por parte de Bard. Paul observava, a mão colocada sobre a empunhadura da espada, aguardando que Bard desse o sinal para atacar. A chuva se transformara numa garoa e apenas alguns pingos esparsos caíam. Agora, de repente, através de uma brecha imensa entre as nuvens, o descomunal sol vermelho surgiu flamejante,

espalhando sua luminosidade sobre o vale. Paul ergueu os olhos para cima, pensando que era melhor combater sem a chuva, mas consciente de que a terra sob eles ainda continuava encharcada e escorregadia para quando os cavalos disparassem para atacar. Mestre Gareth afastara seu pequeno exército de feiticeiros, envoltos em seus mantos cinzentos, um pouco mais para o lado, a fim de mantê-los fora do caminho de ataque. Quando Paul participara da primeira batalha, sentira-se preocupado com Melisendra. Agora, sabia que ela não corria nenhum risco físico num combate deste tipo. Mesmo sob o imenso manto cinza, ele podia localizá-la através de sua maneira de montar.

Viu Bard desembainhar a espada — em seguida ouviu-o gritar e notou que ele erguia a espada para cortar o espaço vazio. O que é que ele está vendo, em nome de Deus? E todos os homens que cavalgavam próximos a ele comportavam-se da mesma forma — vibravam as espadas no ar, berravam, levantando os braços para protegerem os olhos contra uma ameaça invisível; até os cavalos estavam recuando e relinchando desesperados. Paul nada via, não sentia cheiro algum, embora um dos homens tivesse gritado: "Fogo! Olhe lá", e despencou de sua montaria, rolando para longe, berrando. E, de repente, quando seus olhos encontraram-se com os de Bard, ao entrarem em contato com seu gêmeo, os dois viram a mesma coisa: sobre suas cabeças, descrevendo círculos, guinchando, voavam estranhos pássaros, mergulhando perversamente rumo aos olhos, fazendo os cavalos recuarem enquanto seus hálitos fétidos invadiam tudo; e o que era mais pavoroso ainda, os pássaros tinham semblantes de mulheres, contorcidos em esgares lascivos...

Paul viu tudo isto através dos olhos de Bard; e através de seus próprios olhos... o dia permanecia calmo, o sol refletindo-se sobre o vale, os exércitos de Serrais preparando-se, rápidos, para rechaçar o ataque. Paul ergueu-se na sela, os pés forçando os estribos, sua espada cortando o ar vazio. Ele berrou... ele o sabia, com a voz de Bard:

— Não há nada ali, homens! Tudo não passa de uma ilusão! Que diabos estão fazendo os leroni? Vamos... ataquem!

A rápida reação de Bard àquelas palavras o tranqüilizou. Ele gritou:

— Atacar! — e liderou o ataque, cavalcando através da ilusão... Paul viu através dos olhos dele a hárpia diabólica que mergulhava rumo a sua vista e percebeu que Bard se abaixava, mesmo sabendo que aquilo não passava de uma ilusão. Sentiu o fétido cheiro da mulher-besta, mas o terror paralisador havia sido quebrado; Paul tinha retornado a sua própria consciência e esbravejava, a espada em riste, avançando rumo à primeira fila do exército de Serrais, que se aproximava.

Um homem intrometeu-se diante de seu cavalo, ele brandiu a espada e viu o soldado despencar no chão. E, então, estava combatendo corpo a corpo, sem dispor de tempo para desperdiçar com horrores mágicos, ou para vê-los através dos olhos de Bard. Naquele momento, pouco se lhe dava o que Bard estivesse vendo, se estava ou não ali para ser visto ou se era o resultado de magia ou da ciência do laran.

Ainda tinham conseguido atacar o exército de Serrais, que confiara nas suas feiticeiras para retardar a carga, pelo menos um pouco de surpresa. A batalha não foi rápida; contudo, nem tão demorada quanto Paul, ajudando Bard a dominar as forças chefiadas contra eles, tinha imaginado que seria. Bard encontrava-se milagrosamente ileso no final do combate. Paul considerava aquele fato milagroso, pois durante todo o transcorrer da batalha, para qualquer lado que ele olhasse, deparava com Bard lutando com denodo. O próprio Paul levou um golpe de espada na perna, que causou mais estragos às suas calças do que à sua pele. Quando o exército de Serrais, dispersado, fugiu, e Dom Eiric rendeu-se pessoalmente — Bard enforcou-o logo sob a acusação de quebra de juramento -, o sol estava se pondo e Paul, sentindo a perna gélida sob os farrapos que tinham sobrado de suas calças de couro, foi auxiliar os ajudantes a organizarem o quartel-general numa das casas de uma aldeia próxima, que para isto fora requisitada. Os homens já estavam dispostos a saquear e violentar as mulheres, para depois incendiarem a aldeia, porém Bard os conteve.

— Esta gente é vassala de meu irmão; revoltosos, é verdade, mas ainda assim nossos súditos, e como podem ter sido forçados a ceder à vontade do exército de Serrais através de ameaças pavorosas que talvez lhes tenham sido feitas, nós lhes daremos a oportunidade de provarem sua lealdade ou não, quando podem agir livremente sem ter um exército ameaçando-os. Serei enérgico com qualquer homem deste exército que tocar num só de nossos súditos, seja ele leal ou desleal. Paguem aquilo que pegarem e não ponham as mãos em nenhuma mulher que se recuse a acompanhá-los.

Paul, ouvindo Bard dar estas ordens, refletiu que desconhecia em Bard este tipo de sensibilidade, ou que conseguisse conter homens já prontos para dar início ao saque. Contudo, ao comentar o assunto com Bard, este sorriu. Falou:

— Não seja tolo. Não estou sendo generoso, embora aquilo que disse seja a verdade e ainda mais porque a casa real das Astúrias e eu ficaremos com todo o crédito de termos sido condescendentes com estas pessoas. Porém é mais do que isto, muito mais. Simplesmente, não há coisas suficientes para serem pilhadas ou mulheres para satisfazer este exército. E depois que tivessem roubado tudo que havia para pilhar, iam começar a discutir a respeito dos despojos e acabariam se retalhando em pedacinhos... e não posso admitir uma coisa destas no meu exército — deu um sorriso malicioso e continuou: — De qualquer modo, os oficiais contam com um pouco mais de tolerância... e a primeira que escolher será sua, pois foi você quem liderou o ataque. Afinal de contas, talvez não sejamos tão parecidos assim... você se revelou mais corajoso do que eu. Comandar o ataque diretamente contra aquele ninho de hárpias! Ou será que você apenas começou a suspeitar, antes que isto me passasse pela cabeça, que tudo era apenas uma ilusão? Paul balançou a cabeça:

— Nem uma coisa nem outra. — Simplesmente não vi coisa alguma.

Bard fitou-o, perplexo:

— Não viu... nadinha?

— Nada mesmo. Comecei a vê-las depois de um certo tempo, através de sua mente... mas então, só via aquilo que você via e

tinha consciência disso.

Bard franziu os lábios e assobiou:

— Isto é muito interessante. Você captou o incêndio da torre de Hali... deuses de cima e de baixo, aquele era um assunto penoso! As guerras deviam ser conduzidas às custas de espadas e força, não com feitiçaria e bombas incendiárias! Esta droga infernal que eles usam é feita através da magia nas torres; não existe nenhum processo normal capaz de fabricá-la!

— Concordo plenamente com você — afirmou Paul -, porém captei aquelas imagens através da mente de Melisendra. Não as vi diretamente.

— É verdade. O sexo cria um laço. E já suspeitei várias vezes que Melisendra é uma telepata catalisadora. Numa torre ela seria usada para despertar o laran latente naquelas pessoas que, por algum motivo, não o podem usar. Desconfio que ela tenha despertado, sem que o sentisse, o pouco de laran existente em mim. Deus me livre que ela pense algum dia que lhe devo algum favor. E há momentos nos quais acho que não é nenhum privilégio se ter um pouco de laran, se bem que a maioria das pessoas pense o contrário. Há momentos em que sinto vontade de ser imune ao laran, ou, no mínimo, às ilusões. Se você não tivesse comandado o ataque, esta manhã, teríamos perdido o pouco que nos restava de vantagem. Quanto ao fato de ser imune ao laran... pois só é capaz de captá-lo diretamente de minha mente, ou da de Melisendra, ou de uma outra pessoa muito chegada a você... ora, talvez isto até seja uma vantagem. Talvez voltemos a conversar a respeito disto mais tarde. Tenho um trabalho que você poderá fazer para mim — seus olhos estreitaram-se e ele olhou para Paul com malícia. — Terei que pensar a respeito. Enquanto isto, estou com esta aldeia rebelde nas mãos e preciso lidar com ela. Fique de pé aí atrás e preste atenção ao que vai acontecer; talvez, algum dia, venha a ter que agir assim.

Paul, admoestado, ficou escutando Bard dar orientações sobre os homens que tinham auxiliado o exército de Serrais. Naquele ano teriam que pagar impostos dobrados; qualquer um sem condições de pagar os impostos teria que cumprir quarenta dias de trabalho

forçado nas estradas — Paul já havia aprendido que o ciclo de quarenta dias, correspondente ao período da lua cheia, representava a finalidade social de um mês, totalizando quatro períodos de dez dias. As mulheres, também, acompanhavam o ciclo da lua cheia de quarenta dias na sua menstruação. E no final festejavam este privilégio.

Um dos oficiais de Bard falou:

— Com todo o respeito, Lorde General, o senhor deveria ter mandado logo incendiar a aldeia.

Bard balançou a cabeça:

— Precisaremos de bons súditos para pagar impostos. Homens mortos não mantêm nenhum exército, e precisamos do trabalho das mãos deles; e se os enforcarmos teremos que, de algum modo, sustentar suas mulheres e filhos... Ou está sugerindo que sigamos o exemplo dos mercenários das Dry-town e vendamos mulheres e crianças para os bordéis para ganharem as próprias vidas? Como é que pessoas assim se sentiriam com relação ao Rei Alaric, a ponto de nada dizer sobre suas legiões?

Mestre Gareth disse baixinho às suas costas:

— Estou surpreso. Quando ele era um garoto, ninguém seria capaz de supor que Bard di Asturien, corajoso como ele só, iria se tornar um adulto com tal senso político.

Uma jovem bonitinha, de cabelos ruivos e corpo roliço, aproximou-se deles, fazendo uma reverência de cortesia:

— A casa de meu pai é seu quartel-general, Lorde General. Posso lhe servir vinho de nossas adegas?

— Vejam só — exclamou Bard -, aceitaremos com todo o prazer. Sirva-o também para meu pessoal, se estiver de acordo. E muitíssimo obrigado pelo seu trabalho, minha cara — sorriu para ela, que lhe retribuiu o sorriso.

Paul, lembrando-se de que as mulheres leroni tinham sido todas acomodadas na extremidade final da aldeia, numa casa isolada, e que quatro homens tinham sido escolhidos para montarem guarda e proteger sua privacidade, recordou-se das histórias que corriam de boca em boca entre os soldados de que Bard tinha uma reputação infernal junto às mulheres.

Contudo, antes que a garota tivesse tido tempo de retornar com o vinho, bateram à porta, e uma das integrantes da Irmandade da Espada, com a túnica escarlate em andrajos e ainda suja devido à batalha, embarafustou na sala.

— Meu lorde! — exclamou ela, e caiu de joelhos diante de Bard. — Venho apelar à justiça do Lobo de Kilghard!

— Se é uma das que lutou por nós na batalha, mestra — disse Bard -, atenderei ao seu pedido. O que a perturba? Se qualquer um dos homens de meu exército pôs a mão em você... pessoalmente, não acho que as mulheres devam ser soldados, mas se luta no meu exército, está sob a minha proteção. E o homem que a tocou, contra a sua vontade, será castrado e depois enforcado.

— Não — retrucou a mulher de túnica vermelha, colocando a mão sobre o punhal preso ao seu pescoço. — Se isto tivesse acontecido, o homem já estaria morto pelas minhas mãos ou pelas de minha irmã de voto. Mas, no exército de Serrais havia algumas mercenárias da irmandade, meu senhor. A maioria fugiu junto com o exército; contudo, algumas estavam feridas e outras ficaram para auxiliar suas irmãs, e agora que a batalha terminou, seus soldados não a estão tratando com a cortesia que habitualmente é concedida aos prisioneiros de guerra. Uma delas já foi estuprada, e quando recorri aos sargentos pedindo-lhes para pôr um ponto final naquilo, disseram-me que se uma mulher foi para o campo de batalha, deveria se certificar de não perder a batalha, ou seria tratada não como um guerreiro, mas como uma mulher... — a boca da mulher-soldado estava tremendo de tanta revolta.

Bard ergueu-se depressa:

— Evidentemente porei um ponto final nisto tudo — avisou, e fez um sinal para que Paul e alguns de seus oficiais o seguissem. Saíram todos da tenda.

Seguiram a mulher de vermelho através da aldeia e da balbúrdia que imperava do lado de fora, pois o exército preparava-se para acampar, porém não tiveram que se afastar muito da aldeia e logo ficaram sabendo a que a mulher se referira. Escutaram uns gritos femininos, e um grupo de homens se juntara em torno de uma das tendas, fazendo ruídos libidinosos de encorajamento. Num

dos lados estava havendo uma briga, onde um grupo de mulheres de vermelho brigava para atravessar o grupo dos homens. Em meio à confusão e ao tumulto sobrepujou a voz enfurecida de Bard.

— Mas que significa isto, com mil demônios! Afastem-se!

— Lorde General...

Murmúrios, exclamações de surpresa por causa da presença dele. Bard puxou a lona da tenda com um repelão e dois minutos depois dois homens saíram de lá tropeçando sob um violento chute. No interior uma mulher chorava convulsivamente. Bard se deteve para dizer algo ao guarda que Paul não conseguiu ouvir, depois tornou a levantar a voz:

— De uma vez por todas, dei minhas ordens: nenhum civil deve ser tocado e nenhum prisioneiro maltratado! — meneou a cabeça na direção dos dois homens que tinha chutado. Estavam sentados no chão, já inteiramente embriagados, as roupas desabotoadas, perplexos. — Caso estes homens tenham amigos por aqui, que tratem de levá-los para seus alojamentos e recuperá-los da bebedeira.

Um murmúrio percorreu as fileiras e um dos homens perguntou bem alto:

— Podemos tomar aquilo que o outro exército tem, isto é o costume na guerra! Por que nos recusa o que é habitual, General Lobo?

Bard voltou-se na direção de onde partia aquela voz e disse revoltado:

— Vocês têm permissão de se apoderar de suas armas, nada mais do que isto. Por acaso, forçaram qualquer homem do exército inimigo a lhes servir como passatempo?

Houve um murmúrio de ultraje diante daquela idéia.

— Portanto, mantenham as mãos longe destas mulheres, estão me ouvindo? E enquanto permanecerem aqui, vou repetir o que disse a este soldado aqui — fez um gesto na direção da mulher da irmandade. — Qualquer um que encostar a mão numa das integrantes da irmandade, que combateu lado a lado conosco pela honra e poder das Astúrias e do reino do Rei Alaric, será primeiro

castrado e depois enforcado, nem que eu o deva fazer pessoalmente! De uma vez por todas, compreendam isto!

Mas, a mulher de vermelho atirou-se aos pés de Bard.

— Não vai punir os homens que ultrajaram minhas irmãs? Bard balançou a cabeça.

— Pus um ponto final nisto; porém meus homens agiram por ignorância e não os punirei. Ninguém mais tocará num prisioneiro; mas o que foi feito, está feito, e não darei às mulheres que combateram contra mim o mesmo tipo de proteção que dou aos meus exércitos... ou de que adianta, afinal, fazer parte de meus exércitos? Caso as mercenárias da sua irmandade estejam dispostas a jurar aliança às Astúrias e combaterem junto aos meus exércitos, lhes darei tal proteção; caso contrário, não. Contudo — acrescentou bem alto, passando os olhos pelos homens agrupados ao seu redor -, se qualquer um de vocês tocar num prisioneiro, a não ser segundo permite o costume, mandarei chicoteá-lo e deixará de receber o soldo a que faz jus, está claro? — percebendo que a mulher estava prestes a dizer algo mais, ele a impediu: — Basta, já avisei. Nada mais de brigas. Vamos, homens, dispersar! Vão cuidar de seus afazeres! Se tornarem a brigar, haverá açoitamento e cabeças quebradas amanhã!

De volta ao quartel-general, os oficiais terminaram de beber o vinho e iam começar a desempenhar suas incumbências. A garota ruiva, que fazia Paul se lembrar de Melisendra, colocou uma taça em suas mãos e sorriu:

— Tome, meu lorde, termine seu vinho antes de se retirar.

Ele ergueu o rosto para ela e bebeu, passando o braço ao redor de sua cintura. O sorriso que ela lhe deu o fez entender; aquela sua atitude não havia sido mal recebida e ele a puxou mais para junto de si. Uma mão caiu sobre o ombro dele e a voz de Bard ressoou:

— Largue-a, Paul. Ela é minha.

Paul xingou mentalmente, sabendo que já devia ter esperado por isto. Durante a campanha, já havia percebido que ele e Bard tinham o mesmo gosto com relação às mulheres. Bem, naturalmente, se é que representavam o mesmo homem, queriam a

mesma coisa com as mulheres, e não era aquela a primeira vez que seus olhos tinham caído sobre a mesma seguidora de acampamento ou mulher da vida numa cidade conquistada. Contudo, essa era a primeira vez que acontecia uma confrontação direta. Paul pensou, ele me deve algo por ter liderado o ataque, e deixou o braço, obstinadamente, em volta da cintura da garota. Desta feita, que inferno, ele não ia desistir!

— Ora esta! — exclamou Bard.

Paul notou que ele já estava embriagado; que o restante dos oficiais já se retirara, deixando-os a sós com a mulher. Colocou a mão sob o queixo da garota e perguntou:

— Qual de nós dois você quer, menina?

Ela, sorrindo, olhou para um e para outro. Também estivera bebendo. Ele sentia o cheiro adocicado do vinho no seu hálito, talvez ela ou sua percepção tinha um toque de laran, pois ela respondeu:

— Como posso escolher um de vocês dois se são tão idênticos? Ora, não são gêmeos? O que deve fazer uma pobre garota se ao escolher um terá que abrir mão do outro?

— Não há necessidade disto — disse Paul, enquanto bebia o vinho, percebendo que este era bem mais forte do que o que tomara antes e estava consolidando sua bebedeira. — Não há necessidade, não é mesmo, irmão, de provarmos qual de nós dois é o melhor homem, que tal? — ele nunca tinha expressado ter conhecimento de sua rivalidade inconsciente antes disto. E se Bard era, de algum modo, uma metade velada dele mesmo, não era esta a maneira de se chegar a um acordo?

A garota olhou para os dois, rindo, e virou-se para mostrar-lhes o caminho:

— Aqui.

Paul não estava tão bêbado assim, a ponto de perder inteiramente a lucidez. Bard fez um movimento para jogar uma moeda para o ar. Paul não ficou surpreso — este tipo de escolha por sorte era habitual em algumas culturas bem diferentes umas das outras -, mas ele deu um passo atrás, observando a nebulosa e elegante dança de corpos, Bard e a garota, seu corpo no dela, enquanto Bard atirava-se na cama, puxando-a para cima dele. Paul

experimentou uma ligeira surpresa... se fosse ele, teria deixado a jovem por baixo de seu próprio corpo... porém o pensamento estava distante, parecia um sonho. Atirou-se na cama ao lado dos dois, as mãos deslizando pelas costas sinuosas da garota, através de seus cabelos sedosos. Ela se virou um pouquinho e seus lábios comprimiram-se contra os dele enquanto ela deixava escapar um soluço de excitação à medida que Bard a penetrava. Ela descobriu um momento e uma mão livre para provocá-lo, acariciando seu sexo com as pontas dos dedos. Paul, abraçando-a, descobriu que tinha todos os dois em seus braços, mas isto parecia não ter importância; parecia um sonho, nada era proibido agora, e ele sabia que os três corpos, enlaçados, transformaram-se numa dança astuciosa. A maciez da mulher parecia apenas uma desculpa para despertar e alimentar seu prazer, sabendo da excitação de Bard e compartilhando dela. Aquilo era oniricamente um despropósito; ele soube quando a possuiu que Bard, agora em total contato, compartilhava do prazer da mesma forma que ele. Nunca soube, nunca quis saber, quanto tempo aquilo durou, ou em que altura, a garota esquecida, viu-se sob o abraço violento de Bard, toda a maciez finda agora, uma luta quase até a morte, presos juntos em algo que não conseguia identificar nem como paixão nem como ódio; e num lampejo final e sardônico de isolamento ficou imaginando se isso poderia ser denominado, se realmente eram o mesmo homem, sexo ou a masturbação suprema e então não veio ao caso se a explosão violenta era orgasmo ou morte.

Despertou sozinho, a cabeça latejando. A garota tinha sumido, e ele nunca mais pôs os olhos nela novamente. Ela não representara nada, fora apenas a desculpa para a violenta confrontação com seu sócia secreto, sua outra metade, sua metade conhecida desconhecida do outro. Molhou o rosto com a água gélida do balde e ainda estava sem fôlego com o choque causado pelo frio, quando Bard entrou.

— Meu ordenança trouxe uma jarra de *jaco* quente. Se a sua cabeça estiver fazendo o que a minha faz, você poderia tomar a metade do conteúdo. — O líquido cheirava a chocolate amargo, mas o efeito era praticamente o mesmo de um café bem forte, e Paul

sentiu-se satisfeito por poder tomá-lo. Bard serviu-se de mais uma caneca. — Quero conversar com você, Paolo. Sabe que salvou o dia de ontem? A infernal ilusão da hárpia era desconhecida e os leroni não se encontravam preparados para ela. Era tão real! E você não viu nada?

— Apenas através da sua mente, como já lhe expliquei.

— Isto significa que você está imune a este tipo de ilusão. Gostaria de ousar confiar em Mestre Gareth! Talvez ele possa explicar isto. E entre outras coisas, isto lhe dá uma vantagem caso venha a ter que comandar o exército um dia. E os homens o seguirão; mas terá que ser muito cauteloso com os leroni, eles pressentem algo estranho em você — soltou uma gargalhada baixa. — Uma coisa boa sobre o pacto de Dom Varzil esquecido por deus... podemos lutar sem termos aqueles corpos retorcidos de feiticeiras nos acompanhando, caso cheguem a decidir pôr o pacto em uso!

— Pensei que você e Mestre Gareth eram amigos... que dependesse dele!

— É verdade — retrucou Bard. — Ele me conhece desde que eu e meus irmãos de criação éramos crianças. Mas, ainda assim, gostaria de dispensar os serviços dele e mandá-lo para uma torre a fim de passar na tranqüilidade a sua velhice! Quando esta terra estiver finalmente em paz outra vez, talvez Alaric se decida a prestar juramento ao pacto. Não quero meus futuros súditos sendo expulsos para fora de seus lares e no lugar que espalharam pó de bonewater, no ano passado, ouvi as parteiras comentarem sobre o nascimento de crianças sem braços, pernas ou olhos, com fendas palatinas, a coluna saindo através da pele das nádegas, coisas que não se vêem duas num mesmo ano e agora há dúzias delas... tem que haver alguma ligação! E homens e mulheres morrendo devido ao sangue que vira água... e o pior de tudo, ainda é perigoso ir até lá. Suspeito que a terra ficará afetada durante anos, talvez uma geração ou duas! Há muita bruxaria em volta!

Como conseguiam eles, pensava Paul, produzir poeira radiativa através da força do pensamento? Pois, pela descrição de Bard, tratava-se certamente de algum tipo de produto de radiação. Ora, se o laran conseguia fazer as outras coisas que ele sabia que podia,

não deveria ser um truque muito grande separar moléculas em seus átomos componentes, ou combiná-las em elementos radiativos pesados.

Ele disse com um laivo de ironia:

— E, evidentemente, não deveria ser imune a este tipo de laran!

— Não, eu não diria isto. Talvez sua mente seja imune, porém o seu corpo não é diferente do de qualquer outra pessoa. No entanto, existem determinados tipos de laran aos quais você deve estar imune e eu não; e, por isto, tenho uma tarefa para você. A força principal de Serrais está acabada. Soube, ainda hoje, que os Aillards, depois do bombardeio de Hali, juraram aliança ao pacto, o que significa que todas aquelas terras ao Sul, nas planícies de Valeron, doze ou treze reinos ao todo, estarão prontas para serem conquistadas. E, portanto, tenho uma tarefa para você — fechou o rosto, os olhos pregados no chão. — Quero que vá ao Lago do Silêncio e traga Carlina de volta para mim. O lago é protegido com feitiçaria, mas não se importará com isto. Você pode atravessar as defesas, ignorar suas ilusões, raptá-la e trazê-la para cá.

— Quem é Carlina? — indagou Paul. Contudo, já conhecia a resposta antes mesmo de Bard formulá-la.

— Minha mulher.

## Capítulo Quatro

Amanhecia no Lago do Silêncio e na Ilha Sagrada uma interminável procissão de mulheres, todas envergando roupas negras, cada qual com uma capa negra que as cobria desde a cabeça e a face com o formato de foicinha das sacerdotisas pendendo de sua faixa, se arrastava pela praia, saída do templo em forma de colméia e rumando para as respectivas casas em que moravam.

A Sacerdotisa Liriel, que fora conhecida, no mundo secular, como Carlina, filha do Rei Ardrin, caminhava em silêncio entre elas, uma parte de sua mente ainda ouvindo a oração matinal.

— Tua noite, mãe Avarra, cede lugar ao amanhecer e à luminosidade do dia. Porém, ó mãe, para a tua escuridão todas as coisas deverão retornar um dia. Como realizamos teus trabalhos de misericórdia na claridade, jamais nos deixe esquecer que toda a luz deve desaparecer, e apenas a tua escuridão permanecerá finalmente...

Contudo, enquanto entravam no grande prédio feito de taipa que servia de refeitório para as sacerdotisas, a mente de Carlina dirigiu-se para outras coisas; era a sua vez de ajudar no salão. Dependurou sua pesada capa num gancho na entrada e entrou na imensa e sombria cozinha, onde se envolveu num imenso avental branco que cobria toda a sua saia e túnica negras, amarrou a cabeça com uma toalha branca e começou a servir o mingau que tinha fervido a noite toda numa chaleira imensa colocada sobre o fogo. Quando todo o mingau já havia sido servido nas tigelas de madeira, fatiou imensas bisnagas e colocou-as sobre uma bandeja de madeira, encheu os pequenos vasos de barro com manteiga e mel que eram dispostos intercalados sobre a comprida mesa do café da manhã, e à medida que os bancos foram se enchendo de figuras vestidas de negro, passou por entre elas, servindo leite frio ou chá de quina quente trazido em jarros. No café da manhã era permitido conversar, se bem que as outras refeições eram feitas em silêncio e meditação. Todas conversavam e davam alegres risadas, uma trégua

diária na austeridade imposta às sacerdotisas na maior parte do tempo. Elas davam risadas e cochichavam como qualquer outro grupo de mulheres faria em qualquer reino. Finalmente, Carlina terminou de servir à mesa e acomodou-se no seu lugar.

— ...mas há, agora, um novo rei em Marenji — informou uma das irmãs à sua esquerda, dirigindo-se a uma outra — ... e já não é o bastante terem que pagar impostos ao rei, convocaram também todos os homens que possam usar armas para combaterem os Hasturs no exército do Lorde General. O Rei Alaric não passa de uma criança, dizem, mas o comandante de suas legiões foi, certa época, um famoso bandido chamado Lobo de Kilghard e que, atualmente, é o Lorde General. Dizem que ele é um horror; já conquistou Hammerfell e Sain Scarp. A mulher que veio trazer couro para fazermos solas dos sapatos disse-me que Serrais também já caiu nas mãos dele. E agora que ele está rumando para as planícies de Valeron, levantará todos os Cem Reinos contra os Hasturs...

— Isto me parece falta de caridade — observou Madre Luciella, que era, segundo comentários, bastante idosa para se recordar do reinado dos antigos reis Hasturs. — Quem é o Lorde General? Não tem nenhum laço de parentesco com a família Hastur?

— Não. O que se comenta por aí é que prometeu tirar o reino das mãos dos Hasturs, e todos os Cem Reinos. Ele é meio-irmão do rei e o verdadeiro legislador, não importa quem esteja ocupando o trono! Irmã Liriel — chamou a sacerdotisa -, a senhora não veio da Corte das Astúrias? Sabe quem poderia ser este homem, o que chamam de Lobo de Kilghard?

Carlina surpreendeu-se diante do "sim" que escapou de sua boca, antes que pudesse se dominar e disse tempestuosamente:

— Irmã Anya, a senhora está a par de tudo. Seja lá o que eu era antes disto, agora sou apenas a Irmã Liriel, sacerdotisa da Mãe Enigmática.

— Não se comporte assim — insistiu emburrada Anya. — Pensei que iria se interessar por novidades de sua terra, talvez até tenha conhecido este general!

Deve ser Bard, pensou Carlina. Não há mais ninguém a não ser ele para ocupar tal cargo. E falou em voz alta, obstinada:

— Não tenho nenhuma pátria agora, a não ser a Ilha Sagrada — e meteu a colher de modo decidido no seu prato de mingau.

... Não. Não tinha o mínimo interesse no que estava acontecendo no mundo além do Lago do Silêncio. Agora, nada mais era do que uma sacerdotisa de Avarra, e pretendia continuar assim por toda a vida.

— Pode falar assim — disse a irmã Anya -, porém quando aqueles homens armados tentaram chegar até a ilha, há seis meses, foi por você que procuraram, pelo seu antigo nome. Acha que a Madre Ellinen não sabia que se chamava Carlina?

O fato de ouvir aquele nome pronunciado em voz alta fez com que Carlina, já tensa, explodisse. A Irmã Liriel levantou-se enfurecida:

— Sabe perfeitamente bem que é proibido pronunciar o nome secular de qualquer pessoa que procurou refúgio aqui e foi aceita sob o manto da mãe! Você transgrediu uma regra do templo. Agora, como sua superior, ordeno-lhe a fazer a penitência adequada!

Anya fitou-a assombrada, os olhos arregalados. Diante da fúria de Carlina, ela baixou a cabeça, depois abandonou seu lugar à mesa, ajoelhando-se sobre o chão de pedra.

— Humildemente, peço-lhe perdão diante de todas nós, minha irmã. E sentencio-me a passar a metade do dia arrancando as ervas daninhas que crescem ao redor das lajes de pedra que calçam o caminho até o templo, sem comer a refeição do meio-dia, a não ser pão e água. Será o bastante?

Carlina ajoelhou-se ao lado dela. Falou:

É rígido demais. Coma a refeição servida, irmãzinha, e eu mesma irei ajudá-la a limpar as pedras quando tiver terminado minhas tarefas na Casa do Doente, pois também fui culpada, por ter perdido o controle sobre mim mesma. Contudo, em nome da deusa, cara irmã, imploro-lhe, deixe o passado permanecer escondido sob seu manto e nunca mais torne a pronunciar aquele nome.

— Que assim seja — retrucou Anya, levantando-se e pegando a tigela de mingau e a xícara e levando-as para a cozinha.

Carlina, seguindo-a com as suas coisas, procurou conscientemente desfazer as marcas que sentia presentes entre as

sobrancelhas. Ouvir aquele nome que tinha abandonado — para sempre, assim esperava — perturbara-a mais do que gostaria de reconhecer, provocara o aparecimento de emoções de há muito esquecidas. Ali havia encontrado paz, companheirismo e trabalho útil. Sentia-se feliz. Na verdade, não se sentira perturbada ou assustada quando Bard tinha vindo procurá-la com homens armados; havia confiado em Avarra para protegê-la e tinha certeza de que esta proteção não haveria de abandoná-la. Suas irmãs a protegeriam. E também os encantos que tinham lançado sobre as águas do lago.

Não, ela não sentira medo. Que Bard se apoderasse de todas as Astúrias, de todos os Cem Reinos, isto nada significava para ela, ele desaparecera de sua mente e perdera qualquer significado que jamais tivera para ela. Era uma adolescente, naquele tempo; agora, era uma mulher, uma sacerdotisa de Avarra e estava a salvo dentro das muralhas do seu lugar preferido.

A Irmã Anya tinha ido fazer o trabalho penoso em volta das lajes de pedra do caminho, que devia ser feito, mas que não podia ser exigido de ninguém e devia esperar até o momento em que alguém se resolvesse a fazer a tarefa como penitência por ter infringido uma regra ou por alguma conduta falha. Ou, ocasionalmente, como uma válvula de escape para energias supérfluas. Carlina sabia que aceitaria de bom grado o penoso trabalho físico de arrancar as ervas daninhas que estavam deslocando as lajes de pedra do caminho, vendo-se livre de suas ansiedades diante da tarefa extenuante e árdua de levantar e mudar as pedras, limpando o terreno das ervas e dos espinhos. Contudo, ainda não estava livre para procurar aquela monotonia que haveria de libertá-la das tensões; aquele era o dia em que devia cuidar dos doentes. Tirou o avental e a toalha, deixou a louça para que as noviças lavassem e foi executar a tarefa que lhe estava designada.

Naqueles anos, desde sua chegada à Ilha do Silêncio, aprendera muito a respeito de tratamento e agora era considerada como uma das mais capacitadas sacerdotisas curadoras do segundo escalão. Algum dia, ela o sabia, haveria de estar entre as melhores, aquelas a quem era entregue o treinamento das outras. Apenas a

sua juventude ainda a mantinha longe deste cargo. Isto não era vaidade, tratava-se apenas de uma percepção realista da arte que aprendera desde que chegara ali, arte da qual não tinha a mínima idéia em sua casa nas Astúrias, pois ninguém na corte jamais se dera o trabalho de transmiti-la e ensinar o seu uso.

Antes de mais nada, havia a rotina secundária de cada dia. Uma noviça havia queimado a mão na chaleira do mingau. Carlina fez um curativo com linhaça e gaze e aplicou-lhe uma pequena lição sobre como ser cuidadosa com o que estava fazendo ao manusear coisas quentes.

— A meditação é excelente — falou ela muito séria -, mas quando se está lidando com vasilhames quentes no fogão, não é o momento adequado para a contemplação devota. Seu corpo pertence à deusa; é seu dever cuidar dele como propriedade dela. Está entendendo, Lori?

Preparou chá para uma das madres que sofria de dor de cabeça e para uma noviça jovem que estava sofrendo de câibras, foi visitar uma das sacerdotisas mais idosas que estava deslizando inconsciente para uma morte tranqüila e suave — pouco podia fazer por ela, a não ser esfregar a mão da anciã, pois a madre já não mais podia vê-la ou reconhecê-la — e deu um pouco de linimento para uma sacerdotisa que trabalhava na vacaria e fora pisada pela pata desajeitada de uma vaca leiteira.

— Esfregue isto no pé, irmã, e no futuro lembre-se, o animal é tolo demais para se preocupar em não pisar no seu pé, portanto deve ser muito sensível e manter seu pé longe de seu caminho. E não volte à vacaria por mais uns dois dias. É bem provável que Madre Allida morra hoje; pode ficar sentada ao lado dela, segurá-lhe a mão e falar com ela se lhe parecer inquieta. Ela poderá ficar lúcida caso o fim esteja próximo. Caso isto aconteça, mande logo chamar a Madre Ellinen.

Depois, foi para a Casa do Estranho, onde, duas vezes em cada dez dias, tinha recebido o encargo de examinar os doentes que vinham pedir ajuda às sacerdotisas de Avarra, geralmente depois que a curandeira da aldeia não conseguira curá-los.

Três mulheres encontravam-se sentadas no banco, em silêncio. Fez um sinal para que a primeira entrasse num quartinho interno.

— Em nome da Mãe Avarra, como posso ajudá-la, minha irmã?

— Em nome de Avarra — respondeu a mulher... ela era uma mulher baixinha, bonitinha e parecia muito tímida -, estou casada há sete anos e jamais concebi um filho. Meu marido me ama e teria aceito isto como sendo a vontade dos deuses, porém seu pai e sua mãe... moramos na terra deles... ameaçaram fazê-lo se divorciar de mim e se casar com uma mulher fértil. Eu... eu... — parou de falar, gaguejando. — Ofereceu-me para educar e adotar qualquer criança que possa ter com outra mulher, mas a família dele o quer casado com uma mulher que lhe possa dar vários filhos. E eu... eu o amo — disse ela, e mergulhou novamente no silêncio.

— Você realmente quer filhos? Ou os considera como um dever seu para com seu marido, um meio de manter seu amor e atenção? — indagou Carlina muito calma.

— As duas coisas — afirmou a mulher, enxugando furtivamente as lágrimas com a ponta do véu.

Carlina, com sua percepção laran sintonizada para captar as modulações na resposta, percebeu a sinceridade da mulher quando ela disse:

— Avisei a ele que criaria os filhos dele com qualquer outra mulher que escolhesse. Temos o filho da irmã dele para criarmos e descobri que adoro criança... Vejo as outras mulheres com seus filhos nos seios e desejo o meu, oh, desejo um meu. A senhora, que fez promessa de castidade, não pode saber o que seja ver outras mulheres com seus bebês e saber que nunca terá um... tenho meu filho de criação a quem dar o meu amor, mas também quero conceber um e desejo ficar com Mikhail...

Carlina refletiu um instante e depois falou:

— Verei o que posso fazer para ajudá-la.

Mandou a mulher se deitar sobre uma mesa comprida. A mulher fitou-a com apreensão, e Carlina, ainda concentrada nela, ficou ciente de que ela tinha suportado as intervenções dolorosas das parteiras que a tinham tentado auxiliar.

— Não lhe farei mal — explicou Carlina -, nem ao menos a tocarei; contudo terá que ficar muito quieta, calma, ou nada poderei fazer.

Tirando sua pedra da estrela do pescoço, permitiu que sua premonição penetrasse profundamente naquele corpo, descobrindo, após algum tempo, o bloqueio que tinha impedido a concepção. E deixou-se levar, nessa percepção, até os nervos, tecidos, quase que de célula em célula, anulando o problema.

Em seguida, fez um sinal para que a mulher se levantasse:

— Nada lhe posso prometer, porém não existe mais nada que a impeça de gerar uma criança. Você me disse que seu marido teve filhos com outras mulheres? Então, dentro de um ano, você deverá ter concebido o seu.

A mulher começou a agradecer, mas Carlina a impediu de continuar:

— Não agradeça a mim, mas sim à Mãe Avarra, e quando for uma anciã, jamais pronuncie palavras cruéis para uma mulher estéril, ou a castigue por isto. Talvez a culpa não seja dela.

Carlina ficou contente, quando viu a mulher indo embora, por ter de fato descoberto um bloqueio físico. Quando nada havia para ser encontrado ela tinha que supor que ou aquela mulher não desejava realmente um filho e, que com o laran que ela não sabia ter, estava impedindo a concepção... ou então que o marido era estéril. Poucas mulheres, e menos homens ainda, podiam acreditar que um homem viril pudesse ser estéril. Há algumas gerações, quando o casamento tinha sido uma questão de grupo, e as mulheres, na verdade, concebiam filhos de homens diferentes, era simples; uma questão de encorajar, simplesmente, uma mulher acanhada ou tímida para se deitar com dois ou três homens além de seu marido, talvez durante o festival, de modo que a mulher podia acreditar, com sinceridade, que a criança havia sido gerada por aquele que tinha escolhido. Mas agora, quando a herança da propriedade calcava-se indubitavelmente na paternidade literal, só lhe restava a escolha desagradável de aconselhar uma mulher a aceitar sua esterilidade, ou arranjar um amante e expor-se à fúria do marido. O velho costume, pensou ela, era mais lógico.

A segunda mulher também se mostrava preocupada com a fertilidade... fato que não surpreendeu Carlina, de vez que a deusa as conduzia até ali por isto mesmo.

— Temos três filhas, porém todos os nossos filhos homens morreram, exceto o último — explicou a mulher -, e meu marido está zangado comigo, pois há cinco anos que não tenho mais filhos, e ele me chama de inútil...

A velha história, pensou Carlina, e perguntou-lhe:

— Diga-me, você quer mesmo outro filho?

— Se meu marido se mostrasse contente, eu também me sentiria assim — disse a mulher, tremendo -, pois dei à luz oito crianças, quatro ainda vivem e nosso filho é sadio, está muito bem e tem seis anos. E nossa filha mais velha já tem idade para se casar. Contudo, não consigo suportar a zanga dele...

Carlina disse resoluta:

— Deve lhe dizer que isto é a vontade de Avarra; e que deve agradecer a ela a misericórdia de que este único filho lhes tenha sido poupado. Deve se alegrar com os filhos que tem, pois não é você que o impede de ter filhos, mas a própria mãe, que lhe disse que você já fez a sua parte ao ter tantos filhos.

A mulher não conseguia esconder o alívio que experimentava.

— Mas ele ficará muito zangado e talvez até me bata...

— Se fizer isto — falou Carlina, e não pôde dissimular um sorriso -, digo-lhe, em nome de Avarra, para pegar uma acha de lenha na lareira e bater na cabeça dele; e enquanto estiver fazendo isto, bata nele por mim também — acrescentou mais séria: — E faça-o recordar, também, que os deuses punem a falta de piedade. Ele tem que aceitar as bênçãos que lhes foram dadas e não ambicionar outras mais.

A mulher agradeceu-lhe, e Carlina pensou, aturdida: Misericordiosa mãe de todos! Oito filhos e estava disposta a considerar a possibilidade de ter mais alguns?

A última mulher estava na casa dos cinqüenta anos, e quando foi chamada para o quartinho explicou, muito timidamente, para Carlina que começara a perder sangue outra vez, quando a época para estas coisas já havia terminado há muitos anos. Ela era magra,

a tez estava amarelada e, pela primeira vez, Carlina, depois de fazer várias perguntas, examinou-a fisicamente e também com a pedra da estrela. Em seguida disse:

— Não tenho competência para tratar disto pessoalmente; deverá voltar dentro de dez dias para consultar uma das mães. Enquanto isto, tome este chá... — e entregou-lhe um embrulho. — Ele atenuará as dores e diminuirá o volume do sangramento. Procure se alimentar bem e veja se engorda um pouco para que tenha forças a fim de suportar qualquer tratamento a que a mãe julgue necessário submetê-la.

A mulher foi embora, agarrada ao embrulho de ervas para fazer chá, e Carlina sentou-se suspirando e pensando sobre aquilo que provavelmente aconteceria. A esterilização talvez salvasse a mulher; apenas as mães experientes poderiam decidir se aquilo valeria a pena ou não, ou se apenas prolongaria o sofrimento da pobre coitada. Se não adiantasse, a sacerdotisa principal lhe daria outro embrulho de chá, porém ele conteria um veneno lento que lhe provocaria a morte antes que as dores a deixassem sem dignidade e paciência. Ela detestava esta decisão. Porém Avarra, na sua clemência, incluía a indução à morte daqueles para quem a morte, em qualquer caso, já era um fato incontornável. Durante toda a tarde, enquanto trabalhava ao lado de Anya arrancando a erva forte e os espinhos retorcidos que deslocavam as lajes e pedras do caminho que conduzia ao templo, pensou nelas, as mulheres que tinha mandado embora, satisfeitas, e naquela que não pudera ajudar. Um pouquinho antes das orações vespertinas, foi outra vez chamada à presença da Mãe Ellinen.

— A Mãe Amalie teve uma visão — disse para Carlina -, advertindo-nos de que iremos necessitar de uma maior proteção. Seremos invadidas novamente. É prevejo que será por sua causa que virão contra nós — deu umas palmadinhas carinhosas na mão de Carlina. — Sei que a culpa não lhe cabe, Irmã Liriel. O mal habita o mundo, pela vontade dos deuses, porém a mãe nos protegerá.

Espero que sim, pensou Carlina, espero mesmo, de verdade.

Contudo, tinha a impressão de que podia escutar Bard pronunciando o seu nome de muito longe e ouvir a ameaça que ele

tinha feito.

Onde quer que vá, onde quer que tente se esconder de mim, Carlina, eu a terei, quer você o queira ou não...

— Carlina, minha mulher — repetiu Bard. — Eu não posso chegar à Ilha do Silêncio, mas você sim, você pode, é imune às ilusões, a menos que as capte através de outra mente que possa ler e não há muitas que possa ler. Você pode ir até a Ilha do Silêncio e trazer Carlina de volta para mim. Contudo, não cometa nenhum erro — advertiu-o -, sei que desejamos as mesmas mulheres e já lhe dei Melisendra. No entanto eu juro, se encostar a ponta de seu dedo em Carlina, eu o matarei. Carlina é minha, e onde quer que possa estar escondida eu a terei!

E, agora, Paul estava imóvel, observando as águas tranqüilas do Lago do Silêncio. Escondido nos penhascos, ele tinha estudado a barca, presa numa corda, com a qual poderia ir e vir de um lado ao outro, embora fosse necessário remar muito para conseguir atravessar. Podia matar a velha barqueira; contudo, observara que duas mulheres vinham de manhã e de noite para lhe trazer comida e um jarro de vinho. E talvez sentissem a sua falta. Depois de muita reflexão, quando ela levou as sacerdotisas de volta para a ilha, Paul esgueirou-se para dentro da cabana que ela ocupava e misturou ao vinho um extrato poderoso, forte e incolor. Aquilo a deixaria inteiramente embriagada, incapaz de saber o que estava acontecendo, e se as sacerdotisas a encontrassem bêbada, tudo que poderia alegar é que havia tomado sua cota habitual de vinho e que, por alguma razão, a tinha afetado. Quando suspeitassem que fora drogada, já seria tarde demais para tomarem qualquer providência a respeito. Ao passo que se a encontrassem morta, ou mesmo inconsciente, amarrada e amordaçada, a primeira coisa que lhes passaria pela cabeça é que havia um intruso na ilha.

Portanto, ele esperou que a velha retornasse da ilha e se sentasse na sua modesta cabana para comer e beber. Ela saboreou com prazer o pão e a fruta que lhe tinham dado, engolindo-os com goles de vinho e, como ele já havia previsto, ela ficou logo tonta e arrastou-se até a cama, onde se deitou. Pouco depois roncava num estado total de embriaguez. Paul balançou a cabeça satisfeito.

Agora, mesmo que percebessem, fisicamente, que ela estava tão bêbada quanto uma gambá, não ficariam alarmadas. Afinal, ela era uma mulher idosa que talvez não resistisse tanto quanto uma pessoa jovem aos efeitos do álcool.

Entrou na barca e remou tranqüilamente através do lago, surpreso com o silêncio sobrenatural da água e dos juncos escuros. Bard tinha-lhe relatado — em rápidas pinceladas — o encanto lançado sobre a barca. Achou o lago opressivo, e por uma ou duas vezes, sentiu uma ligeira tonteira, com a estranha sensação de que estava remando na direção errada, porém olhou para a praia e para a linha-d'água na ilha e continuou remando. Paul havia lido na mente de Bard o terror que tinha experimentado. Nem mesmo por Carlina, Bard estava disposto a enfrentar aquilo novamente, muito menos pôr os pés nas praias onde, comentava-se, qualquer homem que ali chegasse tinha que morrer. Sentiu a opressão aumentando, uma sensação cada vez mais forte de ruína, porém tinha sido avisado contra isto e não se amedrontou. Se fosse um homem deste mundo, vulnerável às suas magias e ilusões, imaginou que naquele momento estaria tremendo de pavor. Levando em consideração o que tinha lido na mente de Bard e na de Melisendra, Paul sentia-se grato pela sua imunidade.

O barco roçou a praia da ilha onde, pelo menos era isto que tinham dito a Paul, nenhum homem colocara os pés há mais tempo do que se podia contar. Não experimentou a mínima sensação de medo... afinal, o que significavam os tabus religiosos daquele mundo para ele? Pessoalmente, sempre havia considerado as religiões como algo inventado pelos padres para controlar os outros e manter a si mesmos na ociosidade. No entanto, hábitos acumulados podiam ter sua própria força, e Paul não se sentia tão ansioso assim para enfrentar isso.

Um caminho bem definido, ladeado por arbustos esparsos, subia o aclive da praia. Paul seguiu ao longo da trilha, mantendo-se à sombra das árvores e escondeu-se atrás de alguns prédios ao ver que duas mulheres desciam o caminho. Vestiam roupas escuras e de suas cinturas pendiam facas pequeninas e curvas. Paul achou que dificilmente pareciam mulheres, eram horrendas, com os rostos

emaciados e queixos bem marcados, mãos imensas e abrutalhadas e os trajes sem forma nada revelavam das curvas femininas. Elas o deixaram assustado. Não tinha a mínima vontade de ser visto por elas, ou ver mais algumas delas do que o estritamente necessário. Algo lhe passou pela memória, sempre fora perigoso espionar os mistérios femininos e por esta razão todas as sociedades sensatas sempre tinham proibido os mistérios das mulheres.

— Pensei ter escutado o barco — comentou uma delas.

— Oh, não, Irmã Casilda. Olhe, o barco está na praia lá adiante — retrucou a segunda, e Paul ficou satisfeito por ter mandado o barco de volta pela corda. A segunda mulher era uma matrona robusta e com papada e ele ficou imaginando por que ela se achava ali... na sua opinião ela estaria melhor em qualquer outro lugar metendo medo nas filhas adultas e nas noras e ensinando o temor a Deus aos netos. Ele imaginava as sacerdotisas virgens como jovens solteiras, lindas e neuróticas, mas nunca mulheres com ares de avó, joviais, gorduchas. Aquilo fez a sua cabeça girar.

— Mas onde está Gwennifer? — perguntou a ossuda Irmã Casilda e chegou até o poste alto onde se amarrava a corda do barco. Bateu o sino, com força, com o cabo de sua faquinha. Contudo não houve nenhum movimento nem qualquer som na praia do lado oposto. — Não é de seu hábito adormecer no seu posto. Será que está doente?

— É provável — falou zombando uma terceira mulher que nada tinha dito até então. — Ela bebeu a sua porção de vinho para dois dias de uma só vez e está deitada lá inteiramente embriagada!

— E se está, isto não é um crime capital — falou a primeira mulher. — Ainda assim, acho que deveria puxar o barco de volta e ir até lá. Talvez esteja deitada lá, doente e sem atendimento, ou, quem sabe, talvez tenha caído e quebrado um osso como acontece com tanta facilidade às mulheres idosas. Pode ficar sem socorro ali durante dias, até que cheguem as próximas peregrinas!

— Se isto acontecesse, jamais me perdoaria, é verdade — concordou a outra, e elas puxaram a corda e começaram a trazer o barco para a praia, embarcaram nele e remaram de volta. Paul prosseguiu seu caminho pela praia acima, feliz por não ter feito

nenhum mal à velha barqueira. Na verdade, ela ia ser encontrada lá deitada, num profundo estado de embriaguez, mas não havia nenhuma prova de que alguém lhe tivesse feito mal, ou tivesse chegado perto dela. Na verdade, não fizera mal algum à velha senhora... apenas lhe proporcionara uma bebedeira agradável, e pelo jeito das mulheres falarem, não seria a primeira vez que isto acontecia, não era novidade alguma a barqueira se embebedar e adormecer no seu posto.

Um calafrio percorreu-lhe a espinha... se tivesse seguido seu primeiro impulso, ou seja, se a tivesse golpeado e amarrado antes dele entrar no barco, haveria de ser dado o alarme, naquele mesmo instante, de que um intruso se encontrava perdido na ilha.

Certificara-se de que nenhuma daquelas mulheres era a que procurava. Bard mostrara-lhe um retrato de Carlina, avisando-o antes que o tinham romantizado demais e que, de qualquer maneira, tinha sido tirado sete anos antes; contudo, ele teve certeza de que reconheceria Carlina assim que a visse. E ao mesmo tempo sentiu um certo medo. Ele e Bard tinham o mau hábito de desejarem as mesmas mulheres. Porém, Bard deixara tudo bem claro: esta ele não poderia ter. Já havia lido suficientes pensamentos de Bard para saber que Carlina podia, pelo menos por alguns momentos, afastar dele todos os pensamentos de quaisquer outras mulheres. Aquilo era algo que Paul jamais tinha sentido em Bard antes: ele estava obcecado por Carlina, não tanto a mulher física, mas a idéia dela.

Deus Todo-Poderoso, pensou Paul, suponha que quando eu puser os olhos em Carlina, ela provoque o mesmo efeito em mim e não consiga resistir a ela!

Ora, aquilo significaria que a inevitável confrontação com Bard aconteceria um pouco mais cedo, apenas isto.

Podia enganar a moça fazendo-a pensar que ele era Bard... será que assim as coisas ficariam mais fáceis? Ou será que ela odiava e temia Bard como Melisendra e tinha passado a detestá-lo e temê-lo? Pelo modo como Bard lhe falara, tinham sido namorados na infância, foram prometidos um ao outro e separados pela crueldade do velho rei. Porém, se ela estava tão ansiosa para se juntar a ele

como isto insinuava, o que estava fazendo aqui escondida entre as sacerdotisas de Avarra?

Ele podia se fazer passar por Bard, a não ser para alguém como Melisendra, que conhecia cada nuance do comportamento do outro. Mas Carlina não tinha qualquer experiência íntima com relação a Bard. Paul sabia através da mente de seu sócia que o contato mais íntimo entre os dois se resumira a alguns beijos inocentes, dos quais, de qualquer forma, a jovem tinha escapado. Se pudesse fazer com que Carlina o aceitasse como sendo Bard, então o original deste nome podia ser tranqüilamente afastado do caminho e ele teria liberdade e um reino...

Contudo, não poderia conseguir a única coisa que tinha tornado este mundo válido para ele. Se aprontasse alguma com Melisendra, ela não teria nenhum motivo para não o expor. E, de qualquer modo, ele devia ser mais parecido com Bard do que imaginava. A tarefa de governar um reino parecia-lhe tola. Diferentemente de Bard, não apreciava a guerra, tendo em vista sua própria segurança, muito embora parecesse compartilhar do talento demonstrado por Bard para as guerras. A guerra para Paul nada mais era além de um necessário prelúdio rumo a um estado de negócios onde as coisas podiam ser postas em ordem, e ele haveria de sentir um tédio mortal ao governar um reino tão logo tudo estivesse nos eixos. Então, o que desejava ele? Que coisa estranha... nunca parara para pensar àquele respeito, nem Bard o fizera, certo de que Paul, sendo seu sócia, compartilhava de seus objetivos e nunca se dera o trabalho de lhe perguntar nada.

Bem, pensou ele, se eu fosse livre gostaria de pegar Melisendra e partir para qualquer lugar fazendo explorações. Há muita coisa para ser vista aqui. Algum dia, talvez, acomodar-me, ter filhos e criá-los. E cavalos; gosto dos cavalos. Um lugar onde as coisas fariam sentido para mim e eu não me meteria em encrencas como aquela que acabou me levando para a caixa de estase, de saída. Um mundo onde eu não teria que estar sempre me opondo a regras e regulamentos inadmissíveis.

Realmente, era uma lástima que aquilo não pudesse terminar assim. Bard era bem recebido no reino infernal. Aliás, em todos os

Cem Reinos. Talvez ele conseguisse convencer Bard de que falava a sério — que inferno, porque não poderia, eles podiam ler a mente um do outro; Bard teria que acreditar nele! E se tivesse Carlina, não haveria de querer Melisendra. Erlend, talvez, mas não Melisendra.

O problema é que Bard jamais acreditaria que estivesse a salvo enquanto Paul vivesse. Talvez ele pudesse fazer de Carlina uma aliada e bem rápido; nunca havia imaginado sequer que pudesse fazer amizade com uma mulher! As mulheres serviam para uma coisa, e apenas uma coisa. Contudo, não era assim que se sentia com relação a Melisendra. Ela, também, acabara sendo sua amiga.

Um estalar do mato e passos no caminho recordaram-lhe que estava em perigo e ele se meteu à sombra das moitas outra vez. Três mulheres aproximavam-se pelo caminho, e Paul, espiando, viu que uma delas era Carlina.

Era pálida, magra e tão baixinha, que mal alcançava o seu peito. Seus cabelos estavam presos atrás numa comprida trança. Ela se deslocava com o mesmo caminhar calmo, simples das outras sacerdotisas e seu traje deselegante fazia-a parecer sem graça. Paul passou do assombro para o choque. Esta... esta era a Princesa Carlina, a mulher por quem Bard estava tão obcecado a ponto de não poder pensar em mais nada, nem em ninguém? E por ela abriria mão da maravilhosa perfeição de Melisendra, que era, além do mais, mãe de seu filho? Melisendra também era bonita, graciosa, inteligente, dotada de laran e possuía toda a graça para enfeitar uma corte e se tornar uma rainha, ou, pelo menos, ser a senhora de um general; e tinha combatido ao lado de Bard. Paul pensara que conhecia Bard muito bem, mas agora sentia-se perturbado ao constatar que as diferenças jaziam mais profundas do que poderia ter imaginado.

Mas Bard não a queria, pensava Paul enquanto observava Carlina se afastando. Não era possível. Ele sabia o que Bard desejava. Ele havia desejado Melisendra, até que ela tinha ferido seu orgulho de uma forma insuportável. Ele desejara a mocinha roliça que tinham dividido depois da batalha. Desejar Carlina? Nunca.

Ele estava obcecado por Carlina, e isto era bem diferente. Como se o próprio Bard lhe houvesse revelado, ele sabia que o que

Bard queria de Carlina era o fato de ser ela a filha do Rei Ardrin, a confirmação de que ele era o genro do rei, não um banido exilado tentando desesperadamente reclamar alguma posição, alguma identidade.

Paul pensou, com muito mais razão ainda devo procurar fazer de Carlina uma aliada e logo... e mesmo assim, jamais desistiria de Melisendra em favor disto. Loucura! Melisendra até que seria uma rainha mais adequada.

Contudo, se Bard tem Carlina, não disputará comigo a posse de Melisendra...

Tenho que me certificar, então, de que Carlina seja entregue nas mãos de Bard, e o mais rápido possível. E não preciso me preocupar, pelo menos quanto a uma coisa. Será fácil para mim manter minhas mãos longe dela. Não a teria na minha cama, nem que fosse rainha de trinta reinos.

Um casamento dinástico com Carlina proporcionaria a Bard — ou a Paul em seu lugar — uma reivindicação legítima e toda sua com relação ao trono, caso o doentio Alaric morresse sem deixar prole — o que parecia bastante provável. Muito bem, o trono e Carlina para Bard. E para Paul... liberdade e Melisendra! Bard jamais haveria de se sentir seguro enquanto ele vivesse... mas se ele desse um jeito de ir embora, de preferência o mais rápido possível, então, quem sabe? Bard estaria muito ocupado mantendo o seu trono para mandar alguém em sua perseguição. Mas, primeiro, Bard tem que ter Carlina.

As sacerdotisas haviam subido o caminho, e Paul seguiu-as, mantendo-se nas sombras. Primeiro uma, depois outra, todas entraram em casinhas dispostas ao longo do caminho. Carlina entrou numa delas

e após um instante, ele viu o brilho incerto de um lampião. Paul escondeu-se para refletir. Não que sentisse medo das mulheres. Contudo, elas eram muitas e portavam aquelas faquinhas semelhantes a minúsculas foices.

Não podia dar tempo a Carlina para gritar. Nem mesmo através da mente. Sem dúvida alguma, devia haver outras telepatas naquele lugar. O que significava — refletiu friamente — que deveria atirá-la

ao chão e deixá-la completamente inconsciente com apenas um golpe antes que o visse ou ficasse alarmada diante da idéia da presença de um intruso. E tinha que estar com ela bem longe da ilha antes que visse o seu rosto.

Esgueirou-se sorratamente através da porta. Cantarolando uma canção, ela ficou arrumando o pequenino pavio do lampião. Em seguida tirou a capa escura, dependurou-a num cabide e começou a desmanchar a trança. Ele não queria esperar até que se despisse; com aquele frio não poderia levá-la muito longe sem roupas e sabia que seria impossível vestir as roupas num corpo desmaiado. Saiu de seu esconderijo e desfechou um golpe violento, observando-a despencar sem qualquer ruído no chão. Ele estava horrorizado, desacostumado até agora ao pouco laran que possuía, com o inesperado vazio onde, um instante atrás, existira uma presença. Inesperadamente assustado, inclinou-se para se certificar de que ela ainda respirava. Sim, respirava. Embrulhou o corpo na capa negra, ajeitando algumas dobras a mais sobre seu nariz e boca. Ela poderia respirar, porém a capa abafaria qualquer pedido de socorro, se bem que, se voltasse a si e sentisse medo, o alarme estaria dado e a perseguição seria iniciada em pouco tempo. Carregou-a para o lado de fora, fechou a porta atrás de si com os pés. Agora chegava o verdadeiro risco de toda a operação. Se alguém o visse agora, provavelmente jamais haveria de sair daquela ilha vivo. Levou-a rapidamente rumo à praia, colocou-a no barco e impeliu-o para fora. Meia hora mais tarde ele se afastava do Lago do Silêncio, o corpo inconsciente de Carlina atravessado sobre o lombo da besta de carga. Ajeitou-a muito bem para que ficasse o mais confortável possível, porém desejava distanciar-se ao máximo da ilha, o mais rápido que pudesse. Com um pouco de sorte, elas não sentiriam a falta de Carlina até o amanhecer; e ele não tinha visto nenhum cavalo na ilha. Porém, mais cedo ou mais tarde, ela recuperaria os sentidos e transmitiria algum pedido de socorro através da telepatia. E ele desejava estar bem longe, de modo que aquela atitude dela não fizesse qualquer diferença.

Quando Paul alcançou o local nas colinas onde deixara a escolta, Carlina continuava desmaiada. Seus homens já estavam

montados e perto deles havia um cavalo com uma liteira esperando.

— Fiquem prontos para partirmos. Trouxeram um cavalo descansado para mim? Sim, e cavalos extras para a liteira, pois assim não teremos que nos deter em lugar algum para trocarmos as montarias — apeou-se, levantou a trouxa inconsciente que era Carlina, colocou-a dentro da liteira e fechou as cortinas. — Vamos embora!

O sol surgia quando eles fizeram uma parada para dar um pouco de descanso aos cavalos. Paul desmontou, engoliu um pouco de comida — não dispunham de tempo para parar e cozinhar uma refeição -, em seguida dirigiu-se para junto da liteira e abriu as cortinas.

Carlina estava consciente. Tinha conseguido tirar a mordaca da boca. Estava deitada de lado, em silêncio, e lutava desesperadamente para desfazer os nós da corda que imobilizava as suas mãos.

— Estão lhe incomodando, milady? Eu os afrouxarei, se assim o desejar — disse Paul.

Ao ouvir aquela voz ela se encolheu toda:

— Bard! Eu devia saber que era você. Quem mais seria bastante irreverente para desafiar a ira de Avarra!

— Não temo deusa alguma — redargüiu ele com sinceridade.

— Bard mac Fianna, acredito piamente nisto. Contudo, não a provocará sem que seja punido.

— Quanto a isto, não pretendo discutir a questão. Sua deusa, se é que existe, não interveio para protegê-la e impedir que fosse tirada da ilha. E não penso que a vá proteger agora. Se o pensamento de que ela me punirá é um consolo para você, não serei eu quem a privará disto. Só vim até aqui para lhe comunicar que se estiver cansada desses laços, eu os soltarei; tudo que terá de fazer é me dar sua palavra de que não tentará fugir.

Ela o fitou com um desafio petulante:

— Evidentemente fugirei se puder.

Que mulher infernal, pensou Paul exasperado, será que não sabe quando está vencida? Com uma sensação desconhecida que ele não reconheceu como culpa, percebeu que não a queria magoar,

ou mesmo amarrá-la com mais força. Com uma praga, puxou as cortinas e afastou-se.

## Capítulo Cinco

Enquanto rumava de volta ao Castelo das Astúrias, Bard recebeu algumas notícias desagradáveis: seu subcomandante procurara-o e dissera-lhe que, três dias após a batalha, todas as mercenárias da Irmandade da Espada tinham ido procurar o oficial, exigindo o pagamento que lhes era devido e tinham abandonado o acampamento.

— Paguei-as generosamente, e o que é mais, coloquei-as sob minha proteção pessoal — disse, sentindo-se ultrajado. — Elas deram alguma explicação para uma atitude deste tipo?

— Deram sim. Declararam que seus homens haviam violentado as mulheres prisioneiras de guerra e que o senhor nem sequer os punira — esclareceu o oficial. — Para lhe dizer a verdade, Lorde General, acho que estamos muito melhor livres delas. Elas estão... — ele hesitou um instante, refletiu por um momento e disse — obcecadas, é isto mesmo. Vou lhe dizer uma coisa, meu senhor, lembra-se quando cavalgamos contra a Ilha do Silêncio e daquela velha megera que havia lá e que nos amaldiçoou? Estas malditas irmãs da Irmandade da Espada fazem-me recordar dela, elas e sua deusa!

Bard fechou a cara. A menção à Ilha do Silêncio fê-lo se dar conta de que Paul já devia ter voltado àquela altura. A não ser que a maldição da ilha e de Avarra também tivesse caído sobre ele. Seu oficial interpretou mal o seu aborrecimento e pensou que ele tivesse se zangado por ter ouvido aquela menção à derrota; sem jeito, ficou com os olhos presos ao chão.

— Jamais me passou pela cabeça, Lorde General, que um punhado de mulheres seria capaz de nos pôr a correr daquela maneira. Elas são todas umas loucas, elas e a sua deusa também, não acha? É lamentável ter algo a ver com elas, e se quiser o meu conselho, senhor, também não deve se envolver com a irmandade. O senhor já soube? Elas exigiram resgate pelos prisioneiros de guerra, as mulheres da irmandade, estou querendo dizer, e os levaram com elas. Alegaram que eles deviam saber que ambos estavam lutando

do mesmo lado, que nunca deveriam ter sacado armas contra suas irmãs... alguma tolice desse quilate. Senhor, elas são umas loucas. Estou contente porque se foram.

— Elas não mataram os prisioneiros pessoalmente? Ouvi dizer que se uma mulher da irmandade é violentada, as irmãs dela perseguem-na e a matam caso ela não se suicide.

— Matam-nas? Não, senhor, os guardas escutaram-nas chorando todas juntas nas tendas. E eles lhes devolveram as armas e puseram roupas decentes nelas... o senhor está lembrado de que os soldados rasgaram até mesmo suas próprias roupas?... e deram-lhes cavalos e todas foram embora juntas. Vou lhe dizer uma coisa, não se pode confiar em mulheres deste tipo, não possuem o menor senso de lealdade, entendeu?

Assim que chegou ao Castelo das Astúrias, mandou avisar ao pai e ao irmão, o Rei Alaric, que tinha chegado e, quando entregava seu animal aos cavaleiros, notou que o cavalo que Paul tinha montado para ir até o Lago do Silêncio encontrava-se no pátio. Entrou e dirigiu-se apressado para a sala do trono. Seu pai foi ao seu encontro e abraçou-o, e Alaric deslocou-se com dificuldade até onde ele se achava e deu-lhe um abraço fraterno.

— Bard, sua mulher está aqui. A Princesa Carlina.

Ele sabia disto, porém estava surpreso ao constatar que Alaric e seu pai o sabiam.

— Está? — perguntou estupefato.

— Ela chegou, ainda há pouco, numa liteira. Seu mediador Paolo Harrell escoltou-a até aqui — disse Alaric. — Porém, continuo achando que deveria se casar com Melisendra, Bard. Erlend é um filho excelente para ser um nedestro. Quando eu for coroado rei, darei a ele uma carta de legitimidade. Então ele será seu filho, quer se case ou não com Melisendra!

— Onde se encontra ela? Nos seus antigos aposentos?

— Onde mais haveria de estar? — perguntou Alaric, fitando-o.

— Ordenei que fosse levada para lá, que colocassem algumas mulheres à disposição dela para banhá-la e tudo mais. Viajou o dia inteiro numa liteira, deve estar exausta e suja.

Seria possível, perguntava Bard com seus botões, que Carlina tivesse vindo voluntariamente? Alaric continuou:

— Paolo disse que ela estava muito cansada e esgotada pela viagem para ver quem quer que fosse, mas que eu deveria mandar algumas damas de companhia para cuidarem dela. Ela é filha do Rei Ardrin e sua mulher. Quando você celebrar a cerimônia das catenas, eu a farei, se assim o desejar, pois trata-se de uma honra quando o rei realiza pessoalmente o casamento.

Bard agradeceu a seu irmão e pediu permissão para se retirar. O sorriso de Alaric era infantil.

— Não precisa me pedir nada, Bard. Estou sempre me esquecendo de que sou o rei e tenho que autorizar as pessoas a irem e virem, mesmo o pai, não é uma tolice?

Tinham lhe designado aposentos próximos aos de Carlina. Quando lá chegou, Paul encontrava-se à sua espera.

— Suponho que tenha se saído bem na missão que lhe designei. Ela veio voluntariamente? — perguntou Bard, com segura.

Paul sacudiu a cabeça com pesar, mostrando um arranhão enorme no rosto.

— Na primeira noite fui bastante tolo a ponto de permitir que ela se soltasse... soltei os nós que a prendiam para que descansasse um pouco. Esta foi a Cínica vez que cometi este erro. Felizmente, não levei nenhum homem das Astúrias, que saberia quem era ela. Eram todos mercenários de Hammerfell e Aldaran, e a maior parte deles não sabia falar a língua dela. Contudo, quando viu para onde a tinha trazido... deu-me sua palavra de honra que não tentaria fugir esta noite. Julguei que seria por demais humilhante para a senhora chegar na sua própria casa com as mãos amarradas e os pés também, como se fora uma trouxa de roupas, por isto aceitei sua palavra. E o rei mandou algumas damas de companhia para lhe fazerem companhia. Creio que irá encontrá-la bastante dócil... não a toquei, exceto quando a tive que fazer perder os sentidos... não encostei um dedo nela até que me arranhou. Mesmo então, limitei-me a pegá-la como se fosse uma trouxa e meti-a de volta dentro da liteira. Não usei mais força do que aquela absolutamente necessária, pode estar tranqüilo quanto a isto.

— Ora, acredito em você — falou Bard. — Onde se encontra ela agora?

— Nos seus aposentos; e amanhã, suponho, você poderá convencê-la a não fugir, ou colocar um guarda para vigiá-la — disse Paul. Ficou pensando se aquela não seria a hora indicada para conversar com Bard a respeito de Melisendra e achou que provavelmente não seria.

Bard convocou a presença de seu camareiro pessoal, mandou-o barbeá-lo e vesti-lo. Daria algum tempo a Carlina para que descansasse da extenuante viagem e se arrumasse. Ele esperava sem esperanças que Carlina o recebesse de bom grado, conformada com seu casamento. Tinha lutado, é claro, ao ser raptada, contudo, quando se viu em seu próprio lar, sentiu vontade de empenhar sua palavra espontaneamente. Isto significava que sabia que nada tinha a temer ali. Carlie, é lógico, sabia que ele não seria capaz de lhe causar qualquer mal, por mais insignificante que pudesse ser. Afinal, ela era sua mulher, por todas as leis dos deuses e dos Cem Reinos!

Quando Bard se aproximou da porta, ficou surpreso ao deparar com um guarda ali e, ao retribuir a saudação do homem, ficou imaginando se Paul teria duvidado da validade da palavra de Carlina. Mas por quê? Muito provavelmente, Carlina, ao ser levada embora sem ouvir uma única explicação, pensara que estivesse sendo seqüestrada; mantida refém por um resgate, ou obrigada a fazer um casamento de estado com alguém. Será que dera a palavra de não fugir por sentir-se contente de se ver sã e salva em casa?

Encontrou Carlina num dos quartos mais afastados, deitada de lado na cama, dormindo. Estava pálida e parecia uma garota de colégio, enfiada numa espécie de robe simples e escuro; enrolara-se num manto pesado e deselegante, como se fora um cobertor. Seus olhos estavam vermelhos, contra a palidez ebúrnea do rosto. Jamais tinha conseguido suportar as lágrimas de Carlina. Após um momento seus olhos abriram-se e ela os ergueu para ele, o semblante contraído de medo. Sentou-se de repente e apertou o manto negro de encontro ao corpo.

— Bard! — exclamou ela, piscando. — Sim. Desta vez é você mesmo, não? Quem era o outro homem... um de seus parentes

bastardos das Hellers? Não me magoará, não é mesmo, Bard? Afinal de contas, fomos crianças juntos, éramos companheiros de brincadeiras.

Ele ouviu seu suspiro profundo, como se fosse uma explosão de alívio. Perguntou, agarrando-se a uma insignificância:

— Como soube?

— Ah! vocês dois são parecidos demais, não há dúvida. Até as suas vozes; porém arranhei o rosto dele até o osso, pensando que fosse você. Se ele era apenas um instrumento seu, talvez eu lhe deva uma desculpa.

Bard voltou àquilo que ela tinha falado antes:

— É evidente que jamais a magoarei, Carlie. Afinal, você é minha mulher e mesmo agora, o Rei das Astúrias espera nos unir com as catenas. Esta noite lhe convém, ou preferiria esperar até que alguns de seus parentes possam ser convidados?

— Nem hoje, nem em qualquer outro momento — respondeu Carlina, e suas mãos estavam tão pálidas como as juntas de um esqueleto de encontro ao manto negro. — Fiz um voto, um juramento às sacerdotisas de Avarra e para a Mãe, que dedicaria minha vida à oração, mantendo minha castidade. Pertença a Avarra, não a você.

O semblante de Bard obscureceu:

— Quem não cumpre, nem é fiel a um primeiro juramento, também será infiel ao segundo. Antes que tivesse prestado qualquer juramento para Avarra, nós dois ficamos comprometidos perante todos os homens.

— Porém não nos casamos — retorquiu Carlina -, e um noivado pode ser rompido, não tendo sido consumado! Não tem mais nenhum direito sobre mim do que... do que... do que aquele guarda postado aí fora!

— Isto é uma questão de opinião. Seu pai a entregou a mim...

— E tirou-me diante de seu exílio!

— Não reconheço este direito, não podia ter feito isto.

— E não aceitei o direito dele em me dar para você sem meu consentimento, em primeiro lugar, portanto, estamos empatados — replicou Carlina, os olhos faiscando.

Bard pensou que ela parecia ainda mais bonita do que jamais a vira, as maçãs do rosto coradas, os olhos cintilando de fúria. Mulheres tinham-no desafiado ou recusado antes, porém nunca precisara esperar tanto assim por nenhuma delas. Agora, o tempo de espera tinha terminado. Ela não haveria de sair daqueles aposentos até que tivesse se tornado sua mulher de fato, como o havia realmente sido todos estes anos. Sentia-se excitado com a proximidade dela e pelo toque de desafio contido no timbre da voz e nos olhos dela. Nem mesmo Melisendra opusera-lhe tamanha resistência. Não havia uma mulher que tivesse podido resistir a ele, a não ser Melora, e ela... aborrecido, afastou o pensamento da Ieronis. Ela não significava nada para ele. Tinha ido embora.

— Bard, não posso acreditar que pudesse me machucar. Fomos crianças juntos. Não lhe desejo nenhum mal; deixe-me voltar para a ilha e para a Mãe e intercederei junto a elas a fim de que não haja nenhum castigo nem maldição.

Ele estalou os dedos:

— Pouco me importam as maldições, sejam elas quais forem; de Avarra ou de qualquer outra assombração!

Carlina fez um gesto piedoso e ao mesmo tempo de horror:

— Suplico-lhe para não dizer blasfêmias deste tipo! Bard, mande-me de volta à ilha.

Ele balançou a cabeça:

— Não. Aconteça o que acontecer, isto já acabou. Seu lugar é aqui, ao meu lado. Exijo que cumpra suas obrigações para comigo e se torne minha mulher ainda esta noite.

— Não. Nunca. — Os olhos dela estavam marejados de lágrimas. — Oh, Bard, não o odeio. É meu irmão de criação, com Jeremy e o pobre Beltran! Crescemos juntos, e você sempre foi delicado comigo. Seja bondoso para comigo agora e não insista neste assunto. Há tantas mulheres que poderiam lhe pertencer, damas da alta nobreza, Ieroni, mulheres maravilhosas... tem Melisendra, que é mãe de seu filho, aliás um garotinho maravilhoso... por que me quer, Bard?

Ele a fitou dentro dos olhos e revelou-lhe a verdade literal.

— Não sei. Contudo, jamais houve qualquer outra mulher que eu desejasse tão profundamente quanto desejo você. É minha mulher e a possuirei.

— Bard... — sua face estava lívida. — Não. Por favor.

— Você deu um jeito de romper seu compromisso através de um estratagema, porque não tinha sido consumado o casamento, e não pense que conseguirá me enganar outra vez desta maneira. Cumprirá sua obrigação para comigo, quer queira ou não, Carlina.

— Está dizendo que pretende me violentar?

Bard sentou-se na cama ao lado dela, procurando a sua mão.

— Preferiria possuí-la de boa vontade que à força. Mas, de um jeito ou de outro, eu a possuirei, Carlie, portanto, terá que se conformar com esta idéia.

Ela afastou a mão do alcance dele e atirou-se sobre a cama, o mais distante de Bard que lhe era possível, puxando mais o manto escuro para junto do corpo, e Bard ouviu-a soluçando sob aquela proteção. Ele arrancou o pesado manto de cima dela, embora ela o tivesse agarrado com toda sua força, e arremessou-o furioso sobre o chão. Não suportava vê-la chorando. Jamais tivera condições de agüentar as lágrimas dela, mesmo quando chorava porque um gatinho a arranhara. Parecia que a podia ver agora, com nove anos, magra como um caniço, o cabelo todo preso em tranças fininhas, como se fossem cordas negras, chupando o polegar arranhado e soluçando.

— Que droga! Pare de chorar, Carlie! Não suporto vê-la chorar! Acha que a poderia magoar alguma vez? Não quero machucá-la, contudo, tenho que me certificar de que não pode fugir de mim outra vez sob esta mesma desculpa. Quando tudo terminar não ficará zangada comigo, isto eu lhe prometo. Não existe uma única mulher que tenha se importado, depois de terminado.

— Acredita nisto, mesmo, Bard?

Ele não se deu o trabalho de lhe responder. Não acreditava naquilo, sabia-o. As mulheres arranjavam toda sorte de desculpas para manter os homens longe delas, para impedi-los de fazerem o que queriam fazer. Recordou-se de Lisarda, vigaristazinha infeliz, não tinha se importado depois, também, tinha adorado tudo! Mas as

mulheres não eram educadas no sentido de serem sinceras com relação a estas coisas. Ao invés de responder, inclinou-se sobre ela e puxou-a para seus braços; porém ela se debateu até conseguir se soltar e suas unhas arranharam o rosto dele.

— Bard, vá para o inferno, agora tem uma marca para se igualar ao seu mediador, e não é nem um pouquinho melhor do que ele!

Sua frustração inútil transformou-se em revolta; agarrou as mãos dela com violência, mantendo-as presas.

— Pare com isto, Carlie! Não a quero machucar, mas está me forçando a isto!

— Você sempre se justifica, não é mesmo? Por que haveria de tornar as coisas fáceis para você? — falou enraivecida.

— Carlie, não existe nenhum modo para me convencer, me enganar ou me dissuadir daquilo que pretendo. Vou possuí-la e é apenas isto o que importa, e apesar de não querer machucar você, farei o que for necessário para mantê-la quieta. Permitted que fugisse de mim antes e todos os meus problemas advieram disto. Se Jeremy não tivesse aparecido para se intrometer naquele festival, você teria se tornado minha mulher e teríamos vivido felizes todos estes anos; Beltran ainda estaria vivo...

— Você tem a ousadia de me culpar disto?

— Culpo-a por tudo que me aconteceu desde o momento em que permiti que me recusasse — disse ele, agora furioso -, contudo, ainda a quero ter como minha mulher e esta é a sua oportunidade para se corrigir!

— Corrigir-me? Você deve estar inteiramente louco, Bard!

— Você me deve, pelo menos, isto! Agora, se tiver alguma sensibilidade e não se debater de modo tão idiota, isto poderia ser tão agradável para você como para mim, e é assim que eu gostaria que fosse. Mas, quer queira ou não, sou mais forte do que você, e se tiver um pouco de juízo, deve saber que não adianta nada estar se opondo a mim. Vamos... — e arrancou-lhe o xale. — Vamos tirar estas roupas.

— Não!

A voz dela soava desvairada; recuou aterrorizada. Bard cerrou os dentes. Se a gatinha estava disposta a brigar, ele acabaria com aquilo de uma vez por todas e já. Arrancou o xale com um puxão e atirou-o longe, agarrou a parte de cima da túnica e rasgou-a de alto a baixo, pegando os pedaços de tecido e jogando-os no chão. Em seguida, foi a vez da combinação, a peça delicada foi estraçalhada rapidamente. As unhas de Carlina deixaram arranhões nas mãos dele, ela o esbofeteou e bateu em seu rosto, mas Bard a ignorava. Pegou-a no colo, ainda se debatendo, atirou-a no centro da cama, e acomodou-se ao lado dela. Ela o chutou e ele revidou, espancando-a brutalmente, com a mão aberta. Carlina encolheu-se na sua camisola fina e começou a chorar.

— Carlie, minha querida, meu amor, não a quero machucar, não tem sentido lutar contra mim.

Bard tentou apertá-la junto a si, mas ela virou a cabeça e chorou, afastando a boca da dele que a buscava. Enraivecido com o pranto dela, quando esperava encontrar muita ternura, tornou a esbofeteá-la. Ela parou de se opor, ficou deitada imóvel, as lágrimas rolando por suas faces abaixo. Que mulher infernal! Poderia ter sido tão maravilhoso para ambos! Por que ela o estava forçando a agir desta maneira?

Revoltado — e ao mesmo tempo excitado — pelo modo como ela estava estragando aquele momento com o qual sonhara durante anos, jogou-se sobre ela, puxou a camisola, abrindo as pernas dela com as mãos rudemente. Carlina arqueou o corpo e tentou atirá-lo para o lado, porém ele a empurrou com força para baixo. Ela arquejou e ficou quieta, encolhendo-se, soluçando. Não tomou a lutar contra ele, embora Bard soubesse que a estava machucando; ele percebeu os dentes dela morderem com força o lábio inferior e notou as gotas de sangue ali. Procurou se inclinar e beijar aquele lábio que sangrava, porém ela atirou a cabeça para o lado, rígida como um cadáver nos braços dele, exceto pelas lágrimas que continuavam a rolar pelo rosto, como se apenas elas estivessem vivas.

— Lorde General... — uma voz interceptou Paul enquanto ele passava pelo hall. Por um instante ele pensou que Bard tivesse

surgido inesperadamente na entrada que havia por perto, depois percebeu que era a ele que alguém se dirigia. Quer dizer então que estava tão parecido assim com Bard? Estava prestes a revelar sua identidade, porém se deu conta de que ninguém devia saber que Paolo Harryl e Bard eram tão idênticos. Remexeu rapidamente na sua mente para se recordar do nome do homem.

— Lerrys.

Os olhos do homem fixaram-se no arranhão no rosto de Paul.

— Até parece que andou brigando com uma daquelas cadelas de vermelho — comentou o homem, rindo. — Espero que tenha arrancado os brincos dela dos respectivos furos, senhor.

Em casta, a frase assumia um ligeiro duplo sentido, e Paul, se bem que o trocadilho fosse um pouquinho menos sofisticado do que o teria achado no seu mundo, riu amistosamente e não retrucou; limitou-se a dar um sorriso reconhecido.

— Ouvi dizer que todas elas desertaram, senhor. Pretende puni-las, bani-las, ou qualquer outra coisa? Talvez fosse divertido para as tropas e ensinaria as mulheres a permanecerem em seus lugares.

Paul sacudiu a cabeça:

— Os falcões não perseguem os passarinhos de gaiola. Elas que se vão, e boa viagem para elas — disse, e dirigiu-se para seus aposentos, pensativo. Como tinha previsto, Melisendra estava esperando por ele.

Ela o enlaçou em seus braços, beijou-o e Paul se deu conta de que durante todo o trajeto de volta da Ilha do Silêncio, estivera esperando, ansioso, por este momento. O que tinha acontecido com ele para que uma mulher conseguisse deixá-lo tão apaixonado assim?

— Como está o Erlend?

— Muito bem, embora eu preferisse poder mandá-lo para a segurança do campo, ou melhor, na torre. Muito embora... — ela empalideceu -, depois daquilo que aconteceu em Hali, não me sinto tão certa assim de que haja alguma segurança na torre, ou em qualquer outra parte desta terra.

— Mande-o para o campo, se quiser — disse Paul. — Não tenho certeza se Bard não se oporá; mas por que pensa que não estaria seguro aqui, Melisendra?

— Nas minhas veias corre sangue de Aldaran — falou ela hesitante -, e neste ramo há o laran da premonição. Não se trata de uma coisa totalmente confiável... nem sempre consigo controlá-lo. Mas, às vezes... talvez seja apenas medo de minha parte, mas tenho visto incêndio, incêndio neste lugar e, por uma vez, quando olhei para o Rei Alaric, vi o seu rosto todo rodeado por chamas...

— Oh, meu Deus! — exclamou Paul. E puxou-a para perto, percebendo que se alguma coisa acontecesse a ela, nada restaria neste mundo, ou em qualquer outro, que fosse capaz de lhe proporcionar felicidade. O que estava lhe acontecendo?

Ela levantou a mão para passá-la sobre o arranhão na face dele.

— Onde arrumou isto? Parece-me pequeno demais para um ferimento em batalha.

— E não foi mesmo. Foi uma mulher que fez isto. Ela sorriu e falou:

— Nunca pergunte o que um homem escolhe para fazer quando se acha em campanha. Imagino que tenha tido mulheres em abundância, mas será que não pode arrumar algumas mais complacentes? Meu bonitão, jamais me passaria pela cabeça que pudesse haver alguém que o rejeitasse.

Paul sentiu-se enrubescer, recordando-se da maravilhosa ruiva que ele e Bard tinham dividido. Ela estava até com vontade demais. Contudo, ela tinha sido, antes de mais nada, apenas um consolo por saber que Melisendra não se achava lá, e depois, uma desculpa para manter uma confrontação com Bard.

— As mulheres que possuo estão sempre com boa disposição em relação a mim, meu amor — retrucou ele, perguntando-se por que se dava o trabalho de explicar aquilo... mas que diabo vinha lhe acontecendo nos últimos meses? — Isto foi uma prisioneira, uma mulher, que Bard me mandou trazer para ele.

Então era isto. Incomoda-me ir buscar uma mulher para ele. Não sou, afinal, seu moleque de recados! Irritado, identificou a

causa de sua revolta.

Melisendra, entrando em comunicação com ele, disse:

— Estou surpresa com isto. São muito poucas as mulheres dispostas a rejeitarem Bard. Se bem que a Princesa Carlina, segundo fui informada, fugiu da corte e houve algumas tentativas para casá-la com ele quando eram apenas duas crianças — e mais uma vez acompanhou o pensamento dele, suas mãozinhas cobriram a boca e ela ficou olhando para ele estarecida.

— Carlina, pelo amor da deusa! Ele o mandou... para que ficasse exposto à ira de Avarra, para desviar a maldição para cima de você.

— Não acredito que esta tenha sido a sua única motivação — retrucou Paul, e explicou-lhe que era imune aos encantos lançados sobre a Ilha do Silêncio.

Ela o escutou, perturbada, sacudindo a cabeça em desespero:

— Qualquer homem que ponha os pés na Ilha Sagrada tem que morrer...

— Antes de mais nada, não tenho o menor medo de sua deusa.

Falei isto para Carlina. E ela é a mulher de.... Melisendra sacudiu a cabeça:

— Não, a deusa reivindicou-a. Talvez seja através dela que a vingança de Avarra será feita. Contudo, não conseguirá escapar deste fato — e encolheu os ombros, a face lívida de tanto pavor. — Eu pensava que até mesmo Bard houvesse tido o seu aviso, quando foi afastado, antes, da ilha. Não odeio o Bard; ele é o pai de meu filho e, contudo... contudo... caminhou pelo cômodo, perplexa, angustiada. — E o castigo para ele que violentou uma sacerdotisa de Avarra... é terrível! Primeiro ele se expôs à inimizade da irmandade, que se encontra sob a proteção da deusa, e agora isto.

Paul observava-a, conturbado. Durante toda a sua vida acreditara que as mulheres, na realidade, queriam ser dominadas, que no mais profundo de sua condição de mulher, desejavam ser possuídas, e caso não tivessem consciência disso, então um homem não estava lhes causando nenhum mal ao mostrar-lhes o que realmente queriam. Observando Melisendra, ele não tinha a menor

dúvida de que ela era capaz de saber o que queria, e esta era uma idéia nova e muito inquietante para ele. Contudo, Bard a tinha possuído contra a vontade... chegou à conclusão de que não queria seguir esta linha de pensamento, ou haveria de se ver preparado para matar Bard.

Não quero matá-lo, sei lá, porém, como ele passou a ser uma parte de mim mesmo...

— Mas, o que me diz da irmandade, Melisendra? Elas se metem no meio dos homens; possuem algum direito de exibir sua feminilidade e dizer, sim, estou aqui, mas vocês não me podem tocar? Concordo com a idéia de que as mulheres que ficam em casa, protegidas pelos homens, nunca devessem ser tocadas, mas estas mulheres abriram mão desta proteção...

— Você pensa que todas as mulheres são iguais? Não conheço as integrantes da Irmandade da Espada, embora tenha conversado com algumas delas eventualmente. Conheço muito pouco sobre seus hábitos, porém, se decidiram empunhar suas espadas, não vejo por que não o deveriam fazer em paz... — percebendo o que tinha dito, ela riu: — Não, é claro que não quis dizer isto. Mas deveriam poder fazê-lo sem serem incomodadas; por que um acidente de nascimento deveria impedi-las do direito de combater, se dão preferência a isto e não querem costurar capas, bordar almofadas e fazer queijo?

— Daqui a pouco — observou Paul, sorrindo diante da veemência demonstrada por Melisendra -, estará afirmando que os homens deviam ter o direito de passar suas vidas bordando toalhas e lavando fraldas de bebês!

— Tem alguma dúvida de que determinados homens se sentem mais inclinados a isto do que a guerrear? — indagou ela. — Mesmo se desejarem vestir saias à altura dos joelhos e permanecerem em casa preparando o mingau para o jantar! Uma mulher pode ao menos se casar, ou ser uma leronis, ou fazer votos para a irmandade, furar as orelhas e empunhar a espada, mas que Deus ajude o homem que quiser ser qualquer outra coisa que não um soldado, um lavrador ou um laranzu! Por que uma mulher que brande sua espada deveria ter medo de ser violentada caso seja

derrotada? Sou uma mulher... gostaria de me ver usada desta forma?

— Não — retrucou Paul -, mataria qualquer homem que tentasse fazer isto e não permitiria que tivesse uma morte fácil. Mas você é uma mulher, e elas...

— Também são mulheres — interrompeu-o aborrecida. — Os homens não pensam que as mulheres não são femininas, nem as sujeitam ao estupro e aos infortúnios quando precisam arar a terra para garantir a sobrevivência dos filhos órfãos, ou pastorear animais no meio do mato. O homem que violenta uma pastora ou uma pescadora solitária é alvo do desdém de todos, até mesmo sofre zombarias, pois é considerado como alguém que não consegue ter uma mulher que o aceite de boa vontade! Por que apenas as mulheres espadachins deveriam ficar sujeitas a isto? Quando você captura um inimigo, tira as armas dele e as detém; nos tempos antigos tinha-se o direito de mantê-lo como criado durante um ano, porém ninguém o forçava a se deitar para ser violentado!

— Foi isto o que Bard determinou — observou Paul. — Declarou que seus homens podiam usá-los de forma honrada como prisioneiros de guerra, caso contrário, mandaria chicoteá-los.

— É verdade? Esta foi a melhor coisa que você jamais me relatou a respeito de Bard di Asturien. Talvez esteja se modificando, com a chegada da maturidade, talvez esteja se tornando mais humano e deixando de ser um lobo selvagem...

Paul fitou-a intensamente:

— Na realidade, você não o odeia, não é mesmo, Melisendra? Muito embora ele a tenha estuprado...

— Oh, meu querido, aquilo não foi um estupro. Eu bem que estava querendo, embora seja verdade que me lançou um encanto. Porém, fiquei sabendo mais tarde que algumas mulheres se deitam com um homem sob o efeito de um encanto, e às vezes nem sequer tomam conhecimento do fato. Espero que a deusa Avarra perdoe Bard tão depressa quanto o perdoei — envolveu-o com seus braços e disse: — Mas por que estamos falando sobre ele? Estamos juntos e não é provável que ele venha nos incomodar esta noite.

— Não — concordou Paul -, acho que Bard tem outras coisas em que pensar. Entre Lady Carlina e a ira de Avarra, não acredito que vá se dar o trabalho de pensar em nós dois.

Carlina chorou durante muito tempo; agora, seus soluços, finalmente, tinham cessado, estava deitada e apenas as lágrimas rolavam-lhe pelo rosto, deslizando das pálpebras inchadas e encharcando o travesseiro.

— Carlina — disse Bard finalmente -, imploro-lhe, não chore mais. A coisa já está feita. Sinto muito por ter sido forçado a magoá-la, mas de agora em diante será melhor e dou-lhe minha palavra de que nunca mais serei violento com você. Podemos viver felizes por toda a vida, Carlina, agora que já não lhe é mais possível me rejeitar.

Ela se virou e encarou-o. Os olhos estavam tão inchados pelo choro que quase não o conseguia ver. Disse num tom de voz rouco:

— Ainda acredita nisso?

— Mas claro que sim, minha adorada, minha mulher -, respondeu ele e estendeu a mão para acariciar a dela, porém ela a puxou.

— Misericordiosa Avarra — explodiu ele -, por que as mulheres são tão insensatas?

Carlina ergueu os olhos e um estranho sorriso levantou-lhe os cantos da boca.

— Você, implorando a misericórdia de Avarra? Bard, ainda há de chegar o dia em que você não julgará este voto com tanta irresponsabilidade. Quer me parecer que você abriu mão de todo o direito de lhe implorar misericórdia, quando mandou me tirar da ilha; e, novamente, a noite passada.

— A noite passada... — Bard encolheu os ombros. — Avarra é Senhora do Nascimento e da Morte... e do coração em fogo; evidentemente, ela não poderia ficar enraivecida contra um homem apenas por ter ele possuído sua mulher, que lhe tinha sido prometida muito antes de prestar seu falso juramento à deusa. E se ela é uma deusa que se interporá entre marido e mulher, juro que acabarei com seu culto em todos os cantos e recantos deste reino.

— A deusa é a protetora de todas as mulheres, Bard, e haverá de puni-lo pelo estupro.

— Você ainda teima em declarar que foi violentada?

— Sim — retrucou ela implacável.

— Não acho que tenha se importado tanto assim. A sua deusa sabe, você não tentou lutar contra mim...

— Não — replicou ela, baixinho, mas ele ouviu o resto do pensamento que não tinha sido expresso, estava com medo... Ele a tinha possuído uma segunda vez e ela não tinha se debatido, nem tentado afastá-lo. Tinha ficado deitada, imóvel e passiva, permitindo que ele fizesse o que queria como se ela fosse uma boneca de trapo.

Ele a fitou com desdém:

— Nenhuma mulher jamais se queixou de mim... depois. Também chegará a sua vez, Carlina, é apenas uma questão de tempo. Por que não é sincera com relação aos seus sentimentos? Todas as mulheres são iguais. Em seu íntimo, vocês sonham com um homem que as possuirá, as dominará, e você, algum dia, parará de lutar e reconhecerá que também me desejava com ardor. Contudo, fui obrigado a fazê-la admitir isto para si mesma. Carlie, você era orgulhosa demais. Eu tinha que atravessar esta sua barreira de orgulho antes de você poder reconhecer que me desejava.

Ela se sentou na cama, procurando o manto negro de Avarra. Ele se afastou de seu alcance e atirou-o, zangado, ao chão.

— Nunca mais permita que eu a veja usando esta coisa infernal outra vez!

Ela deu de ombros, levantando-se com a sua camisola estraçalhada, tão empertigada e orgulhosa como se estivesse envergando um traje da corte. As lágrimas continuavam a rolar pelo seu rosto, contra a sua vontade, e ela as secou de um modo impaciente. Sua voz soava fraca e fria, apesar das muitas lágrimas derramadas.

— Acredita realmente nisto, Bard? Ou não será seu modo de se proteger para não reconhecer a atitude impiedosa que assumiu, que desculpa mais indigna e infeliz para o homem que realmente é?

— Não sou diferente de qualquer outro homem — retrucou Bard, procurando se defender -, e você, minha querida senhora, também não difere de qualquer outra mulher, a não ser com relação ao seu orgulho. Tive oportunidade de conhecer algumas mulheres

que se mataram pelo simples fato de não quererem admitir para o homem que seus desejos não eram em nada diferentes dos desejos dos homens... contudo, pensava que você fosse mais sincera, que seria capaz de admitir para si mesma, agora que tornei as coisas incontornáveis, que tinha me desejado...

— Isto é uma mentira, Bard — retrucou ela bem baixinho. — Uma mentira. E se acredita nisto, é apenas porque não ousa saber o que é ou o que fez.

— Pelo menos, conheço as mulheres — replicou ele encolhendo os ombros. — Conheço muitas delas desde os meus catorze anos, por isto sei como são.

Ela sacudiu a cabeça:

— Jamais soube qualquer coisa a respeito de qualquer mulher, Bard. Você apenas ficou sabendo aquilo que desejava acreditar a respeito delas e isto está muito, muito, mas muito longe mesmo da verdade.

— E qual é a verdade? — a voz dele tinha um toque de desdém.

— Você me pergunta, porém não tem coragem de enfrentá-la, não é mesmo? Alguma vez chegou ao menos a pensar em descobrir a verdade... a verdade verdadeira, Bard, não as mentiras atenuantes que os homens imaginam para que possam conviver com o que são e com as coisas que fazem?

— Sugere que pergunte isto a uma mulher e ouça as mentiras que dizem? Vou lhe dizer uma coisa, todas elas... sim, e você também está incluída, senhora... o que desejam é serem dominadas, sentirem seu orgulho subjugado, para que assim possam admitir seus verdadeiros desejos...

Ela sorriu, ligeiramente apenas:

— Se de fato é nisto que acredita, Bard, então não hesitará em conhecer a verdadeira verdade, mente para mente, de modo que nenhum de nós dois possa mentir para o outro.

— Não sabia que era uma leronis, porém estou bastante seguro de mim mesmo, senhora, a tal ponto que se desejar ou tiver coragem suficiente para me revelar o mais profundo de sua mente, não temo o que verei.

Carlina pôs a mão na garganta, onde a pedra da estrela pendia enfiada dentro de um saquinho de couro pendurado numa tira também de couro. Disse:

— Que assim seja, Bard. E Avarra que tenha misericórdia de você; pois não terei mais piedade do que a que você me demonstrou na noite passada. Portanto, tome conhecimento do que sou... e daquilo que é.

Retirou a pedra de seu invólucro, e Bard experimentou um leve enjôo diante do azul, das estrias de luz que se espiralavam dentro dela.

— Veja — disse ela em voz baixa. — Veja em meu íntimo, se quiser.

Por um momento nada aconteceu, apenas a distância, o desconhecido, e então Bard se deu conta de que estava vendo a si mesmo, na memória, como Carlina o tinha visto quando ele chegou à corte para ser seu irmão de criação; um garoto desajeitado, grande, rude, que não sabia dançar", muito desenvolvido para a idade, tropeçando nos próprios pés... Naquele tempo, ela sentiu pena de mim? Nada além de pena? Não, ele viu a si mesmo através dos olhos dela, bonito, assustador, até um pouquinho encantador, o garotão que tinha ido apanhar seu gatinho no alto da árvore... e, de repente, quando ela se mostrava tão agradecida, ameaçou torcer o pescoço do bichinho, de modo que a gratidão dela foi avassalada por um terror súbito, se ele fosse capaz de fazer uma coisa destas com um gatinho, o que não faria comigo? Para Carlina, Bard sabia, ele tinha parecido imenso, apavorante, tão grande quanto o mundo, e quando ficaram noivos e ela tinha pensado em Bard, pela primeira vez, como um possível marido, ele sentiu, com ela, a pavorosa reação, braços descomunais que a esmagariam, mãos rudes tocando-a, o beijo que ele lhe tinha dado então na presença de todos, envergonhada e tremendo. E sua revolta contra ele quando tinha abraçado Lisarda, aos prantos, a moça sem nem mesmo saber o que Bard havia feito e por quê, apenas que tinha sido usada, desonrada, humilhada, que não tinha podido resistir a ele, mesmo através de seu ódio e revolta pelo que fora feito contra seu corpo e como ele a transformara numa cúmplice no seu próprio estupro...

E, depois, o festival, quando Bard a levara para a galeria, Carlina sabendo as intenções dele, querendo ela ou não, enfim, fazer com ela o mesmo que fizera com Lisarda; mas fora bem pior, porque sabia o que Bard desejava e por quê...

Bard não me deseja, tudo que almeja, no seu orgulho, é deitar com a filha do rei para que se torne o genro do rei; não tem qualquer identidade ou orgulho próprios, portanto, tem de ter a filha do rei como mulher; para lhe conferir legitimidade... E ele quer o meu corpo... da mesma forma como deseja o corpo de todas as mulheres que vê... Bard experimentou, junto com Carlina, seu mal-estar físico, a revolta contra a sua língua enfiando-se por sua boca adentro, as mãos dele afagando-a, o alívio estonteante quando Jeremy o tinha interrompido. Através dos olhos dela viu-se a si mesmo enfiando aquele maldito punhal em Jeremy e ouviu os gritos do amigo e a convulsão da agonia...

— Chega!... — implorou em voz alta, porém a fonte informadora deteve-o, sem piedade, arrastando-o até a vergonha experimentada por Carlina ao se lembrar de que houvera uma época em que sentira admiração por ele, até o momento em que experimentara os primeiros sinais de desejo com relação a ele... Era como se ele os tivesse extirpado com suas próprias mãos, a ponto dela nada sentir quando, de pé, observou-o ser exilado; e parecia que suas mãos sobre ela tinham arrasado com qualquer desejo para se casar com ele. Quando a mão de Jeremy lhe tinha sido proposta, ela tinha escapado para a segurança da Ilha do Silêncio, e lá, a paz havia destruído todas aquelas recordações... ou quase isto. Bard pensou que fosse morrer de pavor quando experimentou com Carlina o terror de se ver sozinha, amarrada e amordaçada... desvalida, inteiramente desvalida... numa liteira, sendo levada pelas mãos não sabia de quem, rumo a um lugar que desconhecia qual fosse. Cada uma das emoções de Carlina embarafustava-se em seu íntimo de modo atroz, o medo de mãos estranhas, o pavor quando tinha visto o rosto de Bard, como ela pensara que fosse, espiando, cheio de ódio, para dentro da liteira — e sabendo que não devia esperar qualquer tipo de misericórdia por parte de seu orgulho e ambição. Viveu a luta convulsa quando, solta por um momento para

fazer suas necessidades, tinha disparado numa carreira desenfreada como uma chervine, apenas para ser alcançada e presa, debatendo-se e arranhando (em meio a todo aquele terror a satisfação momentânea ao sentir que suas unhas tinham arranhado as faces de Paul a ponto de sair sangue), e sendo jogada de volta dentro da liteira. A humilhação de ficar deitada lá hora após hora, amarrada e amordaçada, a vergonha de estar deitada sobre um vestido empapado com sua própria urina. A compreensão, ao ser trazida e carregada para seus antigos aposentos, de que estava vencida, que não havia por onde escapar; ouvindo sua própria voz, envergonhada, porém por demais extenuada para agir de outra forma, dar a sua palavra apenas para que os laços que dilaceravam sua pele fossem afrouxados, para poder se alimentar, ser cuidada, banhar-se e receber roupas limpas. Depois disto, nunca mais poderei pensar em mim mesma como uma pessoa corajosa...

Quando Bard foi procurá-la, ela já se sentia meio derrotada. Bard sentiu com Carlina o terror desarticulado de suas orações desesperadas. Mãe Avarra, ajude-me, salve-me, proteja-me pois estou presa à senhora pelos votos que fiz, não deixe que isto aconteça... por que, por que deve isto acontecer, por que me abandona, fiz tudo aquilo que prometi, servi-a devotadamente como sua sacerdotisa... e a indescritível sensação de abandono quando se deu conta de que a deusa não iria ajudá-la, que ninguém a podia auxiliar, que estava a sós com Bard e ele era muito mais forte do que ela...

Terror mortal e humilhação tremenda, enquanto jazia deitada com as roupas destruídas, lívida, sofrimento atroz, porém pior que o sofrimento, a revolta de saber que nada mais era além de algo a ser usado. O dismantelamento de seu corpo nas suas partes mais profundas e secretas, e uma sensação de inutilidade, uma vergonhosa aversão por si mesma ao ver que se deixava usar daquela maneira, ódio e horror por não o ter forçado a matá-la primeiro, por não ter lutado até morrer... nada, nada do que ele poderia ter feito seria pior do que isto... e enquanto seu sêmen esguichava dentro dela, o medo e a certeza de sua própria vulnerabilidade, que nada mais seria além de um ventre para os

filhos dele, dele... um parasita horrível, detestável, que podia se desenvolver dentro dela e apoderar-se de seu corpo imaculado... mas ela tinha permitido que ele fizesse isto, podia ter lutado mais, não merecia mesmo nada melhor...

Bard ignorava que se achava no chão, contorcendo-se, que gritava alto, na obscuridade desta violação, como Carlina não tinha berrado, sentindo seus dentes morderem seu lábio, uma coisa usual, contundente, abusiva. O mundo era escuridão e seus próprios soluços quando sentiu com Carlina o horror de ser novamente possuída, usada mais uma vez, que ele tinha ousado sentir prazer neste horror... tranqüilidade e autodesprezo, já que ela só merecia isto e nada mais...

Contudo, isso não foi tudo. Seja lá como for, o fluxo do laran tinha sido despertado, e ele sentiu outras lembranças, outras percepções avolumaram-se em seu íntimo. Viu a si mesmo através dos olhos de Lisarda, nua, monstruosa, atordoada, enfrentando o sofrimento e a violação... viu a si mesmo através dos olhos de Melisendra, compulsão abominável e um prazer que gerava um desprezo contra si mesmo, o terror de ser humilhada e perder o poder da Visão, o terror sentido por ela do castigo e da língua ferina de Lady Jerana, e o pior, a piedade de Melora...

Encontrava-se, outra vez, de pé na praia do Lago do Silêncio e uma sacerdotisa envergando um manto escuro amaldiçoava-o, e, em seguida, os semblantes de todos aqueles que tinha matado e despojado penetravam em seu íntimo e atormentavam sua alma, e ele se contorcia e uivava sob aquela capacidade de compreensão e conhecimento tão profunda que nada mais restava; viu a si mesmo como uma coisinha vergonhosa e doentia... que desculpa infeliz para um homem que você realmente é... e sabia que aquilo era a verdade. Ele olhara para o mais íntimo de sua alma e a tinha achado deficiente; e de todo o coração almejou a morte à medida que aquilo continuava... e não cessava... não cessava...

Finalmente, tudo terminou, e ele ficou deitado ensimesmado, sobre o chão do aposento. Em algum lugar, milhões de quilômetros dali, mais distante do que as luas, a vingativa Avarra criou uma

matriz que não podia ser vista, e o mundo mergulhou numa escuridão compassiva.

Horas mais tarde, o mundo começou a clarear. Bard remexeu-se escutando uma única voz através do tormento do ódio, da acusação e do desprezo para consigo mesmo, que era tudo que conseguia ouvir.

Bard, acho que você é dois homens... e aquele outro jamais deixarei de amar...

Melora, que o tinha amado e soubera lhe dar o devido valor. Melora, a única mulher em cujos olhos ele nunca tinha se autodestruído.

Mesmo meu irmão, mesmo Alaric, se ele soubesse o que fiz, haveria de me odiar. Mas Melora sabe, conhece o que de pior existe em mim e não me odeia. Melora, Melora...

Como um homem atordoado, vestiu-se, olhando para o lugar onde Carlina se encontrava deitada, largada, sob uma profunda exaustão, sobre a cama. Ela tinha se esgotado a tal ponto, que nem mesmo puxara o manto negro sobre o corpo; ainda usava a camisola destruída, manchada de sangue e os olhos estavam vermelhos e fundos devido ao pranto.

Olhou para ela com um medo e um pavor terríveis, e pensou: Carlie, Carlie, jamais quis machucá-la, o que foi que eu fiz? Andando nas pontas dos pés por recear que ela pudesse despertar e fitá-lo com aqueles seus olhos terríveis, saiu para o corredor. Melora! Apenas um pensamento dominava a sua mente, ir procurar Melora, que era a única pessoa capaz de curar suas feridas... Contudo, antes de mais nada, Bard era um soldado, e apesar de só ter vontade de descer correndo as escadas e montar a cavalo, forçou-se a tomar o caminho alternativo, ao longo do corredor rumo aos seus próprios aposentos.

Quando Bard entrou ali, Paul ergueu os olhos consternado. Pensou em dizer: santo Deus, rapaz, pensei que tinha passado a noite com sua mulher e você parece ter andado perseguindo demônios num dos infernos... porém conteve-se ao constatar a expressão do olhar de Bard. O que tinha acontecido com ele? Notou o olhar de Bard sobre Melisendra, que vestia um robe verde, os

cabelos presos no alto da cabeça, displicentemente, acabando de sair de um banho refrescante e, depois, afastou os olhos, atormentado.

— Bard — disse ela naquela sua voz doce e melodiosa -, o que lhe aconteceu, meu caro? Está doente?

Ele sacudiu a cabeça:

— Não tenho nenhum direito... nenhum direito de perguntar... — e Paul ficou assombrado e chocado com a rouquidão de sua voz.  
— Contudo... em nome de Avarra... você é uma mulher. Suplico-lhe para ir ao encontro de Carlina; não seria capaz... de deixar que fosse ainda mais humilhada pelas... quando as suas camareiras a vissem naquelas condições. Eu... a voz dele partiu-se. — Eu a destruí. E ela me destruiu — levantou a mão impedindo-a de formular as perguntas que já estavam na ponta da língua, e Melisendra percebeu que o homem encontrava-se no fim de suas forças. Bard virou-se para Paul, concentrando o que ainda lhe restava de seus antigos modos:

— Até que volte... até que eu volte, você será o Lorde General do exército das Astúrias. Isto aconteceu mais cedo do que esperávamos.

Paul abriu a boca para protestar, porém antes que pudesse falar, Bard tinha abandonado o quarto.

A medida que o som de seus passos foi desaparecendo, Paul virou-se para Melisendra, atônito e consternado:

— Que diabos aconteceu com ele? Ele parece a ira de deus!

— Não — disse Melisendra gentilmente -, da deusa. Acho que ele se viu frente a frente com a ira de Avarra, e que ela não foi nada delicada para com ele — afastou a mão de Paul. — Tenho que ir para o lado de Lady Carlina; ele me pediu isto em nome da deusa, e um pedido destes nenhuma mulher e sacerdotisa pode se recusar a atender, nunca.

## Capítulo Seis

Durante todo o longo trajeto rumo a Neskaya, Bard, montado no seu cavalo que galopava, viajando sozinho, praticamente não conseguia se sentar na sela. Sentia-se doente e esgotado, o sofrimento e o desespero golpeando-o junto com os solavancos devido à irregularidade da estrada; ele não tinha certeza se era dele mesmo ou de Carlina a agonizante percepção da humilhação, o padecimento de um corpo violentado e uma vergonha que penetrava até o mais fundo de sua alma. Sentiu o sofrimento dela, seu autodesprezo e ficou assombrado com aquilo... Por que ela devia detestar a si mesma por uma coisa que lhe fiz? Contudo, sabia que ela se culpava por não o ter forçado a matá-la antes. Tocando-o ainda mais fundo estava a lembrança da voz delicada de Melisendra quando perguntara Bard, o que lhe aconteceu, meu caro? Está doente? Como era possível ela se revelar tão clemente quando ele lhe fizera a mesma coisa que tinha feito com Carlina? E, ainda assim, aquilo fora uma reação sincera, realmente tinha se preocupado e se importado com ele; seria apenas por ser ele o pai do filho dela? Ou será que ela possuía alguma fonte de consolação que lhe era desconhecida? Quando tive necessidade do consolo da deusa, eu era mais moça e mais ignorante do que poderia imaginar, dissera-lhe ela certa vez. Ela havia sobrevivido ao seu sofrimento, ou no mínimo saíra incólume dele, mas com Carlina tudo era ainda muito recente e violento, a lembrança do momento em que ela tinha gritado pela deusa e se dado conta de que a sua deusa não podia ou não haveria de intervir em seu favor para salvá-la. Contudo, a deusa atingira-o através de Carlina e a vingara... a ela e todas as outras mulheres que tinha tratado mal. Mas por que Carlina teve que sofrer para que a deusa o atingisse?

Será que estou ficando louco?

Cavalgou o dia inteiro, e quando anoiteceu, continuou a viagem ao luar, pois ainda não avistava a torre de Neskaya. Não fizera nenhuma parada para descansar ou comer, ou para qualquer outra coisa, a não ser alguns rápidos minutos para dar descanso à sua

montaria. Então, recordando-se de nada ter comido ou bebido durante todo o dia, e que também tinha dormido pouquíssimo, desmontou por um momento e deu um pouco de trigo ao cavalo. Seu manto pesado protegia-o muito bem do sereno noturno, porém à medida que observava o céu, este começou a clarear e a face verde de Idriel despontou, timidamente, através de faixas irregulares de nuvens.

Ela está me espreitando. E o rosto da deusa observando-me.

Sim. Não há dúvida, não tenho dúvida alguma, ela está ficando louca. Não, quem está ficando maluco sou eu. Contudo, uma débil voz sob seu desespero dizia-lhe que não estava ficando louco, que não havia uma escapatória tão complacente assim para a dor do autoconhecimento.

Você que não tenha a ousadia de enlouquecer. Precisa se recompor, seja lá como for, para que assim tenha condições de reparar o mal que já causou a tanta gente... embora nada, nada possa recuperar o que fez...

Como tive tanto laran para ver tudo aquilo? Melisendra. Ela é uma telepata catalisadora. Por que Melisendra jamais me fez ver tudo aquilo que Carlina me mostrou? Ela tinha poder para fazê-lo. Terá sido por sentir pena de mim que não agiu? E por que haveria de sentir pena de mim depois daquilo que lhe fiz?

Melora. Melora. Se ele tivesse tido um pouquinho só de sensibilidade, haveria percebido... mil detalhes lhe teriam revelado... que Carlina não o tinha desejado para marido e que ele não a queria para mulher. Desejara se casar com a filha do rei para que pudesse assegurar sua posição na qualidade de genro do rei. Mas por que havia tido tão pouca autoconfiança e orgulho? Sempre pensei que, no mínimo, era orgulhoso demais; contudo, tudo que fiz foi por achar que nada que realizava era suficientemente bom.

Mas ele era o sobrinho nedestro do rei; o Rei Ardrin era irmão de seu pai, e a ilegitimidade jamais pesou tanto assim quando comparada à habilidade na guerra e na estratégia. Poderia ter feito uma boa carreira e conquistado honraria e posição como o paladino do rei e seu porta-estandarte... mas não tinha acreditado nele

mesmo o suficiente para ter certeza disto, tivera que forçar a posse de Carlina.

E se o Rei Ardrin houvesse realmente se entregado àquilo, ele e Carlina teriam tido um casamento formal em nada pior do que o da maioria dos casais da corte. Contudo, após aquela bem-sucedida campanha com o clingfire, ele deveria demonstrar suficiente confiança para saber que o rei lhe daria o devido valor, mesmo sem aquele casamento. Deveria ter desistido de Carlina e pedido autorização a Mestre Gareth para cortejar Melora. Isto se ela tivesse me desejado; acho que eu sabia não ser suficientemente bom para ela.

Melora era a única pessoa que o havia amado alguma vez. Sua mãe entregara-o ao pai para ser educado por ele, pelo que lhe constava, sem a mínima hesitação. Seu pai o amara, ou tinha visto Bard apenas como um instrumento para satisfazer suas ambições pessoais? Seu irmãozinho Alaric tinha-o amado... porém ele jamais me conheceu realmente, e se tal tivesse acontecido, não me teria dedicado o seu amor... mas sim me odiado, considerado-me com desprezo. Nunca encontrara uma mulher que o amasse. Atiro a compulsão sobre elas para virem compartilhar da minha cama porque eu percebia que nenhuma delas haveria de me desejar, por sua livre vontade.

Seus irmãos de criação o tinham amado... e aleijara um deles por toda a vida, transformara o outro num inimigo e depois o matara...

E por que Beltran se tornou meu inimigo? Porque escarnei dele... e zombei dele porque expôs para mim os meus medos a respeito de minha virilidade. Porque ele não se envergonhava de admitir sua fraqueza, ou seu desejo, de se certificar do velho juramento que tínhamos feito quando éramos garotos... mas eu estava com medo que ele viesse a descobrir que eu era menos másculo do que ele mesmo!

E quando chegar em Neskaya, Melora, sem dúvida, irá me revelar o quanto fui tolo em pensar que ela poderia cuidar de mim... mas, talvez, ela sentirá pena de mim. Ela é uma leronis e talvez saiba o que devo fazer para conseguir reorganizar minha vida. Não

acho que o que fiz possa ser apagado, porém devo tentar. Talvez possa acalmar a deusa...

É tarde demais?

Seu cavalo agora estava muito cansado e deslocava-se com lentidão, mas Bard também se mostrava extenuado, sentia um esgotamento ímpar, e puxou seu manto, envolvendo-se nele de um modo que o fez recordar insuportavelmente, através da sua crua percepção, a maneira como Carlina se encolhera sob seu manto negro. E ele havia arrancado de cima dela até mesmo esta ínfima proteção... Bard percebeu que não tinha condições de conviver com aquela compreensão... que morreria se aquilo se prolongasse durante muito tempo, e ainda assim sabia, num nível mais profundo, que na verdade jamais terminaria. Não importa que reparações ele fizesse, viveria assim até o fim de seus dias, consciente do mal que tinha feito aos outros. Viveria para sempre sabendo o que tinha feito contra aqueles que amava.

Amava. Pois, a seu modo selvagem, havia amado Carlina. Seu amor era egoísta e torpe, mas fora um verdadeiro amor, também, amor pela garotinha tímida que tinha sido sua companheira de folguedos. E amara Geremy e Beltran também, e eles haviam escapado inteiramente de seu alcance, e o pior castigo para a sua perda era saber que fora ele mesmo quem os distanciara de si. Geremy rumo à alienação, Beltran rumo à morte. Amava Erlend, e sabia que jamais mereceria o amor do filho ou a sua consideração. Mas, se apesar de tudo, ainda tivesse o amor dele, seja lá como for (pois as crianças amam sem qualquer justificativa), sempre haveria de saber que o tinha devido apenas à bondade de Erlend e não devido à sua, que se o garoto conhecesse seu íntimo, também passaria a odiá-lo, assim como Alaric o odiaria, como seu pai haveria de odiá-lo... como Melora, que era tão boa e sincera, haveria certamente de odiá-lo quando soubesse. E ele deveria lhe contar tudo.

E, então, ele tomou conhecimento do sofrimento que ela experimentaria ao ser notificada sobre aquilo, e ficou imaginando como seria possível jogar este peso sobre Melora, como poderia tentar aliviar possivelmente seu próprio coração às custas de colocar

sobre o dela o seu padecimento. Ficou pensando se não seria melhor acabar logo com a própria vida, para que nunca mais tivesse condição de magoar qualquer outra pessoa. E então se deu conta de que aquilo, também, haveria de gerar sofrimento a outras pessoas. Aumentaria o sentimento de culpa de Carlina, já sobrecarregada pela vergonha e humilhação, sem qualquer possibilidade de recuperação. Magoaria Erlend, que o amava e que dele precisava, e também haveria de causar sofrimento a Alaric, em cujas frágeis mãos encontrava-se o reino... mas apenas com a ajuda forte e poderosa de Bard. E além de todos estes, faria Melora sofrer; assim, conscientizou-se de que não poderia fazê-lo. Penetrou no pátio de Neskaya e indagou do guarda sonolento que ali se achava se seria possível falar com a Ieronis Melora MacAran.

O homem ergueu um pouco os olhos, mas, aparentemente, na torre de Neskaya a chegada de um cavaleiro solitário à noite não representava um acontecimento tão estranho assim. O homem mandou alguém avisar a Melora que a estavam procurando, e nesse ínterim, percebendo a exaustão de Bard, conduziu-o até o interior do andar térreo e ofereceu-lhe alguns biscoitos e vinho. Bard comeu os biscoitos vorazmente, contudo não tocou no vinho, pois sabia que se bebesse apenas meio copo da bebida, no estado de exaustão e esfomeado como se achava, ficaria logo embriagado. Por mais que soubesse que o esquecimento provocado pela bebedeira seria quase uma bênção para ele, também sabia que agora não havia uma escapatória para ele tão fácil assim.

Escutou a voz de Melora antes de vê-la.

— Mas não faço a menor idéia de quem poderia vir até aqui para me ver nessa hora esquecida até pelos deuses, Lorill.

E então Melora apareceu à porta. Logo à primeira vista, pôde perceber que ela estava mais pesada de corpo e com o rosto mais redondo do que nunca, de pé, à luz de um candeeiro que carregava; contudo, percebeu o brilho de seus cabelos ruivos através do modesto véu que havia atirado sobre a cabeça. Estava mais do que claro que ela tinha sido chamada justamente quando se preparava para se deitar e estava usando um robe claro e largo, através do

qual, ligeiramente marcados, ele podia ver os contornos de seu corpo.

— Bard?! — exclamou ela, fitando-o indagativa e surpresa, e então, com aquela nova e terrível percepção que o fazia captar as emoções dos outros, ele sentiu o choque que a dominou ao deparar, no seu rosto desfigurado, com as rugas da exaustão. — Bard, meu caro, o que foi? Não, Lorill, tudo bem, pode deixar que o levarei para a minha sala de estar. Não consegue andar, Bard? Venha, então... entre, saia do frio!

Ele a seguiu, a contragosto, incapaz de fazer qualquer coisa, a não ser obedecer como uma criança, lembrando-se de que Melisendra também tinha dito "meu caro" quando vira o rosto dele. Como elas conseguiam tratá-lo assim? Ela abriu a porta de um cômodo cuja lareira o mantinha aquecido, e diante daquela sensação percebeu que estava meio congelado.

— Sente-se aqui, Bard, junto à lareira. Lorill, coloque mais algumas achas de lenha na lareira e depois pode retornar ao seu posto... não seja tolo, rapaz, não sou nenhuma leronis solteira que precise ser protegida e vigiada e conheço Bard desde que participou de sua primeira campanha! Ele não me fará nenhum mal!

Portanto, ainda havia uma pessoa viva que confiava nele. Não era muito, mas já era um começo, uma semente de calor crescente que iluminava o gélido vazio que havia em seu íntimo, como o fogo tinha aquecido seu corpo enregelado e exausto. Lorill havia se retirado. Melora armou uma mesinha frágil e colocou-a entre eles.

— Ia começar a comer alguma coisa antes de subir para as transmissões. — Junte-se a mim, Bard, há sempre mais do que o suficiente para dois.

Havia uma cesta de pão de nozes muito cheiroso e ainda quente, fatiado em pedaços ligeiramente crocantes, queijo pastoso condimentado com ervas, saboroso e picante, e um vaso de barro com sopa quente. Melora virou a metade do conteúdo numa caneca e empurrou para ele, pegando o vaso de barro e bebendo sua porção diretamente dali. Ele sorveu o líquido, sentindo a sopa quente, e a confiança demonstrada por Melora devolveu-lhe vida. Ela terminou de tomar a sopa, colocou o vaso de barro na mesa,

espalhando o queijo no pão, que estalava de tão torrado, que só com a ajuda dos dedos ela o mantinha junto; ainda assim, as migalhas caíam sobre seu colo, e ela as juntou e atirou na lareira.

— Quer tomar mais sopa? Posso mandar buscar mais. Há sempre sopa na cozinha em cima da lareira... tem certeza? Coma esta última fatia de pão, se tiver vontade, sinto-me empanzinada, e você cavalgou por muito tempo sob o frio. Está começando a se parecer menos com uma isca de banshee! Muito bem, Bard, o que aconteceu? Converse comigo a respeito, por que não faz isto?

— Melora! — Bard atravessou o cômodo com pressa para se ajoelhar aos pés dela. Melora suspirou e baixou o olhar na direção dele. Ele sabia que ela esperava, e de repente toda a enormidade daquilo que estava fazendo atingiu-o. Como seria possível ele aliviar a imensa agonia de sua nova carga de conhecimento atirando-a sobre os ombros de Melora? Falou, e escutou sua voz, rouca e incerta como a de um adolescente ao começar a modificar a voz: — Nunca deveria ter vindo até aqui, Melora. Sinto muito... Eu... irei embora agora. Não posso...

— Não pode o quê? Não seja bobo, Bard — disse ela, e estendeu aquelas mãos gorduchas, mas curiosamente graciosas, para levantar o rosto dele. E ao tocar nas têmporas dele, inesperadamente Bard tomou conhecimento de que ela podia ler tudo, que sabia de tudo, numa descomunal avalanche de percepção. A violência de seu novo sofrimento comunicou-se por si mesma a Melora, sem palavras, e ela ficou a par do que ele tinha feito, como aquilo lhe parecia agora, e o que havia acontecido.

— Misericordiosa Avarra! — sussurrou horrorizada; em seguida, falou baixinho: — Não... ela não foi clemente para com você, foi, meu pobre companheiro? Mas você ainda não foi merecedor de sua clemência, não é? Oh, Bard! — e puxou-o para junto de seu peito.

Bard ajoelhou-se ali como se ela fosse, por aquele momento, a mãe que jamais conhecera e percebeu que se achava prestes a chorar. Não chorava desde a morte de Beltran, mas sabia que haveria de chorar num outro momento e, por isto, lutou para se erguer, controlando-se contra possíveis sinais de fraqueza.

— Oh, meu querido — murmurou Melora num sussurro -, como foi que as coisas chegaram a este ponto? Culpo a mim mesma, Bard... deveria ter percebido o quanto você necessitava de amor e confiança, deveria ter descoberto algum meio de me aproximar de você. No entanto, orgulhava-me tanto de mim mesma por saber obedecer aos regulamentos, como se eles não pudessem ser postos de lado segundo as necessidades humanas, e no meu orgulho coloquei tudo isto em andamento! Todos nós convivemos com o erro que cometemos... esta é a parte terrível. Podemos olhar para trás e ver o momento exato onde tudo saiu errado e isto é todo o castigo de que necessitamos, me parece; viver com aquilo que fazemos e sabermos como o fizemos. Eu devia ter encontrado uma maneira.

Inesperadamente recordou-se de Mirella, naquela noite no acampamento, quando Melora o tinha mandado embora, recordando-o orgulhosamente do que era conveniente, tudo lhe voltou à memória; Mirella, à porta da tenda, sussurrando: "Ela chorou até adormecer de cansaço..." Melora o tinha desejado com o mesmo ardor que ele. Se Bard ao menos tivesse tomado conhecimento disto! Se ao menos tivesse tido certeza disto, talvez pudesse ter sido mais delicado para com Beltran,.. porém, como era possível Melora culpar a si mesma pelos pecados e erros que eram dele? Ela o fez, e ele nunca haveria de poder aliviá-la disto, e, portanto, também a havia magoado de uma forma terrível.

— Não há remédio para isto? Não há jeito para nada disto? Não consigo viver assim, com esta... esta carga de conhecimentos, não posso...

Ainda tocando o rosto dele com muita delicadeza, ela disse com uma gentileza infinda:

— Mas tem que viver, meu querido, como eu devo, como Carlina tem que viver, como todos devemos. A única diferença é que alguns nunca sabem por que sofrem tanto assim. Diga-me, Bard, você preferiria que isto não tivesse acontecido? Deseja realmente isto?

— Querer não ter feito tudo quanto fiz? Está maluca? Claro... esta é a coisa infernal, jamais poder desfazer nada do que fiz...

— Não, Bard, estou querendo saber se você gostaria de fato que Carlina jamais lhe tivesse feito ver tudo isto, se ainda desejava continuar sendo o homem que era há alguns dias?

Ele começou a bradar:

— Sim, sim, não suporto saber, desta forma, quero retornar à ignorância. — Carlina tinha lançado esta carga em cima dele com laran, talvez com um laran fosse possível encontrar uma fórmula de livrá-lo deste conhecimento monstruoso. E então, ele se deu conta, a cabeça abaixada, sob o impacto de um novo tipo de sofrimento, de que não era verdade. Para ele, voltar à ignorância seria arriscado, pois poderia voltar a fazer tudo que já havia feito, tornando-se outra vez o tipo de homem capaz de cometer todas aquelas atrocidades; capaz de ferir um irmão, estuprar e atormentar as mulheres que se preocupavam por ele... falou com a cabeça ainda baixa:

— Não.

Isto porque, ainda que não soubesse de nada àquele respeito, todo o sofrimento de Carlina e todo o padecimento de Melisendra e a beleza de seu perdão continuariam existindo, mas ele não teria consciência de nenhum deles. Já não conseguia mais imaginar como poderia ser aquilo, ou seja, não saber; ele seria igual a um homem cego num jardim repleto de flores desabrochando, que passava por elas sem se importar.

— Prefiro saber. É doloroso, mas... oh, prefiro saber!

— Ótimo — disse Melora num sussurro... Este é o primeiro passo... para saber e não bloquear o conhecimento, afastá-lo.

— Desejo... desejo, alguma forma, para... para tentar algumas reparações... pois o que posso...

Melora anuiu com um movimento de cabeça:

— Você o fará. Não pode deixar de fazê-lo. Contudo, haverá muitas coisas que você não poderá compensar e mesmo quando isto o torturar, terá que aprender a... a continuar, seja lá como for, carregando e suportando o seu peso. Sabendo que não pode desfazer nada do que fez — olhou para ele intensamente. — Por exemplo, acha que devia ter deixado Carlina sozinha com isto?

Ele lhe respondeu sem ter ainda condições de fitá-la:

— Ao que me parece, eu devia ser a única pessoa que ela não haveria de querer ver.

— Não esteja tão certo disto; vocês compartilharam alguma coisa, afinal de contas, e algum dia você terá que a enfrentar novamente.

— Eu... eu sei. Mas depois... depois daquilo eu não podia ficar lá... fazendo-a lembrar... eu não suportaria. Eu... eu pedi a Melisendra que lhe fosse fazer companhia. Ela é... ela é boa. Não entendo como o possa ser, depois de tudo por que passou, tudo que fiz contra ela, mas ela é.

— Porque ela enxerga o íntimo das pessoas. Da mesma maneira que acontece agora com você. Ela sabe o que são e o que as atormenta.

— Você também faz o mesmo — afirmou ele, após um instante. — O que é isto? Isto é apenas... ter laran?

— Não exatamente. No entanto, é o primeiro estágio no nosso aprendizado. E foi por isto que Carlina, na realidade, o apresentou bom para o mal. Ela lhe deu o dom do laran, que foi a primeira coisa que ela própria recebeu.

— Que presente! — exclamou Bard com amargura.

— O dom de ver a nós mesmos, É um dom, e tomará consciência disto com o passar do tempo. Bard, já é tarde e tenho que ir para as re-transmissões... não, não o deixarei assim. Deixe-me mandar um recado para Dom Varzil... ele é o nosso tenerézu, nosso protetor... e ele poderá mandar alguém para me substituir por lá; sua necessidade é maior, neste presente momento.

Bard recordou-se que tinha visto Varzil de Neskaya... teria sido no casamento de Jeremy? Não conseguia se lembrar; o tempo estava se engavetando numa passagem enevoada e constante. Ele não sabia quando, ou como, ou por que tinha feito alguma coisa, havia apenas a imensa convicção de um passado cheio de culpas e sentia horror dele mesmo, um horror tão profundo, que achava que nunca mais poderia erguer a cabeça. Qualquer coisa que fizesse, qualquer coisa, ia gerar uma interminável catástrofe. Como poderia viver dessa maneira? Contudo, se morresse, a catástrofe também

estaria criada, logo, ele não podia reparar coisa alguma caso se afastasse da oportunidade de causar mais danos...

Melora tocou na mão dele:

— Basta! — exclamou resoluta. — Agora está começando a se deixar levar pela autopiedade, e isto só tornará as coisas piores. O que está experimentando neste momento nada mais é do que o resultado da exaustão. Nada mais do que isto! Vou lhe revelar algo... — e a voz dela ficou mais suave... — quando estiver descansado, e se achar em condição de absorver o que lhe aconteceu, terá condições de prosseguir. Não poderá se esquecer de nada, mas saberá separar as coisas, deixá-las para trás, e viver com aquilo que pode reparar. Está precisando agora é de descansar e dormir. Ficarei ao seu lado. Levantou-se, segurou a mesinha e substituiu-a por um banquinho largo, baixo e pesado, muito bem estofado, diante da cadeira.

— Devia ter feito isto para você...

— Por quê? Não estou extenuada ou aleijada. Vamos, coloque os pés para cima... é, assim mesmo. Deixe-me tirar as suas botas. E tire seu cinturão da espada, não precisará dela. Não aqui. — Abriu uma cortina que dava acesso a uma alcova na extremidade oposta do cômodo. Ele percebeu que era ali que ela dormia. Melora trouxe-lhe um travesseiro de sua cama. — A cadeira é muito confortável. Já dormi nela durante várias noites, quando alguém estava doente e sabia que seria chamada a qualquer momento. Se tiver necessidade de sair durante a noite — acrescentou em seguida -, o lugar que estará procurando encontra-se logo no final deste corredor, embaixo da escada, e sua porta está pintada de vermelho. É para os guardas; seria um escândalo caso o deixasse usar o banheiro da minha suíte, de vez que não é um dos nossos. — Cobriu-o com uma manta tricotada. — Durma bem, Bard.

Melora passou por ele e apagou o lampião. Ele escutou a cama dela ranger quando se deitou. Que coisa estranha, como ela era leve no caminhar para uma mulher grande; não conseguia ouvir de forma alguma os passos dela. Bard tocou na textura felpuda da manta sob seu queixo. Seja lá como for, aquilo o fez sentir-se como se fosse pequeno e jovem; teve uma estranha e rápida visão de sua mãe de

criação envolvendo-o com uma manta assim depois de alguma moléstia infantil. Estranho. Sempre tinha pensado em Lady Jerana detestando-o e tratando-o com crueldade; por que havia se esquecido dos momentos em que ela tinha sido boa para ele? Será que desejara acreditar que ela o odiava e só lhe queria o mal? Não devia ser nada fácil para uma mulher sem filho criar aquele que seu marido amava, uma criança forte e sadia, gerada por outra mulher.

A medida que caía numa madorna, percebeu a respiração de Melora; aquele som era estranhamente tranqüilizador, pois ela havia permitido que ele... um homem que jamais tratara uma mulher a não ser com crueldade... dormisse em seu quarto, Ele não tinha nenhuma má intenção com relação a ela... de repente, ficou imaginando se algum dia ainda seria capaz de desejar uma mulher, sem esta terrível percepção de todo o mal que podia fazer. Carlina conseguira sua vingança, pensou, e então, através de um lampejo íntimo e perverso, ficou imaginando se, como sua mãe tinha aberto mão dele, ele não teria pensado jamais ter sido amado porque achava, sem o saber, que nem mesmo ela o tinha julgado digno de amor. Ele não sabia; estava começando a achar que nada conhecia a respeito do amor. Mas sabia que a confiança demonstrada por Melora representava, de alguma forma, o primeiro passo dado para a sua própria recuperação. Adormeceu, agarrado ao travesseiro que tinha um perfume suave de alguma essência fresca usada por Melora.

Quando Bard despertou, a neve caía suave, uma das primeiras nevadas do ano nas colinas de Kilghard, e os flocos silenciosos, que se desfaziam ao cair, deslizavam dos outros lados das janelas. Melora mandou-o ir pedir emprestado a um dos guardas uma navalha e uma camisa limpa e disse-lhe para ir tomar o café da manhã na sala do rancho.

— Desta forma — comentou ela, sorrindo alegremente para ele -, saberão que não estou recebendo um amante de fora da torre, atitude imprópria durante meu tempo de serviço aqui. Não estou preocupada em excesso com a minha reputação, mas não é bom... causar um escândalo na torre deste jeito. Dom Varzil já tem muitas coisas com que se preocupar, sem precisar de mais esta.

Bard sentiu seu orgulho ligeiramente ferido ao se dirigir para o salão do rancho a fim de comer pão de nozes fresco e quente e peixe salgado frito em bolinhos, junto com os guardas; o Lorde General das Astúrias, reunindo-se para comer no rancho dos guardas? Mas aquele não era seu país, provavelmente não seria reconhecido, e se fosse, ora, ninguém tinha nada a ver com isto; evidentemente, até mesmo um general podia vir até aqui para consultar uma leronis sobre algum assunto particular, não é verdade? Sentiu-se melhor assim, bem barbeado e com roupas limpas. Após o café da manhã, uma criança, de cabelos ruivos, vestida de azul e prateado, com o semblante característico dos membros da família Hastur, trouxe-lhe um recado informando-o que Lorde Varzil de Neskaya desejava vê-lo.

Varzil de Neskaya. Um inimigo, um Ridenow de Serrais; mas Alaric gostara dele, e ele, pessoalmente, tivera uma impressão favorável quando o homem fora trocar Alaric por Jeremy. Mesmo quando julgava Dom Varzil um aliado do Rei Carolin de Thendara, ele se mostrara impressionado.

Não pode ser fácil jurar neutralidade num mundo devastado pela guerra! Quando todas as terras estão em chamas ao seu redor, sem dúvida alguma é bem mais fácil se juntar a um lado ou a outro!

Bard conseguira se lembrar de Dom Varzil como um jovem, no entanto, o homem que se encontrava diante dele, no diminuto estúdio revestido de pedra, envergando um simples robe e sandálias ao invés do manto de trabalho exigido pelo cerimonial, parecia um ancião; havia rugas profundas no rosto descarnado, jovem como era, e os luminosos cabelos ruivos já começavam a encanecer. Dom Varzil, afinal, não podia ser tão jovem assim; tinha reconstruído Neskaya do ataque com bombas incendiárias, e isto acontecera antes do nascimento de Bard, se bem que tivesse ouvido falar que naquela ocasião Dom Varzil era muito jovem.

— Bem-vindo, Bard mac Fianna. Falarei com você agora mesmo... porém, antes, devo determinar algumas coisas. Sente-se aqui — disse e continuou falando com o jovem vestido com as cores dos Hasturs, que se achava diante dele. De início isto provocou tensão em Bard... não tanto pela propalada neutralidade de Dom

Varzil e da torre... porém, após ter ouvido algumas palavras, ficou menos tenso.

— Sim, avise ao pessoal de Hali que mandaremos curandeiros e Ieroni para tratarem dos casos mais sérios de queimaduras, porém precisam entender que os ferimentos físicos, que podem ser vistos, não são tudo o que aconteceu. As mulheres grávidas devem ser monitoradas; a maioria delas abortará e estas serão as mais afortunadas, de vez que aquelas que conceberam filhos à época da calamidade, no mínimo a metade deles nascerá desfigurada ou deformada; estas crianças também deverão ser monitoradas a partir do nascimento. As mulheres em idade de conceber devem ser retiradas daquela região o mais rápido possível, ou correrão os mesmos riscos, caso concebam filhos antes que a terra esteja recuperada, e isto deverá levar muitos anos.

— As pessoas não vão querer abandonar suas propriedades ou suas fazendas — avisou o homem Hastur -, e o que haveremos de lhes dizer?

— A verdade — disse Dom Varzil, suspirando -, que a terra está contaminada além de qualquer recuperação e assim continuará por vários anos; ninguém pode viver lá, nem vencidos nem vencedores. Apenas uma coisa boa resultou de tudo isto.

— Uma coisa boa? E o que é, vai Iaranzu?

— A torre Dalereuth decidiu aderir à nossa neutralidade — respondeu Dom Vazil. — Juraram não produzir mais nenhuma arma com Iaran, seja qual for o motivo; e seu senhor, Marzan de Valeron, prestou juramento ao pacto, e também a Rainha Dama de Isoldir. E Valeron e Isoldir prometeram solenemente fidelidade aos Hasturs.

Bard cerrou os dentes ao tomar conhecimento disto. Será que toda esta terra ficaria, algum dia, sob o domínio de Hastur? E, no entanto... se os Hasturs tinham jurado não mais guerrearem, a não ser sob o pacto, não haveria mais atrocidades como aquela cometida contra Hali. Ele tinha sido um soldado durante toda a sua vida e não experimentava nenhum sentimento de culpa com relação aos homens que tinha abatido, frente a frente, com a espada; eles haviam tido uma oportunidade igual para matá-lo. Contudo, com relação aos homens mortos por encantos e bruxarias, pelas

mulheres e crianças mortas nos bombardeios incendiários, julgava que nada poderia justificar, nunca. Também achava que seus exércitos podiam enfrentar e conquistar as legiões de Hastur com quaisquer armas que elas escolhessem; por que teriam necessidade de feiticeiras também?

Quando Dom Varzil acabou de atender ao enviado de Hastur, falou:

— Vá avisar a Domna Mirella que gostaria de falar com ela.

Bard escutou aquele nome sem se surpreender, afinal, não se tratava de um nome tão fora do comum... porém, quando a jovem entrou na sala, ele a reconheceu de imediato. Ainda continuava esbelta e bonita, usando o robe branco de uma monitora.

— Filha, está trabalhando nos retransmissores? Pensei que estivesse apenas descansando, depois da sua provação em Hali — disse Dom Varzil.

Mirella já ia começar a responder, porém emudeceu ao ver Bard.

— Vai dom, soube através de Melora que agora era o Lorde General das Astúrias... perdoe-me, Lorde Varzil, permite que pergunte notícias de minha família? Como vai passando o meu avô, senhor, e Melisendra?

Bard encontrou, em algum lugar, a força necessária para encará-la. Era desejar demais esperar que Mirella não estivesse a par de sua depravação. Pelo que lhe constava, todos nos Cem Reinos sabiam e estavam prontos a cuspir no nome de Bard mac Fianna, chamado di Asturien.

— Mestre Gareth está muito bem, embora, é claro, esteja ficando velho. Ele nos acompanhou durante a campanha deflagrada contra Ridenow, antes da rendição. — Bard olhou hesitante para Dom Varzil. Não fazia dez dias ainda que ele tinha enforcado o senhor daquele homem, Dom Eiric de Serrais, depois da batalha sob a acusação de perjuro. Contudo, embora Dom Varzil parecesse triste, ele não demonstrava qualquer ódio contra Bard ou suas legiões.

— E Melisendra?

Melisendra é tia materna desta jovem. O que lhe terá ela dito a meu respeito?

— Melisendra está bem — respondeu ele, e em seguida, obedecendo a um impulso, acrescentou: — Acho que está feliz; creio... creio que deseja se casar com um de meus ajudantes-de-ordens, e se este for seu desejo, não a impedirei de fazê-lo. E o Rei Alaric já prometeu dar a Erlend uma declaração de legitimidade, portanto ela não precisará se preocupar com a situação dele.

Melora disse-me que eu encontraria uma maneira de solucionar tudo aquilo que fosse possível. Isto é apenas um começo, e tão insignificante, mas era uma forma de começar. Paul é quase tão mau quanto eu, porém, sei lá por quê, ela gosta dele.

Mirella sorriu para ele, com doçura, e falou:

— Agradeço-lhe as boas notícias que me deu, vai dom. E agora, Dom Varzil, estou às suas ordens.

— Sentimo-nos muito felizes por tê-la aqui enquanto se recupera do choque daquilo que aconteceu em Hali — disse Dom Varzil. — Por que não se encontrava dentro da torre?

— Tinha recebido autorização para ir a cavalo até as colinas para caçar, junto com duas de minhas bredin-y — esclareceu Mirella. — E já estávamos quase voltando para casa quando começou a chover e fomos procurar abrigo na cabana de um pastor... e então, ó misericordiosa deusa, nós... nós sentimos as queimaduras... ouvimos os berros... — seu rosto empalideceu, e Varzil estendendo a mão apertou a dela com toda a força.

— Deve procurar esquecer, querida criança. Na verdade... isto haverá de acompanhá-la sempre, nenhum de nós que vivemos nas torres poderemos jamais esquecer — disse Varzil. — Minha irmã caçula, Dyannis, era uma leronis em Hali, e senti a sua morte... — a voz dele ficou arrastada e por um momento ele olhou para dentro de si mesmo horrorizado. Em seguida, controlando-se, falou resolutivo: — O que devemos nos recordar, Rella, é que o heroísmo deles resultou em mais um passo rumo ao tempo, quando toda esta terra estará ligada ao pacto. Como você não ignora, eles transmitiram deliberadamente o que aconteceu... enquanto estavam morrendo, mantiveram suas mentes abertas para que todos nós pudéssemos ver, ouvir e sentir o que sofriam, ao invés de pegarem seus caminhos para deixar a vida o mais rápido possível... coisa que

poderiam ter feito com a maior facilidade... Mirella encolheu os ombros e disse:

— Eu não teria sido capaz de agir como eles! Creio que tão logo o fogo me atingisse, eu teria parado meu coração e experimentado uma morte suave...

— Talvez — discordou Dom Varzil com brandura. — Não somos todos identicamente heróicos. Mas, no entanto, cercada pelos outros, talvez tivesse achado também a sua coragem.

Bard viu na mente dele a imagem de uma mulher, cujo corpo ardia como uma tocha... porém Dom Varzil afastou aquela lembrança e perguntou:

— Rella, você deve ir para outra torre; deseja ir para Arilinn ou Tramontana?

— Tramontana é o posto do perigo, pois Aldaran ainda não assinou o pacto e pode atacar Tramontana. Devo uma morte a todos vocês; irei para Tramontana.

— Isto não é necessário — disse Dom Varzil com doçura. — Haverá muito trabalho para leroni aqui, tratando de ferimentos em crianças queimadas ou atingidas em Hali, ou nas colinas de Venza onde lançaram pó de bonewater e as crianças estão morrendo.

— Deixarei esta tarefa entregue às curandeiras e às sacerdotisas de Avarra, se conseguirem se autoconvencerem a abandonar seu isolamento no Lago do Silêncio. Minha obrigação encontra-se em Tramontana; é o castigo que imponho a mim mesma, Dom Varzil.

Dom Varzil inclinou a cabeça:

— Que assim seja. — Não sou o vigia de sua consciência. E não prevejo paz em Aldaran, nem qualquer segurança em Tramontana enquanto eu viver, ou por muitas gerações adiante de mim. Mas se deseja se impor a fazer isto, Mirella, se faz questão de ir para Tramontana, então que todos os deuses a acompanhem, filhinha — levantou-se, envolveu Mirella em seus braços e apertou-a contra si. — Aceite a minha bênção, irmã. E antes de partir, não deixe de falar com Melora.

Quando Dom Varzil a soltou, ela se virou para Bard:

— Transmita lembranças minhas para meu avô e Melisendra, vai dom. E diga-lhes que se não voltarmos a nos encontrar é devido ao destino da guerra. Você, que era o comandante quando participei pela primeira vez de uma guerra na condição de um leronis, entenderá isto.

— Fitou-o com mais intensidade, e algo que ela captou no rosto dele fez seu olhar ficar mais doce. Falou: — Agora que é um de nós, orarei por sua paz e para que o iluminem, senhor. Que os deuses o protejam.

Quando ela já havia se afastado, Bard virou-se para Dom Varzil intrigado:

— Que diabos quis ela dizer com... um de nós?

— Ora, ela viu que você recebeu o dom do laran há pouco tempo — esclareceu Dom Varzil. — Acha que um leronis não distingue um outro com donas?

— Isto... pelo lobo de Alar... isto se revela? — Sua consternação era tão patente... será que exibia uma marca visível daquilo em que tinha se transformado?... que Dom Varzil quase explodiu numa gargalhada.

— Fisicamente, não. Porém ela o vê, como qualquer um de nós o veria... não olhamos uns para os outros com nossos olhos físicos, você entende; vemos isto na... na parte exterior de sua mente. Nenhum de nós poderia ler seus pensamentos sem sermos convidados a fazê-lo, nem mesmo eu. Contudo, de um modo geral, podemos identificar aqueles que possuem laran — sorriu. — Afinal de contas, você acha que o protetor de Neskaya concede audiência a qualquer um que apareça por aqui... mesmo em se tratando do Lorde General das Astúrias, Marenji e Hammerfell e sabe Deus quantos outros mais países pequenos em território rebelde? Não faço o mínimo caso do Lorde General — disse ele, com um sorriso que tomou suas palavras de algum modo inofensivas -, mas Bard mac Fianna, o amigo de Melora, que eu amo, e recém-tornado consciente de seu laran... Bard mac Fianna é outro assunto. Como laranzu, tenho um dever com relação a você, Bard. Você é... como explicarei isto... é um peão.

— Não entendo o que está querendo dizer.

— Nem eu — disse Dom Varzil -, nem como sei disto; tudo que sei é que quando pus meus olhos sobre você, fiquei sabendo que seria através de você que vários e grandes acontecimentos de nosso tempo haveriam de ter lugar. Também sou um destes peões, pessoas que podem modificar a história, e que têm o dever de o fazer caso tenham alguma oportunidade, não importa o que aconteça. É por isto, creio eu, que você se tornou o Lorde General das Astúrias.

— Vai dom, isto soa por demais místico para mim — falou Bard, aborrecido. Tinha retornado do exílio por esforço próprio e não gostara da explicação metafísica que talvez ele nada mais fosse além de um peão do destino.

Dom Varzil encolheu os ombros:

— Talvez seja mesmo. Fui um laranzu toda a minha vida, e um dos meus dons é ver as linhas do tempo... não muitas, não muito claramente, não de uma forma que me deixasse optar, com clareza, entre os diversos caminhos que posso tomar. Já ouvi dizer que, algum dia, houve um dom assim, mas ele terminou. Mas, às vezes, posso reconhecer um peão quando o vejo, e decidir o que deva ser feito para não haver uma perda de oportunidade.

A boca de Bard contorceu-se. Disse:

— E suponha que não consiga ninguém para acatar a sua idéia sobre aquilo que deveria acontecer, o que faria então? O senhor apenas lhes diz o que devem fazer, e como caso contrário o mundo poderá acabar?

— Ah, não, isto não seria fácil, e não suponho que os deuses queiram que alcancemos a perfeição — retrucou Dom Varzil. — Não, todos os demais fazem o melhor que lhes é possível, segundo a visão pessoal de cada um sobre o assunto, e isto nem sempre é aquilo que vejo. Se assim não fosse, eu seria um deus, não apenas o protetor de Neskaya. Faço o que posso, só isto, e estou sempre terrivelmente consciente dos erros que cometo, e que já cometi, e mesmo daqueles que ainda cometerei. Tenho apenas que fazer o melhor que me seja possível e... — inesperadamente a voz dele endureceu — ...tendo em vista a sua experiência, Bard mac Fianna, creio que há algo que terá que aprender, rápido... fazer o melhor

que lhe seja possível, onde seja possível e conviver com os erros que não pode deixar de cometer. Caso contrário, você será igual ao burro que morreu de fome entre duas baias repletas de feno, procurando se decidir qual das duas comer primeiro.

Bard ficou imaginando se não fora por causa disto que Melora o tinha mandado a Dom Varzil.

— Em parte sim — respondeu Dom Varzil, captando o pensamento dele. — Acho que irão precisar dela na sua terra. É nas Astúrias que estão acontecendo as coisas importantes do nosso mundo. Mas antes que se vá, lhe pedirei mais uma vez aquilo que já lhe pedi quando nos encontramos antes, nas Astúrias: será que não deseja se aliar ao pacto?

O primeiro impulso de Bard foi responder que sim, me aliarei. Depois inclinou a cabeça:

— Eu o faria de bom grado, tenerézu. Mas sou um soldado e obedeço ordens. Não tenho o direito de fazer isto sem receber ordens de meu rei e seu regente. Para o bem ou para o mal, prestei-lhes juramento de obediência e não posso tomar esta atitude sem a autorização dos dois; e se o fizesse, seria desonesto. Aquele que não cumpre seu primeiro juramento não cumprirá o segundo também. — Experimentando uma vergonha indescritível, recordou-se de como tinha vituperado contra Carlina com aquele mesmo provérbio, porém isto não tinha diminuído seu dever neste momento.

Violei e ludibriei tudo o mais. Contudo, minha honra como um soldado e minha lealdade para com meu pai e meu irmão... estas coisas ainda continuam inalteradas, Tenho que procurar mantê-las assim.

Dom Varzil fitou-o longamente. Após um momento, estendeu a mão para Bard, tocou muito de leve o seu pulso. Falou:

— Se a sua honra assim o exige, que assim seja. Também não sou o guardião da sua consciência. Por isto deverei ir com você até as Astúrias, Bard. Espere até que eu tenha conversado com meus representantes e resolva quem deva ser deixado aqui como encarregado.

## Capítulo Sete

Carlina despertou de um sono inquieto, sentindo todos os nervos e músculos de seu corpo doloridos, e deparou com uma mulher de pé na soleira da porta de seu quarto. Ela se encolheu, puxando o manto escuro sobre si mesma; então, tremendo, lembrou-se de que não tinha direito a ele. Agora não. Ela o teria largado deixando que caísse, porém lembrou-se de que ainda estava meio despida, usando a camisola rasgada e suja de sangue, a única roupa que Bard havia deixado com ela. Sentia-se tonta e maltratada, e agora reconheceu a mulher, que era alta e roliça, usando um lindo vestido verde enfeitado com pele; tratava-se da concubina de Bard, a Ieronis da casa de Lady Jerana, que lhe dera um filho há alguns anos. Tudo que sabia sobre ela era que se chamava Melisendra, e ela tinha visto algo vago a respeito dela na mente de Bard, bem como na sua memória... Não conseguia se recordar dos detalhes, mas sabia que eram desagradáveis. Escondeu-se sob o manto negro, pensando que não poderia suportar a idéia de que aquela mulher, calma e auto-possessiva, visse a sua vergonha, a sua desonra.

— Vai domna — disse Melisendra, entrando no quarto -, a senhora não há de querer que suas criadas a vejam desta maneira; suplico-lhe que me permita ajudá-la. — Sentou-se na cama, ao lado de Carlina, tocando com delicadeza a equimose escura no rosto de Carlina. — Acredite-me, sei como está se sentindo. Era uma Ieronis, mantida virgem para a Visão, e nem sequer pude me defender contra um encanto... num certo sentido eu estava mais envergonhada do que você, pois não fui forçada a me submeter, mas entreguei a minha virgindade sem qualquer luta. E estou vendo que se defendeu com todas as suas forças, como eu não tive vontade de fazer; vi as marcas de suas unhas no rosto dele,

Carlina recomeçou a chorar, debilmente. Melisendra puxou-a para junto de seu peito e manteve-a ali,

— Vamos, vamos, chore se assim quiser... — murmurou ela, enquanto embalava Carlina. — Pobrezinha, coitada da minha

senhora, eu sei, eu sei, acredite-me. Também estava assim quando acordei e não tinha ninguém para me consolar, minha irmã estava longe, na torre, e tive que enfrentar a fúria de minha lady. Vamos, vamos...

Depois que Carlina chorou tanto quanto podia e serenou, Melisendra dirigiu-se para o banheiro e colocou-a na banheira cheia de água quente, acabando de rasgar a camisola destruída.

— Mandarei incinerar isto. Tenho certeza de que não vai querer vesti-la nunca mais.

Deu-lhe um banho como se ela fosse uma criancinha e passou pomadas analgésicas sobre as contusões. Em seguida, vestiu-a como uma boneca e mandou uma das camareiras para a suíte.

— Traga alguma coisa para a minha senhora comer. — Quando a criada trouxe o pedido, ela se sentou e encorajou Carlina a comer, colherada após colherada, um pouco de sopa e um pouco de creme. Carlina achava difícil se alimentar com seu maxilar tão dolorido, porém Melisendra assegurou-lhe de que ele não estava fraturado.

Depois que a criada levou as bandejas, Carlina olhou para ela timidamente e comentou:

— Sinto que isto deve parecer esquisito para elas... todas sabem o quanto estou envergonhada... e você aqui...

Melisendra sorriu para ela e falou:

— Mas é claro que não! Nada tem de novidade que uma barragana cuide da mulher legítima. E, minha senhora, se a verdade for dita, estou certa de que nesta terra, onde tantos casamentos são celebrados com mulheres que não o desejavam, a senhora não é a única nobre que vai para a noite nupcial como se fosse ser estuprada.

Carlina concordou com um sorriso amargo:

— Claro, é assim mesmo. Já ia me esquecendo... suponho que isto me tenha tornado a mulher legítima de Bard, e só preciso esperar, agora, para que as catenas sejam fechadas nos meus pulsos, como se fosse uma prostituta de uma Dry-town! Onde está o Bard?

— Ele partiu muito cedo hoje mesmo... Não sei para onde foi; contudo dava a impressão de ter se encontrado com a vingativa

Avarra — respondeu Melisendra com toda a tranqüilidade. — Não sei o que resultará disto. Ignoro se a situação política o obrigará a mantê-la como esposa. Nada sei a respeito destas coisas. Mas estou certa, absolutamente segura, de que nunca mais ele abusará da senhora. Sou uma leronis e percebi que alguma coisa havia se passado dentro dele. Não creio que volte a abusar de qualquer mulher outra vez.

— Como pode ser tão prestativa comigo, levando-se em conta que se eu continuar aqui como sua mulher, você será apenas barragana?

— Nunca fui outra coisa além disto, minha senhora. O pai de Bard faria muito gosto em nos ver casados, porém ele não me dá a mínima atenção. Fui apenas uma distração quando ele se sentia revoltado e amargurado com todo o mundo. Se não tivesse dado à luz o filho dele, teria sido expulsa...

— Ora, então isto significa que você também é uma vítima... — murmurou Carlina. Erguendo-se, beijou a mulher mais velha, num impulso. Em seguida, disse muito tímida: — Sob o voto das sacerdotisas de Avarra, eu sou mãe, irmã e filha de qualquer outra mulher...

— ...e sob o manto dela você é minha irmã — retrucou Melisendra, baixinho.

Carlina ergueu os olhos para ela assombrada:

— É uma de nós?

— Gostaria imensamente de ser — respondeu Melisendra, e seus olhos encheram-se de lágrimas. — Mas a senhora conhece a lei da deusa. Nenhuma mulher pode renunciar o mundo em favor da Ilha Sagrada enquanto tiver um filho muito pequeno para criar, ou pais idosos que necessitem de seus cuidados. Elas não me aceitariam, de vez que tenho estas responsabilidades; minha outra irmã é uma leronis em Neskaya e eu sou o único apoio que resta para meu velho pai, e Erlend só tem seis anos. Portanto, elas não haveriam de aceitar o meu voto. E... além disto... um Iaranzu. revelou-me, certa vez, que eu tinha um trabalho a fazer no mundo, se bem que não me tenha dito nem como nem quando. Contudo, a Madre Ellinen permitiu-me empenhar-me particularmente a fazer

todas as obrigações de uma sacerdotisa, embora não esteja presa à castidade. Ela disse que talvez, algum dia, eu deseje me casar.

— E você ainda... desejou o amor de um homem... — perguntou Carlina hesitante. — Sinto... morrerei... não suporto o pensamento de que qualquer homem ainda possa vir a me tocar por luxúria... ou até mesmo por amor...

Melisendra acariciou a mão dela suavemente:

— Isto há de passar, irmã. Isto há de passar, se a deusa o desejar. Ou talvez o desejo dela seja que de algum modo vá servi-la, novamente, em castidade, na ilha ou em um outro lugar qualquer. Estamos todas sob o manto dela — suspendeu o manto negro de Carlina e indagou: — Quer que eu mande lavar isto e o deixe pronto para usá-lo?

— Não sou mais digna de usá-lo — sussurrou Carlina.

— Psiu! — fez Melisendra resoluta. — Sabe que não é bem assim! Acha que ela não sabe como se defendeu?

Os olhos de Carlina ficaram novamente cheios de lágrimas.

— É disto exatamente que tenho medo. Podia ter resistido mais... podia ter deixado que ele me matasse... quem me dera que eu tivesse...

— Vai domna... irmã — falou Melisendra com doçura -, parece-me uma blasfêmia acreditar que a deusa possa ser menos compreensiva do que uma mulher fraca como eu. E se posso compreender e justificar a sua fraqueza, por que, então, a Mãe Enigmática não pode fazer muito mais ainda?

— Talvez eu tenha ficado na Ilha do Silêncio por demasiado tempo — disse Carlina, e sua voz estava trêmula. — Tinha me esquecido das verdadeiras coisas do mundo. Vocês estão em guerra, aqui.

— Vocês viram quando Hali foi atingida por bombas incendiárias e todos... morreram?

— Soubemos disto. Porém madre Ellinen mandou-nos impedir a visão, afirmando que nada podíamos fazer de bom ao compartilharmos de sua agonia de morte...

— Meu pai disse o mesmo. Mas nos encontrávamos em marcha junto com as legiões — explicou-lhe Melisendra.

— Mas as mãres dizem que não devemos nos imiscuir nas coisas da guerra, que nosso assunto está ligado às coisas eternas, nascimento e morte, e que a guerra era trabalho do homem... que nada tem a ver conosco, patriotismo, orgulho masculino, realeza e sucessão, que as mulheres nada têm a ver com eles...

Melisendra soltou uma imprecação:

— Desculpe-me, minha senhora. Contudo, combati lado a lado com os homens nos campos de batalha, desarmada, a não ser por uma pedra da estrela e um punhal para ter certeza de que não cairia em mãos inimigas. E a Irmandade da Espada luta com este mesmo tipo de armas, muito embora saiba que, para suas irmãs, as penalidades da derrota são bem cruéis. Algumas das prisioneiras passaram por isto não faz muitos dias, depois da derrota de Serrais.

Carlina falou num tom de voz baixo:

— As sacerdotisas de Avarra estão sempre ouvindo pedidos no sentido de que abandonem a sua ilha e passem a fazer suas curas no mundo. Talvez fosse bom solicitarmos à irmandade para nos proteger. Pelo menos não poderíamos fazer nenhum mal a elas neste sentido... — sua voz quase sumiu. — Talvez Madre Ellinen esteja enganada ao declarar que não devemos participar das lutas à nossa volta...

— Não sou a guardiã da consciência de ninguém — arriscou-se a dizer Melisendra. — Talvez existam diferentes vocações para mulheres diferentes...

Carlina perguntou com amargura:

— Mas onde encontraremos um homem que nos garanta isto? — e as duas silenciaram.

Nenhuma das duas recebeu um aviso do que aconteceu em seguida. Houve um ruído pequeno, apagado, surdo... todos os sobreviventes foram unânimes quanto a isto. Um momento depois, houve um estrondo enorme, um barulho ensurdecedor, o chão balançou sob seus pés e elas, sem querer, agarraram-se. A primeira explosão foi seguida por uma outra e mais outra.

— Erlend! — gritou Melisendra, e correu em desespero pelo corredor abaixo, aos tropeções, enquanto as paredes ruíam com uma quarta explosão. — Erlend! Paolo!

Paul gritou o nome de Melisendra, deparou com ela à entrada do quarto, agarrou-a com força e arrastou-a até se encontrarem sob uma das vigas das portas, onde permaneceram, protegendo-se contra uma próxima explosão. Melisendra agarrou-se a ele e ficou, flutuando, procurando a mente de seu filho. Ele estava a salvo! Graças a todos os deuses, estava a salvo nos estábulos, onde tinha ido para visitar uma ninhada de filhotes de cachorros! Paul sentiu o alívio de Melisendra como se fosse o seu, a mente dela aberta para ele, enquanto se deixava ficar, vacilante, agarrada ao seu corpo. O chão tornou, por várias vezes, a balançar sob as repetidas explosões, o ribombo prolongado e surdo e o estrondo das pedras ruindo.

— Vamos — falou Paul com decisão. — Temos que sair daqui!

— Lady Carlina...

Paul acompanhou Melisendra enquanto ela voltou à procura de Carlina. Encontraram-na toda trêmula sob um móvel caído, e Paul levantou-a em seus braços e saíram correndo na direção das escadinhas privadas que conduziam ao pequeno jardim onde tinha visto Melisendra pela primeira vez, ao lado do filho. Melisendra corria atrás deles.

Quando já se encontravam em segurança do lado de fora, Paul pôs Carlina no chão. Na confusão do terror, ela não o tinha visto; agora, fitando-o, ela recuou sentindo-se novamente dominar pelo medo.

— Você... mas não, você não é o Bard, é?

— Não, minha senhora. Mas fui eu quem a tirou da Ilha do Silêncio.

— Você é muito parecido com Bard — observou ela. — Isto é muito estranho.

Mais estranho do que possa imaginar, pensou Paul, porém não lhe podia contar nada e sabia que ela, provavelmente, não acreditaria no que ouvisse. O que poderia ela saber a respeito do mundo dele e da caixa de estase? Isto tinha ficado para trás, de qualquer forma, representara uma outra vida, e o homem que havia sido naquele mundo estava desaparecido sem a mínima

possibilidade de recuperação. De que iria adiantar contar-lhe tudo isto?

Paul precisa fazer Bard acreditar de algum jeito, de qualquer modo, que a presença dele ali não representa nenhuma ameaça. Talvez agora, quando Bard escapara para alguma missão misteriosa e o castelo se transformara naquela balbúrdia, sob um ataque assim — por bruxaria? — talvez fosse o momento de pegar Melisendra e fugir para as colinas de Kilghard ou mais além, depois das Hellers. Assim que lá chegassem, naquela terra bravia e desconhecida, talvez pudessem criar uma nova vida. Contudo, estaria Melisendra disposta a abandonar o filho?

— Olhem! Oh, misericordiosos deuses, olhem! — berrou Melisendra, olhando para trás para o prédio de onde tinham saído. Toda uma ala do castelo desmoronara-se e ela se agarrou a Paul apavorada. Através de sua mente ele viu...

Um rosto jovem, contorcido de pavor; um corpo aleijado subindo a escada devagarinho demais e de modo canhestro, um velho rumando às pressas para a segurança, voltando atrás para dar o braço à criança estropiada... Um lanço de escada ruindo, deslizando sob os pés dos dois, o teto se abrindo e deixando à mostra o céu... e o mundo varrido por uma avalanche de tijolos que os soterrou, instantaneamente, juntos...

— Dom Rafael, Alaric! — sussurrou Melisendra, aterrorizada. Começou a chorar. — O velho sempre foi tão bom para mim. E o garoto... sua vida foi tão árdua, pobrezinho do menino, e morrer assim deste jeito...

O semblante de Carlina estava imperturbável e implacável.

— Estou triste com seu sofrimento, Melisendra. Porém o usurpador do trono das Astúrias está morto. E não me sinto inclinada a prantear sua morte.

Agora, por todos os jardins e terrenos do Castelo das Astúrias, homens e mulheres, camareiros e criados, nobres e empregadas da cozinha começavam a surgir, gritando, berrando, tumultuados, amontoando-se para olharem, apavorados, para a ala que ruíra. Contudo, mesmo enquanto um dos mordomos gritava, advertindo

todo mundo para que não se aproximasse do prédio que ainda se sacudia, houve uma terrível e derradeira explosão; o que ainda restara de pé daquela ala em pedras desmoronou e espatifou-se no chão, levantando muita poeira e gritos abafados... e o silêncio dominou tudo.

Naquela quietude, Paul escutou Mestre Gareth gritando:

— Ainda há algum dentre os leroni do rei que esteja vivo? Aproxime-se de mim! Rápido! Temos que descobrir quem nos está atacando!

— Preciso ir — avisou Melisendra, e apressou-se em se afastar antes que Paul pudesse segurar-lhe a mão e lhe pedisse para fugirem enquanto imperava aquela confusão. Ele permaneceu ao lado de Carlina, observando os feiticeiros, que não envergavam seus mantos cinzentos, mas vestiam vários tipos de trajes, desde toucas de dormir e robes, e até mesmo o garoto Rory, enrolado numa toalha e, sem dúvida alguma, acabando de sair de seu banho, reunindo-se sob as árvores em flor do pomar. Mestre Gareth, mancando, reuniu os leroni ao seu redor; faltavam dois ou três, pois alguns deles encontravam-se na outra ala servindo a Dom Rafael e ao rei, porém ali estavam quatro mulheres e dois homens, além do garoto, e Mestre Gareth dirigiu-se a todos de modo apressado. Paul, àquela distância, não podia escutar o que ele dizia. Os soldados desdobravam-se, na tentativa de manter as pessoas afastadas das paredes desmoronadas. Paul rumou para o lado deles... o que tinha dito Bard?

Você é o Lorde General até que eu volte. Isto aconteceu um pouco mais cedo do que pensávamos.

Um dos homens correu para seu lado e fez uma continência: — Senhor, deve estar preocupado com seu filho. Ele se encontra a salvo, um dos sargentos está tomando conta dele, de vez que a mãe dele terá que ficar ao lado do velho mago e de todos os outros leroni. Venha comigo, senhor, deixe que ele o veja para que fique sabendo que ainda tem pai e mãe.

Sim, isto era justo. Paul viu Erlend, muito pálido e tremendo, agarrado a um cachorrinho com as duas mãos.

— Sua mãe está bem, Erlend, está lá com seu avô — avisou o soldado. — E veja, chiyu, aqui está o Lorde General que vai levá-lo para ver a mamãe.

Erlend levantou a cabeça. Falou:

— Este não é... — e por um instante Paul percebeu que a brincadeira já havia acabado, antes mesmo de ser iniciada, que Erlend estava prestes a dizer Este não é o meu pai, porém seus olhos encontraram-se com os de Paul por um lapso de segundo e falou: — Este não é o modo certo de falar comigo, Corus. Não sou nenhum bebê — entregou o cachorrinho ao soldado e disse: — Leve-o para junto da sua mamãe, é ele quem está choramingando para mamar! Eu deveria estar junto com os outros leroni, alguns de nós estamos mortos; eles precisarão de todas as pedras da estrela.

— Ele é um homem, ele é sim, Lorde General — disse o soldado. -Como um lobo, como um filhote! Bom menino!

— Não acho que eles precisarão de você, Erlend, contudo pode ir até lá e perguntar se querem a sua ajuda — falou Paul, com todo o cuidado e com dignidade.

— Muito obrigado, senhor.

Erlend caminhou ao lado dele, porém Paul percebeu que o garoto estava tremendo, e após um momento estendeu-lhe a mão. O garoto agarrou-a e a sua mão estava encharcada de suor. Quando já se achavam a uma distância em que ninguém poderia ouvi-los, perguntou resolutamente a Paul:

— Onde está meu pai?

— Ele... ele viajou esta manhã. — Depois de um instante ele explicou: — Tive medo de que pudessem imaginar que seu pai os tivesse abandonado, por isto atendi-os quando me chamaram pelo nome dele — e ficou se perguntando por que se dera o trabalho de dar aquela explicação a um menino de seis anos.

— É. Ele devia estar aqui — observou Erlend, e havia um tom de reprimenda na sua voz. Isto fez Paul pensar, pela primeira vez, se ou quando Bard estaria de volta!

— Antes de partir ele me disse: "Você é o Lorde General até a minha volta." — E Erlend ergueu os olhos para ele, de modo estranho.

— Eu o vi partindo — falou o garoto. — Eu não sabia, então, o que ele pretendia — e emudeceu. Finalmente falou: — Deve fazer o que ele lhe ordenou.

— Também penso assim! Acredite-me, rapaz, também gostaria disto!

— Contudo, enquanto eles mandarem laran contra nós, reconheço que teremos que nos proteger. Não há nada de mal em colocar um escudo à prova de laran, senhor, que nenhuma bruxaria possa atravessar.

— Conversarei com eles sobre isto — avisou Paul, decidido.

— Faça isto mesmo, Lorde General. E se o novo rei, seja ele quem for, desejar assinar o pacto, senhor, informe-o que todo o exército está a favor disto!

Carlina, envolta em seu manto negro, deslocava-se por todos os lados entre aqueles poucos que tinham sido arrastados para fora dos escombros ainda com vida, tratando deles e supervisionando as curandeiras. Paul observou que bastava a presença dela junto aos feridos para que se sentissem confortados e se acalmassem.

— Vejam, uma sacerdotisa de Avarra, uma mulher da Ilha Sagrada veio para nos tratar!

As outras curandeiras desdobravam-se em cuidados, faziam o máximo que lhes era possível, contudo, silêncios respeitosos pareciam acompanhar Carlina enquanto se movia entre os enfermos. Ninguém sabia ou se importava com o fato de que era, ou fora, a filha de Ardrin, a Princesa Carlina; davam importância à sacerdotisa de Avarra, e aqueles que a reconheciam não se referiam àquilo... ou se o faziam, não havia ninguém por perto para escutá-lo.

Ao anoitecer, já haviam conseguido restabelecer algo parecido com ordem. Os feridos tinham sido levados para o Grande Salão, onde eram tratados. Carlina, passando os olhos pelo local, se deu conta de que há oito anos tinha ficado noiva de Bard naquele salão, e seis meses mais tarde tinha ouvido, também ali, sua sentença de proscricção. Parecia ser algo acontecido numa outra vida. Tinha sido algo de uma outra vida.

O corpo do Rei Alaric, esmigalhado, e num estado desolador, tinha sido retirado dentre os escombros da grande escadaria da ala

mais afastada, assim como o de Dom Rafael, que tinha tentado, aparentemente, proteger o jovem com seu próprio corpo quando despencaram. Encontravam-se deitados em câmara ardente, velados por antigos criados, entre eles o velho Gwynn. Paul tomou o cuidado de não entrar naquele local. Sabia que sua ausência seria notada... ou melhor, a ausência de Bard seria notada... porém não confiava nos olhos argutos do velho Gwynn.

Mas, do lado de fora da capela, Paul foi abordado por dois dos principais conselheiros.

— Lorde General... precisamos lhe falar.

— Neste momento, com... — Paul inspirou fundo e falou deliberadamente — com meu pai e irmão ainda sem estarem sepultados?

Nunca tinha posto os olhos em Alaric; e de Dom Rafael tudo quanto sabia era que o homem o tinha trazido para ali através de bruxaria. Não sofria e não ousava fingir que sim.

— Não dispomos mais de tempo — informou Dom Kendral de High Ridge, que Paul sabia ser o conselheiro chefe do reino das Astúrias. — Alaric das Astúrias está morto, e também o seu regente. Esta é a situação focalizada de modo objetivo. Valentine, o filho de Ardrin, é uma criança, e não pretendemos ter nenhum joguete do Hastur por aqui. O exército está do seu lado, senhor, e isto é o mais importante. Estamos prontos para apoiar a sua reivindicação ao trono, Bard di Asturien.

— Santo Deus! — foi tudo quanto Paul conseguiu dizer.

Era estranho que o chefe dos conselheiros do reino se revelasse pronto a oferecer a coroa a Bard mac Fianna, nedestro proscrito, o Lobo de Kilghard.

Era inimaginável que o oferecessem a Paul Harrell, exilado, rebelde, criminoso e assassino condenado! Fugitivo da caixa de estase!

— O problema é o tempo, senhor. Estamos em guerra e o senhor sabe exatamente o que fazer com o exército; e jamais aceitaríamos uma criança como rei, não agora. E o senhor é o Lorde General.

Mas que inferno, pensou Paul enfurecido, onde teria se metido Bard, onde estaria agora? O que estava ele fazendo distante nesta conjuntura?

— Não podemos deixar de ter um rei, senhor. Caso os Hasturs marchem contra nós, nada podemos fazer quanto a isto! Reparamos como acalmou os soldados hoje pela manhã. Penso que o senhor seja o único rei que o povo aceitará.

Muito sério, Paul sabia que não tinha chance de recusar. Bard havia partido, ninguém sabia para onde, e todos acreditavam que ele fosse Bard. Este comentara, freqüentemente, não desejar ser rei; porém Paul achava que se Bard se encontrasse ali, num castelo em ruínas, com um exército acéfalo e um país sem rei, também ele haveria de ceder à lógica da situação.

— Pelo visto, não tenho escolha.

— Isto mesmo, senhor. Realmente não há mais ninguém, entenda. — Lorde Kendral hesitou. — Outra coisa, senhor. Houve uma época em que o senhor esteve comprometido com a filha caçula de Ardrin, mas neste presente momento a linha de Ardrin não goza de popularidade. Não, desde que a Rainha Ariel fugiu daquela maneira. Teremos que designar um herdeiro, e como o senhor não tem nenhum irmão, teremos que legitimar o seu filho. Todos sabem quem é a mãe dele; seria muito bom que o senhor desposasse Mestra MacAran... — Lady Melisendra, é claro, vai dom. O exército apreciaria isto.

E assim, à luz de lampião, na presença da antiga câmara na ala sem avarias do castelo, Paul Harrel, rebelde e criminoso, condenado à caixa de estase, foi coroado rei e casado di catenas com Melisendra MacAran, Ieronis. Dois pensamentos dominavam-lhe a mente, enquanto Mestre Gareth prendia as mãos deles juntas sob as pulseiras rituais e dizia: "Que vocês sejam para a vida toda um só." Um era de gratidão, pois Erlend tinha sido mandado para a cama. O outro era uma curiosidade intensa; apenas isto, onde com mil demônios estava Bard di Asturien, e como haveria de se sentir quando descobrisse que seu sócia havia usurpado o trono... e presenteado-o com uma rainha!

## Capítulo Oito

Dom Varzil teve que se atrasar quase que o dia todo até encontrar alguém que pudesse ficar como seu substituto em Neskaya. E apenas na manhã seguinte eles partiram rumo às Astúrias. Melora, tendo mandado selar o seu burro, avisou a Bard, soltando uma gargalhada, que não progredira nem um pouco na equitação desde os tempos em que o acompanhara naquela campanha tão distante. Observando-a cavalgar, Bard achou que ainda se sentava sobre o burro como um saco de provisão atirado em cima de uma sela. Que coisa mais estranha, Melisendra cavalgava com graça e perfeição. Como era possível que nunca tivesse sentido qualquer interesse por Melisendra, a não ser por seu corpo maravilhoso, e esta aqui lhe significasse tanto?

Talvez tenha havido um tempo quando poderia ter me importado com Melisendra. Porém, sempre que olhava para ela, depois, ficava envergonhado, e não queria saber o que havia feito com ela; e assim não podia suportar olhar para ela. E fui mais cruel com ela do que nunca...

Destruí todos aqueles que amava. E destruí minha própria vida. E nem ao menos posso morrer porque tenho coisas que preciso fazer. Bard cavalgou através da maravilha que eram as colinas de Kilghard no começo do outono, porém seus olhos se achavam fixos em seu íntimo para um local desolador e vazio, e o gosto de cinzas na sua boca era desalentador.

A qualquer custo, teria que colocar as Astúrias em ordem. Havia uma guerra a ser vencida ou, pelo menos, uma paz para ser celebrada. Desde o incêndio de Hali, pensava Bard, não tinha havido muito gosto pela guerra ainda em curso entre os Hasturs, ou em qualquer outro lugar. Ele conseguira tocar, por um instante, a mente de Mirella, de Dom Varzil e de Melora, quando falaram sobre o incêndio em Hali e, agora, experimentava um mal-estar quando pensava naquele tipo de ataque, com clingfire, ou no pó de bonewater espalhado em volta das montanhas VENZA, e nas crianças morrendo com seu sangue fraco e deficiente... isto não era guerra!

Isto era um pesadelo. Bard decidiu que o mínimo que poderia fazer seria abrir mão de suas feiticeiras e leroni; e caso seu pai se recusasse a se aliar ao pacto, então poderia tratar de arranjar outra pessoa para comandar suas legiões. Ele, Bard, já havia sobrevivido como mercenário, no exílio, antes disso. Poderia voltar a fazê-lo.

Pensou, tristemente, que se seu pai estivesse resolvido a contar com um grande general, que conquistaria todas aquelas terras desoladas e as colocaria sob o domínio das Astúrias, poderia contar com Paul para fazer isto para ele.

Paul... Paul é tão implacável quanto eu era. Como eu era até... deuses do céu, até a noite de anteontem apenas? Perdi a noção da passagem do tempo. Parece que aquele homem viveu há séculos...

Paul nem ao menos pôde ver os horrores das ações bélicas com laran, é imune aos horrores que penetram na mente, no cérebro e na alma de um homem...

Inesperadamente, ele soube que estava preparado para matar Paul. Não, como estivera, enquanto cavalgavam juntos em campanha, porque, eventualmente, seu gêmeo secreto significava uma ameaça ao seu próprio poder e posição; mas sim porque Paul era o homem que o próprio Bard havia sido até um dia ou dois antes, e agora achava-se preparado para matá-lo, a fim de salvar seu povo do domínio daquele homem implacável e cruel que ele tinha sido até então. Sabia que aquilo magoaria Melisendra e estava disposto a tentar tudo, antes de recorrer à morte, para persuadir Paul a desistir de sua ambição. Contudo, Paul não passara por uma experiência idêntica à dele, nada havia em Paul para acabar com aquela ambição desumana. Paul ainda era capaz, como Bard fora certa vez, de tyrannizar qualquer pessoa e qualquer coisa — até mesmo Melisendra — para conquistar poder e dignidade.

Não tenho certeza absoluta quanto a isto. Talvez tenha feito mau juízo de Paul, como me enganei a respeito de tudo e de todos os outros. Talvez consiga chamá-lo à razão. Mas se não aceitar isto... apesar de não querer infligir a Melisendra nenhum outro sofrimento... não permitirei que ele cause nenhum outro mal. Todos devem tomar conhecimento, no mínimo, de que ele é um impostor.

Não lhe deveria ter entregue o comando do exército; ele poderia fazer um dano sem igual.

E, então, se deu conta de que tinha intervindo... ou melhor, seu pai havia se intrometido... na vida de Paul sem razão, e qualquer coisa que Paul lhe fizesse não passaria de retribuição. Tudo retornou ao seu antigo conhecimento que, sabia-o agora, havia permanecido latente em seu íntimo desde a primeira vez que tinha olhado para o rosto de seu gêmeo secreto:

...Chegará um dia quando o terei que matar, ou ele me matará antes.

Seguiram a estrada a oeste de Neskaya. Porém, quando a estrada virou para Norte, na direção das Astúrias, Dom Varzil disse com tristeza que deviam abandoná-la por algum tempo e continuar rumo a Oeste.

— Melora ainda está em idade de conceber um filho, Bard, assim como você também. Esta terra está contaminada; qualquer criança nascida de um de vocês nos anos vindouros poderia ser afetada, no mais profundo das células. Mesmo nos aproximando tanto assim... não tenho certeza se Neskaya está a salvo do problema. Não sabemos de tudo, ainda, sobre os efeitos que esta droga causa às células. Todos nós devemos correr os riscos de Neskaya, porém recuso-me a expor vocês dois a um perigo maior. Na minha idade isto já não tem grande importância. Contudo, vocês dois, provavelmente, terão filhos algum dia. Isto é, qualquer um de vocês poderia tê-los — acrescentou, soltando uma gargalhada em seguida, abrindo as mãos como se dissesse Não era isto que pretendia falar... porém Bard, olhando para Melora naquela manhã luminosa, viu um sorriso tão íntimo quanto um beijo de boas-vindas, um sorriso que aqueceu por inteiro até mesmo a morte que imperava dentro dele. Nunca lhe passara pela cabeça, durante toda a sua vida, que uma mulher pudesse olhá-lo e sorrir-lhe daquela maneira.

... e este homem, Bard, jamais deixarei de amar...

Portanto, ela ainda o amava. Não ia ser fácil. Ele tornara Carlina sua mulher à força; a lei rezava que um compromisso, uma vez consumado, transformava-se num casamento legal. Tinha

certeza de que Carlina ficaria contente em se ver livre dele, porém não podia fazer de uma leronis de Neskaya sua barragana; portanto, muito pouco tinha para oferecer a Melora. Talvez, quem sabe, pudessem encontrar alguma solução honrada.

Estranho. Durante todos esses anos ele sonhara em possuir Carlina, e agora que a tinha, procurava descobrir um jeito de se livrar dela. Pelas colinas corria um ditado: Tenha cuidado com a sua maneira de suplicar aos deuses, eles poderão atendê-lo.

A maior ironia de todas, pensou ele, a pior catástrofe que podia antever, seria se Carlina tivesse, na verdade, começado a amá-lo, como ele sempre imaginou que aconteceria tão logo a possuísse. Não poderia lhe devolver o que dela tinha roubado, da mesma forma como não poderia reparar os males causados a Melisendra, devolver-lhe a sua virgindade e a Visão. Contudo, aquilo que pudesse fazer, deveria fazê-lo. Se Melisendra desejava Paul, devia tê-lo, muito embora, no final, ela acabasse descobrindo que Paul não era, em nada, melhor do que o próprio Bard.

Ou era? Na realidade... sobre Paul não sabia muita coisa a mais... do que sabia sobre si mesmo. No fundo, ele e Paul eram o mesmo homem. Paul era o homem que ele poderia ter sido, só isso. Talvez as diferenças fossem mais profundas do que podia imaginar.

O longo desvio em torno das terras contaminadas levou muito tempo, e o sol já começava a mudar de direção, depois do meio-dia, quando Melora soltou um grito de susto e consternação. Dom Varzil puxou as rédeas do cavalo, obrigando-o a parar, seu rosto revelava-se tenso e parecia ouvir algo que estava fora do alcance da audição normal. Estendeu a mão de sua sela e pegou a mão de Bard, num gesto instintivo, como se quisesse lhe dar algum conforto.

— Alaric! — murmurou Bard angustiado, e em alguma parte, distante, em sua mente, sentiu e viu a última visão de seu irmão ao deparar com o teto se abrindo para dar lugar ao céu, a última vez que se agarrou frenético, ao pai, buscando apoio, o instante e a escuridão clemente.

Oh, meu irmão! Misericordiosos deuses! Meu irmão, meu único irmão!

Não gritou estas palavras agoniantes como tinha imaginado em voz alta; apenas pensou que o fizera. Dom Varzil estendeu os braços, e Bard deixou sua cabeça cair sobre o ombro do velho, num pesar mudo, Temendo numa angústia muito profunda para verter lágrimas.

— Sinto muito — disse Dom Varzil na sua voz suave e baixa. — Ele era como que um filho de criação para mim, que não tive filhos, e cuidei dele durante muito tempo, quando ficou tão enfermo.

E Bard percebeu que a dor de Dom Varzil era tão grande quanto a sua. Disse tremendo:

— Ele o amava, vai dom, confessou-me isto... é por isto que pude... pude confiar em você.

Os olhos de Dom Varzil se achavam marejados de lágrimas; Melora estava soluçando. Dom Varzil falou:

— Bard, não me trate de vai dom, sou seu parente como o era dele...

E Bard, também com os olhos cheios de lágrimas, se deu conta de que jamais soubera o que significava ter um parente, um par, um igual, desde que Beltran morrera... sentiu um aperto na garganta. Não podia chorar, não agora, ou debulharia todas as lágrimas que não tinha vertido desde que havia visto Beltran caído, morto, sobre sua própria espada, e dito adeus a Geremy, a quem tinha deixado aleijado para o resto da vida, e ainda assim, o tinha abraçado e chorado...

Aldones! Senhor da Luz! Geremy também me amava e nunca pude acreditar nisto, aceitar este fato, também o afastei de mim...

Endireitou o corpo sobre a sela, olhando para o velho, o rosto retesado, controlado.

— Devo continuar a viagem e verificar o que está acontecendo em minha casa... primo — disse ele, um pouco hesitante. — Por favor... não devem se sentir obrigados a acompanhar o ritmo que imporei a meu cavalo. Devo chegar em casa o mais rápido que me seja possível, serei necessário por lá. Podem continuar numa velocidade que seja agradável a vocês. Melora não é uma boa amazona, e você... você não é jovem.

O rosto de Dom Varzil também estava sisudo:

— Acompanharemos o seu ritmo. Talvez também sejamos úteis por lá. Penso que seja seguro, agora, virarmos direto para as Astúrias e tomarmos a estrada alta. — Virou seu cavalo. — Se cortarmos caminho, atravessando os campos, estaremos de volta na estrada principal dentro de uma hora...

— Meu burro não conseguirá acompanhar seus cavalos — avisou Melora. — Pararemos na primeira taverna onde haja cavalos, deixarei meu burro por lá e arranjarei uma montaria que possa me agüentar. Posso acompanhá-los, já que o devo fazer.

Dom Varzil começou a protestar, olhou para a boca decidida e desistiu. Bard ficou se perguntando o que mais teriam visto Melora e Dom Varzil e de que ele fora excluído. Tudo que Dom Varzil disse foi:

— A escolha é sua, Melora. Faça o que julgar melhor. E então, começaram a atravessar o campo aos galopes.

Uma hora depois, haviam trocado o burro de Melora, deixando-o entregue aos cuidados do responsável pela taverna e encontraram para ela um cavalo muito manso e uma sela de mulher. Depois disto, venceram melhor a distância e, enquanto cavalgavam rumo às Astúrias, Bard viu quadros tristes na sua mente, ou captados por seu laran em desenvolvimento ou através da mente de Dom Varzil e Melora, ele não o sabia e não se importava em descobrir, quadros de ruína e caos no Castelo das Astúrias.

E por toda esta terra, por todos os Cem Reinos...

Estes armamentos com laran precisam acabar de alguma forma, ou então não haverá mais terras para se conquistar e nada restará para os conquistadores. Somente no pacto há esperança para todas estas terras. Bard sentiu que isso partia de Dom Varzil, não de sua própria mente, depois já não estava muito certo disso.

Ele está certo. Ele tem razão. Antes, eu não conseguia entender isto, mas ele está absolutamente certo.

Bard falou uma vez, em meio ao silêncio:

— Gostaria que fosses o rei, ao invés de Lorde Hastur, senhor. Dom Varzil balançou a cabeça:

— Não quero nada com reinado. Trata-se de uma tentação muito grande para mim... saber que posso colocar tudo em ordem apenas com uma palavra. Carolin de Thendara não é um homem

vaidoso, nem ambicioso, e não se importa de ser governado por seus conselheiros; foi educado para dominar a arte de reinar, que é exatamente isto... ter consciência de que você, pessoalmente, não é o rei, mas sim o administrador de seu povo. Um bom rei não pode ser um bom soldado, ou um estadista realmente bom... deve se contentar em saber que pode procurar os melhores soldados, os melhores estadistas e por eles ser aconselhado, e se satisfazer em não ser mais nada, além de um símbolo visível de seu reino. Eu me imiscuiria por demais no meu próprio reino, caso fosse rei — disse com um sorriso. — Como protetor de Neskaya, talvez tenha mais poder do que o necessário. Nestes tempos isto talvez seja útil, porém talvez seja assim apenas porque sou um velho; chegará um tempo quando um protetor não contará com tanto poder. Creio que seja por isto que queria mandar Mirella para Arilinn.

— Uma mulher? Uma mulher tem a força necessária para ser um protetor? — perguntou Melora, atônita.

— Certamente, tanto quanto qualquer emmasca, e afinal de contas, não precisamos de força física, ou de sermos hábeis com uma espada, mas sim de força mental e força de vontade... e as mulheres são menos inclinadas a se intrometerem na política; elas sabem o que é real, e o que uma torre talvez necessite seja de uma mãe para orientá-la e não de um homem forte para governá-la... — Dom Varzil calou-se, ficou com uma expressão muito séria no rosto e Melora e Bard procuraram não perturbar seus pensamentos.

Enquanto prosseguiram viagem e a noite aproximava-se, nuvens pesadas começaram a obscurecer o horizonte. Quando fizeram uma parada, próximo ao pôr-do-sol, que este estava escondido, para comerem um pouco de pão, estreitaram seus mantos de encontro ao corpo, antecipando chuva ou até mesmo neve, porém, pouco a pouco, o tempo clareou. Três luas, quase cheias, flutuaram no céu púrpura escuro; a face verde de Idriel, a face verde-azulada de Kyrrdis e o disco pérola de Mormallor; Liriel, um crescente fugidio, nascia no horizonte. Sob o luar luminoso podiam ver o caminho à frente, e, quando alcançaram o topo da colina que dominava o vale das Astúrias, viram, a seus pés, a massa escura que fora o castelo.

Ruínas. Caos. Mortes...

— A coisa não está tão ruim assim — comentou Melora baixinho.

— Estou vendo luzes, primo — disse Dom Varzil. — Luzes em movimento e silhuetas de setores sem avarias. Talvez não tenha sido tão ruim assim... desculpe-me, primo, sei que sofreu uma terrível perda, porém talvez não encontre seu lar tão destruído como imagina. E, certamente, nem tudo está perdido.

Mas meu pai. E Alaric. Não se trata apenas da perda de parentes. Mas, é evidente que o reino jaz em ruínas, com o rei e o regente mortos. E como estarão os meus homens, o exército, sem a minha presença para cuidar deles!?

Disse para Paul: até a minha volta você é o Lorde General. Mas o que sabe ele a respeito do comando de meus homens? Ensinei-lhe a controlar o poder. Porém o que sabe ele com relação a responsabilidade, a cuidados com homens que procuram seu líder para que os dirija, para lhes dar esperança, conforto e até mesmo as necessidades da vida? Será que saberá como se certificar de que se encontram bem aquartelados, em segurança e tratados? Bard se deu conta de que numa vida onde houve pouco a amar, poucos para o amarem, ele tinha amado os seus homens e sido amado por eles, e deixara-os entregues nas mãos de um outro homem, num momento que acabara sendo mais crucial do que imaginara!

Seu pai tinha levantado o exército para a conquista e para sua própria ambição, mas agora seu pai estava morto, o que aconteceria com o exército, como acomodaria seus homens? Enquanto desciam rumo ao castelo, ignorando o que encontrariam de ruim por lá, Bard imaginava o que fazer com o exército. Ele voltaria para a propriedade de seu pai... o pai não tinha deixado nenhum filho legítimo, afinal, e não havia nenhum outro para herdar... e Erlend devia, naturalmente, ser legitimado, de imediato, para o caso de ele morrer sem ter outros filhos. E quanto aos seus homens? Quem reinaria nas Astúrias, e o que iria fazer este senhor diante do caos que tinha herdado, dos destroços no despertar da ambição de um homem?

Nada podia fazer, até saber o que tinha sobrado.

Não era tão ruim quanto havia temido. Uma ala do castelo, perfeito ao luar, encontrava-se reduzida a entulhos; as luzes ainda se moviam em meio às ruínas, onde os operários tentavam desenterrar os outros corpos que podiam estar soterrados. O prédio principal, a fortaleza e a ala oeste achavam-se intactos, resistindo eretos de encontro ao luar. E quando rumavam para os portões, Bard viu, aliviado, que nem tudo era caos, pois a voz de um de seus soldados soou forte e clara.

— Quem vem lá? Pare, e se declare amigo ou inimigo!

Bard começou a dizer o nome do homem... evidentemente, o homem reconheceria a voz dele... porém o protetor de Neskaya não se sentia inclinado a ter consideração para com nenhum homem vivo. Sua voz soou forte e segura.

— Varzil de Neskaya e uma leronis de sua torre, Melora MacAran.

— E — Bard acrescentou com firmeza — Bard mac Fianna, Lorde General das Astúrias!

O homem falou com o maior respeito:

— Dom Varzil! Vamos, entre, senhor, será bem recebido e a leronis também, o pai dela se acha aqui. Porém, com sua permissão, senhor, este homem que o acompanha não é o Lorde General, o senhor foi enganado por um impostor.

— Não diga tolices — falou Dom Varzil com impaciência. — Acha que o protetor de Neskaya não saiba com quem está falando?

— Não sei quem seja ele, Lorde Varzil, mas não é o Lorde General, e isto é certo. O Lorde General encontra-se aqui.

Bard disse com rispidez:

— Segure esta lanterna aqui! Venha, Murakh, não me conhece? O homem que está aqui é o meu mediador Harryll!

O homem levantou a lanterna, começando a se mostrar em dúvida. Disse, pouco à vontade:

— Senhor, seja lá quem for, sem dúvida se parece com o Lorde General e também fala como ele... mas não pode ser o Lorde General. Eu... ele agora não é mais o Lorde General, ele é o rei. Estava de serviço esta noite e vi-o ser coroado. E casado!

Bard engoliu em seco, incapaz de fazer qualquer outra coisa além de fitar o homem, perplexo.

Dom Varzil disse baixinho:

— Asseguro-lhe, rapaz, este homem aqui ao meu lado é Bard mac Fianna das Astúrias, filho de Dom Rafael e irmão do falecido rei.

O soldado parecia confuso, fitando primeiro Dom Varzil, depois Bard, balançando a lanterna na mão trêmula:

— Devo cumprir meu dever, senhor. Minha tarefa é me certificar de que as pessoas são quem afirmam ser. Ainda que fosse o rei, pedindo-lhe desculpas, my lorde.

Bard falou dirigindo-se a Dom Varzil:

— Nunca puni um soldado pelo cumprimento de seu dever. Podemos estabelecer quem sou eu amanhã. Não discuta. Há pessoas aqui que me conhecem além de qualquer dúvida. Se estou supostamente casado com Lady Carlina...

O guarda sacudiu a cabeça.

— Não sei de nada a respeito de nenhuma Lady Carlina, senhor, pensava que ela tivesse abandonado a corte há anos e encontrava-se numa torre ou numa casa de sacerdotisas ou algo parecido. Contudo, o pai da rainha, Mestre Gareth MacAran, encontra-se no Grande Salão cuidando dos feridos retirados das ruínas, e se é uma leronis, minha senhora, será acolhida de braços abertos...

Bard sorriu com humor negro. Então tinha chegado ao Castelo das Astúrias para descobrir que se tornara rei, estava casado, e agora se achava prestes a ter os portões trancafiados diante do seu rosto como um impostor. Ora, ele pedira a Paul para ocupar seu lugar até que retornasse e, ao que parecia, o outro homem assim o fizera.

Varzil falou na sua voz profunda:

— Responsabilizo-me por este homem; sua identidade é algo que poderemos definir amanhã. Talvez eu também seja necessário lá dentro.

— Ah, deixarei que ele entre como um membro de sua comitiva, Lorde Varzil — avisou Murakh cheio de cortesia, e eles

cruzaram os portões, entregando seus cavalos nos estábulos, que nada haviam sofrido.

O Grande Salão se encontrava repleto de homens e mulheres feridos, separados por cobertas; montaram uma enfermaria com aqueles que tinham sido atingidos no desmoronamento da ala leste ou na busca pelos corpos. Mestre Gareth deu as boas-vindas a Dom Varzil, com uma deferência que não chegava a ter toques de humilhação, mas sim como a um companheiro de ofício.

— Senhor, é muita bondade oferecer-nos a sua ajuda. Contamos com pouca gente e há muitos homens aqui feridos e à morte...

— O que se passou por aqui? — indagou Dom Varzil.

— Pelo que podemos dizer, são os homens de Aldaran, aproveitando o momento para entrarem na guerra. Amanhã o Lorde General... o rei, senhor... deverá decidir o que será feito, talvez tenhamos condições de detê-los em Kadarin, mas por enquanto limitamo-nos a cercar o castelo com um escudo protetor de laran... não nos atacarão outra vez com isto, porém, é claro, não poderemos manter este escudo por muito tempo; estamos usando para isto quatro homens e um garoto. Eles devem ter tomado conhecimento de que o exército se achava aqui e quiseram nos neutralizar, para que não soubéssemos o que estavam fazendo... contudo, no presente momento, devo cuidar dos feridos. E você, Melora, precisamos muito de alguém para cuidar das mulheres. Como sempre acontece durante qualquer insurreição, duas ou três mulheres, uma das damas da corte e uma das criadas da cozinha, e também uma das lavadeiras do exército resolveram dar à luz exatamente agora, portanto, há muito mais trabalho do que uma parteira possa resolver sozinha. Avarra seja louvada, uma sacerdotisa de Avarra encontrava-se aqui, só a deusa sabe o motivo, e ela está cuidando dessas mulheres, porém há algumas que se feriram também no desmoronamento, e seria bom se você, Melora, pudesse ir dar uma mão à curandeira...

— Claro que irei — retrucou Melora, dirigindo-se para o outro lado do salão, e Bard após um instante de reflexão, seguiu-a.

Carlina, aqui... e na qualidade de sacerdotisa de Avarra! Como? Se ele tivesse sido coroado rei desta terra seria a rainha...

Encontrou-a debruçada sobre uma mulher com um braço e uma perna cheios de ataduras, bem como um olho e a cabeça também enfaixados. Ela viu Melora e perguntou depressa:

— Você é uma curandeira? Sabe alguma coisa a respeito de parto? Uma das mulheres já deu à luz antes, posso deixá-la entregue às criadas sem que isto signifique qualquer risco para ela, porém esta mulher vai morrer, e há uma outra em trabalho de parto, e que já está com mais de trinta anos, e tendo o primeiro filho, e uma outra mocinha tendo o primeiro...

— Não sou uma parteira, mas sou mulher e me ensinaram alguma coisa sobre tratamentos — informou Melora.

Carlina olhou seu rosto redondo à luz da lâmpada mortiça.

— Melisendra... — disse ela, em seguida parou de falar e piscou. — Não, você nem se parece muito com ela, não é? Deve ser a irmã dela, a Ieronis... não temos tempo de lhe perguntar, sequer, como chegou até aqui, porém, em nome de Avarra, eu a abençô! Pode vir, então, me ajudar a tratar dos doentes?

— Com todo o prazer — replicou Melora. — Onde estão as mulheres em trabalho de parto?

— Nós as levamos para aquele cômodo ali, que, antigamente, servia como estúdio do rei. Inclinou-se outra vez sobre a mulher moribunda, pôs a mão sobre a sua testa e sacudiu a cabeça.

— Ela não acordará mais — disse ela, e dirigiu-se para o cômodo para o qual tinha mandado Melora; porém Bard tocou de leve na manga de seu manto.

— Carlie — murmurou ele.

Ela recuou assustada. Depois, talvez sentindo que ele não lhe representava uma ameaça, relaxou e disse:

— Bard. Não esperava vê-lo por aqui...

Ele viu a mancha escura no rosto dela. Misericordiosa Avarra, fiz isto com ela... porém não teve tempo para sentir vergonha ou auto-piedade. Até a sua humilhação junto a Carlina podia esperar. Sua terra encontrava-se sob ataque de Aldaran e nas mãos de um usurpador.

— Que absurdo é este sobre eu ter sido coroado hoje e casado com outra mulher?

— Casado? Coroado? Não sei de nada, Bard, fiquei aqui o dia todo, a partir do instante em que a outra ala ruiu, socorrendo os enfermos e feridos. Não tive tempo para mais nada... apenas para engolir um pouco de pão e queijo...

— Não há mais ninguém para fazer este trabalho, Carlie? Você me parece tão extenuada...

— Oh, estou acostumada com isto, este é o trabalho de uma sacerdotisa... — explicou com um sorriso débil nos lábios. — E se bem que você talvez não acredite, Bard, isto é o que sou. Talvez eu tenha ficado protegida durante tempo demais, talvez necessitemos mais das sacerdotisas no mundo do que na Ilha Sagrada.

— Melisendra... ela está...

— Ela se encontrava ao meu lado no momento do ataque; não se feriu. E seu filho está bem, disseram-me. Esteve o dia todo ao lado de Mestre Gareth. Bard, não disponho de tempo para lhe dedicar agora, estas mulheres estão morrendo. E os homens, também... sabe que mais de cem homens foram feridos, que doze deles já faleceram, portanto, amanhã teremos que contar com todo um regimento de soldados para cavar sepulturas em algum lugar, e alguém para comunicar o fato às suas famílias... Bard, será que poderia enviar alguém até a Ilha Sagrada, para pedir às sacerdotisas que venham e ajudem-me com os feridos e os agonizantes? Se mandar mensageiros rápidos, eles poderão chegar lá ao clarear do dia...

— Claro que posso fazer isto — respondeu muito sério -, mas será que atenderão a qualquer homem, será que virão?

— Pelo Rei das Astúrias, talvez não. Mas talvez por mim, se ficarem sabendo que fui eu quem as mandou chamar, Irmã Liriel...

— Mas não existe nenhum homem que possa chegar sequer às praias do Lago do Silêncio, Carlie, sem que se exponha às suas bruxarias malignas... — calou-se. Não, as bruxarias não eram malignas; elas apenas estavam se protegendo. Disse com humildade: — Nenhum homem é capaz de atravessar as proteções que elas puseram ao seu redor sem morrer de pavor.

— Mas uma mulher pode fazer isto — retrucou Carlina. — Bard, no seu exército, não tem nenhuma das integrantes da Irmandade da Espada? Elas também viajam sob a proteção de Avarra.

— Penso que todas elas me abandonaram, Carlina. Contudo, irei perguntar aos meus sargentos; haverá algum dentre eles que deverá estar a par disto.

— Pois então mande uma delas, Bard. Peça-lhe para ir até lá transmitir o meu recado, e elas virão...

Bard começou a dizer que não pedia a ninguém de seu exército para fazer o que ele — ou ela — estava obrigado a fazer por um comandante legítimo, mas calou-se. Se Carlina podia pedir, ele também podia fazer o mesmo. Disse:

— Mandarei amazonas rápidas imediatamente, senhora — e afastou-se, deixando-a perplexa, sabendo que algo de muito estranho tinha acontecido, não apenas no Reino das Astúrias, mas no íntimo do próprio Bard.

Bard afastou-se rumo aos estábulos, pensando com alívio que Carlina, pelo menos, não se aproveitara daquele momento para escarnecer dele e censurá-lo. Ela tinha direito de fazer uma cena se assim desejasse. Também lhe fizera mal. No entanto, a tragédia maior tinha anulado qualquer consideração pessoal, como acontecera com ele mesmo.

Um dos sargentos informou-o de que quando os prisioneiros e as mercenárias de seu exército tinham fugido juntos, uma das mulheres encontrava-se muito doente para viajar, e uma outra das irmãs ficara para tratar e cuidar dela. As duas estavam instaladas numa pequena tenda, no local onde se encontravam acampadas as seguidoras e as lavadeiras do exército, depois das casernas do exército regular. Bard começou a dizer, peça-a para viajar imediatamente com rapidez e mande alguém para cuidar da amiga dela, depois se deu conta de que estava pedindo, a alguém a quem tinha negado proteção adequada, um serviço extraordinário. Era melhor que fosse pessoalmente.

Perdeu-se duas ou três vezes no acampamento do exército, antes de, finalmente, encontrar o local onde estavam vivendo o que restara das seguidoras do exército.

Ali onde estava o exército, mesmo no rastro da catástrofe, as coisas se mostravam quase normais. Os homens que não tinham sofrido ferimentos graves estavam sendo tratados pelos companheiros, e algumas das mulheres tinham sido pressionadas para auxiliarem. Umhas poucas dentre as mulheres que seguiam o exército olharam para Bard com um sorriso atravessado, e ele percebeu que não tinha sido reconhecido. Isto despertou as recordações dos tempos em que fora um soldado mercenário, então pensou em Lilla, e no filho dela, que, provavelmente, também era seu filho. Não causara nenhum mal a Lilla como tinha feito com relação a muitas outras mulheres, e era provavelmente por isto que ela nem esperara nem precisara de nada dele, a não ser um pouco de dinheiro que ele pôde separar de seu soldo de soldado para cuidar do filho. Ela não lhe dera nenhuma oportunidade para magoá-la, e assim não a pôde magoar de forma alguma.

Sim, fiz mal a muitas mulheres. Mas, talvez, as mulheres não fossem todas tão isentas de culpa também. Viviam de um modo tal que podiam ser destruídas pelos homens... até certo ponto, ele não podia receber uma carga maior de culpa do que qualquer outro homem de seu mundo. Todos os homens de seu mundo. Então todo mundo era digno de culpa?

— Ora, ora, capitão — disse uma das seguidoras de acampamento -, está procurando algum divertimento?

Ele sacudiu a cabeça. Evidentemente ela não o reconhecera, nem ao seu posto e pensar que fosse um soldado comum, capitão era uma palavra elogiosa, apenas isto.

— Esta noite não, minha pequena, tenho coisas mais importantes em minha mente. Pode me informar onde as irmãs, as abnegadas, estão alojadas?

— Não conseguirá nada, nenhum tipo de prazer com aquelas duas, senhor, elas usam punhais como beijos, e o general avisou que teria algo bem pior para qualquer um que se intrometesse com elas.

Bard sorriu com pena e retrucou:

— Acredite se quiser, bonitinha, um homem tem outras coisas na sua mente de vez em quando, por mais difícil que isto possa lhe parecer — ele percebeu que não havia maldade na pequena. —

Tenho uma mensagem para transmitir a uma delas da parte de... — hesitou — da Ieronis que está trabalhando no hospital de campanha. E se é capaz de se concentrar neste tipo de coisa, há trabalho lá para qualquer pessoa.

— O que faria alguém da minha classe ajudando uma Ieronis, senhor? — perguntou ela com os olhos fixos no cascalho sob seus pés.

— Ora, poderia carregar água, enrolar ataduras e alimentar os doentes sem condições de se sentarem para comer — explicou Bard. — Por que não vai até lá e tenta?

— O senhor está certo, capitão, este não é o momento apropriado para estar se deitando por aí, com tanta gente ferida. Acho que muitas dentre nós poderiam ser aproveitadas na enfermagem. Vou até lá dar uma espiada. E se está tentando encontrar a irmandade, senhor, há duas integrantes dela naquela tenda lá adiante, porém... — olhou-o — não tenha idéias sujas. Uma delas está tão mal, que nem pode se sentar, e a amiga está apenas tratando dela. Os homens a pegaram antes do general ter dado suas ordens, e com elas não é a mesma coisa que é com mulheres iguais a mim, senhor, ela não estava acostumada... e eles a machucaram muito — sua revolta era sincera. Homens deste tipo deveriam ser tratados com coisas bem piores do que chicotadas, senhor.

Avarra misericordiosa! Toda a antiga vergonha e culpa caíram novamente em cheio sobre Bard. Falou, deixando a mulher boquiaberta:

— Você está com toda a razão — e partiu rumo à tenda que lhe fora indicada. Não teve coragem de se aproximar. As mulheres que ali se encontravam haveriam de atacar, depois de tudo por que tinham passado, o primeiro homem que se aproximasse e, depois, é que fariam as perguntas desejadas. Ele falou, baixinho, de onde se achava:

— Mestra...

Uma mulher apareceu na porta da tenda, agachou-se para sair e pôs-se de pé. Envergava a túnica da irmandade, em couro vermelho, que ia até os joelhos e aberta na frente para que pudesse

cavalgar, e os cabelos, cortados bem rentes, estavam em desalinho. Falou decidida:

— Continue a falar baixo! Minha irmã se encontra muito mal!

Ela era alta e magra, e trazia uma faca presa à cintura. Uma argola dourada cintilava na orelha.

— Sinto muito pelos ferimentos dela — disse Bard -, mas trouxe-lhe um recado da Ieronis que está trabalhando no hospital de campanha. Preciso que alguém vá o mais rápido possível até Marenji e o Lago do Silêncio — ele começou a explicar, e a mulher olhava-o, confusa. Bard deslocou-se para o círculo de luz deixado por uma lanterna presa a uma estaca sobre a rua do acampamento, e ela o reconheceu.

— Lorde General! Muito bem, senhor, irei e com todo o prazer, porém... porém minha irmã está precisando muito de minha assistência. O senhor está a par do que aconteceu...

— Sim, estou, mas não a poderia levar para o hospital de campanha? Se está tão ferida assim, precisa de maiores cuidados do que aqueles que lhe pode dar, e, tenho certeza, a sacerdotisa de Avarra tratará dela.

A abnegada olhou para ele muito séria, porém havia lágrimas nos olhos dela. Disse:

— As sacerdotisas... elas são virgens sagradas, senhor, e não haveriam de querer se envolver com a irmandade. Elas julgam, sem dúvida alguma, que não somos mulheres dignas. E o que poderiam saber sobre uma mulher que foi estuprada tantas vezes, e... e ela está infectada, senhor...

— Vá e verá que ela é mais simpática do que possa imaginar. As sacerdotisas de Avarra fazem o juramento de auxiliar todas as mulheres. — Isto ele tinha visto na mente de Carlina. — Mas deve partir já. Providenciarei uma maca para que sua irmã seja transportada para o hospital.

Ele voltou na direção da caserna, gritando para que lhe trouxessem uma maca. Em poucos minutos a mulher ferida estava sendo carregada para o lado de fora, com todo o cuidado, e sua irmã e amiga estava inclinada sobre ela:

— Tresa, brenda, estas pessoas irão levá-la até uma leronis, que a poderá ajudar melhor do que eu...

Virou-se para Bard e falou, com a voz trêmula:

— Detesto deixá-la com estranhos...

— Mestra, eu mesmo a entregarei nas mãos da leronis, porém a sua tarefa só pode ser feita por uma mulher; nenhum homem conseguirá se aproximar do Lago do Silêncio.

Carlina trataria da moça; e se, por algum motivo, Carlina não o pudesse fazer, ele tinha certeza de que Melora saberia como cuidar daquele caso.

Carlina ainda andava de um lado para o outro, em meio às mulheres feridas num cômodo, e às que se achavam em trabalho de parto num outro, quando mandou que levasse a mulher para dentro. Melora estava enrolando um recém-nascido numa manta.

— Trouxe uma outra para você tratar — avisou Bard, e explicou o que tinha acontecido.

— Claro, não há nenhuma dúvida quanto a isto — prometeu Carlina, e ele teve a sensação de que o olhar que ela lhe dirigia era de perplexidade, desde quando você se envolve pessoalmente com coisas assim?

— Ela é um soldado e um prisioneiro — esclareceu, aborrecido e na defensiva. — E foram os meus homens que a machucaram, que inferno! Julga-se virtuosa demais para tratar dela?

— Bard, mas é claro que não. Disse-lhe que trataríamos dela. Vocês, mulheres... — falou, dirigindo-se às mulheres que tinham insistido em carregar a maca, tirando-a das mãos dos soldados, Estou precisando de todos os braços disponíveis! Mesmo aquelas dentre vocês que nada sabem sobre enfermagem podem alimentar os feridos, carregar bandejas, ferver água e preparar mingau!

Bard lançou um olhar na direção do céu, lá fora relampejava. O dia quase despontava.

— Mandarei os cozinheiros do exército prepararem o mingau prometeu ele.

Qualquer soldado de serviço podia ser enviado com aquela mensagem, e só precisou de um minuto para dar suas ordens.

Colocou um sargento à disposição de Mestre Gareth e de Dom Varzil.  
O sargento

era um veterano que tinha servido junto a ele em muitas campanhas e nunca pensou em questionar a identidade de Bard. Enquanto ele fazia uma continência e dizia:

— Como queira, Lorde General — Bard refletiu que seu pai tinha trazido Paul para este mundo a fim de que, na verdade, ele, Bard, pudesse estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo. Muito bem, isto estava acontecendo; o Lorde General, recém-coroadado rei, encontrava-se nos aposentos reais com sua recém-feita rainha, e o Lorde General se achava ao mesmo tempo dando ordens no hospital de campanha.

Meu pai só se importava comigo como um instrumento para a sua ambição pessoal!

Tinha acreditado naquilo durante toda a vida. Mas agora sabia que não era verdade. Isto por que, muito antes que Dom Rafael pudesse sequer imaginar se seu filho seria um soldado, um estadista, ou um laranzu, seu pai mandara buscá-lo do lado de sua mãe, educara-o na sua própria casa: recebera lições das principais artes, fora criado por sua mulher, dera-lhe cavalos, galgos e falcões, educara-o como um filho de nobre, privara-se até mesmo da companhia do filho para mandá-lo ser criado na corte do lado da princesa e nobres como irmãos de criação. É, seu pai o tinha amado de modo altruísta, não apenas para seu próprio bem. E mesmo a mãe, que abrira mão dele... — Bard sabia, olhando para o amanhecer e para o descomunal sol vermelho que despontava sobre as colinas de Kilghard, que sua mãe também devia tê-lo amado; o bastante para chegar ao ponto de abrir mão dele para que pudesse ser educado como o filho de um nobre e não ter que largar o couro numa fazenda deficitária na colina. Ficou pensando, pela primeira vez em toda a vida, se esta mãe desconhecida ainda estaria viva. Agora, nunca mais poderia formular esta pergunta ao pai. Mas, quem sabe, talvez Lady Jerana soubesse, e ela tinha sido boa para ele, lá ao seu modo; e teria sido melhor ainda, caso ele o tivesse permitido. Ele iria se humilhar junto a Lady Jerana, se fosse o caso, para obter o nome de sua mãe, saber em que ponto das colinas ela

morava, para que ele pudesse ir se ajoelhar aos seus pés e honrá-la por tê-lo amado tanto, a ponto de abrir mão dele em favor do amor de seu pai.

Seus olhos encheram-se de lágrimas.

Fui amado a vida toda e jamais me dei conta.

O que está acontecendo comigo? Tenho vontade de chorar o tempo todo! Trata-se apenas de laran ou terei me transformado numa manteiga derretida, num maricas, no tipo de homem que sempre desprezei...

Ele acabaria se habituando com o que tinha acontecido; sabia disto. Mas também sabia, bem no fundo de sua alma, que se tornara um outro homem. Estava surpreso, mas não envergonhado, diante do homem em quem se transformara. Sua vergonha achava-se dirigida para o homem que tinha sido, e este homem encontrava-se morto. Não precisava desperdiçar nem sentimento de culpa nem de vergonha para como o antigo Bard.

Precisava encontrar tempo disponível para tornar a conversar com Carlina. Não tinham resolvido o que estava entre eles. No entanto, seu trabalho era para com os vivos, e o Bard morto não poderia ser mais interessante para ela do que o era para ele próprio. E assim, quando os primeiros raios do sol surgiram no céu, ele saiu à procura de Paul Harrell e de Melisendra.

## Capítulo Nove

Ao amanhecer, tendo Dom Varzil feito tudo que estava ao seu alcance no hospital de campanha, mandara Mestre Gareth, sob protesto, descansar.

— Algumas horas não farão diferença.

— O senhor trabalhou também a noite inteira e cavalgou durante todo o dia anterior. E também não é mais nenhum jovem, Dom Varzil! — falou Mestre Gareth.

— Sei disto, mas sou mais moço que você e tratarei daquilo que for preciso. Vá descansar! — disse ele, endireitando o corpo, que não era muito alto, e falando em tom de comando.

Mestre Gareth deixou escapar um suspiro:

— Já faz muito tempo desde que um homem me deu ordens, senhor, mas lhe obedecerei.

Dom Varzil, após a saída do laranzu idoso, organizou para que fossem alimentados os que podiam comer e para que fossem cuidados os sem condições, dirigindo-se depois para o setor das mulheres. Lá encontrou Melora, com o vestido preso e com um lençol amarrado em volta do corpo.

— Muito bem, criança, como vão as coisas por aqui?

— Astúrias conta com três novos habitantes — disse ela rindo -, não importa quem seja o rei. O filho de um soldado e de uma criada da cozinha, e a julgar pelos cabelos ruivos, um leronis para seu conselho. Ignorava que tivesse talento para realizar o trabalho de uma parteira, mas também não sabia, até ontem, que seria capaz de andar a cavalo.

— Certo, ficar circulando por aí sem parar é a melhor maneira de prevenir as dores provocadas por toda esta interminável viagem a cavalo, mas agora, brenda, deve se retirar e ir descansar. E a senhora também, boa mãe — disse, olhando para Carlina em seu manto negro.

— É — concordou ela, passando as mãos sobre os olhos cansados -, acho que já fiz tudo quanto podia por aqui. Estas mulheres podem cuidar das doentes enquanto descanso um pouco.

— E quanto ao senhor, vai tenerêzu? — indagou Melora.

— O exército foi colocado à minha disposição — disse ele -, consultarei Bard, não importa se é Lorde General ou rei, mas antes disto... — olhou na direção do céu borrascoso — irei até lá fora e enviarei pássaros-sentinela, para verificarem se nos achamos ou não sob ataque de Aldaran. Caso estejam mandando um exército contra as Astúrias, Bard terá que arranjar um jeito de detê-lo em Kadarin. E em caso negativo... bem, pensaremos nisto mais tarde.

Ele se retirou, e Carlina ficou olhando, inesperadamente consciente de que não tinha bebido nem comido nada, desde que Melisendra lhe servira um prato de sopa e o creme, na véspera.

— Dom Varzil dirigiu-se a mim como se eu fosse uma sacerdotisa de Avarra — comentou ela.

Nenhuma das mulheres achou estranho o fato de Melora saber com precisão o que tinha acontecido a Carlina e por quê.

— Você pertence à deusa ainda, não é mesmo? — indagou Melora.

— Sempre. Contudo, ainda que pudesse retornar ao Lago do Silêncio, não tenho certeza de que o faria. Creio que temos ficado isoladas demais, na nossa ilhazinha tão segura, protegidas por encantos poderosos e sem nos importarmos com o que está acontecendo no mundo exterior. Contudo... como podem as mulheres viverem juntas, solteiras, em segurança?

— A Irmandade da Espada procede assim — observou Melora.

— Mas elas contam com meios de proteção que nós não temos — observou Carlina, e pensou: eu, pessoalmente, nunca seria capaz de brandir uma espada, sou uma curandeira, uma mulher... e não me parece que seja meu dever, que faça parte da vida feminina, guerrear, mas sim cuidar dos necessitados...

— Talvez — falou Melora, hesitante — a deusa precise das duas irmandades, uma para ser forte, e a outra para ajudar e tratar...

O sorriso de Carlina era incerto:

— Não creio que elas tenham grande respeito com relação ao nosso modo de viver, nós... — agora o sorriso era triste — também não respeitamos o delas.

— Então — disse Melora, e o tom de sua clara voz não era de comando, porém poderia ter sido — vocês devem aprender a respeitar, cada qual, o modo de viver das outras. Vocês também são abnegadas. E as pessoas são passíveis de mudanças, sabe disto muito bem.

É verdade, pensou Carlina, se Bard pode passar por uma mudança tão profunda, deveria haver esperanças para que qualquer pessoa na face deste mundo agitado possa se transformar! Preciso conversar com Dom Varzil a este respeito; como protetor de Neskaya, talvez tenha algumas respostas para nós.

— Desculpe-me, madre... — disse Melora, usando o tratamento de respeito devido a uma sacerdotisa — mas a senhora é a Princesa Carlina, não é?

— Eu era. Renunciei este nome já faz muito anos. — Angustiada, Carlina percebeu que, segundo a legislação vigente, era a mulher legítima de Bard. E se ele a tivesse deixado grávida? O que faria eu com uma criança? Filha dele!

— Foi o que pensei. A última vez que a vi foi no Festival do Solstício de Verão, porém não creio que me tenha notado, eu era apenas a filha de Mestre Gareth...

— Observei-a sim. Dançando com Bard — falou Carlina, e então, como ela também tinha laran, comentou: — Você o ama. Não é mesmo?

— É verdade. Não creio que ele saiba disto. — De repente, Melora deixou escapar uma risadinha nervosa. — Soube que o Lorde General foi coroado e casou-se ontem. E como exige a legislação, a senhora é a mulher dele, prometida a ele. Logo, por enquanto, tem pelo menos uma mulher legítima a mais. Estou certa de que ele vai querer se livrar de, no mínimo, uma delas... e, se realmente o conheço, de ambas. Talvez, Carlina... Madre Liriel... este mal-entendido acabará dando certo, de vez que toda a questão relacionada ao casamento dele terá que ser esclarecida através da legislação.

— Vamos esperar que sim — anuiu Carlina e, num impulso, pegou a mão de Melora.

— Venha descansar, vai Ieronis. Posso arranjar um lugar para você entre as damas da corte. Vou mandá-las descer para fazerem o que estiver ao seu alcance pelos feridos e doentes, e você deve dormir.

Enquanto isto, Bard di Asturien atravessava os corredores do castelo rumando para os aposentos que vinha ocupando desde que Alaric fora coroado e o tinha designado Lorde General. Do lado de fora havia um guarda, informando-o de que o Lorde General... ao que se supunha... achava-se lá dentro.

Bard refletiu por um instante. Ele poderia, é claro, avizinhar-se da porta e exigir, na qualidade de Lorde General, que o deixassem entrar. A maioria dos homens do exército conhecia o Lobo de Kilghard de vista. Contudo, ainda não se sentia inteiramente preparado para a confrontação. Portanto, após um momento ele deu a volta, atravessou um arco, para ir até uma entrada nos fundos, cuja existência só era conhecida pelos seus homens de extrema confiança.

Caminhou através dos aposentos como se nunca os houvesse visto antes. Não tinha mesmo. O homem que tinha dormido ali, há apenas algumas noites, era um homem diferente. No imenso quarto de dormir eles descansavam num sono profundo, Paul, deitado de costas, e Bard olhou para seu próprio rosto com um interesse estranho e moderado. Melisendra estava toda encolhida de encontro a ele, a cabeça apoiada em seu ombro e, mesmo dormindo, Bard pôde ver o modo protetor como o braço de Paul a envolvia. Seus cachos ruivos estavam soltos, cobrindo o rosto dele.

Bard refletiu, com indiferença, que se acaso os tivesse encontrado daquele jeito, nos seus aposentos, antes, não teria perdido tempo em sacar seu punhal e cortar-lhes as gargantas. Mesmo agora, tinha pensado naquilo por um instante. Paul procurara usurpar-lhe o trono; havia sido coroado em seu nome e, casando-se com Melisendra à vista de metade do reino, tinha dado ao trono das Astúrias uma rainha que teria que ser, de alguma forma, repudiada publicamente. Mesmo que Paul pretendesse abrir mão da identidade de Lorde General, isto ainda mantinha Bard casado com Melisendra! Que complicação! E pelo que ele fizera, tornara Carlina sua esposa

legítima e também não poderia repudiá-la publicamente. Como, em nome de todos os deuses, iria ele solucionar isto? Por um momento, considerou a possibilidade de fugir daquele cômodo tão silenciosamente quanto ali tinha penetrado, pegar seu cavalo e voltar outra vez para as colinas. Não desejava o Reino das Astúrias. Tinha certeza de que encontrariam uma outra pessoa qualquer, mesmo quando tomou conhecimento da morte do pai e de Alaric. Além de Kadarin havia dúzias de pequenos reinos e antes já havia conquistado seu caminho, como mercenário...

Porém, o que sucederia aos seus homens, caso tomasse esta atitude? Paul não sabia de nada nem se importava com eles. O que aconteceria a Carlina, à promessa que fizera à Irmandade da Espada, a Melisendra, a Melora? Não, ainda tinha muitas responsabilidades ali. E afinal, ele tinha deixado Paul, reconhecidamente, para preencher o seu lugar de Lorde General. Talvez Paul tivesse, simplesmente, tentado proteger seu bom nome e reputação... o que pensariam a seu respeito, no final das contas, se viesse à tona que no momento do covarde ataque contra o Castelo das Astúrias o Lorde General tinha fugido às pressas para ir chorar no ombro de uma mulher pelos crimes cometidos? Paul deve ter uma oportunidade para se explicar; não o haveria de matar enquanto dormia.

Inclinou-se sobre Melisendra, fitando-a com uma ternura que o surpreendeu, olhando para seus cílios claros pousados sobre as maçãs do rosto, para a plenitude de seus seios, onde a fina camisola, tão diáfana, revelava-lhe o tom róseo da sua pele. Ela lhe dera Erlend, e por isto, pelo menos, ele sempre deveria lhe revelar seu amor e gratidão.

Então sacudiu levemente o ombro de Paul.

— Acorde, Paul.

Paul sentou-se na cama, sobressaltado. Imediatamente alerta, ele reparou na expressão tensa estampada no rosto de Bard, e soube, de imediato, que estava em eminente perigo de vida. Seu primeiro pensamento foi proteger Melisendra. Pôs-se de pé com um pulo, colocando-se entre Bard e a mulher.

— Nada disto aconteceu por culpa dela!

O sorriso de Bard surpreendeu-o. Ele parecia apenas divertido.

— Sei disto. Aconteça o que acontecer, não machucarei Melisendra.

Paul revelou-se menos tenso, mas ainda se mostrava preocupado.

— O que está fazendo aqui, deste jeito?

— Minha intenção era lhe perguntar exatamente a mesma coisa. Afinal, este quarto me pertence. Soube que o coroaram na noite passada. E... casaram-no com Melisendra. Será que pode me culpar por imaginar que meteu na sua cabeça a idéia de reivindicar o trono das Astúrias? Quase não me deixaram entrar no castelo na noite passada porque tinham a nítida impressão de que eu fosse uma espécie de impostor.

Por algum motivo, Bard notou que os dois estavam falando aos sussurros. Mas, apesar disto, suas vozes despertaram Melisendra; ela se sentou na cama, os cabelos caídos sobre o peito. Olhou com os olhos arregalados para Bard. Depois, muito depressa, implorou:

— Bard! Não! Não o machuque! Ele não pretendia...

— Deixe que ele mesmo responda e me revele quais eram as suas intenções — vociferou Bard, e sua voz soava como aço.

Paul trincou os dentes:

— O que esperava que eu fizesse? Eles me procuraram e declararam que eu era o rei, exigiram que me casasse com Melisendra! Esperava que lhes dissesse: Oh, não, não sou o Lorde General, da última vez em que foi visto ele rumava para Neskaya? Não me perguntaram o que deviam fazer; disseram-me o que fazer! Se tivesse voltado em tempo... mas não, você estava longe, tratando de assuntos pessoais e deixou-me aqui para cuidar de tudo... nem se deu ao trabalho de perguntar por seu filho! Você está tão preparado para governar este reino quanto... quanto ele, e isto não é um elogio, pois imagino que qualquer coisa que vestisse calças seria capaz de fazê-lo melhor do que você! Se conseguisse afastar sua mente das suas mulheres durante dez minutos e prestar atenção naquilo que se espera que faça...

Bard tirou o punhal da bainha. Melisendra gritou, e três guardas irromperam dentro do quarto. Ao depararem com Bard

usando uma farda de soldado e Paul com sua roupa de dormir, agarraram-se de imediato à conclusão óbvia, e partiram na direção de Bard com suas espadas em riste.

— Sacar uma arma na presença do rei, o que significa isto? — gritou um deles, e instantes depois Bard viu-se desarmado, mantido entre dois dos guardas.

— O que faremos com ele, Lorde General... peço-lhe perdão... Sua Majestade?

Paul ficou olhando do guarda para Bard, percebendo que as coisas estavam indo de mal a pior. Não desejava ver o pai do filho de Melisendra morto diante de seus olhos. Paul se deu conta, angustiado e um pouco tarde demais, de que não estava zangado com Bard de forma alguma.

Que inferno! Afinal, fui para a caixa de estase por não conseguir me manter longe das mulheres erradas. Quem sou eu para atirar pedras nele? E, no entanto, caso eu admita que ele é o rei, e o Lorde General, então estou na cama com a rainha, e por tudo que já sei sobre este país, isto também será considerado um crime hediondo... isto para não mencionar o orgulho de Bard! Se os mandar matá-lo, Melisendra, provavelmente, lhes revelará quem sou eu. Se agir de outra forma, seria muito melhor para mim se ainda me encontrasse na caixa de estase! Isto por que, tenho certeza absoluta, eles têm aqui a pena de morte... e provavelmente algumas saídas inteligentes para adotá-la.

O guarda mais graduado olhou para Paul e indagou:

— Meu senhor...

— Está havendo algum engano por aqui, acho que... — observou Bard.

— Sem dúvida alguma, há alguém aqui cometendo um erro — disse um dos guardas, revoltado. — Este homem tentou entrar no palácio na noite passada declarando ser o Lorde General; ele até conseguiu enganar Lorde Varzil de Neskaya! Acho que é um espião de Hastur. Devemos levá-lo, senhor, e enforcá-lo?

Melisendra pulou para fora da cama, com sua camisola transparente, sem se importar com os olhares perplexos dos

guardas. Abriu a boca para falar. E, neste exato momento, ouviu-se um grito no corredor e um mensageiro entrou.

— Meu rei! Um enviado dos Hasturs, trazendo uma bandeira de trégua! Dom Varzil de Neskaya manda lhe dizer que o senhor deveria ir vê-los, já, no salão do trono!

Os guardas giraram com rapidez. Bard disse:

— Impossível. O salão do trono está repleto de feridos e doentes; teremos que recebê-los no gramado. Ruyvil... — falou, dirigindo-se ao mais jovem dos guardas — você me conhece, não é mesmo? Lembra-se da campanha para Hammerfell, quando discuti com o Rei Ardrin e consegui que você nos acompanhasse, e como o estandarte de Beltran enrolou-se na sua lança?

— Lobo! exclamaram os guardas, em seguida, viraram-se, ameaçadores, para Paul.

— Quem é este homem? Bard respondeu rápido:

— Meu ajudante e meu representante. Tive que rumar para Neskaya a fim de tratar de assuntos urgentes e deixei-o aqui; e ele foi coroado por procuração...

O mais velho dos guardas — que tinha perguntado se podia levar Bard e enforcá-lo — indagou de forma suspeita:

— E casou por procuração também? O jovem Ruyvil retrucou:

— Não se dirija desta forma ao rei, cabeça de ovo, ou descobrirá que sua cabeça está caída sobre seu ombro! Acha que não conheço o Lobo de Kilghard? Eu poderia ser expulso do exército por isto! Pensa que um impostor saberia aquilo que me perguntou?

Paul disse suavemente, pegando a deixa que Bard lhe dera:

— Não sou tão ousado a ponto de me intrometer no casamento de meu rei. Ele me havia prometido Melisendra; e casei-me com ela. Sua Majestade... — olhou rapidamente para Bard, e a mensagem foi clara, saia dessa da maneira que quiser, agora — não poderia ter se casado com Melisendra, nem mesmo que o desejasse; está legalmente casado com outra pessoa.

Bard olhou para Paul com uma expressão de agradecimento nos olhos. Disse:

— Vá e comunique aos enviados que irei me encontrar com eles tão logo me seja possível, assim que tiver me barbeado e

vestido. E mande avisar a Lorde Varzil de Neskaya, também. — Quando os guardas e o mensageiro já haviam se retirado, virou-se para Melisendra e falou: — Acredite se quiser, pretendia casá-la com Paul; porém vocês se anteciparam a mim. Terei que ficar com Erlend; ele é o meu único herdeiro.

O queixo dela tremeu, porém replicou:

— Não me porei no caminho dele.

E Bard pensou na mãe desconhecida que o tinha dado a Dom Rafael para que fosse educado como um nobre. Afinal, todas as mulheres seriam tão altruístas assim? Disse rispidamente:

— Cuidarei para que ele não se esqueça de que é seu filho também. Vamos, que inferno!, não quero alarido antes do café da manhã! Mandem chamar meu camareiro para que traga roupas adequadas para uma audiência! E Paolo, corte seu cabelo... queremos acabar com a semelhança... você ainda está em maus lençóis!

Enquanto Paul dirigia-se para outro cômodo, Melisendra colocou uma mão em seu braço.

— Estou contente... avisou ela, e sorriu. Paul abraçou-a.

— O que mais poderia fazer? — indagou ele. — Se tivesse feito qualquer outra coisa, estaria me prendendo a este reino!

E percebeu, totalmente assombrado, que falara a verdade. Não invejava Bard. Nem um pouquinho. E talvez... talvez... as coisas tivessem sido arranjadas de forma que ele não precisasse matar Bard para que também não acabasse sendo morto por ele. Isto nunca teria sido possível... com o Bard que tinha conhecido antes. Porém alguma coisa acontecera com Bard no curto espaço de tempo desde que ele trouxera Carlina do Lago do Silêncio. Não sabia o que fora; realmente, este era um outro homem. Melisendra, pensou ele, sabia a que se devia aquela transformação e, talvez, algum dia, ainda lhe contasse tudo.

Ou talvez o próprio Bard o fizesse. Agora, não havia mais nada que o pudesse surpreender.

Barbeado, vestido, os cabelos presos com o catarife vermelho de um guerreiro, Bard olhou-se no espelho. Parecia ser o mesmo homem, mas continuava se sentindo um estranho em sua própria

pele, sem saber o que faria depois. Paul tinha feito a coisa certa, sem querer... embora não tivesse esperado que isto acontecesse; receara que Paul tentasse blefar até o fim e, nesse caso, a única alternativa seria matá-lo.

Não. Não o teria matado. Já destruí gente demais. Talvez eu mesmo o abatesse, num momento de fúria, mas não teria coragem de ficar lá com o sangue frio e dar ordens para que o matassem. Agora ele já está integrado demais à minha personalidade, faz parte de mim mesmo. E tudo acabou dando certo, pois estou livre de Melisendra.

Contudo, ainda continuava preso por lei a Carlina, e caso ela necessitasse do amparo legal deste casamento... se, por exemplo, que todos os deuses não o permitissem, ele a tivesse deixado grávida... ele não poderia, agora, negar-lhe que ocupasse sua posição como rainha. Todo o seu coração clamava por Melora; contudo, embora soubesse que haveria de amá-la por toda a vida, não podia se dedicar a ela, atirando Carlina na sarjeta ou ignorando o direito que tinha sobre ele.

Seja cuidadoso quando implorar aos deuses um dom; pois eles haverão de atendê-lo. E recordou-se de Melora, naquela noite fatídica do festival, dizendo-lhe que nem chegaria aos pés de Carlina.

Se eu tivesse tido, apenas, o bom senso de ir procurar Carlina, e então oferecer-lhe a liberdade de um casamento que nenhum de nós desejava... porém, nem mesmo um deus tem a capacidade de trazer de volta as folhas que já caíram. Tecera esta trama confusa junto com Carlina, e a menos que ela pudesse ser desenredada de modo honrado, ele viveria dentro da sua espiral.

Parecia-lhe, embora se mantivesse o mais ereto possível, que o homem no espelho estava encurvado sob um grande peso. Sim, esta terra das Astúrias, onde não tinha a mínima vontade de reinar, encontrava-se agora sobre seus ombros. Oh, meu irmão! Eu teria sido seu general com tanta boa vontade, e não ter que usar a sua coroa! Contudo, o vinho tinha sido servido e precisava ser bebido. Afastou-se do espelho, cerrando os dentes e endireitando os

ombros. Suas legiões tinham escolhido o Lobo de Kilghard para governá-las, e assim será.

Um baldaquim e uma cadeira tinham sido colocados no gramado para que Bard os usasse em vez do trono. Ele olhou, com uma incredulidade triste, para as filas de cortesãos que se inclinavam, para os guardas e soldados que se postavam em posição de sentido à sua passagem. Jamais vira tanta formalidade quando se tratara de seu pai, ou do Rei Ardrin. Simplesmente tinha admitido aquilo como justo. Pensou rápido que estava muito bem que da primeira vez que ascendia ao seu trono, esse não passasse de um baldaquim e uma cadeira. Recordou-se de que tinha tropeçado aos pés do trono de Ardrin quando lhe fora concedido o cadarço vermelho.

— Senhor, a embaixada dos Hasturs — avisou Dom Varzil.

Bard lembrou-se, apesar das poucas coisas que sabia sobre protocolo, de que o protetor de uma torre importante comparava-se a qualquer rei. Fez sinal para que Dom Varzil se aproximasse da cadeira onde se achava acomodado.

— Primo, esta tem que ser uma assembléia formal?

— Só se assim o desejar.

— Então, mande embora toda esta gente e deixe-me parlamentar com os enviados em paz — pediu Bard; e enquanto Dom Varzil dispensava os cortesãos e outras pessoas, deixando apenas alguns guardas pessoais, Bard olhou para o enviado. Como já sabia, havia a bandeira de trégua do Rei Carolin e, usando as cores azul e prateada dos Hasturs, ali estava Geremy Hastur.

Ele deu um passo na direção de Geremy para lhe dar um abraço informal de parente, e com aquele toque, toda a antiga afeição tomou conta dele. Será que algum dia também poderia redescobrir Geremy?

Geremy também tem laran, pensou, ele sabe. E ao erguer o olhar para o semblante de Geremy, viu naquele olhar, embora Geremy parecesse afastado e ansioso, a mesma aceitação, a mesma compreensão que tinha visto no rosto de Melora.

Falou, e sabia que sua voz estava trêmula devido à emoção que já não podia mais disfarçar.

— Bem-vindo às Astúrias, primo. Na verdade, trata-se de uma triste acolhida e calcada numa aflição... meu pai e meu irmão ainda não estão descansando, mas jazem insepultos até que haja um pouco de ordem neste reino. Encontramo-nos sob ataque de Aldaran e vejo-me, sem o desejar, num trono que não sei como ocupar. Contudo, embora seja uma acolhida insatisfatória, estou contente por tê-lo aqui... — sua voz partiu-se. Parou, sabendo que se não o fizesse não se controlaria e choraria diante de todos. Sentiu a pressão da mão de Jeremy sobre a sua.

— Quem me dera eu pudesse trazer-lhe algum conforto... irmão de criação — disse Jeremy e Bard engoliu em seco. — Sinto enormemente a sua dor. Não conhecia Dom Rafael bem, porém conhecia Alaric, e amava-o. Ele era jovem demais para ser arrancado da vida tão rápido assim. Contudo, mesmo neste momento de tristeza, devemos cuidar dos vivos. Dom Varzil contou-me algumas novidades que acredito ainda não tenha sabido. Dom Varzil, meu parente, relate a Bard o que os seus pássaros-sentinela viram.

— Aldaran entrou nesta guerra — avisou Dom Varzil. — Ficamos sabendo, através de Mestre Gareth e de seus leroni, que eles tinham enviado a bruxaria que destruiu as paredes do castelo. Agora, há um exército em marcha, vindo da floresta de Darriel. Está aliado a Scathfell e outros pequenos reinos localizados no Norte. Ainda se encontram há muitos dias ao Norte de Kadarin, contudo acho que estão achando que o irão encontrar em meio ao caos e aflição. Porém, tenho notícias mais recentes ainda. Tramontana prometeu manter-se neutro; não farão mais nenhum armamento com laran. E esta é a última torre a jurar, pois Arilinn já o fez aos Hasturs.

— Logo — disse Jeremy -, isto significa que os mártires de Hali não foram sacrificados em vão. Pois, agora, não existe mais uma só torre nesta terra que se proporá a fabricar clingfire, pó de bonewater, ou a peste que atacou as colinas Venza. Vim até aqui para pedir a Dom Rafael, ignorando a sua morte... vim para lhe pedir, pela segunda vez, para se unir ao pacto e a mim e aos meus leroni, para, juntos desarmarmos as reservas de armamentos com

laran que ainda existem. Juramos não usá-los, porém temos o direito de nos defendermos contra eles.

Bard refletiu sobre isto, em silêncio, os olhos presos à ala desmoronada do castelo. Aldaran tinha vindo contra ele com laran, e como sabiam eles o que ainda havia no seu arsenal? Finalmente disse:

— Geremy, eu o faria com todo o prazer. Assim que houver novamente paz nesta terra, prestarei juramento ao pacto, e qualquer homem que o quebrar será meu inimigo, e os leroni poderão voltar a ler a sorte das moças solteiras apaixonadas, prever o sexo dos bebês das mulheres grávidas, ou tratar dos doentes e transmitir mensagens mais rápidas do que através de mensageiros expressos. Porém, enquanto a terra estiver em guerra, não ousou fazê-lo. Devo colocar meu exército na estrada dentro de três dias se quiser deter Aldaran e mantê-lo do seu lado de Kadarin!

— Para isto, ofereço-lhe a minha aliança — avisou Geremy. — Carolin deu-me poder para mandar os homens dele ao seu lado contra Aldaran. Concordamos que ele reine do outro lado de Kadarin, contudo, não o queremos nos Cem Reinos.

— Aceitarei, de bom grado, o auxílio de Carolin. Porém não me é possível jurar fidelidade ao pacto até que tenha colocado o meu reino nos eixos. E jurarei manter aliança com os Hasturs.

Ele tinha consciência, enquanto falava, de que estava destruindo, em poucas palavras, tudo aquilo por que seu pai tinha lutado. Mas aquilo fora a ambição de seu pai, não a dele. Ele governaria, mas sem a mínima vontade de conquistar. Aqueles que possuíam terras e as governavam, que o fizessem em paz. Ele já tinha bastante trabalho com um reino; não queria governar um império. Era apenas um homem, tinha deixado seu gêmeo secreto livre.

— Pensava que você já estivesse preparado para se aliar ao pacto, Bard, agora que constatou o que a falta dele fez a esta terra — falou Geremy. — E a coisa está ainda pior na terra de Hastur. Você teve oportunidade de ver as crianças que estão nascendo nas colinas Venza e perto de Carcosa?

Bard sacudiu a cabeça:

— Geremy, já lhe disse que voltaremos a conversar sobre isto tão logo Aldaran se mostre resignado a permanecer no lado de Kadarin que lhe pertence. E agora, se me faz o favor, tenho que aprontar meu exército para partir.

Quem iria governar enquanto ele se encontrasse ao lado do exército? Será que podia confiar em Carlina para reinar como sua regente? Conseguiria induzir Dom Varzil a ficar na sua corte e cuidar para que tudo fosse feito como devia? Como poderia decidir? Sorriu com tristeza, pensando que, mais uma vez, precisava estar em dois lugares ao mesmo tempo, no seu trono e com o exército em marcha? Será que seus homens estariam dispostos a seguir Paul? Não seria melhor colocá-los sob as ordens de um dos comandantes veteranos de seu pai?

Convocou então a presença de quatro ou cinco homens de seu pai, comandantes veteranos, e conversou com eles, durante muito tempo, sobre o deslocamento do exército. Entrou no Grande Salão para fazer uma visita rápida aos feridos que ali se achavam. O exército tinha organizado vários enfermeiros, e as mulheres estavam sendo atendidas por cada mulher do castelo que não se encontrava ocupada em outro local. Reconheceu a camareira particular de Lady Jerana e percebeu que até ela devia estar se arrumando sozinha naquela manhã.

Não conseguiu ver Melora. Para onde teria ido? Desejava muito vê-la, se bem que até que a confusão com Carlina estivesse desfeita, sabia que não lhe podia revelar nada do que se passava em seu coração. Mestre Gareth aproximou-se dele e Bard indagou:

— O que está fazendo, meu velho amigo? Dispõe de suficientes leroni para manter o escudo ao redor do castelo?

— Estamos tentando, senhor, embora não saiba por quanto tempo ainda poderemos mantê-lo atuante e aceitaria de bom grado se o senhor pedisse a Lorde Geremy Hastur para lhe ceder seus magos também.

— Farei isto, ou talvez possa pedir isto a ele você mesmo.

— Ah... mas o pedido significaria muito mais se partisse do senhor.

— E onde está Mestra Melora? Lorde Varzil emprestou-a ao senhor, na noite passada, para que cuidasse dos enfermos...

— Ela entregou esta tarefa nas mãos de Madre Liriel, a sacerdotisa, como sabe, esta manhã — esclareceu Mestre Gareth.

Bard, num lapso de segundo de visão íntima, se deu conta de que Carlina, Madre Liriel, como agora ela mesma se denominava, não tinha mais vontade do que ele de reconhecer aquele contrato de casamento e noivado. Estaria ele realmente livre? Ele e Carlina tinham que conversar, deixar as coisas claras e entendidas, porém sentiu-se aliviado e mais satisfeito, quando Mestre Gareth disse:

— Mandei Melora ir soltar seus pássaros-sentinela. Não há ninguém melhor do que ela nesse assunto, não que eu jamais tenha conhecido. Mandou-me avisar-lhe que viu uma grande fila de sacerdotisas na estrada que parte do Lago do Silêncio e que estão sendo escoltadas por amazonas vestidas de vermelho.

— Isto significa que a Irmandade da Espada fez o que me prometeu... — começou Bard a falar, contudo exatamente nesse instante Melora apareceu de volta do jardim, sacudindo os braços e gritando frenética e desconsoladamente.

Bard correu na sua direção, seguido por Mestre Gareth, ofegante nas suas velhas pernas.

— O que foi Melora?

— Mande chamar Dom Varzil! Oh, em nome de todos os deuses, mande chamar Dom Varzil — gritava ela. — Rory, que tem a Visão, viu para nós! O escudo de laran permanece no mesmo lugar, porém há carros aéreos rumando para cá, e não contamos agora com nenhuma defesa contra eles! Convoque o exército... temos que transferir os feridos para o lado de fora antes que o teto desmorone em cima deles!

O rosto de Mestre Gareth estava lívido, mas sua voz mostrava-se controlada:

— Melora, nada se consegue através do pânico... você pode se comunicar com Dom Varzil com mais facilidade do que eu!

O semblante de Melora ficou sereno e distante. Bard, entrando num rápido contato com ela, escutou-a chamando, sem que emitisse qualquer som, gritando por Dom Varzil, e em poucos segundos via

não apenas Dom Varzil mas também Geremy, no seu andar claudicante, aproximarem-se apressados.

— Bard — disse Geremy -, você não tem laran suficiente para que possa ser eficiente neste caso, não ainda... trate da transferência dos feridos para o lado de fora, caso não os possamos deter!

Não ocorreu a Bard que Geremy, que nem mesmo se encontrava no seu próprio reino, estava dando ordens ao Rei das Astúrias. O que Geremy dissera parecia-lhe tão racional, que se apressou em obedecer. Enquanto corria, fez um sinal para um guarda:

— Vá procurar Paolo Harrell e Lady Melisendra!

E então, com seu novo laran, ficou pensando se poderia usar sua proximidade com um dos dois. Sempre se mantivera em contato com a mente de Paul. E este era um momento em que precisava estar em dois lugares ao mesmo tempo!

Paul! Arranje homens suficientes para carregarem os feridos e os colocarem em segurança!

Com o canto dos olhos ele viu Melora, Geremy, Mestre Gareth e Dom Varzil de Neskaya, de mãos dadas, incongruentemente, parecendo que se achavam prestes a fechar a roda e dançar uma cantiga de roda! Mas mesmo Bard, recém-aberto para o laran, pôde ver a força psíquica, uma barreira praticamente tangível que ia se erguendo à volta deles. Depois, ele voltou depressa para o salão e começou a dar ordens aos soldados.

— Todos aqueles em condições de caminhar, já para fora, e procurem ficar o mais distante possível dos prédios! Ordenanças, ajudem as pessoas que tenham dificuldade de caminhar! Recebemos um aviso de que talvez nos ataquem com bombas incendiárias! Levem todo mundo para fora! Teremos todas as macas que necessitarmos, logo, logo... que ninguém entre em pânico, nós os retiraremos daqui! — ele podia sentir o medo como um miasma visível e ergueu a voz. — Caminhem!

Andem, eu disse, não corram! Mandarei à corte marcial todo aquele que cair sobre um homem ferido! Calma, temos tempo suficiente! -passou para o outro cômodo. — Carlie... madre Liriel,

faça que aqueles que têm condições de andar ajudem os impossibilitados, daqui a pouco teremos muitas macas por aqui!

Carlina falou baixinho com as mulheres, e Bard viu, minutos depois, que o trabalho se processava ordenadamente. Paul tinha chegado, liderando um verdadeiro pelotão trazendo as macas. Parou ao lado da maca de uma mulher que se achava com um bebê recém-nascido nos braços.

— Ah, este é um de meus novos súditos? Muito bem, mãe, não se preocupe, é uma criança maravilhosa e estará a salvo, acredite em mim! — disse, e prosseguiu no seu caminho, escutando um murmúrio atrás de si.

— Este é o rei!

— Não seja tola — retrucou outra mulher na maca que estava sendo carregada. — O rei não viria até aqui embaixo, esse aí é o seu ajudante, aquele que se parece muito com ele.

— Ora, seja ou não — disse a primeira -, ele falou comigo com tanta delicadeza e vou pôr em minha filha o nome de Fianna, por causa dele. E o ajudante do rei é tão bom quanto ele!

Bard supervisionava as últimas macas, parando para falar com um veterano que tinha reconhecido, um cortesão amigo de seu pai, um criado que conhecia há muitos anos. Nem todos se lembraram de se dirigir a ele como Sire, ou Vossa Majestade, mas se sentia satisfeito assim mesmo. Haveria tempo bastante para as formalidades nos anos que viriam, e sentia-se orgulhoso em ser o Lobo de Kilghard. E se o pavor que dominava o velho criado ficara menor ao chamá-lo de Mestre Bard, isto, imaginava ele, não o rebaixava.

— Todos já estão do lado de fora?

— Todos, menos aquela anciã que se acha lá naquele canto. Receio que se a movermos, venha a morrer — avisou Carlina, hesitante -, e não quero mandar quatro homens com uma maca... — estava pálida de medo. Bard recordou-se de que Carlina também tinha laran, e talvez um pouco de premonição.

Nesse momento ouviu-se um barulho estranho e um grito partiu do círculo formado pelos leroni no jardim, de pé e de mãos

dadas. Bard correu para o canto do Grande Salão e inclinou-se sobre a anciã. Ela ergueu os olhos para ele, o rosto pálido de medo e dor.

— Trate de sair daqui, filho, estou acabada.

— Bobagem, vovó. — Disse Bard, inclinando-se sobre ela e levantando-a em seus braços. — Pode passar seu braço em volta de meu pescoço? Assim... vamos, vamos sair daqui!

Enquanto corria lembrou-se, de repente, de que Carlina tinha receado levar a anciã lá para fora até mesmo numa maca, com medo de que ela morresse se fosse tocada. Ora, ela morreria se a deixasse lá e o teto despencasse em cima dela! Correu, aos tropeções, para o ar livre, e quando alcançou o gramado houve um abalo tremendo, uma explosão no ar atingiu-o e ele tropeçou e caiu, pesadamente sobre a velha, achando que seus ouvidos iriam estourar com o barulho.

Quando voltou a si, Paul e um de seus guardas estavam erguendo-o, e a velha, por um milagre ainda respirando, foi tirada com extrema delicadeza de seus braços e deitada sobre uma maca.

Uma das remanescentes alas do castelo arremessou uma alta e ai-rosa nuvem de poeira que desmoronou num estrondo. Bard, que tinha dado ordens, pessoalmente, para que todos os fogos fossem apagados, até mesmo os da cozinha, viu, aliviado, que não havia labaredas se erguendo. Houve outra explosão, e mais outra, e um dos estábulos ruiu, porém o exército, sob o comando de Paul, tinha trabalhado arduamente; todos os cavalos encontravam-se ao ar livre. Houve outra explosão que foi seguida por berros; caíra exatamente no meio de um pequeno aglomerado de soldados em torno dos feridos, e Bard, olhando, sentiu-se mal ao deparar com braços e pernas voando e corpos contorcendo-se e espatifando-se.

No céu a barulheira crescia. Então uma luz azul partiu do grupo de leroni sob as árvores e, de repente, com um estrondo igual ao de um trovão, um carro aéreo despencou do céu, caindo como uma pedra. Caiu no pomar, aterrissando sobre uma macieira, de onde as labaredas inopinadamente erguiam-se a uma altura descomunal.

— Baldes! — gritou um dos comandantes de Bard. — Apaguem aquele incêndio ali!

Uns doze homens saíram correndo na direção do incêndio.

Outra luz azul. E outro carro aéreo caiu em chamas, este batendo sem causar danos numa saliência rochosa e rolando, rolando, rolando, até parar todo espatifado. Um outro voou por cima do torreão principal do castelo, largando ovinhos de aparência inócua enquanto caíam, mas que se partiam ao tocarem o alvo.

— Infernos de Zandru! — gritou Bard. — Clingfire!

E, na realidade, tão logo atingiam o alvo, o fogo brotava da própria pedra, das paredes de pedra do castelo. Aquela droga infernal, lembrou-se Bard, queimaria qualquer coisa, até mesmo a pedra e não pararia de queimar e queimar...

Portanto, Alaric e seu pai teriam uma pira funerária.

O último dos carros aéreos explodiu com um estrondo e despencou do céu, porém Bard viu Melora afastar-se e correr na direção do castelo. Será que tinha enlouquecido? Ele tinha feito tudo ao seu alcance para retirar todo mundo do castelo... o que estava ela fazendo?

Paul, ajudando os guardas a retirarem os destroços em chamas dos estábulos, ouviu, de repente, como se fosse com seus ouvidos físicos, o grito de Melisendra. Deus do céu, será que o contato com Bard tinha-o deixado apto a escutar desta forma também? Podia vê-la claramente, subindo em disparada aquela escada dos fundos, naquele jardim onde a tinha visto pela primeira vez, e escutou os pensamentos dela, em pânico. Erlend! Erlend! Ficou acordado até muito tarde levando recados dos Ieroni, ainda está dormindo no quarto dele! Oh, misericordiosa Avarra, Erlend!

Ela estava longe, no alto das escadas, porém Paul achava-se bem atrás dela. No meio da escada deparou com uma pesada nuvem de fumaça. Porém Melisendra tinha desaparecido em meio à fumaça, e ele rasgou sua camisa, amarrou-a sobre o rosto e abaixando-se sob o nível da fumaça, começou a subir a escada.

E através de alguma estranha duplicação, como se ele e Bard estivessem realmente presos através da mente, viu Bard tentar entrar às pressas no prédio atrás de Melora e viu e sentiu os guardas o agarrarem, segurando-o com toda a força.

— Não! Não, meu senhor, é perigoso demais!

— Mas, Melora...

— Mandaremos alguém para trazer a leronis aqui para fora, meu senhor, contudo, não deve se arriscar. O senhor é o rei...

Bard lutou com eles, brigando, vendo Melora correndo escadas acima, abrindo caminho por entre os escombros e através e acima disto tudo, a visão de Erend, deitado tranqüilamente na cama, a mão agarrando com força a pedra da estrela presa ao seu pescoço e os rolos de fumaça pairando sobre ele, transformando seu sono numa letargia enquanto as paredes acima dele começavam a se incendiar.

— Soltem-me! Vão para o inferno! Perderão suas cabeças por causa disto! É o meu filho... está lá dentro, queimando! — lutou contra todos, as lágrimas rolando pelo seu rosto. — Vão para o inferno! Que todos vão para o inferno, larguem-me!

Porém os guardas não o soltaram e, pela primeira vez na sua vida, a força gigantesca de Bard não serviu para nada.

— Eles o retirarão de lá, senhor, porém todo o reino depende do senhor. Ruyvil, Jeran... ajudem-nos a prender Sua Majestade!

E mesmo enquanto Bard debatia-se nas mãos deles, alguma parte dele estava com Paul, subindo aquela escada, ele era Paul, tanto assim, que mesmo nas mãos dos guardas ele se sentiu sufocar, seus olhos ficaram cheios de lágrimas enquanto Paul lutava para subir... Atrás dele, Bard soltou o corpo nas mãos de seus captores enquanto a parte essencial dele lutava com Paul para subir; tentando com cada átomo de sua força emprestar sua própria força para Paul, para respirar por ele, se precisasse. Parecia, para os dois, que tinham subido juntos aquela escada, e lá no topo, abriram caminho ao longo do corredor, milímetro por milímetro... encontraram a porta por tato, pois a fumaça era tão espessa, que Paul não podia enxergar. E do outro lado da porta, Melisendra, caída ao chão derrotada pela fumaça, o rosto negro e congestionado. Por um instante apavorante, Paul não conseguiu sentir a respiração de Melisendra. Todo o quarto estava repleto daquela droga cáustica, fazendo os pulmões de Paul doerem e, sem a força de Bard, ele sabia que não teria podido prosseguir e teria caído ao chão, ao lado dela, inteiramente desmaiado.

Contudo, em algum lugar uma criança chorava, como se o fizesse sonhando, e a percepção de Bard em Paul fê-lo lutar, praguejando, para se pôr de pé. As paredes começavam a arder, e a beira do colchão de Erlend já entrava em combustão, soltando novas espirais de fumaça para cima que se misturavam ao ar já pesado do quarto. Paul — ou Bard, ele nunca sabia qual deles — levantou a criança, ouvindo-a soltar gritos estridentes de dor e terror ao ver as labaredas crescendo. Quebrou uma garrafa com água que se achava ao lado da cama, pegou algumas peças de roupa que estavam no chão e encharcou-as, enrolou-as em volta de seu rosto; em seguida, com Erlend agarrado ao seu peito, ajoelhou-se ao lado de Melisendra, batendo em seu rosto com uma das peças de roupa que havia molhado. Tinha que conseguir fazê-la voltar a si! Talvez a força de Bard dominando-o tivesse deixado-a para salvar o filho dele... mas não, Melisendra era a mãe da criança, não podia deixá-la ali para morrer carbonizada!

Sentiu o cheiro de cabelos chamuscados, o odor acre de tecido queimando, e Melora, o rosto todo sujo de fuligem, estava de pé sobre ele.

— Aqui! Entregue-me Erlend... — pediu, em meio a ataques de tosse e sufocação, procurando fazer as palavras se tornarem claras. Você pode carregar Sendra, eu não a agüentaria...

Paul ficou imaginando, num fragmento de consciência isolada, se ela achava que ele era Bard, porém a parte dele que era Bard já tinha estendido os braços, entregando a criança desmaiada para Melora. Sabia que lágrimas de alívio e gratidão rolavam por seu rosto, mesmo enquanto sua atenção dobrada virava-se para Melisendra. Viu Melora tropeçar num pedaço de madeira meio queimada na soleira da porta, cair pesadamente com a criança nos braços, erguer-se sem jeito, agarrando uma trave ardente, e não sabia como, embarafustar-se milagrosamente pelo corredor em chamas, o rosto de Erlend enfiado nos seios fartos. Ela estava chorando, podia ouvir seus soluços de dor e pavor, mas continuou no seu caminho, tropeçando, sempre com o garotinho bem seguro em seu braços.

Paul levantou Melisendra e colocou-a sobre os ombros, e um fragmento de lembrança de um outro mundo e de uma outra vida veio, de modo irrelevante, à sua mente, que este modo de transportar alguém era chamado posição de bombeiro, e ele nunca tinha sabido por quê. Agora, as paredes ardiam, era um inferno, um inferno de calor e fumaça, porém ele fez rapidamente o mesmo caminho da vinda, deu um esbarrão em Melora, que se achava no topo a escada, olhando para baixo, aterrorizada, para os degraus ardentes. Como poderiam chegar lá embaixo?

A respiração de Melora estava alta e irregular, produzindo um ruído dissonante ao entrar e sair dos pulmões, a voz estava tão rouca, que saía apenas como um sussurro trêmulo. Ele a viu tirar alguma coisa que estava dependurada no seu pescoço.

— Vá! Desça!... Eu... Ieronis... as labaredas... Ele hesitou, e a voz grave estava nervosa:

— Vá! Vá embora! Apenas... detenha o fogo... um instante... pedra da estrela...

Diante dele as labaredas oscilaram, recuaram, e Paul ficou transido de medo, ofegando de tanto assombro... porém Bard, dentro dele, aceitava a bruxaria daquele mundo, o modo como uma Ieronis experiente era capaz de lidar com as chamas, segurou Melisendra com mais força e desceu correndo a escada. Melisendra se encontrava largada em seus braços, inconsciente, mas Erlend berrava de terror nos braços de Melora. As labaredas recuaram, ondularam diante deles enquanto desciam a escada aos tropeções, o passo de Melora estava pesado e trôpego, pois toda a sua vontade consciente achava-se centralizada na pedra da estrela, nas labaredas que esmoreciam, aumentavam, recuavam e ali se achavam como uma terrível ameaça. Lançou-se através da porta em chamas e para o ar livre abençoado, e novamente com assustadores lapsos de consciência, viu Bard, num último e alucinado esforço, escapular dos guardas e aproximar-se dele para segurar Melisendra enquanto ele caía ao chão, meio consciente, os pulmões sofridos inspirando e expirando o ar com um barulho sibilante. Várias mulheres apressaram-se para pegar Melisendra e deitá-la na grama, e Bard, frenético, se enfiava através das últimas chamas, levantando-se,

enquanto Melora despencava, desacordada. Bard agarrou Erlend, passou-o rapidamente para os braços de Dom Varzil, que aguardava ali ao seu lado. Jeremy, trôpego atrás dele, manteve Bard de pé, enquanto ele fitava Melora aliviado e apreensivo.

Ela se soltou de encontro a ele, tão pesadamente que mesmo a força descomunal de Bard não foi suficiente e, por um instante, ele pensou que rolariam pelo chão, todos três, mas os braços dos guardas os mantiveram de pé. O rosto de Melora estava coberto de fuligem e fumaça e ela gritava de dor enquanto os braços de Bard a envolviam, porém quando ele afrouxou seu aperto, amedrontado... será que ela tinha pago com a própria vida por ter salvo seu filho?... ela tornou a se agarrar a ele, em prantos.

— Ah, está doendo... estou queimada, Bard, porém sem muita gravidade... pelo amor da deusa, arranje-me algo para beber, qualquer coisa...

Ela sufocava, tossia, soluçava, lágrimas negras de fuligem rolavam por seu rosto. Alguém meteu-lhe um cantil de água nas mãos, e ela bebeu sofregamente, engasgou-se, cuspiu, tomou a tossir sem cessar. Bard segurava-a, gritando para que alguém se aproximasse e cuidasse dela, porém ela se empertigou toda diante da aproximação de Mestre Gareth.

— Não, pai, está tudo bem, verdade, só estou um pouquinho queimada.

A voz dela ainda continuava rouca e irregular. Jeremy, ajoelhando-se ao lado de Erlend deitado na grama, levantou o rosto para Bard, num profundo agradecimento.

— Está respirando, graças aos deuses — disse ele, e como se fora para evidenciar esta constatação, Erlend começou a chorar alto. Porém controlou-se quando viu Bard.

— Você foi me pegar, pai, você foi e me pegou, não permitiu que eu ficasse carbonizado, sabia que meu pai não haveria de permitir que eu morresse queimado...

Bard começou a falar, para contar-lhe que tinha sido Paul que havia, fisicamente, subido aquela escada enquanto ele fora contido pelos seus próprios guardas, rei ou não.

Paul, porém, interrompeu-o, afirmando bem alto de onde se encontrava inclinado sobre Melisendra:

— Foi isto mesmo, meu príncipe, seu pai foi apanhá-lo, foi retirá-lo do incêndio! — e falou baixinho com toda a resolução: — Jamais lhe conte qualquer outra coisa! Você estava lá! Não poderia ter sido bem-sucedido se não fosse a sua força! E ele tem que viver com você! Seus olhos encontraram-se com os de Bard, que subitamente, se deu conta de que os dois estavam, para sempre, livres um do outro. Bard tinha dado vida a Paul, retirando-o da caixa de estase. E agora Paul devolvera-lhe uma vida mais preciosa do que a dele mesmo, a vida de seu único filho. Não estavam mais ligados por um laço mortal, gêmeos secretos, mas irmãos, senhor e honorável escudeiro, amigos.

Bard inclinou-se sobre Erlend e beijou-o... Este filho nedestro, seu herdeiro, jamais deveria pensar que não era amado, ou sofrer os tormentos que ele tinha conhecido. Melora talvez nunca engravidasse, jamais lhe daria um filho — era mais velha do que ele, havia trabalhado durante muito tempo como uma leonisa e curandeira na área contaminada -, porém dera-lhe a vida de Erlend. E enquanto observava Carlina, no seu manto negro, inclinando-se sobre o corpo desmaiado de Melisendra — agora torturada por violentos acessos de tosse, enquanto tentavam retirar toda a fumaça que tomara conta de seus pulmões -, ele soube que estava livre de ambas. Melisendra encontraria a felicidade ao lado de Paul; e a vida de Carlina fora oferecida à deusa. Durante sua vida, ele haveria de ver as sacerdotisas de Avarra saírem de seu Lago do Silêncio e virem para o mundo como curandeiras sob a proteção de Dom Varzil. As sacerdotisas e os membros da Irmandade da Espada haveriam de constituir, juntos, uma Nova Ordem das Abnegadas, e Carlina seria uma de suas fundadoras e santas; porém isto tudo pertencia ao futuro.

Com um tremendo ribombo, o teto da ala principal do castelo desmoronou, e as labaredas apoderaram-se dele. Bard, sentado ao lado de Melora, enquanto as curandeiras lhe faziam curativos nas queimaduras de seus braços e peito, sacudiu a cabeça e deixou escapar um suspiro:

— Minha bem-amada, sou um rei sem castelo. E se os Hasturs conseguirem o que pretendem, um rei sem reino; senhor apenas da propriedade de meu pai... creio que eles me dariam isto. Melora, minha adorada, gostaria de ser rainha sem uma nação?

Melora sorriu para ele, e parecia que o sol da manhã não era mais esplendoroso do que os olhos dela.

Bard chamou Dom Varzil com um sinal, sorrindo para ele, e disse:

— Depois que os feridos estiverem sob tratamento, temos um pacto que deve ser assinado. E uma aliança a ser feita.

E virando-se novamente para Melora, beijou-a apaixonadamente, nos lábios.

— E uma rainha para ser coroada — completou ele.

**Fim**

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por  
**LeYtor**  
Tendo como base a digitalização em *Doc* de autor desconhecido

